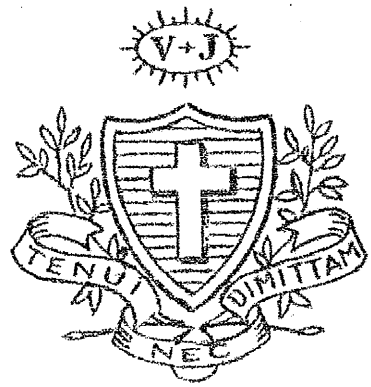
C A P Í T U L O S

do Reverendíssimo Padre LUÍS BRISSON O.S.F.S.



Capítulos 1893 - 1899

3

Palmeira das Missões - RS - junho 1989

ÍNDICE - CAPÍTULOS 1893 - 1899

pag.

CAPÍTULOS 1893

04/01 - As nossas ofertas de Epifania..... 1

11/01 - A finalidade do Instituto..... 6

25/01 - A imitação de São Francisco de Sales..... 11

01/02 - As duas classes dos Oblatos: Padres e Irmãos..... 15

08/02 - "A admissão inicial dos que desejam ingressar na Congregação..... 20

22/02 - As ocupações dos Noviços..... 24

01/03 - Os Votos..... 28

15/03 - O Voto da Pobreza..... 31

19/04 - A Responsabilidade individual do Oblato..... 35

03/05 - A Responsabilidade própria..... 38

10/05 - A Oração pelas Vocações - Vida Interior e Obediência - A Misericórdia de Deus e a Fidelidade do Oblato - A Obediência..... 41

24/05 - As "Culpas" - Obediência afetiva - A Caridade - A Preparação para o dia..... 46

31/05 - Ambiente hostil e a Vida Comunitária - A Oração para que venho o Reino - O Voto de Castidade..... 52

05/07 - Vida de Sacrifícios - A Reta Intenção..... 57

12/07 - A Distribuição dos Professores..... 61

12/07 - A Distribuição dos Professores - O Ofício Divino..... 62

19/07 - "Como se deve participar da Santa Missa..... 65

11/10 - A Distribuição dos Professores - A Fidelidade nos Detalhes..... 69

25/10 - A Fidelidade exterior e interior..... 73

15/11 - A Promoção Vocacional..... 77

06/12 - A nossa Maneira de Agir..... 81

13/12 - A Caridade, condição para obter Vocações..... 82

20/12 - A Caridade entre os Oblatos..... 85

CAPÍTULOS 1894

10/01 - "Guardar o Depósito"..... 88
17/01 - Ter coragem, passo a passo..... 91
24/01 - Ter muita coragem, na vivência perfeita da nossa herança.... 94
31/01 - Viver o Diretório..... 99
07/02 - A nossa Penitência, o Diretório..... 103
14/02 - A Regra, nossa União..... 105
21/02 - Ativar e desenvolver os dons pessoais..... 108
28/02 - Temas de Capítulo Geral - O Diretório, a Boa Madre e nós.... 111
07/03 - Nossa especialidade, a Fidelidade ao Espírito do S. Fundador 114
14/03 - União com Cristo Sofredor..... 116
21/03 - O Vínculo do Amor..... 118
18/04 - Seguindo as pisadas de Nosso Senhor..... 121
10/10 - Recomendações para a Vida Religiosa..... 124
17/10 - A Regra, o Silêncio e a Vida Interior..... 125
14/11 - A Meditação - A preparação para os detalhes do dia..... 128
12/12 - Viver a Ordem (Subdiaconato e Diaconato)..... 130
19/12 - O Sacerdócio..... 135

CAPÍTULOS 1895

09/01 - O Sacerdócio..... 140
16/01 - A Bênção: Poder e Fé..... 144
23/01 - A Confissão - O desprendimento de si..... 148
30/01 - A Catequese - A Pregação..... 151
13/02 - "O Sacerdote, outro Cristo"..... 155
06/03 - A Reta Intenção..... 157
01/05 - A Vontade de Deus - O Diretório..... 159
08/05 - Capricho no serviço..... 162
15/05 - Instruir-se, a serviço da Pastoral..... 165
29/05 - Aspectos teológicos do uso da matéria - O Estudo Teológico.. 170
05/06 - O Zelo apostólico..... 176
12/06 - O cultivo dos dons individuais, a serviço da Congregação.... 179
19/06 - A adesão à Boa Madre..... 182
06/10 - O Vínculo da Caridade..... 186

CAPÍTULOS 1896

08/96 - Ser Oblato, ser Oferta..... 190
15/01 - Ser Oblato, trabalhar para e com a Congregação..... 192
05/02 - A nota distintiva dos Oblatos de São Francisco de Sales, o Diretório..... 199
26/02 - O discernimento dos espíritos..... 203
04/03 - O discernimento dos espíritos..... 210
11/03 - Coragem - A nossa Pobreza - Empenho no campo material - (Anais Salesianos - As Obras Operárias)..... 216
18/03 - O Jugo da Discrição Religiosa..... 222
25/03 - O Fim do Instituto - As duas Classes - A Admissão Inicial 225
13/05 - A Graça propriamente nossa - Notícias das Missões..... 231
20/05 - Nossas Associações - Sua orientação - Notícias das Missões..... 238
22/05 - O (Pequeno) Diretório: praticar para ensinar..... 245
27/05 - A União dos outros com Deus, através da nossa..... 252
03/06 - O Espírito de Comunidade..... 256
24/06 - Amor e Unanimidade..... 263
01/07 - Nosso Vínculo - O Voto da Caridade - A Vida interior - Notícias das Missões..... 268
08/07 - Nossa Finalidade e os Meios concretos - Dom Simon..... 273
15/07 - Sobrenaturalizar tudo - Nossa Liberdade - Férias - Contatos com os de fora - Notícias das Missões..... 278
22/07 - O Estudo (de Teologia) - Férias - Promoção Vocacional - A Fidelidade à Graça..... 283
21/10 - "A Finalidade do Instituto" - Notícias das Missões - Orações à Boa Madre atendidas..... 287
28/10 - "A Finalidade do Instituto"..... 292
04/11 - "A Finalidade do Instituto" - Notícias das Missões..... 297
11/11 - "As duas Categorias de Oblatos"..... 300
18/11 - "As duas Ordens de Oblatos"..... 304
02/12 - A Admissão Inicial..... 309
09/12 - A Admissão Inicial..... 313
16/12 - A Admissão Inicial..... 316

CAPÍTULOS 1897

06/01 - Coesão entre os Oblatos..... 320
13/01 - "Os Votos" - "O Voto de Pobreza"..... 323
20/01 - "O Voto de Pobreza"..... 327
27/01 - Notícias das Missões - O Diretório..... 333
03/02 - "O Voto de Pobreza"..... 336
10/02 - O Voto e a prática da Obediência..... 340
17/02 - O Voto e a prática da obediência - O Processo da Boa Madre..... 345
24/02 - O Voto de Obediência..... 351
03/03 - Aos recém Professos - A nossa Quaresma..... 355
10/03 - O Voto de Obediência - O Voto e a Virtude de Castidade... 359
17/03 - O Voto de Castidade..... 363
24/03 - A Prestação de Contas..... 369
31/03 - A preparação para a Ordenação - Oração pelos Ordenandos.. 373
07/04 - Críticas de fora e nós - Ter para dar, na prática..... 376
05/05 - A nossa mortificação - O Voto de Caridade..... 380
12/05 - O Superior Geral - O Conselho Geral..... 384
19/05 - O Governo do Instituto: a Oração, o Respeito para com os outros..... 388
26/05 - A Prestação de Contas - "A Correção Fraterna" - A nossa adaptação às funções..... 391
02/06 - "O Assistente" - "O Ecônomo Geral"..... 397
09/06 - A aprovação definitiva das Constituições - "A Correção Fraterna" - O Costumeiro - Nosso Princípios..... 400
16/06 - Os contatos dos Oblatos entre si - A nossa mortificação.. 405
23/06 - A Cortesia - A Observância nos Colégios - O Silêncio e o Falar..... 408
07/07 - Substituição do Assistente Geral - Modificação no Traje - Associados - "As duas Categorias dos Oblatos" - "A Admissão Inicial"..... 412
21/07 - Nossas garantias - Viagens - Férias..... 417
28/07 - Fidelidade na transmissão do Patrimônio - Projeto de Missões - Férias - Fumar..... 420
22/09 - O valor das diversas Práticas - Visita Canônica - Comer de tudo..... 424

- e -

13/10 - Comentários proibidos - Recomendações práticas - O Processo da Boa Madre..... 427
27/10 - Notícias das Missões - O Diretório: a União com Deus..... 430
03/11 - "Intenções Gerais"..... 434
10/11 - Textos preliminares do Diretório..... 437
17/11 - Textos preliminares do Diretório..... 440
08/12 - Textos preliminares do Diretório..... 442
22/12 - Textos preliminares do Diretório..... 445

CAPÍTULOS 1898

12/01 - "Um mesmo Amor e uma mesma Unanimidade"..... 447
26/01 - A Fidelidade nas Minúcias - A Humildade..... 450
16/02 - O Levantar..... 452
09/03 - A Meditação..... 456
23/03 - A Reta Intenção..... 459
06/04 - O Ofício..... 462
18/05 - Nossa Identidade..... 465
01/06 - A Imitação exterior e interior de São Francisco de Sales. 468
28/06 - A Imitação exterior e interior de São Francisco de Sales. 471
17/10 - Passo a passo, na dependência do amor..... 475
26/10 - A Obediência..... 477
23/11 - A Santa Missa..... 480
07/12 - A Santa Missa..... 484

CAPÍTULOS 1899

25/01 - A Pregação..... 488
08/03 - A Instituição dos Votos impugnada, mas reconfirmada..... 492
22/03 - O Valor da Meditação..... 494
12/04 - Empenho sincero desde a Juventude - Fidelidade a São Francisco de Sales..... 497
03/05 - A Vida de Oblato..... 500
24/05 - "Como assistir à Santa Missa"..... 503
07/06 - "Intenções Gerais para os Irmãos Oblatos de São Francisco de Sales..... 508

28/06 - "Intenções Gerais"..... 511
19/07 - "Intenções Gerais"..... 514
18/10 - O Diretório: o nosso sacrifício,
vida de fidelidade,
oração permanente..... 517
17/11 - Ai do solitário..... 520
08/12 - Nossa Pulsação espiritual..... 522

CAPÍTULO DO DIA 4 DE JANEIRO DE 1893

AS NOSSAS OFERTAS DE EPIFANIA

Vamos celebrar a festa da Epifania. É necessário que as solenidades da Igreja nos lembrem as graças especiais que elas ocasionam para os cristãos.

São graças importantíssimas que Deus derrama sobre a Igreja nos dias das grandes festas, tratando-se de graças muito apropriadas às necessidades dos homens.

Quanto a nós, Oblatos de São Francisco de Sales, precisamos pedir para que possamos celebrar com fervor esta solenidade da Epifania. Devemos fazer como os Reis Magos, apresentando ao Menino Deus ouro, incenso e mirra.

Ouro. Cada Oblato tem que compreender bem como deve praticar a pobreza. Que cada um faça todo o empenho possível por evitar toda a despesa desnecessária para a comunidade e, por proporcionar-lhe todos os bens que puder. É a conseqüência do voto de pobreza; é o voto de despojar-se totalmente dos interesses temporais, dos cuidados e da administração deles, para deixar tudo isso fielmente à obediência. Será que é contrário à pobreza que a Congregação disponha do que viver ou mesmo que seja rica? Não, contanto que os membros sejam pobres e pratiquem a pobreza. Mas não é isso que pediremos ao Bom Deus. Rogar-lhe-emos, sim, o espírito de trabalho. Solicitar-lhe-emos a saúde e a força para trabalhar bem. Todavia, demo-nos conta de que não é contrário ao espírito de pobreza que uma Congregação possua mais do que o necessário. Olhem a Cartuxa: os Senhores
constatarão como cada religioso é pobre. Pessoalmente, eu o via mais do que uma vez; eu queria ser Cartuxo; o meu diretor espiritual, Padre Chevalier, não me deixou. Eu teria gostado muito disso! Os Cartuxos são pobres, enquanto a Cartuxa é rica. Será que um deles tem na sua cela, ao seu alcance, qualquer tipo de alívio, de reconforto, se chega a passar necessidade? Sim, água e um pedaço de pão. Entre os Cartuxos reina a pobreza absoluta. Cada religioso só possui seu hábito; dispõe do su-

ficiente abrigo para não se gelar; ele dorme vestido. Sua sobriedade é extraordinária. Nunca come carne, nem em caso de doença mortal. Contudo, a Cartuxa é rica. Arrecada, todos os anos, milhões de esmolas. Cada religioso é pobre. Quanto mais o espírito de pobreza anima cada membro da Congregação, tanto mais Deus permite que a Congregação se enriqueça.

O sobrinho de Padre Gilbert, um magistrado de destaque, me dizia: "Critica-se muito os monges, mas eu, de todo o coração, faço votos de que, como na Idade Média, os monges voltem a ser banqueiros. Tenho uma pequena fortuna, mas não estou tranqüilo; não sei a quem confiá-la. Se estivesse nas mãos de monges, eu estaria satisfeito. As antigas Ordens religiosas, enquanto os seus membros praticavam a pobreza, se tornaram florescentes. Sem dúvida, algumas vezes, houve uma série de abusos: as fortunas de certas abadias suscitaram a cobiça e foram transformadas em comendas (= uma abadia, priorado, bispado, particularmente um benefício administrado por um leigo ou eclesiástico secular com direito à terça parte do rendimento). Mas, de outro lado, reparem os Senhores quantos benefícios! As freiras de Foicy alimentavam todos os pobres da redondeza.

Mencionei os Cartuxos. Eu poderia nomear muitas outras Congregações masculinas, a de São Sulpício, os Jesuítas, evidentemente, e tantas outras. Ter o verdadeiro espírito de pobreza significa ter o amor à pobreza para si e o amor à prosperidade para a Congregação à qual pertence. Deve-se fazer tudo o que se pode pelo trabalho pessoal, pela aplicação por aumentar os recursos da Congregação. Roma nos autorizou a ser uma entidade comercial, isto é, a negociar e a ganhar dinheiro. Isso não nos deve ser apenas uma palavra vazia; sem isso, perderíamos o nosso estado legal e seríamos cassados. Trabalhemos. Utilizemos todos os meios à nossa disposição para adquirir alguns recursos; esforcemo-nos manualmente, demos aulas particulares. Reparem, além disso, o que as nossas Constituições recomendam em matéria de pobreza: é preciso economizar, é necessário cuidar para não fazer despesas inúteis e para zelar pelo bem geral da Congregação.

Assim é que ofereceremos ouro ao Menino Jesus, não somente o ouro místico da nossa caridade, mas o ouro real. Para nós, eu repito, é uma obrigação em consciência. É um meio importante para atrair abundan-

tes bênçãos materiais e espirituais; é um meio poderoso para santificar-se. Façam isso por amor à Congregação, para proporcionar-lhe os meios para praticar o bem, para fazer esmolas.

Nossas missões, nossas obras, nossos colégios são pobres e se acham faltos de muitas coisas. Trabalhemos para enriquecê-los; esforcemo-nos para poder ajudar, com nossos recursos, a Igreja, o Santo Padre e tantas obras muito carentes.

É preciso compreender bem isso. São Francisco de Sales, nas Constituições que escreveu para a Visitação, organizou muito bem os diversos aspectos de maneira que cada Casa tivesse amplamente de que viver. Quanto à alimentação, por exemplo, elas servem uma porção dobrada de carne, em comparação com o que os Senhores costumam receber. É a Regra. Mas, além disso, reina pobreza individual absoluta: não há propriedade pessoal, não existe nada à disposição particular.

Apresentemos, pois, nosso ouro com os Reis Magos e coloquemo-lo aos pés do Menino Jesus. Apliquemo-nos a esse zelo pela pobreza, pela economia, com carinho e inteligentemente: Homini negotiatori quaerenti bonas margaritas...(cf. Mt 1,45) (o comerciante à busca de lindas pérolas). Assemelhemo-nos ao negociante que se despoja de tudo para adquirir a pérola preciosa.

A Boa Madre dizia: - No Espírito Santo veneramos a graça; no Filho, admiramos-lhe os mistérios, a vida, a paixão e a morte; e Deus Pai, como honrá-lo? Pelo santo e conveniente uso da criação, obra que saíu das suas mãos. O Pai tem tanto direito a nossa homenagem, como o Filho e o Espírito Santo. E a Boa Madre gostava de deter-se particularmente neste pensamento: se Jesus Cristo, feito homem, quis sujeitar-se à necessidade de alimentar-se como nós e encontrar nisso uma certa satisfação, foi para ligar uma graça aos alimentos que nós mesmos precisamos tomar e santificar, com antecipação, essa ocupação da vida material, em si pouco elevada.

Respeitemos, portanto, as coisas materiais; empenhemo-nos por conservar e aumentar as que a Congregação tem. Não há nada mais constrangedor do que constatar estas duas coisas: ou, então um religioso que não possui o espírito próprio do seu estado, vivendo independente, ao procurar sua orientação alhures ou dispensando-se de direção, ou, de outro lado, um religioso que não liga os interesses de sua Congregação.

Um não tem o verdadeiro espírito, o outro não acerta a maneira correta de agir. Não tomando a peito os interesses materiais da Congregação, a gente não é mais religioso do que se não quisesse dar importância ao seu espírito nas coisas de ordem mais elevada. Olhem o que faz a Igreja. Os Senhores sabem o que acontece numa abadia: usa-se o material, aplica-se a matéria para a glória de Deus e a salvação das almas. Nas antigas abadias dos Beneditinos, trabalhava-se manualmente e se estudava. Temos diante de nós os Cartuxos que vivem assim. Sejamos filhos fiéis da Santa Igreja. Será que teriam verdadeiro amor pelo pai e pela mãe, os filhos que descuidassem os interesses do lar? Seriam uns ingratos e ignorantes.

Juntamente com os Reis Magos, apresentaremos o incenso das nossas orações, de nossa vida sobrenatural. Em toda a parte levaremos o perfume de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. 2 Cor 2,15). Na igreja, queima-se incenso durante a Santa Missa e na hora da Bênção do Santíssimo; isso significa que os objetos incensados são consagrados a Deus, são santos, são oferecidos totalmente a Deus: oblata. Nós, Oblatos, chamados como somos a pertencer inteiramente a Deus, consagrados a ele, devemos, pois, fazer subir continuamente ao céu o incenso das nossas orações, da nossa vida sobrenatural. As orações que recitamos, as confissões que atendemos, as Missas que celebramos, os conselhos que damos, todos os deveres das nossas incumbências, de nossas obrigações, importa que tudo isso seja o incenso que sobe ao céu, o louvor que incensa a Deus e perfuma os corações dos fiéis. Que nossas preces não sejam áridas, indiferentes, individualistas: que sejam incenso. Como em São Francisco de Sales, como no caso da Boa Madre, que esse espírito sobrenatural penetre o nosso coração e nos permeie as palavras. Na direção espiritual, nas palestras, na catequese, na Santa Missa, tenhamos o cuidado de exalar esse aroma; penetremos dele o nosso ministério, os nossos trabalhos apostólicos. Assim os Senhores farão as almas saborearem a palavra de Deus; prepararão o caminho do Senhor para as pessoas, fa-las-ão entrar e seguir por essa senda.

Finalmente, a mirra, da qual se diz no Cântico dos Cânticos (cf. 5,5): Manus ejus distillaverunt myrrham (A mirra escorria-lhe das mãos). Que das nossas mãos escorra a mirra da mortificação; que esta

seja bem corajosa em tudo o que fazemos, todas as vezes que se oferece a oportunidade para apresentar a Deus algum pequeno sacrifício: Juge sacrificium (cf. Dn 11,31) (Holocausto perpétuo). Que nosso holocausto seja contínuo. Convençamo-nos de que precisamos sempre encontrar um meio para oferecer a Deus algo que nos custe, alguma coisa difícil. Facilmente acharemos essas ocasiões de mortificação em quantidade abundante: a mirra escorria-lhe das mãos (id.)!

Peçam à Boa Madre que os Senhores possam compreender essas coisas; são os alicerces verdadeiros da nossa existência religiosa.

Todo o mal que se opera no mundo é o resultado de um pensamento mau. Quer-se acabar com Deus, com a fé, com o cristianismo. O pensamento se realiza, se executa; o pensamento se materializa, passa da esfera intelectual ao campo sensível e tangível. O mal que se produz no mundo provém, pois, de uma idéia. Importa que estejamos atentos ao pensamento que produzirá e realizará o bem: fazer a Vontade de Deus, a obra de Deus; realizemo-la, enquanto oferecendo a Nosso Senhor, com os Reis Magos, o ouro de nossa pobreza e de nossa economia, assim como o incenso de nossa santificação e de nossa piedade toda particular, toda especial, outrossim, a mirra de nossa mortificação, ao aceitarmos em cada instante, tudo o que nos custa, tudo o que representa dificuldade e mortificação. Ofereçamo-lo a Nosso Senhor e ele nos acolherá favoravelmente na companhia dos Magos e Pastores.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 11 DE JANEIRO DE 1893

A FINALIDADE DO INSTITUTO

Iniciamos o comentário das Constituições.

"Os membros do Instituto, colocando-se sob o patrocínio de São Francisco de Sales, propõem-se praticar as virtudes sacerdotais e religiosas, segundo o espírito do santo Doutor."

É preciso que o Oblato não somente escolha São Francisco de Sales como Padroeiro, que não assuma unicamente o nome dele como rótulo; é necessário que ele viva a vida dele, se nutra de sua doutrina e a espalhe em seu redor.

As questões teológicas, os assuntos da vida sobrenatural se aprendem através do estudo, mas, para penetrá-los bem e compreendê-los em profundidade, é mister a gente mesma exercitá-los e fazer outros os praticarem. Não se aprofundarão nunca perfeitamente numa doutrina, até que a não tenham praticado e posto as mãos à obra.

Querendo entender bem a São Francisco de Sales, é-nos necessário, portanto, que conformemos nossa vida, nossa maneira de agir e de pensar segundo São Francisco de Sales. Precisa-se conhecer a vida de São Francisco de Sales, meditá-la; releamo-la de vez em quando, como se fazia durante o noviciado. Encontraremos ali importantes orientações em todos os aspectos.

Reparem o Evangelho; não é um código, dividido em Capítulos, Artigos e números; é uma narração histórica, e essa maneira se aplica melhor às diferentes situações da vida; as instruções que se desprendem do relato se entendem mais facilmente; não há nada chocante, nada se contradiz. Serve, sim, para uma investigação, sem dúvida; ou a gente se adere ou se afasta, mas, pelo menos, não suscita nenhuma contestação, nenhum debate. Ou se topa ou se deixa. É assim também com a vida dos santos.

Apreciemos, pois, as biografias de São Francisco de Sales; valorizemos todas elas. Todas são boas, da primeira até a

última. É uma vida tão rica, tão completa, na qual o coração e a razão tanto combinam com os fatos e as palavras que ela ocasionou grande satisfação aos historiadores. Não lhes custa dar prontamente a fisionomia verídica do santo. Outros heróis podem prestar-se a considerações, a avaliações mais ou menos condizentes com a verdade; São Francisco de Sales não pode ser falseado. Com ele não é possível enganar-se. Todos acertaram. Eu acho que ninguém tenha exagerado ou o tenha interpretado erradamente.

Na vida de São Francisco de Sales, pois, encontramos sua verdadeira doutrina, suas virtudes, sua caridade que predomina tudo, sua prudência, sua simplicidade, sua força, sua generosidade; ele precisou de muita força e de muita generosidade para agüentar as lutas e as contrariedades de todos os instantes, de todos os minutos. Essa força, ele a usou incessante e incansavelmente, tanto nas pequenas como nas grandes questões. Nem sempre é difícil ter força frente a grandes problemas; mas, ao contrário, esbarrando contra um obstáculo a vontade reune as forças, se decide e reage vigorosamente. Tratando-se de circunstâncias de pouca importância, é bem outra coisa. Observem que se precisa de tanta coragem para estudar bem e dar boas aulas, quanto para partir para as Missões; tanto ânimo para suportar as pequenas incomodações quanto para aceitar as grandes humilhações. Para avaliar o grau de virtude não se deve considerar a coisa em si que se faz, mas a disposição com a qual se a realiza. É esse o espírito em que temos que viver, segundo São Francisco de Sales; é essa a maneira como devemos praticar as virtudes sacerdotais e religiosas.

Quando eu fora a Roma, com Padre Lambey, para apresentar nossas Constituições a Pio IX, o prelado que nos levou à presença do Papa nos disse: "Rezai por mim, para que eu tenha as virtudes sacerdotais que eram tão eminentes em São Francisco de Sales; fazei-me essa promessa; é sob essa condição que vos apresentarei ao Papa." Qual sacerdote jamais, de fato, foi mais sacerdote do que São Francisco de Sales? Qual pontífice foi mais bispo do que ele?

Não basta imitar suas virtudes sacerdotais, importa também imitar-lhe as virtudes religiosas. São Francisco de Sales

não era religioso no sentido de que tenha feito os votos religiosos; mas reparem como ele praticava todas as virtudes religiosas, como observava os votos religiosos sem os ter professado formalmente. Não fez o voto de pobreza, mas sua pobreza era real e perfeita. A santa Joana de Chantal lhe fazia as batinas; ela mesma fiava a lã e a tecia. Ela confeccionara-lhe, em pouco tempo, duas batinas. - Uma só me é suficiente - disse-lhe o Santo; - será que não preciso imitar Nosso Senhor que só tinha uma túnica? A casa do Santo, seus móveis eram extremamente simples.

Olhem como obedecia às leis canônicas, à Santa Igreja, à Vontade de Deus, em toda a ocasião, independente da maneira como lhe era manifestada.

Ele era a castidade em pessoa, casto no corpo, casto no coração, evitando tudo o que é mau, ao oferecer e consagrar todo o seu coração a Deus. Reparem com que arrebatamento o seu coração cantava o cântico de amor a Deus. Não se escreve um tratado semelhante sem ter experimentado interiormente e praticado com profundidade todas essas maravilhas da santidade de amor. Isso nos evidencia o grau de sua castidade. Lembremo-nos vivamente que, de fato, o voto de castidade não somente proíbe os prazeres pecaminosos, mas há um aspecto desse voto que é muito positivo e muito prático, ou seja, dar a Deus o íntimo do coração; é esse o amor delicado e de escol. E é difícil, assim me parece, é custoso encontrar uma pessoa que ame tanto a Cristo quanto São Francisco de Sales o amava.

Santificar o próximo é nossa segunda finalidade; não se deve esquecê-lo. O meu antigo professor de teologia, o Padre Chevalier, dizia: "Sendo sacerdote, nunca se deve entrar em contato com alguém sem procurar edificá-lo; se puderem fazê-lo por palavras, edifiquem pelas palavras; se for através da prática da virtude, edifiquem por meio da prática da virtude.

E principalmente, meus Amigos, um religioso cuja razão de ser é a edificação do próximo deve praticar todas as virtudes capazes de edificar o próximo, ou seja, a caridade, a prudência, a justiça, a honradez, a piedade.

Devemos santificar o próximo primeiramente por meio da

educação cristã da juventude. Na carta que o Prefeito da Propaganda acaba de me escrever em resposta ao "Relatório trienal" que lhe enviara recentemente, expressou-se enfaticamente sobre o mérito da Congregação por dedicar-se às obras da santificação da juventude. Não nos esqueçamos de que as graças divinas à juventude não se encontram nunca em outra parte qualquer. Queiramos bem, pois, os nossos jovens, porque o Bom Deus os ama com carinho especial e lhes dá graças muito particulares, "intuitus dilexit eum" (Mc 10,21) (fixando o olhar, amou-o).

Observem São Vicente de Paulo como criança, dando trinta vinténs a um pobre: Deus o quer bem de uma maneira toda especial por motivo dessa esmola e por causa da sua juventude. São Martinho corta o seu manto para dar a metade a um pobre; e por fazê-lo aos quinze anos de idade, Deus o recompensa maravilhosamente. Santa Teresa, ainda sendo criança, fazia com seu irmão pequenas peregrinações, arranjava pequenos sítios retirados para a oração e tentava testemunhar o seu amor a Deus. Nosso Senhor a recompensa tornando-a a grande Santa Teresa. A ação boa de uma criança, de um jovem pode ter conseqüências imensas. "Vidimus stellam ejus in Oriente e venimus adorare eum" (Mt 2,2) (Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo). Todas as vezes que se vê a estrela no Oriente, isto é, iniciando uma carreira, dirigindo-se a Deus com as mãos cheias de presentes e de méritos, a gente encontra a ele.

Reparem o que aconteceu a São Vicente de Paulo. O bem que ele praticou, como criança ainda, estendeu-se sobre toda a sua vida, marcou essa existência, conferindo-lhe sua característica e cunho próprio; aquilo teve uma influência enorme...

Eis por que a Santa Igreja, o Papa, os Cardeais, o Prefeito da Propaganda, o nosso Superior insistem tanto na educação cristã da juventude. O bem que ensinamos para as crianças o praticarem, ser-lhes-á a bênção e a riqueza de sua vida de adultos. O que induzimos as crianças, os jovens a fazerem, terá um resultado imenso e imprevisível, tanto por parte do coração de Deus, como no tocante à vida prática deles. Deus abençoa com bênçãos especiais ("voluntaria oris infantis" - S 118, 108) tudo o que

surge do coração e da vontade do jovem. É a idade das paixões, das tentações. É-lhes difícil conservar a fé, preservar a pureza; relacioná-los com Deus, fazer Deus presente em suas almas é uma obra muito meritória e bem bonita. Observem também como Nosso Senhor abençoa as crianças. Os que se assemelham a elas, sao os que entram no Reino dos Céus, afirma ele (cf. Mt 18,3). O seu amigo, o seu discípulo preferido é João, o mais jovem dos Apóstolos. Quem é que ocasiona que ele realiza dois dos seus maiores milagres? Um jovem, uma jovem; estes são seus amigos, tocam-lhe o Coração (cf. Lc 7,14; 8,54).

Consideremos, portanto, nossa missão junto à juventude como uma incumbência eminentemente sacerdotal. Atuaremos segundo o espírito do Evangelho, conforme o espírito de Nosso Senhor.

São João envelhecera. Ele confiou um jovem a um bispo. Veio informar-se sobre o rapaz junto ao bispo. - "Está morto, morto para Deus, pois se tornou o chefe de uma quadrilha de bandidos." Com noventa anos de idade, São João manda trazer um cavalo e vai pelas montanhas, enfrentando os maiores perigos, à procura do rapaz. Encontra-o, persegue-o, trá-lo de volta e o converte.

Existe, certamente, um dom especial de Deus, um apego, uma preferência íntimos que se prendem às crianças, aos jovens. Seguramente damos mais satisfção a Deus conservando-lhe pura uma alma de criança, de jovem do que dedicando-nos a outras pessoas.

Façamos esforço, pois, por inspirar em nossas crianças e jovens, o espírito de São Francisco de Sales. Unamo-los com Deus pelos mesmos laços por meio dos quais nós nos vinculamos a ele. Na direção espiritual a eles, sirvamo-nos dos engenhos de São Francisco de Sales. Ganha-los-emos assim para Deus, uni-los-emos com ele para toda a vida.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 25 DE JANEIRO DE 1893

A IMITAÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE SALES

Domingo que vem, celebramos a festa de São Francisco de Sales. Cada um de nós deve preparar-se a essa solenidade que nos proporcionará graças muito especiais. Temos tanto mais motivos para preparar-mo-nos a essa festa e às suas graças já que podemos nos chamar - sem nenhum amor próprio - os verdadeiros filhos de São Francisco de Sales.

Quando as Visitandinas, nos primeiros tempos, se lembraram de acrescentar ao "Confiteor" ("Eu, pecador,") o nome de Santo Agostinho, "beato Augustino", São Francisco de Sales perguntou-lhes sorrindo: "Que sou eu, então? Não sou mais, portanto, do que vosso padrinho e não vosso pai?" Após a sua canonização, se apressaram a acrescentar ao "Eu, pecador,": "São Francisco".

Há diversas Congregações das quais São Francisco de Sales é o Padroeiro e que assumiram o nome dele. Elas valem mais do que nós; umas são mais espalhadas; contam entre seus membros homens mais distintos do que nós; elas praticam mais virtudes e o Bom Deus as abençoa amplamente. Mas São Francisco de Sales é só seu Padroeiro. Colocaram-se sob a proteção dele; desejam aderir ao seu espírito; mas a finalidade específica delas não é a nossa: reproduzir o mais completamente possível a vida interior e exterior de São Francisco de Sales. É mais um patrocínio do que uma continuação real de sua obra e de sua vida. Não me lembro mais quem foi que perguntou ao Padre Mayerhoffen: - "Que fazem os Senhores para chamar-se Oblatos de São Francisco de Sales? De que maneira procuram imitá-lo?..." Creio que foi um Vigário Geral de Annecy... - "Nós observamos o Diretório que São Francisco de Sales praticava, - respondeu-lhe o Padre, - e com isso procuramos assemelhar-nos a ele em tudo." E o Vigário Geral retrucou-lhe: - "Agora compreendo, de fato, por que os Senhores conseguiram algo especial. Os Senhores continuam a obra dele."

Temos, pois, o direito a uma proteção toda particular de São Francisco de Sales, porque somos seus filhos. A Santa Joana de Chantal deu-me testemunho disso. A Boa Madre, muitas vezes, me deu esta certe-

za. Nós somos os verdadeiros filhos de São Francisco de Sales. Devemos, pois, mais do que os outros preparar-nos à festa; a maneira melhor é tentar imitá-lo. Em qualquer reprodução de imagens, em qualquer retrato a óleo, se distinguem duas coisas: os traços e a cor. Os traços caracterizam e compõem as formas do rosto e do corpo; a cor complementa a semelhança, ela dá o toque próprio, pessoal, apresenta a fisionomia perfeita do sujeito. Precisamos, meus Amigos, reproduzir nosso Santo Fundador nesse duplo sentido.

Os traços são o que mais caracteriza a sua vida, aquilo que se destaca de modo especial; os grandes rasgos, as grandes linhas exteriores da sua vida, são o zelo e o trabalho.

É necessário que o zelo esteja presente em toda a nossa atividade; importa que nosso trabalho, que todas as nossas obras se dirijam a Deus para alcançar a salvação das almas. O que for o nosso serviço, seja trabalho manual ou a vigilância, seja a realização de estudos ou dar aulas, tomemo-lo a peito e façamo-lo com essa finalidade. Ninguém jamais trabalhou tanto como São Francisco de Sales. A gente se admira ao ver tudo o que ele realizou, tudo o que produziu, ao dar-se conta do sacrifício que tudo isso lhe deve ter custado. Precisava trabalhar dia e noite. Acabaram de editar o primeiro volume de suas Obras com um fac-símile de seu manuscrito. Está cheio de rasuras. Vê-se que cada expressão foi estudada, esclarecida, pesada; e provavelmente não é o primeiro rascunho. Essa página de fac-símile tem mais de vinte correções e é a forma última, a redação final. É fácil trabalhar, quando não há interrupção, quando a gente pode isolar-se. Mas observem a vida de São Francisco de Sales, reparem a sobrecarga do seu ministério que o oprimia. Onde podia encontrar tempo que ele dedicava à correspondência e às suas obras? O seu lazer era tão pouco e tão retalhado; precisava ir de um trabalho a outro, interromper uma página para atender o ministério sagrado. Repito, ele precisava trabalhar dia e noite. E existe tanto conteúdo, tanta lógica, tantas idéias, tanta harmonia de estilo em tudo aquilo que nos deixou! Ocasionalmente a gente consegue improvisar, mas improvisar uma vida toda é bem mais difícil.

Quanto ao trabalho, permitam-me que lhes diga que não devemos deixar-nos absorver totalmente pelos trabalhos exteriores e materiais.

Temos que encontrar o meio de trabalhar também um pouco para nós próprios, para nosso bem pessoal. Quase sempre se pode encontrar um tempinho para isso, contanto que não se perca tempo. É assim que se realiza alguma coisa.

Ainda a propósito do trabalho, eu desejo muito que o trabalho teológico seja executado com esmero. Lamento muito certas desculpas apresentadas: não tenho tempo! Leiam o tratado teológico, todas as noites, durante dez minutos. Reflitam nisso um pouco o dia seguinte, enquanto se vestem e se enfeitam. Precisam fazer esforço, ocupando-se com a teologia. Vou escrever uma circular a esse respeito a todos os nossos Padres. Tenho a obrigação de fazer observar as Constituições...

Os Senhores não têm tempo? O que é que fazem, entao, quando não fazem nada? O que é que fazem ao despertar? Sei muito bem que o Diretório lhes sugere, então, diversos pensamentos. Mas será verdade que estão tão unidos com o Bom Deus e que têm um dom de oração tal que não conseguem ceder, nesses momentos, um lugarzinho para a lembrança do que leram no tratado de teologia e alhures? Seja quem for e independente do que tiver a fazer, realizará muitíssimo sob a condição de imitar São Francisco de Sales e de trabalhar sem perder um minuto sequer do seu tempo. O Espírito Santo disse: Que o vosso espírito esteja sempre ocupado com uma coisa boa, para não se deter em algo de mal. O espírito não suporta o ócio (cf. Pr 12,11b) Hoje o Senhor tem tantas horas de aula, de vigilância, de correção de deveres; ponham mais ainda, se quiserem, e eu lhes descobrirei mais tempo do que necessário para dedicar-se um pouco à teologia. Não percam tempo conversando; apressem-se, nada de moleza; tirem proveito de todos os minutos perdidos; se necessário, deitam-se um pouco mais tarde; leiam uma, duas, três, cinco ou seis páginas de teologia e pensem nisso a manhã seguinte quando se acordam. Apurem-se ao vestir-se e anotem cinco, seis, sete ou oito linhas como lembrete, mas façam-no. Não estou pedindo que me façam um tratado de teologia, um compêndio a rigor, se não o conseguem; estou pedindo que elaborem alguma coisa e uma coisa séria.

O que é que acontece sem isso? O sacerdote esquece tudo, mesmo os assuntos bem sabidos. O sacerdote que não se der ao trabalho de preparar a catequese, o sacerdote que não repassar a teologia acabará sabendo bem menos do que ele sabia no seminário, saberá menos do que um jovem de quinze anos que estudou bem o catecismo! Sem esforço, o adque-

rido se desvanece. Os Senhores acham o trabalho pesado; é a situação de todos. Descansem de um trabalho por meio de um outro; é a maneira mais prática. O sacerdote que não sabe encontrar o tempo para repassar a teologia não é um bom sacerdote. A que se deve que a fé se conserva tão bem em certas dioceses? É porque se instruía bem as crianças, dava-se catequese bem dada e, por conseguinte, estudava-se teologia, fazia-se esforço. O nosso Fundador, mais uma vez, encontrava tempo. Ia deitar, pois, e dormia. Não se punha a trabalhar imediatamente depois da refeição, mas pensava nos seus trabalhos, compenetrava-se deles.

Preparemo-nos à sua festa por imitá-lo. Cada um redobre a sua atenção, a sua vigilância. Que cada um faça apaixonadamente bem o que tem que fazer.

Além do traço para retratar bem a fisionomia, precisa-se também a cor.

A cor é o Diretório; é a vida de união contínua com Deus. É isso o que complementa a fisionomia, a característica especial de São Francisco de Sales e em que deve consistir a nossa.

São Francisco de Sales nos conta que São Francisco de Assis recebeu os estigmas em virtude da observação contínua de Jesus Crucificado, olhando-o com atenção e muito amor. Prestemos nós também muita atenção a São Francisco de Sales, imitando-o. Trabalhemos praticando fielmente o Diretório como ele; assim celebraremos uma linda festa de São Francisco de Sales. Toda a solenidade litúrgica nos proporciona graças especiais e específicas. Os dons do Espírito Santo são muito variados, "multiformis Spiritus" (cf. 1 Pd 4,10). Que o Espírito divino, pois, se comunique a nós, nessa festa, no zelo e amor pelo trabalho, na fidelidade ao Diretório, ao aproveitarmos-lhe os pensamentos, as intenções e aspirações. Estejam convencidos de que, sem isso, não seremos de valor algum.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 1 DE FEVEREIRO DE 1893

AS DUAS CLASSES DOS OBLATOS: PADRES E IRMÃOS

Há dois classes entre os Oblatos: os Padres e os Irmãos que exteriormente se distinguem pelo vestuário. Os Irmãos se dedicam mais particularmente aos trabalhos manuais; os Padres, à educação, ao ensino e ao ministério sagrado.

Acostumem-se ao verdadeiro conceito da Congregação. Todas as Congregações, todas as Ordens Religiosas, fundadas até há pouco, têm algo especial para o Padre e algo específico para o Irmão. Em outra parte, os Padres nunca se ocuparam com trabalhos manuais. Não estou me referindo aos monges, mas aos Institutos mais recentes. Isso era mais conveniente e dava a cada um a oportunidade de se aperfeiçoar na sua especialidade, não tendo outra ocupação. Mas no mundo de hoje, nos tempos atuais, qual deve ser a vida e o papel de um religioso perante o mundo? Será que ele pode ficar afastado de tudo, alheio a todas as questões do mundo, dedicando-se exclusivamente à sua ocupação pessoal? Seria, sem dúvida, uma coisa maravilhosa. É preciso fazer apaixonadamente bem tudo o que fazemos: isso constitui a nossa perfeição. Mas uma comunidade religiosa fica muito restrita e limitada, nessas condições.

É o que nos foi dito em Roma, na hora de nos aprovarem. Solicitaram-nos a não restringir nossas obras, a dedicarmo-nos a tudo o que servisse ao bem das almas e a não nos retirar do mundo, a não nos limitar a alguns poucos pontos de contato com ele, como a educação e a pregação. Pelo contrário, pediram-nos que tivéssemos relações contínuas com o mundo, fazendo-nos presentes no meio dele.

Esta, pois, é a idéia com a qual foi fundada a nossa Congregação.Como o Cardeal Czacki nos dizia: Está aí o complemento necessário, hoje em dia, do verdadeiro espírito da Igreja. Os Oblatos, portanto, são chamados a entrar na sociedade tal qual ela é, e isso por todos os meios possíveis. Não só da pregação e do ensino, mas também do comércio, da indústria e do trabalho. Devem ser não somente professores, pregadores, mas também trabalhadores de todos os ambientes e de todas as condições. É nesse sentido que o Bispo da Cidade do Cabo, Dom Leo-

nardo, elogiou os nossos missionários ao solicitar a nossa aprovação em Roma. Ele disse que os nossos Padres eram como os monges antigos que desbravaram e civilizaram a Europa, que construíam casas e igrejas, que ensinavam profissões aos nossos antepassados, os Bárbaros.

Cada um de nós se conforme a esse espírito, de acordo com suas atribuições. Digo mais uma vez: temos um encargo que devemos executar apaixonadamente bem; o professor deve ministrar com capricho suas aulas; o sacerdote deve dedicar-se com entusiasmo às funções do seu ministério. Agora, além disso, cada um de nós deve ser capaz de entender mais uma coisa. Nossa Congregação, indubitavelmente, existe como tal, perante a Igreja; mas aos olhos do mundo e da lei, nós não passamos de indivíduos. Cada um deve poder defender-se e arranjar-se, por seu trabalho e sua habilidade, do que viver e sustentar-se. Não podemos mudar as condições de vida material nos quais nos encontramos; topemo-las assim mesmo, sem restrições.

Convém que saibamos um pouco de tudo. Importa que nos formemos idéias claras, um juízo reto sobre todas as coisas. Chegaremos a isso, não pretendendo encerrar-nos apenas em nossa tarefa, ficando alheios às coisas de fora, como questões de construção, assuntos financeiros, a habitação, a roupa, assim por diante. Note-se que as pessoas capazes, inteligentes gostam de se ocupar com tudo isso, informando-se sobre a serventia de tudo. Façamos como essas pessoas. Lembremo-nos que a obediência poderá nos enviar onde vamos precisar de todos esses conhecimentos. Para que serviremos se só conhecermos as questões inerentes a nosso ofício atual e da nossa ocupação anterior?

É necessário também que cada um se interesse pela casa à qual pertence. Isso é uma coisa muito séria e importante, mas eu acho que não se tem suficiente consciência disso. Eu sou o Superior dos Oblatos e das Oblatas. Pois bem, não me lembro que jamais alguém veio me dizer: "Mas se a gente não gastasse isso! Se se poupasse desta forma!" A Congregação teria interesse nisso. Mas aquilo não acontece. Pelo contrário, a todo o momento, alguém vem pedir licença para fazer alguma nova despesa. Sim, m toda a nossa atividade temos que visar o interesse e a prosperidade da Congregação e a maior glória de Deus. E para isso, repito, é bom sabermos nos dar conta de tudo.

Quem entender bem isso, quem se familiarizar com essa maneira de pensar, é um homem completo. Pode-se ter a certeza de que ele não se

engana e será capaz de enfrentar qualquer eventualidade.

Isso não se pediu das outras Congregações; cada um podia ficar exclusivamente com sua especialidade e, conseqüentemente, chegar à perfeição dentro dos limites ao seu alcance. Isso ocasionava uma solidez maior e dava maior importância ao Superior. Atualmente o mundo não nos encara como uma associação, um conjunto, mas como indivíduos.

Sendo nós uma Congregação nova, pode-se esperar algo novo; entrando na Igreja é para sermos de alguma utilidade, como os outros têm sido até agora.

Volto ao que já disse há pouco. O Cardeal Czacki que nos recebeu em Roma, se ocupou conosco mais do que duas horas e nos fez compreender claramente o sentido que a Igreja pretendia dar à nossa missão. O mundo, dizia ele, assim como o vemos hoje em dia, não escapa de ser um grande esgoto, um açude de lama. Será que temos que tentar evitá-lo, ficando na beirada? Como atingi-lo, então, influenciá-lo e salvá-lo? Pulemos de dois pés no meio, ainda à custa de enlamear-nos um pouco! Façamo-nos presentes e, então, procuraremos sanear e limpá-lo. E, meus Amigos, o meio de envolver-se com o mundo é o trabalho. "Eu não vejo," continuava o Cardeal, " por que o sacerdote, após ter rezado devotamente o Ofício e celebrado a Missa, não tiraria a batina para pegar uma ferramenta de operário e pôr-se a trabalhar."

Entendam bem, a minha intenção não é de mandar os Senhores todos serem operários. Mas quero mostrar-lhes a necessidade de que cada um saiba julgar apropriadamente sobre tudo e, à medida do necessário, seja capaz de dar uma mão que não seja por demais inexperiente. Essa mentalidade, de resto, não é tão revolucionária, que não merecesse crédito. Na Idade Média, quem cultivava a terra? Eram os monges. Eram eles também que escreviam os livros, numa palavra, estando eles na vanguarda de todos os movimentos intelectuais e materiais. É bem segundo o espírito da Igreja que nós revivamos isso, dentro do possível. Lembro-me do que um advogado de destaque me dizia a esse respeito, referindo-se ao papel dos religiosos: "Eu gostaria que os Bancos e os negócios estivessem nas mãos deles; gente honesta poderia pelo menos dormir tranqüilamente."

Mas qual a conclusão de tudo isso? É para fazermos como as borboletas, esvoaçando à direita e à esquerda, arriscando cabeçadas em

toda a parte? Não! Cada um de nós deve ficar no seu lugar, aperfeiçoando-se no seu serviço, mas ao mesmo tempo não se resguardar alheio às outras coisas, senão adquirir sobretudo uma boa visão, dando-se conta de tudo o que se pode compreender, para aproveitá-lo em busca de alguma vantagem em prol da Congregação. Por exemplo, temos uma fundação na Grécia. Os gregos têm outros costumes, modos diferentes dos nossos. É necessário sabermos bem qual a sua maneira de agir para não sermos seduzidos por eles. Procuremos também aprender deles o que nos puder ser de alguma utilidade entre eles ou em outra parte. Encontramo-nos entre os damaras e entre os boximanes. Temos que aprender deles o que pudermos. Eles também têm suas particularidades, suas formas de viver e de agir que, em algo, poderemos aproveitar. Na França, nos movemos entre homens de negócios, comerciantes; aprendamos deles tudo o que for possível para estarmos em condições para safar-nos ocasionalmente de um aperto. Eu não concebo um professor que dá aulas durante quarenta anos e não aprenda nada além do ambiente da escola. Volto sempre à mesma idéia; importa formar um juízo correto de todas as coisas e, para isso, observar, pensar, estudar, não considerando nada alheio ao nosso espírito. Assim nos tornaremos úteis. Isso facilitará a função de dar ordens como, da mesma forma, a obediência. De fato, nada é mais dificultoso aos súditos do que obedecer a pessoas que só têm uma visão imperfeita ou que têm uma idéia errada do que deve ser feito.

O que acabo de explicar era um pouco o modo de agir da Boa Madre de Sales. Ela não tinha formação específica alguma, mas ela formara uma visão sobre tudo. E dava conselhos sumamente sábios sobre todos os problemas que, de fora, vinham lhe propor, nunca dando manifestação de querer ficar distanciada dessas questões. Verdade é que o Bom Deus a ajudava e a inspirava. Pois bem, nós, religiosos, devemos pedir também a assistência de Deus. Da mihi, Domine, sedium tuarum assistricem sapientiam, ut mecum sit et mecum laboret (cf. Sb 9,4) (Dai-me, Senhor, a Sabedoria que partilha o vosso trono, a qual me acompanhe e me assista).

Devemos firmar-nos bem nesse espírito para que seja uma das características da Congregação. Isso nos proporcionará muita influência. De fato, quanta gente pensa que os membros do clero sejam incapazes de dar um parecer acertado, um bom conselho sobre o que for, além

de assuntos religiosos? Particularmente em questões materiais? Deve-se reconhecer que o clero talvez não tenha procurado preparar-se suficientemente para isso. Demo-nos claramente conta das coisas e isso nos facilitará muito os nossos compromissos. Como dizia o Cardeal Czacki: Que não nos desviemos demais da lama; pulemos no esgoto, se for preciso, para tomar conta da situação, tomar posse e, em seguida, orientar o movimento para Deus.

Nesta palestra estou-lhes traçando um rumo, estou-lhes abrindo um horizonte. Não pretendo dispersá-los para tudo o que é canto; não é essa a minha idéia. No Diretório, temos um meio seguro e simples de nos santificar na incumbência que for. Como já lhes disse várias vezes, dêem atenção às coisas materiais para poder servir ao próximo e ganhá-lo assim mais facilmente para Deus. Não nos arvoremos em fiscais ou mestres mas, ocasionalmente, saibamos dar um conselho útil e proveitoso.

Nós, religiosos, temos uma vantagem muito grande, um meio poderoso para superar os outros no que empreendemos, ou seja, a união com Deus, a oração. Menciono o exemplo do nosso ex-aluno, nosso químico Matignon. Foi ele que este ano obteve o prêmio, outorgado ao professor de maior mérito e ele atribuiu seu sucesso à reza do seu terço.

Em resumo: procuremos atender bem o nosso serviço e, além do nosso encargo, tentemos nos dar conta de tudo o que, um dia mais um dia menos, possa ser de algum proveito para a Congregação: Nihil a me alienum puto (Nada considero alheio a mim).

Peçamos essa graça a nosso Santo Fundador e à Boa Madre. Nosso Santo Fundador era muito hábil com as mãos e gostava muito do trabalho. Ele fundara a "Santa Casa" de Thonon onde se realizavam toda a espécie de serviços e onde trabalhavam todos os tipos de operários e operárias: através deles ele procurava combater a má influência de Genebra.

Lembremo-nos também que o Papa Leão XIII declarou que é o trabalho que deve elevar o mundo de novo e que a solução está nas Congregações Religiosas.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 8 DE FEVEREIRO DE 1893

"A ADMISSÃO INICIAL DOS QUE DESEJAM INGRESSAR NA CONGREGAÇÃO"

A idade com que é possível admitir os candidatos na Congregação é fixada pelas Constituições: 16 anos. Até que idade se pode receber os candidatos? Certas Congregações determinam uma idade limite. Nossas Constituições nada dizem a respeito. O espírito de São Francisco de Sales é que se acolha todo o mundo, independente da idade, desde que haja uma grande e verdadeira aspiração à perfeição cristã.

Pode-se receber antes dos 16 anos, a título de postulantes. E é bom fazê-lo, pois os mais jovens são mais fáceis de formar e plasmar segundo o espírito da Congregação. É preciso que todos nos ocupemos com afinco para recrutar meninos e jovens. Há uma observação a fazer. Nosso Senhor, no Evangelho, quando quer incutir a necessidade da oração, diz: Sic oportet orare... (cf. Lc 11,1) (É necessário rezar); sic dicetis... (cf. Lc 18,1) (assim direis). A expressão é bem outra quando recomenda a seus discípulos que peçam operários para a colheita: Rogate ergo Dominum messis... (Lc 10,2) (Rogai, portanto, ao Senhor da messe) Este "ergo" (portanto) é muito acentuado. Trata-se de uma obrigação precisa e absoluta. Se os Senhores não rezarem, não terão operários.

Sabem os Senhores como se formam as vocações? O que as faz surgir é a oração de um bom professor, de pais piedosos. Eles pedem essa graça ao Bom Deus, oferecem nessa intenção suas orações e seus sacrifícios e o Bom Deus os ouve e o jovem recebe os impulsos da graça que a oração lhe alcançou. Vejam o que fazem os bons párocos. Descobrem um menino durante a catequese; rezam por ele e o acompanham com cuidado, velando-lhe o desenvolvimento espiritual; fazem dele um sacerdote. Essa é a história de mais de três quartos das vocações dos seminários. Cada um de nós deve ter este cuidado, sendo professor, vigilante ou simples catequista, pouco importa. Quando eu era jovem e dava catequese, o Padre Chevalier dizia-me: "Ensina dois tipos de catecismo: o de fora e o de dentro." O de dentro tem mais proveito que o outro e é ministrado pela oração; é este que consegue as vocações. Se o Senhor é

professor, isso será bem mais fácil ainda, pois sua influência será bem mais contínua e profunda.

São Tomás afirma claramente que aproximadamente um terço da população católica deveria ser religioso ou sacerdote: é a média das vocações que Deus dá. Sabem os Senhores o que acontece para os que recusam sua vocação? Muitíssimas vezes se tornam elementos maus, malandros. Há muitos assim que saíram das escolas católicas ou de outro lugar. Muitos tinham a vocação para ser religiosos ou sacerdotes; resistiram à graça e esta retirou-se. Isso é o que afirma o Doutor mais célebre, aquele cuja doutrina pode ser considerada fé, aquele que detém a maior autoridade. A vocação dos sacerdotes, dos religiosos e das religiosas: isso é assunto nosso. O agricultor não espera a espiga cair prontinha do céu; ele cultiva a terra, semeia o grão. Se ele se fiar naquilo que a terra sozinha produzir, ele só colherá amoras e ameixinhas silvestres. Olhem entre seus penitentes, entre seus alunos. Os Irmãos que têm meninos para ajudá-los nos trabalhos deles, devem interessar-se por isso. Rezem por eles, lembrem-se deles diante do Bom Deus. Se alguém crê que sua oração seja inútil e sem resultado, corrija seu engano; o Bom Deus o escuta e o atende. Observem, pois, em sua volta os jovens que apresentam boas disposições. Não estou dizendo que sempre conseguirão o efeito desejado dos seus esforços, mas pelo menos terão feito algum bem para eles e terão cumprido com sua obrigação. O que estou dizendo é muito sério. Não tenham medo. Nunca haverá Padres ou Religiosos e Religiosas demais nos tempos que vão correndo. O estado religioso não é indispensável, sem dúvida, para a subsistência da Igreja. Ela pode viver sem religiosos; mas em todos os lugares onde eles não existem, também há poucas obras e frutos espirituais. O Papa nos disse: Precisamos de religiosos para a conversão e o entendimento dos povos. A vida religiosa tem resultados imensos e quantas bênçãos espalham sobre as famílias: pai, mãe e os irmãos!

Se não pensamos nisso, estamos faltando com a nossa obrigação. Deus, como dissemos, propicia a vocação a um grande número de pessoas. Umas o percebem e se dão conta. Muitos não pensam nisso; o meio no qual são educados nao os leva a isso; a vida cristã não está assaz solidamente arraigada; tudo em voltaa delas e dentro de si é totalmente contrária à idéia de um estado de vida mais perfeito. Mas o que é que

eu posso fazer, eu, pobre vigilante? Reze, e sua influência será muito salutar. Experimente-o e verá o que o Bom Deus enviará para cada um de vocês. A conversão das almas será o fruto das suas orações e o resultado do seu zelo esforçado. Além do mais, obterão para essas almas o dom da vida perfeita e quantos eleitos os Senhores acabam peparando para o céu! Na verdade, a vida cristã só a isso deve suas bases firmes. As vocações sacerdotais e religiosas são o sal da terra. Cada um fixe sua escolha neste ou naquele, na pessoa que manifesta alguma atração para a piedade e procure conduzi-la a uma vida perfeita por meio da oração e através de esforços sábios e discretos.

Como está com a vida casta no mundo? Infelizmente, além dos Padres e Religiosos, não há muitos que a observam. E quanto a uma vida justa? Como está com a vida de oração? A vida de fé? Isso não significa que eu acho que a gente não possa santificar-se no mundo. Há bastante exceções a respeito. Existem bonitas e impressionantes virtudes no mundo, essas virtudes heróicas de mulheres cristãs, de mães e esposas admiráveis por sua fé e devoção; encontram-se virtudes incomparáveis entre os homens do mundo. Mas quantos, somando todos, serão?

O melhor apostolado a atender é este: o apostolado das vocações religiosas. Lembrem-se disso em suas orações, meditações e Comunhões, na Santa Missa e durante suas Visitas ao Santíssimo Sacramento, como também em meio ao seu trabalho. Rezem a Deus pelas pessoas que os Senhores quiserem e estas chegarão à vida religiosa que os Senhores tiverem pedido para elas. E se Deus permitir que elas não cheguem até lá, os Senhores, pelo menos, terão realizado um grande bem para elas, o primor da caridade; o efeito disso, mais cedo ou mais tarde, se fará sentir, mormente na hora da morte.

Um dia eu atendi a confissão de um senhor de idade e encontrava nele uma mistura de não sei o quê indefinível. Perguntei-lhe o que tinha feito durante a sua vida. Respondeu-me que tinha entrado no seminário dos Capuchinhos e ficara com eles durante 6 ou 8 meses. O pobre homem tinha esquecido já desde muito tempo tudo aquilo que dizia respeito aos Capuchinhos. Sua vida tinha sido bem contrária à vida cristã. Uma só coisa permanecera nele e esta o salvou no seu último instante: Eu me lembro que nos diziam que há algo depois desta vida e quando morremos, nem tudo morre.

É uma tendência constatável, nos tempos atuais; é um verda-

deiro sopro de Deus que podemos verificar por toda a parte: a necessidade de unir-se, de associar-se. Muitos Padres se reúnem, procurando viver sob uma espécie de regra. Olhem os Sacerdotes de São Francisco de Sales, tão numerosos em Paris e em outros lugares; reparem os terciários de São Domingos e de São Francisco de Assis. Essa tendência, essa necessidade da vida religiosa, da vida em associação, de confrarias está sumamente acentuada. Antes da grande Revolução (Francesa - tr.) já existiam muitas dessas associações, mas elas visavam outra coisa: eram associações tanto civis como religiosas. Agora sente-se a necessidade de uma regra, de uma vida mais interior e mais cristã. É isso o que leva as almas sacerdotais e cristãs a agremiar-se. Prestaremos, portanto, um grande serviço à Igreja de Deus, pedindo vocações e dedicando-nos a isso com todo o empenho possível.

"O que o postulante deverá fornecer para o seu sustento, será fixado segundo as necessidades da casa e a ajuda que o postulante pode lhe proporcionar."

A Congregação é uma família; precisa-se fazê-la prosperar e, de bom grado, proporcionar-lhe tudo o que for possível. O Bom Deus abençoa essa disposição. Que cada um faça para a Congregação tudo o que lhe é possível; isso ajuda a manter a união dos corações; é um vínculo importante de caridade, esse zelo e essa dedicação. Pode haver, sem dúvida, razões para - na hora de chegar - não dar tudo o que se tem para a Congregação. Pode ser que haja uma família ou pais necessitados. Precisa-se fazer sempre o melhor, sábia e prudentemente, consultando os Superiores e dispor-se a fazer pela própria Congregação tudo o que razoavelmente se pode realizar. Quando se aprendeu a estimar e querer bem a própria Congregação acima de tudo, a gente está em casa e lhe oferece tudo o que se lhe pode apresentar.

Não se deve fazer como um dos meus amigos, um Padre sumamente original, que pertence a uma Congregação muito respeitável a qual ele ama de todo o coração. Pois bem, há alguns anos, esse Padre doou toda a sua fortuna, bastante vultosa, a uma outra Congregação. "Por quê?" é o que lhe perguntaram. Ele respondeu que estava convencido de que o espírito de pobreza era o maior dom que Deus podia proporcionar a uma comunidade e que o espírito de pobreza quase não pode existir a não ser sendo realmente pobre.

Em nosso tempo, não há muito perigo que as Congregações se tornem demasiadamente ricas. Certamente, sejam quais forem os recursos das Congregações religiosas, cada um em particular pode viver facilmente a prática da mais absoluta pobreza. Não é necessário recorrer aos meios tão radicais como fez o meu amigo.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 22 DE FEVEREIRO DE 1893

AS OCUPAÇÕES DOS NOVIÇOS

Durante o tempo do Noviciado, os noviços serão exercitados em todas as práticas da vida religiosa, especialmente nas dos votos."

No que diz respeito ao Noviciado, há muitas versões que circularam, mesmo entre nós. Foi dito que entre nós não havia Noviciado, que não era assim que se podia formar religiosos, que segundo os próprios noviços seria mais válido estar completamente separados de tudo, dedicados unicamente aos exercícios do Noviciado.

Ora, quero dizer-lhes hoje que é uma coisa absolutamente impossível nas condições em que estamos. Estou certo de que 49 ou 50 noviços, se fossem exclusivamente ocupados com as coisas do Noviciado, sairiam tão pouco Oblatos como se nada tivessem feito. Isso tem que ver com os costumes do nosso tempo.

Encontram-se facilmente, em nossos dias, jovens que confessam, que comungam regularmente e que cometem faltas graves, até mesmo crimes. Recebemos no Noviciado jovens que vêm do mundo; pensam os Senhores que seria melhor e mais fácil conhecer os jovens mantendo-os encerrados? Quanto aos nossos ex-alunos que formamos, que conhecemos desde a sua infância, isso se poderia admitir; já nos deram demonstração de piedade e de vocação. Com esses não se correria o mesmo risco; conhecendo-lhes a conduta e aspirações, poderíamos separá-los do mundo

para dirigi-los unicamente para a perfeição religiosa. Mas que pensar sobre os que nos chegam do mundo, mesmo de famílias cristãs, até mesmo de Seminários? Podem ser bons e seguros, mas nunca representarão a maioria. Estou-lhes falando com minha experiência de idade já avançada. Isso se deve às circunstâncias lastimáveis dos nossos tempos, à ausência de consciência, à falta de educação religiosa sólida e verdadeira. Nas famílias, a religião, assaz comumente, é considerada não mais do que uma mera formalidade. Os meninos criados nesse meio conservam essa impressão; as verdades da fé lhes pesam bem pouco na consciência. Acrescentem a isso uma ignorância imensa: a fé cristã freqüentemente não é mais do que um assunto para aprendizagem; e não é suficiente saber mais ou menos os deveres que temos, precisa-se tê-los praticado. Assim como um operário não sabe sua profissão só porque decorou a teoria.

Digo, pois, que entre os Oblatos se faz o Noviciado como importa que seja feito. Se nós o fizéssemos como os outros e se realizássemos tudo como os outros, não valeria a pena existirmos. É isso mesmo o que nos foi dito em Roma quando fomos apresentar os primeiros projetos da nossa Congregação.

Não há dúvida que um Noviciado fechado, onde a gente só se ocuparia com exercícios de piedade e meditações, hoje em dia, seria absolutamente insuficiente para distinguir a vocação. Poderia ser excelente talvez após o tempo de prova. Um Irmão, um Padre que quisessem consagrar-se durante algum tempo a exercícios puramente religiosos encontrariam uma boa oportunidade. E isso - segundo a minha convicção - não deixaria de dar resultados benfazejos. Mas não pode durar um ano. Façam esse trabalho durante seus retiros; é para isso que existem. Do resto, devemos tomar como modelo o Noviciado da Visitação. Nesta as noviças participam em todos os exercícios da Comunidade; aí têm as suas ocupações e seus serviços.

Afirmam que um noviço que dá aula não pode ser um verdadeiro noviço. Eu afirmo que se ele fosse encarregado de meditar o dia todo ou de fazer unicamente exercícios de piedade, não daria certo e não se formaria de forma alguma conforme o nosso estilo de vida. Não somos contemplativos. Dar-se-lhe-ia a incumbência de estudar Teologia Mística? E isso para que serviria? Sem dúvida, importa estudar Teologia, mas a seu tempo e em lugar convenientes e não de forma exclusiva.

O noviço é formado para o futuro. A vida de um noviço deve ser a que ele levará mais tarde. O que somente deve distingui-lo dos outros religiosos é, como afirma a Constituição, que os noviços serão muito humildes, considerando-se os últimos de todos. É sua grande simplicidade, sua aplicação nas incumbências recebidas... Esta não é só a minha posição. Já a expusemos formalmente em Roma e, do resto, temos o apoio de grandes teólogos altamente conceituados que gozam de muita autoridade na Igreja. Pode-se fazer o Noviciado perfeitamente, portanto, atendendo diferentes ocupações exteriores. Assim São Luís Gonzaga, durante seus estudos teológicos, tinha um cargo no Colégio Romano. Ele se ocupava também com os doentes e foi exatamente cuidando dos pestíferos no hospital que contraiu a doença que o levou.

Se a Regra das outras Ordens religiosas prescreve um Noviciado mais clausurado, deve-se isso ao fato que, na época em que essas Regras foram estabelecidas, os candidatos vinham de famílias profundamente cristãs; havia certeza, ou quase, a respeito do íntimo deles. Não quero dizer - entendam-me bem - que os que chegam a nós não sejam conscientes. Mas, em nossos dias, o que é a consciência para muitos? Para a maioria dos homens? A consciência muitas vezes é enganada pela ignorância. A Madre Maria de Sales afirmava: "Haverá surpresa sobre os julgamentos de Deus e sobre a parte que ele atribuirá à ignorância." E também: "O pecado original feriu muito mais profundamente a inteligência do que a vontade."

Tomem, pois, como exemplo um jovem nessas condições e coloquem-no num Noviciado com a única ocupação de rezar, confessar-se e ler; ele poderá submeter-se a isso, podendo a gente constatar que ele tem vontade; mas o que se saberá a mais sobre ele? Como se poderá saber de que é capaz, se não for experimentado na prática? Considerem a maneira como São Francisco de Sales nos leva a fazer meditação. Ele a chama de "preparação para o dia". É desse modo que os noviços façam a sua meditação, antes de se dedicar a profundas meditações sobre os mistérios. Isto seria derramar torrentes de graça sobre um terreno não preparado. Fazendo como digo, agimos de acordo com uma filosofia profunda e uma teologia perfeita. De fato, não é suficiente só dispor de meios bons, se as pessoas são indóceis. Seria como querer talhar uma pedra de cantaria com uma navalha bem afiada. Precisa-se, pelo contrário, utilizar um buril bastante embotado, ou seja, meios mais simples.

Não se deve crer, então, que uma maneira de agir mais perfeita formará Oblatos melhores. Se um noviço se deixa conduzir, se cumpre bem a tarefa que lhe é confiada, se é fiel às Constituições, ele não deixará de fazer um excelente Noviciado.

Não se critique, portanto, nossa maneira de realizar o Noviciado, mas se censure os noviços que não se sabem dobrar. Repito, não estou fazendo outra coisa do que seguir a idéia de São Francisco de Sales, conforme ele a aplicou na Visitação e na "Santa Casa" de Thonon.

Reconhecer-se-á facilmente, portanto, um bom noviço. É aquele que faz bem sua meditação, que passa bem o recreio, que se desempenha com esmero do seu serviço, que é piedoso, obediente e simples. Este se santifica e se prepara tão bem como se estivesse enclausurado. Se realmente tem vocação, ele se dirá: Muito bem, precisa-se passar por isso. E ele passará.

Ouçamos, do resto, a Constituição: **"Os noviços serão treinados em todas as práticas da vida religiosa, mormente nas dos votos."**

Ela não se refere somente aos exercícios do Noviciado. Conseqüentemente, um noviço deve fazer tudo o que um religioso faz. Ter-se-á, então, certeza da vocação de um noviço, quando tiver realizado todas as práticas da vida religiosa e não somente quando ele tiver permanecido durante um ano em reclusão. Quem sabe se não haverá, entaõ, um afrouxar, quando se vir livre um pouco da autoridade do Mestre de noviços... Que os Cartuxos, os Beneditinos, os Trapistas se preparem nessa reclusão, está bem: é a vida que levarão mais tarde. O Noviciado, portanto, se realiza conforme o sentido da vida religiosa; mas nós, Oblatos, somos chamados para, através de nossas obras, estar em contato com o mundo. Importa que o nosso Noviciado se realize nesse sentido.

O que forma o noviço é a obediência, a fidelidade à graça de Deus, a observância da Regra.

Insisto enfaticamente nisso. Haverá quem me faz objeções. Durante o Noviciado dever-se-ia estudar exclusivamente Teologia. Sem dúvida, há muita verdade nisso. Mas o que se fará depois com esses noviços? Não é que não gosto de Teologia; sem mentir: com 23 anos de idade, queriam me nomear professor de Teologia. Além disso, a nossa Regra nos impõe a obrigação rigorosa de estudar Teologia, durante toda a nossa vida.

Sem dúvida, é bom estudar a Teologia Escolástica, dedicando-se a ela de forma seguida; mas voltando-se a ela de forma exclusiva demais, sabem os Senhores a que se chega? Os que só estudam Teologia são os indicados para ser professores de Teologia, mas nem sempre são bons na pastoral. Eu me lembro de um professor idoso de Teologia que declarava ter-se decidido a atender a confissão, uma única vez na vida, - tratava-se de uma senhora de idade - e ainda não se pôde resolver dar-lhe a absolvição. A experiência mostra também que nem sempre é um sucesso mandar a uma paróquia como pároco, um doutor de Teologia.

Em resumo: fique claro que de forma alguma pretendo censurar o estudo sério da Teologia, pelo contrário; mas acho que temos razão em fazer o Noviciado de nossa maneira, em vez de aproveitá-lo quase exclusivamente para o estudo da Teologia ou para a prática de exercícios religiosos.

Anotem bem isso. E permitam-me dizer tudo o que penso: Nós fazemos assim, exatamente porque os outros não o fazem.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 1º DE MARÇO DE 1893

OS VOTOS

"Quando o Noviço tiver terminado o tempo estabelecido para o Noviciado e preencher as condições consideradas convenientes, ele será apresentado para ser admitido à profissão e será aceito por maioria dos votos."

Nossos votos são simples. As Congregações de origem recente, de fato, não podem fazer votos solenes. Só os Jesuítas, por um privilégio especial, conseguiram a solenidade dos votos.

Qual é a diferença entre esses dois tipos de votos? Nenhuma, em relação à obrigação que se contrai. Vejam o que diz o Direito Canônico. Outrora os votos eram solenes, isto é, aceitos pela sociedade e

pelas próprias leis civis. Aquele que tinha feito voto solene de Pobreza estava morto em relação aos bens da terra e as leis o consideravam como tal. Nem tinha mais direito de fazer testamento, que teria ficado nulo e sem valor algum. Não podia mais assinar um documento, estava morto, tamquam mortuus (cf. S 30,13). Não é o mesmo caso com as Congregações de votos simples. Surgidas numa época de costumes diferentes, precisam aceitar forçosamente as condições novas da vida que a sociedade impõe ao ambiente em que vivem. A própria lei civil protegia os votos religiosos. Hoje em dia é muitas vezes difícil salvaguardar as próprias leis canônicas. Assim eu vivi os tempos - faz 40 ou 50 anos - em que se questionava se ainda havia realmente religiosos e se se podia considerar como tais os que tinham tantas dificuldades para combinar seus princípios constitutivos com as exigências de fora e da vida civil. Mas Roma respondeu, declarando categoricamente que os votos, embora simples e não solenes, no entanto são votos verdadeiros e perfazem, portanto, realmente o religioso.

A fórmula dos nossos votos é muito bonita. É **"por amor a Deus"** que se emitem os votos, **"propter amorem Domini Jesu Christi"**. O amor de Deus, de fato, é o primeiro dos nossos deveres. São Paulo diz: Se alguém não ama Nosso Senhor Jesus Cristo, seja maldito! (cf. 1 Cor 16,22). Esforcemo-nos por não cair nessa maldição. Devemos exercitar-nos nesse amor. Nada melhor para isso do que a leitura do Evangelho, sobretudo o de São João. Este é o historiador da vida de Jesus Cristo. Ele o conheceu mais intimamente que os outros Evangelistas; mostra-nos o Coração de Jesus, suas afeições, sua maneira de ver e de pensar. Era o discípulo predileto. Recomendo muito a leitura de São João. Estudando-o chegaremos facilmente ao amor de Jesus Cristo. **"Et in amplexu crucis suae"** (abraçando a sua Cruz). Não é rejeitando a cruz que fazemos os votos, pelo contrário. Não é só permanecendo aos pés da cruz ou beijando-a, mas abraçando-a ao apertá-la ao nosso coração. Geralmente rezamos as fórmulas de nossas orações sem prestar atenção, por rotina. Mas pensemos bem no sentido da fórmula dos votos: Domine Jesu Christe, propter amorem tuum et in amplexu crucis tuae... (Senhor Jesus Cristo, por amor a ti e abraçando a tua Cruz...).

Na fórmula dos votos perpétuos, a gente se coloca sob a obediência do Superior e dos seus sucessores e é sob a autoridade dele que

se promete praticar a Obediência, a Pobreza e a Castidade.

A fórmula dos votos reza: **"Juxta Constituciones"** (segundo as Constituições). É preciso compreender bem o alcance dessa palavra. A Pobreza, a Obediência e a Castidade são promessas que se faz em todas as Congregações; mas em cada uma "segundo as Constituições". Nossa pobreza não é a dos Capuchinhos. Quanto ao voto de Castidade, este consiste, em geral, em resguardar-nos a alma de toda a mancha impura. Mas com São Francisco de Sales vamos mais longe: não somente evitamos as faltas, mas também praticaremos atos positivos de virtude, oferecendo nosso afeto, nosso coração a Jesus Cristo. Esta é a verdadeira castidade, o amor íntimo, o afeto verídico para com Jesus. A pobreza, para os Oblatos, consiste não somente em não possuir nada como próprio, em não poder dispor de nada, mas também em amar essa pobreza e em gostar dela, por amor à pobreza de Jesus de Nazaré, a qual é a pobreza mesma que procuramos realizar. Nossa obediência não é a dos outros, é a obediência do amigo, do filho que vê a palavra e o apelo de Deus em toda a obediência e assim a cumpre de todo o coração.

Não convém, portanto, que pratiquemos os votos somente em geral. Todas as Regras religiosas têm certos pontos semelhantes, mas é preciso praticar o que há de peculiar em nossas Constituições.

Com referência aos votos, há uma observação a fazer. Toda a ação feita em conseqüência de um voto não tem somente o mérito da virtude pelo sacrifício feito, mas também o mérito bem mais precioso que advém da virtude da religiosidade. Esta última, conforme os teólogos, é a mais eficaz e ativa para a santificação. É certo, pois, que aquilo que se faz por motivo de um voto é muito mais agradável a Deus do que se não houvesse o voto.

É importante refletir bem nessa verdade. O que lhes estou dizendo hoje sobre os votos não seja uma letra morta. Empenhemo-nos por praticá-los muito bem durante este tempo de Quaresma. Assim obteremos valiosas graças para nós, para nossos familiares, nossos amigos, nossos defuntos. Queiramos bem a Regra: é a alma dos nossos votos e da nossa vida religiosa. É nisso que consta a santidade do religioso, a força e o adorno da Igreja.

Juntemos um pequeno sortimento de boas obras durante esta Quaresma. Sejamos, conforme a comparação de São Francisco de Sales, como abelhas que, com o mel que recolhem em quantidade pequenissima em

cada flor pelos trabalhinhos mínimos e modestos, fazem favos abundantes e deliciosos em suas colmeias.

Não descuidemos nada, portanto, mesmo nas mínimas circunstâncias, para observar perfeitamente os nossos votos. Se tivermos uma aula difícil a dar, pensemos em nosso voto de obediência; se experimentarmos tentações de sensualidade, de amor próprio, lutemos, travando esse combate a partir do nosso voto de castidade e adquiriremos méritos a mais. Aceitemos o que se nos oferece, trabalhemos quando gostaríamos de descansar, folguemos quando é hora do recreio, enquanto preferiríamos trabalhar. Fazendo isso, teremos muito mérito e nos tornaremos bons religiosos. Santo Agostinho afirma que no céu não haverá diferença entre a recompensa dos que tiverem sacrificado a vida trabalhando em obras externas, dando brilho de intensa claridade na Igreja e a recompensa dos religiosos que tiverem vivido no silêncio do claustro. Passemos assim, pois, uma boa Quaresma, meus caros Amigos, porque devemos ser bons religiosos, pois nossa vida não deve ser a de todos, mas uma vida entregue a Deus, a qual produza uma abundante colheita de méritos para nós e para os outros.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 15 DE MARÇO DE 1893

O VOTO DA POBREZA

"Os Professos não poderão apropriar-se do que adquirirem pela atividade pessoal ou em consideração à Congregação, nem guardá-lo, mas deverão juntá-lo aos bens da Comunidade, para a utilidade da Congregação."

Se somos professores, assistentes ou encarregados de qualquer função administrativa, tudo o que pudermos ganhar através de nossa atividade pessoal, através do nosso trabalho, da nossa inteligência, torna-se tudo propriedade da Congregação. Sem dúvida, os que podem, atra-

vés de uma atividade ou outra, ganhar alguma coisa, têm direito àquilo que lhes é necessário: livros, utensílios; mas o resultado econômico deve entrar como pertencente à Comunidade, porque o religioso deve estar morto para o mundo. Antigamente, aquele que tinha feito a profissão religiosa era lançado como defunto nos registros civis e era considerado como tal. Agora que a lei civil não reconhece mais os votos religiosos, mesmo assim não devem perder sua vigência e nós igualmente devemos nos considerar mortos para o mundo. Ora, um morto não tem mais propriedade alguma.

"Os Professos poderão reter o domínio radical (a propriedade nua) de seus bens; mas é proibido eles mesmos administrar, dispor dos lucros e usá-los."

Um Padre que possui uma casa, uma fazenda, um bem qualquer pode manter a propriedade nua disso; pode deixá-la em seu nome perante a lei civil; mas não pode reservar-se a gerência, nem usar as rendas. Nada mais é do que o proprietário nominal, para fins de atos e formalidades civis.

Pratiquemos integralmente, nesta matéria, o voto da Pobreza. Em muitas comunidades, apesar das leis civis, o voto da Pobreza é observado com o mesmo rigor como outrora. Em outras, em conseqüência da desgraça dos tempos, foi prejudicado. E todas as vezes que uma comunidade falta a esse voto, não recebe as bênçãos de Deus: as provações, as desistências, os castigos - é esta a palavra - vêm assaltá-la. Pois ela não está mais, então, com seu funcionamento normal, na condição em que Deus a quer. É imprescindível, pois, que cada um de nós abandone a administração e o uso de seus bens e cumpra o mais perfeitamente possível com o voto da Pobreza.

"Devem, pois, antes de sua profissão, ceder, por ato mesmo particular e a quem lhes aprouver, - e se assim o preferirem, ao Instituto - essa mencionada administração, esse usufruto ou esse uso, com a possibilidade de acrescentar ao ato da cessão a condição que este poderá ser revogado mais tarde; mas o Professo só poderá usar licitamente dessa faculdade depois de obter o consentimento da Santa Sé."

Isto é, ingressando na vida religiosa, quem tem algum bem pode doá-lo a seus parentes, a um amigo, ao Instituto e para isso a gente

é obrigado a fazer um ato de renúncia. Também se pode deixar só as rendas à família, conservando a propriedade nua e acrescentar a condição que essa cessão das rendas à família poderá ser revogada, se parecer bem. De acordo com essa cláusula, poder-se-á revogar essa cessão dos bens à família - ou melhor, da renda ou da administração desses bens - mas somente após ter obtido a permissão da Santa Sé.

Deve-se aplicar os princípios acima aos bens que podem advir por herança, durante o período da profissão.

Olhem como Roma detalhou as coisas; e o que nós temos em nossas Constituições não nos é particular; é a Regra dada por Roma a todas as Congregações de votos simples.

"Todos os bens da Congregação são comuns. Os Superiores distribuem a cada Oblato, segundo as Constituições e conforme a precisão, alimentação, roupa, livros, quartos, etc."

O voto da Pobreza traz consigo o espírito da Pobreza. É uma mentalidade nova que os antigos não conheciam e que foi trazida ao mundo por Nosso Senhor Jesus Cristo: Beati pauperes (Lc 6,20) (Felizes os pobres). Essa mentalidade que admite a alegria por estar desprovido das coisas materiais tem o seu lado muito bom: os benefícios do céu, as graças, as luzes acompanham a pobreza dos bens terrenos. Devemos fazer uso das coisas como pertencentes a Deus, economizar, saber privar-nos, fazer constantemente pequenos sacrifícios. Através do voto nós nos comprometemos a fazer esses sacrifícios; temos o mérito como resultado do voto. Nada é mais consoante ao espírito religioso do que esse amor à pobreza.

"O Oblato de São Francisco de Sales não terá para o seu uso qualquer coisa que seja, sem o conhecimento do Superior e sem a licença deste e deve estar pronto a entregá-la, dando-a para outrem a partir de uma simples senha do Superior."

Nós não procuramos coisas supérfluas e curiosas, mesmo tratando-se de presentinhos que, com permissão, se nos oferece. Isso nunca pode ultrapassar os limites da pobreza. Que tudo seja simples. Nossa comida deve ser simples e frugal. Se nos toca fazer sacrifícios quanto à alimentação, lembremo-nos, então, da mortificação que nos é prescrita para cada refeição, mortificação positiva ou negativa. No entanto, ao

precisarmos de alguma coisa para a saúde, devemos pedi-la com simplicidade e confiança. É uma coisa muito boa também não ter tudo o que necessitamos de roupa, de calçados; no meio dos nossos poucos móveis, que Deus sempre tenha a sua parte, ou seja, algo que nos incomoda, que não seja como nós quereríamos ou gostaríamos que fosse; estejamos "sempre mortificationem ferentes" (cf. 2 Cor 4,10) (sempre trazendo a agonia de Jesus). Suprimamos também o que pode agradar aos olhos, o que pode ocasionar satisfação aos nossos sentidos.

Quanto aos móveis fechados à chave, quase não podemos aplicar isso nos colégios, onde há gente estranha, empregados; mas isso se deve observar nos conventos, onde só há Padres e Irmãos. Demos, portanto, atenção ao nosso voto da Pobreza. Aceitamos de bom grado os pequenos sacrifícios que surgem da vida comunitária: isso é o fruto da pobreza, isso é o nosso tesouro. Esses nos prepararão uma grande riqueza espiritual e nos darão a autoridade para dirigir nossos pedidos a Deus; servirão a nossa purificação espiritual. O pecado nos causa um prazer culpável que desvia de Deus; a pobreza suscita um sofrimento que é a reparação do mal causado pelo pecado.

Devemos ter também um grande respeito para com a Providência que nos manda essas mil pequenas provações de cada dia. É a maneira de tornar-se santos religiosos. Cinqüenta vezes por dia temos essa ocasião. Saibamos aproveitar isso e conquistaremos o verdadeiro sentido da Pobreza religiosa. Na Visitação o que sempre me chamava a atenção é a pobreza, a pobreza da casa, a pobreza de cada freira. Na prática da pobreza há uma pérola escondida; nossa vontade se inclina frente à vontade de Deus e encontramos a Deus: Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est regnum caelorum. (cf. Lc 6,20) (Bem-aventurados os pobres porque deles é o Reino de Deus).

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 19 DE ABRIL DE 1893

A RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL DO OBLATO

A Congregação cresce, lentamente, é verdade, mas esse crescimento é sensível. É, portanto, necessário, para cada um de nós, saber bem claramente o que é um Oblato de São Francisco de Sales.

Por que, de fato, os Oblatos de São Francisco de Sales? Já há tantas Ordens religiosas, por que esses surgem agora? A palavra "Oblato" não significa exatamente "religioso". São Francisco de Sales, escrevendo ao Cardeal Bellarmino sobre o novo Instituto de mulheres que ideou, lhe disse: Non religiosae, neque moniales, sed potius oblatae censendae sint (Nem são religiosas, nem monjas, mas antes se considerem oblatas).

Assim, para fazer-lhes compreender melhor a diferença, os Jesuítas são religosos. Obedecem a uma Regra que fixa determinantemente tudo o que devem fazer. Todos juntos formam um só e único indivíduo. Certamente, isso é uma grande vantagem e os Jesuítas constituem uma grande força da Igreja. Já têm prestado imensos serviços e continuarão assim até o fim do mundo.

Por que, então, não ficar só com os Jesuítas? Para que Oblatos? É que os Jesuítas fazem parte de um conjunto e cada Oblato forma e permanece um indivíduo. Este não obedece a um impulso comum que lhe determina tudo nele até mesmo os pensamentos; ele age de acordo com o impulso próprio. Mas, então, me dirão os Senhores, não é mais uma Congregação... Escutem e procurem entender bem. Os Jesuítas doam-se de corpo e alma; sua união forma um todo completo que possui harmonia, vida e ação. É uma unidade de exército em marcha. Mas por que, entre os Oblatos, substituir a ação geral pela individual? A sociedade, pois, não aceita mais uma força geral. Não se pode mais vencer agora uma força pela força. A força do mundo se tornou imensa, devido ao aumento das paixões. Não é mais de acordo com o espírito da Igreja opor uma resistência coletiva. Olhem, o Papa aconselha aos católicos que não se unam em partidos, que não façam frente à força, que não levantem outra bandeira a não ser a da religião. Nos dias de hoje, portanto, a ação cole-

tiva não é mais suficiente; é preciso acrescentar a ação individual que penetrará melhor até o centro do campo adversário. Que cada um de nós, portanto, se empenhe corajosamente. Temos, pois, as vantagens da vida religiosa a ao mesmo tempo cada um conserva sua individualidade, quase sua autonomia. Um Oblato tem o Diretório, as Constituições e o Livro dos Costumes; está obrigado a praticar os votos; mas fora disso ele é completamente livre. Não recebe a palavra de ordem referente à maneira como deve pensar; não se lhe impõe opinião política ou social alguma; ele tem sua iniciativa própria que lhe permite aumentar seu valor. Pode-se até afirmar que essa situação constitui o grau mais elevado da liberdade; pois, afinal, se o Oblato obedece às Constituições é porque ele as quis e as quer. Ele escolheu a obediência. Ele se impôs a si mesmo a sua vontade e conseqüentemente faz exatamente o que ele quer. Essa é a força dos Oblatos. Um Beneditino de Nossa Senhora dos Eremitas, Frei Francisco de Sales, me dizia: O Oblato é o religioso de nossa época. Possui tudo o que é necessário para prestar socorro à sociedade, ele dispõe de todos os recursos para sua atividade.

De fato, esse modo de vivência religiosa combina com todas as situações e de todos os momentos da vida. Um Oblato será marceneiro, confessor, pregador, até mesmo juiz de paz, como em Pella.

Nunca existem forças sem haver resistência, sem haver ponto de apoio. Esse ponto de apoio o encontramos em nós mesmos, como os Jesuítas o encontram na sua Congregação. É uma força, um valor absolutamente instrínseco e que pode produzir efeitos mais consideráveis do que de outra forma, porque cada um se empenha pessoalmente e de acordo com a graça que Deus lhe concede.

Eis o nosso ponto de apoio, a nossa força. É a alavanca mais possante que se pode encontrar. Há uma semelhança entre as leis físicas e as morais. Se valemos algo, é devido a esse princípio. De fato, esse modo de agir deixa, na prática da Regra, uma liberdade muito grande e permite à inteligência todo o vigor de seu desempenho.

Cada Instituto detém um princípio religioso necessário que é igual para todos: é o mesmo fundamento, a mesma base que alicerça todos os religiosos. Sobre essa base, cada Ordem ergueu espontaneamente uma legislação de Constituições, apropriadas à sua vida interior; essas constituem o espírito próprio de cada Instituto. Assim o Jesuíta se en-

contra à disposição do seu Superior, tamquam cadaver (como cadáver). Certamente, isso é uma coisa muito bonita e essa coesão de todas as vontades, assim sacrificadas, é admirável. Mais uma vez, entre nós, cada um mantém sua individualidade. Participa naturalmente de todos os benefícios da vida religosa; é ajudado pelas orações dos seus coirmãos, tem todas as vantagens dos votos; mas, por exemplo, quando ele for atacado, é a ele só que se ataca e não toda a Congregação. Digo isto, porque me lembro que, fazendo algumas pequenas observações a um Jesuíta, ele me disse: "Em mim, o Senhor está atacando toda a Companhia!" Certamente, não era isso a minha intenção.

Se essa maneira de pensar lhes parece estranha, lembrem-se mais uma vez de que nós não somos religiosos como todos os outros. Non religisosae, neque moniales, sed potius oblatae censendae sint (não e as considere religiosas, nem monjas, mas antes oblatas), dizia São Francisco de Sales; é essa a meta que nós também nos devemos propor.

Há uma Ordem religiosa que nunca precisou de uma reforma; posso afirmar, num certo sentido, que é essa que mais se parece aos Oblatos; é a Ordem dos Cartuxos. São os mais amarrados, os mais estritos, parece, e, no entanto, são os mais livres. Sozinhos com Deus nas suas celas, fazem e pensam o que querem.

Reparem também nos últimos Decretos de Roma, referentes aos religiosos: o que transparece é justamente um pouco a deslocação dos religiosos propriamente ditos. Os Decretos parecem dar a cada religioso maior responsabilidade de seus atos próprios.

Um Oblato, portanto, não seja meramente uma máquina, uma engrenagem ou uma biela, mas uma coisa completa, total, uma unidade e não uma parte.

Mas esses princípios será que levam os Oblatos a serem orgulhosos, independentes? Absolutamente! Seria compreendê-los muito mal; seria dar-lhes uma tendência que não têm de forma alguma. Pelo contrário, sejam os Senhores fiéis a esses princípios e terão um grande respeito pelos Superiores; e essa liberdade a usarão como convém, como Deus quer, para executarem melhor o que a obediência lhes impõe. São Francisco de Sales, em sua grande perspicácia, previa bem, já na sua época, o declínio do mundo. Via muito bem que essa tendência iria sempre aumentando, por isso quis lançar os fundamentos, os princípios novos. Ele julgou que o melhor seria fundar uma Congregação de indivíduos que

se reunissem vivendo em comunidade e participassem em todas as vantagens da união, da simplicidade de vida e da uniformidade. E o conseguiu plenamente. Viajando pela Itália, eu visitava as Visitandinas; parecem-se perfeitamente com as da França e de todos os países. No entanto, ela não têm nenhuma palavra de ordem. Cada uma delas é livre no seu ofício, praticando a obediência. Entre nós, pois, é no indivíduo que está a força, aproveitando os recursos que Deus pôs em cada um de nós. Agradeçamos-lhe, portanto, essa grande graça que nos deu; saibamos corresponder a ela com nobreza e generosidade, mostrando-nos, conforme o conselho de São Paulo: In omnibus teipsum praebe exemplum bonorum operum, in doctrina, in integritate, in gravitate, verbum sanum, irreprehensibile (Tt 2,7) (Sê tu mesmo um exemplo de conduta, íntegro e grave na exposição da verdade, exprimindo-te numa linguagem digna e irrepreensível...)

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 3 DE MAIO DE 1893

A RESPONSABILIDADE PRÓPRIA

Hoje vamos introduzir uma mudança que considero útil. Após o Capítulo de Culpas dos Professos, os Noviços virão assistir esta reunião. Na verdade, não se conhece suficientemente os Noviços. Já que um dia a comunidade será convidada a dar seu parecer sobre eles, é bom que os veja e os conheça. Estes encontros poderemos aproveitar para conhecê-los, como também os contatos que poderemos ter, durante o dia, com aqueles que dão aula ou têm algum serviço no colégio. Isso será, pois, como uma aproximação da comunidade.

Recomendo-lhes insistentemente, a esse respeito, que edifiquem os Noviços. De fato, o que forma os Noviços é o Noviciado; se não se edificar os Noviços, o Noviciado por sua vez não será edificante; serão Noviços medíocres e, conseqüentemente, serão Professos medíocres.

Importa que o Noviço encontre na pessoa de cada Professo um modelo de observância exata, de caridade, de fervor; é indispensável que o Noviço possa considerá-lo como exemplo e, imitando-o, comece a seguir o caminho que terá que trilhar mais tarde. Se, pelo contrário, o contato se estabelecer com Professos que ainda não estejam firmes ou bem impregnados do verdadeiro espírito, então surgirão deficiências deploráveis. Isso precisa-se prevenir cuidadosamente.

É muito importante que todos os membros da Congregação se santifiquem e que se possa dizer-me - como, de resto, muitas vezes me foi afirmado -: "Todos os Oblatos se parecem!" Precisaria sobretudo que se pudesse dizer-me: "Todos os Oblatos são santos!" Todos nós somos chamados a sê-lo de verdade; não poderemos realizar coisa alguma sem sermos santos. Não temos uma organização social que nos permita brilhar e não podemos reluzir ainda por nossas obras. A Congregação, portanto, não vale a não ser através do valor pessoal de seus membros, da santidade deles.

(Após a entrada dos Noviços:)

Meus Amigos, devemos compreender bem o que é um Oblato. Não se creia que seja algo fácil de realizar. São Francisco de Sales dizia a Santa Joana de Chantal que lhe pedia que formasse sacerdotes conforme o espírito dele: "Consegui formar só um e meio durante toda a minha vida. Em geral," acrescentou, " os Padres são demasiadamente raciocinadores, não são suficientemente submissos e não consentem tão facilmente com as idéias que se lhes quer comunicar."

Era com a idéia de fundar os Oblatos que estabelecera a "Santa Casa" de Thonon para reunir aí Padres que deviam viver conforme uma regra e um espírito que ele queria lhes dar. Recuou frente às dificuldades.

Qual é, então, o modo de formar sacerdotes? Entre os Jesuítas se incorpora todo o mundo num regimento; incute-se grande estima pela Companhia; eles se alimentam e se robustecem dessa apreciação. São esses recursos válidos e bons. Longe de mim criticar isso. Mas um Oblato, segundo a própria Constituição, não deve fazer isso, porque o nosso modo de agir será sempre sumamente pessoal. O que o Jesuíta encontra na Companhia, nós devemos encontrá-lo em nós mesmos. Retomo esse princípio. Um Oblato não é - no verdadeiro sentido da palavra - um religioso.

É uma pessoa que em todas as suas atividades, em todos os momentos do seu dia, se oferece continuamente a Deus e vive dele. "Ut Deo oblati sitis" (Que sejam ofertados (= oblatos) a Deus), augura-se no dia da profissão. É essa a sua força motriz. Estejamos, portanto, em cada instante nas mãos de Deus; firmemo-nos nessa vontade; desejemos o que Deus quer; então é que agiremos no espírito de Oblato.

Agora, ao saber o que lhe toca fazer, se encontrar um vizinho seu que não segue bem a Regra, o que significa isso para o Senhor? Não o imite, mas procure em si mesmo o que lhe basta e não naquele, a não ser que o Senhor esteja responsável por ele, sendo-lhe o Mestre de Noviços. De fato, eu ponho sempre como princípio que o Oblato não é Jesuíta, não é congregante. Nosso mérito não consiste no que os outros fazem ou não fazem, mas naquilo que cada um de nós faz por si mesmo, doando-se inteiramente a Deus, tal como é. Fazendo isso, a gente não perde tempo. Insisto muito nisso, porque é a idéia força de São Francisco de Sales, é toda a doutrina da Boa Madre Maria de Sales.

Lembrem-se bem disso para se tornarem bons Oblatos. A esse propósito, quero fazer-lhes uma recomendação. Um Oblato falta ao silêncio. Quase eu preferiria vê-lo roubar! De fato, para alguém que se doou a Deus para todos os instantes de sua vida é uma grande imperfeição, e grande nas suas conseqüências. Não quero dizer que o Senhor comete um pecado mortal. Mas faz mais do que um pecado, comete uma falta, uma desgraça. Um pecado se perdoa e é reparado; uma falta não se repara; sempre fica alguma coisa. Será que é possível não faltar ao silêncio? No Seminário, nós éramos 18 na aula; com exceção de dois ou três que não tinham vocação e que não ficaram, ninguém faltava ao silêncio. É assim que se prepara sacerdotes fervorosos, piedosos, sérios e operadores do bem. Todos os meus colegas eram assim. Por quê? Não tenho dúvida ao afirmar: porque eles sabiam guardar o silêncio. Evitem igualmente com cuidado todas as pequenas faltas contra a Regra, as faltas contra a caridade, as voltinhas que manifestam leviandade de quem as faz.

Resumindo, volto a dizer: o que constitui o nosso valor é a nossa vontade própria. Não somos escravos, não vivemos em regime de exército. Somos pessoas que se doaram a Deus. Temos à mão o Diretório, as Constituições; basta seguirmo-los. Se fizéssemos bem isso, o Mestre de Noviços, o Superior não teriam mais nada que fazer a não ser cuidar

de si mesmos.

Essa forma de praticar a Regra, conservando nossa individualidade, dar-nos-á muita força e cada um de nós terá o mérito de suas virtudes.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 10 DE MAIO DE 1893

A ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES - VIDA INTERIOR E OBEDIÊNCIA A MISERICÓRDIA DE DEUS E A FIDELIDADE DO OBLATO A OBEDIÊNCIA

Peço a todos os Padres que rezem muito pelo recrutamento da Congregação. Precisamos de membros em número suficiente e sobretudo de qualidade suficiente. Durante o Sacrifício da Missa, na hora da Comunhão, peçamos isso com fervor ao Bom Deus. É uma recomendação do seu Superior; atendam-na pontualmente e ao pé da letra.

Retomo mais uma vez e sempre de novo o que dizia em outra oportunidade, ou seja, que para se formar uma idéia exata do Oblato de São Francisco de Sales, deve-se considerá-lo como um homem doado e entregue a Deus, ao observar a Regra, sendo fiel àquilo a que se devotou.

O Oblato de São Francisco de Sales não tem exteriormente a proteção que gozam os membros das grandes Ordens, os Jesuítas, os Dominicanos, os Franciscanos; ele age mais individualmente. A ação que pratica, todas as vezes que não estiver completamente de acordo com a Vontade de Deus, que não estiver plenamente na dependência de Deus, que for uma ação puramente humana, segundo o espírito e a mentalidade de São Francisco de Sales, essa ação é tida mais ou menos como estéril no que diz respeito aos efeitos sobrenaturais.

Cada Oblato mesmo deve ser a sua comunidade própria; ele deve viver dentro de si mesmo. Deve possuir, por dentro, a constância, a fi-

delidade, o amor de Deus que lhe são necessários para conservar e desenvolver as graças de sua vocação, as obrigações da obediência. Aí está o verdadeiro sentido de sua vocação. Querem os Senhores praticar essa obediência, não só exterior, mas também interiormente? Será que sua vontade se prende fielmente e com amor a tudo o que é fixado, a tudo o que é indicado, a realizar com capricho tudo o que o Superior manda? Está bem, o Senhor tem vocação; caso contrário, dir-lhe-ei: "Não tem vocação para ser Oblato." Uma outra Congregação talvez mais lhe convenha, mas não a nossa. Não pretendo afirmar que os Oblatos sejam tudo o que há de melhor no mundo, mas quero afirmar, sim, que os Oblatos não são como os outros religiosos. O Oblato se dedica à execução constante da Vontade de Deus; ele se devota também à doutrina de São Francisco de Sales. Em meio às diversas opiniões teológicas, ele abraça e sustenta as que São Francisco de Sales defendia.

Com referência às opiniões teológicas, importa compreender bem o espírito da Boa Madre e o de São Francisco de Sales. Um dos nossos Padres encontrou nestes dias o Padre Tissot e discutiu com este sobre o espírito da Boa Madre e a doutrina dela que o bom Padre prega tanto quanto pode. O Padre Tissot afirma que o fundamento, o princípio e todo o desenvolvimento da doutrina da Boa Madre se baseia unicamente na misericórdia infinita de Deus. Nisto consiste "o Caminho": uma caridade nova, imensa que envolve as almas. Não se deve reparar demais, continua Padre Tissot, a maneira como a alma responde a isso; a fidelidade não deve ser considerada a não ser bem secundariamente; a tal ponto a misericórdia é gratuita e age independente da nossa fidelidade. "O Caminho" depende, portanto, quase totalmente de Deus, dessa misericórdia que se manifesta tão ampla que se aplica à alma mesmo no meio das infidelidades desta.

Sem dúvida, a misericórdia de Deus é totalmente gratuita; entretanto, na concepção de "O Caminho", como entendido pela Boa Madre, além da misericórdia divina, deve-se dar lugar também à fidelidade humana. Essa misericórdia de Deus não atuará, às mais das vezes, a não ser que houver fidelidade. Pregando sobre "O Caminho", deve-se frisar tanto o lado do homem como o lado de Deus, tanto a necessidade da fidelidade quanto a gratuidade da misericórdia. "O Caminho", segundo a Boa Madre, não é uma coisa totalmente mística, completamente extraordiná-

ria; não, tendo como primeiro princípio o apelo inteiramente gratuito de Deus misericordioso, conta, como segunda condição, com uma fidelidade completa, amorosa e filial.

Apliquemo-nos, portanto, a essa fidelidade absoluta que o Diretório nos pede. Por quê? Repito, porque nós não temos o treinamento que os outros religiosos têm; não somos garantidos, respaldados como se pode ser em outras Congregações; a natureza de nossas obrigações, de nossas funções não nos faz depender, a todo momento e em tudo, do que os outros membros da comunidade fazem. Para ser Oblato, é imprescindível preencher pessoalmente as obrigações de Oblato, cada uma delas com a maior exatidão. Se a gente põe dez anos, vinte anos como condição para ser um bom Oblato, isso não é demais. A Boa Madre me dizia que se precisaria trinta anos para chegar a ser um bom Oblato. A gente não o alcança a não ser à custa de trabalho consigo mesmo, por meio da fidelidade ao Diretório e da obediência em cada serviço a nós confiado. Tudo isso eu já disse umas sete ou oito vezes e repito mais uma vez. O tio Fleury repetia continuamente: Deus é fiel; ele não se pode enganar, nem enganar a nós. Esse ditado, incessantemente repetido, ficou: foi o fundamento e a base da educação dos jovens que o escutavam. Que essa convicção da necessidade de nossa fidelidade seja também o nosso alicerce, o nosso sustentáculo. Que cada um disponha de tudo o que é necessário para responder a Deus, não mais ou menos, mas com muita exatidão e grande pontualidade.

Compreendam bem que a vida dos Oblatos é mais interior do que exterior. O que dirige o exterior do Oblato é a vontade interior; o Oblato é essencialmente um homem interior, homem de meditação, de oração, que vive na presença de Deus e para Deus. Se não rezar, se não for um homem interior, nunca poderá satisfazer a suas obrigações e fará tudo mal feito.

Dito isso de maneira geral, vejamos nossas obrigações em particular. O Oblato tem votos religosos, os votos da Pobreza, Castidade e Obediência.

Como deve ser a Obediência do Oblato? Não é a do Jesuíta, perinde ac cadaver (exatamente como um cadáver). Não, o Oblato é um homem vivente ao obedecer; obedece no pleno uso de suas faculdades, de sua vontade, de sua vida. Não é um cadáver; não se aniquila para obedecer;

não precisa lutar, vencer e superar dificuldades insuperáveis. O Jesuíta presta a obediência de um soldado. É um militar; ele sai; não lhe faz diferença, ele vai, aniquilando toda a consideração pessoal e toda a vontade própria. O Oblato ao obedecer não desfaz nada, implica a sua vontade própria, pondo-a na dianteira para obedecer melhor; ele envolve o seu coração; não é como um homem morto, mas como um ser vivente que oferece a Deus a oblação e o sacrifício de sua vontade, como fazia Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele se oferece sempre como ele, da mesma forma como ele... - Mas essas são minúcias de que o Senhor está falando agora! - Nada disso. Entendam quanto mérito a nossa obediência possui, quanto poder pode adquirir sobre o coração de Deus, ao ser ela toda completa e viva, quando a vontade humana a acompanha e reforça. Essa é a doutrina da obediência, como ensinada por São Francisco de Sales.

O que é que São Francisco de Sales faz? Quais os exercícios pelos quais ele deseja conduzir a alma a essa vida de união com Deus, a esse amor de complacência que é a finalidade da nossa vida religiosa? Primeiramente, através da obediência. A obediência é uma doação; não é agradável, contraria-nos o caráter, os sentimentos; de qualquer maneira, é um peso. Como submeter-nos? Por intermédio de Nosso Senhor. Unamos a nossa vontade à dele. Vós o quereis, Senhor? Eu também. In manus tuas commendo spiritum meum (Em vossas mãos entrego o meu espírito). Tudo se rebela dentro de mim? Ofereço-vos tudo, Senhor, faço-me vosso servo. Não! Servo não, mas amigo de vosso Coração. É Deus que me fala na obediência. É uma bênção que recebo, que Vós me ajudais a receber. Quero acolhê-la com respeito, com amor. Então, meus Amigos, amamos a obediência dada e amamos a quem no-la dá. Nossa vida é uma vida de caridade e de união com Deus; estamos unidos com nossos irmãos e unidos com nosso Superior. Na obediência, como devemos praticá-la, somos tão obrigados a querer bem o Superior como a amar a própria obediência. Faltar-se-ia ao voto, contrariar-se-ia frontalmente o espírito no qual se deve cumpri-lo, se não se observasse esse ponto essencial. É essa a nossa doutrina. A obediência assim praticada não é uma sujeição. É o exercício mais nobre, mais generoso da nossa vontade. Assim é que os Anjos, as mais perfeitas criaturas, obedecem. A obediência não lhes custa. Nós não somos Anjos, mas devemos tender a esse tipo de obediência. É a finalidade e o espírito do Instituto.

Que cada um de nós, portanto, esteja atento a cumprir nesse espírito com todas as funções que lhe foram confiadas: o magistério, a vigilância, serviços pastorais e trabalhos manuais. Em todos os contatos com as crianças e os jovens, siga-se exata e pontualmente o que esta marcado, as recomendações que a obediência estabeleceu. Não se permitam nunca a mínima oposição em matéria de obediência. Estejam tão bem unidos com Deus que não ocorra nunca uma falta voluntária contra a obediência, ou então corrijam-na imediatamente.

Ouço às vezes que alguém dos Senhores se deixou levar um pouco pela impaciência para com os meninos, dando-lhes um tapa ou uma bofetada, reagindo com demasiada vivacidade. Isso é terminantemente proibido pela Regra dos Oblatos; é severamente proibido também pelas leis civis e as conseqüências mais sérias podem surgir daí. Isso pode levar à prisão; e, em nossos dias, há muita gente que estaria feliz por fazer isso acontecer. Há em nossa volta muitos mal-intencionados que julgam tudo duma maneira lastimável.

Realizando o que lhes acabo de dizer, apoiando-se firmemente nos princípios expostos, certamente evitarão muitas atitudes desmedidas e sairão bem-sucedidos no que fizerem. O que eu disse no fim não se aplica, naturalmente, a todo o mundo; é uma observação que tenho feito algumas vezes.

Dediquem-se todos com afinco à obediência tal qual lhes explicamos. Cuidem para não faltar a isso. Se porventura cometermos alguma falta, procuremos logo repará-la. Não tenhamos, do resto, a pretensão de que tudo corra sempre perfeitamente bem: "Fili, accedens ad servitium Dei praepara animam tuam ad tentationem" (Filho, prontificando-se ao serviço de Deus, prepare-se para a tentação). Aplicaremos isso a nós.

Formemo-nos decididamente, portanto, para essa obediência inteiramente livre, totalmente espontânea, plenamente generosa, obedecendo por amor e para agradar a Deus e a Nosso Senhor Jesus Cristo. Dobremos a vontade própria, unindo-a com a do Superior. Ao obedecermos assim, nossas forças se centuplicam.

Cada um examine bem e veja atentamente. O tempo passa ligeiro. O tempo que deveríamos aproveitar bem e que perdemos não volta

mais. Ponham-se logo a trabalhar. Empenhem-se todos aplicadamente e exerçam-se especialmente na obediência comleta, generosa e cordial, a verdadeira obediência do Oblato de São Francisco de Sales.

Fixemos bem isso e estaremos enraizados no espírito do Instituto.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 24 DE MAIO DE 1893

AS "CULPAS" - OBEDIÊNCIA AFETIVA - A CARIDADE
A PREPARAÇÃO PARA O DIA

Tem que se aproveitar todos os meios que o estado religioso oferece para santificar-nos, por exemplo, as "culpas". A maneira como são expressas manifesta a humildade. Esse ato de humildade é tão agradável a Deus que o dispõe a perdoar-nos as faltas imediatamente.

Essa acusação pública, se a fizermos bem feita, não somente nos perdoará as faltas acusadas, como também nos proporcionará um acréscimo de graças por nossa fidelidade religiosa. No sacramento, a graça está ligada diretamente ao sinal visível: à água no Batismo, ao pão e ao vinho na Eucaristia. Nos sacramentais há graça também, menos considerável, sem dúvida, dependendo mais das disposições pessoais, mas ela está presente e convém acolhê-la o mais amplamente possível. Ponhamos fielmente em prática as prescrições da Regra com esse espírito que o Santo Fundador nos solicita, a saber, com humilde compenetração, com gravidade e seriamente piedosos. Cultivemos assim com atenção a particularidade própria dos Oblatos de São Francisco de Sales.

No último Capítulo, falamos sobre o espírito de obediência dos Oblatos. Não basta obedecer em espírito de dependência dos Superiores, mas de modo afetivo. A razão que lhes indiquei é que o religioso não é mais servidor, mas o amigo de Deus. O que o Bom Deus nos pede a-

través da obediência importa darmos com amor. É preciso dirigir-se ao Superior com o afeto do coração, pois tudo o que ele nos solicita vem de Deus. Eis o motivo sobrenatural da nossa doutrina sobre a obediência; é isso o que nos deve ligar à obediência e nos ocasionar esse espírito de afeto que deve ser a característica particular da obediência dos Oblatos. Somos obrigados a praticar essa obediência afetiva, mais do que qualquer outra Congregação, pois o princípio do amor deve reinar em todas as nossas ações.

Essa obediência afetuosa é muito boa e altamente digna. Não se trata mais de obediência passiva, a sujeição de uma vontade a uma outra; é a submissão à única Vontade de Deus; é o amor para com a Vontade de Deus; é o uso mais elevado, mais digno que podemos fazer da nossa liberdade. Ao obedecermos assim, gozamos perfeitamente de toda a extensão de nossa liberdade. Realizamos uma ação que nos convém; praticamo-la porque a queremos bem. Não é sob a dominação de uma paixão, forçados por nossa incapacidade própria que agimos. Nada impede a nossa liberdade. Fato é que queremos assim, oferecendo a nossa liberdade e com ela, o nosso coração. Somente a incapacidade, uma vontade mal orientada, a predominância das paixões podem dificultar o dom de nossa vontade. Esta, então, não é mais inteiramente livre, nem poderá mais dar largas ao amor do coração, no encontro com a verdade e a felicidade.

Não há nada tão respeitável quanto o exercício da liberdade nesse sentido. Todos os seres obedecem; os animais obedecem, mas a verdadeira obediência, a de um pensante, implica em ser suficientemente dono de si mesmo, a ponto de jamais sujeitar a vontade a uma paixão, nem fraqueza qualquer, mas somente a Deus que amamos e que nos ama. A obediência, assim entendida, é sempre bonita, grandiosa e digna. Não só não rebaixa, mas eleva e engrandece; é o que há de mais lindo, porque nos aproxima de Deus e nos ergue até ao Verbo Divino. Ele próprio nos quis dar o exemplo: Factus nobis obediens usque ad mortem, mortem autem crucis (cf. Fp 2,8) (Para nós foi obediente até a morte e morte de cruz). Essa obediência enobrece a pessoa, coloca-a em comunhão com Deus. Os Senhores experimentarão isso; quando tiverem obedecido assim, verão como Deus fica mais perto: no breviário, na meditação, na Santa Missa e na Comunhão. Quanto mais se avançar nesse sentido, mais se adentra na intimidade de Deus.

Exercitemo-nos bem, portanto, nessa obediência, lembrando-nos freqüentemente de que é um ato sumamente elevado e livre por excelência. Somos, então, os senhores, desembaraçados de toda a paixão, libertados do nosso orgulho, de nosso egoísmo, de nossa mesquinhez. Nem a inveja, nem a ambição nos dominam; espezinhamo-las e dirigimo-nos a quem amamos e por quem anelamos. Domine, adjuva incredulitatem meam (cf. Mc 9,23) (Senhor, ajuda a minha incredulidade). Peçamos a Deus que nos ajude a compreender profundamente essas coisas. Não nos desanimemos diante da nossa incapacidade, da nossa insuficiência. Creiam-me, um religioso é bem outra coisa do que um estúpido ou uma máquina que obedece a um teclado. Os Senhores entraram numa comunidade religiosa para obedecer, mas não por isso se tornaram escravos, atropelados à base de chicotadas. Se é assim que entendem a obediência religiosa, não estão no seu lugar; não deviam entrar na vida comunitária. Procuram servir-se, na obediência, de paliativos, de meios-termos; não é esse o nosso jeito; nossa obediência deve ser bem outra. Nós obedecemos por Deus, obedecemos diretamente a Deus; fazemo-lo livre e espontaneamente, por amor. Sustentem a sua palavra nos termos em que se comprometeram. Dessa maneira farão o que querem, pois nada desejarão a não ser a Vontade do Bom Deus. O homem representa um valor e não se deve aniquilá-lo nem minorá-lo; a obediência como a entendemos enobrece o homem em vez de rebaixá-lo. Era um grande filósofo, esse São Francisco de Sales. Em vez de esmagar o indivíduo, transformando-o numa máquina, pelo contrário, através da obediência é que o faz exercer plenamente sua vontade e sua liberdade. Não são apenas frases bonitas que lhes digo, mas uma coisa altamente positiva e de grande valor prático. Obedecendo dessa forma, a gente é pessoa humana de verdade; de outra maneira, um nada. Isso seria vergonhoso! Ego dixi: Dii estis et filii Excelsi omnes (S 81,6) (Eu disse, sois todos filhos do Altíssimo). Somos verdadeiros filhos de Deus (cf. 1 Jo 3,1). Eis aí a obediência segundo o espírito de São Francisco de Sales e da Boa Madre; observem aonde conduz, ou seja, à caridade para com Deus e à caridade para com os nossos irmãos.

O que é a caridade?

Às vezes é difícil praticar a caridade. No entanto, é o mandamento explícito de Jesus Cristo. É o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro (cf. Mt 22, 38.39).

Como deve ser a caridade entre nós?

Deve ter as mesmas características como a obediência; deve ser generosa, nobre e afetiva.

Entre coirmãos, entre membros da mesma família, deve haver uma união íntima e inabalável. Nas famílias mais unidas, mais cristãs, se dão às vezes algumas desavenças: a gente se zanga devido a certos defeitos de caráter. Especialmente isso há de acontecer numa Congregação cujo vínculo é todo sobrenatural e onde os temperamentos, a educação, os caracteres, as idéias são diferentes. É necessário que a caridade domine e dirija tudo. É importante que apliquemos o mesmo raciocínio como em relação à obediência. A Providência divina pôs ao meu lado tal pessoa que contraria a minha maneira de ver, que me incomoda e não me agrada, humanamente falando; mesmo entre os melhores amigos é impossível que haja sempre inclinações e idéias tão uniformes que não ocorra, de vez em quando, algum atrito. É como os vasos de barro que se roçam e se machucam. De que maneira, então, exercer a caridade para com o próximo?

O ponto de partida é que Deus quis as coisas assim. O Senhor, tendo maior dificuldade em relação a uma determinada pessoa, livrar-se-á disso através de um propósito mais firme. Coloque-se acima de suas repugnâncias, de suas apreciações e faça o que Deus lhe pede: pratique a caridade, não revidando choques com choques, senão amando o próximo que lhe é desagradável.

Mas como amá-lo?

Em cada um de nós há algo de bom. Deus nos ama a todos; isso já é uma coisa apreciável, esse amor de Deus em nós. Além disso, em cada um de nós há algo das perfeições divinas: em nossa inteligência, em nosso coração; é um raio emanado da luz eterna de Deus, é uma inspiração, um sopro do seu Coração. Por que não considerar isso para amar o próximo? Por que restringir-nos ao aspecto desfavorável que o semelhante apresenta? Por que o Senhor se empenha por enxergá-lo às avessas? Dessa maneira o Senhor não é capaz de fazer diferente. O Senhor é curto de inteligência e fraco de vontade. Isso é covardia. O Senhor é vítima de inveja ou de amor próprio e isso lhe induz a seguir seu primeiro impulso; é a paixão a cujo primeiro impulso o Senhor cede. A paixão que o

escraviza domina todo o outro sentimento; o Senhor não está livre, não está desimpedido. Liberte-se e, daqui por diante, encare as coisas corretamente.

Estamos ligados por laços sobrenaturais; a vida dos Oblatos deve ser a vida mais sobrenatural que se encontra entre todas as Ordens religiosas. Não quero dizer, mais uma vez, que nós sejamos melhores do que os outros, mas devemos ter em nossa vida um quê sobrenatural mais acentuado do que qualquer outro religioso: nenhum outro Instituto tem Constituições, um Diretório que lhe solicita um sacrifício tão completo a nível natural. Quantas vezes Dom Cortet, no começo, me repetia: "Padre Brisson, o Senhor sempre se move no sobrenatural! Certamente umas cem vezes, ele me disse isso, com ar de satisfação quando éramos amigos e umas cinqüenta vezes, em voz de censura, quando estávamos de mal. Pouco interessa o tom; ele me dizia e repetia muitas vezes aquilo. Muitos outros o perceberam e afirmaram. Um homem bom, já falecido, cuja filha é Visitandina, tinha internado o filho em "São Bernardo". "Por que colocou Alexis no colégio dos Oblatos?" perguntavam-lhe. "Lá não educam, não são Jesuítas!" É evidente, meus Amigos, nós não fazemos as coisas como os outros. Não temos uma maneira extraordinária de agir nas coisas temporais, não somos gente excepcional; sabemos o que valemos, independente do modo de que os outros nos encarem. Conseqüentemente sabemos qual é o espírito conforme o qual devemos viver.

As Constituições da Congregação nos ensinam que devemos viver com espírito de muita caridade, que os nossos relacionamentos mútuos sejam relações totalmente sobrenaturais, ou seja, que esses contatos devem ser simples, bons, sem afetação, fundados na caridade, no amor de Deus. É Deus que devemos procurar e amar em nossos irmãos e não seguir nosso impulso natural, as nossas paixões. Assim é a caridade conforme as características indicadas por São Paulo: Caritas non aemulatur, non agit perperam, non inflatur... (1 Cor 13,4) (A caridade não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho).

Temos que situar-nos a partir dessa visão totalmente sobrenatural. A caridade exercida assim é uma coisa bonita. Naturalmente, custa. Suponham: somos atingidos emocionalmente, calemos nossa emoção; somos feridos por uma falta de consideração, por uma descarga sentimental que nos ofende, recorramos interiormente ao Bom Deus e exteriormente não percamos a linha. Houve algumas palavras ásperas, um pouco contrá-

rias à caridade e à humildade, façamos o que a Regra indica. Naturalmente, é difícil fazer isso nos colégios, nas obras onde estamos distantes uns dos outros; procuremos o momento e façamos as pazes logo que nos encontrarmos na comunidade. Pratiquem isso de bom grado e ajam da mesma forma com seus Superiores e para com seus coirmãos. Segurem firmes as rédeas de sua boa vontade, estejam sempre atentos. Verão que nem sempre se consegue ficar isento de pecado, seja contra a caridade, seja contra a obediência. Cuidem de si mesmos e suas faltas se tornarão cada vez menos freqüentes e, sobretudo, cada vez menos graves.

De manhã, durante a meditação, no exercício de preparação para o dia, como recomenda nosso Santo Fundador, prevejam tudo com atenção: Vou me encontrar hoje com fulano ou beltrano; vai ser difícil; meu Deus, peço-vos de antemão vossa graça! Poderá acontecer que naquele dia o Senhor se saia muito pior do que nos dias anteriores, que vá bem no sentido oposto dos seus propósitos e promessas. Recomece! E se ainda for mal-sucedido, pode ser que na terceira vez o Senhor acerte melhor. É assim que nos tornaremos santos. É através dos esforços de cada dia que nos aperfeiçoamos. A santidade, encarada assim, é fácil. A Boa Madre repetia isso a cada momento. Foi assim que ela se santificou e tornou-se uma grande santa. Nos primeiros tempos, eu perguntei a Padre Chevalier: "É para acreditar no que a Boa Madre diz sobre o Bom Deus?" Respondeu-me: "Se não acreditar incondicionalmente, está muito enganado." Pois bem, a Boa Madre repetia sem parar: Devemos deixar tudo por tudo. Encontra-se tudo de Deus para si e para os outros, depois de entregar tudo à obediência e tudo à caridade, não reservando nada para si, mas após oferecer tudo a Deus o que os Senhores são e tudo do que são encarregados.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 31 DE MAIO DE 1893

AMBIENTE HOSTIL E A VIDA COMUNTÁRIA
A ORAÇÃO PARA QUE VENHA O REINO - O VOTO DE CASTIDADE

Disponhamo-nos corajosamente à fidelidade. Estamos vivendo num ambiente difícil. Em toda a parte ao redor de nós, se perde terreno de maneira assustadora. A religião é atacada; procura-se desfazer o clero, parece. Ora, todos esses ataques são de ficar com medo mesmo. Há alguns dias, encontrei um bom pároco. Ele me afirmava que é necessário a gente ter uma boa dose de energia e de força para não ser abalado, estando tão isolado na sua função sacerdotal. Temos, evidentemente, o Bom Deus, ele me dizia, mas temos também o diabo. Nada que nos anima, pelo contrário, tudo nos inibe a ação. A gente se firma por um ato de fé e de confiança em Deus: é isso só o que temos para ficar de pé. Enquanto alguém encontra um problema, alguma dificuldade, os Senhores, nas suas comunidades, experimentam logo conforto e luz... O pároco é o vaso de barro e ao longo de seu caminho só encontra perigos de se machucar e se fraturar e passa se angustiando. Lembrem-se, meus Amigos, do último Capítulo que lhes fiz; esforcem-se por suavizar os atritos. Tudo isso, creiam-me, é pouca coisa em comparação com o que poderiam ter que sofrer em outra parte.

Correspondamos, meus Amigos, fielmente às intenções do Santo Padre, o Papa. Trabalhemos, rezemos para que o Reino de Deus volte sobre a terra, para que a Santa Igreja retome o seu lugar e sua posição no mundo, para que a fé renasça nos corações. Na hora da Missa, na Comunhão, rezemos para que Deus apresse esse momento, o momento que a Boa Madre prometeu muitíssimas vezes quando repetia que Deus ainda queria salvar o mundo através de meios por ele conhecidos; que todos ficariam maravilhados em ver a face da terra tão transformada. Ver-se-á isso quando só a Deus caberá toda a glória e os homens não terão contribuído nada. Mas, acrescentava ela, apressem o momento de Deus por suas orações, sobretudo por sua fidelidade. Certissimamente temos meios poderosos à disposição, sendo o mais importante a fé. Se tivessem fé do tamanho de uma semente de mostarda, afirmava Jesus, poderiam transportar

montanhas. Sim, transportaríamos montanhas, se tivéssemos fé, se tivéssemos a convicção de que podemos fazê-lo. Vemos na história da Igreja que é isso mesmo o que aconteceu com São Gregório, o Taumaturgo. Se os simples fiéis aos quais Jesus Cristo se dirigiu têm essa força, essa capacidade através de um pouco de fé, nós, Padres, também a teremos, nós que rezamos a Missa todas as manhãs, nós que seguramos nas mãos o cálice do Sangue de Nosso Senhor. Somos mais fortes do que todas as potências do mundo. Podemos fazer e dizer tudo; os olhos de Deus se prendem ao Sangue de Jesus que fala através de nossa boca e grita ao seu Pai. Nunca deixemos, ao elevar o Sangue de Nosso Senhor durante a Missa, de recomendar-lhe a salvação do mundo, a restauração do Reino de Deus sobre a terra.

Essa é uma idéia que o Santo Padre repete a todos os que ele encontra, ou seja, que as almas fiéis, na hora da Missa, no momento da Comunhão, dispõem de mais força e graças do que todas as forças do inferno. Na Hóstia, no cálice, há mais poder do que em todas as potências do mundo. O Padre, durante a Missa, forma uma unidade com Nosso Senhor, ele o substitui, é o próprio Cristo no altar. Todas as vezes que os Senhores têm algo a pedir, façam-no durante a Santa Missa e com essa certeza.

Nos últimos Capítulos, apresentei-lhes o verdadeiro sentido do voto de Obediência entre os Oblatos. Hoje direi uma palavra sobre o sentido que devemos atribuir ao voto da Castidade. Seria um grave erro crer que nesse voto só houvesse o aspecto negativo: não faltar contra a virtude da castidade. Há também o lado positivo. Todas as virtudes cristãs estão envolvidas. A faceta negativa que proíbe os pecados contra a virtude, sempre tem vigor e força da lei; o lado positivo varia e se modifica mais ou menos conforme os deveres e a condição de cada um. A cada instante devemos respeitar o lado negativo; o aspecto positivo pode não obrigar expressamente em certos momentos; depende da ocasião de praticar a virtude. A de religiosidade obriga a todo o momento no seu aspecto negativo: ininterruptamente somos obrigados a não blasfemar, a não cometer sacrilégios... Não somos obrigados, porém, a ir à Missa a toda a hora, ou a fazer atos de fé, de esperança, de caridade; essa obrigação vale só quando se apresenta a ocasião, encontrando-nos diante de um mandamento a observar. A proibição é de todos os momentos, a ordem é para um momento determinado.

Verifiquem nas suas leituras que quase todos os autores, com exceção de Santo Agostinho, São Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal, tratando do voto da Castidade, só consideram a parte negativa. É um engano. Sem dúvida, faltaríamos contra o voto se não cumpríssemos com o aspecto negativo; mas será que vivemos realmente o voto se não nos preocupamos com o lado positivo?

A faceta negativa do voto de Castidade proíbe os atos contra a virtude da pureza; proíbe também os compromissos de comum aceitação no mundo: o casamento. Mas a parte mais bonita e melhor desse voto é o lado positivo que nos prescreve um amor especial, um amor de escol por Deus, a quem pertencemos totalmente. Desprendemo-nos do amor dos sentidos, do amor material e humano para consagrar todo o ardor e a chama de nosso coração a Deus. Isso vemos também na pessoa de São João, o Evangelista mais completo, o teólogo mais profundo, o Apóstolo bem-amado, que conservou sua pureza e virgindade, mas também que amava o seu Mestre acima de todos os outros e soube encontrar o meio de encostar-se no Coração dele durante a Ceia.

Santo Agostinho segue o mesmo caminho, ensina a mesma doutrina. Ele é representado com um coração em chamas na mão. Ele também prega o amor de Deus e que esse amor para com Deus se realize na prática de toda a vida. São João representa o amor inocente; Santo Agostinho, o amor penitente. Reparem como os pecadores, como Santa Madalena e Santo Agostinho, podem merecer esta qualificação de amigos de Nosso Senhor.

Esse é o primeiro e verdadeiro sentido do voto da Castidade que devemos compreender. É assim que São Francisco de Sales fez as suas Visitandinas considerarem o voto da Castidade: não devem mais viver, respirar nem aspirar a não ser pelo Esposo celeste.

Muitas vezes a gente não se dá conta claramente daquilo que os afetos do coração devem ser, considerando-os como sensibilidades que não são dignas do homem. Aquele que parece o mais isento de toda a espécie de afeição, que simula não se prender a nada, prova que - se não ama nenhuma outra pessoa - é que ele ama a si próprio, colocando-se acima de tudo, visando sempre e preferindo a si próprio em tudo.

A prática do voto de Castidade nos obriga, pois, a amar a Deus de forma toda especial, a amá-lo de todo o coração e com todo o afeto, a amá-lo real, sincera e - eu diria quase - sensivelmente. Sem-

pre temos um certo lado sensível em nós; não somos de pedra, nem de mármore. Devemos relacionar com Deus o que temos de mais delicado e sensível no coração. Isso deve ser o efeito do nosso voto de Castidade. Observem o que São Francisco de Sales afirma no seu "Tratado do Amor de Deus"; reparem todos os santos, o nosso vizinho, Padre Muard. Leiam o que escreveu sobre o amor de Deus. Certamente não é um homem propenso a sensibilidades afetadas: quase não comia nada e vivia de forma austera; fundou uma Congregação sumamente rigorosa. Comparem todos os escritos dos Doutores a esse respeito. São Paulo dizia: Si quis non amat Jesum Christum, anathema sit! (cf. 1 Cor 16,22) (Se alguém não ama Jesus Cristo, seja anátema.) Que seja excomungado! Que a mais terrível maldição caia sobre ele!

Professando o voto de Castidade, então, nós nos comprometemos a amar Nosso Senhor com amor todo especial: Vos autem dixi amicos (Jo 15,15) (Chamei-vos amigos); assumimos amá-lo até a morte, até o martírio; amá-lo de maneira que esse amor o faça viver em nós, que todo o nosso coração, que todas as nossas ações e pensamentos sejam inspirados por esse amor todo particular de Deus. Beati mundo corde, quoniam Deum videbunt. (Mt 5,8) (Bem-aventurados os corações puros, porque verão a Deus). Se não virmos Deus é que não o amamos, porque não temos o coração puro, porque estamos amarrados ao pecado, à sensualidade, ao mal, porque há em nós um amor desregrado do nosso orgulho, da nossa boa vida, das nossas comodidades que nos faz fugir do que nos mortifica; nosso coração não pertence mais totalmente a Deus. Conformemo-nos a essas idéias, compenetrando-nos delas; que essa visão se arraigue no fundo mais íntimo do nosso ser. É para isso que somos Oblatos. Não vale dizer: Eu fiz pecados, não posso amar a Deus assim. É nossa obrigação amá-lo dessa maneira. Santo Agostinho, Santa Madalena também cometeram pecados, mas a medida da maldade anterior deles foi a proporção da sua caridade posterior, como diz o Apóstolo (cf. Rm 5,20). Se não os imitamos no arrependimento e no amor a Deus, não temos desculpas; será a nossa falta; nossos pecados não são um obstáculo, pelo contrário, são um motivo para amar Jesus Cristo mais ainda.

Animemo-nos com esses sentimentos de íntima e afetuosa união com Cristo na Comunhão e na Santa Missa.

Comecemos sempre a nossa Missa com ele, rezemos toda a Missa

em união com ele e, no final, demos a bênção com ele. O Salvador suprirá a nossa insuficiente dignidade que por nós próprios nunca se supera, mas o Salvador supre as nossas incapacidades e indignidades.

Em nossas atividades exteriores, em nossos trabalhos e ocupações, de qualquer tipo ou natureza, sempre devemos lembrar-nos de que aí também devemos praticar o voto da Castidade; só assim é que nosso voto será completo e perfeito, se tudo o que fizermos o realizamos inspirados por esse amor íntimo e especial para com Nosso Senhor, com o fim de comprazê-lo e agradá-lo o mais plenamente possível. Repito, o nosso voto de Castidade tem duas faces que devem ser bem compreendidas: o lado positivo e o aspecto negativo; o lado direito e o avesso; a face negativa não devemos cometê-la; a positiva, essa sim, devemos praticar! É como no caso de uma peça de moradia; antes de pensar em enfeitar, é preciso limpá-la e tirar as manchas; assim também purifiquemos e preservemo-nos o coração do pecado: esta é a parte negativa. Esse primeiro trabalho não torna o nosso coração esplêndido, como tampouco magnífico será o apartamento só pela limpeza. É preciso passar para a segunda parte, o lado positivo, espalhando abundantemente decorações, ornamentos e riquezas.

Nas suas meditações, não deixem de preparar o dia segundo essa intenção; a Santa Missa se aproveite no mesmo sentido; estejam totalmente imersos no Sangue de Cristo, constantemente compenetrados e revestidos dele. O Profeta dizia: Quare rubrum est vestimentum tuum sicut calcantium in torculari? (Is 63,2) (Por que, pois, tuas roupas estão vermelhas como as vestimentas daquele que pisa num lagar?) Se a roupa é toda vermelha é porque os Senhores se misturaram com os que calcavam a uva na prensa. Nós também devemos levar as marcas do Sangue divino, unindo-nos intimamente com Cristo através de um amor cordial.

Peçamos aos nossos Santos Padroeiros que compreendamos bem essa doutrina do voto de Castidade; invoquemos São João, Santo Agostinho, São Francisco de Sales que tão bem desenvolveu esta admirável idéia em seu "Tratado do Amor de Deus"; rezemos também à Boa Madre de Sales.

Quanto mais velho fico, tanto mais me convenço que a Boa Madre era uma grande santa e mais constato que tudo o que ela disse, tudo o que ela fez, estava marcado com o selo de uma imensa santidade que nunca se desmentiu, que jamais faltou em qualquer de seus atos. É uma

grande alegria sermos seus filhos, meus Amigos; certamente alcançaremos muito ao recorrer a ela.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 5 DE JULHO DE 1893

VIDA DE SACRIFÍCIOS - A RETA INTENÇÃO

Meus Amigos, estamos passando temperaturas excessivamente quentes e cansativas. Precisa-se - parece - descansar e pôr-se à vontade. O domínio, por isso mesmo, se torna mais difícil. Recomendo-lhes, entretanto, o domínio com mais insistência do que nunca. Precisamos dar exemplo aos Noviços, aos escolares. Sei muito bem que isso nos custará, mas consideremo-nos obrigados a fazer coisas que nos são custosas. São Francisco de Sales não admite que tenhamos alguma ocupação, que realizemos uma ação qualquer que não seja marcada pelo sacrifício e pela mortificação.

Não poderemos fazer o bem senão sendo religiosos; e o bem se faça de bom grado, apesar das dificuldades, ao ser verdadeiramente religiosos e sendo-o até as últimas conseqüências. É como um mecanismo, uma engrenagem bem feita, à qual não falta dente algum. Seu movimento se realiza e se transmite sem esforço e daí surte o resultado esperado. Se, pelo contrário, faltar algum dente à roda, o movimento se transmitirá de forma irregular, com interrupções e inconveniências de todos os tipos e mesmo com estragos.

Eu gosto de fazer essas comparações, pois as leis morais são impressionantemente parecidas com as leis físicas; as normas morais estão em proporção matemática e geométrica com as medidas de um quadrado.

É mais difícil, meus Amigos, completar três quartos de uma coisa do que fazê-la inteira.

Os tempos se tornam cada vez mais difíceis e críticos. Consideremos as palavras de São João no Apocalipse: Qui sanctus est, sanctificetur adhuc... (cf. Ap 22,11) (Quem é santo, continue a santifi-

car-se). Se não seguirmos no caminho do progresso rumo ao bem, caminharemos inevitavelmente avançando para o mal.

Retomo a explicação do Diretório.

Não volto a falar sobre o que lhes disse muitas vezes na meditação. Para nós a meditação deve facilmente ser a preparação para o dia. Simile est Regnum coelorum homini negotiatori quaerenti bonas margaritas (Mt 13,45) (O Reino dos Céus é semelhante a um negociante que procura pedras preciosas). Devemos espelhar-nos no homem de negócios que, de manhã, prepara seu dia para tirar os melhores resultados possíveis. Também nós devemos nos dispor a praticar quanto mais de virtudes e de bem que pudermos. Não somente devemos fazer para nós essa preparação para o dia, mas devemos, à medida que nos for possível, ensiná-la aos fiéis para que eles mesmos a façam. Ensinemos isso aos Padres, aos nossos alunos, às pessoas que dirigimos espiritualmente, para que essa prática - para eles como para nós - seja a base da santificação.

"Os Oblatos que quiserem prosperar e adiantar-se no caminho de Nosso Senhor devem, ao começar todas as atividades, tanto exteriores como interiores, pedir a graça dele e oferecer à divina Bondade tudo o que fizerem de bem..."

Nessas poucas linhas, meus Amigos, se encontra a característica, o cunho próprio, dos Oblatos de São Francisco de Sales.

O Diretório - particularmente este terceiro Capítulo sobre a reta intenção - tem uma influência sumamente acentuada. Reparem, pois: as Visitandinas são todas parecidas espiritualmente, na sua linguagem, nos seus modos, quase até na sua aparência. É antes de mais nada devido ao Diretório que é o molde do qual elas saem todas semelhantes. Antes de cada ação, um só pensamento ocupa a mente, há um único sentimento no coração. Estes dirigem a atividade e a vida de determinada forma, estabelecendo o modo de agir. A vida, os pensamentos, os sentimentos, a maneira de ser e de agir são os mesmos; chegam a parecer-se até exteriormente. Que nós nos familiarizemos também com esse molde do Diretório, particularmente quanto à reta intenção. A alma, o coração e até quase a aparência de todos nós chegarão a ser parecidos, pelo menos perante Deus e também um pouco aos olhos do próximo.

Este Capítulo sobre a reta intenção tem uma influência enorme sobre toda a vida religiosa. Será esse que mais do que nada fará de nós

o que devemos ser. Em consciência, devemos praticá-lo com tanto capricho como se tivéssemos feito o voto disso. É a grande obrigação da Congregação.

Examinem as Constituições e as Regras dos outros Institutos; nada encontrarão que se assemelhe a este pequeno Capítulo sobre a reta intenção. No entanto, o próprio São Francisco de Sales afirma em algum lugar: "Estas idéias não são originais minhas; o próprio Deus mas inspirou." É essa a razão por que damos tanta importância às idéias de São Francisco de Sales; por isso a própria Igreja sancionou tão magnificamente a doutrina dele.

A Irmã Genoveva dizia-me alguns anos antes de São Francisco de Sales ser proclamado Doutor da Igreja: "Vejo nosso Santo Fundador em Deus. Ele está mais ocupado do que nunca. Será declarado um grande sábio..."

Todo o espírito da nossa Congregação consiste, portanto, na reta intenção. Essa é a nossa alavanca, a nossa força, é o que nos ajuda a cumprir todas as nossas ações. Reparem, pois, meus Amigos, o que São Francisco de Sales afirma, nesse Capítulo: Todas as nossas ações devem ser marcadas pelo sinal da cruz. Não há quem deve sofrer tanto quanto nós. Um bom Oblato deve sofrer tanto e mais do que um Cartuxo, do que um Trapista, que não come, que levanta às altas horas da noite, que dorme sobre tábuas. Cabe-nos, portanto, esperar que haja algum sofrimento em cada uma das nossas ações. Aceitemo-lo com paz e tranqüilidade de coração, como provindo da mão paterna do nosso Bom Deus e Salvador. É sua santíssima intenção que ganhemos méritos para depois recompensar-nos com a abundância do seu amor.

Sim, meus Amigos, essa dificuldade, esse sofrimento provém da bondade paternal de Deus. É um presente do seu amor e um penhor de que depois nos quer dar algo melhor, isto é, o seu amor.

Em que consiste a felicidade dos santos na terra? É a própria provação, testemunho e promessa da bondade de Deus para com eles. Olhem São Paulo; o que lhe dá força no cansaço de suas pregações, nos seus sofrimentos é a compreensão de que tudo isso é a garantia do amor de Deus para com ele.

São Vicente de Paulo dizia: "Sinto no fundo do meu coração que apreciais o que faço: o sofrimento e as dificuldades me são teste-

munho de que sois Vós mesmo que as realizais em mim."

Na reta intenção devemos incluir não só as contrariedades, mas também - como nos diz o Diretório - o agrado e o prazer, as alegrias legítimas que Deus nos põe no caminho. Ofereçamos a ele esse prazer em homenagem de reconhecimento.

Assim prepararemos a nossa vida eterna e esta não será diferente da que nos tivermos preparado. Procuremos, portanto, estar bem garantidos e prevenidos para o momento supremo.

Que seja através do Diretório, meus Amigos, que nos unamos mutuamente na caridade e que sejamos formados de acordo com o modelo que devemos apresentar ao nosso próximo, aos nossos irmãos, a todos os que nos vêem e encontram e nos tomam como exemplos.

Volto muitas vezes ao mesmo assunto. Mas durante quarenta anos apreciava tanto o feliz resultado na Visitação de Troyes. Durante todo esse tempo, posso afirmar, excetuando duas ou três cabeças vazias, - como se encontram sempre em toda a parte - em toda a comunidade não houve a manifestação de um só pensamento contra a Regra, contra a obediência. A que se devia isso? Ao esforço de toda a comunidade de observar o Artigo sobre a reta intenção, de cumprir o Diretório. Era essa a instrução, o sermão silencioso que preenchia e fecundava todos os dias. Esse sermão começava de manhã e terminava à noite, ou melhor, não findava nunca.

É bom chegar a essa união com Deus. Poder humano algum pode obter tal resultado, nem o talento, nem a ciência: é só a reta intenção! Que cada um de nós, pois, tome o Diretório, releia este Capítulo aí e diga: "É o que farei!"

Repito: importa estar decidido! Quando a gente se decidiu, está feito! Necessariamente se faz bem, então, o que cabe ser feito. Esforcemo-nos por observar este Capítulo com capricho. Entreguemo-nos a isso de corpo e alma, não só durante esta semana, mas sempre. Isso nos comunicará algo muito digno e muito vigoroso. Todas as vezes que aderimos a um conselho de Deus não se faz o mal; realiza-se valiosamente o bem: é o próprio Deus que nos aconselha agir assim.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 12 DE JULHO DE 1893

A DISTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES

Tratarei brevemente de um assunto muito importante. Estou-o abordando no Capítulo. Faço isso não para que seja discutido. Imponho a questão como Superior e quero que cada um a aceite, quer aprovando, quer não aprovando.

Temos diversos colégios. Cada professor trabalha com zelo, reconheço-o; longe de mim censurar seja quem for. Coloco-me no lugar de cada um dos Senhores; se alguém não se sai tão bem, reconheço que eu mesmo não faria melhor se estivesse no seu lugar.

Não adianta disfarçar que a luta por nossos colégios é brava. Muitas pessoas não ligam mais à educação cristã e os colégios católicos perigam mais ou menos esvaziar-se. A Universidade se robustece cada vez mais. Gasta-se cada ano somas enormes para sustentá-la. É fácil obter uma bolsa e realizar seus estudos de graça para um jovem que quer colar grau, que quer licenciar-se ou ser catedrático-substituto. Se for necessário, dar-lhe-ão o sustento, conceder-lhe-ão uma verba de 1.000 ou 1.500 francos por ano. Nessas condições a luta é impossível. É necessário enfrentá-la, no entanto.

Primeiramente, esforcemo-nos por ter professores tão bons como na Universidade. Para isso é bom que cada professor não tenha cinqüenta coisas para ensinar ao mesmo tempo. Quem leciona só uma matéria pode aprofundar-se. Ministrando unicamente grego, logo a gente se torna muito versado no assunto. O mesmo vale para o latim e a geografia.

Tomamos, portanto, esta decisão, está bem determinada: as aulas serão dadas por disciplina e cada professor, ao invés de reger uma classe, ficará encarregado de uma matéria. Não se dará mais aula na Série superior ou no Quinto Ano ou no Primeiro, mas se leciona latim, grego ou história.

Há uma vantagem real nisso. Um professor que só ensina uma coisa, eu repito, em pouco tempo e com facilidade pode se tornar...

Assim termina a página 104 do texto policopiado pelo Padre Pernin sênior. Um traço transversal cancela toda essa página. A 105 nos apresenta o começo deste mesmo Capítulo de 12 de julho de 1893, mas duma forma mais elegante, com nuanças de pensamentos, de acréscimos e omissões. Essa página 104 não se apresenta aqui por engano, mas achamos bom transcrevê-la para destacar a diferença dos textos do começo de um mesmo Capítulo, divergência essa que dá uma idéia interessante sobre o método de trabalho de Padre Pernin sênior e sobre o valor dos textos que temos à disposição.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 12 DE JULHO DE 1893

DISTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES - O OFÍCIO DIVINO

Tratarei hoje brevemente um assunto muito importante, objeto de Capítulo que não deve ser discutido. Que todos aceitem o que o Superior decidiu, seja que o aprovem seja que não aprovem.

Temos vários colégios; cada professor trabalha com zelo e dedicação. Longe de mim alguma censura a quem quer que seja. Eu me coloco no lugar de cada um; não me defenderia tão bem como muitos dentre os Senhores.

Não devemos esconder que a batalha é dura. Muitas pessoas não fazem mais questão da educação cristã; refiro-me às próprias famílias cristãs nas quais as idéias religiosas se desvanecem cada vez mais.

Assim os colégios católicos correm o risco de tornar-se mais ou menos abandonados. A Universidade se fortalece cada vez mais, dispondo para seu orçamento de somas enormes. Um rapaz que quiser licenciar-se, faz seus estudos facilmente de graça; oferecer-lhe-ão, segundo

a necessidade, 1.000 ou 1.500 francos por ano. A luta se impõe. Antes de mais nada, é preciso que tenhamos professores tão bons como na Universidade, ou até melhores. Para isso, meus Amigos, é bom que um mesmo professor não tenha cinqüenta coisas a ensinar, mas uma só.

O professor que só leciona grego, em breve se tornará um perito na matéria. Quem só ensinar latim ou geografia, facilmente adquirirá um conhecimento muito profundo dessas disciplinas.

É, pois, um ponto decidido. As aulas, em nossos colégios, daqui por diante, serão ministradas por disciplina. Não haverá mais professores de uma ou de outra turma, mas professores de latim, de grego, de história.

Encontraremos assim, eu espero, vantagens reais. Cada professor, só tendo uma coisa para ensinar, poderá dentro de pouco tempo tornar-se muito versado em sua especialidade; poderá aprofundar melhor a disciplina que ensina e ser muito mais interessante para os alunos.

Bem sei que se poderia fazer uma objeção muito séria contra essa determinação. O professor que só atende uma turma tem toda a classe nas mãos; estabelecem-se, então, entre os alunos e ele relações de afeto bem familiar e de docilidade respeitosa. Com as turmas atendidas por diversos professores, isso será mais difícil. Mas para ser um bom professor de todo o currículo de uma turma precisa-se tanta preparação, requer-se uma tal quantidade de trabalho e capacidades que é muito difícil realizá-lo. Já tivemos um professor de Universidade, o Senhor Didelot. Sem dúvida, dava muito bem as aulas, mas os alunos não eram mais exitosos do que com os nossos Padres.

Visando melhorar aquilo e também vigiar mais atentamente o progresso e os esforços dos alunos e procurando relacionar-nos mais freqüente, mais direta e proximamente, tomamos esta nova medida. Que cada um se dedique plenamente à tarefa que lhe for confiada e seremos certamente bem-sucedidos.

Mais uma vez, não estou submetendo isso ao seu julgamento, mas à sua obediência. Que isso não se comente entre os Senhores. O Padre Rolland preparará os programas e lhes dirá o que tiverem que fazer; cada um será colocado segundo suas aptidões. Minha intenção não é nomear como professor de latim aquele que não estaria preparado ou não teria capacidade, nem gosto para isso. Cada um faz bem o que faz com gosto. Essa consideração influirá muito nas escolhas.

Rezem a Deus nessa intenção na Santa Missa. Peçam ao Espírito

Santo que nos esclareça e nos guie.

Voltemos agora ao Diretório.

Art. IV - O Ofício Divino: "Nos exercícios que dizem respeito imediato à honra e ao serviço de Deus, precisa-se um espírito humilde, humilhado, grave, devoto e seriamente piedoso."

Essa é uma frase muito importante. Um espírito humilde: a humildade é uma das condições essenciais para a oração. Considerem a diferença entre a oração do fariseu e a do publicano; reparem a prece de Madalena e seus efeitos maravilhosos. Todas as vezes que um Oblato reza o seu Breviário, faz a meditação, celebra a Santa Missa deve rezar com espírito humilde e submisso, com humilhação interior. Quem sou eu para me dirigir assim a Deus? Quantas faltas já cometi! Como atrever-me a chegar a Deus com esta minha consciência, esta minha conduta e estes meus defeitos? Se o Bom Deus não me tivesse ajudado, guardado, retirado do perigo mil vezes, onde estaria eu? Lembremo-nos, naquele momento, do nosso caráter, das nossas deficiências pessoais, da nossa vaidade. Talvez tenhamos um caráter inflexível e difícil; queremos ter razão contra todo o mundo: humilhemo-nos por esse miserável defeito. Recordemos as loucuras que fizemos, os disparates que nos humilham, nossas faltas de jeito, nossa estupidez, nosso tolo amor próprio. Tragamos à memória tudo isso. Coloquemo-nos bem no lugar que nos cabe. Isso não requer muita virtude; é só respeitar a verdade. Deus veritas est (cf. Jo 14,6) (Deus é a Verdade). Quando confessamos nossas misérias, diz São João, a verdade está em nós. Veritas manet in vobis (cf. 1 Jo 4,15; 1,9). Essa prática de humilhação antes da oração eu vi de que maneira eminente a Boa Madre a praticava, como também todas as pessoas que eram, de verdade, sinceramente religosas.

A humildade, muito bem! Mas a humildade não se pratica seriamente a não ser através da humilhação. Eu estava em Echelles, na Sabóia, e queria confessar-me. Vejo, na frente da porta da casa paroquial, um homem de calças azuis e blusão amarelo...; era o pároco. Custou-me confessar-me com uma pessoa assim. Mas me decidi. Esse bom pároco, tão mal arrumado, disse-me o que ninguém jamais me tinha assegurado: "O Senhor talvez tenha pensamentos de orgulho e quer fazer belas considerações sobre a humildade. O que mesmo precisa nao é a humildade, mas saber aceitar as humilhações..." Saí com aquilo; era isso mesmo o que me faltava. Nunca um confessor me disse tanto. Importa vir com esse

espírito a todas as nossas orações. Na Santa Missa, no momento da elevação, da Comunhão, aniquilemo-nos perante Deus através de humilhações que aplicarmos a nós mesmos, colocando-nos diante de Deus, no lugar mais baixo que pudermos. Qui manet in veritate, in Deo manet et Deus manet in eo (cf. 1 Jo 4,16).

"Para manter-se com respeito e atenção conveniente é importante que considerem, de vez em quando, quanta honra e graça lhes são concedidas por prestarem aqui na terra o mesmo serviço que os Anjos e Santos brindam no Céu."

É uma prática boa e excelente, ao rezar o Breviário sozinho, lembrar-se que se o recita com seu Anjo da Guarda. Esse pensamento, que é conforme a verdade, inspirar-nos-á sentimentos de fé e nos lembrará a presença de Deus.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 19 DE JULHO DE 1893

ART. V: - COMO SE DEVE PARTICIPAR DA SANTA MISSA

"Enquanto o Padre se prepara, importa colocar-se na presença de Deus..."

No início da Missa, não esqueçamos de humilhar-nos perante Deus, recitando o "Eu pecador". Essa humilhação não deve ser só uma fórmula, mas um sentimento sincero, uma verdadeira confissão de todas as faltas de nossa vida. Humilhemo-nos por todos os pecados que cometemos, por nossos defeitos, fraquezas, pelas nossas deficiências e também por aquilo que há de vergonhoso em nós, em nosso caráter, em nossa vida, por aquilo que os outros não aprovam, por aquilo que desagrada ao próximo.

Há tão pouca fé neste mundo atual; e nós temos tão pouca fé! É raro que a gente se arrepende verdadeiramente de um pecado, é raro humilhar-se frente aos testemunhas; pelo menos façamos isso ante Deus.

Humilhemo-nos por nossas faltas e falhas, pelos tão numerosos atos contrários à nossa vocação, que ferem a imensa caridade de Deus para conosco.

Volto sempre à mesma idéia; como seria bom para nós se soubéssemos ser-lhe fiéis!

Façamos perante Deus como fazia a Boa Madre. Ela se mantinha numa atitude de profunda humildade diante de Deus. Isto já significa alguma coisa: estar tão aniquilada como ela. Isso é de que depende toda a eficácia da oração. É isso que nos dá o cunho de verdadeiro, sincero e generoso; isso é o que faz com que Deus nos ouça e nos atenda, porque estamos em nosso lugar e acertamos a devida posição; aí Deus também se põe no seu lugar.

Se tivéssemos o costume de humilhar-nos, suportaríamos tudo com alegria. Se gostássemos de ser humildes, não teríamos essa relutância em obedecer, quando a obediência nos contraria, quando nos mandam algo que não nos agrada. Somos Oblatos, somos os últimos chegados entre todos; tenhamos prazer, portanto, em colocar-nos como os últimos. Será a característica da nossa virtude, o testemunho de nossa santidade. Humilhar-se não implica em rebaixar o caráter; pelo contrário, é uma dignidade, é a verdadeira grandeza da alma.

No início da Missa, nunca nos esqueçamos de suscitar essa disposição indispensável.

"Depois disso, poder-se-á rezar o terço ou as outras orações..."

Recomendo insistentemente a atenção e a devoção durante a Missa para os que não a podem rezar ou ainda não a celebram. Assistindo com devoção a Missa durante os anos que precedem a Ordenação, aprende-se a rezá-la com fé. Os religiosos jovens que participam bem da Santa Missa se preparam copiosas bênçãos.

Um pouco mais adiante no Diretório, vemos que precisamos deter-nos neste bonito e fecundo pensamento de que a Missa é o Sacrifício da Igreja. O Sacerdote, Ministro da Igreja, reza por todos os membros, pelo povo que assiste, pelos ausentes, pelos vivos e pelos defuntos. Sua oração atinge todo o mundo. Também dá muita atenção, como acabamos de dizer, às almas do Purgatório, aos próprios Santos cuja glória acidental no Céu se aumenta. Que os jovens clérigos aprendam de

cor essas orações para poder rezá-las durante a Santa Missa.

"Durante a elevação do Santíssimo Sacramento, deve-se adorar o Salvador com muita contrição e depois com o Sacerdote oferecê-lo ao Pai para o perdão de nossos pecados."

Esse pensamento do nosso Santo Fundador é muito bonito. Indica-nos exatamente a maneira como devemos nos oferecer, isto é, através de um sacrifício completo e absoluto. Precisamos oferecer-nos com Cristo e como Cristo. Importa fazer esse ato em união com Cristo, sem restrições.

"Se não se quer comungar sacramentalmente, convém fazê-lo espiritualmente, aproximando-se de Nosso Senhor com um santo desejo de estar unido com ele e de recebê-lo no coração."

Aconselho muito particularmente a comunhão espiritual nesse instante do dia e freqüentemente ainda em outros momentos. É uma prática muito recomendada por São Francisco de Sales, como ato muito agradável a Deus. Santo Afonso foi o apóstolo e propulsor infatigável disso. Acho que foi ele que disse, em algum lugar, que Deus lhe mostrou dois cálices admiravelmente bonitos, um de ouro e outro de prata. O de ouro continha comunhões sacramentais e o de prata comunhões espirituais.

Os que se sentem atraídos à Comunhão fazem bem ao seguir essa atração. É um meio supremo de união com Cristo, sustentando em nós um sentimento profundo de amor por ele. A comunhão espiritual produz um efeito muito análogo. Recomendo calorosamente as fórmulas de comunhão espiritual que Santo Afonso de Liguori apresenta no seu "Visitas ao Santíssimo Sacramento". Existe uma bastante comprida que se pode rezar durante a Missa, quando não se comunga; e há uma outra mais curta que se pode aproveitar frutuosamente no decorrer do dia.

Cada um tem suas pequenas preferências humanas, conforme sua inclinação natural. Um é mecânico, outro químico, um terceiro entomologista, ou que sei eu? Convém que tenhamos também nossas pequenas predileções espirituais, ou seja, nossas preferências para uma ou outra devoção; recomendo aos Senhores todos a devoção da comunhão espiritual. Não pensem, por favor, que a devoção seja uma fraqueza mental. Pelo contrário, não tenho medo de afirmar que não se pode ter muita

devoção sem uma inteligência bem desenvolvida, sem um cérebro bem atento e esperto. A devoção é incontestavelmente a prova de um espírito superior, pois a devoção nos alarga as idéias, faz-nos penetrar em mais coisas, abre-nos a compreensão e percepção de mais mistérios e desenvolve nossas faculdades. O campo da devoção é imenso: a veneração à Nossa Senhora, a piedade para com outros Santos, o culto ao Santíssimo Sacramento... Apresento como exemplo o Padre Cardot que os Senhores conheceram. Ninguém mais inteligente e espirituoso e ninguém tampouco mais devoto do que ele, ninguém com um caráter mais firme e mais enérgico do que ele. É que sua devoção era grande e viva, ia até os últimos limites. Da sua devoção provinha-lhe a compreensão, a amplitude de espírito e a extensão de suas capacidades.

Tenhamos, portanto, como ele uma grande devoção pela Santa Eucaristia. Temos tantas coisas para pedir a Jesus Cristo. Aprendamos a falar com Deus; e para isso não recorramos demasiadamente a livros, a tratados, embora sendo bons. Perscrutemos nós mesmos e por nós próprios, se posso falar assim, na Santa Eucaristia.

Sempre tenho reparado nas minhas atividades pastorais, em meio às pessoas inteligentes, que os espíritos e os caracteres fora de série tinham uma grande tendência à devoção. E, mais uma vez, é sobretudo na Missa que se adquire essa devoção. Lembro-me que quando eu entrava na sala de visita da Visitação, eu me encontrava com a Boa Madre logo depois da Missa; seu rosto estava transfigurado. Tudo nela respirava Deus. Havia algo visivelmente sobrenatural que não posso definir. Com ela, tenhamos uma grande devoção à Santa Missa, a Jesus Cristo que se sacrifica no altar. As pessoas devotas experimentam a felicidade de se aproximar assim do Salvador, de se unir aos Anjos que rodeiam o altar na adoração de Deus sacramentado.

Tomemos a decisão firme de participar da Missa como nos indica o Diretório para assim renovar-nos a fé e o amor para com Nosso Senhor. Que o sacerdote se lembre de que ninguém está mais perto de Jesus Cristo do que ele; é ele que recebe primeiro a bênção dele. Há bênçãos valiosíssimas a receber durante a Missa. Depois de Jesus se entregar a nós na Comunhão, vivemos uma vida comum com ele. Para mostrar bem essa união, os Franciscanos têm um símbolo que representa entrelaçadas a mão de Nosso Senhor e a de São Francisco. Peçamos nós também essa íntima união de coração e atividade.

CAPÍTULO DO DIA 11 DE OUTUBRO DE 1893

DISTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES - A FIDELIDADE NOS DETALHES

Estamos de novo reunidos, meus caros Amigos; dediquemo-nos de todo o coração a tudo o que temos que fazer. Cumpramos religiosamente e com todo o empenho não só o que é de nosso serviço, nossas aulas, nossos estudos, nossa vigilância, mas também todos os pormenores da vida religiosa, tudo o que preenche o nosso dia. Deus nos deu duas faculdades para servi-lo bem: a inteligência e o coração. A inteligência não falta nunca quando o coração antecede; o coração ensina à inteligência do religioso como deve fazer na prática para preparar bem suas aulas, acompanhar a aprendizagem dos seus alunos e estimulá-los, fazendo tudo isso de maneira bem sobrenatural e para o Bom Deus. Invoquem com prazer o Espírito Santo que é o autor e doador de toda a luz e que nunca nos deixará na mão, cada vez que o invocarmos. Repitamos com mais confiança do que nunca o "Veni, Sancte Spiritus" (Vem, Espírito Santo); não o rezemos por costume, maquinal e distraidamente, como fazemos tantas vezes. É o Espírito Santo que governa e dirige a Igreja. Não somos órfãos, como nos garantiu Nosso Senhor; temos o Paráclito que substitui Jesus Cristo na terra. É, portanto, um costume muito louvável e santo invocarmos o Espírito Santo, no início de todas as nossas atividades. Não nos damos conta suficientemente que essa oração não é como as outras. Dirigimo-nos a quem está encarregado de reger a Igreja de Deus, de substituir no meio de nós a adorável pessoa de Nosso Senhor, de dar-nos luz, compreensão e amor. Demos-lhe, portanto, uma atenção especial: esta é a obediência que lhes imponho no início deste ano letivo. O espírito do mal tem uma influência imensa em toda a parte; é um novo dilúvio universal que submerge tudo. Não há forma alguma de evitar a catástrofe, a não ser recorrendo ao Espírito Santo. Peçamos-lhe o amor necessário nessa luta difícil, em meio aos nossos alunos, por entre todas as fadigas que nos oprimem. Julgamos necessário tomar uma medida muito especial neste ano, em relação aos estudos em nosssos colégios. Que todos a aceitem de bom grado, e os que, por causa disso, têm que se sujeitar a sacrifícios, que os aceitem generosamente. Sem dúvida, será motivo de muita saudade o fato de, na aula, não terem mais alunos de

uma turma determinada aos seus cuidados exclusivos, regida pessoalmente; não me admiro de que essa modalidade introduzida possa contrariar alguns; eu o entendo. As aulas planejadas por um só professor são mais interessantes; pode-se acompanhar melhor os alunos e criar laços de afetividade. É verdade que, com um excelente professor regente, a obra da educação, neste sistema, pode lucrar muito. Mas nós somos obrigados a manter-nos no nível do ensino da Univesidade, que pouco se preocupa com a educação. Se não tivéssemos cuidado, descenderíamos facilmente abaixo do nível dos nossos adversários. Forçosamente, pois, temos que passar para esse sistema por disciplinas em vez das regências de turmas. Se isso implica em sacrifício para alguns, que saibam tirar proveito disso; que peçam a Deus que ele mesmo forme o coração e a vontade dos alunos. Para que um professor se mantenha atualmente na altura exigida para dar aula, é imprescindível que se torne um especialista. Um especialista se torna cada vez melhor preparado.

O melhor professor de latim na França era talvez um docente de Arcis que se chamava Carré. Lecionava na Universidade. Como era teimoso, ele se implicou com as autoridades; escreveu uma insolência ao Ministro, demitiu-se como professor e abriu uma escola particular para preparar bacharéis; todos os seus alunos eram exitosos. Um dia, levei-lhe uma pequena composição em latim do Senhor Grosperrin, o então professor da segunda série. Após tê-la examinado com profundade, devolveu-ma sem rasura nem correção alguma. "Procure na Universidade," disse-me, "procurará muito tempo antes de encontrar algo igual a isto!!! E eu acho que sei latim," acrescentou com altivez, "mas... não sei outra coisa!" Todo o professor que se dedica a uma matéria só pode ir muito longe. Os alunos, ao perceber que seu professor é capaz e perito, o escutam, gostam dele e o admiram. Olhem, meus Amigos, são esses os motivos muito válidos e verídicos em favor do nosso novo sistema. Sem dúvida, há um aspecto negativo, penoso, indesejável; procurem remediar isso na medida do possível e tirem disso proveito sobrenatural para si. A idéia que me levou a tomar essa decisão foi a de fazer de nossos alunos e também de cada um dos Senhores, meus Amigos, homens de valor e não gente de meia-tigela. Sejamos todos pessoas valiosas!

Hoje de manhã, recebi uma carta de um pároco, um antigo colega de aula, que me fazia um convite que não posso atender; é o pároco de Trainel. O que mais sinto é perder a ocasião de reencontrar-me com excelentes colegas que estarão reunidos lá. É verdade. O que os tornou

tão bons? Tanto no Seminário Menor, como no Maior, todos - e eu fazia como eles, sendo isso satisfação minha agora - todos se esforçavam por estudar, obedecer, agir conscienciosa e seriamente. Nas aulas prestávamos atenção; durante o estudo mantínhamos silêncio, não dizíamos uma palavra sequer. Quando faltávamos ao regulamento, nós nos censurávamos, confessávamos a falta e fazíamos penitência. Tínhamos um professor muito distinto, da segunda até a última série. Sabia dedicar um tempinho da aula, destinando-o a assuntos da fé, a um pensamento religioso. Era um bom e santo sacerdote. Os Padres que nos orientavam também eram bons e santos. Tal formação, com esses guias, só podia formar alunos sérios e mais tarde sacerdotes eruditos e fiéis aos seus deveres. É isso o que aconteceu. Vejo o que chegaram a ser todos os meus colegas que receberam essa fomação. Têm feito um bem imenso nas paróquias onde têm passado durante 30, 40 e 50 anos. Que tesouro de virtudes, que quantidade de abnegação, quanto amor pela Vontade de Deus não têm plantado, fecundando o campo que lhes foi confiado! Mas uma palavrinha dita durante o tempo de silêncio, o que pode significar? Uma pequena liberdade... não é nada! Um pouco de falta de caridade, uns momentos perdidos sem fazer nada e fora da obediência? É nada. Mas com esses "nadas" o Senhor poderia ter feito coisas excelentes, perfeitos, e esses "nadas" o remeteram à infidelidade e lhe estancaram as graças íntimas de Deus na alma. Dêem muita atenção a isso, sobretudo no Noviciado. Uma palavra dita por desobediência e leviandade no Noviciado é pior do que um roubo. O furto indica uma alma desonesta; mas será que é honesta a pessoa do malandro que, por palavras de desobediência e de leviandade, dissipa a graça do Bom Deus em sua alma e na de seus irmãos? Chegaram ao Noviciado para ser religiosos e o que fazem destrói e desfaz tanto para si como para outros a vida religiosa! Se um marceneiro, ao invés de aplainar as tábuas, começa a serrá-las a torto e a direito, se corta tábuas de dois metros em três ou quatro pedaços, enquanto devem ser aproveitadas em todo o seu comprimento, não se diria que é uma loucura? Pois bem, se ele trabalhasse por conta própria, não se poderia dizer que ele comete algum pecado! Da mesma forma, o religioso que não observa o silêncio faz algo - quanto às conseqüências - pior do que um pecado, é uma loucura, é uma desgraça. É sua vocação despedaçada; é uma tábua retalhada e feita pedaços. Em tudo o que diz respeito ao espírito de dependência, à Regra, à obediência, não há nada para discutir; não se diz: Isso não é nada... É sempre muito sério. É o que devem fazer. Se não o fazem,

não são mais nada, não são religiosos, não são mais seminaristas tampouco, nem são mais estudantes. O que são então? Por que há tantas idéias errôneas neste mundo? Porque ninguém toma mais a sério os pormenores de sua vocação, as minúcias mínimas dos seus compromissos.

Encontrei ontem um joalheiro que é o chefe de uma firma considerável e lhe perguntei algumas explicações sobre o valor dos objetos que ele negocia. Disse-me muitas coisas bem interessantes, mas especialmente a seguinte: com exceção de pedras muito preciosas e os diamantes, em geral o valor de uma peça de ourivesaria supera o valor da matéria preciosa utilizada para essa obra. O ouro, a prata, quando são trabalhados e moldados, têm menos valor em si do que o trabalho artístico do ourives. Esta comparação me pareceu muito apropriada para o que estamos tratando. O que pode valer o trabalho do ourives? Uma cinzelada ou uma limadinha aqui e ali?... Isso não é nada, mas olhem que isso se torna mais precioso do que o ouro e a prata! Entre os religiosos é a mesma coisa. O estado da vida religiosa é uma coisa excelente, é um capital enorme. Mas a vida religiosa só vale pelo trabalho de cada um em particular. É o trabalho pessoal que lhe dá o seu verdadeiro valor; é por atender à obediência, é por suportar com paciência uma contrariedade, é por aceitar pacífica e amavelmente, como diz São Francisco de Sales, algo repugnante, é por esses pequenos toques de lima e de cinzel que formarão a vida como é preciso. Não estamos suficientemente acostumados a pensar nisso. Somos como seminaristas: observem um seminarista bonzinho, ele trabalha, mas não se preocupa com os detalhes. Será que isso é absolutamente necessário para ele? Um seminarista que se sujeita às mínimas exigências de fidelidade, sem dúvida, faz um papel muito bom, mas, enfim, essa fidelidade absoluta e pormenorizada não pode ser exigida deles, como em nosso caso. Na vida religiosa, os Senhores não sendo fiéis aos mínimos detalhes, não são religiosos! Sabem bem o que valem essas minúcias? Fornecem dignidade à alma; criam em nós uma personalidade de grande e real valor. É isso o que forma o homem. Peçam fervorosamente ao Espírito Santo que possam compreender bem essa doutrina. Hoc est enim omnis homo. É assim como o homem se realiza. Assumam. portanto, como um dever sagrado serem fiéis aos detalhes; façam disso uma questão de honra e de muita honra. Considerem como uma dignidade, uma honra agirem sempre assim. Quando visitei a Nossa Senhora dos Eremitas para pedir luzes sobre minha missão, o Mestre de Noviços me

disse: "Padre, com essa doutrina pode-se cumprir e suprir tudo. Quem sabe" acrescentou, "se não está nos desígnios da Providência que os Oblatos venham suprir e completar tantos Institutos que fazem muito bem, certamente, mas que não conseguem ter a influência que tinham antigamente e realizar o que realizavam? Quem sabe, os Oblatos não sejam chamados a substituir um grande número de Ordens religiosas?"
Eu nunca repeti a ninguém essas palavras; não convém repeti-las, mas devem ser bem entendidas. Aquele Mestre, Padre Perrot, tinha razão, posto que os Oblatos sejam bons Oblatos. Cabe a nós cinzelar, cortar, preparar!

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 25 DE OUTUBRO DE 1893

A FIDELIDADE EXTERIOR E INTERIOR

Fazem-nos uma crítica provavelmente merecida; censuram por não sermos uniformes em nosso comportamento exterior; as diferenças na maneira de agir e de atuar acentuam-se com bastante nitidez desde algum tempo. É inevitável, enquanto nosso número aumenta, que algumas particularidades surjam. Corrijamo-las; o meio é que cada casa se submeta perfeitamente à prática exata das Constituições. O Superior de cada casa não deve mudar nada, nem inovar nada sem a licença do Superior Geral. Todas as questões de ordem geral, a hora de levantar-se, de deitar-se, as horas das refeições, o tempo dos recreios, as ocupações individuais, a maneira de dar aulas, de assistir os estudos, os programas curriculares, tudo isso foi decidido, fixado e determinado de antemão e não se deve mudar nada sem a licença dos Superiores. Há uma palavra que não tínhamos posto nos projetos originais das Constituições e que foi acrescentada em Roma, a saber, que é preciso fazer tudo o que fazemos no espírito de São Francisco de Sales. Olhem como as Visitandinas têm conservado fielmente o espírito de São Francisco de Sales; as Visitandinas, em toda a parte, são idênticas; seus regulamentos, seus costu-

mes, todas as grandes linhas e também todos os pequenos detalhes de sua vida são iguais em todo o lugar. É uma precaução admirável que São Francisco de Sales tomou ao fundá-las e os santos da Visitação dão a Regra e a orientação correspondente para tudo, para cada momento, para cada pessoa. Indubitavelmente, é menos fácil precisar desse modo cada detalhe para o homem. Mesmo assim, aproximemo-nos disso quanto mais possível. Nossas Constituições são formais e claras; esforcemo-nos sempre por cumpri-las quanto nos for possível. Isso no que diz respeito à Regra exterior. Com relação à Regra interior, a obrigação é mais estreita ainda. Esta nunca admite que a gente só se contente com as grandes linhas; nunca se deve abolir qualquer coisa disso: a oração, a reta intenção, o pensamento na morte e o do refeitório; sejamos sempre sumamente fiéis a isso. Aproveitemos zelosamente todos esses meios externos que nos são dados. Firmemo-nos nisso e teremos uma base sólida: tudo funcionará harmoniosamente e, conseqüentemente, tudo irá bem. Se houvesse diversos repuxos, um dia ou outro tudo poderia enguiçar. Acompanhem bem. Sejam pontuais no momento de levantar e de deitar, na hora do serviço e do recreio. Façam bem isso todos juntos. Observem bem o lado exterior da vida religiosa. É um costume que se precisa formar; isso, naturalmente, custa; é necessário um esforço contínuo de boa vontade e de abnegação. Sejamos fiéis ao costume geral e não aos hábitos de cada um em particular. Aí se encontra a nossa mortificação, nosso cilício, a nossa penitência e o nosso jejum. Não existe nenhuma Ordem religiosa antiga que não tenha numerosas penitências corporais. São Francisco de Sales também praticava a mortificação corporal; aplicava-se a disciplina e dormia muitas vezes no chão. A nossaprimeira mortificação será a de impor-nos esse espírito de renúncia e de abnegação e de aceitar tudo em espírito de penitência: roupa, comida, obediência constante e cordial; assim é que seremos religiosos e que iremos para o céu; não haverá outro caminho. Para isso, naturalmente, é necessária uma grande energia, é preciso uma graça particular. Nós a teremos conquanto nos lembrarmos que essa é a nossa penitência, a nossa vida religiosa. Reparem como São Francisco de Sales demonstrou grande sabedoria abrindo assim esse caminho pelo qual não insiste em grandes mortificações corporais que não estão ao alcance de todos. Ele quer, sim, essa mortificação de todos os instantes que é tão eficaz e tão fecunda que, praticada constantemente, forma a pessoa e a vida de maneira muito notável e proporciona uma uniformidade muito visível entre os diversos caracteres,

na maneira de pensar e de considerar as coisas. Às vezes, se pode ser tentado pelo desejo de impor tipos de penitências mais consideráveis: isso parece mais meritório, mais fecundo. Mas será que se encontrará sempre um Superior, um diretor espiritual capaz de conduzi-lo, sem nunca se enganar nesses caminhos tão difíceis e delicados, onde o amor próprio - para só mencionar este - sabe muito bem esconder a sua trama? São Francisco de Sales prevenia inconvenientes muito graves, preferindo se ater a uma regra geral mais suave, mais simples, mas ao alcance de todos. E todo o mundo deve procurar observá-la com a maior pontualidade. Quando é que um exército marcha bem? Acontece isso quando 10 mil ou 50 mil homens marcam o mesmo passo. Se não caminham com o mesmo passo, é uma tropa mal disciplinada com a qual não se poderá fazer grande coisa. Que cada Superior de comunidade reflita sobre o que acabamos de dizer e faça observar fielmente cada ponto das Constituições; cada Professo, cada Noviço compreenda bem que se trata de um ponto de suma importância. Peçam na oração para que todos compreendam isso. Não temos práticas especiais e singulares. Avançamos no estradão do Evangelho e das leis eclesiásticas. À primeira vista, nossas práticas religiosas parecem pouca coisa. O que fazemos, porém, será muito considerável se formos fiéis em levar o jugo do Senhor, isto é, em cumprir de todo o coração, interiormente o nosso Diretório e exteriormente as nossas Constituições. Essa submissão proporciona muita energia à alma. Reparem o que faz a borracha comprimida e apertada... Ganha uma força considerável. Deixando-a livremente espichar-se e se estender, ela perde toda a elasticidade, toda a resistência. O religioso tem que ficar sob o jugo. Todas as vezes que se oferece uma coisa a suportar por parte do próximo, todas as vezes que lhe toca fazer um ato de generosidade, um sacrifício, está a seu posto, deve estar aí! Ecce adsum! (Eis-me aqui!) Se quer procurar uma falsa liberdade, que não quer nada com nada, que se assusta e afrouxa frente à mínima contradição, que se incomoda diante da menor dificuldade, desanimando-se abatido, o que ele é então? Não é mais um religioso! Progridamos decidida e religiosamente nesse caminho. Não nos aproximemos do Bom Deus de mãos vazias, mas façamos alguma coisa para ele. É bom procurar em Deus tudo aquilo de que precisamos. Não temos saúde, não dispomos de bastante inteligência para desenvolver o nosso trabalho, sofremos deste ou daquele problema de caráter, dessa dificuldade para ensinar; busquemos em Nosso Senhor o que nos falta. E logo teremos tudo do que precisamos se nos tivermos manti-

do perto dele. Lembrem-se da palavra de Nosso Senhor: "Ego sum vitis et vos palmites; sine me nihil potestis facere" (Jo 15,5) (Eu sou a videira e vós os ramos; sem mim nada podeis fazer).

Quem é que poda a vinha do Pai celeste? Quem é que tira os rebentos precoces e demasiados e, por isso, prejudiciais? Pater ipse purgabit (Jo 15,1) (Meu Pai a cortará). É ele mesmo que se encarrega de esladroar. Compreendam bem esta verdade e que ela se torne a base e a consistência de sua vida. Essa maneira de ser, religiosa e firme, tornar-nos-á homens bem assentados e generosos; não faremos muito barulho talvez, mas realizaremos muita coisa. Outras pessoas podem contar com sua coragem, talvez com sua força; nós que não temos por nós mesmos nem coragem, nem força, procuraremos nossa força em Deus. Saibamos haurir dessa fonte, saciemo-nos e animemo-nos pela seiva da vida que nos vem daí. Sejam esses os nossos propósitos para a festa de Todos os Santos: permanecer unidos com o Bom Deus, como os Santos estão unidos com ele no céu. Estão unidos com Deus por uma atitude básica de sua vontade. A glória de Deus que se derrama sobre eles em conseqüência da bondade indizível dele, espalha-se nas almas e constitui-lhes a felicidade e a alegria por toda a eternidade. Comecemos essa alegria sobre a terra, ao viver em união com Deus, trabalhando com ele. Peçamos essa graça aos Santos, os amigos dele e os nossos; invoquemos os que mais particularmente são os nossos protetores: São Francisco de Sales, Santa Joana de Chantal, a Boa Madre, nossos Anjos da Guarda. Peçamos-lhes para que estejamos assentados e firmes nessas convicções. Na última vez, eu lhes dizia que essas coisas sejam para os Senhores como pérolas preciosas. Essa é a sua obrigação, nisso consiste a sua vida. Devem tratar as Constituições, o Diretório com respeito, com atenção, com noção do seu valor. Dedique de bom grado a sua meditação a esse assunto durante todos os dias. O Bom Deus lhes dará a iluminação. Não vale a pena, meus Amigos, desgastarmo-nos em fadigas e trabalhos para os outros, sem nada merecer em nosso favor. Oferecemos nossos frutos ao próximo, guardando um pouco para nós.

A melhor maneira para conseguir isso, é fazer o que lhes disse. Atendamos todas as nossas obrigações, grandes e pequenas, mesmo as menores, com essa vontade de corresponder às intenções divinas para conosco. Lembrem-se disso particularmente na hora da Santa Missa; que cada um peça essa graça para si e o Bom Deus, nosso Pai, dar-nos-á o que

lhe pedimos, como presente para a festa de Todos os Santos. Essa festa, pois, é um pouco a nossa, já que somos destinados a tornar-nos santos também.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 15 DE NOVEMBRO DE 1893

A PROMOÇÃO VOCACIONAL

Entre todas as obrigações a cumprir, há uma de capital importância: a de atrair vocações para nós. Nosso Senhor disse aos Apóstolos: "Rogate Dominum ut mittat operarios in messem suam" (Mt 9,38) (Rogai, pois, ao Senhor que envie operários à sua messe). À primeira vista, essa solicitação, dirigida por Nosso Senhor aos Apóstolos para que rezassem, parece estranha. Certamente Nosso Senhor não tem necessidade da recomendação dos seus discípulos junto ao Pai para conseguir vocações para sua obra. Pode encarregar-se disso e realizá-lo ele próprio. Mas não, ele os encarrega a eles! Essas nuanças que encontramos na palavra evangélica são de importância. São necessárias nossas orações para que o Mestre mande operários à sua lavoura. Um religioso que não reza para obter vocações falta a um dos deveres essenciais do seu estado. Olhem São Bernardo. A quem a Ordem de Citeaux deve sua maravilhosa expansão? Às orações dele, aos múltiplos esforços do mesmo. Ele estava um dia em Paris, tinha pregado e um grande número de jovens escolares, estava decidido a deixar o mundo para seguir o chamado dele. Bernardo achava que não eram suficientemente numerosos ainda; esperara fazer uma colheita mais farta ainda. Foi ajoelhar-se na igreja de Nossa Senhora; reza, chora soluçando e exclama: "Senhor, nunca fostes tão duro." Ele sai e eis um grupo que lhe vem ao encontro e lhe pedem levá-los. Não é que todas as grandes Ordens fazem assim? Os Jesuítas se esforçam ao máximo para ter recrutas. Um dia eu viajava com um dos seus noviços; elogiava a Companhia de Troyes até chegar em Nancy. Estava todo entusiasmado; contava-me coisas maravilhosas. Tinha um livrinho de meditações

de Santo Inácio, com um pequeno regulamento no fim; não existia nada parecido no mundo; era admirável, encantador! Tenhamos nós um pouco desse ardor, desse zelo. É uma obrigação para nós. Importa compreendê-lo, temos que compenetrar-nos disso. Que isso seja uma convicção íntima e profunda e não uma obediência momentânea. Não nos mexemos a partir de um sinal de apito ou a comando de uma senha. O zelo não depende daquilo que ouvimos dizer aos outros, mas do que impomos a nós mesmos. Freqüentemente, durante a meditação, na Santa Missa, agradeçamos ao Bom Deus as graças que nos deu ao chamar-nos e peçamos-lhe que faça muitos outros partícipes da mesma graça. Haverá uma graça comparável à da vocação?... E que significa a graça de ser Oblato? Não há nada de especial nessa vida. É exatamente porque não há nada de extraordinário, nada fora do comum que representa alguma coisa, até uma coisa muito bonita e preciosa. A doutrina de São Francisco de Sales, a da Boa Madre de Sales significam, portanto, alguma coisa. Com aquilo que o Papa me disse, podemos estar seguros sobre o valor dos atos da nossa vida religiosa: "Todos os que trabalharem convosco farão pessoalmente o que Deus quer deles." Os Senhores vêem que essa palavra não se dirigia só a mim pessoalmente. Nossa Regra religiosa é uma estaca fincada na beira do caminho. Uma estaca não é lá grande coisa, mas indica por onde a gente deve passar e aponta melhor do que muito palavrório. Com nossas Constituições e nossa obediência estamos certos de cumprir a Vontade de Deus em relação a nós. Pensemos nas grandes graças que recebemos e compenetremo-nos disso cada vez mais. Tenhamos um pouco de zelo pela salvação e a vocação dos outros. Chamemo-los e tentemos atraí-los a nós. Empenhemo-nos como fez São Bernardo, rezando e suplicando; é essa a primeira e melhor maneira. Os Senhores reparem que todos os que já atraíram vocações para a Congregação receberam de Deus bênçãos particulares. Foram beneficiados por Deus de uma forma verdadeiramente extraordinária, tanto na sua vida espiritual, como também no fazer o bem para outros, tocando-os e conquistando-os pela pregação e nas diferentes obras indicadas pela obediência. Se não temos facilidade, por contatos pessoais, de atrair vocações, se as circunstâncias exteriores não são favoráveis, rogate, rezem; peçam ao Bom Deus que lhes dê almas e estas virão até de longe, rendendo glória a Deus, em vista dos Senhores. Essas pessoas serão mérito seu, serão a sua pequena colaboração para conseguir as recompensas de Deus. Cada um, pois, se considere obrigado a recrutar vocações: "Rogate ergo Dominum messis" (Mt 9,38) (Rogai, portanto, ao Se-

nhor da messe).

A melhor maneira de atrair vocações a nós, à nossa vida é fazê-los sentir e compreender a nossa vida, sobretudo por nosso exemplo. Sejamos religiosos e bons religiosos, assim, como o bem-amado, atrairemos as almas. Eu era um meninote, cheguei no seminário, procurei um confessor. Nunca me enganei e sempre ia ao mais piedoso, o mais pontual, àquele que mais me inspirava respeito. Lembro-me que tínhamos um prefeito de estudos, o Padre Bidaut, que não era Padre ainda. Perguntei-lhe se já era ordenado. "Por que me pergunta?" "Porque gostaria muito de confessar-me com o Senhor." Sua piedade, seu aspecto profundamente santo tinham ganhado minha confiança de adolescente. O sacerdote que medita freqüentemente sobre sua sublime vocação que se compenetra bem de todas as graças que recebeu de Deus atrai facilmente as almas. "Cum exaltatus fuero a terra omnia traham ad me" (Jo 12,32) (Quando eu for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim). Esta reflexão é muito importante. Olhem, nossas obras se estendem e não temos pessoal suficiente. De todos os lados pedem socorro; as necessidades são urgentes. Todos os Padres que nos escrevem das Missões nos repetem: "Mande-nos gente, mas verdadeiros religiosos, santos religiosos! Para enviar santos religiosos é necessário que haja religiosos e que existam santos. Para fazer um santo não basta pegar gesso, acrescentar água e colocá-lo num molde; é bem mais difícil! Convençamo-nos da grande graça de sermos Oblatos e procuremos fazer muitos outros participarem dessa graça. Aos Senhores, sendo bons Oblatos, posso prometer-lhes todas as graças do Bom Deus e um lugar no paraíso. O Papa disse isso para mim e o repetiu várias vezes e agora eu estou-lhes afirmando a mesma coisa pela milésima vez. Não vivamos como as pessoas de fora, aéreos, desconectados, sem reflexão e cuja vida se ocupa com mil ninharias. Redite ad cor (Is 46,8) (Entrai em vós mesmos). Voltem ao seu ponto de partida. São religiosos e isso deve ser tudo para os Senhores. O resto pode ocupá-los, mas não deve ser a substância de sua vida onde, sim, seu coração e sua vontade brilharão. O padre Dalbanne, faz pouquinho, foi pregar o retiro no Pensionato de Paris. Escreveram-me que ficaram muito satisfeitos com as instruções do retiro: escutaram-nas com muita atenção. Pergunto ao Padre Dalbanne: - Pregou bem? - Como pude... Uma coisa, acrescentou, - na qual quase não teria acreditado até então, é que eu falei àquele auditório de meninas sobre a vida interior, sobre Nosso Senhor, sobre o Caminho, a Verdade e a Vida e vi os olhares brilhantes,

todos animarem-se; compreendiam que nisso consistia a verdadeira vida e a felicidade.

Toda a pregação que se basear assim no espírito da Congregação e da Boa Madre, toda a palavra que for nessa direção será ouvida, saboreada e aproveitada. O Padre Tissot dizia: "Desde o tempo que comecei a pregar, eu ficava um velho maçante; precisava ser remodelado. Desde que prego a Boa Madre, eu me rejuveneci, todos os meus ouvintes dizem que ficam encantados, e acho que estou fazendo um pouco de bem." A Boa Madre nos pertence, é nossa. Façamos nós também valer o nosso tesouro; demo-nos conta de sua riqueza; dediquemo-nos a isso e estudemo-la a fundo. Os que não acharem que haja motivo de agradecer a Deus por causa disso, dirão: "Meu Deus, agradeço-vos; não sei muito bem por quê, mas me disseram que vos agradecesse. Dai-me a graça de compreender e fortalecei o meu desejo de tornar-me cada vez mais um bom Oblato."

Para recrutar religiosos, recomendo-lhes que empreguem um meio muito eficiente, ou seja, a intercessão das almas do Purgatório. Peçam-lhes que nos enviem reforço, que eliminem as dificuldades dos que desejam vir a nós e que nos angariem bons soldados para os combates do Senhor. Solicitam-nos Oblatos de todas as partes, mais do que nunca. A Vida da Boa Madre se espalha; a gente conhece e aprecia o nosso espírito e continuamente reclamam pessoal e fundações. Lamento ver-me obrigado a responder, cada vez de novo, a essas petições que não podemos, que não dispomos de pessoal em número suficiente. Há uma coisa de que me incrimino. Apresento a minha "culpa" e publicamente manifesto o meu "mea culpa" (por minha culpa). Até agora não me ocupei suficientemente disso, a saber, do recrutamento das vocações. Não agradeci bastante ao Bom Deus todas as graças que nos tem concedido. O que não fiz bastante até agora quero fazê-lo melhor. É por causa disso que o proponho aos Senhores. Não quero que se aplique a mim o caso do mau servidor que escondera seu talento no lenço para não perdê-lo e o enterrara no fundo do jardim, dizendo: "É difícil fazer produzir este talento! Não se sabe em que vai dar. Perigo perdê-lo. Vou escondê-lo num buraco!" - "Serve nequam!" (Mt 18,32) (Servo mau), responde-lhe o Bom Deus. Não devemos ser "servi nequam"!

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 6 DE DEZEMBRO DE 1893

A NOSSA MANEIRA DE AGIR

Há em cada Ordem ou Congregação uma maneira de agir que lhe é própria e que manifesta o seu caráter. Os membros dessas Ordens ou comunidades devem conformar-se a isso, pois para eles o bem não é possível, senão sob essa condição. Não importa qual é o espírito, o caráter e a maneira de agir dos outros religiosos. Podemos e devemos admirar o que entre eles nos parece bom e útil, mas abstenhamo-nos de seguir o seu caminho próprio se difere do nosso. Porque, por mais perfeito que seja, não nos levaria ao fim que nos propomos. Nós temos, como qualquer outra sociedade religiosa, o espírito próprio nosso e a nossa maneira de agir. Pois bem, o modo de agir dos Oblatos é de fazer apaixonadamente bem tudo o que é imposto pelo dever e pela obediência. Fazer apaixonadamente bem! Esta expressão tem um largo alcance. Não basta a um Oblato agir bem, deverá agir com tanto empenho cordial como se o assunto que atende fosse coisa própria sua. Deverá aplicar aí toda a sua inteligência, toda a sua vontade, todo o seu coração. Deve poder dizer, como Jesus Cristo: Ego operor (Jo 5,17) (Eu ajo). Ele fica dono do que faz. Nada estorva sua ação, nada a força. Em conseqüência disso, quanto mérito para quem age assim! Mas essa palavra de Jesus: Ego operor (id.) (Eu ajo) só se aplica a nossos atos, enquanto agimos em união com Deus. Por isso, para nós não há nada de indiferente, nada de pequeno. Tudo é grande, porque o princípio dos nossos atos é a Vontade e o beneplácito de Deus. Ele não precisa empregar grandes meios para operar maravilhas. O que é uma gota de água derramada na cabeça de uma criança? O que significa uma palavra como esta: "Eu te absolvo?" "Este é o meu Corpo?" Entretanto, essa gota de água, essas palavras tão simples, tão breves operam os maiores milagres de graça. Assim também é com os nossos atos. Sou vigilante de estudos, leciono, eu prego, atendo confissões. São outros tantos atos que efetuarão para nós e para os outros maravilhas de santificação, se os fizermos apaixonadamente bem e se pudermos afirmar: "Ego operor" (id.) (Eu ajo). Faço as coisas livre e voluntariamente, com amor. Como chegaremos a realizar esta palavra: "Ego operor?" É acostumando-nos a não dizer nada, a não fazer nada sem termos a certeza

da assistência de Deus pela oração! É habituando-nos a agir sempre despretensiosa e simplesmente, sem a busca de proveito próprio, sem voltar àquilo que está feito. Não nos esqueçamos que agindo nos tornamos um espetáculo aos homens (cf. 1 Cor 4,9) e que o nosso exterior deve refletir a inspiração que nos anima. São Francisco de Sales era, nesse sentido, um modelo que nunca saberemos observar suficientemente. Nele tudo era ordenado, simples e natural. Em nenhum lugar onde estivesse, sozinho ou em público, deixava essa linda atitude que encantava os que o viam. Ele não chegou a esse ponto sem esforços, sem sacrifícios, sem um grande controle sobre si mesmo. Importa formar os Noviços segundo essa maneira de ser. Encontrarão nisso um exercício de mortificação, às vezes, difícil e duro, mas o merecimento, ligado aos sacrifícios, deve suscitar-lhes o desejo e o amor para isso. Estudemos, aproveitemos, portanto, tudo o que leva a característica do nosso modo de agir, da nossa maneira de ser, aplicando-nos a agir propter amorem Dei (pelo amor a Deus). Foi esse o segredo das virtudes e dos méritos da Boa Madre. Nós, por nossa vez, encontraremos aí nossa santificação própria e o segredo de falar às almas e de conduzi-las à união com Deus.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 13 DE DEZEMBRO DE 1893

A CARIDADE, CONDIÇÃO PARA OBTER VOCAÇÕES

Uma coisa a ser dita que nunca cheguei a expressar suficientemente vem-me à memória e me obriga a insistir junto aos Senhores, para que, daqui por diante, este ponto tão importante esteja esclarecido e que ninguém o possa desconhecer. O bem atual e o futuro da Congregação depende da nossa fidelidade em observá-la.

Os Senhores têm podido constatar com tristeza que o recrutamento dos Noviços se realiza com dificuldade. Não estamos aumentando nas proporções suficientes para responder às necessidades das nossas casas e aos pedidos daqueles que se dirigem a nós. Donde vem essa este-

rilidade de vocações dos Oblatos? Todos nós devemos confessá-lo: somos nós mesmos a causa principal. Não temos observado bastante entre nós o preceito da caridade fraterna. Não, não é que nos dilaceramos, mas quantos pequenos ataques, quantos julgamentos infundados, quantas críticas mal-intencionadas deveríamos reconhecer, se procurássemos bem no passado! Ora, isso contradiz o espírito próprio dos Oblatos. Esse espírito de contradição tem chocado mais de um e os afastou de nós. O que forma uma Congregação ou uma Ordem, propriamente dito, não são os três votos: senão, não haveria motivo para existirem diversas. O que justifica o grande número de Ordens, o que constitui uma força e uma riqueza para a Igreja, é o caráter próprio que distingue cada uma. Qual é, então, a caraterística dos Oblatos, que faz com que nós não sejamos Beneditinos, Franciscanos ou Jesuítas? O nosso cunho próprio deve ser a caridade. São Francisco de Sales o definiu tão bem e o quis tanto que desejava fazer dela o único vínculo religioso das Freiras da Visitação. Teve que ceder às exigências do seu tempo e impor três votos comuns, mas manteve, como vigia da sua Ordem, a caridade. É a caridade e só a caridade que une entre elas os diversos mosteiros da Visitação e este laço tem sido suficiente para mantê-las na exata observância de suas Regras. Assim será para nós. Donde surgiram certos conflitos, certas dificuldades que tivemos de constatar dolorosamente em algumas das nossas casas? Da falta de caridade entre seus membros. O espírito próprio dos Oblatos se transformou num espírito particular, que fazia que se era Oblato de uma casa e não de uma outra. Uma divisão, de fato, não ameaçava, mas não nos apresentávamos mais com o nosso verdadeiro caráter. Diversos dos nossos alunos me contaram que tinham pensado, durante algum tempo, em ficar conosco e o fato de não permanecerem se devia à pouca caridade entre os Oblatos. Outros jovens e Padres vieram de outros lugares; puderam constatar o mesmo defeito e se afastaram de nós; repito, pois: todos nós somos culpados. Não cuidamos suficientemente das nossas palavras e da nossa apreciação de uns para com os outros. Devemos remediar. Será que não é normal que os membros de uma mesma família se amparem, se defendam, se respeitem e se queiram bem para evitar não só toda a difamação, mas para conservar nosso valor aos olhos dos nossos alunos e das pessoas com as quais nosso ministério ou nossas relações nos põem em contato? Escutem os Jesuítas. Da boca deles só saem elogios em favor de seus Padres. Daqui por diante espero dos Senhores a mesma caridade. Essa caridade que exijo deve ser tão importan-

te ou até mais importante do que a obediência. Os Senhores obedecem não porque a sua inteligência mostra a sabedoria da ordem que lhes é dada. Obedecem a uma palavra do Superior e por isso a sua obediência é um ato religioso e meritório. Pratiquem a caridade nesse mesmo espírito. Não é esse o mandamento especial e muito caro ao Coração de Jesus? "Amai-vos uns aos outros." (Cf. Jo 13,34).

Não é isso o âmago do espírito de São Francisco de Sales? Também desejo vivamente que cada um de nós se cuide quanto a esse ponto de capital importância e que se comprometa, com um voto de oito ou quinze dias ou de um mês, a praticar o mandamento da caridade para com todos, tanto religiosos e alunos, como pessoas de fora. A gente deve acusar-se na "culpa". (Aqui segue uma lacuna no texto original francês. Diz ainda:) não ser aprovados em Roma, (e segue:) um Padre Capuchinho queria que se introduzisse práticas de mortificação corporal. Um Cardeal lhe respondeu: "Não acrescente nada a essas regras nesse sentido; se os Oblatos forem fiéis à prática da Obediência e da caridade, terão mais sacrifícios a oferecer a Deus do que todos os Capuchinhos mais sacrificados com seu jejum e sua disciplina." Rezemos para obter esse espírito de caridade que só pode fazer de nós verdadeiros Oblatos. Recorramos sobretudo a nossa Boa Madre Maria de Sales. Ela era tão fiel à caridade que todas as testemunhas de seu processo de canonização depuseram que nunca a surpreenderam numa falta contra essa virtude.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 20 DE DEZEMBRO DE 1893

A CARIDADE ENTRE OS OBLATOS

Volto a tratar da caridade como no último Capítulo. Nossa caridade não só deve ser uma virtude em nós; não teria nada de determinado, de constante e de permanente. Ela deve ter um caráter mais definido, mais completo; precisa de tudo aquilo que protege, tudo o que robustece e tudo o que constitui o voto. A obediência, eu já lhes disse, não supõe presente no Superior uma inteligência mais elevada, nem visões mais amplas, nem um conhecimento mais seguro do que seria de maior interesse para o bem da comunidade. O religioso obedece porque fez o voto de obediência e só por isso sua obediência é meritória. A caridade dos Oblatos deve praticar-se nas mesmas condições. Que importa se este Padre ou aquele Irmão não nos agrade. Não o queremos pelas suas qualidades pessoais, mas o amaremos porque o próprio espírito da Congregação é um espírito de caridade. Quando chegamos para fazer o apostolado, trazemos conosco pontos de vista, maneiras de pensar, de julgar e de agir que variam conforme a educação recebida e segundo a condição em que vivemos. É difícil livrar-se e desfazer-se de toda a bagagem pessoal. Só a caridade pode resolver isso. Aquela virtude, pois, qualquer que seja, que consegue unir os espíritos, só ela constitui a garantia de vida e de prosperidade da Congregação. Tudo o que se fizer fora dela só pode ter um efeito dissolvente que põe em perigo o futuro do Instituto. Um dos nossos Padres recebe uma obediência: deve pregar ou dar aula. Se tivermos o espírito de caridade, daremos apoio a esse Padre, falaremos sobre ele com estima, louvaremos o seu zelo, ficaremos satisfeitos com seus sucessos, ou, se tivermos que fazer alguma restrição sobre o modo como ele desempenha o seu trabalho, abster-nos-emos cuidadosamente de censurá-lo; avisaremos discretamente o Superior, se vale a pena.

Ora, o que fizemos até agora, em mais de uma oportunidade? O Padre Pernin organiza um pequeno noviciado. Era uma obra de primeira ordem, uma obra excelente, da qual poderíamos esperar sérios e importantes resultados, uma obra que nos faz falta, pois estão vendo como o recrutamento é difícil hoje em dia. Nem tudo era perfeito, sem dúvida, nessa tentativa. Mas, em vez de ajudar o Padre, em vez de encorajar os

nessa tentativa. Mas, em vez de ajudar o Padre, em vez de encorajar os seus esforços e almejar o desenvolvimento de sua obra e prosperidade que pareciam certos, mais de um achou graça em zombar dos jovens noviços, mais de um encontrou prazer em denegrir essa experiência tão louvável, e essas alfinetadas, reiteradas por parte dos que deveriam prestar sua colaboração, acabaram dissolvendo um grupo de adolescentes e jovens que teria sido, com o espírito de caridade, a bênção do colégio e uma abundante sementeira de vocações religiosas. O que nos sobrou de vocações faz jus ao que estou dizendo!

Um outro exemplo. Fizemos um manual de orações para os nossos alunos. Esse livrinho está bem elaborado, não é muito pesado, de um estilo irrepreensível e de um formato gracioso. Bem conforme São Francisco de Sales. Eu o considero um dos melhores, senão o melhor do seu gênero. Aprovei-o e, por todos os meios possíveis, recomendei-lhe a divulgação. Seria suficiente lembrar aos Senhores quanto valor dei a essa obra. Além disso, era a vontade formal do Superior. O que aconteceu? Esse livro não conseguiu agradar a todos e, em algumas das nossas casas, foi rejeitado, enquanto sua aceitação não era apenas um dever de caridade, mas uma obrigação de obediência. Trazendo à tona esses fatos desagradáveis, não pretendo queixar-me. Não, não acredito que um só dos meus religiosos seja capaz, em caso algum, de querer fazer-me sofrer por uma desobediência formal ou por resistência, mas estou apontando para os efeitos lamentáveis do espírito individualista. No futuro não será assim. Estaremos mais conscientes do que no passado daquilo que constitui o nosso verdadeiro caráter de Oblatos. Observaremos diante de todos, para com todos e em tudo uma caridade delicada, obsequiosa, sempre pronta a apoiar, a defender, a encorajar e a louvar os nossos Padres e suas obras, sejam quais forem. Porque não há ninguém e, sobretudo, não existe religioso que não mereça elogios sob certos pontos de vista. Não seria de nossa parte um fato odioso procurarmos criticar irrefletidamente determinadas imperfeições, fazer perder-se, em vez de aproveitar, o que há de bom num de nossos Padres? Não nos esqueçamos, pois, de que, cada vez que atingirmos alguém dentre nós, aplicamos um golpe funesto a toda a Congregação. Assim, por falta de caridade, fomos - repito, porque todos os dias recebo novas provas disso - a causa da saída de alguns e do afastamento talvez de muitos. No entanto, que nos falta para formar uma Congregação digna de respeito e de estima? Temos a aprovação formal e elogiosa da Igreja e

do Papa. Nosso espírito tem como base a bela virtude, a caridade. Nossas obras atraem muito todos os corações generosos que amam a Igreja e as almas. Preparamos os nossos noviços para essas obras pelo estudo sério da Teologia e através da aplicação imediata de suas aptidões, e isso de forma que não prejudica os estudos e ajuda a formação religiosa. Conheço uma porção de Congregações. Todas, sem dúvida, têm consistência para sua vida e expansão, mas não vejo por que ficaríamos santamente invejosos. Aqueles que, depois de vir a nós, acharam por bem procurar alhures um caminho que lhes parecia mais seguro, voltaram a nós, reconhecendo que lamentavam ter-nos deixado. Quantos mais o teriam lamentado se nós tivéssemos manifestado sempre o nosso caráter límpida, firme e constantemente, ou seja, a caridade! Oh, eu lhes peço que não haja nunca entre nós suscetibilidade ciumenta! Deposita-se num dos nossos Padres muita confiança como professor ou diretor espiritual. Parece que isso diminui o nosso prestígio ou a nossa autoridade pessoal. Por favor, não lhe quebrem a alavanca nas mãos que eleva as almas e faz subir os corações. Em todo o bem que esse Padre faz, não temos nós a nossa parte? Não devemos particiapar também da felicidade que as pessoas experimentam ao compreender e aceitar nossa direção espiritual, seja ela dada por nós ou por um dos nossos coirmãos?... Esforcemo-nos por suscitar a confiança das pessoas, sem interesses pessoais. Ampliemo-nos o coração. Quantos chegariam a nós, se fizéssemos assim! Por que não se preferiria um Oblato confessar a um outro sacerdote? Minha longa experiência me ensinou que a nossa direção convinha mais para dirigir as almas; não há outra mais amável, mais segura, mais cheia de espírito de Deus. As outras todas impõem embaraços, sofrimentos e constrangimento que não se encontram entre nós. Padre fulano é pregador, convém encorajá-lo, importa julgarmos que ele fala bem. Talvez fale melhor do que nós? Que bom! Alegremo-nos pelo bem que realiza, ajudemo-lo e procuremos imitá-lo. Padre beltrano é um escritor talentoso. Saibamos apreciar também o que ele faz bem; apoiemo-lo. Significa isso que não há nada a censurar nele, que tudo está perfeito? O que é perfeito neste mundo?

Perante outros, nunca ataquemos o que menos nos agrada na sua maneira de falar; não demos nunca ouvido a esse sentimento baixo e mesquinho do ciúme. Animemo-lo cordialmente e com isso faremos com que suas obras produzam frutos abundantes, preciosos aos olhos de Deus e proveitosos para o próximo. Cada um faz o que pode. O Senhor é profes-

sor. Cabe ao prefeito dos estudos ver se há algo a recriminar no seu modo de ensinar. Se alguém dos coirmãos achar que o Senhor deve receber mesmo alguma advertência, que fale discretamente ao Superior, mas que ele não se permita criticar e desacreditar o Senhor.

Assim, para resumir: ajamos por caridade e com todo o amor, respeito para com as pessoas, respeito pelas idéias, respeito pelas atividades. Não julguemos os nossos coirmãos, mormente frente a outras pessoas. As nossas palavras não sejam para nossa Congregação ad ruinam (fatalmente prejudiciais), mas ad aedificationem (construtivas). Assim, todos formaremos uma só construção solidamente edificada e realizada por um só arquiteto, a Caridade. Peçamos essa caridade ao Menino Jesus que, vindo ao mundo, impôs um só mandamento, o seu preceito próprio: Amai-vos uns aos outros! (cf. Jo 13,34)

Rezemos a São Francisco de Sales para que nos comunique o seu espírito e peçamos a Boa Madre que dele nos proporcione a compreensão e o amor.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 10 DE JANEIRO DE 1894

"GUARDAR O DEPÓSITO"

Antes do Capítulo, desejo dizer-lhes uma palavrinha. Não é nada de novo. Quero fazer-lhes a minha confissão, incluindo a dos Senhores. Repassando as anotações do passado e as decisões do presente, ouvindo a opinião de todos os que estão em contato conosco e o que pensam sobre as obras dos Oblatos de São Francisco de Sales, eu me acuso por não termos bastante freqüentemente em vista a nossa finalidade, por não sermos bastante e no sentido pleno da palavra, Oblatos de São Francisco de Sales. Estamos verdadeiramente em dia com a nossa consciência? Estamos bem diante da Santa Igreja que conta conosco? Ela abençoou nosso surgimento como o de uma Congregação à qual compete um

lugar e uma atividade na sociedade cristã. Temos o encargo de grandes responsabilidades. O que realizou a Boa Madre Maria de Sales é a nossa herança, e isso deve ter necessariamente uma grande repercussão na Igreja. Todos o afirmam, todos o repetem continuamente. E nós devemos colocar a nossa vida à altura de sermos dignos e capazes de realizar essa obra. Como se consegue isso? Cada um de nós seja mais fiel; que cada um se dedique apaixonadamente às suas tarefas, à missão que lhe é confiada. Cada vez mais, em todas as cartas que recebo, pelas pessoas com as quais tenho contato, noto a confiança que se deposita no talento que Deus nos confiou, talentum auri (cf. Mt 25). É um talento precioso, um talento de ouro. Não estou dizendo isso por amor próprio, não são imaginação nem sonhos. Mas estou convencido de que dispomos de riquezas que não se encontrariam em nenhum outro Instituto, que os Senhores não achariam em nenhuma parte na vida cristã e religiosa. Não sejamos, portanto, indiferentes ou inconscientes face a semelhantes tesouros. A Madre Maria de Sales repetia freqüentemente - e tinha toda a razão - que o pecado original tinha atingido e ferido mais a inteligência do que a vontade. O homem, afirmava ela, é mais ignorante do que perverso. Infelizmente, nós participamos amplamente dessa ignorância, nesse ferimento da inteligência e do juízo. Ajamos de maneira que Deus nos mostre claramente a verdade; obtenhamos a graça de enxergar melhor. Recomendo-me às suas orações para que o Bom Deus me perdoe à medida que sou culpável dessa negligência que cometemos até aqui, ao respondermos aos seus desígnios. Acompanharei as orações dos Senhores para ajudá-los também a reparar as faltas que diversos entre os Senhores possam ter cometido por não colaborar com a graça divina, através de uma resposta bastante generosa e fiel. Formemos uma comunhão espiritual de orações para reparar o passado e depois dedicar-nos ao trabalho nas obras, dando aulas, atendendo a vigilância do modo melhor possível. Tornemo-nos realmente dignos da missão que nos foi confiada. Suportemos os sofrimentos, as humilhações, as fadigas do magistério, do ministério pastoral e de qualquer cargo a nós confiado. Sejam, sejamos todos muito fiéis para evitarmos - Deus nos livre - que esse dom seja transferido a outros, devido a nossa falta de fidelidade.

Como demonstração do que lhes estou dizendo, meus Amigos, basta ler algumas das numerosas cartas que chegaram para nós, na ocasião do ano novo. O Cardeal Mazzella, Jesuíta, nosso grande protetor,

que aprovou as Constituições dos Oblatos e das Oblatas, escreve-nos coisas maravilhosas que mostram sua compreensão da situação e do compromisso da Congregação. Deixemo-nos impulsionar por essas palavras de encorajamento; compreendam a qual sociedade pertencem e o que devem fazer. O Padre Pelgé, Vigário geral de Paris, o Bispo de Bale, o Bispo de Panéas, o Arcebispo de Lyon, Dom Rooney, coadjutor do Cabo, o Cardeal Parocchi, todos são unânimes, todos estimam e consideram muito grande a nossa missão. Se a opinião de todos coincide, dá para se convencer. É necessário, pois, que nós também nos convençamos. Devemos, então, ser verdadeiros religiosos. É preciso vivermos bem no sobrenatural, no que é a verdade. Seja este o ambiente em que vivemos, como o peixe dentro da água. Peçamos a Deus que nos dê a clara compreensão disso.

Também recebi muitas cartas de agradecimento por curas verdadeiramente milagrosas e ajudas temporais e espirituais alcançadas por intercessão da Boa Madre Maria de Sales. Também aqui há um concerto uníssono, um conjunto que faz refletir e dizer aos espíritos mais incrédulos: afinal, há mesmo alguma coisa ali! Sobretudo, existe uma doutrina tão rica, tão completa, tão prática que agrada a todos; é acessível a todos, seja a criancinhas, seja a pessoas eruditas, até mesmo aos hotentotes; cada um pode encontrar ali aquilo de que precisa. Lá se encontra tranqüilidade: é a verdade, é o que convém, é o que é bom. Lá se pode estar e respirar à vontade. Ali se está com Deus, com Nosso Senhor e com o Evangelho. Experimenta-se a presença deles, a gente se prende a eles com ardor de boa vontade sempre crescente.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 17 DE JANEIRO DE 1894

TER CORAGEM, PASSO A PASSO

São Francisco de Sales repete muitas vezes: Tenha coragem! Essa palavra era muito oportuna naquela época. Mas hoje em dia serve mais ainda e é mais necessária. Se todos os cristãos tivessem coragem, suportariam muito meritoriamente as misérias da vida, as tentações; seriam sempre vitoriosos. E tanto mais ainda o religioso. Lembrem-se das palavras do Sábio: "Fili, accedens ad servitutem Dei. praepara animam tuam ad tentationem." (Ecli 2,1) (Meu filho, se entrares para o serviço de Deus, prepara a tua alma para a provação.) Se não estivessem preparados para o serviço de Deus, não teriam que prevenir-se o espírito contra tantas provações. Não desanimemos, portanto, quando a provação chegar; compreendamos claramente que a vida é uma luta, uma guerra, um combate. É a luta e, conseqüentemente, a provação que constitui o alimento da vida, e não a paz, as alegrias, as consolações. Aqui na terra, precisa-se lutar e combater. Contra quê? Contra a carne e o espírito, contra o nosso temperamento, contra o aborrecimento, o desgosto, o desânimo, as conseqüências da ignorância, contra o que não entendemos, contra o insucesso, contra o que não vemos, quando estamos nas trevas. Por que desanimar-se? Continuemos o nosso serviço pacientemente. Mas por que continuar? Por que não fazer outra coisa? Se eu for persistente, será que vou enxergar melhor? Talvez não, mas o Bom Deus o chama a viver nas trevas e na escuridão, se é esse o seu caminho... Deus não estará lá com o Senhor? E ainda que seja necessário a cada instante reforçar sua vontade, renovar sua coragem, aceitem-no; Cristo está com o Senhor, está seguro o Senhor, está no caminho certo. Se não lutar, se não sofrer, não está no seu lugar, errou o caminho. O Diretório lhe diz isso em termos formais e de maneira bem marcante: Em cada ação é preciso **"preparar-se a suportar com paz e simplicidade de espírito toda a pena e mortificação que encontrarem como vindas da mão paternal do nosso Bom Deus e Salvador..."** Eis a vida do Oblato e essa vida dá muita força. Dia após dia, aumentam-se as energias. É como na física: coloque uma quantidade pequena na superfície de uma chapa suspendida de um ímã de 1 kg. de força. Acrescentando cada dia a mesma

quantidade, chegará assim, aumentando pouco a pouco a dose, a fazer sustentar um peso de 4 ou 5 kg. Se antes tivesse tentado fazer-lhe suportar tal peso, nunca teria conseguido. Faça assim, acostume-se a suportar as pequenas provações que o Bom Deus permitir. Então, a vida não é monótona; cada pequeno acidente, cada pequena contrariedade tornar-se-á a ocasião de 15, 20 bons, pequenos exercícios. Pouco a pouco, se consegue assim fortalecer a vontade e capacitar-se para realizar grandes coisas. Pretender chegar a isso logo de início é uma ilusão. Não há ninguém extraordinário, vamos! Um vale tanto quanto outro. Deus dá a todos igualmente. É como uma toalha de mesa que não consegue cobri-la totalmente; se se puxa para um lado, destapa o outro. O Bom Deus é o Pai de todos. Dá a todos a respiração, a vida, a coragem necessária, a força, para que, ao chegarem as dificuldades, se possa resistir. As mudanças sucessivas da alma parecem muito aos movimentos atmosféricos. Há fluxos e refluxos, marés e tempestades. Há golpes inesperados que incidem sobre a alma e que a viram e reviram. Reparem o que aconteceu durante a grande Revolução Francesa. Todas as comunidades religiosas estavam desanimadas, desapontadas; não sobrava mais nem força, nem determinação... Quem sabe superar a tentação do desânimo logo ocupa lugar entre os vitoriosos. Quando cada um se empenha por assumir com muita coragem sua parte nos problemas, nos trabalhos e se aplica a observar bem o Diretório, por dobrar-se de boa vontade, sujeitando-se cordialmente a todas as exigências e mortificações, então, tudo vai bem e normalmente. Em nossos compromissos e atividades, a metade do que fazemos está marcada com o selo do sofrimento, da fadiga, da contrariedade, muitas vezes chega a três quartos ou mesmo à totalidade. Suportemos tudo isso com coragem. É essa a maneira de santificar-nos e logo tornar-nos-emos grandes santos, perfeitos e admiráveis religiosos. O Bom Deus nos põe no caminho tudo que precisamos para purificar-nos e fortalecer-nos; cabe a nós aceitar tudo isso de bom grado, tirando proveito e beneficiando-nos por acolhê-lo com energia, força e coragem viril. Uma vida assim nos proporciona luz e claridade bem vivas: In ipso vita erat, et vita erat lux hominum. (Jo 1,14) (Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.) Aceitando a Vontade de Deus em cada instante, dez, vinte, trinta vezes por dia, então é que vivem com Deus, com o Verbo de Deus que é a luz que, vindo ao mundo, ilumina todo o homem (cf. Jo 1,9). Com ele verão, compreenderão; sua alma estará iluminada cada vez mais com os raios da luz eterna e

da luz temporal. Se a Revolução (francesa - tr), se as grandes heresias não tivessem ocorrido, afastando o homem da Vontade de Deus, do Verbo de Deus e da luz, se a gente tivesse continuado a cultivar, à essa luz, as letras, as artes, as ciências, quem sabe até onde teríamos chegado? Convém que lhes conte um pensamento que tive. Estamos sozinhos! Ontem estava rezando e eu disse aos meus botões: O que se fará, uma vez estando no paraíso? Pensei que se eu veria só Nosso Senhor como o vi, isso me bastaria por toda a eternidade.O que me seria suficiente não seria, penso eu, ter profundas considerações, penetrando os mistérios divinos, mas observar simplesmente Nosso Senhor como ele era quando o vi, sua atitude, sua maneira de ser. Isto chegaria para um paraíso eterno. A plenitude, em si completa e perfeita, é fácil de encontrar e de realizar. Praticando bem o que eu disse há pouco, executemos a vontade de Deus em cada ação e realizaremos a vida e a luz em nós. Assim é que se começa a ver, a compreender, a saciar a alma e o coração. Encontra-se Jesus Cristo, e ele nos basta. Como se faz isso? Como acontece que, enxergando Jesus Cristo como o vi, isso me bastou para ter a idéia e a sensação de uma felicidade infinita? Como dar-se conta disso? Não sei, entretanto sinto que é assim. Em nossa pequena prática de vida, está presente tudo o que é necessário para chegar à visão perfeita de Deus. Unimos inteiramente nossa vontade com a Vontade de Deus, e isso é o céu! Oh, claro, não é o céu absoluto e sem véu, não é o céu completo, sem angústias, sem trevas, mas, enfim, é o céu! Durante quarenta anos, eu era testemunha dessas maravilhas. Parecia-me nada, à primeira vista, mas produzia os efeitos mais duráveis. A Boa Madre, do resto, não disse muitas vezes que o mundo seria salvo, quando os Oblatos estivessem fundados, que se veria Jesus Cristo caminhar sobre a terra, que se enxergaria claramente que é só Nosso Senhor que o fez, porque fora dele ninguém o poderia ter feito? Uma vez realizada a salvação do mundo, Cristo mostrará convincentemente que foi só ele que a efetuou. É preciso, acrescentava ela, que os Oblatos sigam as pisadas desse trilho para sustentar o bem operado. Como preparação para esses tempos de graças singulares e de coisas extraordinárias, dediquemo-nos a mortificar o nosso espírito individualista, a conformar-nos de coração com todo o pequeno sacrifício, a superar todo o aborrecimento e todo o desânimo. Todos podemos tirar proveito disso. Há oportunidada para todos. Que bom assim! Com isso aumentaremos o nosso tesouro: Talentum auri.

Tenham coragem; tenham uma fé enérgica, nos tempos presentes. Como as estrelas, quando Deus as chamou no firmamento: "Vocatae sunt et dixerunt: Adsumus! (Bar 3,35) ("Chama as estrelas e respondem: Aqui estamos!"), assim também nós obedeçamos a Deus, fortaleçamos a nossa coragem. Cada um tome a decisão firme de fazer isso sem hesitar, como dizia o nosso Santo Fundador, ou, como se diz na Champagne, sem andar rodeando!

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 24 DE JANEIRO DE 1894

TER MUITA CORAGEM, NA VIVÊNCIA PERFEITA DA NOSSA HERANÇA

Durante a nossa última reunião, eu dizia-lhes uma palavra do nosso Santo Fundador: Tenham coragem! Hoje lhes direi: Tenham muita coragem, porque nós, Oblatos, somos uma Congregação nascente, sem dúvida, mas que já se comprovou de certa maneira. A graça de Deus nos parece já ter vindo, mais abundantemente do que nunca, sobre o que começamos. Olhem, já somos adultos. Precisamos, portanto, agir com muita coragem, devemos considerar uma honra sermos Oblatos de São Francisco de Sales. Compreendam bem essa dignidade e essa missão, e dessa compreensão surgirá algo valioso. Um primeiro motivo para entender o que devemos ser, é que há diversas Congregações com o nome e sob o estandarte de São Francisco de Sales; algumas até parecem querer reivindicar um pouco a herança da Boa Madre, ou seja, suas promessas. Eu não estou querendo disputar com ninguém, sem dúvida, mas sei melhor do que qualquer um o que a Boa Madre disse. Não resta dúvida de que todos podem aproveitar as bonitas e boas coisas que ela ensinou; mas quanto ao ser seus herdeiros verídicos, seus filhos, no que diz respeito a possuir a tradição imediata, completa e de forma plena de sua doutrina, do seu espírito, ninguém pode sinceramente contestar esse patrimônio. Sei muito bem o que me dizia e repetia mil vezes. Nossos Padres são os

verdadeiros herdeiros dela, eles é que têm a verdadeira doutrina dela; pois é essa a graça principal que receberam de Deus. Seja isso o nosso ponto de partida, meus Amigos, esse é o nosso princípio. Deve-se muito respeito a todas as associações que recorrem a São Francisco de Sales e mesmo à Boa Madre; não se despreze nenhuma; mas não deixemos das nossas prerrogativas e compreendamo-las bem. Podemos afirmar tranqüilamente que nós possuímos o espírito da Boa Madre, sem falar mal dos outros. O Padre Chaumont é um sacerdote sumamente respeitável, muito digno de confiança; eu o estimo muitíssimo. Li em algum livro que a sua associação era a herdeira das promessas da Boa Madre. Fique bem claro. O Padre Chaumont veio visitar a Boa Madre Maria de Sales. Ele já tinha iniciado suas obras múltiplas de São Francisco de Sales e perguntou à Boa Madre se devia tornar-se Oblato. "Continue sua obra," ela lhe respondeu. O que o Padre Chaumont faz é uma coisa boa, excelente. Ele dirige uma grande quantidade de sacerdotes, uma quantidade de pessoas leigas, no caminho de uma perfeição bastante rigorosa. Está muito bem, e só podemos alegrar-nos com isso e admirá-lo. É evidente que ali se realiza um grande bem, um bem - assim parece-me - até mais considerável que aquilo que nós realizamos até agora. Mas acrescento que a doutrina que o Padre Chaumont ensina não é bem aquela que nós propomos. De forma alguma se trata do mesmo espírito. O Bom Deus não criou todo o mundo do mesmo jeito. As mentalidades diferem. Assim aprouve a Deus e deve-se respeitá-lo. Compreendamos bem que nós, Oblatos, somos encarregados de difundir a doutrina da Boa Madre e, conseqüentemente, praticá-la; recebemos o encargo de fazer desabrochar e frutificar as imensas graças que o Bom Deus vinculou a esse caminho especial. Será que o da Boa Madre é o único para ir para o céu? Não, certamente, há muitos outros e excelentes; mas este é bom, seguro, fácil; é o melhor para nós e para as pessoas que Deus chama a nós. Diariamente recebo cartas de toda a parte, de todos os países; dizem-me que nesse camino há algo que não se encontra alhures e que é exatamente aquilo que as pessoas precisam nos tempos atuais. Esse é o nosso quinhão, a nossa propriedade. Cabe a nós fazê-lo valer. Se não o fizermos, se não nos dedicarmos a isso de todo o coração, o Bom Deus poderá tirá-lo de nós, da mesma forma como se o viu transferir a tocha da fé de um país para outro: movebo candelabrum (Ap. 2,5) (Removerei teu candelabro). Seria muito lamentável, não é? Mas todas as pessoas que entram generosamente por esse caminho, olhem como Deus as ajuda,

como fazem progresso considerável. Esse quadra a todos e agrada a Deus; é um meio importante e eficaz de praticar a virtude e de ir para o céu. Tenhamos, pois, muita coragem diante desse empreendimento e essa grande coragem deve consistir em fazer bem tudo o que temos que fazer. Estejam bem convencidos, meus Amigos, que todo o Oblato fiel, praticando bem o Diretório, é quem certamente dará a direção espiritual mais acertada. Estou dizendo isso sem intenção de fazer injustiça a ninguém. Não estou afirmando que esse Oblato seja capaz de dirigir todas as almas; poderá haver umas que não o compreendam, mas aquelas que o compreenderem terão uma imensa vantagem, gozarão paz e segurança.

A Senhora B. acaba de entregar sua filha às Oblatas; essa senhora é uma santa: pratica todas as virtudes admirável e valentemente, mas sua filha, que era nossa aluna, reza de todo o coração para que sua mãe se torne uma santa conforme São Francisco de Sales. A pobre mulher não tem nenhuma alegria da vida piedosa e cristã; sua vida é dureza e provações de todos os tipos. Será que irá para o céu? É isso que ela, receiosa, se pergunta continuamente. Ela é posta à prova por não ter o benefício, a alegria, a segurança de uma vida bem cristã e calma. Acontece que um grande número de almas se encontra nesse caminho. Com certeza, é uma prova a mais de grande mérito, é uma disposição que leva à santificação. Mas se essa boa mulher tivesse o espírito de São Francisco de Sales, já teria uma influência bem maior sobre seus filhos que quase não ligam a ela e teria também uma vida mais calma e feliz. O Bom Deus, certamente, não lhe pede o que ela não conhece, mas o que pede a nós é que levemos as almas por aquele caminho. Santifiquemo-nos zelosamente; não tanto para obter graças extraordinárias para nós, mas para outros. Como aproveitamos nós mesmos as graças de Deus? A Boa Madre dizia freqüentemente que é muito difícil não perder uma graça ou outra, até muitas graças de Deus. Convencidos de nossa infidelidade, tenhamos cuidado de não nos julgar melhores que os outros. Coloquemo-nos, pelo contrário, abaixo de todos. Temos uma missão a cumprir, estejamos certos de que a atendemos mal, e isso é verdade. Mas apliquemo-nos a propagar, a estender a graça de Deus sobre as almas e isso, repito mais uma vez, com toda a coragem possível para realizar bem o que devemos fazer, para desempenhar-nos disso perfeitamente.

O Senhor é pregador, prepare com esmero os seus sermões; o

Senhor é professor, ministre com toda a dedicação as suas aulas. E assim com tudo: a vigilância e todo o tipo de trabalho. Vise sempre, em tudo o que fizer, o melhor possível. É isso o que ensina São Francisco de Sales para alcançar a perfeição, o amor a Deus, de maneira mais completa possível, em todas as coisas.

Tenham sempre em vista a perfeição dos seus trabalhos, dos seus empreendimentos, de toda a sua conduta. Tomem isso a peito e apliquem-se a isso com muita coragem; na sua vida interior e particular, em seus contatos com o próximo, que isso seja sua constante preocupação. Onde a obediência os chamar, persigam, com grande coragem, a perfeição. Olhem, no último número dos "Annales", o artigo do Padre Bonny, com referência a uma tese na Sorbonne. Reparem como o que ele afirma é acertado, exato e novo; não vem importunando com citações de um ou de outro livro, daqui ou dali. Há originalidade e boa fundamentação. Ele vive o Diretório e o Diretório vivifica a sua inteligência natural e lhe dá a graça de discernir bem e expressar-se corretamente. Quando, com essa luz sobrenatural que fecunda o espírito natural, se aborda um assunto, a gente o compreende, o capta e o encara do ângulo certo: as conclusões são acertadas. Tudo o que se faz a essa luz é correto, harmonioso e conveniente. Não seremos verdadeiros Oblatos a não ser com o nosso Diretório, com as nossas Constituições. Com isso poderemos e deveremos necessariamente chegar a realizar muito bem tudo o que tivermos a fazer. Todas as questões, todos os tipos de estudo, todos os trabalhos que enfrentarmos, tudo chegará a bom termo. Isso ocasionará perfeito equilíbrio espiritual e intectual em nossa vida: In ipso vita erat, et vita erat lux hominum (Jo 1,4) (Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens). Consideremo-nos todos obrigados, portanto, a ter muita coragem, a fazer bem tudo aquilo que tivermos que realizar, aplicando-nos a isso, ao fazermos todo o empenho para que saia com o melhor resultado possível. Ao termos essa disposição, o Bom Deus, então, nas dará a compreensão, a visão certa daquilo que tivermos que fazer; essa união íntima à inteligência e à vida divina proporcionará uma clareza e uma força admiráveis às nossas pobres faculdades naturais. Naturalmente, entre os incrédulos ou os que não se apóiam em Deus, existem pessoas inteligentes; não se pode afirmar que a incredulidade em si embote o espírito e lhe tire todos os recursos. Mas é certo que o empobrece muito. Se essas pobres pessoas fossem bons cristãos, seriam muito mais inteligentes. A esse propósito, eu lancei

nestes dias a observação que o ensino atual parece tender a atrofiar a inteligência dos jovens. Agora, em vez de ensinar aos meninos o catecismo e a história sagrada, em vez de colocá-los diante da realidade suprema, a gente lhes inibe nas aulas a pouca compreensão que tinham. Ensina às meninas ser uma pessoa ignorante... Que se cuidem, portanto, ou melhor, que se cuidem das professoras que lhes ensinam coisas tão belas! Não se comunica mais nada de sério aos jovens, nem mesmo os mínimos conceitos morais. Importa reagir contra isso; vejam como a nossa missão é grande! O mundo está se tornando estúpido! A moralidade está muito baixa; o mundo intelectual aparece cada vez mais caduco. Devemos estar à altura de nossa vocação para elevar as almas que nos são confiadas e colocá-las a par dos ensinamentos da vida cristã. Quando Santo Inácio fundou seus religiosos, era para combater o protestantismo. São Francisco de Sales quis combater também e reconduzir o Reino de Deus à terra, um Reino pacífico que ele restabelece através da mera influência da verdade e da graça de Deus. Mas é necessário que Deus encontre ministros, instrumentos de sua misericórdia. Para que as pessoas compreendam, é preciso que ouçam. Como poderão ouvir se a gente não lhes fala e como falar-lhes se a gente não sabe? Tenhamos, pois, muita coragem, para fazermos tudo isso do melhor modo possível; compenetremo-nos bem da grande graça de nossa vocação; seguremos o fogo sagrado: Sursum corda (Corações ao alto)! Esse fogo sagrado é necessário, se queremos executar bem nossa obra.

Domingo próximo, celebraremos a festa de São Francisco de Sales. Peçamos com fervor a nosso Santo Fundador que nos faça compreender o que ele quis de nós. Consideremo-nos os herdeiros das suas melhores promessas. Mãos à obra. Repito muitíssimas vezes a mesma coisa. Mais uma vez, não digo que devemos colocar-nos acima de São Pedro; São Francisco de Sales está abaixo dele. Mas, como mais fiel do que São Pedro, ele estava mais próximo ao coração do Salvador. Posso dizê-lo com toda a certeza: nós somos os filhos bem-amados e prediletos do nosso Santo Fundador, pois só nós temos o seu Diretório, sua vida íntima, possuímos o seu coração... A Boa Madre nos constituiu nessa herança de escol. Roma nos confirmou nisso. Temos a nosso favor magníficas promessas, sancionadas pela aprovação do nosso Santo Padre, o Papa. Cabe a nós agora seguir fielmente e caminhar sem deixar-nos ultrapassar. Celebraremos bem esta festa de São Francisco de Sales, preparando-nos de todo o coração para aplicar-nos melhor às meditações e à

fidelidade interior. Passemos alguns dias de fiel observância e obteremos do Bom Deus tudo o que desejarmos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 31 DE JANEIRO DE 1894

VIVER O DIRETÓRIO

Em Roma havia um Cardeal que, como diziam, falava vinte e cinco idiomas e compreendia todos os outros. Um professor do Seminário de Troyes, desejoso de vê-lo e escutá-lo, solicita uma audiência. Quando se encontram, o Cardeal lhe pergunta qual era a finalidade da visita. "Vim para prestar-lhe minha homenagem e consultá-lo." "Compreendo, Reverendo, o Senhor está curioso para ver um dicionário ambulante; pois bem, eis-me aqui."

Devia ser, meus Amigos, que todo o Oblato pudesse dizer àqueles que lhe perguntarem sobre o espírito do Instituto: "Olhem-me a mim, eu sou um dicionário vivo, um Diretório vivente." Certamente, os caminhos a seguir variam conforme as disposições interiores da pessoa; mas esses caminhos nunca podem se desviar daquele do Diretório. O Diretório deve ficar o traço especial que distingue o Oblato. Pela prática do Diretório, não só se chega a formar em si o verdadeiro religioso, mas também da observância fiel recebe-se abundantes luzes que nos iluminam a inteligência, proporcionando-lhe um conhecimento seguro e profundo, a respeito das mais elevadas verdades dogmáticas e morais. Está nisso o segredo da direção própria e da dos outros. Com a prática do Diretório, tornamo-nos completos, mais completos que seguindo uma outra direção, por melhor, mais piedosa e segura que seja. As outras orientações visam o homem especialmente em seus atos externos e procuram ordenar estes. Nossa direção atinge o íntimo da pessoa e envolve-o para dirigir todas as aspirações do coração e do espírito para uni-las a Deus. Assim, o estudo do Diretório deve ser a nossa constante preo-

cupação.

Desde o levantar até a hora do descanso, nunca devemos perdê-lo de vista. Ele deve ser a nossa substância, a substância sólida que sustente nossa vida religiosa. Meditemos os artigos, um depois de outro. Essa meditação porá ordem em toda a nossa vida. É Deus que é a ordem por excelência e que estabeleceu a ordem em todas as coisas, ele será honrado pela ordem que quis estabelecer no universo, especialmente quanto aos seres inteligentes. Constatará complacente essa ordem na seqüência das nossas ações e nos repetirá as palavras dos primeiros dias: Et vidit quod esset bonum (Gn 1,31) (E viu que era tudo muito bom).

Antigamente se apresentava uma lista de trinta e duas coisas para fazer cada dia, com o fim de observar fielmente voltar a isso, para que todos, professos e noviços, se dediquem à prática exata de suas obrigações. Repito, pois: devemos ser Diretórios ambulantes, em nossas diversas ocupações do dia a dia. O Diretório é o molde que nos deve formar, sendo também um meio muito eficaz para instruir-nos, tornar-nos inteligentes e capazes de compreender os assuntos espirituais e materiais e penetrar os mistérios de todas as ciências. Toda a palavra verdadeira vem de Deus e toda a luz parte dele. Erat lux vera quae illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum (Jo 1,9) (Esta luz era a verdadeira Luz que, vindo ao mundo, ilumina todo o homem). Precisamos ser, pois, eu repito, verdadeiros Diretórios e, então, seremos autênticos religiosos, completos, mais do que com uma regra puramente exterior que, certamente, poderia proporcionar-nos bons hábitos para fazer isso ou aquilo, mas não nos daria tão bem o amor por essas coisas. De manhã, façam a meditação com o Diretório. Verifiquem se não falharam em algum ponto da Regra, se não participaram da Missa como indica o Diretório e reparem como remediar essas faltas e tomem firmes e generosos propósitos de ser fiéis ao Diretório durante o dia. É tão bom ater-se ao Diretório que os Padres, que o fazem, não cessam de assegurar-nos que aí encontram tudo, conforme a necessidade do seu coração, de sua alma. Encontram no mesmo, igualmente, recursos imensos para os outros, seja para a pregação, seja para a confissão.

Padre Bony escreve-me e fala sobre o bem que o Diretório faz na direção espiritual. Padre Pernin e todos os nossos Padres pregadores, todas as vezes que falam no espírito do Diretório, são apreciados e ouvidos com prazer e sobretudo com resultado. Naturalmente, prega-se

a mesma doutrina em toda a parte, mas não é pregada da mesma maneira; não são dados os mesmos motivos para fazê-la aceita; os motivos do Diretório respondem às necessidades de todas as pessoas. Esta eficácia do Diretório parece impor-se a cada um, atualmente, que quer progredir nos caminhos espirituais. Sente-se, hoje em dia, cada vez mais, a necessidade de apoiar-se na doutrina do nosso Santo Fundador, a precisão de valer-se do espírito dele, de animar-se com o ardor de sua caridade. Todo o movimento religioso de nossa época se desenrola nesse sentido. Mas cabe a nós dirigi-lo, sustentá-lo, cabe a nós esclarecê-lo e torná-lo verdadeiramente prático. Para isso, mostremo-nos verdadeiros Oblatos; que a nossa direção se torne acessível a todos e, fazendo dela a norma de nossos pensamntos, de nossos desejos e de nossas ações, apresentemos em cada um de nós a imagem de nosso bem-aventurado Pai que, por sua vez, era a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo. Observem como, de todos os lados, se vai a São Francisco de Sales; é ele que encabeça o rumo da Igreja.

A Irmã Genoveva dizia-me, algum tempo antes de ele ser proclamado Doutor da Igreja, que seria declarado um dos maiores sábios do paraíso e que agora estava mais ocupado e atarefado do que nunca. Acredito nas palavras da Irmã Genoveva que era uma grande santa. Existem, parece-me, entre grande santa.

Existem, parece-me, entre Joana d'Arc, que acaba de ser declarada Venerável, e ela, pontos muito parecidos. Como Joana d'Arc, a Irmã Maria Genoveva ouvia vozes celestes e todas as predições que me fazia até agora se realizaram. Era filha de agricultor e, antes de ser Visitandina tratava as vacas no estábulo, quando, pela primeira vez, ela também ouviu as vozes. Nosso Senhor lhe apareceu. A jovem, naquela época, começava a ficar vaidosa; gostava das diversões do mundo e, naquele tempo, até pretendia ir a Troyes para comprar algumas jóias, com seu dinheiro poupado. Nosso Senhor lhe disse: "Tu queres fazer-te bonita e eu sofri e fui dilacerado por laçaços por ti." A jovem compreendeu a advertência divina e foi dizer à sua mãe e à irmã: "Eu me perderia aqui; é melhor que eu saia!" Ela veio para Troyes e se pôs a serviço de uma senhorita idosa na casa da qual podia começar a levar uma vida mais edificante. Ia à primeira Missa, todos os dias, na Catedral. Uma noite, enganada pelo luar, pensou que já era dia e chegou a uma hora de madrugada à porta da Igreja. A ronda de polícia que passa-

va naquele momento tomou-a por uma vagabunda e, apesar dos protestos dela, a fez passar o resto da noite na prisão, onde a sua patroa teve que procurá-la, a manhã seguinte. Um dia passava frente à porta do bispado no exato momento em que desceu de uma carruagem um casal esplêndido de noivos. Ela desviou o olhar, apesar do desejo que tinha de ver a noiva. Entrou na catedral e lá ela ouviu claramente Nosso Senhor que lhe dizia no fundo do seu coração: "Porque não quiseste olhar, tu me verás sempre!..." Desde aquele momento, não perdeu mais a presença de Deus.

Pois bem, voltando a São Francisco de Sales e ao Diretório, que cada um de nós se aplique de todo o coração.

De manhã, façamos de bom grado a nossa meditação com o Diretório e continuemos durante o dia todo. Com certeza, experimentarão dificuldades, tentações, pois o grande defeito dos Oblatos é que muitas vezes observam a Regra sem gosto, sem atração e penosamente. Os primórdios, sobretudo, dessa vida de aplicação e de união com Deus são, às vezes, difíceis e requerem muito esforço por parte da pessoa, mas, sem levar em conta o mérito do nosso empenho e de nossa constância, levarão a um hábito que conseguiremos formar e seguir-se-á uma facilidade, uma satisfação, uma simplicidade de ação que farão da nossa vida o início da vida do paraíso. Não esqueçamos nunca de que foi o Diretório que formou São Francisco de Sales, a Boa Madre, a Irmã Maria Genoveva. Foi o Diretório também que formou todas essas Visitandinas famosas que, como primeiras, escreveram páginas tão valiosas da literatura francesa. Não há como fazer objeções contra isso. Todas as pessoas que se esforçaram generosamente pela prática do Diretório têm obtido um cunho de santidade, de perspicácia e de distinção muito notáveis. É o que levou Dom Coeur a dizer: "A Visitação é a aristrocacia do céu!"

Sujeitemos as nossas paixões, dominemos o nosso amor próprio, rejeitemos a nossa vontade própria para só fazer a Vontade de Deus, fielmente aceita, a todo o momento, por meio do Diretório; assim viveremos habitualmente na presença e no amor de Deus, e nosso espírito receberá tudo das mãos de Deus, as dificuldades e as alegrias, o que Deus manda ou permite, não somente com uma vontade passiva e resignada, porque não há outra maneira, mas com uma vontade enérgica e afetuosa, que faz o que deve fazer unicamente para ser agradável a Deus e

ser amado por ele. Para nós, a melhor maneira de ser agradáveis a Deus é praticar bem o nosso Diretório.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 7 DE FEVEREIRO DE 1894

A NOSSA PENITÊNCIA, O DIRETÓRIO

Precisa-se fazer penitência: todos os ofícios da Quaresma nos convidam a isso, mas quase não compreendemos mais, hoje em dia, esta severa linguagem. É necessário fazer penitência; é a voz da justiça divina, mas ouvimo-la sem nos preocupar bastante com a aplicação dela em nossa vida. Importa fazer penitência: mas a própria Igreja, forçada a condescender com nossa pouca fé e fraqueza, suavizou-lhe as práticas consideravelmente; mitigou a lei do jejum e cortou uma parte das abstinências. Entretanto, a obrigação de fazer penitência continua sendo um dever de justiça. Pois bem, questões de justiça não caducam. Infelizmente, também nós, por mais religiosos que sejamos, não nos esquecemos por demais que devemos satisfação a Deus por motivo das nossas faltas? É verdade que a mortificação corporal não é imposta como tal aos Oblatos de São Francisco de Sales, nas Constituições e nas Regras; mas será que os Oblatos não têm suas misérias espirituais, seu amor próprio, suas suscetibilidades, suas invejas, suas revoltas interiores contra o que incomoda e os faz sofrer? Não têm eles também suas pequenas paixões que os arrastam? São essas tantas causas de imperfeições e de pecados pelos quais devem reparar. Se essa expiação não é realizada neste mundo, ela fica como uma dívida que se tornará, após a morte, tanto mais onerosa já que teremos deixado o pagamento dependendo do julgamento de Deus. Mortificação corporal alguma é diretamente prescrita em nossas Constituições, é verdade; mas será que não temos, no Diretório, bem mais do que mortificações corporais? O Reverendíssimo Padre Capuchinho, encarregado de revisar as nossas Constituições, ficou surpreso por não encontrar entre elas mortificações formais. Que-

ria introduzir algumas, mas um Cardeal o desaconselhou, dizendo: "Que os Oblatos se dediquem a observar todos os pontos do seu Diretório e encontrarão, nessa pontualidade, sacrifícios a todo o momento, mais mortificantes que o jejum e a disciplina. Pois bem, é isso o que não entendemos suficientemente. Não fazemos, de nossa fidelidade ao Diretório, um meio de expiar as faltas.

Entretanto, repito, toda a falta deve ser expiada. Deve ser reparada por motivo de sua seriedade; a gravidade de uma falta se mede segundo a vontade, conforme o conhecimento que se tem da verdade, mede-se de acordo com a graça mais ou menos abundante que nos é dada, dependendo também das inspirações que Deus nos dá e dos mil favores dos quais somos cumulados. Julguem, pois, a extensão da expiação que se impõe aos Oblatos! Será que é de direito dizer: A Regra não me prescreve mortificações, a esse respeito não devo nada a Deus? Não, a Regra não determinou nada com referência a isso, mas existe um mandamento superior que obriga todos os cristãos e mais particularmente os religiosos: É que se precisa fazer penitência pelas faltas. É este o tempo em que a Igreja nos pressiona a pagar a dívida do pecado. Satisfaçamos generosamente à justiça divina. É inútil procurarmos fora de nossa vida de Oblatos as satisfações que somos obrigados a oferecer. Contentemo-nos em juntar, um por um, os cavacos da cruz que cada um de nossos exercícios desprende. Para pagarmos nossa dívida e sermos agradáveis a Deus, nos bastará ser fiéis ao Diretório. Não descuidemos tampouco circunstância alguma que se nos apresenta de fazer um sacrifício, um ato de humildade, de mortificação, de renúncia a nós mesmos, de paciência e de caridade para com os nossos irmãos.

A Boa Madre adoentada subia com dificuldade as escadas; disseram-lhe que poderia servir-se do corrimão. Contentou-se em responder: "Faz bem sentir um pouco de incômodo!" São Bernardo não cessava, no começo de sua vida religiosa, de pedir a Deus que lhe fizesse compreender todas as interpretações e todos os méritos contidos em cada fragmento da cruz. Estava constantemente atento para não deixar cair nenhum por terra. Mais do que ele, nós temos o dever e a obrigação de dar satisfação à justiça divina.

O nosso Diretório, melhor conhecido e bem praticado, seja nossa grande mortificação, durante esta Quaresma. Peçamo-lo a Deus, ao nosso Fundador e, especialmente, à Boa Madre que soube encontrar nele o segredo da santidade.

CAPÍTULO DO DIA 14 DE FEVEREIRO DE 1894

A REGRA, NOSSA UNIÃO

Um princípio de que importa estar profundamente convencido é o de que todo o bem que se faz numa Congregação religiosa depende da inteira observância das Constituições e das Regras.

Nada pode ser nem útil para o religioso, nem de proveito para o Instituto sem essa dependência absoluta de tudo o que é prescrito. Dispensa-se assim a iniciativa pessoal? De forma alguma. O religioso é antes orientado do que inibido na sua atuação. Verdade é que essa atividade deve se desenrolar sob condições determinadas, mas a atividade humana, em vez de aplicar-se a coisas alheias ao seu fim, é exatamente estimulada, limitando-se a uma esfera bem definida. Seja no cargo de professor, de ecônomo ou de diretor, a conduta a observar está estabelecida para cada um desses serviços. Cabe ao Oblato aplicar aí a inteligência e o zelo que Deus lhe deu. O importante é que tudo seja feito segundo o espírito da Congregação, pelos meios ensinados e conforme as regras traçadas, de maneira que seja fácil reconhecer um Oblato de São Francisco de Sales a partir de sua atuação. Não deve aparecer entre nós nenhum sinal de divergência. Por toda a parte e em tudo, é necessário encontrar o religioso. Chegaremos a tomar a forma e a característica do religioso Oblato, ao observarmos bem o que diz respeito à ordem intelectual e à ordem espiritual ou sobrenatural.

A ordem material compreende a administração e a organização dos bens da Congregação. O Reverendíssimo Padre Lebeau, como Ecônomo Geral e Visitador, está encarregado disso. Todo o sistema divergente do mesmo, ainda que pareça dever proporcionar mais recursos ao Instituto, deve ceder à vontade dele, até que o Superior Geral, estudando a questão, a decidir definitivamente. Não somente devemos acolher os conselhos do Padre Visitador, dispostos a seguir-lhe as diretivas e não fazer nada a não ser o que ele ordena, mas cada um de nós tem obrigação de observar a pobreza - uma pobreza efetiva - evitando despesas, cuidando da roupa e de todos os objetos do seu uso, zelando pela conservação dos bens da Congregação. Através do amor à pobreza e pelas pequenas economias que ela inspira é que uma Congregação se sustém e

aumenta seus bens. Se perdêssemos de vista essa virtude fundamental, se relaxássemos as mínimas observâncias, Deus não nos abençoaria. Ao ficarmos realmente pobres, mereceremos sempre este elogio que um dia fazia uma benfeitora nossa: "Eu gosto dos Oblatos, porque querem bem a pobreza." Deus, certamente, há de ratificar essa palavra e, como essa senhora, assegurar-nos a sua proteção e ajuda, enquanto permanecermos pobres.

As questões de ordem intelectual dizem respeito especialmente ao Reverendíssimo Padre Rolland e, na ocasião de suas visitas, ao Reverendíssimo Padre Lebeau. Eles devem vigiar e providenciar que os programas sejam cumpridos e os métodos obedecidos. Um professor pode ter uma maneira de ver, um modo de agir que lhe são próprios. Pode até acontecer que o seu sistema parece melhor do que o estabelecido; mas certamente não atingiria sua finalidade; não alcançaria, sobretudo, o fim último que só pode ser o resultado de um conjunto. Não haveria nem unidade de ensino, nem ensino completo sem um programa único, sem um método uniforme. Mas se um professor é obrigado a seguir um regulamento, pelo menos ele tem toda a iniciativa possível para fazer com que os programas sejam bem cumpridos e o método seja bem aplicado! Sua obediência será tanto mais meritória perante Deus quanto mais sacrifícios tiver que fazer. E essa obediência ele a observará se for inteligente. Porque, sendo inteligente, o desenvolvimento se tornará fácil e ele compreenderá que o funcionamento regular de uma máquina não depende de uma só engrenagem, por mais perfeita que seja, mas que só pode haver unidade no ensino sob a condição de trabalhar no sentido e da maneira que se nos indica. Por que os Maristas são considerados mestres exemplares no ensino? É porque, assim respondeu um homem entendido, um profissional, todos os professores são noviços. Eles só conhecem, de fato, a obediência submissa, mas livre e inteligente. Um dos nossos Padres, que temos no campo das missões, é um homem de Deus. Mas, depois de ingressar tarde na Congregação, não conseguiu captar a formação religiosa do nosso Instituto. Ele se esforça, mas sem se preocupar suficientemente com as regras e com a direção que lhe foram fixadas. O que está acontecendo? O bom Deus não abençoa muito os trabalhos dele. Ele está bem longe de ter em volta de si a ação benfazeja que deveria ter. Seria o nosso caso, se quiséssemos fugir da orientação que nos é dada e seguir os impulsos da nossa natureza. Bem sei que

o que lhes é solicitado, às vezes, requer um pouco de heroísmo; mas, repito, para todo o religioso inteligente, a Regra é a Regra; e a obediência é o segredo do sucesso e do mérito perante Deus. Quanto às coisas de ordem espiritual, nós temos nossos princípios de direção, os conselhos que nos foram dados e os exemplos que recebemos. Esse patrimônio é a nossa riqueza. Aí encontramos a luz, o impulso para o bem, a generosidade na ação, a regra segura e fácil de nossa conduta para com os outros. Nada fica indeciso ou deixado ao livre arbítrio de cada um. O sacerdote na sua paróquia escolhe as obras que mais lhe agradam; ele as determina e dirige à vontade. O seu sucessor não tem as mesmas idéias, destrói o que está feito para substituí-lo por outras obras que considera mais necessárias. Nem um nem outro realiza nada de contínuo, de estável, de perpétuo. Entretanto, o religioso, seguindo o caminho que lhe é traçado, só tem que continuar o que foi começado. Não se percebe que o homem falta, porque seu espírito, sua orientação, seus meios de ação não variam. É assim que um Jesuíta desaparece de uma cidade sem deixar nada sofrendo, sem deixar nada abandonado à mercê do azar ou de uma atividade pessoal. Ele transmite a seu sucessor o confessionário e as obras e são vistos no confessionário os mesmos penitentes e nas obras as mesmas pessoas que as sustentavam com sua influência ou com sua ajuda. É isso o que deve haver entre nós. O assunto é tanto mais fácil, já que nossa direção é mais acessível a todas as pessoas, e o nosso espírito é mais transparente, a nossa maneira de ser não incomoda ninguém e nossa atividade se desenrola sem barulho, sem pretensão, sem inveja, sem nenhuma censura do que os outros fazem. Mas não nos esqueçamos de que só existiremos como Oblatos sob a condição de depender totalmente das nossas Constituições e de nossas Regras. Quem não compreende a necessidade dessa dependência ou demonstra não ter muita inteligência ou então falta-lhe caráter. Só poderá ser um servo que teme o olhar do patrão ou um que age só à força. Ora, isso não é mais ser homem, menos ainda, Oblato. O Oblato sente-se forte ao obedecer e certo de atingir seu objetivo, ao renunciar a si mesmo. Conta mais com Deus e com a Regra do que se fia nas próprias forças; numa palavra: é um verdadeiro religioso.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 21 DE FEVEREIRO DE 1894

ATIVAR E DESENVOLVER OS DONS PESSOAIS

Um ponto de vista que não devemos esquecer é que a Congregação dos Oblatos, como toda a sociedade constituída, deve estar munida de todos os elementos necessários para viver e para alcançar seu fim. Uma sociedade se compõe de indivíduos. Cada indivíduo na sociedade se esforce por entender bem a vocação geral, não só a vocação mais exatamente da vida religiosa, mas também dos compromissos no campo intelectual. É preciso que aquele que tem certas aptidões para o ensino cultive essas qualidades. E, no ensino, é bom que ele descubra seus possíveis dons especiais e os desenvolva. Deus nos dotou de meios, de inclinações particulares; aproveitemo-las sob a direção da Obediência, evidente. Os Superiores sempre terão a graça de reconhecer as aptidões de cada membro e, favorecendo sabiamente essas capacidades, aumentar e desenvolver os meios naturais de cada um. Encarada assim a vida religiosa, além de todas as vantagens sobrenaturais, oferece também um imenso proveito natural. No ministério comum de uma paróquia, independente do gosto pessoal do indivíduo, este é chamado a ser vigário ou pároco, é chamado a dirigir a paróquia; ele é obrigado a deixar de lado suas inclinações, suas aptidões, suas habilidades particulares; a situação de ser pároco exige isso e, às vezes, de maneira muito imperiosa. Em mais de uma circunstância, foi uma desgraça que um pároco se dedicava a outra coisa em vez do compromisso ministerial. Em Arcis, conheci um bom pároco que perdia tempo, logo que dispunha de um momento livre, ao compor um poema épico sobre Joana d'Arc. O primeiro verso rezava: "Repleto de ardor do qual, em vão, procuro defender-me..." O primeiro verso dá o tema e o sentido do resto da poesia tão longa quanto fastidiosa. Se o Padre Jacquier fosse religioso, poderia dar aula de literatura; teria desenvolvido suas aptidões literárias e feito algo valioso. O estado religioso oferece oportunidades muito boas para os que gostam do trabalho, para os que têm dotes.

Entre os Oblatos se fará de tudo. Olhem como se experimenta isso cada dia. Nossos Padres do Orange construíram uma igreja maravi-

lhosa, uma verdadeira catedral. Quem eram eles, fazendo isso? Três ou quatro Padres e dois ou três Irmãos. Um empresário inglês não cansava de admirar a obra deles. Cada um - e este é o meu desejo formal - se aplique e veja o que pode fazer. Quando, o ano passado, mudamos os programas escolares, foi principalmente com essa intenção; que cada professor, desenvolvendo seus talentos e gostos pessoais, chegue a pleno êxito. Isso deve ser uma das bases do nosso Instituto. Não se deve ser nem carne nem peixe, importa ser alguém. Cultivemos com esmero, portanto,o dom de Deus e aquilo que nos deu façamo-lo render para o bem das almas e para a prosperidade da Congregação. Está muito certo isto: Deus nos confiou um determinado talento, é para aproveitá-lo. Se queremos cultivar uma outra coisa, não seremos tão bem-sucedidos.

Não façamos isso por motivos e raciocínios humanos, mas de maneira bem sobrenatural. Saibamos honrar em nós o dom de Deus, cultivemo-lo, aumentemo-lo. Façamos isso a título de ação de graças pelo dom que nos foi confiado, para corresponder mais à Vontade divina. É uma questão de perfeição sobrenatural. Não é bom que o homem esteja sozinho, sem nada. (cf. Gn 2,18) Tenhamos algo para o que viver. O Diretório e a nossa vida deacordo com a Regra nos bastariam? O Bom Deus nos deu mais uma coisa; empreguemos essa outra coisa em união estreita com a Vontade divina, com muito respeito diante dessa ação, dessa influência da Vontade divina em nós. Cada um observe bem as suas capacidades e se manifeste com muita simplicidade ao Superior. Este, por sua vez, verá o que convém fazer e aplicará os esforços do seu coirmão nisso ou naquilo. Tudo isso se fará para conformar-se mais perfeitamente com a Vontade divina, para unir mais completamente nossa existência ao beneplácito de Deus. São Francisco de Sales afirmava que formar um Padre é algo por demais difícil. Por essa formação ele entendia, evidentemente, fazer com que cada um aproveitasse bem todos os dons pessoais de Deus e estendesse sua fiel correspondência a todas as expressões da Vontade de Deus a respeito de sua pessoa. Nada em nós manifesta melhor a Vontade de Deus sobre nós do que os gostos que ele nos deu e as aptidões que nos concedeu. Através desse meio, cada Oblato chegará a realizar algo em conformidade com as intenções divinas, cada um seguirá seu caminho. Isso mesmo é o meio mais eficaz de prestar tanto mais serviço quanto melhor cada um puder aperfeiçoar-se no seu caminho, no tipo de estudo no qual se sai melhor. Isso é um meio eficaz para dar glória a Deus, oferecendo-lhe uma homenagem completa e

perfeita. Cada um se dedique de todo o coração ao serviço que lhe é confiado e procure executar, de maneira perfeita, o que tem que fazer. Não sejamos somente pessoas que cumprem com os afazeres ao deus-dará, mas tenhamos nossa finalidade, nosso valor pessoal. Santo Efrém afirmou: "Pensem continuamente em coisas boas para não se tornarem maus." O espírito humano nunca descansa. Não se ocupando com assuntos úteis, ocupar-se-á com coisas fúteis e vãs, ou mesmo perversas. Quando cada um cultiva sua preferência particular, o espírito, tendo o que lhe condiz, se encontra ocupado e não procura divagar, não procurará compensações; a alma se liga à Vontade divina. Toda a nossa existência está no rumo certo, na direção correta e vamos reto ao fim. Entre nós não haja lerdos, inertes, frouxos, gente sem energia. Sejamos todos vivos, ativos no serviço: entusiasmados. Para tanto, ocupemos o espírito sempre numa coisa útil, numa coisa ao alcance de nossas capacidades. Cada um, eu repito, pense bem nisso e se apegue a cultivar com esmero o que Deus lhe deu. Em toda a parte onde vemos algum bom resultado, é sinal que aí se procedeu assim.

O que acabo de dizer-lhes vale para tudo e em todas as circunstâncias, tanto na ordem material como na ordem intelectual. Olhem os artistas. Há um ditado, rezando que para ser artista precisam-se três coisas: paciência, paixão e material. O religioso, pelo menos, sempre tem material, mas precisa de paixão. Se as suas aptidões o levam rumo às almas, à pregação, que faça isso apaixonadamente bem, sob o olhar de Deus. Em toda a parte onde essa verdade é compreendida, sempre se chega a alguma coisa. Quais são as casas onde se encontram resultados maravilhosos na educação? Aquelas onde os professores se dedicam com entusiasmo, empenhando-se de todo o coração. Estote perfecti, disse Nosso Senhor, sicut Pater vester perfectus est (Mt 5,48) (Sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito.) E acrescentou: Pater meus usque modo operatur, et ego operor (Jo 5,17) (Meu Pai continua agindo até agora, e eu ajo também). A perfeição que Nosso Senhor nos pede não deve ficar meramente na vontade, no bom desejo, mas também deve concretizar-se na realidade, na ação, na obra. Trabalhemos na companhia de Nosso Senhor, com entusiasmo, com gosto, com a atração que ele nos deu e ele mesmo se encarrega do trabalho: Et ego operor (id.) (Eu ajo também). Pensem bem no que eu lhes disse esta manhã. Cada um veja e estude; cada um se comprometa a trabalhar na sua especia-

lidade. Olhem, meus Amigos, como a doutrina de São Francisco de Sales é simples e completa; como é apropriada; como é um molde que atinge bem todas as partes e realiza tudo aquilo que há de se realizar quanto ao modo, sem deixar falhas aqui ou ali. Ela envolve o indivíduo na sua totalidade, para instruí-lo de forma completa e comunicar-lhe todos os detalhes queridos por Deus, fazendo-o caminhar ao lado de Deus que o conduz pela mão e o encaminha por veredas retas.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 28 DE FEVEREIRO DE 1894

TEMAS DE CAPÍTULO GERAL - O DIRETÓRIO, A BOA MADRE E NÓS

De acordo com as nossas Constituições, cada dez anos, deve-se realizar um Capítulo Geral. Adianta-lo-emos, efetuando-o neste ano. O que importa, de fato, é consultá-lo sobre os membros a serem eleitos para completar o Conselho, sobre a regularização das funções de Assistente e de Mestre de Noviços, sobre as regulamentações de nossos colégios e sobre o conjunto da vida religiosa. Esses diferentes pontos do próximo Capítulo Geral são de importância capital, mas o que há de mais valioso, acima de tudo, é que compreendamos bem a vida religiosa.

A vida religiosa deve ser uma vida de constante obediência e dependência. Não se deve nunca sair da casa religiosa, portanto, sem a licença do Superior e, na ausência deste, sem a permissão do Padre indicado para esse fim. Nem tampouco se deve aceitar o convite para um almoço ou jantar sem autorização especial, reservada ao Superior Geral, a quem somente compete julgar a oportunidade e as conveniências a observar. Nos colégios, todos devem esforçar-se por seguir o método e os programas impostos. Encontraremos uma força incomparável ao fazer isso fielmente, enquanto, dando preferência a nossos pontos de vista pessoais, enfraqueceríamos nossos meios de ação e prejudicaríamos a marcha regular da ação comum. Insisto nesses diferentes pontos e recomendo-lhes, de maneira especial, que se formem para ser verdadeiros O-

blatos. De outra forma, há mesmo razões de temer, pois, que não corresponderíamos à nossa vocação. Não esqueçamos, sobretudo, que somos os herdeiros diretos de São Francisco de Sales.

São Francisco de Sales quis os Oblatos. Uma morte precoce não lhe permitiu fundá-los. Mas os seus planos eram conhecidos. Alguns anos mais tarde, um santo sacerdote de Rodez, Raymond Bonal, procurou realizar a fundação também. Na época, os escritos do nosso Santo Fundador ainda não eram suficientemente conhecidos, e, em geral, se ficou com a idéia de que ele não tinha outra meta a não ser a fundação das Irmãs da Visitação. Precisava-se esperar o momento de Deus. A Boa Madre compreendeu que a hora chegara de dar, ao desejo de São Francisco de Sales, pleno cumprimento por fundar uma Congregação de Religiosos e de Padres que se inspirassem no Diretório de São Francisco de Sales e na regra de conduta dele, na direção das almas.

Diversos Institutos religiosos reivindicam o título de Salesianos e o Superior Geral de um desses Institutos se apóia até nos ensinamentos da Boa Madre, que ele parece reclamar como inspiradora de sua atividade junto às pessoas. Julga-se o caminho dela luminoso e animador, sublime e todo celestial. Recomenda-se esse caminho aos sacerdotes como seguro e apropriado para todas as almas. Exalta-se, sobretudo, a união com Deus à qual tende e que realiza. Mas quem vê unicamente isso conhece a Boa Madre só pela metade, por tomar o fim sem os meios. Apressa-se à recompensa sem preocupar-se com as condições para adquiri-la. Quer chegar ao êxtase sem passar pelos exercícios penosos de todas as virtudes. Para apelar à Boa Madre no seu aspecto verdadeiro e completo, não se deve desprender dos seus ensinamentos aquilo que deles constitui a base, a riqueza e o que firma os passos de quem avança no caminho dela. Antes de mais nada, deve-se observá-la com o Diretório na mão, aplicando-se constantemente à prática de todas as virtudes até o heroísmo, até a extinção mesmo da mínima imperfeição. Assim é a vida dela; eis a base sólida na qual precisa apoiar-se, querendo chegar às alegrias, às doçuras da união da alma com Deus. Ora, só nós recebemos o segredo do Diretório; só nós é que fazemos do Diretório e de suas observâncias os degraus dessa ascensão da alma que é admirada e constantemente proposta às almas. Esquecem-se os meios que nos levam para lá. É nisso que a gente se ilude e engana os outros. Numa época muito distante, um partido político ergueu alto o es-

tandarte de Cristo. Não era o Cristo que por primeiro libertara o homem? Cristo estava, então, nas fileiras deles, e todo o partido estava unido, de espírito e coração, com Cristo. Esqueceram-se de ler a página anterior e a seguinte. Teriam encontrado ali os outros ensinamentos que também são de Cristo: Fazei penitência... (cf. Mt 3,2; Lc 13,5) Tomai vossa cruz e segui-me (cf. Mc 8,34). Quem não comer o meu Corpo e não beber o meu Sangue não tem vida em mim e não está unido comigo (cf. Jo 6,56). Só ver a Boa Madre no meio de arrebatamentos da alma, repousando-se totalmente na fidelidade de Deus é bonito, é algo atraente. Mas tomem os diversos artigos do Diretório e aí encontrarão páginas que iluminarão sua caminhada; mas essa caminhada, rumo à luz e ao descanso em Deus, está semeada de rudes asperezas que primeiramente devem ser superadas. Eis o que nós, Oblatos, compreendemos, nós que recebemos a doutrina toda e que não queremos retalhá-la e correr inutilmente atrás de uma ilusão passageira. A enumeração das coisas belas que se apresenta dali pode agradar às religiosas da Visitação e elevar os corações, mas as Visitandinas não precisam ter medo de perder-se numa admiração estéril, pois elas têm, para prevenir-se dos perigos deste modo de agir, o Diretório, os conselhos dos Superiores, o trabalho incessante na sua perfeição, pela prática das suas Regras e Constituições. Mas apresentar às pessoas no mundo só o aspecto especulativo da doutrina de São Francisco de Sales é expor essas almas a um perigo inevitável, a saber, o de querer e procurar o fim sem os meios. Desconfiemos dos elogios irrestritos, dados ao Caminho da Boa Madre, Caminho que é nosso, mas que não consiste totalmente, como parece ser entendido, nas iluminações da alma e nos arrebatamentos do coração. Não esqueçamos nunca que não se chega a esse estado de união com Deus a não ser pela prática constante e generosa de todas as virtudes, além do esquecimento e do desprezo de si mesmo, até à participação no cálice amargo das dores.

Estamos na Quaresma: tomemos nossa parte do cálice que a Igreja nos apresenta. As mortificações e os sacrifícios dobram de merecimentos durante este Santo Tempo, devido à nossa participação nos bens e nas vantagens espirituais da comunidade. Sejamos especialmente mais fiéis para cumprir as nossas obrigações e mais zelosos por praticar, ao pé da letra, o nosso Diretório. Tornemo-nos bons religiosos e peçamos com fervor essa graça à Boa Madre.

CAPÍTULO DO DIA 7 DE MARÇO DE 1894

NOSSA ESPECIALIDADE, A FIDELIDADE AO ESPÍRITO DO SANTO FUNDADOR

Volto a tratar do mesmo assunto que nos ocupou no último Capítulo, para que os Noviços que não estavam compreendam bem e se convençam cada dia mais de que lhes é de grande interesse formar-se uma idéia exata do nosso nome: Oblato de São Francisco de Sales.

Oblato de São Francisco de Sales não significa só que reconheceemos São Francisco de Sales como padroeiro, mesmo como Fundador, num certo sentido. Diversos Institutos gozam da mesma vantagem, mas nem por isso são Oblatos. Os Oblatos têm um espírito todo particular, um espírito bastante difícil de captar e mais difícil ainda de realizar no modo de viver do dia a dia. São Francisco de Sales tinha a intenção de fundá-los como criou as Visitandinas. Santa Francisca de Chantal insistiu com ele para que executasse essa idéia. Ele respondeu: "Eu gostaria muito, mas, após muito tempo que trabalho nisso, só consegui formar um sacerdote e meio!"

Isso era reconhecer e ensinar que, para ser conforme o espírito de São Francisco de Sales, para ser Oblato, requerem-se condições especiais. É preciso preparar-se por uma formação toda especial, e os sacerdotes de que o Santo podia dispor não entravam facilmente num novo molde, porque uma primeira formação já estava feita, fundada sobre o juízo próprio, enquanto, para ser Oblato, se necessita uma renúncia total de si próprio. Não é pouca coisa renunciar ao juízo próprio.

As mulheres mais geralmente o fazem e sem demasiada resistência, mas o homem estudou, formou-se uma maneira de ver, estabeleceu para si uma linha de conduta: é difícil para ele habituar-se à obediência e à sujeição da vontade. Isso provém de um vício original, do pecado de Adão que - como dizia a Boa Madre - atingiu mais a inteligência do que a vontade. Para ser um verdadeiro Oblato, precisa-se ter inteligência e juízo; de outra forma, não se compreende a vida do Oblato. Mas quando essas duas faculdades formam a base da vocação, é incrível com que profundidade o espírito de São Francisco de Sales penetra a alma. O Oblato permanece simples, mas é essa simplicidade que é característica da verdadeira inteligência. Não raras vezes, se en-

contra tudo o que é necessário para tornar-se um Oblato, mas a pessoa não tem a coragem. Ela poderia compreender, mas tem receio de compreender demais e nisso falta-lhe juízo. Os noviços, pois levem a sério sobretudo sua formação segundo os ensinamentos do Santo Fundador. Que estudem e pratiquem o Diretório; alimentem-se da doutrina de São Francisco de Sales; que se aprofundem na teologia dele. Nisso é que encontrarão a medula substancial da vida religiosa. Até recentemente, São Francisco de Sales ficava um pouco excluído da teologia, de todo o movimento religioso. Não se falava muito sobre ele nos Seminários Maiores e quase não se pensava em recomendá-lo aos sacerdotes como modelo de direção segura e acessível a todos. Existia, sim, sob os olhares de todos, uma das suas criações admiráveis que fez Dom Coeur exclamar: "As Visitandinas formam a aristocracia do céu!" Mas a gente não se dava ao trabalho de verificar se a maneira de formação dessas senhoras, sublimes em piedade, em caridade e em todas as virtudes... não, não ocorreu a ninguém averiguar se esse modo de perfeição e de santidade podia aplicar-se aos homens. Um aviso foi suficiente, no entanto, para dirigir os olhares para as obras de São Francisco de Sales. Presentemente ele é estudado e o sacerdote encontra nele tudo o que lhe convém, tanto para a sua orientação particular como para a direção dos outros. Quanto a nós, a nossa pretensão vai mais longe. Consideramo-nos os representantes e os intérpretes dos seus ensinamentos e encarregados de difundi-los no mundo. Mas sob quais condições realizaremos essa dupla missão? Cumpri-la-emos exitosamente, sendo fiéis e amando a Deus. A fidelidade foi o segredo da santidade da Boa Madre. Ela repetia freqüentemente: Deus é fiel! Era como ensinar que a alma, por sua vez, tem o dever de ser fiel às observâncias do momento presente, fiel às inspirações da graça, fiel à união íntima com Deus, fiel, mas de uma fidelidade amorosa e fundada no amor divino. Seja como pregadores ou diretores espirituais, seja como professores ou vigilantes, é-nos necessário que a fidelidade e o amor formem o elemento principal, único da nossa ação. Todos podem fazer dessas duas virtudes a base de sua missão, mas o Oblato não se contenta em ser fiel e amar, ele adere também a todas as expressões da Vontade de Deus, o que faz de sua existência uma vida mais densa, mais completa. Ele aceita tudo: humilhações, provações e sofrimentos e, aceitando-os, conforma-se ao beneplácito divino.

Estamos no tempo da penitência quaresmal. Apliquemo-nos a re-

ceber e sofrer tudo o que aprouver a Deus enviar-nos. Sejamos fiéis em aceitar tudo, como proveniente das mãos de Deus; bendigamos e queiramos bem essa mão, mesmo quando nos bata. É nisso que se pode reconhecer um Oblato. Não se diga que isso seja só uma idéia, um pensamento filosófico, uma concepção admirável. Não, não é apenas um conceito; é uma realidade, substantia rerum. O nosso eixo se encontre centrado em Deus também e que nunca se desvie dali; ou, se chega a perder seu apoio, levemo-lo de volta ao seu centro e fixemo-nos ali. Não seria possível encontrar um mais seguro e mais firme. Santo Agostinho confessa que o seu coração ficou inquieto até descansar em Deus. Agarremo-nos nessa âncora estável.

Observemos a Boa Madre, vivenciando essa doutrina. O resultado é um conjunto de vida simples, ajuizada, isenta de toda a excentricidade como também de toda a imperfeição. É o que levou Dom d'Albi a dizer: "Nada me surpreende na Boa Madre Maria de Sales, nem suas virtudes, nem as maravilhas que se contam, pois ela agia sempre com fidelidade."

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 14 DE MARÇO DE 1894

UNIÃO COM CRISTO SOFREDOR

Hoje precisamos ocupar-nos da preparação ao Capítulo Geral e nomear os três membros da comunidade, chamados a participar dele.

Só direi uma palavrinha, convidando os Senhores a unir-se, de espírito e de coração, com as intenções da Santa Igreja e com a intenção de que se compenetrem bem daquilo que a festa e os mistérios do dia propõem à nossa meditação, piedade e imitação. Neste tempo em que os episódios da Paixão de Nosso Senhor nos são recordados na Santa Missa, na recitação do Ofício, cada um de nós deve animar-se a sofrer com Jesus, pela expiação e reparação de nossas próprias faltas e as de todos os homens. Como Jesus, deixemo-nos humilhar, bater, reduzir ao

aniquilamento de nós mesmos e, no entanto, não deixemos de repetir: "Meu Deus, a vossa vontade e não a minha!" (Cf. Lc 22, 42). Pois bem, a Vontade de Deus, para nós, é a fidelidade ao Diretório, é a observância pontual das regras, é a obediência generosa às ordens do Superior. Importa fazer com que as pessoas entrem nesse caminho de aceitação voluntária e total de tudo o que a Deus prouver enviar-nos. Mas, primeiramente, temos que ficar nessa dependência absoluta da Vontade divina; de outra forma, não teríamos influência alguma sobre os outros, porque não se pode dar a outros senão da abundância do próprio coração. Não nos esqueçamos de que e, ao mesmo tempo, não estranhemos se, ao aproximarem-se os dias das celebrações anuais dos grandes mistérios da nossa religião, somos mais provados, mais tentados, mais inclinados ao desânimo, mais fracos para resistir. Deus permite essa luta interior para verificar nossa coragem e nossa generosidade. Mas se esse combate com o espírito do mal nos expõe a sucumbir, pelo menos as graças nos são distribuídas com liberalidade; de fato, é esse o momento em que o espírito de Deus nos é comunicado com mais abundância. Munamo-nos, portanto, de muita fé, confiança e devoção interior, de um grande amor a Deus. Esses dons não deixarão de firmar nossos passos e tornar-nos vitoriosos nas dificuldades, superando os aborrecimentos, os desânimos e os sofrimentos tanto físicos como morais. Mas, antes de mais nada, contemos com as graças triunfantes que a Paixão de Nosso Senhor nos mereceu. Façamos com que as almas aproveitem disso e apliquemos uma parte às almas do purgatório. Quantas graças podemos conseguir para nós e para outros, tanto vivos quanto defuntos, se, unindo-nos com Cristo em sua Paixão, fizermos nossa paixão de tudo o que nos acontecer, de tudo o que nos for mandado, de tudo o que nos custar e nos mortificar o espírito, o coração e os sentidos. Valho-me de sua índole religiosa e repito-lhes: Queiram bem a humilhação e o sofrimento e descubram em tudo e em toda a parte a Vontade divina. Aderir a ela e cumpri-la, nisso consiste a perfeição religiosa.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 21 DE MARÇO DE 1894

O VÍNCULO DO AMOR

A idéia de São Francisco de Sales era de fundar uma Congregação que tivesse só o voto de caridade. Considerava o laço do amor o meio mais poderoso para desafiar as ciladas do demônio e para reforçar as fraquezas humanas. De fato, o amor é forte como a morte (Ct 8,6) e firme como o inferno e só o amor leva à perfeição. Mas o nosso Santo Fundador teve que levar em conta as tradições do passado e as idéias do seu tempo. Todavia não deixou de fazer a tentativa. Suas primeiras religiosas foram fundadas nesse princípio. Queria fazer delas Oblatas, unidas só pelo liame da caridade. Mas o Arcebispo de Lyon, Dom de Marquemont, que as tinha chamado para sua diocese, observou diante de São Francisco de Sales que essa inovação era contrária às regras costumeiras da Igreja e obteve que as Visitandinas se tornassem religiosas, emitindo os três votos solenes e vivendo atrás das grades. Isso foi um grande sacrifício para o nosso Santo Fundador, porém o amor à paz o fez superar seu desgosto pessoal. Sua idéia não havia de ficar sem resultado; tornou-se a pedra fundamental sobre a qual repousava verdadeiramente a Ordem da Visitação. Somente a caridade une os diversos mosteiros e esse laço tem sido suficiente para mantê-los no espírito de São Francisco de Sales. Nós, Oblatos, não temos outro princípio que a caridade; a existência do nosso Instituto não pode perdurar nem se garantir no futuro a não ser pela caridade. Essa é a virtude mor de todo o progresso espiritual e de toda a perfeição.

Sem dúvida, é recomendada a todos, aos fiéis como aos religiosos. Mas a caridade não consiste num elemento vital para os outros, nem para as Ordens Religiosas mais perfeitas, enquanto nós não podemos existir sem a caridade. Ora, o que mais falta entre nós é precisamente a prática da caridade fraterna. Daí, mais uma vez, vou não só recomendá-la, mas impô-la formalmente. Também, com gosto, faço minha a palavra de Cristo: Mandatum novum do vobis (Jo 13,34) (Dou-vos um mandamento novo). É o meu mandamento. Não tenho outro para dar-lhes. Mas esse mandamento é novo. Não é que todos, em todos os tempos, não estivessem obrigados a observar a caridade, mas é novo devido à obriga-

ção especial que ele impõe aos Oblatos. Devem observá-lo com toda a delicadeza que condiz com o amor. Isso é uma obrigação difícil; mas lembrem-se de que a Regra não nos prescreve mortificações corporais, jejuns especiais, nada, numa palavra, que implica em sofrimento físico. Devemos, portanto, dedicar toda a nossa atenção e todos os nossos esforços à observância exata e fiel da caridade. Como o Oblato se desempenhará disso? Normalmente, nos seminários, acontecem umas pechadas contra a caridade fraterna. Têm-se certas preferências para um ou para outro. Mais tarde, quando sacerdote, fazem-se reuniões na casa de um, na residência de outro e, às vezes, não vêem problema em falar deste ou daquele. Isso, sem dúvida, é uma imperfeição, mas muitas vezes não de maior repercussão. Entre nós não é assim. A caridade nos deve ser dez vezes mais obrigatória do que nossos outros votos, porque ela é a nossa finalidade. No noviciado, freqüentemente, se critica um ou outro, ventilam-se queixas sobre o regulamento, os Superiores, os costumes da casa. Mas, então, a gente não se torna verdadeiro Oblato. Uma casa sem caridade não prospera, porque o Espírito Santo não dá as graças que a ela são necessárias. Cada religioso se imponha um silêncio absoluto sobre o que nota e lhe parece censurável, comunicando-se confiante com os Superiores a respeito. Deve considerá-los bastante atentos e inteligentes para não tolerar nada que pudesse prejudicar a Congregação. Evitar-se-á que se escape da boca a mínima censura, a mais leve crítica contra este ou aquele, contra tal maneira de agir ou tal outra, contra o comportamento de um ou os privilégios de outro. Mormente os Superiores devem ser alvo de uma caridade especial. É sobre eles que repousa a responsabilidade; convém, pois, aliviar-lhes o cargo, rodeando-os de respeito, estima, confiança e amor. Nada de julgamentos severos, nem de apreciações desfavoráveis. Observemos a mesma conduta com relação às diversas casas. Todas juntas formam uma só família: devem-se encontrar os mesmos traços como existem entre o pai e os filhos. Nada de particularidades.

Que a gente se comporte no Colégio Menor como no Maior, em Macon e Saint Ouen como em Troyes, em Paris como no Cabo ou no Equador. Caso contrário significaria a ruína de uma casa a curto prazo. Faça-se em toda a parte o que se faz em Troyes e não se faça nada de particular alhures que não se faça em Troyes. Todas as vezes que se procura ter algum privilégio particular, corre-se certamente ao encontro de uma catástrofe. Estejamos firmemente unidos entre nós. Estime-

mo-nos, respeitemo-nos, queiramo-nos bem. Pode haver entre nós diferença de educação, contraste de aptidões, divergência de caráter; isso até é uma vantagem, pois nem todos são chamados para uma só e mesma tarefa; mas o espírito deve ser idêntico e o será, se tivermos no coração o amor que o nosso Santo Fundador reclama. Nestes dias de sacrifícios sangrentos, só peço-lhes a imolação de todo o seu ser à caridade. Isso lhes peço com todas as forças de minha alma, como seu Pai, como Superior Geral. Sim, ponhamo-nos a serviço do amor. Aí é que encontraremos o descanso de nossas almas, a alegria do coração, as consolações da família religiosa, a força de união, e a certeza de prosperidade e de perpetuidade da nossa Congregação. Os Oblatos, eu repito, não têm práticas de penitência, daí tanto mais estão comprometidos com a caridade. Sem esta, seremos seminaristas, sacerdotes, mas não Oblatos. Não temos todas as preocupações que os párocos têm, não precisamos inquietar-nos com a cobrança do rendimento eventual nem com o pagamento dos funcionários, etc... O que é que temos, então? A prática da caridade. Quando fundei a Comunidade das Oblatas, encontrei inicialmente dificuldades bastante sérias. Ocorreu-me recomendar-lhes que fizessem um voto temporário de caridade. É o que fizeram. Contiveram a língua, o que certamente é difícil para mulheres. A partir daquele momento, a Congregação cresceu muito e favoravelmente, e as Irmãs não cessam de edificar aqueles que as enxergam e que têm contatos com elas. Não devemos ter uma mácula em nossa vida religiosa.

Pratiquemos a caridade. Ela é a grande mestra de todas as virtudes, com a caridade a gente é obediente, observa-se fiel e generosamente toda a Regra. O que lhes prego, mais uma vez, é a nossa própria Regra. Um Trapista pode faltar, algumas vezes, à caridade e não ser imperfeito. Quanto ao Oblato, ele não será nada, **nada** sem a caridade. Trata-se, é verdade, da virtude mais difícil de praticar. É mais fácil jejuar e flagelar-se. Cada um de nós, já que estamos na Semana Santa, faça penitência , prometendo a Nosso Senhor ser fiel à prática da caridade. Façam esse voto para uma semana, para um mês, para seis meses, até para um ano, se quiserem; Mas peço-lhes que o façam. É uma renúncia a si mesmo que custa, mas que manifesta também que se tem força e energia. A caridade, afirma São Francisco de Sales, é um perfume; todos os que se aproximam o respiram. A caridade consiste simplesmente em não tratar os outros de modo diferente da maneira como desejaríamos que fôssemos tratados nós mesmos. Com a caridade, a gente

não se queixa mutuamente; não se inclina a criticar o modo de agir dos nossos irmãos, suportam-se os defeitos deles; numa palavra, não se escuta nem se consulta o amor próprio, a vontade própria. Desde que se quer fazer "quae sua sunt" (o que interessa a si próprio), não existe mais a caridade.

É preciso que a caridade se estenda a todos os nossos irmãos, nossos alunos, ao próximo e, sobretudo, repito, aos encarregados da direção. É especialmente nas conversações que se está sujeito a faltar à caridade. Fala-se facilmente de um, de outro. Logo que se derem conta disso, desviem o assunto. O que nos falta, meus Amigos, é esse fundo íntimo de caridade que em tudo vê só a Deus e sua santa Vontade. Formemos, portanto, firmes e bons propósitos e façamos todos o voto de caridade. Na qualidade de Superior, dou-lhes essa ordem, julgando fazer com isso a Vontade do Bom Deus.

Sempre admirava a Boa Madre por sua caridade, e todos os que a conheceram dizem o mesmo. Um dia, numa conversa, eu dissera uma palavra, ofendendo um pouco a caridade; o Senhor Pelgé, sorrindo, repreendeu-me dizendo: "Ora, Padre Brisson, e a Boa Madre Maria de Sales!?..."

De que eu me acuso, mais ainda agora, é dessa falta de caridade. É muito difícil de praticá-la... Eu também vou fazer, com os Senhores, o voto de caridade.

Rezemos, de maneira toda especial nesta semana, pelos membros do Capítulo Geral, para que Deus nos ilumine e nos ajude a estabelecer, a firmar e consolidar todas as coisas nele.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 18 DE ABRIL DE 1894

SEGUINDO AS PISADAS DE NOSSO SENHOR

Nunca é demais repetir as mesmas coisas para evidenciar bem o que caracteriza o espírito dos Oblatos de São Francisco de Sales! Eu

compararia, com gosto, a maneira de proceder dos Oblatos com um veículo que avança continuamente rumo a seu destino, aproveitando todos os declives do terreno para acelerar o seu andar e tirando proveito de tudo para chegar seguro a sua meta e sem medo de errar. De fato, a caminhada dos Oblatos de São Francisco de Sales é acidentada, mas segura. Isso é tão verídico que muitas pessoas declaram que nunca tinham compreendido tão bem a religião quanto a partir do momento de conhecer a vida dos Oblatos. Comprometemo-nos, sobretudo, a imitar o Salvador na terra. Na terra, Nosso Senhor Jesus Cristo estava unido com o Pai, sendo que as ações do Filho eram também as do Pai. Imitar o Salvador e, assim, fazer sempre a Vontade do Pai que está nos céus, eis o que deve ser a vida do Oblato de São Francisco de Sales. Entre outros religiosos, não é necessário que todas as ações sejam feitas nesse sentido. Entre nós tudo deve ser feito e tudo se faz no seguimento do Salvador. É o que a Boa Madre chamava de "o caminho": Ego sum via, veritas et vita (Jo 14,6) (Eu sou o caminho, a verdade e a vida). Vivere mihi Christus est (Fl 1,21) (Para mim o viver é Cristo). O caminho, para o Oblato, é a aplicação total do próprio texto. Nosso cunho característico é a imitação total, absolutamente em tudo, de Jesus Cristo. Entre nós, o recreio é uma obra tão repleta de bênçãos para a alma quanto a Santa Missa. A razão é que o recreio, no momento em que o realizamos, constitui para nós o cumprimento exato da Vontade de Deus. Na execução da Vontade de Deus, não há pequenas coisas como não há grandes coisas. Tudo é grande, tudo é santo, quando se trata de obedecer a Deus. É de acordo com esse princípio que devemos realizar todos os nossos trabalhos e orientar as ações da nossa vida inteira. Nem sempre se dizia isso de maneira tão clara e tão simples. A prova disso é que, em parte alguma, a não ser em São Francisco de Sales, se encontra semelhante doutrina. Santo Afonso de Liguori, São Vicente de Paulo e muitos outros santos chegaram, é verdade, ao fim que procuramos alcançar, mas à base de mortificações, de sacrifícios e de lutas às vezes heróicas. O caminho foi árduo. O de São Francisco de Sales, por sua vez, caminho abrandado e seguro, consiste em seguir a Cristo, pisando nas pegadas do Salvador. Por isso nossa vida não é a de um sacerdote na sua casa paroquial ou a de um seminarista no seminário. A finalidade da Redenção é conduzir as almas à santificação. Para chegar a isso, os meios são diferentes. As Carmelitas se santificam à custa de privações e de sacrifícios. Elas somente pensam em sofrer e não dão

tanta atenção ao mérito que existe em participar santamente do recreio, em ir exatamente na hora marcada, deixando tudo, para fazer uma longa e devota meditação. Nós sabemos que todas as ações do Salvador são igualmente divinas. Também todos os exercícios de nossa vida, sejam quais forem, nos parecem proporcionar - sendo bem feitos - todo o merecimento das ações de Nosso Senhor, quando estava no mundo. Todas servem igualmente para selar a nossa união com Deus. Os outros vão como aos saltos no seguimento do Salvador; nós nos contentamos em segui-lo suavemente e passo a passo. Este é o motivo por que todo o mundo concorda ao afirmar que a doutrina de São Francisco de Sales é destinada a ter a maior repercussão. De fato, estamos certos ao crer que nossas ações, mesmo as mais ordinárias, devido à sua união com a Vontade de Deus, têm um imenso valor. A Boa Madre no-lo disse. Ela o escreveu e Roma o aprovou plenamente. Estamos certos, pois, de estar no bom caminho. Será que é fácil realizar isso? Seguramente não se chega a isso de saída. Mas está aí o Diretório, com suas numerosas práticas, para fazer-nos avançar insensível mas seguramente, rumo à união íntima com Deus. O maior obstáculo em nossa marcha para a perfeição é a tentação e o pecado: a impureza, a preguiça, a gula, a indocilidade. A tentação exige luta e na luta a calma facilmente desaparece e, com ela, a união com Deus. Quando chegar a luta, sejamos, pois, firmes e fortes. Quando a tempestade tiver passado, levantemo-nos se tivermos caído um pouco e recomecemos a caminhar para frente. Esse foi o conselho que São Francisco de Sales deu à Santa Joana de Chantal que ficava maravilhada por vê-lo sempre tão dono de si e tão unido a Deus: "Minha filha, para isso começo sempre de novo!" Nós também temos que iniciar sempre de novo. Olhem, uma tentação, uma provação e até mesmo uma falta - até uma falta grave, suponhamos - não nos deixemos abater, levantemo-nos, recomecemos a vida do nosso Diretório. Reiniciemos sempre... Oh, essa é uma direção bem forte e muito segura para a nossa vida religiosa. Para realizar bem isso, para seguir bem essa direção, precisa-se também inteligência. A inteligência é dupla: existem a inteligência que faz compreender e a inteligência que leva a amar. A última, esta inteligência afetiva, é que mais precisamos; é só Deus que no-la pode dar (como a outra também). Para obter uma e outra, dirijamo-nos com insistência a São Francisco de Sales e à Boa Madre.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 10 DE OUTUBRO DE 1894

RECOMENDAÇÕES PARA A VIDA RELIGIOSA

Estamos diante de um novo ano letivo. Compete a nós começá-lo bem, caso contrário não faremos nada de bem durante todo o resto deste ano. Começa-lo-emos devidamente, dedicando-nos inteiramente à vida religiosa. De manhã faremos o firme propósito de não faltar à Regra, ao Diretório; cada um faça, de manhã, a preparação para o dia, com o Diretório; preveja os seus afazeres e se examine particularmente no que diz respeito à caridade. Desconfie também das quedas que puderem lhe sobrevir, em meio às circunstâncias diversas do dia. Hoje em dia, o mundo experimenta uma espécie de mal-estar que dissolve os laços estruturais da sociedade, a união das famílias. Essa inquietação está presente entre nós como um ar viciado. São Bernardo afirmou que era necessário que os corações dos religiosos tirassem um pouco a poeira mundana; agora não se trata mais somente de poeira, já é lama.

Apeguemo-nos, portanto, ao Diretório; atendamos às nossas incumbências como bons religiosos, como uma homenagem que queremos oferecer a Deus. Preparando assim nosso dia, faremos algo valioso: estaremos prontos a tudo, não precisaremos mais procurar o que devemos fazer nem descobrir o que puder nos acontecer. Estaremos prevenidos.

A Igreja precisa de religiosos; precisamos enraizar-nos solidamente em nossa vida. O sucesso de um exército não depende do número dos soldados, mas de cada militar em particular, de sua maneira de agir. Se nenhum dos soldados marca bem o passo, não obedece às ordens dos seus oficiais, haverá desordem nas tropas. O mesmo vale para a vida religiosa. Se nenhum dos religiosos atende pontualmente à Regra, surgirá desordem na comunidade, impossibilitando-se o cumprimento do dever. A santidade do religioso não consiste em grandes sacrifícios, mas numa quantidade de pequenas práticas que, aos olhos do mundo, podem parecer inúteis, mas, no julgar de Deus, merecem um prêmio inestimável. Cumpramos, portanto, com generosidade essas miudezas, os mínimos detalhes da nossa Regra, se queremos tornar-nos santos.

Empenhemo-nos bem, então, na meditação da manhã, com piedade

e devoção. Queiramos bem a Regra; executa-se bem o que se ama. Se tivermos que enfrentar lutas durante o dia, ofereçamo-las a Deus para o bem daqueles que nos são confiados.

Quanto às permissões, é supérfluo dizer que precisamos ser sumamente severos para com nós próprios.

Sejamos bons religiosos, pelo menos bons seminaristas. Lembro-me de que, no meu tempo de Seminário Maior, quase todos os seminaristas eram fiéis em não se permitir nada sem licença; todos se formaram bons sacerdotes.

Sejamos muito fiéis nas pequenas coisas; isso forma muito não só o homem interior como também o homem exterior. A influência que os Senhores têm sobre os alunos depende de sua maneira de ser exteriormente. Todos os sacerdotes confessam, dão conselhos, pareceres. Por que certas opiniões de determinados sacerdotes são mais apreciadas e acatadas e não as de outros? Tudo depende da formação interior do homem, do sacerdote, do religioso. O espírito de Deus estando presente, ele é que proporciona a complementação e a perfeição.

No início deste ano, peçamos, então, essa graça à Boa Madre. Do alto de céu, ela nos vê e nos abençoa; estejam certos de ser sempre atendidos quando lhe pedirem executar a Vontade de Deus. Ele nos abençoe a todos e nos conceda uma grande fidelidade à nossa Regra.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 17 DE OUTUBRO DE 1894

A REGRA, O SILÊNCIO E A VIDA INTERIOR

Recomendo a observância da Regra e, mormente, o silêncio. Não entendo que este ou aquele religioso não dá atenção a isso, que, na ausência do Mestre de Noviços ou de um outro Superior, a gente não respeita o silêncio. Prefiro ladrões a esse tipo de pessoas. Pois a vida religiosa é uma vida submissa a uma Regra; não obedecendo, o Se-

nhor não observa a Regra. Isso me parece uma falta de juízo indigna e um sinal de falta de compreensão dos seus compromissos. Se um soldado no exército fizer o contrário do que o oficial lhe ordena, merece a prisão. Pois bem, a vida religiosa é uma milícia; devemos obedecer pontualmente à nossa Regra.

Roubar o Ecônomo seria menos mal do que falar durante o silêncio, num certo sentido, do ponto de vista religioso: o ladrão pode converter-se, pode restituir e reparar, mas falar durante o silêncio é totalmente imperdoável e irreparável. Atenção, portanto, ao silêncio. É uma vergonha faltar ao silêncio para um religioso; é uma falta muito grave que leva à retenção das graças que o religioso precisa para cumprir suas obrigações.

Compreendamos que queremos ser religiosos, que toda a nossa vida deve estar voltada a alcançar essa finalidade. Faltar ao silêncio indica uma grande leviandade de espírito ou uma incapacidade muito séria de satisfazer as obrigações mais essenciais da vida religiosa. A vida religiosa não são os mandamentos de Deus e da Igreja, é o Diretório. Entre sacerdote e religioso há muita diferença. É muito bom entrar na vida religiosa, mas uma vez comprometendo-se, é preciso observar fielmente a Regra. Lendo a vida dos santos, a vida da Boa Madre, os Senhores admiram o que eles fizeram e que bem o fizeram. Mas como se chega a esse grau de santidade que eles alcançaram? Pela prática fiel das mínimas coisas. Não se chega lá em cima a não ser por ter descido bem lá embaixo.

É sumamente aflitivo ver religiosos que não têm esse senso. Os Senhores todos fizeram retiro, compreenderam o que foi dito. Não deve ser que essas palavras que ouviram sejam palavras estéreis; pelo contrário, importa lembrar-se das anotações que puderam fazer. Está na hora, como lhes dizia a última vez, de começar bem e lembrar-se do retiro.

Quando o espírito mau foi eliminado de uma casa, ele volta depois de algum tempo, ele observa, verifica, constata que a ordem foi restabelecida e se diz: Não é agora o momento para eu entrar. Vamos esperar. Logo vai à procura de outros sete espíritos maus e, com eles, assedia a casa. Se a casa cede, diz Nosso Senhor, isto é, se a alma cede ao demônio, seu estado se torna pior do que antes.

Lembrem-se, pois, do retiro; tomem-no como tema de sua meditação. Na hora da morte, de que serão julgados? Como se chamarão frente ao tribunal de Deus? Chamar-se-ão Oblatos de São Francisco de Sales e serão julgados segundo a maneira de terem observado a Regra. O juízo de Deus, bem o sabem os Senhores, é muito rigoroso; é assim porque ele é muito justo.

Entendam bem, portanto, o que estou lhes dizendo. Cada um lembre as graças, o conforto que recebeu durante o retiro. Se alguém não tiver recebido nada, agora, após o retiro, é hora de dizer a Nosso Senhor: "Senhor, durante o retiro não me visitastes, deixastes-me frio e indiferente; falai-me agora, Senhor. Que quereis de mim?" Uma santa alma da Visitação de Troyes sempre me dizia que seus retiros eram tristes e áridos, mas que, mesmo assim, era muito feliz, porque depois encontrava Jesus durante o ano todo.

Durante esta semana, pois, repassem o retiro espiritualmente, em sua memória. Retomem os seus propósitos e façam de maneira que os sete demônios que voltam ao assalto de uma casa, após terem sido afastados dela, não consigam fazer-lhes dano.

A vida do religioso é uma vida interior; para ele o exterior não é nada. Mas como viver essa vida interior se não se quer bem a Regra, se não se pratica o Diretório? Vamos retomar, pois, a prática pontual da Regra. Cada um pense nisso e verifique se está sob o jugo do Senhor; esse jugo é amável, suave, se o assumimos totalmente (cf. Mt 11,30); mas se nos esquivamos, então se torna duro e custoso. Ponhamos nossos pés, como dizia a Boa Madre, nas pegadas do Salvador. Os Senhores rezarão com ele, trabalharão com ele, dirão as mesmas palavras como ele, sentir-se-ão unidos com ele.

Para isso, tenham um profundo respeito pelos mínimos detalhes da vida religiosa.

Para tudo precisa-se a graça de Deus: Sine me, nihil potestis facere (Jo 15,5) (Sem mim nada podeis fazer). Estudem o tratado sobre a graça. O dom da vida religiosa é um verdadeiro dom de milagres. Um santo é sempre um herói, pois um santo leva uma vida superior à comum. Mas como se obtém essa vida? Oratione et jejunio (Mc 9,29) (Por oração e jejum). Não há outro meio. Todas as graças extraordinárias são obtidas através da oração e do jejum. Como a vida religiosa está entre as graças extraordinárias, ela é obtida oratione et jejunio. A oração, os

Senhores a fazem; o jejum, observam-no da manhã à noite: jejuam quanto a sua liberdade, com respeito a seu juízo, no que se refere a seus gostos e no tocante a suas inclinações.

Dediquemo-nos, portanto, à nossa Regra; que não seja mais necessário voltar a esse assunto.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 14 DE NOVEMBRO DE 1894

A MEDITAÇÃO - A PREPARAÇÃO PARA OS DETALHES DO DIA

Quando fomos levar as nossas Constituições para o Papa Pio IX, o Santo Padre acolheu-nos com benevolência: "Meus filhos," ele nos disse, "quereis ser religiosos? Costumam fazer meditação?" "Certamente, Santo Padre, está em nossa Regra."

A recomendação do Santo Padre é muito importante: não se pode ser religioso sem meditação. É a base do espírito religioso. A vida do mundo tem o seu centro nos afetos mundanos, a vida religiosa tem o seu centro na meditação.

Cada um de nós, portanto, seja muito pontual no fazer a meditação. Uma meia hora não é muito. Se, no tempo da meditação da manhã, se chega com dez minutos de atraso e sai cinco minutos antes do fim, o que é que acontece? A meditação não se realiza; o Senhor encurtou o tempo consagrado ao Bom Deus. Uma meia hora de manhã e quinze minutos à noite certamente não é demais. Os Senhores têm muito mais tempo de recreio. O dia todo, estão ocupados com as aulas e as vigilâncias; é muito justo ocupar-se um pouco com Nosso Senhor, de manhã.

Precisa-se de uma licença especial para não participar da meditação; não podendo fazê-la de manhã, é necessário procurar um outro momento durante o dia para recuperá-la; talvez seja difícil; é importante fazer todo o possível para não faltar de manhã.

Enquanto os compromissos impedirem participar, deviam acostu-

mar-se a fazer meditação durante a vigilância. O Senhor viaja, suponho; o que é que impede o Senhor fazer a sua meditação enquanto embarcado? Da mesma forma em todas as vigilâncias, no dormitório, na sala de estudo. Acima de tudo, o importante é que não se deixe de fazê-la. Todos os pregadores, todos os mestres da vida religiosa o recomendam. Também, a primeira coisa de que devem acusar-se na confissão será o faltar à meditação, acrescentando o motivo disso. Seja para os Senhores um dever sagrado, porque a meditação é a base de todo o dia. Se o Bom Deus não tiver tomado posse da alma desde o início do dia, outros tomarão conta dela.

A meditação é a elevação de nossa alma a Deus. A Boa Madre a definiu como "um diálogo sobre nossos assuntos com Deus". Isso significa que, de manhã, se deve fazer a preparação como o nosso Santo Fundador quer: prepara-se o dia com o Bom Deus; reparem o que os Senhores têm a fazer durante o dia: recreios, estudos, aulas, vigilância, etc.

Se estivessem ligados ao comércio, cuidariam, cada manhã, prevendo o que têm a fazer no decorrer do dia, as diferentes ocupações, os trabalhos... Praticariam, de uma maneira ou outra, o exercício da preparação. Ora, o Reino dos Céus é semelhante a um negociante (cf. Mt 13,45). Ajam, portanto, como um homem de negócios.

Nossos méritos constituem-se de uma infinidade de pequenos atos sucessivos; são esses exatamente que se devem preparar. É bom fazer o exercício da preparação com o Diretório. Tomem na mão sua folhinha, o pequeno "lembrete" que cada um deve ter e olhem, se levantaram na hora, se arrumaram sua cela. É um ato de grande santidade. Os santos, de fato, não faziam outra coisa. Santa Teresa abaixava-se para juntar uma lentilha que tinha caído nas frestas do assoalho. "O segredo da vida religiosa," afirmava um grande diretor espiritual, "consiste em transformar nadas em uma coisa". Está aí a perfeição religiosa: é a pedra filosofal. O Senhor realiza uma ação, um nada, por amor à Regra, para o Bom Deus e se torna um santo.

Dêem, portanto, muita atenção às pequenas coisas. Será que isso é mesquinhez? Não mesmo! Respeitem os nadas, as mínimas funções do estado religioso. Pensem freqüentemente em Nosso Senhor que fazia como os Senhores. Também ele se ocupava com as coisas mínimas, cuidava de sua roupa, do calçado. Dessa forma, a vida religiosa é aquela pedra filosofal que transforma as ninharias, a própria poeira do caminho, em

ouro.

Os Senhores farão, portanto, sua meditação nesse espírito, por amor à Regra, para Deus. Não se imaginam a força de uma pessoa que assim se sujeitou e se apegou com amor à Regra. Se tiverem um pouco de nobreza de coração, vão gostar de realizar ninharias. Humanamente, isso não é próprio do homem, mas do nosso ponto de vista, é digno de anjos. Vamos fazer, pois, o propósito de ser pontuais na meditação e de supri-la durante o dia em que não se pode fazê-la de manhã, ou então façamo-la durante os nossos afazeres. Durante a meditação, falem com o Bom Deus, peçam-lhe a bênção, ele a dará e, junto com ela, uma grande força interior.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 12 DE DEZEMBRO DE 1894

VIVER A ORDEM (SUBDIACONATO E DIACONATO)

Continuo tratando do mesmo assunto da nossa última reunião. Eu dizia-lhes que andávamos esquecidos por demais, desde que somos sacerdotes, das Ordens sagradas recebidas; os que não são sacerdotes ainda descuidam demais da preparação. Deslembramos demasiadamente o que somos ou o que seremos, o que a Ordenação fará para nós e as obrigações que ela impõe.

Como é doloroso ver, às vezes, candidatos ao sacerdócio que não pensam quase em nada! É lamentável. Sei de casos - acho bom lembrar - que se mandou ordenandos a Paris para as ordenações. Mal terminada a cerimônia, a primeira coisa que pediram foi ir almoçar na cidade e visitar os monumentos da capital. Isso é algo incompreensível e manifesta até que ponto pode chegar o esquecimento. Aliás, talvez não seja o olvido, talvez seja simplesmente a ignorância profunda do que se acabou de realizar e dos compromissos assumidos.

Para remediar esse mal, no futuro, todos os anos, durante a

refeição, ler-se-á o Pontifical como se lê o Evangelho e a Imitação. Uma ou duas vezes por ano, será interrompida a leitura do Evangelho ou da Imitação para ler os ensinamentos tão profundos do Pontifical. Será uma leitura tão piedosa quanto as outras. Assim, as recomendações da Santa Igreja, as orações e as fórmulas da Ordenação, o respeito pelos grandes acontecimentos em preparação à nossa vida sacerdotal imprimir-se-nos-ão mais profundamente no coração. A gente se lembrará.

Muito se falou dos livros jansenistas que evocavam continuamente os primeiros tempos da Igreja, o fervor do clero de então e a fidelidade dos mártires daquela época. Muito se escreveu a respeito. Não tenhamos medo de ser um pouco Jansenistas dessa maneira. Onde nos afastamos dos Jansenistas é quando quiseram fazer crer que a Igreja não era mais a mesma, que não tinha mais a mesma vida nem a mesma pujança. Era um erro, uma heresia profunda. A Igreja continua hoje o que era nos seus primórdios. A graça de Deus não diminuiu. Os fiéis, os sacerdotes em geral, vivem numa atmosfera de fé; mas é necessário que todo o mundo se controle nesse ambiente, importa que todos progridam nisso quanto mais possível.

Para tanto, é imprescindível refletir, é indispensável estudar as obrigações que nos são impostas. Descuidando-se esse estudo, um esmorecimento bem evidente será o resultado. Quando essa falta de entusiasmo se generaliza, claro que não se pode acusar a Igreja, e sim as pessoas. Isso não se refere à direção geral da Igreja, nem às graças que recebe hoje tão eficazes quanto outrora, mas depende da negligência dos membros da Igreja.

Reajamos contra esse relaxamento e não sejamos atingidos por ele; os que se preparam às ordenações compreendam claramente a importância do que vão fazer. Ser ordenado é tudo; o que importa mesmo é levar à ordenação disposições tais que todas as graças reservadas por Deus sejam bem recebidas e que essas graças, uma vez recebidas, permaneçam sempre entre nós.

Os Senhores verão, segundo as leituras que se fará no refeitório, quais são as admoestações do Bispo antes de cada Ordem. Observarão a dignidade das graças recebidas e a importância das obrigações assumidas. Essas advertências, tão cheias de graça divina e do espírito da verdade, devem ter uma influência perpétua sobre nós, seja qual for a Ordem recebida. Se isso obriga os sacerdotes diocesanos, mais ainda obrigará os religiosos que fazem a profissão de levar uma vida

mais piedosa, mais perfeita.

Os que se preparam à Ordenação devem estudar bem o Pontifical; meditem-no, peçam a Deus as graças, as virtudes requeridas para cada Ordem. Não é tão fácil ser um clérigo, diácono ou padre à altura.

Estou-lhes falando sobre tudo isso, meus Amigos, com tanto mais convicção por não ser uma reflexão pessoal minha, mas são impressões que eu mesmo recebi no Seminário Maior, naquele tempo. É a lembrança do que vi fazer, do que fiz, daquilo que li e ouvi ler nesse ambiente meu. A gente se preparava seriamente para as ordenações; os retiros eram longos; explicava-se o Pontifical, desde a tonsura até ao sacerdócio. Ouvi instruções muito extensas sobre a tonsura; ainda hoje me lembro delas. A gente estava totalmente absorvido por essa preparação para a Ordenação. No caso de diversos, a aproximação das Ordens sagradas ocasionava grandes mudanças. Doavam-se generosamente a Deus. Não pertenciam mais ao mundo. E isso fica depois profundamente gravado no coração. Eu me lembro bem de tudo o que se dizia quando nos falavam sobre a tonsura, sobre as Ordens Menores, sobre as Ordens Maiores.

Digamos hoje uma palavra sobre o Subdiaconato e o Diaconato. Os Senhores verão o que o Bispo diz, no Pontifical, sobre o Subdiaconato. O subdiácono deve ter já, em virtude de sua Ordenação, um certo poder sobre as almas. Ele passou os graus inferiores, já sobe ao altar. Confia-se-lhe a responsabilidade pelas toalhas do revestimento do altar, o manuseio dos vasos sagrados. Ele os tem sob seus cuidados. Dêem-se conta de que com isso a Igreja já lhe dá um certo poder sobre as almas, através do exemplo dele, pelas palavras e ações. Os Senhores têm que mover-se revestidos de santidade entre aqueles com os quais viverem; convém sensibilizá-los e edificá-los.

Essas coisas, meus Amigos, são ditas só uma vez; se a gente nunca mais as releu, se nunca mais foram meditadas depois, o que é que sobra de tudo isso? Terá-se pensado só durante o retiro do Subdiaconato e nada mais. E essas graças que foram infundidas na alma no dia da Ordenação serão esquecidas... E depois, continuar-se-á com tamanho desleixo rumo a outras ordenações, assumir-se-á responsabilidades que não se imaginavam...

O Bispo, na sua advertência, esclarece também que a partir daí não se poderá mais voltar ao mundo. Nossa única herança é Deus, sua glória, seu amor, seu serviço. Se até lá alguém tiver sido irre-

fletido, está na hora de tornar-se prudente, de eliminar a dissipação e a leviandade, é hora de se compenetrar. Se alguém tiver tido paixões, vícios, importa que a gente se corrija totalmente; quem tiver experimentado más inclinações, precisa dominá-las completamente, superando-as para sempre.

É bom meditar sobre isso, meus Amigos, diante do Subdiaconato. A gente se examina, então, e diz: Pois bem, tenho sido aquilo, mas agora, quer sim quer não, não posso ser mais. É a obrigação absoluta da Ordem que recebi.

Após o Subdiaconato vem o Diaconato. O Diácono se aproxima mais ainda do altar. Anuncia a palavra de Deus, toca os vasos sagrados, distribui a Santa Comunhão. Também as obrigações são maiores. Essas mãos que tocarão o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo deverão ser puras, castas. Todo o seu ser, sobretudo o seu coração deve ser consagrado a Deus. É preciso que o Diácono assuma um modo de ser, atitudes que sejam dignas da vocação à qual foi chamado.

Não pensamos suficientemente na grandeza desse santo estado. São Francisco de Assis, um dos maiores santos, observando e compreendendo as obrigações do Diaconato, em sua profunda humildade, achou que essas bastariam para preencher-lhe a vida e nunca quis ir além. Sentia que todos os seus esforços não chegariam a satisfazer plenamente a todas as obrigações que contraíra. Em que consistiu, então, a santidade de São Francisco de Assis? Sua ordenação de Diácono. Com toda a sua inteligência, toda a sua santidade, toda a sua incontestável superioridade, é isso o que ele pensou; ficou por ali. Concluiu que, para ser um bom Diácono, não lhe sobrava de todo o tempo de vida que Deus ainda podia lhe conceder. Responder por aquilo que assumi, ele disse aos seus botões, me é mais do que suficiente para absorver todos os esforços que puder fazer e todo o trabalho que for capaz de realizar.

Nós não estamos acostumados a raciocinar assim. Consideramos facilmente as ordenações como uma porta giratória na qual se entra pela tonsura e se sai pelo sacerdócio. Não lhes peço que façam, sobre as santas Ordens, considerações extraordinárias e fora do seu alcance: peço-lhes o abecê da vida sacerdotal.

Sempre evoco minhas lembranças antigas. Naquele tempo, os sacerdotes tinham mais fé. As famílias eram melhores. Não havia uma boa

família de agricultores, de comerciantes um pouco abastados que não fizessem empenho de oferecer um filho à Igreja e ao Bom Deus. Naquele então era uma honra. Os Diáconos compreendiam esses pensamentos baseados na fé. Manifestavam isso pela sua conduta, por sua maneira de ser; apreciavam a alta dignidade com a qual estavam revestidos, dignidade mais elevada do que todas as da terra.

Sim, meus Amigos, tudo isso é Igreja; é a partir dessa visão de fé que se deve encará-la e que se precisa julgar todas as coisas, que é necessário apreciar a vida eterna, que importa avaliar todas as grandes questões. É isso e só. Não precisamos recorrer às idéias do mundo, às sugestões da leviandade e dissipação, às ilusões e preconceitos terrenos. Confrontando-nos com o santo estado do Diaconato, de todas as santas Ordens, munidos com aquilo que a fé nos diz, temos tudo que necessitamos e podemos partir para o mundo assim como este se apresenta.

Seja como for o andamento terrível da fase revolucionária que estamos passando, com a graça divina superaremos todos os obstáculos. Teremos a noção do que deverá ser feito, o senso da verdade pragmática e dos meios de ir ao encontro do mundo e reconduzi-lo para Deus. Está nisso a nossa vida, nossa força, nossa energia. Compreendam bem isso; fora dessa visão da fé, tudo é ilusão. É essa a vida do sacerdote, a vida do religioso. Isso não é um acaso, uma casualidade, algo que pertence ao meio ambiente em que nos encontramos. Não, é a nossa vida, é nossa existência, deve ser a cidade onde moraremos, a verdadeira morada onde nos convém passar os dias; somente aí estaremos em casa. Aí é que os outros nos procuram, é a partir dali que iremos ao encontro deles.

Mas se não estivermos acostumados a essa vida, se não estivermos em casa, se não tivermos sido capazes de construir o edifício de que fala São Paulo (cf. Ef. 2,20-22), à prova de tempestade e de fogo, o que será de nós?

Cuidemos, portanto, de ter a nossa vida própria, nosso ponto de apoio e de realimentação. Cultivemos a nossa verdadeira vida sacerdotal, a verdadeira vida da fé, o senso das nossas obrigações e a consciência das graças que recebemos. Tudo isso, repito, se encontra no Pontifical. Estudemo-lo. Os que se preparam às Ordenações o estu-

dem. Nós, que já recebemos as Ordens, apliquemo-nos também a fazer reviver essa graça, conscientizando-nos novamente. Acreditemos firmemente que, com ela, recebemos todo o necessário para ser sacerdote, homem de Deus.

Procurem avivar tudo o que Deus lhes deu. Sejam fiéis a esta maneira de agir e encontrarão todas essas graças de Deus e sempre permanecerão homens de Deus, até a avançada velhice e sempre. Não serão senão homens de Deus até o dia da verdadeira luz e da recompensa eterna.

-0-0-0- 0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 19 DE DEZEMBRO DE 1894

O SACERDÓCIO

O sacerdócio é, sem dúvida, a primeira dignidade entre os cristãos, no sentido de que o sacerdote é escolhido por Deus, eleito para consagrar o Corpo e o Sangue de Cristo, para perdoar os pecados, para abençoar o povo. O Bispo diz ao sacerdote que ele vai ordenar que este preste bem atenção, que compreenda claramente os seus compromissos, que imite a Vítima do sacrifício que oferecerá a Deus: Imitamini quod tractatis (Imitem aquilo com que se ocupam).

Essa recomendação do Bispo compreende todas as obrigações do sacerdote. Este, pois, precisa instruir-se bem, que saiba perfeitamente o que faz quando reza a Missa, quando batiza, quando confessa, quando ensina. Ele se dê conta disso e tenha disposições perfeitas. É uma coisa tão importante, tão grande, que toda a vida de uma pessoa que dedicasse todos os seus pensamentos, todos os seus esforços exclusivamente a essa preparação, ainda não seria suficiente. Nunca chegaria a ser digno das santas funções, próprias do sacerdote.

A gente se acostuma a tudo, meus Amigos, até mesmo, não cuidando bem, a rezar Missa, a confessar, a pregar; cada vez menos, a gente se impressiona de tudo isso.

Duas obrigações muito grandes, muito importantes apresen-

tam-se à nossa frente: saber bem o que fazemos e fazê-lo dignamente.

Temos que saber e compreender bem que realizamos uma ação santa; devemos compenetrar-nos disso, dizê-lo aos fiéis, sem dúvida, mas com prudência e discrição. Não convém fazer como certos pregadores que, falando sobre a grandeza do sacerdote aos fiéis, aos religiosos e religiosas, dizem coisas tão bonitas, tão sublimes e admiráveis que parecem querer aplicar essas coisas a si próprios. Sem dúvida, ser sacerdote é algo grandioso, mas, aos seus próprios olhos, ele deve ser servus servorum (o servidor dos servos). Sim, claro, compreendamos bem a nossa grandeza, a eminente dignidade das nossas funções, mas a fim de reconhecer melhor nossa indignidade pessoal, nossa incapacidade. Não confundamos o sacerdócio com nós próprios. Não aceitemos para nossa tão limitada pessoa os elogios que o sacerdócio merece. Ao lado do estado sublime ao qual somos chamados, demo-nos conta de nossa miséria pessoal.

Bons sacerdotes fazem lindos sermões sobre esse tema. Dizem a verdade, sem dúvida, mas seria conveniente que distinguissem um pouco melhor entre a coisa em si e o homem. A coisa está mil vezes acima de qualquer imaginação humana, enquanto o homem está muito abaixo do grau das virtudes, de santidade que lhe seria necessário. Que ele reconheça isso e não se exalte demais.

Estou fazendo alusão agora a um sermão do domingo passado a religiosas, realizado de uma maneira como nunca se deve pregar. Fazia-se do sacerdote um ideal extraordinário. Verdade é que esse ideal foi realizado não poucas vezes: São Vicente de Paulo, São Francisco de Sales, está certo, eles estavam à altura; mas nós, será que nós estamos à altura? Se obedecermos à ordem expressa que o Bispo dá na advertência do Pontifical, isto é, de sabermos bem o que fazemos e o modo como o executamos, só teremos que baixar a cabeça. A grandeza do sacerdócio, sua elevada dignidade mostra-nos primeiramente a distância imensa que existe entre a coisa e a pessoa, entre a sublimidade da funçaõ e a indignidade do ministro.

Acontece também, de vez em quando, ao fazer alguma leitura edificante sobre as grandezas do sacerdócio, que a gente se faz ilusões. Sem dúvida, demo-nos claramente conta da santidade do nosso ministério. Somos os sucessores dos setenta e dois Discípulos. Esses ajudavam os Apóstolos no ministério destes; receberam, como os Apóstolos, as graças

e os poderes da ordenação sacerdotal. Essa graça dos Apóstolos, dos Discípulos, nós também a temos, a mesma, porque não diminuiu, como os Jansenistas pretendiam; não, certamente. Os Discípulos tinham as mesmas fraquezas como nós, as mesmas tentações, as mesmas dificuldades e desânimos, as mesmas limitações; é bom convencer-nos profundamente disso. Apesar de tudo isso, a graça da ordenação os levou à santidade, como sabemos. Esforcemo-nos em imitá-los, mas humilhando-nos primeiro. Certamente, compenetremo-nos das grandezas do sacerdócio, da sublimidade do poder de perdoar os pecados, a dignidade de desempenhar o papel do próprio Nosso Senhor Jesus Cristo. São Francisco de Sales mesmo não nos afirma que, no confessionário, é preciso venerar o sacerdote como um anjo de Deus que deste recebeu o mandato de purificar-nos? Tudo isso é verdade! No entanto, não quer dizer que sejamos realmente um anjo de Deus, infelizmente não! Examinando-nos bem e comparando-nos com os anjos de Deus, vemos claramente que não somos do mesmo quilate. Instruindo os fiéis, indubitavelmente, esclareçamos bem a dignidade sacerdotal; mas cuidemos para não envolver-nos pessoalmente, como se quiséssemos dizer: "Olhem o que sou, eu que estou-lhes falando!"

Imitamini quod tractatis (Imitem aquilo com que se ocupam). Imitem a Cristo que tocam, que removem; essa é a segunda obrigação do sacerdote: fazer dignamente o que fazemos, ao imitarmos e reproduzirmos Nosso Senhor.

Tocamos e removemos o Verbo Divino, durante a Santa Missa, na hora da Santa Comunhão. Há uma distância muito grande entre ele e nós, e, mesmo assim, ele se coloca às nossas ordens, ele nos obedece... Vamos a ele nós também; só através de esforços repetidos e constantes que chegaremos a imitar Nosso Senhor. Jesus veio sobre a terra, não só para pregar a doutrina, mas também para dar exemplo. Demos nós também exemplo. Nós, sacerdotes, temos que estar repletos desse espírito. Quando pregamos, quando damos catequese, lembremo-nos claramente de que somos os dispensadores do Verbo divino e que é ele quem devemos entregar às almas. Estando bem compenetrados desse pensamento, tendo meditado profundamente os ensinamentos do Pontifical, então compreendemos como a palavra que ministramos aos fiéis fica muito aquém do que deveria ser. Isso deve constituir para nós um motivo forte de humilhação, por sentir-nos tão distantes, constatando a nossa insuficiência para tomar na boca aquela palavra viva, penetrante , eficaz que atingirá as profunde-

zas da alma e tocará os corações. Se formos fiéis à recomendação de imitar o Verbo de Deus que representamos aqui na terra, existe para o sacerdote, em todas as atividades de sua vida sacerdotal, em todas as suas preocupações, seus pensamentos, suas intenções um amplo e inesgotável recurso para santificar-se; nossa santificação não pode realizar-se a não ser por esse meio.

Reparem bem a distância que há entre nós e as coisas que fazemos, e nosso ministério, vivificado pela humildade, será sumamente eficaz. Nada impressiona tanto os fiéis como a humildade do sacerdote. Sendo bem pequeno, colocando-se bem no seu lugar, ao compreender claramente a distância que reina entre si mesmo e as sublimes funções exercidas, a gente faz o bem às almas, conquista a confiança e a gente comunica-lhes Deus.

Conheci, no Seminário, uma porção de bons sacerdotes; estavam cheios de fervor, na oportunidade de sua ordenação. Folheio alguns dos seus cadernos onde anotavam suas impressões. Releio imaginariamente o que tinham escrito sobre o sacerdócio. O enfoque, a mira deles é que o sacerdote forma o fiel, faz o cristão. Ele tem a missão de salvar, de comunicar a graça, de iluminar; não consegue fazer isso - e esses bons sacerdotes o sentiam vivamente - a não ser sendo muito humilde, compenetrado profundamente de sua indignidade, e confiante naquele a quem representa. É preciso iniciar por distanciar-se e descer na profundidade de sua pequenez. Somente a partir daí pode-se ter uma visão correta das coisas. Daqui vemos o sol e, refletindo e estudando, conseguimos medi-lo e apreciar melhor. Se nos aproximássemos demais, se pudéssemos chegar muito perto dele, ficaríamos ofuscados e não veríamos mais nada. Forçosamente importa pôr-se à distância.

Animemo-nos a tornar-nos santos sacerdotes. É a condição mais honrosa, aqui na terra, a mais feliz e, ao mesmo tempo, que requer também maior fidelidade e verdadeira inteligência.

Recomendo-me, de maneira muito especial, às orações da comunidade. Faz hoje 54 anos que fui ordenado sacerdote. É um compromisso já de longa data. Fui ordenado por Dom de Prilly, Bispo de Châlons. Sempre o estimava muito e sempre o considerava um santo homem. Mas um livrinho que um sacerdote da diocese de Châlons me mandou, colocou-me esse Bispo numa luz simplesmente muito edificante. Ele fez um trabalho sobre o Salmo Beati immaculati (Felizes cuja vida é pura) (S 118), esse Salmo de 95

(sic!) versículos, onde cada versículo repete uma, até duas vezes, as mesmas palavras que se retomam sem cessar: mandata (mandamentos), testimonia (testemunhos), lex (lei), de maneira que a mesma idéia volta pelo menos 100 ou 120 vezes no Salmo. O Bispo de Prilly escreveu uma série de meditações, ou melhor, um livrinho de contemplações sobre esse tema. Era um homem muito santo, repleto do espírito de São Francisco de Sales, do espírito que os Oblatos devem ter: apegar-se de todo o coração à Vontade de Deus, sejam quais forem as circunstâncias ou as provações em que ela se manifestar durante os mil acontecimentos da vida, as mil coisas intencionadas ou permitidas por ele.

Sobre cada versículo ele disse coisas preciosas, admiráveis. Toda a sua alma vivia nessa esfera de união com Deus, através da lei e do apego à Vontade dele. Era a norma de toda a sua vida, de todo o seu pensar. Formou-se assim um tratado admirável, uma preciosidade excepcional, sobre a vida interior, sobre a vida do Diretório.

Durante o retiro em preparação para a Ordenação, ele costumava vir de manhã, antes da Missa, para dar-nos uma instrução: essas eram sempre - eu me lembro bem - muito bonitas e impressionavam profundamente.

Recordo-me também das instruções do Superior do Seminário Maior, mas num sentido bem diferente. Este pretendia dizer coisas extraordinárias e o conseguia. Lembro-me do seu discurso imediatamente antes da Ordenação: "Senhores, devem prestar atenção ao que vão fazer: escolher entre o paraíso ou o inferno. Sendo chamados, avancem! O paraíso os espera. Não sendo chamados, vão para o inferno... Precisam refletir... Pensam que são chamados; podem enganar-se... - Eu pedi conselhos, dirão. - Talvez tenham apresentado premissas incorretas... Daí, dando-se-lhes conselhos, a gente pode ter-se enganado..." E assim seguia.

Evidentemente, esse bom homem tinha a intenção de chamar a atenção. Era um homem muito jovem ainda, queria afirmar-se e causar impacto; era bastante ridículo, porque não se vai falar assim a pobres jovens, cheios de boa vontade, e muito inexperientes, no momento exato da Ordenação. A nossa Ordenação, meus Amigos, seja e fique sempre para nós uma coisa de primeira importância; seja o ponto culminante de nossa vida, o centro de toda a nossa existência. Voltemos freqüentemente a isso, meditemos os compromissos que contraímos. Sendo fiéis a esse costume, compenetrar-nos-emos cada vez mais da nossa indignidade. Consideraremos

a distância que há entre nós e os santos sacerdotes e os santos religiosos; e, inspirados pela humildade, nossas palavras serão eficazes e abençoadas por Deus.

Repito o que lhes disse a última vez: ler-se-á, doravante, como livro de piedade, o Pontifical, em vez do Evangelho ou da Imitação; procurar-se-á uma tradução no vernáculo. à primeira vista, isso não parece ser uma leitura de refeitório... A menos que seja lida em comunidade.

Compenetrem-se profundamente do espírito de cada uma das Ordens sagradas, reflitam sobre as obrigações de cada uma delas e experimentarão a vantagem muito grande que poderão tirar daí para sua santificação e a dos outros.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 9 DE JANEIRO DE 1895

O SACERDÓCIO

Nos últimos Capítulos, tratamos sobre a a santidade do sacerdócio. Este tem duas funções principais a desenvolver: oferecer o Santo Sacrifício da Missa e administrar o Sacramento da Penitência. Duas outras funções estão ligadas às primeiras, a saber, o poder e a missão de abençoar pessoas e objetos e o ministério da palavra. O Bispo, no começo da cerimônia da ordenação, consagra as mãos do sacerdote para que, depois, possam abençoar e consagrar.

A função principal do sacerdote é seguramente a celebração do Santo Sacrifício da Missa. Se os sacerdotes, seja quais forem, estão obrigados a celebrar bem a Missa, depois de uma preparação cuidadosa, o dever é certamente mais estrito ainda para nós, religiosos, pois temos que levar uma vida mais perfeita, com a alma mais pura e, por conseguinte, como ensina São Tomás, devemos celebrar de maneira mais agradável a Deus, por motivo da semelhança maior da nossa vida com a de Cristo.

Não refletimos bastante sobre o fato de que a Santa Missa é o

nosso ministério mais importante. Sem dúvida, a gente se prepara à ordenação; mas será que se leva em especial consideração a grandeza dessa função do sacerdote, dos requisitos preliminares de santidade que se deveria apresentar? Infelizmente, muitas vezes, não se sabe lá muita coisa sobre a Missa. As cerimônias se sabem mais ou menos bem, mas a gente não se aprofunda bastante na grandeza do ministério que se vai atender, nem na abundância das graças que se pode alcançar. É verdade que temos o nosso Diretório que apresenta uma preparação extensa e detalhada, uma ação de graças não menos minuciosa, do qual a gente se pode valer, se isso serve e ajuda. Mas quando será que poderemos dizer o que observava São Francisco de Sales a Santa Joana de Chantal: "Deus me dá a graça de que jamais me ocorre um pensamento alheio, logo que me volto ao altar"? Procuremos nós também lançar a alma e o espírito em Deus; afastemos prontamente as distrações.

A Boa Madre recebia as maiores graças mormente durante a Santa Missa. Esta representava para ela o exercício mais importante de sua vida religiosa.

Seria bom, para a nossa instrução, reler o que São Francisco de Sales afirma sobre o Santo Sacrifíco da Missa, também o que dizem os Padres e os Doutores da Idade Média. Sobre isso há um capítulo na "Imitação" que explica exaustivamente os efeitos da Santa Missa e as disposições que de nós se exigem. Todos nós devemos ter idéias bem claras sobre isso. Precisamos formar nossa convicção segundo a doutrina dos teólogos e doutores.

O que Cristo mais aprecia na religião, sendo o mistério de sua preferência, é o Santo Sacramento do Altar. Um grande número de doutores chamaram-no o verdadeiro paraíso onde se desfruta Nosso Senhor, feito homem. É o Sacramento de suas delícias: Deliciae meae esse cum filiis hominum (Pr 8,31) (Minhas delícias estão junto aos filhos dos homens). Ele se fez homem para nos resgatar não só uma vez, mas continuamente, para dar-nos sem cessar a força e a vida que nos são necessárias. No céu, na terra, Nosso Senhor não tem outro papel. Onde é que Nosso Senhor está mais com os homens, onde se aproxima mais do homem? Não é no Santo Sacramento do Altar? Segue daí que esse Santo Sacramento deve ser algo muito elevado, sumamente inefável, pois aí é que a santa Humanidade de Nosso Senhor oferece o seu sumo sacrifício e proporciona maior ajuda ao homem. Compreendam, portanto, qual a importância da preparação à Santa

Missa, que profunda devoção deve ser a nossa ao celebrá-la. Sendo que Nosso Senhor encontra aí suas delícias, importa que estejamos presentes mais intensamente do que em qualquer outro lugar; convém que aí encontremos momentos de suma felicidade, momentos do céu sobre a terra; nossos pensamentos estejam totalmente de acordo com os do Pai e os de Nosso Senhor.

Aqueles que não são sacerdotes divisem essa felicidade de longe e se preparem. É preciso lembrar-se, repito, que o Salvador coloca aí as suas delícias. Preparem-se à ordenação com muita devoção e também com um pouco de estudo. Precisam ler os tratados sobre a Santa Eucaristia, os Santos Padres, os autores ascéticos. O Santo Afonso de Liguori diz muitas coisas lindas sobre a devoção que devemos ter a Nosso Senhor na Eucaristia. Nas meditações da manhã e quando estivermos sozinhos aos pés de Nosso Senhor na Eucaristia, será bom apresentar-lhe nossa alma e pedir luz ao Bom Deus. É aí, sobretudo, que ele se revela à alma. Quando se interrogava São Tomás de Aquino e lhe perguntava quem era o mestre que lhe ensinara os segredos profundos da teologia, ele respondia: "É aos pés do Crucifixo, aos pés de Jesus no Santíssimo Sacramento que aprendi tudo isso. Lá Deus respondeu às minhas perguntas e deu-me sua luz." Nosso Senhor encontra nesse momento suas delícias, seu paraíso, por estar conosco. Não seja, portanto, para nós um momento de fadiga, de desânimo, mas um momento de adoração; aí é que encontramos Deus, pela visita ao Santíssimo Sacramento, na Santa Comunhão e através da Santa Missa.

Os Senhores comungam três vezes por semana. Estando um pouco mais adiantados, comungam mais freqüentemente; seja essa a sua grande preparação à ordenação sacerdotal. Assim como é preciso concluir estudos antes de começar qualquer carreira, da mesma maneira não se pode tampouco começar a rezar, um dia, a Santa Missa sem ter preparado longa e suficientemente o coração e o espírito a essa importante ação. Desse modo, meus Amigos, serão não somente participantes, mas agentes eficazes do Santo Sacrifício.

Preparem-se sobretudo na Comunhão, nas Visitas ao Santíssimo Sacramento. Acumulem conhecimentos e compreensão sobre todas esses aspectos importantes da vida sacerdotal.

Não sabemos celebrar bem a Santa Missa. Rezem e aprenderão: Jesus Cristo é a luz. Illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum (cf. Jo 1,9) (Ele, vindo ao mundo,ilumina todo o homem). Compenetre-

mo-nos daquilo que Santo Afonso de Liguori disse, e do que nos afirma a "Imitação" e daquilo que ensinam tantos outros bonitos e bons livros.

No Seminário, mandaram-nos estudar o que Tomás à Kempis, o Cardeal Bona, Santo Afonso de Liguori e outros escreveram sobre esse tema. O sacerdote é uma pista, uma corrida e o Altar é a chegada da corrida, o marco da pista. Precisamos preparar-nos toda a nossa vida, para ser menos indignos de subir ao altar. A Santa Missa deve ser bem compreendida por quem a celebra; é assim que ela será verdadeiramente o sacrifíco do Salvador, a continuação e a consumação do sacrifício da Cruz.

Os bons e santos sacerdotes celebram bem a Missa; os fiéis gostam de assistir às Missas celebradas assim. Reina aí uma atmosfera que não se respira em toda a parte. São Crisóstomo dizia que o sacerdote no altar não está sozinho. Ele via, em volta dele, ao celebrar, os anjos acompanhando o Filho de Deus, como fazem no céu. "Estão lá," dizia ele, "Eu os vi." Compenetremo-nos desse pensamento, para que não se nos censure por celebrar a Missa levianamente, sem gravidade e ligeiro demais!

Não resta dúvida, se ainda sobra um pouco de fé na terra, um pouco de dedicação e de bem, isso se deve ao Santo Sacrifíco da Missa, à presença real de Nosso Senhor na Santa Eucaristia; sem isso, o mundo teria perdido, há muito tempo, o pouco de bem que ainda conserva.

Encerro, renovando minhas recomendações. Aqueles que ainda não são sacerdotes se preparem de longe, com seriedade, com todo o empenho de sua alma.

Os que celebram a Santa Missa renovem freqüentemente suas boas disposições; a Missa não seja um ato isolado, separado do seu dia. Estejamos no altar, de manhã, e continuemos aí espiritualmente, durante todo o dia; nossos pensamentos e afetos voltem para lá incessantemente; que seja o nosso sacrifício do dia todo, de tudo o que tivermos a oferecer a Deus e a aceitar durante o dia. Importa que a Missa tome conta de nós, que ela nos revista e nos penetre, que seja o nosso alimento por dentro e nossa veste por fora, nossas palavras e nossos atos dela recebam vida. Somente a Missa pode fazer de nós santos religiosos. Não longe daqui há um santo sacerdote; sua prática é a devoção à Santa Missa. "Eu tenho só a Missa," diz ele, "e a conservo o dia todo." Ele não tem compromisso pastoral; a lembrança da Missa da manhã ou a preparação para a do dia seguinte preenchem-lhe as lacunas do dia. Isso especialmente seja a prática do religioso de São Francisco de Sales.

CAPÍTULO DO DIA 16 DE JANEIRO DE 1895

A BÊNÇÃO: PODER E FÉ

Na ordenação, a primeira função conferida ao sacerdote é a de abençoar. Em geral, não se aprecia suficientemente, talvez, esse poder de benzer, o benefício da bênção das pessoas e das coisas; a gente não se dá bastante conta daquilo que é, não somente entre os fiéis, mas também entre sacerdotes e religiosos. Entretanto, a Igreja coloca essa função no primeiro plano: isso evidencia que ela lhe atribui uma suprema importância.

O pecado do primeiro homem degradou não somente toda a raça humana, mas todas as criaturas. O mundo, a partir de então, foi colocado sob o domínio do demônio. Pelo menos, Deus não olha a criação com a mesma complacência como no primeiro dia. É a conseqüência do pecado original. A Redenção de Jesus Cristo deve aplicar-se tanto ao mundo material quanto ao espiritual: Instaurare omnia in Christo, diz São Paulo, quae in coelis et quae in terra sunt (Ef 1,10) (Recapitular todas as coisas em Cristo, as que estão nos céus e as que estão na terra).

Essa recapitulação de todas as coisas criadas foi confiada ao sacerdote. Ele deve ajudar a criatura a devolver a Deus o que ela lhe deve, e voltar a ser agradável aos olhos do Criador. Esse poder sacerdotal e essa função hão de ter grandes resultados. Observem na vida dos Santos, quantas vezes a bênção do Padre surte efeitos admiráveis; quantas vezes as coisas bentas operam maravilhas! Antes, estavam sob o domínio do mal; havia sobre elas uma espécie de maldição, fruto do pecado original, que a bênção do sacerdote neutraliza e converte em santa e salutar influência. A história eclesiástica está cheia desses fatos e nos mostra a importância que a Igreja tem sempre dado a esse ministério de benzer. Reparem a prática da Igreja e a dos santos e como se abençoa não só os alimentos, mas também roupa, móveis, casas, lavouras e campos. Além disso, toda essa doutrina sobre a bênção se encontra nas fórmulas de que a Igreja se serve para abençoar e sobretudo a bênção especial e mais importante de todas: a bênçao da água. Convém lê-la atentamente para dar-se conta claramente de todos os efeitos da bênção do sacerdote. Nos primeiros séculos da Igreja, os fiéis se mandavam pães

bentos, cordeiros de cera benta, medalhas também, Enviava-se isso de amigo para amigo, de igreja para igreja. Dava-se muita importância a isso e era tratado com profundo respeito.

A Igreja tem conservado, particularmente, o costume do pão bento, distribuído a todos os fiéis na oportunidade das Missas paroquiais. Deve-se recebê-lo com respeito, guardá-lo como penhor de proteção e uma bênção. O mesmo vale para todos os objetos aos quais a Igreja liga a sua bênção: escapulários, medalhas, cruzes, terços, Agnus Dei.

Demo-nos conta da importância dessa graça, desse poder de abençoar que o Bispo nos confere. Provém de Deus, sem dúvida, mas também depende de nós, de nossas mãos, de nossa vontade. Ninguém pode dar o que não tem. Nossas mãos, pois, sejam santas, para que sejam dignas das bênçãos que são chamadas a dar, dignas da santidade que devem conferir. Que grande pureza de consciência, que grande pureza de costumes deve ter o sacerdote, bem maior do que a que se exige de simples fiéis! Esse poder de abençoar seja para nós salvaguarda nas tentações perigosas. Nossas mãos, nossa língua, nossos olhares sejam santos. Quando impusermos as mãos, quando pronunciarmos as fórmulas sagradas, quando olharmos os objetos e as pessoas, que a reconciliação da criatura com Deus se realize verdadeiramente. Observem, é notável como o Apóstolo São Paulo insiste nessa reconciliação da criatura com o Criador: Omnis creatura ingemiscit et parturit usque adhuc (Rm 8,22) (Toda a criação geme e sofre como que dores de parto até ao presente dia).

Aproveitemos bem, portanto, esse primeiro poder sacerdotal que a Igreja nos conferiu. Utilizemo-lo para nós. Abençoemos a nossa refeição, nossa roupa, nossa cama ao deitar, os objetos de nosso uso. Rodeemo-nos de bênçãos e vivamos no meio de coisas bentas as quais, assim teremos restituído ao Bom Deus.

Abre-se dessa maneira, meus Amigos, um horizonte imenso para o sacerdote, uma vida toda especial e favorecida, um ambiente feliz no qual o sacerdote deve confinar-se. Não há exagero nisso. A vida dos santos não é assim? O que fazia o nosso Santo Fundador? Não era exatamente isso? O mesmo deve-se explicar aos fiéis também. Mesmo sem dar-se conta claramente dessa doutrina, não é esse o senso instintivo da piedade dos fiéis? Eles têm respeito pela bênção do sacerdote e confiam nela. Um objeto bento não deve voltar a aproveitamentos apenas profanos, eles acham; eles têm uma idéia bastante certa sobre o benefício e a ajuda que a bênção proporciona. Em sua maneira de ser, meus Amigos,

nos seus contatos com os fiéis, nas instruções que lhes derem, esclareçam bem os efeitos sobrenaturais da bênção do sacerdote, sobre os objetos e sobre as pessoas. Reparem como, nos países de fé, a cada passo, a gente vem pedir a bênção do Padre. Na Bélgica, todas as crianças se ajoelhavam para pedir-me a bênção. Nos países de fé, sabe-se que a bênção ajuda a perdoar os pecados veniais, que afasta os demônios e as tentações, que ajuda a sarar muitas vezes e alivia quase sempre os doentes... compenetrem-se bem desses pensamentos de fé e contribuam para que suas bênçãos sejam mais eficazes, para que possam realizar o que Nosso Senhor disse: Et manus imponent et bene habebunt (cf. Mc 16,18) (Imporão as mãos e ficarão curados). Eis a palavra divina que dá eficácia à palavra do sacerdote.

O príncipe de Hohenlohe, que era um dos amigos da Boa Madre e que lhe escreveu, foi um taumaturgo dos mais admiráveis do nosso tempo. Seu poder lhe provinha da confiança ilimitada na eficácia da bênção. O primeiro milagre que ocasionou foi em favor de uma jovem parente, doente e paralisada. Impôs-lhe as mãos, fez uso da prerrogativa de sacerdote de abençoar e a jovem se curou e anda. Deus obrou esse milagre para recompensar a fé, a confiança do príncipe.

Tenham também essa fé; isso os tornará plenamente sacerdotes e religiosos de mão cheia. Disporão de graças copiosas e muito eficientes, das quais serão os dispensadores. O que abençoarem com fé, com devoção, será claramente santificado, e aproveitarão assim o seu sacerdócio, devolverão a Deus o que é de Deus, repo-lo-ão no que lhe pertence.

Também os Senhores, em meio às coisas temporais que ocuparem, tendo-as abençoadas, encontrarão mais facilmente Deus, de volta no que é dele; conseguirão também o recolhimento, a unção interior, uma proteção invencível contra as tentações e dificuldades como também força, apesar do cansaço e desalento no caminho.

Sua ação sobre as almas aumentará ou diminuirá na proporção do crescimento ou do enfraquecimento da sua fé nessas idéias sobrenaturais. Na oração, na Visita ao Santíssimo Sacramento, naSanta Missa, peçam a Deus que os renove na fé e nas graças da sua vocação. Admoneo te ut ressuscites gratiam Dei, quae est in te, per impositionem manuum mearum, diz São Paulo a Timóteo (2Tm 1,6) (Eu te exorto a reavivar o dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos).

Em Chaource, havia um santo sacerdote, o Padre Martinot, um

confessor da fé durante a Revolução; era muito estimado e encontrei muitas pessoas, mesmo na minha família, que conservavam reverentemente objetos bentos por Padre Martinot; atribuía-se-lhes uma força toda especial. Será que se exagerava? Não sei, mas acho que não.

Os professores façam uso do seu poder sacerdotal; abençoem cadernos e livros, os próprios e os dos seus alunos; do fundo do coração, abençoem os próprios alunos, rezando o Veni, Sancte Spiritus (Vem, Espírito Santo). Os Senhores, mandando sua bênção adiante, perceberão qual será o resultado. Suas aulas serão melhores e com seus alunos terão uma comunicação aberta, sensível e sobrenatural. Sua bênção terá o poder de unir, de aproximar as almas e os corações, de restabelecer a paz, a alegria e a boa harmonia.

Cultivem bem esse poder em si e aproveitem-no; pensem nele freqüentemente e pratiquem-no sacerdotal e religiosamente.

A mãe do Padre Olier, fundador dos Sulpicianos, levou-o, enquanto criança, a São Francisco de Sales, de passagem em Lyon. Era um cabeçudinho impertinente que incomodava muito a mãe. Ela pediu ao Santo que o abençoasse. "Este será um grande servo de Deus, disse-lhe o Santo Bispo; prestará grandes serviços à Igreja." E a bênção de São Francisco de Sales transformou esse menino que realizaria mais tarde os feitos anunciados.

Nas famílias cristãs havia, antigamente, o costume de os pais abençoarem os filhos. O pai agonizante abençoava seus filhos ajoelhados. Nos países onde reina a fé, ainda hoje continua-se a abençoar os filhos na véspera da Primeira Comunhão. Nada de importante se empreendia sem a bênção dos pais e nada dava maior dignidade e mais fé à autoridade de pais. Presenciei isso na minha infância. Os meus bons, idosos pais, à noite, davam a bênção a seus filhos.

A Boa Madre tinha muita fé nas bênçãos do pai e da mãe; recomendava essa prática. Seria necessário reconduzir as almas a esse nível de fé grandiosa. Seria a salvação das famílias e da sociedade. Somos nós os depositários desses ensinamentos da verdade; cabe a nós esclarecer as inteligências, ensinar a prática e os benefícios dessas prerrogativas divinas.

As bênçaos e o uso desse poder que nos foi conferido é uma cerimônia muito freqüente na Igreja. Que esses pensamentos, apresentados agora, lhes voltem muitas vezes à memória e ao coração; sejam eles a atmosfera de sua vida religiosa.

Terminando, deixem-me contar que, na ocasião do ano novo, escrevemos a várias personagens em Roma e recebemos lindas e amáveis respostas. O Cardeal Mazella que aprovou as nossas Constituições, o Cardeal Ledokowski, Prefeito da Propaganda, o Cardeal-Vigário Parocchi escreveram-nos cartas muito afetuosas. O Arcebispo de Lyon mandou-nos também uma cartinha que saiu-lhe verdadeiramente do coração; o Arcebispo de Sens,o Bispo de Autun e vários outros, especialmente o de Versailles que, numa extensa carta, manifesta toda a sua dedicação a nós e a nossas obras; ele nos agradece pelo bem que estamos fazendo em sua diocese. Mas a melhor carta de todas é a do Cardeal de Paris: ele nos diz que nossos votos, e mais ainda nossos corações lhe são muito agradáveis.

Isso lhes mostra, meus Amigos, que estamos no bom caminho. Eis como falam os chefes das dioceses nas quais estamos trabalhando; portanto, nosso serviço lhes agrada, pois no-lo manifestam de maneira tão afetuosa.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 23 DE JANEIRO DE 1895

A CONFISSÃO - DESPRENDIMENTO DE SI

Após o poder de celebrar a Missa, o Bispo confere ao sacerdote a faculdade de perdoar pecados. A esse respeito, todos os teólogos coincidem afirmando: o sacerdote, no confessionário, ocupa o lugar de Deus. Isso diz muita coisa: fazer as vezes de Deus, fazer o que Deus faria! Isso exige do sacerdote uma grande pureza de consciência, também muita sagacidade, um bom juízo para poder dirigir seus penitentes no caminho que lhes convém. É imprescindível, portanto, que o sacerdote seja não só puro, mas também instruído. É preciso que tenha um juízo correto, que não aja segundo visões particulares. Entre todos os ministérios, a confissão é o mais frutuoso, mas também, o mais custoso, por-

que o sacerdote corre o risco de se enganar, de dirigir mal as almas e de seguir a naturexa própria.

O Padre deve conformar-se ezatamente ao que a teologia determina. Cabe a ele discernir o alcance do espírito dos seus penitentes e indicar-lhes claramente o rumo que devem seguir.

São Francisco de Sales dá excelentes conselhos aos confessores. Mas ele fala em tempos em que os grandes pecadores ainda se confessavam. Recomenda sobretudo a amabilidade e a caridade para poupar aos penitentes os rigores da confissão. Em nossos dias, a gente estaria talvez menos inclinada a dar importância a esses conselhos. Não esqueçamos, no entanto, que a caridade deve ser a virtude principal do confessor.

Sobretudo na confissão de mulheres e moças existe perigo para o sacerdote. O confessor deve lembrar-se de que ele é o representante de Deus e que deve, conseqüentemente, confessar dentro de todos os limites da prudência.

Deve elevar-se acima de si mesmo para poder dar sábios conselhos. Que, em suas palavras, não haja nada que cheire demasiadamente a amabilidade ou a afeto humano. "É necessário ser pai e não mãe dos penitentes," diz São Francisco de Sales. Não esqueçamos esse ditado.

O confessor deve ser também um homem piedoso, um homem de fé; é obrigado a pôr-se à altura de sua missão; a santidade do sacerdote deve brilhar sobre os penitentes. "Querendo o ouro da perfeição divina, dirijam-se ao ourives, ao sacerdote santo," diz São Francisco de Sales, "e encontrarão o ouro da caridade divina." É preciso, portanto, que o sacerdote seja devoto e santo para comunicar piedade e santidade a seus penitentes. Ninguém dá o que não tem. O sacerdote confessor se faça acompanhado de fé, de amor de Deus, juntamente com cautela e prudência e, sobretudo, evite o que provém de si mesmo

Alguém poderia dizer: Eu sou amável, inclinado à misericórdia. Atenção! Eu faço as vezes de Deus, devo, portanto, renunciar a tudo o que cheira à natureza apenas. Um outro poderia ser personalista, com suas idéias próprias e seu ponto de vista individual, gostaria de levar todos a julgar como ele. Um terceiro poderia ser rigoroso, severo... Cada um se corrija desse espírito próprio e aja com muito desprendimento do seu caráter, de sua personalidade. Todas as vezes que o sacerdote age por própria conta, Deus se retira.

O ministério conduzido dessa forma, junto às almas, é muito

proveitoso. No Diretório, São Francisco de Sales enfatiza isso fortemente; é esse o grande meio para salvar as almas. O que significa agora a onipotência do confessor sobre os penitentes? Será que tem mesmo uma autoridade plena e total sobre as pessoas dirigidas? O confessor tem o poder de Deus sobre as almas. O segredo da confissão é saber o que Deus quer das almas. O papel do confessor é discernir o desenvolver da alma e dirigi-la no caminho que lhe é conveniente. Isso particularmente implica em deixar Deus agir e levar a alma a esta disposição de deixar Deus atuar e só ele. O sacerdote está somente para ajudar e auxiliar. Ele não tem o direito, por exemplo, de dizer a uma jovem na casa dela: "Tem que fazer isso ou aquilo." Não é esse o seu papel. Como, tratando-se de comunidades, não pode invadir tampouco os direitos da Superiora e atribuir-se um poder absoluto sobre as religiosas. Quanto à Comunhão, por exemplo, cabe ao confessor permiti-la; mas isso não significa, como alguns pretenderam, que as Superioras não tenham mais poder algum e que o confessor tenha toda a autoridade sobre as religiosas; é um erro.

O confessor é o confidente do penitente que vem-lhe confessar as faltas e pedir conselhos e orientação; mas ele não é, repito, o dono dessa pessoa; é apenas um amparo.

Quando eu confessava na Visitação, nunca a Boa Madre dava às suas religiosas a permissão de comungar; sempre pedia o parecer do confessor. Se uma Irmã queria se confessar à Boa Madre, ao fazer a prestação de contas, ela lhe dizia: Isso não pertence à direção espiritual e não me compete; vá falar com seu confessor. É esse o sentido correto da doutrina da Igreja.

Olhem uma observação que tenho que fazer a esse respeito: não se encantem demais com suas idéias próprias, crendo que tenham a sabedoria e a prudência infusas. Enquanto jovens, querem uma coisa, envelhecem e já não a querem mais. O Senhor tem contatos pastorais com uma comunidade religiosa. Deixe suas idéias; antes de mais nada, faça com que se observe a Regra pontualmente. Se fizer menos ou mais do que a Regra prescreve, o Senhor descontrola e não chega a nada. Respeitem a autoridade e procurem apoiá-la. Promovam a união, evitem toda divisão. Mas sobretudo ajam, em tudo o que fizerem, com muito desprendimento de si próprios; essa é a característica pela qual se devem reconhecer todos os Oblatos.

Olhem o Padre de la Charie, capelão de São Carlos. São Carlos

tem suas tradições, tem seu diretor que não é o homem mais fácil e que, muitas vezes, invade as atribuições do capelão. O Padre de la Charie fecha os olhos tanto quanto pode e se dedica quanto mais possível aos seus jovens. Conquistou uma grande autoridade diante de todos e São Carlos funciona às mil maravilhas. Diversos capelães passaram ali antes dele; ninguém foi bem-sucedido; tropeçaram logo. O Senhor Legentil me disse antes de morrer: "Só os Oblatos para conservar esta obra." O Padre de la Charie vale menos por causa disso? Isso o rebaixa frente aos outros?

Vamos, deixemos de lado nossa personalidade. Façamos bem o que temos que realizar e com muito desprendimento de nós mesmos. Se soubermos dizer: "Tenho que fazer aquilo e o farei de todo o coração," então agiremos bem. Se, pelo contrário, queremos atalhar isso ou aquilo, ou desrespeitar atribuições alheias, ou seguir idéias próprias, não se faz nada ou, às vezes, até um serviço mal feito.

Não há nada tão grande, tão perfeito quanto essa maneira de agir. Por que a Boa Madre tinha uma influência tão grande? É isso. Todas as vezes que se vinha pedir-lhe algum conselho, antes de empreender alguma coisa, ela começava por recolher-se para não deixar sua pessoa agir; só depois respondia, após consultar intimamente o Bom Deus. Pois bem, façamos como ela e chegaremos a uma grande santidade.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 30 DE JANEIRO DE 1895

A CATEQUESE - A PREGAÇÃO

A quarta função do sacerdote é o ensino: a catequese e o sermão.

Quanto à catequese, é preciso fazer memorizar o texto do catecismo verbalmente, não sabem nada, não se dão conta de nada. Depois se precisa explicar com cuidado cada palavra, em termos claros, descendo ao nível da inteligência delas, para serem compreendidos perfeitamente.

Muitas vezes, as crianças não compreendem nem as palavras do catecismo nem as explicações dadas e não guardam nenhuma lembrança do que lhes foi ensinado. Para comprovar isso, não é necessário procurar nas camadas inferiores da sociedade, entre operários ou entre os pobres; mesmo entre os cristãos cultos, encontram-se pessoas que não têm mais noção do catecismo. Um magistrado respeitável perguntou-me, um dia: "Se não encontrar um confessor na hora da minha morte, poderei confessar-me com minha esposa?"

O presidente do Tribunal de A..., vindo a Troyes para a profissão de uma de suas irmãs, quis visitar-me. Ao despedir-me eu lhe disse que ia dar catequese. Fez-me, então, três ou quatro objeções que me evidenciaram que ele ignorava completamente o sentido do catecismo. Um outro, um homem muito capaz, um engenheiro das minas, com o qual estava conversando, um dia, disse-me: "Eu gosto só daquele pregador, os outros não os entendo." Por que isso? Aquele pregador sabia formular frases bonitas no púlpito, sem conteúdo nem fundamentação sólida; os outros pregavam a doutrina. Embora formado, ocupando um dos primeiros lugares, na escola politécnica, esse homem não entendia nada dos elementos básicos da religião.

Quanto ao ensino do catecismo, repito, importa fazer decorar verbalmente; bem como na teologia, precisa-se saber, tintim por tintim, as definições e os raciocínios principais. É o único meio de reter e dispor de alguma coisa; de outra forma, não se sabe nada, tudo fica confuso e vago na mente.

Se as crianças ainda não podem estudar o grande catecismo, que estudem o pequeno; é bom convencer-se de que as crianças não compreendem as palavras mais simples e mais comuns; e, muitas vezes, não somente as crianças mas também os adultos. Um plantador americano, cristão, era partidário da escravatura, porque, assim me dizia, ocupando esses pobres homens, pode-se dar-lhes uma instrução religiosa e assim fazer bem às suas almas. Ensinava-lhes o catecismo e dizia-me: "Eles não têm a inteligência muito desenvolvida e o Senhor não pode imaginar o sacrifício que me custa para fazer-lhes compreender o catecismo; deve-se desconfiar que eles não captem as coisas mais simples e mais fáceis. Ultimamente explicava-lhes o mistério da Santíssima Trindade. Perguntei-lhes o que era o Espírito Santo. Um deles, o mais inteligente, respondeu-me: É o mais bonito dos pombinhos brancos do senhor granjeiro.

É necessário explicar às crianças cada palavra do catecismo.

Esse método poderia ser considerado como ofensivo para pessoas de mais idade; seria preciso, então, dar-lhes explicações menos rudimentais, mas sempre desconfiar das palavras que muita gente não compreende perfeitamente.

É verdade que não é possível ser salvo sem conhecer os principais mistérios da religão. Esses mistérios precisam ser ensinados às crianças com um cuidado todo especial; é necessário colocar-se ao nível deles. Conheço um Padre muito inteligente, um bom pregador, o pároco de M..., que sempre dá catequese com um tipo de considerações que as crianças não entendem e não sabem uma só palavra do cateciscmo.

Não se deve fazer assim. O ensino religioso exige, como qualquer outro ensino, que se comece com as coisas mais elementares.

Um meio para explicar o catecismo às crianças é de utilizar comparações, imagens, histórias que envolvem a imaginação e assim facilitam a compreensão; sempre, porém, faça-se a ligação com o texto do catecismo. É notável que o catecismo, dado assim, tem muito efeito. Na Diocese de Langres, por exemplo, a fé é viva, porque o catecismo está sendo bem ensinado e sempre tem sido assim.

Passemos agora ao sermão. Para que um sermão seja frutuoso, o pregador deve ser compreendido bem pelo auditório. Fazendo um sermão totalmente dogmático, estejam certos de que não serão compreendidos de forma alguma, a menos que falem sobre um assunto muito prático como a Eucaristia, por exemplo. Numa instrução, é necessário dar explicações de acordo com o alcance dos ouvintes.

Um dos grandes males dos pregadores da nossa época foi o de fazer sermões sem preocupar-se com os ouvintes. Falavam bem, sem dúvida, mas dirigiam-se a pessoas que não compreendiam mais tanto, nem as questões mais importantes da religião; não podiam mesmo produzir resultados felizes.

Nosso Senhor, ao pregar sua doutrina, a anunciava por meio de parábolas, de comparações e era entendido. Uma comparação, uma figura, uma imagem, ao alcance de pessoas que escutam, é uma maneira excelente de ensinar.

Nos Seminários, no Noviciado, mandam fazer sermões; deve-se decorá-los. Mas que se evite apresentá-los aos verdadeiros auditórios; ninguém compreenderia.

Como se deve pregar, então? Primeiramente, deve-se estudar bem o assunto, escrevê-lo e depois perguntar-se: "Se me dirijo a religiosos, ou a sacerdotes ou a pessoas cultas, serei certamente entendido; mas fazendo este sermão ao povo, será que se entende?" "Não." Por que? Porque os imples fiéis, os operários, nem conhecem as palavras que emprego. Ninguém as ensinou para eles. Então, recomece e procure pôr o que escreveu ao alcance de todo o mundo.

No último Concílio, o Vaticano (isto é, I - tr.), devia-se tratar da pregação; não chegou a ser feito, e o Dom Mermillod disse: "É uma pena que o Concílio não pôde continuar, ficou uma grande lacuna."

Dom Mermillod falava bem; era apreciado e compreendido por todo o mundo, tanto sacerdotes como o povo, porque sabia falar de acordo com os seus ouvintes.

Voltando ao assunto, é necessário, pois, preparar bem o sermão, seu conteúdo e, depois, ficar no assunto, mesmo encobrindo-o. É como Fénelon afirma: no corpo, não se vêem os ossos, o esqueleto. Também revestiremos o nosso tema, nosso esquema. Com que? Com fatos, provas, explicações tiradas da vida dos santos e da história.

Todos esses exemplos farão com que os Senhores sejam compreendidos mesmo por todos; será o véu sob o qual conseguirão fazer-lhes entender a verdade.

Hoje em dia, todo o mundo fala, no Senado, na Câmara, nas praças públicas; a gente se faz compreender. Só na igreja, às mais das vezes, os pregadores não são compreendidos.

Tratando-se de um sermão extraordinário, na ocasião de uma festa, por exemplo, é preciso escolher bem o assunto e sempre tirar alguma moral. Um dia, em São Pantaleão, convidaram um dos meus antigos colegas para pregar. Falou sobre a vida do Santo, citou a história e aspectos da moral. O sermão durou 45 minutos, todos o escutaram atentamente, mas qual o proveito que se tirou?

Em resumo, para dar catequese, é imprescindível a gente mesma estar bem a par, fazendo decorar e explicar cada palavra.

Quanto ao sermão, que seja preparado com cuidado, primeiramente o fundo teológico; é isso o esqueleto, a base do sermão. Em seguida, uma vez dominando a doutrina, é preciso revestir o esqueleto; é a forma

do sermão.

Essa forma requer muito trabalho pessoal do pregador. Cada um dos Senhores tenha, pois, seus cadernos em que anote todos os fatos, as histórias e as idéias que chamaram-lhe a atenção. Lendo um livro, o Senhor encontra um traço, uma citação interessante; anote-a imediatamente. Uma idéia impressiona durante a meditação; não a deixe escapar, aponte-a em seu caderno. Sem demora terá assim um acervo de notas, com as quais poderá trabalhar e através disso surgirão novas idéias e muito originais. Saibam que todas as vezes que disserem algo próprio dos Senhores, algo pessoal, não procurado em outra parte, em algum livro, serão escutados com gosto. Convém que tenham sua maneira de falar; para tanto, precisam dispor do material seu, do arsenal próprio, quer dizer, de suas notas pessoais. É um trabalho que se faz todos os dias, sem cansar, e que - acreditem-me - ser-lhes-á de grande proveito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 13 DE FEVEREIRO DE 1895

"O SACERDOTE, OUTRO CRISTO"

Há uma doutrina sumamente importante, fundamentada no Evangelho, que temos que reconsiderar com freqüência, isto é, o mistério da Redenção, operado por Cristo. No entanto, não depende só dos méritos de Jesus Cristo, mas também dos de seus sacerdotes. De maneira que o sacerdote, e sobretudo o religioso, tem a missão até o fim dos séculos de continuar o mistério da Redenção; Cristo perdoa os pecados; o sacerdote se identifica com ele, ao dizer: "Eu te absolvo..." São essas as palavras do sacerdote. O sacerdote consagra o Corpo de Nosso Senhor, mais uma vez identificando-se com ele, pois diz: "Isto é o meu Corpo." Assim, o sacerdote não somente é o representante de Jesus Cristo na terra, mas é como a extensão do ser deste, em todas as suas funções.

Isso se aplica também à vida particular do sacerdote. Através de sua santidade, há uma influência enorme sobre todas as almas. Ele é,

repito, de certa forma, uma extensão da personalidade de Nosso Senhor e deve, através de sua vida, continuar o mistério da Redenção. Sua vida, sua santidade, o que são a não ser a continuidade
do dizer: Pater meus usque modo operatur, et ego operor (Jo 5,17) (Meu Pai continua agindo até agora, e eu ajo também)? O sacerdote, portanto, é a personalidade de Cristo continuada usque ad consumationem saeculi (Mt 28,20) (até o fim do mundo). Não são, pois, só as regras eclesiásticas, nem os deveres do estado que devem servir de guia ao sacerdote, mas essa obrigação de ele ser, em sua vida interior, a personalidade de Nosso Senhor. É essa a doutrina de todos os Santos Padres.

Os Senhores entendem, então, com que respeito, com que atenção e com quanta vigilância devemos cuidar para que todo o nosso ser seja conservado nesse estado de inocência e de santidade que nos torna dignos de realizar o que Nosso Senhor faz, de perdoar os pecados como ele, de comunicar as graças, de abrir as portas do céu aos indignos e pecadores. Precisamos meditar muito nisso, para que, durante toda a nossa vida, estejamos conscientes de que somos o próprio Jesus Cristo. Perguntemo-nos freqüentemente: Será que estou sendo bem o próprio Cristo? Vivo, mas será que estou vivendo bem em Jesus Cristo? Será que eu trabalho e realizo todas as minhas ações com Jesus Cristo?

Essa vida afasta do sacerdote todos os tipos de obstáculos. Os Noviços se compenetrem profundamente dessa idéia. É sobretudo no início que o Bom Deus imprime nos corações essas verdades tão bonitas. Aqueles que não são sacerdotes peçam a Nosso Senhor, em suas orações e durante a Comunhão, a graça de compreender bem o sacerdócio. Não esqueçamos, pois, que o sacerdócio é a continuação do mistério da Redenção. Iniciado na Cruz, ele se perpetua através da ação do sacerdote.

Nosso Senhor disse aos Apóstolos: "Eu não vos deixo, eu vivo em vós" (cf. Jo 14,18). Essas palavras lembram as da Boa Madre: Ao ver um Oblato, enxergar-se-á Nosso Senhor." Importa colocarmos os pés nas pegadas do Salvador.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 6 DE MARÇO DE 1895

A RETA INTENÇÃO

São Francisco de Sales afirma que a reta intenção consiste em pedir a graça de Deus e aceitar todo o sacrifício da mortificação que se encontrar.

A experiência dos homens mostrou-me claramente que, entre todos os estilos de vida cristã e religiosa, essa vida do Diretório é a mais difícil de se praticar bem. O Bom Deus é o Pai de nossas almas e é conforme os desígnios da Providência oferecer-nos a oportunidade de ganhar o céu por diferentes meios, e, segundo a sua divina misericórdia, preparar tudo o que era necessário para chegarmos lá, cada um de acordo com sua vocação própria.

A vida de um bom Oblato é das mais mortificadas. Querendo ser bons Oblatos, temos que resignar-nos a isso. Desde que em cada ato de reta intenção devemos pedir a graça de Deus, preparando-nos assim a suportar toda a contrariedade e mortificação que se apresentar, todos os nossos atos levam o sinal da cruz. Estando conformados a vivermos essa vida, somos verdadeiros Oblatos. Essa vida implica numa doutrina que brilha em tudo o que fazemos; é a doutrina do verdadeiro cristianismo, a doutrina de Nosso Senhor ao pregar o Evangelho. Nossa disposição deve formar uma soma de penitência; essa soma se divide em muitas moedinhas; é assim que se acumula grandes tesouros.

Para isso, precisa-se muita coragem, uma coragem que não recua frente ao incômodo; e isso não dez vezes ao dia, mas o dia todo. É bem isso a santidade propriamente nossa. Todas as práticas de mortificações, de jejuns que se observam em outras Ordens religiosas se destinam a levar a pessoa à conformidade da vontade própria com a de Deus.É muito fácil preparar-se para essa fortuna espiritual pelos meios de São Francisco de Sales: só é preciso ter mais coragem... Não deve ser algo indiferente, mole, pessoal. Devemos entusiasmar-nos por todo o sentimento generoso, aceitar interiormente toda a humilhação e tudo o que Deus permite.

Durante a Quaresma, tenhamos muita coragem. Dediquemo-nos prontamente a isso e tornar-nos-emos bons religiosos, verdadeiros san-

tos. E, na direção espiritual, importa lembrar-se disso, preservando-se da idéia falsa de que o Bom Deus mande seus anjos para uma pessoa que está toda iluminada. Não é isso; a santidade é a fidelidade de todos os momentos, em todas as pequenas coisas.

Em nossa vida, as graças de Deus não dependem da imaginação, mas da ação pessoal, da fidelidade. A santidade só se encontra na ação, mas nunca na imaginação. Cada um compreenda a grande verdade da vida da Boa Madre. As pessoas que mais recebem desse meio são as que mais fiéis têm sido em suas observâncias. Essas graças nunca são dadas à imaginação, mas à ação.

A palavra de Nosso Senhor confirma isso: "Nem todo aquele que me diz: 'Senhor, Senhor', entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a Vontade do meu Pai que está nos Céus." (cf. Mt 7,21)

Quando fazemos nossa meditação, trata-se de uma ação sobrenatural e meritória. Quando trabalhamos unidos com Deus, realizamos uma ação sobrenatural. Qualquer ato efetuado dessa maneira é santificado pelo fato de a nossa vontade entregar-se a Deus em oblação. É através da ação que a gente se santifica.

Os Senhores vêem como essa doutrina é sensata e verídica. Gosto de lembrá-la de vez em quando, para que se julguem as coisas corretamente.

Precisa-se começar fazer para poder compreender. É essa a razão por que o nosso Santo Fundador e a Boa Madre recomendam que tenhamos muita coragem. Desejo que todos compreendam bem isso. Empenhemo-nos por aprender bem essas coisas. A Quaresma é feita para isso. Há mais contratempos, mais provações; o tempo quaresmal é sempre um tempo sofrido para as pessoas que praticam isso.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 1º DE MAIO DE 1895

A VONTADE DE DEUS - O DIRETÓRIO

Temos uma grande tarefa a desempenhar; tornando-nos Oblatos, assumimos sérias obrigações, mais graves do que em qualquer outra Ordem religiosa, como os Cartuxos, por exemplo. Estes levantam-se a tal hora, deitam a tal outra, cantam o Ofício, aplicam a si as disciplinas, todos os seus exercícios são regulamentados. Entre os Jesuítas reinam as atividades, entusiasmam-se pelo envolvimento nos grandes assuntos da Sociedade: isso estimula e anima. Eu estava falando, nesses dias, com uma pessoa importante que me dizia: "Ah, os Jesuítas! A Sociedade é tudo para eles. Entre si, não se importam de falar uns dos outros, mas desde que alguém ataca a Sociedade na presença deles, todos como obedecendo a uma palavra de ordem se reúnem para defendê-la."

Cada Ordem religiosa tem, portanto, alguma coisa para afirmar-se. E nós não temos nada? Não teríamos nós uma palavra de ordem, uma idéia chave daquilo que fazemos ou do que temos que fazer?... Devia ser assim. Os Oblatos têm uma grande missão a realizar, não devem esquecê-lo. Todas as vezes que se age como Oblato, cumpre-se alguma coisa; o trabalho é eficaz e produz frutos. Reparem o que conseguiu Fénelon, todo o bem que realizou na França. Observem São Francisco de Sales: é o espírito missionário que o domina a ele e a sua vida que se sacrifica. Sua senha é: cumprir a Vontade de Deus! Essa deve ser também a nossa palavra de ordem, nosso lema: a Vontade de Deus na Regra, no Diretório, na Obediência. Pois bem, importa sermos verdadeiros Oblatos e para isso é necessário dedicarmo-nos à prática pontual da Regra, até nos últimos detalhes. Como chegaremos a essa observância fiel da Regra? Pela prestação de contas, abrindo a nossa consciência diante do encarregado, ao indicar-lhe, até nos pormenores, a maneira como observamos a Regra; por exemplo, não arrumamos bem a cama pela manhã, não pensamos em Deus ao fazer-nos a barba, não fazemos a meditação bem feita, falhamos à prática da reta intenção... Digam-no humildemente. Está nisso a santidade! Não pensem que isso seja um rebaixar-se, porque, agindo assim, tudo o que Deus fez, os Senhores o farão por sua vez pela simples razão de serem um instrumento dócil da Vontade dele.

São Francisco de Sales afirmava: "Quereis formar sacerdotes; isso é fácil de dizer; pessoalmente só consegui um e meio. Logo que se lhes diz que é preciso renunciar ao seu espírito próprio, eles caem fora. O dia em que se encontrar homens bastante inteligentes para sacrificar sua vontade e seus pontos de vista ao beneplácito de Deus, naquele dia encontar-se-ão sacerdotes."

Pois bem, esses sacerdotes somos nós. Há muitos sacerdotes que seguem a orientação de São Francisco de Sales, os Salesianos, por exemplo; eles têm o grosso da doutrina de São Francisco de Sales, mas não têm o Diretório; não são verdadeiramente seus filhos como os Oblatos o devem ser. Compreendamos bem isso; é essencial. Será que é difícil? Não mesmo.

Prestem fielmente as contas, pois, ao Padre Roland. Façam-no conscientemente. Dêem a isso mais valor do que a todo o resto. Façam isso e eu lhes prometo que os Senhores pregarão bem, que, no confessionário, terão uma grande influência sobre as almas, que em toda a parte farão muito bem. A Boa Madre dizia-me: "Os Oblatos é que devem fazer Jesus Cristo viver de novo; o Bom Deus será visto, sobre a terra,, através deles."

(Entrada dos Noviços - O Padre se dirige mais particularmente a eles.)

Meus Amigos, é importante quecompreendam bem o que querem ser. Desejam ser Oblatos. Um Oblato não é um Capuchinho, um Cartuxo, um Jesuíta. Um Oblato é um homem que assume a doutrina de São Francisco de Sales, do início até o fim, e a pratica. Temos uma Constituição aprovada por Roma que nos coloca no nível das grandes Ordens. É necessário segui-la. O Oblato, pois, é um homem que pratica o Diretório. Com esse homem se fará tudo o que se quiser; ele será um bom professor, será um diretor espiritual esclarecido, ajuizado na direção espiritual, poderá ser aproveitado como pregador e, por sinal, um excelente pregador. Será que não é orador, se é um Oblato, se ensina segundo o que lhe foi ensinado, conforme a sua vida? Ele instruirá com perfeição, e todos, pequenos e grandes, o escutarão, e todo o mundo gostará muito daquilo que ele diz, porque na doutrina de São Francisco de Sales há coisas tão apropriadas e encantadoras que não se encontram em nenhum outro lugar. O secretário de Dom Mermillod, o Padre Clemente, um Beneditino, dizia-me:

"A estratégia mais aprimorada para a direção espiritual é a doutrina de São Francisco de Sales, porque ela vai até o fundo." É bem isso que a Igreja expressa: Iter planum ac tutum (Um caminho plano e seguro).

Temos que imitar, portanto, São Francisco de Sales e a maneira é de absorver a sua vida em nosso coração, sua vontade na nossa e identificar-nos com ele. Mas como? Fazendo o que ele fazia; realizando de manhã, de tardezinha e à noite, o que ele fazia, transformando a nós mesmos nele. Isso é tudo para nós. Em qualquer outro lugar, existe ao que aplicar o nosso zelo; mas querendo realizar o que São Francisco de Sales fez e continuar sua obra, precisamos ser outros São Francisco de Sales. É o homem tomado da manhã até a noite, nos seus atos interiores; é o homem na sua totalidade. Sobre esse fundamento pode-se realizar tudo, construir tudo, edificar tudo; nada se perde, tudo é sólido. Temos que nos dar conta disso. Não basta ser um santo seminarista, um santo sacerdote. É preciso fazer o que operou São Francisco de Sales, viver a vida dele. É necessário serem fiéis em fazer todas ações dele, prestarem contas disso, examinando como num espelho o que tiverem feito. Só então os Senhores valem alguma coisa, do contrário não serão nada.

Os Noviços se adaptem bem à mesma vida através do Diretório. É como no caso do soldado com sua teoria; é no livro onde ele aprende o que deve fazer. É pouca coisa, no entanto, se, em vez de iniciar a marcha com o pé esquerdo, começar com o pé direito, não há mais conjunto nem unidade. Os Senhores têm que fazer isso; na igreja devem ter a atitude de um homem que reza e não apresentar nada de extraordinário na sua aparência. São Francisco de Sales diz que para estar bem, é importante ser como a água; ela não tem gosto. Devem comportar-se muito convenientemente, sem afetação nem artificialidade; ninguém perceba alguma coisa rara no traje ou cabeleira dos Senhores. Nosso Senhor agia assim; ele aceitava os costumes do seu país.

Assim faremos muita coisa boa e não será como o barulho de címbalos (cf. 1 Cor 13,1); será o resultado que parte de nós e a repercussão que nossas palavras e nossos atos tiverem virá não de uma fonte alheia, mas unicamente da nossa união com Deus.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 8 DE MAIO DE 1895

CAPRICHO NO SERVIÇO

A característica muito acentuada dos Oblatos, em sua vida espiritual, é algo de santo, de direito, de completo que todos captam, aprovam e que faz com que todo o mundo afirme: está certo. A própria Igreja o expressa no Ofício da festa de São Francisco de Sales. É preciso que também a contrapartida, isto é, a vida intelectual e material, esteja em relação com essa situação espiritual e sobrenatural. Os Oblatos devem, portanto, aplicar-se a executar bem tudo o que têm que fazer tanto no ensino como na pregação, na direção espiritual e no apostolado.

Todas essas atividades diferentes devem ser atendidas apaixonadamente bem. Importa muito convencer-se disso: não se devem fazer as coisas ao deus-dará, com negligência, de qualquer jeito; é necessário que cada um compreenda que deve desenvolver seus afazeres com perfeição, aplicando toda a sua capacidade, com o empenho de todo o coração e toda a alma. Nunca vi pessoas cumprirem bem suas obrigações, enquanto achando defeitos a pôr ou sem serem felizes; nunca vi pessoas desgostosas e aborrecidas, indo de encontro a seus compromissos e terem paz no coração.

O Bom Deus não nos fez como os Anjos para viver só de orações, de luz e inspiração; ele nos fez para trabalhar também. O trabalho que realizamos está previsto na ordem estabelecida por Deus: é uma coisa santa, sagrada; é o que Deus quer, ele o protege e sustenta com a sua graça. Fazendo nossos trabalhos com carinho, atrairemos graças das mais abundantes. Foi isso o grande segredo de São Francisco de Sales, da Boa Madre, de todos os Santos. O trabalho que fazemos, por menor que seja, realizemo-lo bem, muito bem, com respeito, nas condições indicadas pela Regra e pela obediência. O que acontecerá? Todas as coisas executadas assim sempre serão bem-sucedidas; se não tiverem efeito conforme a finalidade proposta, sempre serão exitosas quanto à finalidade sobrenatural. É importante compreender bem essa doutrina. Nunca a vi tão bem posta em prática quanto por São Francisco de Sales e a Boa Madre. Todas

as nossas ações, tudo o que fazemos assume, então, um caráter sobrenatural.

Significa isso muito incômodo? Será que isso impossibilita o exercício das suas faculdades, da liberdade? Isso santifica as faculdades, aumenta a liberdade, porque esta é o poder de alcançar os fins sem sofrer a dominação das paixões. Isso solidifica a vocação. É preciso valer alguma coisa. "Quem fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento?... Não. Um profeta? Mais que um profeta!... (cf. Mt 11, 7.9).

Nossos atos produzirão infalivelmente esse efeito. Se vivermos nesta vida natural, desordenada, se formos como uns que-sei-eu, uns indiferentes, uns apáticos, então valeremos nada. Tomemos a sério esta doutrina de São Francisco de Sales. Orientemo-nos sempre pela Vontade de Deus a cumprir e cuidemos que a nossa vontade coincida com a primeira. É uma doutrina um pouco esquecida. São Bernardo, por exemplo, vivia isso totalmente; todos os antigos Padres, igualmente. Mas surgiram dificuldades. As lutas com os Protestantes fizeram com que se entrasse em caminhos mais especulativos. Falou-se mal da matéria; afirmou-se que ela foi condenada pelo primeiro pecado e prendeu-se a perfeição em fórmulas e práticas. Por que procurar a Vontade de Deus aí, quando os Senhores a têm presente nas ações? Têm-na à mão, por que não fazê-la valer?

Por que fazer contemplações com livros? Naquilo que Deus lhes der para fazer cada dia, os Senhores têm como cumprir a santa Vontade dele.

Quero que compreendam essa doutrina que é extremamente prática, sumamente teológica, sobretudo conforme a prática do Evangelho.

A primeira vez que me confessei no Seminário Maior, o confessor me disse: "Então, agora está no Seminário Maior; é importante que compreenda uma coisa, ou seja, sua santificação depende de si mesmo. Temos em nós tudo de que precisamos, nada de procurar recursos à direita e à esquerda. É Deus que no-lo fornece. O Regulamento, um pequeno artigo dele, o mínimo detalhe, tudo depende disso. Quer uma prova? Observe Nosso Senhor: quanto tempo passou antes de ele anunciar o Evangelho? Trinta anos. O que fazia? Obedecia, trabalhava, fazia coisas sem importância, submisso a Maria e a José. No entanto, cada uma das suas ações era divina. Temos que preparar-nos ao sacerdócio através dessas coisas insignificantes da vida e encontrar nelas o meio para tornar-se outros Jesus Cristo." Essas palavras me impressionaram muito. A mínima

coisa, a menor observância da Regra, é algo valioso, é muito.

A vida é uma coisa concreta, real. Não se pode subir muito, sem fundamentação. A base deve estar consolidada e firme, são esses os alicerces da vida sobrenatural, sacerdotal e religiosa. Que compreendamos bem isso e apeguemo-nos a essa doutrina. Tratemos tudo com muita seriedade. Então, o que se quiser, a gente o terá. Nosso Senhor o disse. Mas tem que se fazer o necessário para tê-lo. Peçamos fervorosamente a Deus a graça de compreender isso, e, para compreendê-lo, é preciso praticá-lo-

Olhem o Diretório; lendo-o, não se entende nada. É um estudo que se deve fazer, um livro que se deve viver, uma prática de todos os instantes em que a gente deve basear-se. Certamente, nem tudo o que temos que fazer sempre nos agrada, mas, oferecendo-o a Deus com coragem, Deus faz com que isso pareça menos penoso e, até, que criemos gosto nisso. Então a gente o executa devidamente para o bem de si e o dos outros.

Tenho uma porção de notícias boas do Cabo; vão bem lá. Todos os Padres estão satisfeitos e o número de fiéis aumenta, pouco a pouco. Em Pella, em Springbock está tudo bem.

No Equador está mais difícil; o Equador está de revolução, e os Maçons agitam o país, procurando fazer-lhe perder a fé. Os nossos Padres não atendem mais o Seminário; o clero e os leigos se opuseram à continuidade do mesmo. O bom Bispo escreveu-me uma carta muito aflita sobre isso. Mas ofereceram aos nossos Padres o Colégio de Tulcán.

As pessoas podem perguntar aos Senhores, no que diz respeito às leis, ao que pretendemos fazer. Quanto às novas leis, não precisamos preocupar-nos, pois formamos uma sociedade comercial, como as linhas ferroviárias do Leste ou outras sociedades. Somos considerados comerciantes, esperamos que nos deixem em paz; mas devemos rezar, sim, pelas Congregações religiosas.

Dediquem-se, com todo o empenho, aos seus trabalhos. Se fizerem o que lhes digo, será muito bom, porque, enquanto vivendo todos a mesma vida, vive-se de coração unido. Conservemos atentamente a caridade entre nós. Precisa-se evitar de botar defeito num ou noutro; importa estimar-se uns aos outros, tratando-se como irmãos que se querem bem e

se estimam. Em cada um de nós sempre há algo de Deus e de sua graça; precisa-se amar bem o que é de Deus no próximo. Não temos nada a ver com o resto.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 15 DE MAIO DE 1895

INSTRUIR-SE, A SERVIÇO DA PASTORAL

A última vez, falei-lhes sobre a maneira de conduzir a vontade, robustecendo-a para fins de nossa santificação pessoal e também sobre o modo de preparar em nós o que teremos que proporcionar às almas. Falei-lhes sobre sua alma, a alma do Oblato. Hoje quero dirigir-lhes uma palavra sobre a inteligência do Oblato.

Somos sacerdotes, destinados sobretudo ao ministério da palavra, na qualidade de professores, missionários, pregadores, homens apostólicos. Para sermos bem-sucedidos nesse ministério da palavra, há uma maneira de começar com isso que quero recomendar-lhes.

É preciso fazer convergir para esse fim tudo o que entendem, tudo o que lêem, tudo o que aprendem e pensam. Instruam-se continuamente, aproveitando tudo; não se limitem a preparar uma alocução de vez em quando, a reler alguns livros sobre determinado assunto, quando tiverem tempo ou sentirem a precisão; não se restrinjam a preparar isto ou aquilo às pressas e como furtivamente. Durante toda a vida devem preparar-se a cada instante de sua vida. Não é uma utopia o que estou lhes dizendo. É preciso executá-lo e chegar-se-á a resultados sérios. Aproveitem, para instruir-se de tudo, de suas orações; prestem atenção e, nas orações mais comuns, nos Pai-nossos e nas ave-marias, encontrarão, qualquer dia, idéias luminosas e aproveitáveis; "Seja feita a vossa Vontade..." "O pão nosso de cada dia..." Isso lhes dirá algo de novo e de bom, no qual talvez nunca tenham pensado. Anotem esse pensamento e guardem-no com cuidado. Aproveitem as orações que lêem, do Ofício: olhem nos Salmos, nas leituras, nas orações o que isso lhes diz ao espí-

rito e ao coração; não rezem tudo isso mecanicamente como alguém que só tem interesse em livrar-se de uma obrigação! Tirem proveito disso para si e para os outros. Mas a oração não é um estudo!... Sem dúvida, mas trata-se dum complemento precioso que ela lhes oferece. Estou profundamente convencido disso. A gente não se torna pregador, não se ensina verdadeiramente a não ser fazendo assim. Um pensamento novo, piedoso, lhe ocorre durante a reza do breviário, durante o Ofício; não é uma distração, mas a aplicação à sua alma, à dos outros, de uma palavra ou outra da Santa Igreja ou da Escritura; é uma visão profunda deste ou daquele ponto teológico ou filosófico e veio como uma inspiração. Isso vem de Deus, aponte-o, quarde-o e faça-o produzir frutos. Mais tarde, isso lhe prestará grandes serviços. Quando pregarem sobre isso, quando o enunciarem, serão escutados e acreditados, porque não serão lugares comuns, ouvidos já mil vezes. Não será um disco que todo o mundo sabe de cor, uma citação banal, sempre repetida; será algo novo, uma coisa interessante e de proveito para as almas.

Encontrarão um tesouro no Breviário, no Pequeno Ofício (de Nossa Senhora), nas orações da Igreja, na liturgia, no Ofício, nas cerimônias. Luzes lhes surgirão. No dia dos Ramos, na Apresentação do Senhor, na Quarta-feira de Cinzas: algo os toca, alguma coisa os impressiona das cinzas, aplicadas na testa; anotem-no e, quando tiverem que pregar sobre a humildade, sobre a morte, sobre a brevidade da vida, terão aí um pensamento original, interessante e prático.

Para realizar tudo isso, não pensem que seja preciso fazer do Breviário um estudo, da oração um trabalho mental de investigações. Não, rezem de todo o coração, com recolhimento em Deus; e, de quando em vez - os Senhores vão ver - um pensamento bom e aproveitável lhes ocorrerá. Poderá ser uma vez por dia, por semana ou, talvez, por mês... Por pouco que pareça, não o percam. Essa idéia será um toque pessoal; serão escutados e compreendidos. Serão os Senhores que dirão isso e não qualquer um. Não será um eco, mas a repercussão de uma alma, de uma personalidade; e isso, meus Amigos, é uma coisa valiosa, é algo esplêndido.

Façam isso ao lerem a Sagrada Escritura e sempre encontrarão luzes. Nunca se leu com atenção, no espírito de fé, uma passagem do Evangelho, das epístolas de São Paulo ou de São João, sem receber uma luz sobre algum ponto da moral, da doutrina, da vida espiritual, sobre alguma obrigação própria da vida religiosa, sobre algum compromisso que compete ao sacerdote ou, então, àqueles que devemos evangelizar, pais,

mães, moças e rapazes. Poderá ser uma luz sobre um determinado estado de alma, sobre um perigo, sobre o pecado, sobre as aflições, a tristeza ou a alegria espiritual, sobre as consolações que Deus proporciona nas circunstâncias dolorosas, e assim por diante!...

Sempre encontraremos alguma coisa prática, que nos servirá um dia ou outro. Ao lerem a Sagrada Escritura, portanto, não deixem jamais de anotar as idéias que lhes surgirem.

Sem dúvida, o que anotarem, sua maneira de ver, sua apreciação, não terá o valor de um tratado de São Tomás. Não suscitarão, através disso, sensação no mundo dos filósofos. Algumas vezes, até, poderão enganar-se. Será fácil reparar isso, enquanto progredindo no caminho do estudo e dos conhecimentos. Se não estiver bem certo da ortodoxia do seu parecer, pergunte aos Superiores, aos coirmãos em que tem confiança; eles retocarão a idéia do Senhor, se estiver um pouco equivocada, mas, pelo menos, terá feito um trabalho pessoal que, repito, lhe será muito proveitoso. Mas não me ocorre nada quando rezo, quando leio, quando estudo... Isso é surpreendente, é muito triste... Certamente nunca pensou seriamente na possibilidade de aproveitar alguma coisa. No dia em que se convencer que deve fazê-lo, os bons pensamentos surgirão; e, geralmente, o que lhe sobrevier, então, será correto e interessante. Experimentem-no. Nas orações que fizerem assim, o espírito do Bom Deus estará com os Senhores e, em suas apreciações, não se enganarão. E, se houver algum erro, terá pouca importância e será muito fácil corrigi-lo. Tudo isso lhes prestará um serviço considerável.

Em tudo o que fizerem, dia a dia, em todos os momentos, encontrarão uma mina inesgotável: a meditação, o Ofício, a liturgia, a Sagrada Escritura, os estudos, as leituras, o ensino, tudo lhe apresentará o seu tributo, se os Senhores não perderem de vista a grande finalidade de sua vida, o ministério apostólico. Euntes docete omnia quaecumque dixi vobis (Ide, ensinai a observar tudo o que vos mandei), disse Cristo aos Apóstolos (cf. Mt 28, 19.20). Dirá tudo a nós também, se soubermos escutá-lo; não nos dirá somente uma ou outra coisa em particular, dir-nos-á tudo o que teremos que dizer aos outros.

Encontrarão essa luz e essa palavra de Deus em toda a parte, em seu trabalho, em seu serviço quotidiano com seus alunos. Será que lhes parece uma coisa extraordinária o que estou lhes dizendo? Mas não é, de forma alguma. Conheço um professor - ele vive ainda - que atualmente é um publicista sumamente capaz e respeitado. Começou, enquanto

professor, a estudar o caráter de seus alunos. Tinha uns 30 ou 35 anos. Lembrou-se da palavra de Lamartine ou de Châteaubriand - não me lembro qual - :Todo o homem é um livro. Cada homem pode ser lido. Começou a ler seus alunos, prestando atenção ao caráter deles, às maneiras de ver e de agir, às disposições interiores, às nuanças de inteligência, de vontade, dos corações dos mesmos. Isso lhe proporcionou grandes descobertas; 35 alunos é todo um mundo. Desse estudo distilou idéias bem fundamentadas e exatas sobre o homem, conceitos que não se aprendem nos livros, mas na vida.

Os Senhores também, meus Amigos, que, de uma forma ou outra, são chamados a dirigir e orientar as almas, estudem as pessoas que se aproximam, as que lhes são confiadas. Estudem os caracteres, os dons da vontade e do coração. Isso é o dever dos Senhores. Quem conhece 30 pessoas, conhece o gênero humano... Quantas pessoas nunca pensaram nisso! Esse assunto não as preocupa, não as impressiona, ou tão pouco que não aprendem nada, não aproveitam nenhum conhecimento do coração humano.

Façam suas observações por própria conta, estudem, verifiquem a índole do espírito e do coração daqueles que lhes são confiados, do tipo de caráter deles, do gênio, da maneira de ver e de julgar dos mesmos. Conhecendo a fundo uma entre cem pessoas encontradas, haverá quatro ou cinco outras parecidas. O estudo que tiverem feito duma ajudará a conhecerem logo as que lhe são semelhantes. E essas pessoas ficarão impressionadas ao ver que os Senhores as conhecem e compreendem e, admiradas, dirão: Não lhe disse quase nada e já me conhece a fundo! Essas serão almas já conquistadas e que terão muita confiança no Senhor. Estou me referindo ainda à educação, à direção espiritual e às missões. Euntes docete omnes gentes (Ide e ensinai todos os povos) (Mt 28,19).

Foram escritos livros que tratam do conhecimento das almas, do discernimento dos espíritos, como se fazem tratados de química. Sem dúvida, podem conter coisas boas; tirem proveito disso quando puderem, mas quando os Senhores estão com a mão na massa, podem dar-se conta muito melhor.

Então, importa estar sempre estudando? Não, sem dúvida, mas aproveitem todas as circunstâncias que encontrarem, tirem proveito de suas relações com esta ou aquela classe de pessoas para aumentar o acervo das suas pequenas observações e de sua experiência. Muitas pessoas perdem um tempo interminável em prolongados estudos sobre assuntos

quaisquer: química, física, botânica. Certamente, não é tempo perdido, é a condição dos avanços científicos. Empreguemos nós um pouco do nosso tempo para ver, conhecer, compreender os caracteres e as almas, dando-nos conta de seus recursos e dos esforços que se pode solicitar-lhes. Quando o soubermos, teremos nas mãos o meio infalível de influenciar profundamente essas almas e conquistá-las, sempre com referência à palavra de Deus que devemos comunicar-lhes.

Estudando assim, aproveita-se muito; muitas coisas que, à primeira vista, parecem não se relacionar com a pregação podem contribuir muito. Os Senhores são professores; quanto proveito podem tirar das matérias que ensinam, dos livros que ocupam! Aí já têm a forma literária que não é de desprezar. Aprendam como expressar-se. Dêem atenção, depois, e mostrem a seus alunos a inferioridade intelectual e, sobretudo, moral dos escritores que não tiveram fé. Os estudos literários podem servir valiosamente, dando o enfoque certo. Eu pesssoalmente fiz uma boa parte de Teologia com meus estudos e minhas lições de física, química e de geometria. Já era sacerdote e fazia convergir todos os meus estudos, todas as minhas anotações para esse ponto. Tudo o que encontrava, eu aproveitava e fazia uso disso. Está nisso o verdadeiro sentido dos estudos sacerdotais. Sirvam-se de tudo; pouco importa com quem forem postos em contato e pouco interessa aonde forem enviados, sempre estarão prontos a falar e comunicar-se com quem for que seja. De outra forma, os Senhores servirão para quê? Estão instruídos? E os Senhores? O Direito Canônico é seu forte? Que sejam nomeados Vigário Geral. Não mesmo, não estariam à altura! Sejam professores de ciências, mas não se intrometam na direção espiritual. Das coisas práticas desta terra, os Senhores não terão noção, não as compreenderão, ficarão atônitos; o que poderão fazer, a não ser ficar em seu quarto?

Devem estar prontos para ensinar às lamas. Devem instruí-las de voz baixinha no confessionário e na direção espiritual; bem alto, na catequese, na aula, no púlpito. De grão em grão vão juntando e colecionando material. Tornar-se-ão, assim, pessoas sérias e capacitadas que falarão bem, agirão corretamente e prestarão serviço às almas.

Os Senhores lêem, estudam, escutam a leitura no refeitório; olhem aí um fato recente, um acontecimento marcante que contém uma mensagem; anotem! Façam sua coleção, pouco a pouco, todos os dias. Se apontarem uma palavrinha por dia, no fim do ano serão 365, e em dez anos, 3650 e depois de 50 anos, quantas?...

Eu lhes disse numa outra oportunidade: santifiquem-se; hoje estou lhes dizendo: instruam-se, depositem-se na inteligência, no juízo, os recursos que lhes são indispensáveis para enfrentar o ministério da palavra e da direção espiritual.

Não temam que o que escreverem seja inaproveitável. Mesmo que o fosse, sobraria uma boa parte da qual não precisariam corar. Lembro-me da palavra que o Bispo de Autun, Dom Perraud dizia ao Padre Chevalier: "Os Oblatos não pregam, eles falam." Pode-se falar, e muito bem, com efeitos salutares, quando se tiver feito assim suas provisões.

Tomemos a peito, durante toda a nossa vida, essa formação intelectual, bem como a energia e a estabilidade de nossa vontade para formar-nos bem e, igualmente, os outros. Então tornar-nos-emos personalidades úteis à Igreja e às almas. Não seremos desviados na caminhada rumo às metas que perseguimos e que, então, teremos alcançado.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 29 DE MAIO DE 1895

ASPECTOS TEOLÓGICOS DO USO DA MATÉRIA - O ESTUDO TEOLÓGICO

Como Oblatos de São Francisco de Sales, temos que acrescentar algo à nossa Teologia; trata-se de uma doutrina da qual não se pode duvidar, ainda que não nos seja ministrada explicitamente. Os livros de devoção não falam sobre isso. A própria Teologia, à primeira vista, parece afirmar que o uso das coisas materiais é em si uma coisa perigosa ou má. Naturalmente, afirmar isso não é uma heresia; entretanto, não é bem assim a verdade.

O que há de mau nas coisas materiais, é o mal que o homem bota aí. Certo é, teologicamente falando, que, devido ao pecado, o demônio se tornou poderoso no que diz respeito às coisas materiais. Daí a razão de ser das bênçãos da Igreja sobre os objetos que servem para nossa alimentação, para nosso abrigo, para nosso uso. Mas isso não significa que essas coisas sejam más em si, que sejam perigosas por natureza. O

perigo é a má disposição daqueles que se servem delas para satisfazer sua sensualidade, sua gula, seu orgulho. Mas, por si só, essas coisas não são nem más nem perigosas.

Vou mais longe. Afirmo que as coisas materiais têm alguma coisa de bom: seu uso é bom em si, desde que seja legítimo, não só do ponto de vista natural, mas também sobrenatural, espiritual.

Essa doutrina pareceu-me muito evidente na Visitação; era isso mesmo o que ensinava e fazia a Boa Madre. Servia-se de todas as coisas materiais para subir a Deus.

Essa doutrina se apóia no Evangelho. Não é por meio das coisas materiais que Nosso Senhor instituiu os Sacramentos? Não ligou a prova de sua divindade a milagres operados com coisas materiais? O Evangelho está cheio disso: a água mudada em vinho, a pesca milagrosa, a multiplicação dos pães. Após a Ressurreição, ele dá de comer aos seus Discípulos, na beira do lago de Tiberíades, a saber, pães assados sob a cinza e um favo de mel. Não instituiu os Sacramentos com uma matéria muito sensível: água: óleo, pão, vinho? E assim por diante. Daí segue que a proscrição e a maldição das coisas materiais, que alguns exagerados queriam constituir em dogma, não são reais. Confundem o mau uso com a coisa em si.

A Boa Madre, formada na escola do nosso Santo Fundador, acertou, quando empregava as coisas materiais como tais para ocasionar e transmitir a graça à alma. Além disso, é o próprio ensinamento teológico, referente à doutrina dos Sacramentos e dos Sacramentais, os agnus Dei, as medalhas e o pão bento. É muito notável que o inferno tem um extremo ódio contra esses objetos. Estava lendo um artigo da "Encyclopédie", nestes dias, constatando uma espécie de furor inato contra esses princípios: tratava-se com ironia o pequeno amuleto católico que, afirmava-se, não podia ter outras forças que as forças químicas...

A graça ligada às coisas materiais é uma graça especial, evidente na matéria dos Sacramentos e nos Sacramentais; mas, além disso, está muito certo que todas as coisas criadas por Deus acarretam algo divino, algo santo; àqueles que fazem uso delas, legítima e moderadamente, proporcionam ajuda na obra de santificar-se.

Ao comer ou vestir-me de manhã, ponho-me em contato com algo material que Deus quis e criou especialmente para meu uso e do qual se agradou: Et vidit quod esset bonum (Gn 1,31) (E viu que tudo era muito bom). É, portanto, algo bom, santo e santificante.

O que acabo de dizer-lhes pode parecer bastante requintado. Nada, entretanto, é mais simples e mais prático. Considerem que, através disso, estão sempre em contato com Deus, não por meio do pensamento, pelo amor, mas por meio das ações de toda a sua vida. Quem viver com esses pensamentos será certamente um santo. Como a Boa Madre repetia muitas vezes: é preciso fazer o sinal da cruz de maneira completa e não só em nome do Filho e do Espírito Santo; precisa-se também fazê-lo em nome do Pai. E a obra mais especialmente atribuída ao Pai é a criação.

A conclusão prática desse princípio, que é verídico, que é sumamente acertado e digno de Deus e do homem, é que é necessário reprimir o mau uso das coisas criadas, não se servir delas para a satisfação das paixões contra o Criador; mas é necessário colocar as coisas no seu devido lugar, honrando a Deus no bom uso das coisas materiais, enquanto outros fazem uso delas para blasfemá-lo e insultá-lo. Precisamos propagar esse ensinamento também na direção espiritual. Lembremo-nos, sem falta, desse princípio.

Pratica-lo-emos nós mesmos e santificar-nos-emos usando agradecidos as coisas que o Bom Deus nos dá. É a isso que o nosso Santo Fundador nos estimula no Diretório, levando-nos a dar graças a Deus que **nos proporciona tão paternalmente nossas pequenas comodidades.** Usemo-las com devoção e não só com devoção, mas tenhamos respeito diante das coisas materiais que temos para o nosso uso: é um dom que nos vem das mãos de Deus. Não sejamos indiferentes com relação a elas. Que deveríamos pensar se ficássemos indiferentes perante a Confissão ou a Comunhão? A Confissão e a Comunhão são dons de Deus na ordem espiritual; as coisas materiais, nosso pequeno bem-estar, os objetos de nosso uso, são igualmente dons de Deus, isto é, na ordem natural. Quem foi que as criou? Quem as doou? Deus. É uma prova de amor e da bênçaõ de Deus sobre nós. Se não prestam atenção a tudo isso, a luz se afastará dos Senhores, sua alma ficará árida, indiferente, pouco capaz de viver a vida sobrenatural, solicitada do Oblato. Essa devoção às coisas materiais, esse respeito bem entendido, alargará os horizontes de sua alma e os colocará em comunhão constante com Deus.

Não pensem que eu esteja dizendo coisas demasiadamente místicas, refinadas, alambicadas. Tudo isso é muito real, nítido e completo. Em nome do Pai! Que isso os leve todos a respeitarem tudo o que têm para o seu uso, os objetos da comunidade, sirvam-se deles com devoção,

como de uma coisa que santifica.

Onde estarão daqui a cinqüenta anos? No lugar que tiverem merecido ocupar por meio de sua vida de cada dia; na morada que tiverem ganhado por seu trabalho. Chegarão lá com sua bagagem, com as provisões que tiverem feito. Não haverá possibilidade de barganhas, como dizia a nosso Santo Fundador. Sua provisão de grandes virtudes, de atos muito sobrenaturais não será talvez tão brilhante. Seus méritos extraordinários e transcendentais quiçá não sejam muito numerosos... Procurem ter pelo menos esses pequenos méritos de cada dia e de cada momento. Non habemos hic manentem civitatem (Hb 13,14) (Não temos aqui embaixo cidade permanente). Não sejamos deste mundo. Estamos com o Mestre ao agirmos assim, esforçando-nos por sobrenaturalizar todos os nossos trabalhinhos; somos da cidade dele e nos santificamos. Esse deve ser o nosso grande meio de santificação.

Temos que tomar isso a peito, precisamos mortificar-nos, estando unidos com o Bom Deus em nossos costumes, em nossa cela; procuremos com dedicação o Bom Deus em tudo o que nos rodeia. Olhem São Luís Gonzaga: é o que ele fez; Santo Afonso de Liguori, São Vicente de Paulo: a mesma coisa. Não tinham outras idéias.

Compreendam, portanto, que devem apegar-se àquilo que fazem e ao que têm em uso. Entendam que devem respeitar tudo como sendo coisas de Deus que os santificam, que lhes proporcionam a graça. Procurem essa graça, repito, nos alimentos que comem, na roupa que usam, no trabalho que realizam; estejam atentos a isso mental e afetivamente. Assumam esse espírito. Então, no caso de serem encarregados disso ou daquilo, deste ou daquele assunto material, com que cuidado, com que atenção, que respeito e com quanta perfeição farão tudo isso! E como tudo isso vai ajudá-los na obra de sua santificação! Quanta ajuda para o progresso em geral e o avanço de toda a sua vida religiosa!

Repito-lhes: não encontrarão isso nos livros ou, quando muito, raramente; no entanto, é doutrina do Evangelho. É o que serve à nossa vida, é o que é necessário para os filhos de Deus, não pode ser amaldiçoado por Deus.

Santa Teresa passava do coro ao recolhimento, no contato com as coisas materiais e o trabalho; olhava essas coisas materiais com respeito como coisas da religião e do Bom Deus; encontrava aí Deus, tanto quanto na oração. Está nisso o verdadeiro e real sentido do tra-

balho e do uso das coisas materiais.

Portanto, as coisas materiais são de grande valor! A alma, aqui embaixo, não vive a não ser acompanhada de seu corpo; deve, portanto, levar em conta tanto o seu corpo como as coisas necessárias ao corpo. Uma comunidade vive e subsiste através das coisas materiais; essas coisas materiais, cultivem-nas, então - se não for pelas mãos, por não ser essa a sua incumbência - pelo menos no coração, pelo respeito e apreciação que lhes dedicarem: Habentes alimenta e quibus tegamur his contenti sumus (1 Tm 6,8) (Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso).

Essa prática dá à vida um cunho de profundidade, isso une a Deus, fundamenta e estimula à boa vontade, isso reforça a vocação.

Todos temos que estudar Teologia durante toda a vida. As Constituições nos obrigam a isso; a Teologia é necessária ao sacerdote; é uma condição indispensável do chamado para as santas Ordens. A Igreja exige o exame daqueles que se aproximam da ordenação. Lembrem-se do exame ao qual São Francisco de Sales teve que submeter-se, em Roma, frente ao Papa e aos Cardeais, antes de ser promovido ao episcopado: Ide, meu filho," disse-lhe o Sumo Pontífice, "e que a água de sua cisterna se espalhe e regue, até em lugares afastados, as ruas e as praças públicas."

Precisa-se saber. Para saber, é necessário aprender e guardar na memória; para verificar a aprendizagem é preciso fazer exames, não passando de mão beijada. Os bons Padres que estavam encarregados, até então, de aplicar os exames não eram extremamente exigentes; não se desempenhavam de sua tarefa como muito carrascos... Há duas espécies de nascentes e de fontes para distribuir água: há as fontes de bronze ou gusa: a água é salobre e está fria, mas é pura, é boa; há as fontes que jorram no gramado; quando se vai beber aí, será que se pode estar certo de que a água está completamente pura? E se a gente, por descuido, engole um sapinho ou uma cobrinha?

Assim também, é preciso que um exame seja um pouco rígido, de ferro fundido ou de bronze. De hoje em diante, pois, vamos organizar, para esses exames, uma secretaria. Os exames, naturalmente, serão feitos em latim. Quase não se pode estudar a verdadeira Teologia senão em latim. A Teologia no vernáculo não é Teologia. O latim é uma língua morta; cada palavra tem seu sentido congelado. O significado das pala-

vras do vernáculo varia todos os dias. Por exemplo, as Visitandinas, fazendo seus votos, rezam ao Bom Deus: "Très pitoyable Majesté" (Majestade muito misericordiosa - ou - Majestade muito lamentável - tr.), dizendo isso com toda a devoção. Façam, portanto, os seus estudos teológicos num idioma que não muda. Aprendam as definições, as teses, os textos mais essenciais. Penetrem-se bem do restante, assimilem e dominem bem a matéria. Nos seminários fazem uma ata de cada exame; isso é prescrição e vai assinada pelos examinadores e é arquivada. Não há motivo de assustar-se com essa decisão. Depois de empenhar-se devidamente na preparação, envolvendo toda a boa vontade, esforço e inteligência, a gente sai bem-sucedida nos exames. É preciso compreender bem que o chamado à ordenação é algo muito sério.

Recomendo, mais uma vez, a leitura do Pontifical. Que seja estudado sinceramente. Precisamos providenciar-nos um duplo viático: o conhecimento e a piedade. O conhecimento será condição para a piedade, a regularidade de uma alma profundamente sacerdotal e religiosa. Celebrarão bem a Missa, quando compreenderem bem o que é a Eucaristia; compreenderão que representam Jesus Cristo, que são outros ele próprio; terão piedade, porque, sem a piedade, nunca terão o senso da santidade sacerdotal, do compromisso sacerdotal e nunca chegarão a nada.

É muito bom desejar o sacerdócio, bonum opus desiderat (cf. 1Tm 3,1) (boa obra deseja); bom mesmo, se a gente fizer bem feito o que se requer para preparar-se.

Terminando, tenho a alegria de anunciar-lhes que Roma respondeu favoravelmente a um requerimento que lhe fizemos de conceder uma indulgência quotidiana de 200 dias aos Oblatos, tanto para a reza da oração da manhã, que está no Diretório, como para a da noite. Essa indulgência foi-nos outorgada no dia 23 de abril de 1895 e vale para sempre. É um testemunho a mais, depois de tantos outros, da confiança que se deposita em nós, lá em cima.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 5 DE JUNHO DE 1895

O ZELO APOSTÓLICO

Para todos os sacerdotes e, sobretudo, para todos os religiosos destinados a obras apostólicas, há uma virtude essencial e de capital importância: é o zelo. Este é o distintivo certo da vocação religiosa: é a condição indispensável de todo o sucesso. "Esses corações semimortos servem para quê?", pergunta São Francisco de Sales.

Pode-se objetar: Não todos somos chamados às obras apostólicas. Temos também obras de paciência a atender. É verdade, mas estas requerem um zelo mais generoso e mais firme ainda do que as obras apostólicas, que são estimuladas e encorajadas por si próprias.

Onde está a fonte do zelo? O nascente do zelo está no amor a Deus; não se quer bem as almas, a não ser porque se ama a Deus. Prestamos serviço à Igreja na medida do nosso zelo. Em meu Seminário, muitos seminaristas zelavam pela observância, pela santificação de si mesmos e de seus colegas, através da boa influência que podiam ter. Devemos pedir zelo ao Espírito Santo. Olhem para os Apóstolos: fundaram a Igreja assim e é assim que ela se mantém. O dia em que o pai de família adormece, os malvados chegam e semeiam joio no campo dele (cf. Mt 13,25); se o pastor adormece, chegam os lobos e arrebatam o rebanho (cf. Jo 10,12).

Desde o noviciado, pois, precisa-se cultivar esse zelo para, mais tarde, cuidar bem das almas. Às vezes existe zelo pelos outros e não por si mesmo, não se procura maior perfeição do amor ao Bom Deus, pela observância pontual da Regra...

O que acontece? Esse estado perdura e, mais tarde, não se fará nada a mais, porque não se tem sido zeloso desde o começo. Leiam a história de todos os Santos, de Santo Afonso de Liguori, de São Francisco de Sales, de Vicente de Paulo: o zelo lhes era congênito; ainda bem crianças, já o tinham. Cultivavam-no durante a juventude pela atenção e vigilância sobre si mesmos e, mais tarde, o conservavam. Devemos, portanto, aplicar-nos no zelo.

Agora, por exemplo, somos simplesmente vigilantes do estudo.

Por que não termos zelo? Verdade é que temos que ater-nos à realidade; às vezes é uma obrigação fastidiosa com desgostos, aborrecimentos e coisas que ferem o amor próprio; mesmo assim, temos que aceitar tudo para a nossa santificação pessoal e também para a daqueles que nos são confiados.

A esse propósito, havia em Troyes, nos tempos passados, um chefe da estação ferroviária, o Senhor Chapelle, que tinha sido, anteriormente, monitor de um estabelecimento de ensino. Contou-me que tinha muitos alunos e que todos gostavam dele; encarregava-se de quase todas as vigilâncias, era simultaneamente prefeito de disciplina e monitor de estudo... Uma manhã, caminhava no dormitório, quando lhe pareceu que um aluno estava precisando de uma correção. Depois, refletindo, perguntou-se: "Com que direito eu faria isso? Será que tenho bastante valor em mim mesmo para impor minha vontade aos outros? Não há acima de mim alguém mais poderoso e mais autorizado: Deus? Será que eu estou bem com Deus? É ele que me delega a autoridade..." Ele completou duas ou três voltas no dormitório com esse pensamento, depois concluiu que não devia ficar assim, tão longe de Deus, que devia freqüentar os Sacramentos. "Desde então procurei," ele me disse, "elevar-me a Deus e a sua santa Vontade. Sem demora, senti que eu tinha uma influência imensa sobre meus alunos, porque eu vivia com Deus."

Ele era chefe de estação e era benquisto; a gente tinha muito contato com ele. Era tão simpático que a gente se abria a ele, até os próprios inspetores, e quando se perguntava: "Por que, Senhor Chapelle, está tão satisfeito, tão alegre e feliz, enquanto eu ando triste, atribulado de preocupações e inquietações?" "É porque eu amo e sirvo a Nosso Senhor Jesus Cristo," respondia ele, "faça como eu e, quando tiver descoberto o que há em Jesus Cristo, no seu Evangelho, será feliz."

Façamos como o Senhor Chapelle. Às vezes, encontram-se certos espíritos ativos, empreendedores, que não se contentam com o zelo a aplicar em seu redor, querendo ir mais longe. São Francisco de Sales diz: "O bem que mais agrada a Deus não é aquele que se imaginam, mas aquilo que devem fazer no seu próprio serviço." Temos que aplicar nosso zelo às pessoas com quem tratamos e às coisas que nos são confiadas.

Por que falar-lhes nisso hoje? Sabem o que Nosso Senhor disse: "No fim dos tempos, acreditam que acaso haverá ainda fé sobre a terra? (cf. Lc 18,8)? A caridade se esfriará: Caritas refrigescet...(cf. Mt

24,12). Somos nós que temos que avivar esse fogo, mas se nós próprios formos carvões apagados, que faremos? Peçamos com fervor, portanto, essa graça do zelo ao Bom Deus.

A Boa Madre não precisava pregar para todo o universo. O que fazia? Em suas orações, seu zelo era constante, generoso, infatigável. Todos queriam visitá-la, consultá-la. A comunidade era, então, muito boa. A que se devia isso? À influência dela. Ela rezava por todo o mundo, por sua comunidade, pelos que sofriam, pelos infelizes. Precisa-se pedir a Deus, na Santa Comunhão, esse zelo pelas almas, para mais tarde, se ele nos chamar a obras apostólicas. Se nos pedir muito, sejamos generosos.

Vejam o que o Anjo disse a Ananias, quando lhe mandou visitar Saulo: "Eu o escolhi como um vaso de escol, para que sofra muito e leve o meu nome às nações" (cf. At 9,15). Os sofrimentos, portanto, que o nosso zelo deve suportar nas diferentes atividades a nós confiadas existem para avivar e estimulá-lo. No céu seremos felizes, mas se tivermos uma alma, dez almas, uma centena de almas para levar conosco, nossa felicidade será multiplicada, centuplicada pelo número de almas que tivermos salvado. Nós estamos aqui na terra não só para trabalhar e sofrer, mas, antes de mais nada, para merecer o céu. Ninguém de nós se tornou Oblato por outro motivo, a não ser para ir para o céu.

Tenhamos muita fé, piedade e pontualidade. Não se deve ter um zelo frio, mas um que ferva, que nos atormente, que nos devore: zelus comedit me (S 68,10; Jo 2,16). Ninguém de nós, talvez, tenha esse zelo, entretanto é necessário para ingressarmos no céu.

Peçamo-lo a Nosso Senhor, pela intercessão de Santa Joana de Chantal e da Boa Madre.

A Irmã Maria Genoveva disse-me: "Vejo o nosso Santo Fundador no céu; está muito ocupado, porque Deus lhe dá uma grande incumbência na terra; é algo grandíssimo o que vejo; tenham muita confiança." Depois ela acrescentou: "Olhe, o maçom que queria fazer um processo contra nossa Madre virá para dizer que não o fará mais." (Era um empresário que reclamava uma dívida de 22 mil francos, afirmando que não tinha sido saldada.) De fato, o dia seguinte, o maçom chegou, pediu uma entrevista com a Boa Madre e, após cumprimentá-la, desculpou-se, dizendo que encontrara o recibo... A Irmã Genoveva confirmava assim, por sua segurança num assunto natural, a veracidade de suas visões sobrenatu-

rais.

Dizia que São Francisco de Sales executava uma obra imensa na Igreja, que essa era uma obra de zelo à qual era necessário dedicar-se para a salvação de um grande número de almas; assegurava que essas almas não seriam salvas, a não ser à medida de se acolher os planos da Providência.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 12 DE JUNHO DE 1895

O CULTIVO DOS DONS INDIVIDUAIS, A SERVIÇO DA CONGREGAÇÃO

Já em vários Capítulos venho falar-lhes sobre o serviço, sobre o empenho que cada um terá que fazer no trabalho pessoal.

Cada um de nós tem sua maneira de ver, suas idéias, suas impressões. Devo dizer a todos que essas coisas são dons de Deus. É bom seguir esse sopro: "Nolite extinguere spiritum..." (1 Ts 5,19) (Não extingais o Espírito), diz São Paulo. Quero dizer que cada um de nós recebeu de Deus uma maneira de ser, uma maneira de sentir e de apreciar as coisas. Esse gosto pessoal, essa preferência devemos conservá-los atentamente. Com isso realizar-se-á alguma coisa valiosa.

Há um bom número de espíritos com queda para certas especialidades, por exemplo, para matemática, para ciências. É importante que cada um descubra nitidamente o que Deus lhe deu e o cultive, não para que cada um faça estudos particulares que o afastem dos estudos comuns que deve fazer, mas para conservar sua maneira de ser, suas capacidades e aumentá-las, aperfeiçoando-as por estudos individuais.

É um erro, um grande engano crer que, nas comunidades, haja pocas pessoas capazes para algo. Cada um é capaz de realizar seja uma seja outra coisa. É importante que os dirigentes vejam claramente essas coisas. Claro, cada um deve desconfiar de si mesmo, julgando que o que está dizendo, no momento, não vale grande coisa; mais tarde, porém, ve-

rão que o que dizem de pessoal será apreciado por isso mesmo. Não se deve ter medo de si mesmo, mas um pouco de confiança... Assim, lembrem-se, nestes dias, o Padre B..., que não sabe fazer nada; o Padre B..., pelo que parece, não sabe abrir a boca... Eu disse, pois, ao Padre B... que preparasse uma palestra sobre São José para a obra, chamada São João. Ora, posso dizer-lhes que nunca ouvi uma coisa tão bem escrita, tão bem desenvolvida, tão bem apresentada como aquilo que o Padre B... disse sobre São José. Certamente, não se pode encontrar nada melhor, não só quanto ao assunto tratado, mas também referente à adaptação ao auditório.

Não estaremos sempre restritos a limites estreitos, haverá muitas coisas a fazer. Que cada um descubra em si o que melhor sabe fazer, mais tarde será orientado para a ocupação que mais combina com ele.

Para o pregador e o diretor espiritual, é necessária uma base, uma formação geral, um conhecimento teológico bastante profundo, bastante vasto, para ir ao encontro de toda a situação e corresponder a todo o nível cultural. Os Senhores encontrarão na Vida da Madre Maria de Sales, que eu escrevi, tudo o que é preciso para todos, para nós, para a direção espiritual dos sacerdotes e das pessoas leigas, para a realidade da vida religiosa, para a situação de cada um em particular. Os Senhores acharão tudo aí como encontram tudo no Evangelho, nesse livrinho escrito por autores que muitas vezes se repetem. Entretanto, há no Evangelho toda a Teologia de todas as bibliotecas. Estudem a Vida da Boa Madre, compenetrem-se plenamente disso; que seja a base, o fundamento daquilo que os Senhores ensinam e de seus estudos pessoais. Nem tudo está aí por extenso, mas terão a base, o germe. Preguem essa doutrina aos sacerdotes; eles estarão muito satisfeitos.

A Senhora X. veio visitar-me, nestes dias, dizendo-me que a Boa Madre lhe tinha conseguido um grande milagre. O filho sofria de ataques epilépticos desde sua tenra idade e estava em perigo. Tinham experimentado todos os recursos, recorreram a orações, à arte medicinal: sem resultado. A Senhora X. colocou-lhe, então, nestes últimos dias, um santinho da Boa Madre e, desde aquele dia, os ataques pararam.

Ontem, a mãe do engenheiro mor das Obras Públicas veio me dizer como estava feliz, ela e sua família, por chegar a conhecer a Boa Madre: "Não faz muito tempo que a conhecemos," dizia-me, "mas basta para preencher toda uma vida de lições e de conforto."

Devemos, então, compenetrar-nos disso e assimilar a maneira de ver da Boa Madre.

Assumamos o espírito da Boa Madre como nosso ponto de partida comunitário. Somos os herdeiros dessa doutrina, dessa graça, devemos ativá-la. Para tanto, devemos estar à altura de todos os serviços a nosso encargo, na direção espiritual, no magistério, nas obras apostólicas. Cada um, pois, perceba os dons que Deus lhe concedeu. Pode-se acreditar que receberemos obrigações maiores. Eu constato que tudo em que a Boa Madre está presente se desenvolve e prospera.

Eis os Irmãos de São Vicente de Paulo, cuja fundação a Boa Madre ajudou a realizar; após as dificuldades iniciais da Instituição, estão crescendo pouco a pouco; acabaram de assumir a obra do Senhor Roussel... Tudo o que permanece fiel aos ensinamentos da Boa Madre cresce e prospera. Sendo nós os herdeiros diretos, não devemos deixar os colaterais utilizar todo o patrimônio.

Recomendo muito aos Noviços que estudem a Vida da Boa Madre. É preciso identificar-se com todas as maneiras de ver e agir que aí aparecem; deve-se fazer aquilo com muita confiança, porque a Boa Madre me disse que estaria conosco, o que, depois, o Papa me confirmou. Animem-se os espíritos e os corações com esses pensamentos, para que tendamos todos ao mesmo fim. Tenha cada um a mesma determinação de vontade, participando da mesma atividade e maneira de trabalhar; mais tarde, cada um poderá ter sua especialidade. Como escritor, como publicista, o Padre Bony saiu-se bem. Quanto ao Padre P..., na pregação, a experiência está feita; todos gostam do seu estilo, acompanham-no com uma quase curiosidade, porque nunca se ouviu falar assim.

Nosso ensino está bom, Roma o afirma; e nosso método é bom, porque não pertence àquele gênero rotineiro que é obsoleto e está superado. Há uma maneira de julgar a pregação que consiste em observar se o sermão está bem elaborado, se é de aplicação prática e de conteúdo teológico. Isso é bom, mas não basta. É necessário que todas essas coisas boas sejam servidas num prato ao alcance dos que vêm comer. Se os Senhores as servem na ponta de uma vara, ninguém manja nada. Não se pode chamar um bom sermão o que não passa de uma cópia bem arrumada que ninguém entendeu.

Por exemplo, como tudo é apurado na Suma de São Tomás; todos os problemas são tratados num estilo conciso. Reparem um sermão de São Tomás: a gente nem se dá conta se contém teologia; ele abandona a teo-

logia e faz sermões admiráveis. Na verdade, há um sermão sobre o arco-iris, em honra de Santa Madalena, que hoje em dia causaria risadas..., mas há outros melhores. Saibam julgar; o que se escreve deve ser sumamente teológico, particularmente doutrinário e lógico. Deve ser como uma construção, repartida de acordo com as necessidades dos que aí têm que morar.

O Senhor tem queda particular para uma coisa ou outra; quando os seus ouvintes perceberem que o Senhor tem uma certa predileção por alguma coisa, não seria nada mal. Escutei duas ou três vezes o Padre Gratry, em Paris; todos gostavam de suas palestras. A juventude dos Círculos vinham escutá-lo em número de trezentos ou quatrocentos, cada vez. Ora, o Padre Gratry levava consigo livros de ciências, de astronomia; citava Platão, Homero...

Em resumo, cada um deve cultivar suas especialidades e, com um bom juízo e uma boa erudição, a gente encontra a maneira de ser um pouco a gente mesma. Cada um deve descobrir bem o seu gosto particular; que o conserve e faça com que o aproveite para servir mais à Congregação. Cada um deve estudar bem o que lhe toca estudar e pôr, como embasamento de seus estudos, a doutrina da Boa Madre Maria de Sales.

CAPÍTULO DO DIA 19 DE JUNHO DE 1895

A ADESÃO À BOA MADRE

Eu disse-lhes que cada um de nós deve se observar, descobrindo quais suas capacidades pessoais, e apegar-se àquilo que se evidencia como uma aptidão particular. É uma recomendação que continuo fazendo, pois é só dessa maneira que se realiza algo de valor.

Hoje, creio que é conveniente que cada um se compenetre profundamente da doutrina da Boa Madre, que não é outra coisa senão a explicação da doutrina de São Francisco de Sales. Muitas Congregações se

apossam da Boa Madre: os Sacerdotes de São Francisco de Sales, do Padre Chaumont, os Missionários Salesianos de Annecy, do Padre Tissot. Nas grandes associações seculares, como na do Padre Chaumont, diz-se sempre alguma coisa sobre a Boa Madre, interpretando-a um pouco conforme o entendimento pessoal. Mas, afinal de contas, isso faz bem, divulga a devoção e a confiança na Boa Madre. O Padre de Mayerhoffen disse-me, nestes dias,muitas coisas sobre a confiança que está havendo na Boa Madre; contou-me coisas maravilhosas, conversões, curas obtidas através da intercessão dela. Devemos impregnar da doutrina da Boa Madre o que dizemos e ensinamos. Os Senhores reparam o que ela diz às pessoas do mundo, aos sacerdotes, aos religiosos... Os Senhores observam como fala sobre Deus, sobre o próximo. É uma vida íntegra que não se contradiz. Essa vida é uma grande lição; contém uma doutrina excelente, é como uma síntese de toda a vida ascética do espírito evangélico, a prática do Evangelho levada até à suprema perfeição.

Devemos assimilar esse espírito, porque nossa palavra, nossa conduta sendo penetradas por esse espírito, ocuparemos um lugar especial na Igreja; seremos reconhecidos por todo o mundo, seremos reconhecidos como os que dispõem da graça para fazer penetrar essa doutrina. Precisa-se, portanto, estudar profundamente a Boa Madre. Isso corresponde a estudar São João, São Francisco de Sales, São Paulo e os Evangelhos. Nos "Pensamentos da Boa Madre", que o Padre P... está para publicar, fez-se im trabalho, comparando o que ela disse com os escritos de São Paulo, dos Padres da Igreja, sobretudo de São Francisco de Sales. Mostrou-se que a doutrina dela, que não é nova, é segura...

Estão persuadidos: isso angaria as vontades e as inteligências. Importa muito compenetrar-se bem da vida dela, de suas máximas, de tudo o que ela disse. Precisa-se procurar executá-lo para ser o eco perfeito de seus ensinamentos. Ela inspira uma vida de fé que maravilha ainda muitas pessoas. Mas essa vida, dirão os Senhores, é muito extraordinária; está toda em Deus e com Deus. Será possível? Sim, é a santidade, a de Santo Afonso de Liguori, de Santo Inácio, de São Vicente de Paulo. Todas as mortificações das diferentes Ordens religiosas não têm outra finalidade. É para chegar lá para levar a alma ao convívio com Deus, à aceitação de tudo o que parte dele, a execução de tudo junto com ele. As pessoas se encantam quando sentem que o pregador tem o dom de dizer claramente o que os Santos faziam e que se lhes oferece os meios de fazer o que faziam. Os sacerdotes compreendem isso perfei-

tamente. Dessa maneira, há um bem imenso a fazer. Nós somos assaz recentes e pouco numerosos, mas há um bem imenso a ser feito em nosso redor. Existe nisso alguma coisa toda especial: é o caminho seguro, acessível, coerente e iluminado para chegar à santidade das almas.

É necessário ler atentamente a Vida da Boa Madre, dando-se conta daquilo que ela disse sobre uma ou outra coisa, de sua conduta pessoal e com relação ao próximo. Importa os Senhores assumirem isso em seus costumes.

A Madre Maria de Sales é com certeza um grande acontecimento na Igreja. Já não sou tão jovem, já tive contato com muita gente. Vejo claramente que cada um procura fazer o bem, mas não há doutrina alguma tão completa, tão segura quanto a nossa. Nada é mais condizente com a razão, com o Evangelho, com o espírito dos Apóstolos. É uma coisa absolutamente completa, e por tudo se sente a graça viva e eficaz. É uma grande força para nós. Quando tivermos que falar, dar direção espiritual, ensinar, dirijamo-nos à Boa Madre, peçamos-lhe que nos ajude por seus conselhos e luzes. Antigamente, cada Ordem tinha sua formação teológica. Os Dominicanos seguiam São Tomás; os Capuchinhos, São Boaventura. Cada um tinha sua própria maneira de ser e de ver que se apoiava em critérios graves e sérios. É o que se chamava de "escolas". A distinção de nossa escola é séria e bem diferente. Não é uma discussão, uma opinião; fundamenta-se num fato constante, ou seja, na possibilidade de as almas estarem unidas com Deus, de maneira toda especial, toda singular. É a união de São João com Cristo, da criatura com o Criador. É a atuação divina sobre a ação humana. É isso uma teologia profunda. A Boa Madre chegou a isso. Em Roma percebeu-se isso e não acharam nada de censurável em seus escritos... Trata-se de uma transformação a se realizar em nós, referente à nossa maneira de agir e de opinar. Precisa-se tirar proveito desse impulso, esclarecendo-se com sua luz, esquentando-se com seu calor. Há grandes valores nisso. Aí se encontra o que não existe em outra parte, em outros livros, em sermões ou num tratado de Teologia. É um patrimônio preciosíssimo que se precisa adquirir. O Padre de Mayerhoffen contou-me traços impressionantes, com referência à intercessão da Boa Madre. Mas o que não se comenta é o bem que se opera nas almas, a boa vontade que ela suscita... É com isso que se deve trabalhar. Quanto mais experiência se faz disso, tanto mais se constata que se trata realmente de uma doutrina sumamente elevada e completa.

Atualmente, o grande flagelo dos matos do nosso país é a doença dos pinheiros da Champagne. Há larvinhas que atacam em grande quantidade as árvores e as devoram; não somente o pé morre, mas fica envenenado e nem queima. Precisam-se cortar as árvores, e, então, o solo permanece cheio de raízes e fica inaproveitável, porque o arado não consegue lavrar. É um flagelo de Deus. Os moradores da Champagne ficaram muito maus, ignorantes, sem fé nem educação religiosa. Deus os castiga.

Em São José dos Anjos, o matinho ia ser devorado. No prazo de oito dias uma árvore ficou infestada de larvinhas. O Padre Lambey disse, então, que precisava fazer alguma coisa. Ele encontra na sacristia água, benta antes por Padre Cardot. Foi aspergida sobre os pinheiros e dentro de dois dias não havia mais uma lagarta. Se todos os moradores da Champagne fizessem assim!...

Só os Oblatos - estou convencido disso - terão o dom de reavivar completamente a fé. Não há muitos religiosos que levam a fé até as últimas conseqüências...

Tenho boas notícias do Cabo: nossos Padres não perdem tempo e são bem-sucedidos. Ganham a simpatia das pessoas com que vivem. Sendo bom Oblato, tudo o que se toca e faz, o Bom Deus o tocará e o fará junto conosco.

Tem-se a certeza de um resultado feliz, dentro dos limites da Vontade de Deus. É o que nós queremos; para isso, é necessário ser um bom Oblato.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 6 DE OUTUBRO DE 1895

O VÍNCULO DA CARIDADE

São Francisco de Sales afirmava que não era na sua cabeça nem na mente dele que surgiram os pensamentos de sua doutrina, as Constituições da Visitação e o Diretório. Considerava tudo isso como inspiração do Espírito Santo. Estava tão persuadido disso, esperava tantos bons efeitos para as almas que, na primeira página do Diretório, expressa toda a alegria que lhe enchia o coração. É como no Apocalipse de São João, é como uma profecia que colocou no início do seu livro: **"Aspirações Especiais. A humilde glória dos Oblatos de São Francisco de Sales... Não temos outro laço a não ser o vínculo do amor que é o liame da perfeição, porque o afeto é forte como a morte, e o zelo do amor, estável como o inferno..."**

São Francisco de Sales, primeiro, pensara que era possível fundar uma Ordem religiosa sem outro laço que a caridade. É o único voto que ele queria que se fizesse; parecia-lhe que esse voto teria incluído todos os outros. Julgava que esse voto levava a praticar atos de virtude tão eficazes para atingir o Coração de Deus que a gente podia abster-se dos votos da vida religiosa. Santa Joana de Chantal era do mesmo parecer. Mas o Cardeal Bellarmino lhe aconselhou ater-se ao costume geral da Igreja e pôr como base da vida religiosa da Visitação, como em toda a parte, os três votos de Pobreza, Castidade e Obediência. Bellarmino agiu desse modo, porque previu dificuldades e atrasos. Sua intenção era conseguir mais facilmente a permissão para a nova Congregação.

Continua verdade, meus Amigos, que a observância perfeita da caridade faz praticar todas as virtudes exigidas pelos votos da vida religiosa e que, praticando a caridade, se chega prontamente aos níveis mais elevados da santidade. O amor ao próximo acompanha o amor a Deus ou, pelo menos, segue-o imediatamente. O segundo mandamento, afirma Nosso Senhor, é tão grande quanto o primeiro. A prática da caridade fraterna eleva a alma acima da terra e a une intimamente com Deus, de maneira que há graças incomparáveis ligadas a essa virtude, e a mais

preciosa é a santidade. Em Paris, no processo canônico da Boa Madre Maria de Sales, onde fui interrogado como testemunha, eu disse que nunca tinha visto a Boa Madre faltando à caridade. "Eis uma boa prova," disse-me Dom Pelgé, um dos juízes, "isso é heroísmo puro." A caridade para com o próximo é meritória, mais meritória talvez - estou falando em termos gerais - que a caridade para com Deus, no sentido que se precisa de mais coragem, porque custa mais amar o próximo do que amar a Deus, exige muito mais da nossa pobre natureza humana.

Nós, Oblatos, devemos praticar a caridade fraterna por uma razão especial, pois a caridade é o nosso vínculo especial, nossa virtude particular e essencial: **"Nós não temos nenhum outro laço, senão o vínculo do amor..."** Este deve ser a nossa grande virtude, nosso grande ato da vida religiosa; é sobre este que fomos fundados.

Verdade é que nas Ordens religiosas austeras e mortificadas, entre os Trapistas por exemplo, talvez não se exija uma caridade tão aprimorada. Às vezes ouvi entre eles certas apreciações, certas críticas que não constavam de palavras totalmente caridosas... Entre eles, a Regra é dura, as mortificações são severas; foram fundados sobre a mortificação corporal; bem podem ser não tão exigentes quanto às finezas da caridade. Às vezes acontece que esses bons religiosos não se entendem muito bem entre si; isso não lhes impede de ser muito mortificados e muito santos.

A perfeição não é própria deste mundo e essa falha é bem menos grave entre eles do que seria entre nós, porque eles têm outras coisas como próprias, outras eminentes virtudes.

Nossa situação é diferente, pois devemos fazer da caridade uma prática toda especial, nós que somos fundados para reproduzir Nosso Senhor sobre a terra, e Cristo, antes de mais nada, era caridoso. Este também é o primeiro voto, o primeiro desejo especial de São Francisco de Sales: **"Não temos outro laço a não ser o do amor."**

Façamos, portanto, bons propósitos referente à caridade. É difícil praticá-la, eu sei. Cada um de nós tem sua maneira própria de ver, de pensar, de julgar... Esta ou aquela pessoa que nos aborrece; os contatos com ela são-nos um peso; temos uma antipatia natural; a maneira de agir dela cansa, constitui-nos uma pedra de tropeço, irrita-nos... "Não consigo deixar de largar umas observações a respeito dessa pessoa... Vou ficar calado e dizer, no fundo do coração: Meu Deus, sou Oblato; não quero dar atenção àquilo; corto rente. Isso me

custa, mas é por Vós!"

Se alguém faz mal, o Senhor não vai dizer ou pensar, por caridade, que ele faz bem. Não, se ele age mal, é talvez porque pense, julgue diferente. Mesmo que agisse por evidente má fé, não venham por cima dele nem o julguem; é uma fraqueza, uma miséria humana; ajudem-no como a gente socorre um miserável, um pobre, um doente, um aleijado. Auxiliem-no para que saia de sua miséria, se puderem, pelo menos rezando e sofrendo por ele.

Pratiquem, toda esta semana, essa ginástica, pois se trata de uma verdadeira ginástica mental, moral e religiosa. É o exercício mais proveitoso que possamos fazer. Temos ocasião para isso a toda a hora, e nada é tão meritório, porque não há nada tão difícil. Quanto a mim, eu vi só uma pessoa praticar perfeitamente a caridade, ou seja, a Boa Madre Maria de Sales.

Essa maneira de ser e agir, se formos fiéis a isso, comunicar-nos-á uma característica, uma fisionomia particular, uma distinção toda particular, pois - repito - não é mesmo muito freqüente. Será que nos mantemos sempre dentro dos limites da caridade cristã e religiosa? Não temos nada para censurar-nos, nesse sentido? Será que praticamos convenientemente a caridade negativa, abstendo-nos do mal, e a caridade positiva, praticando o bem? Examinemo-nos a respeito. Isso seja o nosso exercício particular desta semana, até a festa do Natal. Seja isso a preparação às ordenações e também a nossa mortificação do Advento. Só assim seremos verdadeiros religiosos, fortes, vigorosos. A prática da caridade para com Deus e para com o próximo é uma coisa valiosa, meus Amigos. Nada robustece e fecunda tanto a vida religiosa. Durante a Revolução, quando se abriram os conventos e se ofereceu às religiosas se livrarem dos seus votos, algumas aceitaram; essas pobres filhas não sabiam muito bem aonde queriam levá-los e ficaram com medo. A história narra que todas as Visitandinas quiseram ficar fiéis; recusaram a liberdade oferecida de voltar ao mundo..., menos uma! Esta devia de estar louca. Entre os mosteiros, a Visitação foi um exemplo de fidelidade. A que se deve isso? Estou convencido de que foi sua caridade que as conservou fiéis. Era esse o seu laço, o vínculo do amor, que é o liame da perfeição, e o amor é forte como a morte, e o zelo do amor, estável como o inferno.

Como se explica que Sabóia, até o fim dos tempos, tem ficado uma das províncias francesas mais fiéis à fé e à prática religiosa? Es-

tou certo de que é por ter sido evangelizada por São Francisco de Sales; ele lhe ensinara a prática da caridade cristã por suas palavras e seus atos. A lembrança do Santo Bispo continua muito viva em Sabóia. Observem atentamente, meus Amigos, que os efeitos do apostolado estão sempre em proporção com as virtudes do missionário. O pregador cheio de caridade ensinará a quem evangeliza a prática da caridade. E o que for feito nesse espírito durará e produzirá frutos. Mais uma vez, o laço da perfeição é o vínculo do amor, **"porque o amor é forte como a morte, e o zelo do amor, estável como o inferno; como, então, poderia haver liames mais fortes?..."**

Pratiquem a caridade e levem as almas a praticá-la. Repito que é difícil. Em geral, a gente não se cuida suficientemente a respeito, nem o clero, nem as almas devotas, tampouco nós mesmos. A devoção, certamente, é muito recomendável, mas não é ilusório pretender caminhar na vereda da devoção e não se cuidar das faltas constantes contra a caridade?... Diz-se, ordinariamente,que as pessoas devotas são fofoqueiras: são mulheres!... Sim, e eu sei, nesse particular, como dizia o escritor da fábula, que uma quantidade de homens são mulheres. Tem-se o espírito de contradição; a gente persegue e manifesta antipatia; acostuma-se a falar mal de um e de outro; julga-se a torto e a direito; tudo isso com um ar que daria a entender que a gente se considera melhor do que os outros... Em vez de restringir os limites de sua caridade, ampliem-nos cada vez mais, e Deus há de abençoá-los. Deus bendiz as pessoas caridosas. Eis por que a Visitação, os Cartuxos, nunca precisaram de reformas, nunca tiveram dificuldades maiores. Peçamos, durante a Santa Missa, esse espírito. É a base da doutrina de São Francisco de Sales. Apreciemos, como ele e acima de tudo, essa caridade que colocou como fundamento e na primeira página do seu Diretório. Encaminhemo-nos decididamente nesse trilho; é o que lhes recomendo a todos expressamente.

-0-0-0-0-0-0--0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 8 DE JANEIRO DE 1896

SER OBLATO, SER OFERTA

(Os Capítulos dos três meses anteriores e o início deste Capítulo se perderam. O nosso Padre fala sobre

a missão, confiada por Deus aos Oblatos de São Francisco de Sales.)

Pois bem, meus Amigos, quem está encarregado dessa missão? Qual Congregação tem essa tarefa? Quem está incumbido de dar vida e impulso a essa grande obra, pois certamente será grande? Não estou-lhes enunciando uma profecia, mas traçando uma linha de conduta. Constato, meus amigos, na opinião de todos, nas palavras dos que têm contato conosco, nas palavras que me foram ditas em Roma e alhures, que todos julgam que esse meio terá uma grande influência e uma profunda repercussão na sociedade cristã. Quem está encarregado dessa obra? São os Oblatos de São Francisco de Sales. E essa obra, para ter vida, para avançar mesmo, deve receber seu impulso unicamente dos Oblatos de São Francisco de Sales.

Meus Amigos, devemos estar à altura dessa missão, anunciada pela Boa Madre, há 50, quase 60 anos. Foi predita muitas vezes por ela e pelas pessoas santas que a cercavam. Repito, é a idéia dos Prelados, dos Bispos que ingressaram nesse caminho ou que começam a conhecê-lo. Há nisso, sem dúvida, motivo para uma esperança muito grande; e essa se baseia em quê? Nos Oblatos de São Francisco de Sales. É tão claramente em nós, que a Boa Madre dizia e repetia: "Serão esses os Religiosos que terão a missão dessa obra e que serão encarregados de difundi-la no mundo."

Mas para realizar essa obra devemos ser verdadeiros Oblatos de São Francisco de Sales. É necessário que essa doutrina de São Francisco de Sales que ensinamos parta do nosso coração, um coração que seja generoso. Importa levarmos uma vida generosa. Temos que avançar decididamente. Essa vida, no fundo, não é difícil, mas, sim, mortificante. Não tem nada de extraordinário; não se precisa crucificar continuamente a

carne ou torturar-se com austeridades exteriores. Mas se vai além. Essa vida é a morte de si próprio, é o desprendimento total de sua pessoa humana. Essa personalidade deve desaparecer, frente à Vontade de Deus, perante o beneplácito divino. É preciso compreender e viver dedicadamente esse tipo de vida. Cada um de nós encontra aí o meio de mortificação incessante, privando-se de alguma coisa, no sacrifício da doação. Numa palavra, para conduzir bem essa obra, precisam-se profissionais. Se não entenderem da profissão, suas palavras serão áridas. Não haverá repercussão nas almas que os escutarem; não haverá nada. Mas façam os Senhores mesmos primeiro... Melius est facere quam docere (Mais vale fazer do que ensinar).

Cada um de nós, pois, se dedique à observância, simplesmente, de bom grado, generosa e firmemente. Não sejamos uns relaxados, empreguemos toda a nossa energia. Não podemos ser religiosos sem sofrer; isso não é possível. Aceitemos com generosidade as dificuldades e as mortificações que se encontram nesse caminho; o Bom Deus recompensar-nos-á com a abundância do seu amor.

Pegamos o costume de amar bem, quando alguma coisa nos mortifica. Evidente, não se pode amá-la de maneira natural; é imprescindível um amor sobrenatural.

Convém muito sentirmos o jugo da vida religiosa sobre os ombros, pesando no coração; é importante acolhermos com amor a carga de cada dia, em meio às mortificações que nos oprimem.

Posso contar com os Senhores, meus Amigos, com sua fé, com sua generosidade, porque tenho bons motivos de ter confiança nos Senhores. Temos, então, uma grande obra a realizar e esse serviço deverá produzir seus frutos; são os Senhores os encarregados de garantir esses efeitos do trabalho, para a Igreja e para o mundo. Será uma maravilhosa missão e um magnífico apostolado.

Claro, não devemos privar-nos do necessário; mas temos que saber privar-nos de uma porção de satisfações pessoais, deixando de queixas e de censuras. Se estivermos com pouca disposição, ofereçamos o mal-estar a Deus. Se sentirmos falta de alguma coisa, ofereçamo-la também ao Bom Deus. Os trabalhos a realizar e a maneira como devemos realizá-los, ofereçamos tudo isso, de todo o coração. Transformemos tudo isso em valores e fortuna. Compenetrem-se bem de tudo isso, meus Amigos, e cada um se dedique a isso decididamente, por exemplo na prepa-

ração das aulas, na vigilância junto aos alunos, nos contatos da vida comunitária... Tudo isso não é nada fácil! Não se come o que se deseja, não se faz o que se quer, assim por diante... Aprendam a oferecer sempre tudo isso a Deus.

Essa é a vida do Oblato de São Francisco de Sales; isso é o que teremos a ensinar aos sacerdotes que pretendem pertencer a nossa Associação. É preciso que eles se tornem - e nós com eles - outros São Francisco de Sales. Cabe a nós marcar-lhes o passo, através do nosso exemplo; importa que saibamos nós, como primeiros, sofrer e oferecer.

No caso dos Padres da Assunção de Nossa Senhora de Lourdes, por exemplo: sem Padres, sem os trens de peregrinos, há poucos milagres, e pouco se projeta Nossa Senhora de Lourdes. Será que eles são grandes santos, homens extraordinários, ao fazer tudo isso? São sacerdotes muito bons, bem zelosos, como todos nós o podemos ser. Fazem o que lhes compete; e os Oblatos, por sua parte, devem fazer o que corresponde a si próprios.

Cada um se decida a ser fiel ao Diretório, aceitando com resignação e até com um pouco de satisfação, as dificuldades e sofrimentos que encontrar. Há pessoas que gostam de coisas amargas; apreciemos esse gosto; quando estivermos envolvidos em amarguras e mortificações, alegremo-nos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 15 DE JANEIRO DE 1896

SER OBLATO, TRABALHAR PARA E COM A CONGREGAÇÃO

No último Capítulo, eu lhes falei sobre a obrigação que temos de tornar-nos verdadeiros Oblatos, por motivo das duas Obras que queremos fundar: a Obra do Sacerdócio e a Associação de São Francisco de Sales, para a prática do Diretório entre o clero e entre as pessoas do mundo. Recomendo-lhes, para isso, a prática pessoal do Diretório, sem a

qual não poderemos compreender a vida que devemos ensinar aos outros e sem a qual não poderemos tampouco amar e apreciá-la. A prática do Diretório é-nos absolutamente necessária.

Uma coisa nos falta ainda, talvez até mais. Vivemos numa miscelânea bastante grande, no sentido de que todos estamos vivendo de maneira demasiadamente individual e pessoal e não suficientemente para a Congregação e com a Congregação. Não estou dizendo isso num sentido pejorativo. Mas cada um de nós, com as melhores intenções do mundo, age demasiadamente por conta: a ação da comunidade é quase nula. Todos somos, claro, pessoas honestas, gente direita. Não há má fé em nós nem malícia. Não existem entre nós indivíduos que querem aparecer como santos, cometendo extravagâncias de zelo. Não, não é assim a característica do nosso país, nem é a nossa índole pessoal. Mas isso não basta. É preciso que nos prendamos mais à nossa comunidade e a queiramos bem. Temos que sustentá-la e desenvolver a ela, sua ação e sua influência sobre as almas, através da harmonia de opiniões, pela sintonia de vivências e pela coesão na ação.

O que acabo de dizer não ficou bem expresso; a idéia, no entanto, é bem clara, mas os termos não são fáceis de formular. Cada um de nós deve apegar-se mais à Congregação e deve procurar mais que a gente ao nosso redor se prenda a ela. Nada de isolamentos, nada de individualismo; tenhamos mais espírito de conjunto; não façamos nada para nós próprios; trabalhemos para e com a Congregação.

Meus Amigos, estou-lhes falando com toda a sinceridade, de mão no coração. Os Senhores acreditam que haja uma Congregação no mundo cujo espírito, cuja doutrina, cujos ensinamentos sejam mais práticos, mais ao alcance das almas e de todas elas, mais eficazes do que esta que lhes foi oferecida com a vocação de serem Oblatos de São Francisco de Sales?

Esse é o parecer de todos os que nos conhecem. O Padre Rollin está em Roma. Ele não é diplomático, não é um espertalhão, esse Padre Rollin. Mas ele é o que é. Pois bem, em Roma, todos os com quem ele entra em contato o estimam, o compreendem. Não estou dizendo que ele exerce uma influência muito grande, não, repito, ele não é um diplomático... Mas ele deixa em todos os que o encontram um impressão de completa satisfação. E essa impressão recai sobre a Congregação à qual ele serve, assim, valiosamente. Ele está em Roma só como um Oblato de São

Francisco de Sales. Não é plenipotenciário, encarregado de representação em assuntos difíceis e complicados. Não, ele está lá, porque, cansado de dar aula, está repousando em Roma. O que me escrevem sobre ele dá-me uma boa idéia de como ele é apreciado, como, em vista dele, se estima a nossa Congregação. Meus Amigos, assim tem que ser sempre conosco também; devemos viver desse espírito. É algo valioso, meus Amigos, o que Nosso Senhor, o que o Papa nos disse; isso produzirá seus frutos. Ou seremos nós, os Oblatos de São Francisco de Sales ou, por deficiência nossa, serão outros os encarregados dessa obra. Trata-se de uma obrigação muito séria, uma obrigação em consciência, apegar-nos cordialmente à Congregação, propagá-la e fazê-la prosperar, trabalhar, sacrificando-nos totalmente por ela.

Volto sempre a bater na mesma tecla, mas é indispensável para a corda vibrar e soar, suscitando uma ressonância. A Boa Madre repetia-me isso cem, até mil vezes: "Essas coisas são o dom de Deus e a vossa graça particular; é uma coisa que não foi tirada ainda dos tesouros da caridade divina. É um imenso bem que será aplicado ao mundo. O Bom Deus vos escolheu, estabelecendo-vos como intermediário, como instrumento dele..."

Voltando muitas vezes a esse pensamento - afirmo-o diante de todos, eu o declaro aos Senhores aqui perante Deus! - é porque não quero comparecer no juízo final se não dissesse as coisas tais como são; estaria menos em apuros, apresentando-me carregado de todos os crimes possíveis, do que estando lá como desertor da causa que me foi confiada, por não dizer todas as coisas como são.

Dom de Ségur insistia para que eu o repetisse, em todas as ocasiões, na época quando estava escrevendo a Vida da Boa Madre: "Não suprima nada, não remodele nada; isso não lhe cabe, isso não lhe pertence. Escreva o que viu e ouviu, sem mudar nem interpretar nada, sem nada omitir; diga as coisas tais como são."

Meus Amigos, com certeza, Deus quer realizar grandes coisas com os Senhores; grandes coisas, no sentido de que suas palavras na catequese serão eficazes nas almas das crianças. E nas confissões como na direção espiritual, uma palavra sua produzirá um grande efeito. Suas palavras do púlpito encontrarão uma repercussão nas almas que lhes será de grande proveito. Sim, independente de circunstâncias difícieis e penosas, Deus estará, Deus agirá com os Senhores.

No entanto, ninguém de nós deve ter pretensões, a ponto de a-

creditar que sejamos melhores do que outros. Se valemos uma coisa, não é devido a nossos méritos, mas por sermos Oblatos de São Francisco de Sales. Isso é que se aplica a todas as comunidades. Por exemplo, os Jesuítas. Suponham que um Jesuíta deixa a Companhia, ele era alguém antes, depois não é mais nada. Olhem o Padre Lavigne, em Nice. Enquanto era Jesuíta, era um homem famoso por sua eloqüência e suas obras, tinha uma influência sem par, todo o mundo o comentava. Ele deixou a Companhia, ninguém mais fala nada, ele não significa mais nada.

É preciso, pois cerrarmos mais as fileiras. Não estou dizendo que não convém sua individualidade. Não, pelo contrário, tenham sua personalidade, mas sem espírito de contradição ou de amor próprio. Também não caiam no individualismo. Não tenham esse tipo de personalidade que nunca se amalgama, que, cerrada em si, não sabe ceder de sua vontade, de seu coração, de sua dedicação, nos termos do Papa, "usque ad effusionem sanguinis" (até o derramamento do sangue).

Entre mulheres é mais fácil. Elas se apegam entre si, embora, às vezes, discutam... Mas há entre senhoras meios de fusão que não existem entre homens. A natureza feminina mais se presta à vida comunitária. Quando Santa Joana Francisca de Chantal disse para São Francisco de Sales: "Formai, então, sacerdotes que tenham o vosso espirito," o Santo respondeu-lhe: "É muito fácil dizer. Lá vão vinte anos que procuro chegar a isso, sem consegui-lo. Até agora só pude formar um sacerdote e meio." Mas o que a natureza não realiza, a graça pode criar. Com juízo, inteligência e a graça de Deus é fácil formar um conjunto de vontades. Não são todos iguais, é verdade; mas, em última análise, existe sujeição, há um todo de reciprocidades que levam, finalmente, a uma união até maior e a uma coesão mais profunda entre homens do que entre senhoras.

Para formar um Oblato, um sacerdote conforme o espírito de São Francisco de Sales, precisa-se inteligência e juízo; é necessário ser um homem capaz. É mister, evidentemente, bem outra coisa do que para formar um sacerdote. É indispensável muita vontade, muita generosidade e uma grande abnegação. É forçoso encarar a vida a partir de uma visão muito mais elevada, colocando-se acima de si mesmo e acima das misérias humanas. São Francisco de Sales disse: "É muito fácil dizer, mas não é fácil realizar."

Estou-lhes dizendo tudo isso, meus Amigos, e o repito, para que me compreendam bem. Não quero criticar ninguém dos Senhores; não

desejo acusar ninguém. Estou constatando apenas uma insuficiência. Estou apontando uma coisa que não se baseia numa vontade expressa de quem quer que seja, mas que se fundamenta na própria dificuldade da situação e das circunstâncias. De fato, para chegar ao nível de renúncia e de santidade que lhes mostrei, é inevitável uma grande luta e um longo combate. Só a esse preço é que se chega a ser um bom religioso, um bom Oblato.

Todos os Oblatos, pois, se empenhem por conformar-se não só à vida interior, à Regra, à Obediência, como expliquei a última vez, mas que se harmonizem também com as regras da vida exterior; não se isolem, mas estejam sempre unidos, de coração e de fato, com toda a comunidade, com todo o Instituto.

Vou mais longe ainda: seus estudos, a direção espiritual, a educação da juventude e tudo o que fizerem parta sempre deste princípio: Eu sou Oblato de São Francisco de Sales.

Os Senhores estudam Teologia, Filosofia; seja sempre a partir do que São Francisco de Sales disse e deixou escrito. Há uma Filosofia, uma Psicologia, particularmente, muito bonita. Nas obras de São Francisco de Sales encontramos uma Teologia admirável. Os Senhores estudarão essas matérias básicas em São Francisco de Sales. Estudá-las-ão também à base daquilo que a Boa Madre disse e escreveu; isso lhes proporcionará muitas luzes. Estudá-las-ão com o intuito prático de serem Oblatos instruídos, à altura de sua missão, capazes de formar as pessoas e de captar-lhes a atenção, fazendo-lhes o bem. Dessa forma, farão convergir todos os seus estudos para uma mesma finalidade.

A mesma coisa farão quanto à História, partindo do princípio: a história é Deus que conduz os povos para os fins que ele mesmo se propôs. Todos os fatos da história convergem para lá e só à essa luz os compreenderão. Existe nisso uma grande revelação. À luz de Deus e dos conhecimentos divinos estudarão a história e compreendê-la-ão, tanto a História Geral dos povos quanto a história de cada pessoa em particular. Colocando-se nessa ótica, terão uma visão clara e distinta: terão a verdadeira filosofia de todas as vontades, a verdadeira filosofia de todas as tendências. A história é a manifestação da Vontade de Deus, é o Beneplácito divino. Partam desse princípio genuinamente salesiano.

Continuo ainda, afirmando que nas Ciências Físicas, na harmonia entre elas, encontraremos essa mesma unidade de princípio: a Vontade de Deus. Essa é o centro. Deus fez o mundo material e natural ao mo-

delo do mundo sobrenatural. Deus é Deus; não tem duas maneiras de agir na sua criação. Fez o mundo sobrenatural, criou também o mundo imaterial, o mundo da inteligência e, finalmente, tirou do nada o mundo material. E tudo se realizou conforme o mesmo modelo. O Padre Daum disse-me em Roma: "Não existe uma demarcação muito sensível entre o mundo sobrenatural e o natural; bem como entre o pensamento e a matéria, não se pode estabelecer sempre uma separação bem nítida. Não se sabe claramente, às vezes, onde termina uma coisa e começa outra."

Eu me ocupo com matemática. Como chegar com ela à mesma conclusão? Primeiramente, a matemática ensinar-lhes-á obediência. Encontrarão Deus e a lei da obediência na matemática, a cada passo... Ela é idêntica à ordem, é o princípio no qual Deus estabeleceu tudo, ou seja, a ordem, a justiça e, conseqüentemente, a obediência. Essas coisas talvez lhes pareçam estranhas, no entanto são profundamente verídicas. Quando eu estava no Seminário, estudava Filosofia, Lógica, não tanto com o livro adotado, que eu achava... engraçado - reinava a Lógica de Port Royal - como lembrando-me da Geometria. Encontrava na Geometria luzes para a Lógica; também encontrava aí a alegria de considerações e percepções que me tornavam sumamente feliz. Essas descobertas esclareciam e confirmavam-me os dogmas da fé. Compreendia melhor o que era a fé, sobre quais matérias ela se estende. E isso não era simples imaginação, era realidade.

Estou-lhes dizendo tudo isso para que compreendam que um bom Oblato deve aplicar todo o seu amor, todo o seu coração, todo o seu trabalho para fazer convergir seus estudos e seus esforços para este pensamento: Sou um Oblato de São Francisco de Sales. Devo sê-lo cada vez mais. Eu mesmo devo viver e levar as pessoas a viver a doutrina dos Oblatos. Devo esclarecer tudo, com essa tocha, tenho que iluminar tudo em mim e ao meu redor; devo esquentar tudo com esta chama. A Congregação, então, se evidenciará valiosa. Nossa individualidade, então, não será mais como um chorão solitário, na beirada da estrada.

Peçam ao Bom Deus que lhes faça compreender isso. A doutrina de São Francisco de Sales é uma escola. Os filósofos antigos tinham sua escola; olhem, a nossa certamente não é inferior. Muitas vezes a Irmã Maria Genoveva repetia-me, durante os anos antes da proclamação do Doutorado de São Francisco de Sales: "Dentro de algum tempo, o nosso Santo Fundador será declarado um dos maiores sábios do céu." E ela não sabia nada daquilo que estava-se fazendo a respeito, em Roma. Peçam que pos-

sam compreender bem isso. Não deixem esse tesouro escondido perder-se nas mãos dos Senhores.

Observem o que fazem os Padres Jesuítas. Tomem o que escreveram, sobre a Teologia, a Homilética, as Ciências, sobre todos os assuntos. Nunca saem da linha. Tudo gira em torno do livro dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio... Começam a distanciar-se um pouco, parece, em algumas de suas pregações, mas é pouca coisa. Até agora confinaram-se nesse terreno. Os Exercícios são a base de tudo.

E nós, meus Amigos, sejamos capazes de compreender que nisso, e só nisso, se encontra também a nossa força. Apeguemo-nos aos princípios, aos meios de São Francisco de Sales que nos foram ensinados; somos os depositários dessa doutrina. Então, tudo o que fizermos, será uma coisa boa, fecunda e de bem.

Para conseguir isso, é indispensável querer bem sua profissão; é imprescindível amarmos a nossa Congregação. A medida do devotamento que tivermos com relação à Congregação será também a proporção das luzes que receberemos de Deus para orientar-nos; constituirá também a profundidade das alegrias interiores, do prazer e conforto que Deus nos conceder. Nas pequenas dificuldades e mortificações de cada dia, mesmo topando com um grande problema e sacrifício, experimentaremos um imenso gozo, de acordo com a generosidade na entrega de nossa vontade e segundo o grau de abandono que tivermos realizado no coração.

Portanto, meus Amigos, orientem todo o interior e exterior de sua vida conforme esses princípios, de acordo com os ensinamentos recebidos pela formação no Noviciado, pela leitura das obras de São Francisco de Sales e da Vida da Boa Madre. Nisso deve consistir sua base, um alicerce forte e um fundamento sólido no qual possam apoiar-se e que lhes faça amar a Congregação e agradecer continuamente a Deus por ter-lhes dado a vocação. É uma coisa notável que, até agora, nunca vi ninguém deixar a Congregação dos Oblatos de São Francisco de Sales, ninguém, ninguém, sem arrepender-se em seguida, sem dizer, depois, que aqui há algo que não se encontra em outra parte! Todos afirmam isso, meus Amigos; portanto, deve ser verdade.

De tudo o que acabo de dizer, cada um aproveite algo prático para si. Compreendamos que para acertar, para ser um bom Oblato, a gente não deve isolar-se e agir individualmente. É como um relógio: uma

engrenagem sobre a mesa, desmontada e à parte, não funciona e é inútil. Se o relojoeiro a coloca no lugar, ela trabalhará, terá sua serventia, terá seu efeito. Rezem, na hora da Santa Comunhão, na Santa Missa, para compreenderem essas coisas. Rezem também para que, na comunidade, a gente santifique generosamente as diferenças pessoais, praticando corajosamente a abnegação da vontade individual, na medida e da maneira como Deus deseja. Dediquem-se de bom grado a isso. Mais uma vez, e sempre, o que nós temos, quem é que o tem? Procurem-no alhures; procurem uma teologia, busquem uma estratégia que seja mais eficaz. Procurem-na!

Pediremos à Boa Madre que nos faça compreender isso, do alto do céu. Ela desejava muito ver a Obra, pois, no momento de expirar, disse:"Eu gostaria de viver mais para ver o que o Bom Deus vai fazer; mas o que prefiro é o desígnio divino..." Meus Amigos, ao comparar os resultados obtidos e a grandeza da promessa, vejo e constato que ainda não estamos bem à altura.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 5 DE FEVEREIRO DE 1896

A NOTA DISTINTIVA DOS OBLATOS DE SÃO FRANCISCO DE SALES, O DIRETÓRIO

Retomo muitas vezes a mesma idéia. Compreendamos bem que somos Oblatos de São Francisco de Sales. Quando ingressamos na comunidade, não imaginamos, talvez, a vida que nos esperava; talvez só pensássemos em tornar-nos religiosos numa Congregação qualquer; quando muito, talvez experimentássemos um pouco de atração pela doutrina de São Francisco de Sales. Isso é suficiente para começar, mas não basta para continuar. Os Senhores têm provado nossa vida religiosa e constataram que havia algo mais.Os Senhores têm verificado a opinião generalizada dos que nos conhecem. Têm constatado o efeito produzido nas almas através de nossa doutrina, pela pregação e por meio da direção espiritual dos nossos Padres; certamente, os Senhores têm encontrado nisso a confirmação da promessa feita pela Boa Madre.

Sem dúvida, há outras comunidades com o nome de São Francisco de Sales que vivem a doutrina dele. Existe uma grande sociedade de sacerdotes, a do Padre Chaumont, que já conta com centenas de sacerdotes e milhares de senhoras associadas, Filhas ou Irmãs de São Francisco de Sales. Este é o Santo da nossa era; é ele quem deve caminhar na frente e que nos deve conservar a fé e fazê-la renascer nas almas. O espírito do Santo Doutor deve efetuar essa ressurreição. Mas é muito necessário ter o espírito do Santo Doutor; precisa-se muito possuir a essência e a medula disso. Não nos contentaremos com um rótulo. Um letreiro diz alguma coisa, mas não resolve. Outros podem ter, mais ou menos, a doutrina de São Francisco de Sales, mas é certo que são os Oblatos que a possuem na íntegra. A Visitação a herdou; na Visitação a Boa Madre foi, talvez, a mais viva e fiel intérprete do Santo Fundador. É o que a Irmã Maria Genoveva, que era uma grande santa, me dizia muitas vezes. A Boa Madre Maria de Sales é quem nos transmitiu a compreensão dessa doutrina e do tesouro confiado à Visitação.

A Santa Joana de Chantal pediu a São Francisco de Sales que fundasse uma obra de sacerdotes: "Formai sacerdotes que sejam como vós e conservem o vosso espírito." Nós é que, após três séculos, viemos receber essa herança. Chegamos na hora exata.

Em todos os séculos, frente a todas as grandes necessidades, Deus tem suscitado Ordens religiosas diferentes, para esquentar a terra gelada, para trazer vida onde reinava a morte. Os meios foram diferentes, de acordo com as necessidades e a época. Por exemplo, São Bento. Seus religiosos são agricultores ou sábios. Trabalham na terra ou estudam. Difundiram-se no mundo bárbaro, do qual são, ao mesmo tempo, historiadores e educadores; é essa a missão deles no mundo. Mais tarde, quando os povos se tornaram ignorantes, tapados, só reconhecendo e apreciando os bens terrenos, Deus suscita São Francisco de Assis e São Domingos para reanimar e esquentar os corações, o primeiro pelo amor a Deus na pobreza, o segundo pelo conhecimento das coisas divinas e pela pregação. Ao Protestantismo, no século XVI, Deus opõe os Jesuítas; manda, então, lutadores, soldados; é a vanguarda que marcha à frente do exército.

Agora, em nossos tempos, quem é que Deus envia? Somos nós os enviados. Nada menos. Devemos entender bem isso. Se não quisermos realizar essa obra, outros o farão. Deus não faltará à execução de seus

desígnios, de seus planos de redenção do mundo. A Boa Madre Maria de Sales repetia-me muitas vezes que é destino de Deus, há muito tempo; Deus preparou isso, faz muito; é, portanto, uma coisa certa.

Eis o que temos a fazer; eis a razão de nosso ser, a nossa vida. A indeterminação de vida e a vacilação, o individualismo devemos extirpar, custe o que custar. Devemos cultivar o campo que nos foi entregue, devemos valorizar o talento que nos foi confiado. Reparem o que fizeram todos os Fundadores de Ordens, o que realizaram os primeiros que trabalharam com eles. Observem os Beneditinos, os Franciscanos, olhem os Jesuítas. Todas as outras Congregações que levam o nome de São Francisco de Sales procedem bem; estudam São Francisco de Sales, gostam muito dele, procuram compreender-lhe a doutrina e pôr em prática os seus ensinamentos; está bem.

Qual a nossa vantagem, em comparação com eles?
Os outros não têm o Diretório; por conseguinte, não dispõem do âmago do pensar, da vida e do espírito do Santo Doutor.

Nós, pelo contrário, esforçamo-nos por transferir e realizar em nós a vida do Santo, seu pensamento, suas intenções, sua conduta, sua maneira de agir, toda a sua alma. É essa a nossa incumbência, o nosso ministério.

Meus Amigos, é o que todos nos dizem. Temos uma sublime missão, uma missão que deve levar a satisfazer de coração todas as nossas obrigações de estado, com exatidão caprichada. Sendo professor ou missionário ou diante de qualquer outro encargo que lhes foi confiado, atendam com muita pontualidade as funções que lhes tocam, realizando-as como verdadeiros Oblatos de São Francisco de Sales. Tudo tenda a isso. Todos os confessores estejam conscientes deste pensamento: devo confessar como Oblato. Todos os professores, todos os que se dedicam a um trabalho, todos, absolutamente todos nós, caminhemos nesse sentido e avancemos nesse rumo. Não se deve pensar, por não estarmos envolvidos no sagrado ministério ou por termos apenas uma simples vigilância a atender, que, por isso, possamos considerar-nos um pouco alheios à obra de regeneração por São Francisco de Sales. Não, deve-se realizar nossa vigilância exatamente nesse espírito; temos que dedicar-nos totalmente à mesma maneira de viver e de ser. É essa a nossa tarefa, é a nossa graça, é o nosso dom.

Convém que peçam isso na Santa Comunhão, durante a Santa Missa, na meditação. Solicitem isso à Boa Madre Maria de Sales. Muitas ve-

zes ela me dizia: "Deixai, então, os vossos livros e aceitai o que vos digo e vereis a conseqüência, porque teria dado tudo, tudo para o próximo, tudo para o Bom Deus..." Sim, meus Amigos, assim corresponderão aos desígnios de Deus.

Isso leva a quê? Primeiramente compreenderemos e reconheceremos que servimos para alguma coisa. Fora disso, ou seja, fora desse verdadeiro espírito de São Francisco de Sales, não somos nada, não podemos fazer nada por nós mesmos. Precisamos, pois, ter valor e realizar algo valioso. Todo o segredo está nisso, meus Amigos! Não se podem perder os dons de Deus, mas têm que produzir frutos. Vamos pedir com fervor ao Bom Deus que nos faça compreender isso, cada um com referência às suas obrigações, no que diz respeito à tarefa quotidiana. Façamos bem o que temos que fazer, porque é conforme a Vontade de Deus. É importante o Oblato de São Francisco de Sales, meus Amigos, um homem chamado por Deus a trabalhar na obra divina, a realizar a Vontade e o beneplácito de Deus. E nós, Oblatos, abandonamo-nos completamente às suas mãos, para executarmos essa sua Vontade e esse seu beneplácito. Por que? Porque sentimos que, naturalmente, não prestamos para nada; porque nossa personalidade é tão impotente e, por nós mesmos, não chegaremos a nada. Com Deus, é bem outra coisa!

É necessário, pois, que nos sirvamos de tudo para nos firmar e aperfeiçoar no espírito de nossa vocação. Precisamos aproveitar tudo o que vemos, tudo o que fazemos, tudo o que estudamos, para arraigar-nos nesse espírito.

Envolvamo-nos naquilo que é próprio nosso. Um Jesuíta é um Jesuíta. Um Oblato precisa ser um verdadeiro Oblato. Não convém que um Oblato pareça um Jesuíta, um Capuchinho ou um homem do mundo. Não se requer que nós sejamos pobres e mortificados do modo capuchinho. Não é necessário que nós tenhamos,oportuna e importunamente, o espírito militante e enfrentador de um Jesuíta. Nós devemos ser algo diferente. Pertencemos a uma outra família; somos um outro tronco; temos outras obrigações. Somos chamados a funções especiais, a uma maneira de agir especial; temos uma graça particular. É uma missão própria no mundo. Peçam, portanto, todos os dias, de todo o coração, que sejam verdadeiros Oblatos.

Existe aí un tesouro, um fundo imenso de graças reservadas que terão seus efeitos, seja por nós, seja através de outros. Se o Bom Deus

começa alguma coisa, ele a terminará, ele completará o que decidiu.

Alimentemo-nos com esses pensamentos, e isso nos leve a amar nossa vocação e a nossa Congregação.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 26 DE FEVEREIRO DE 1896

O DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS

Existe um livro que não é suficientemente conhecido; não é usado por muitas pessoas, nem por muitas Congregações, eu acho, e isso é uma pena. Refiro-me ao Tratado do Discernimento dos Espíritos (De Discretione Spirituum), escrito pelo Cardeal Bona. Santo Inácio tratou também do mesmo assunto. Essas noções sobre o discernimento dos espíritos são de importância capital. Escutem-me.

Há dois métodos de chegar-se ao próximo: ou a gente se dirige a um certo número de pessoas reunidas, ou a gente se volta para uma só em particular, em caso de direção espiritual.

Há mesmo dois métodos? Eu sou mestre, eu estou revestido de autoridade! Isso é o primeiro método, o mais natural. É o modo de fazer valer o talento que Deus nos concedeu. Então, isto é o ponto de partida: emprega-se a dignidade própria, a capaciade pessoal e a gente se impõe; que outros escutem e obedeçam.

Esse método não é nosso. E por quê? Porque não é a maneira de Nosso Senhor. Não é assim que encontramos o Salvador falando e agindo no Evangelho. Ele nunca se impôs como mestre. Ele tratava com os Apóstolos, ocupava-se com as multidões que o seguiam, mas nunca recorreu a esse meio.

O segundo método é o da persuasão. Não esperamos até que as pessoas cheguem; vamos à sua frente. Observamo-las e estudamo-las de perto; procuramos descobrir o ponto melhor de aproximação; encaminhamo-las a partir da possibilidade que nos oferecem de estabelecer conta-

to com elas.

Nosso Senhor sempre fazia assim. Ensinava a verdade; mas, para fazê-la penetrar melhor, a apresentava preferivelmente sob a forma de parábolas. Fazia passar o dogma, a doutrina, um preceito difícil de aceitar, através do véu transparente e gracioso de uma alegoria, de uma comparação, de uma história. Não violentava as consciências das pessoas, não as obrigando a acreditar, a segui-lo. As multidões não enxergavam ou compreendiam logo; mas com o tempo e a paciência, o grão de mostarda acabava por brotar e se tornava uma grande árvore (Cf. Mt 13,31).

Este é, portanto, o melhor método, pois é o de Nosso Senhor. Para fazer o bem às pessoas, o querer impor-se a si mesmo não é mal, sem dúvida, é bom; pelo menos, a finalidade que a gente propõe é boa. Pode-se fazer com isso discípulos, pode-se, assim, formar gente devotada, disposta a jurar nos Senhores, pessoas que farão muito barulho... e pouco realizam. Sigamos o método evangélico. Nosso Senhor vai ao encontro dos homens e não fica esperando-os. Ele aceita os homens como são e conforme podem compreender. Nele reina a plenitude, mas abaixa-se ao nível, onde os homens se encontram.

Precisamos, portanto, de discrição diante das situações, perante as pessoas, para com os espíritos com os quais tratamos. Demo-nos conta das disposições dos nossos ouvintes, porque os apreciamos e intentamos fazer-lhes um bem. Para conduzi-los, procuremos por onde engatar. É indispensável encontrar um ponto inicial de entendimento, um ponto comum. Parta-se de princípios que eles admitem. Procurem-nos à luz da oração e da caridade que tiverem n coração para com eles. Não comecem a discutir, mas a entender-se com as pessoas. Primeiramente, estejam de acordo com elas naquilo em que os Senhores, segundo seus princípios, podem concordar. E, despercebidamente, com a graça de Deus, os Senhores as levarão a aceitar os seus princípios.

Isso deve ser o nosso talento, nosso dom, nossa maneira de agir. Com isso conquistarão todo o mundo. Assim fazia Nosso Senhor; reparem nos Evangelhos. É o que os Santos faziam, os grandes Santos, porque houve de todos os tipos; há Santos grandes e há menores. Talvez os menores Santos agissem de outra forma. Mas os grandes agiam como lhes disse, ou seja, os que mais se pareciam com Nosso Senhor, aqueles que, em sua maneira de agir e de tratar, mais lembravam a imagem dele.

Agindo assim, estamos seguros de acertar o caminho. Nossa personalidade não será apagada, longe disso! Não feriremos o ar, a torto e a direito, quasi aerem verberans, como se expressa São Paulo (1 Cor 9,26). Estaremos certos de que os golpes que desferimos, que as palavras que diremos não ficarão sem efeito. Levaremos as almas a Deus, indo buscá-las onde se encontram.

Precisa-se partir dali, meus Amigos. Nos seus diálogos com os discípulos, Nosso Senhor procedia de maneira bem diferente, comparando com seu modo de dirigir-se às massas. Instruía seus discípulos, sempre amavelmente. Mas, às vezes, repreendia-os vigorosamente, dizendo-lhes que eram insensatos, "stulti"... (cf. Lc 24,25); num grupo pequeno, podemos dizer isso. Quando falava ao povo, tratava tudo em parábolas. Geralmente, não atacava diretamente, os defeitos dos Fariseus e dos Doutores da Lei. Estes ficavam furiosos, quando percebiam que eles eram os visados. Mas responder o quê? Eram parábolas. Quando Nosso Senhor se dirigia à multidão, vendo que estava com fome, começou, dando-lhes pão. Depois de comerem, falava-lhes do dever de cada um. Eram pobres. Beati pauperes... (Mt 5,3) (Bem.aventurados os pobres). Estavam sob o domínio romano, não eram mais livres. Beati qui persecutionem patiuntur propter justitiam, quia ipsorum est regnum coelorum (Mt 5,10) (Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus). Estavam atormentados por malvados, por sacerdotes que eram gente ruim. Beati mites, quoniam ipsi possidebunt terram. (Mt 5,4) (Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra).

Eis o método de Jesus Cristo. E nós, o que temos que fazer? Precisamos pedir a Deus esse dom de discernimento dos espíritos e agir sempre a partir dessa discrição. Voltarei a isso ainda.

Vamos pregar numa paróquia; a primeira coisa a fazer é visitar o pároco e ouvir o que ele acha e julga de seus paroquianos. O pároco, às vezes, tem um tanto de fantasia, mas, em tudo o que diz, há algo de verdade; há detalhes para aproveitar. Escutem também o que o pessoal pode dizer-lhes, mas com discrição e reserva. Olhem, então, o que convém apresentar a esse auditório; peçam ao Salvador essa discrição de julgamento que lhes corresponda perfeitamente ao estado e às disposições atuais dos paroquianos aos quais os Senhores dirigem as palavras da salvação.

Olhem por que um grande número de párocos, de confessores, de diretores espirituais, muitos pregadores quaresmais não são

bem-suceddidos e fracassam lamentavelmente. Eles despejam suas palavras sobre as cabeças de 25 metros de altura e não atingem ninguém. Eu estava ainda no Seminário Maior; pregava-se a Quaresma na catedral. Era um certo Padre Maire que fazia os sermões; ainda lembro o nome. Ele tinha suas qualidades, esse Padre Maire, mas tinha um jeito de falar todo especial. Viera a Troyes com um pacote de 20 a 25 sermões. Subiu ao púlpito com sua coleção e gritava, berrava, este é o termo. Ele esparramava sua mercadoria tal como a tinha trazido, sem preocupar-se, de forma alguma, com as disposições, com as necessidades, com o estado de alma de seus ouvintes, sem nunca fazer aplicação direta alguma de sua doutrina às pessoas que lá se encontravam. Qual é o bem, meus Amigos, que se pode fazer, durante a Quaresma, ao agir desse jeito, despejando assim sua palavra autoritária, seu maço de 20 sermões? O pregador perde tempo, e os ouvintes, igualmente. E, se o Bom Deus, em sua infinita misericórdia, quiser tirar algum proveito duma situação dessas, precisa intervir tanto que se pode dizer, então, que a graça opera sozinha.

Em resumo: os Oblatos devem trabalhar sempre visando a finalidade, o resultado e não cedendo a opiniões pessoais ou a maneira de ver própria. Os Senhores não dirão às pessoas: Venham a mim, estou-as aguardando! Os Senhores irão ao encontro delas; verão como estão, em suas profundas misérias. Os Senhores as reunirão, reanimá-las-ão e as salvarão. Por isso, é necessário o discernimento dos espíritos que nos descobre as disposições, as diferenças pessoais, os estados de alma, o caráter das pessoas com as quais tratamos. Isso nos serve de ponto de partida para levá-las a praticar o bem, para conduzi-las corretamente, conseguindo delas o máximo possível. Isso requer um bom juízo e reflexão; isso exige oração. São Francisco de Sales dirigia-se aos anjos das cidades, das paróquias onde pregava, das pessoas cuja confissão tinha que atender.

Trabalhando nesse espírito, realiza-se um ministério sério, não sendo de aventureiros, de profissionais de meia-tigela. Vai-se seguramente. Pensem bem, dêem-se conta, estudem bem seu campo de atividade e, sobretudo, rezem muito.

Mais uma vez, façamos como Nosso Senhor; ele sabia discernir a quem falava, distinguia diversas índoles espirituais dos seus ouvintes e agia de acordo. Deixava os velhacos e cabeçudos Fariseus adivinharem: ut intelligentes non intelligant (cf. Mc 4,12); cabia a eles encontrar

a verdade oculta! Com a gente simples de fora, ele aplica um outro método; serve-se de comparações transparentes e fáceis, ao alcance deles; aparece o semeador que vai à lavoura semear o grão... Nas margens do lago de Tiberíades, em meio aos pescadores, apresenta as comparações sobre redes e peixes. É lá que ele chama os Apóstolos para segui-lo: "Venham," disse-lhes, " e eu torná-los-ei pescadores de homens (Mt 4,19)! Aproveita tudo, as coisas mais simples e mais comuns para elevar a alma a pensamentos sobrenaturais. À Samaritana, pobre mulher que vinha buscar água, ele, primeiro, pede água para beber; em seguida, fala sobre o dom de Deus: Si scires donum Dei (Jo 4,10) (Se conhecesses o dom de Deus)! Refere-se à nascente da graça que jorra para a vida eterna; mas essas coisas íntimas, místicas, ele as diz como em segredo, a sós. Não lança isso frente ao povo que não compreenderia nada, nem diante dos Fariseus hipócritas que teriam reclamado em altas vozes, nem tampouco ante os Saduceus céticos que teriam zombado dele. É a essa pobre mulher que ele fala sobre coisas espirtuais e muito elevadas. Aborda também coisas espirituais e sublimes com Pedro, Tiago e com João, no dia da Transfiguração. Por quê? Porque naquele dia, com a visão, eles compreendiam. Mas ele não falava e nem queria que se falasse assim aos outros Apóstolos: Nemini dixeritis visionem... (Mt 17,9) (Não conteis a ninguém esta visão).

O discernimento dos espíritos, meus Amigos, deve ser algo próprio nosso; devemos estudá-la de forma especial.

A educação da juventude, o ensino, a disciplina na aula são coisas muito úteis para formar o discernimento dos espíritos. Entre os Padres Jesuítas, dá-se aula durante muito tempo, precisamente para esse fim; ensina-se assim aos Padres jovens, enquanto dão aula e observam os alunos, a tornar-se diretores espirituais.

Estudemos, portanto, bem o nosso terreno e não paremos senão estando seguros.

Vejam, no mundo, as pessoas inteligentes, muito capazes e eruditas, que querem conquistar admiradores, nas reuniões, nas conversações, nas discussões, não ocupam, logo de saída, o lugar mais destacado; evitam isso cuidadosamente. Primeiro querem conhecer bem o terreno e o pessoal presente. Escutam e quase não dizem nada; depois, despercebidamente particiapam pouco a pouco da conversação, dirigem-na e a conduzem para onde querem; quando estão no seu chão, quando se encontram

no assunto que conhecem a fundo, podendo expor suas idéias, opiniões e conhecimentos, lançam-se, saindo-se com honra e vitória.

Os Oblatos precisam formar-se - mas no terreno espiritual e exclusivamente sobrenatural - para costumes parecidos de prudência, de inteligência, de santa habilidade, a fim de ganharem as almas para Deus.

Adaptem-se ao seu auditório e às pessoas que aí se encontram. Suponham que vão a uma comunidade da Visitação. Conhecem a Regra e as Constituições. À Superiora é que a Igreja confiou a direção das freiras. Os Senhores falem e atuem de acordo com isso e não se imiscuam na direção das Irmãs, nem abram brecha na autoridade da Superiora. No caso de confessarem as Irmãs da Caridade, ou ao fazer-lhes um sermão, é outra situação: estas são bem mais independentes. Não lhes preguem tanto sobre as delicadezas requintadas da obediência quanto as grandes virtudes gerais da vida religiosa, o devotamente a Deus e às almas; a espiritualidade destas é mais larga. Preguem para cada um o que lhe convém, mas não cabe aos Senhores impor suas idéias, sua visão pessoal. Requer-se muito mais juízo e capacidade bem maior para agir dessa maneira do que no caso de quem se impõe.

Todo o ser tem sua vontade própria; isso não é de estranhar e não é de se admirar da tendência de querer impor a vontade própria em toda a circunstância. Mas admiração mesma merecerá o saber usar os meios que atrairem e persuadirem a vontade dos outros.

Sendo professor, sendo vigilante, descubram a maneira de atingir e de influenciar cada um dos seus alunos; saibam encontrar o ponto vulnerável, porque este tem um caráter e aquele outro. O Senhor tem autoridade? Muito bem, mas use os meios de exercê-la bem; sem isso será obrigado a capitular, perdendo toda sua autoridade da qual tanto se orgulha.

Digam muitas vezes ao Bom Deus que, após Salomão, São Francisco de Sales gostava muito de rezar: Da mihi, Domine, sedium tuarum assistricem sapientiam, ut mecum sit e mecum laboret (Sb 9,4) (Dai-me, Senhor, a sabedoria que partilha vosso trono, junto de mim, ela tome parte em meus trabalhos). Dai vossa bênção a todos os trabalhos que executo, a todos os conselhos que dou.

Recomendo às orações da comunidade os nossos Padres da África que, neste momento, estão sendo muito provados pela carência, devido à seca e ao intenso calor. Perderam muitas cabeças de animais; morreram oito cavalos. O pessoal abandona a região; vão procurar um pouco de pasto e água em outra parte. Os nossos Padres nos reclamam orações por eles. Precisamos pedir chuva ao Bom Deus.

No Equador, os Padres e as Irmãs ainda não são maltratados. As Irmãs, até agora, encontram agrado aos olhos dos revolucionários, e até lhes concedem uma certa confiança. O General Alfaro mandou dizer às Irmãs de Zicalpa que queria jantar na casa delas, junto com o seu estado-maior. E o mensageiro acrescentou: "Terão que gritar: 'Viva Alfaro!'" - "Nós somos estrangeiras," responderam as Irmãs, "não compreendemos muito de tudo isso. Mas vamos fazer o melhor jantar possível..." - "Sobretudo, não esqueçam de gritar, logo que ele chegar..." Alfaro chega com seus oficiais. As Irmãs não gritam nada, mas a mesa estava muito bem servida: "Bah! As mulheres não entendem nada de política!" Alfaro lhes agradeceu por terem atendido os feridos. A população tem sempre muita simpatia por elas.

Recebi do Padre Rollin, atualmente nosso Procurador em Roma, diversas cartas boas nas quais me anuncia o projeto da fundação, em Perúsia, de uma Obra das Oblatas, no estilo das Obras de Troyes. Essa obra é muito bem aceita pelo Papa e abançoada por ele. Deseja que essa Obra seja fundada; também eu desejo vê-la bem-sucedida.

Numa reunião de Cardeais, escreve-me também o Padre Rollin, o Cardeal Prefeito da Propaganda, nosso Superior primeiro, afirmou que os Oblatos de São Francisco de Sales são bons religiosos, que observam bem sua Regra e que ele os estima muito, porque são muito humildes e submissos à autoridade do Santo Padre; afirmou isso numa grande reunião de Cardeais. Vejo que o Bom Deus e sua divina Providência nos ajudam por toda a parte. Cabe a nós, agora, responder aos desafios da Providência.

O Prefeito da Propaganda, portanto, nos aprecia muito, o primeiro Secretário também. Faz para nós tudo o que pode junto ao Santo Padre e aos Cardeais para ser-nos útil.

A Boa Madre fez promessas, meus Amigos. No momento de sua morte, disse-me: "Será muito bonito!... Ver-se-á o Salvador caminhar ainda na terra." Ponhamos os pés nas pegadas dele. Cabe aos Senhores, meus Amigos, pôr-se à altura para realizar as promessas da Boa Madre; compete aos Senhores usar os meios e gravar profundamente no espírito o que

lhes digo. Seguindo os meus conselhos, terão a bênção de Deus, a comunidade prosperará, terá raízes profundas, difundir-se-á muito, avançará no Caminho, produzirá frutos de uma grande bênção.

O que lhes digo é o que vi e entendi durante 40 anos, durante 45 anos de minha vida; é o que testemunhava diariamente. Asseguro-lhes, afirmo-lhes a realidade dessas coisas; os frutos disso podiam-se ver na comunidade da Visitação. A de Troyes era verdadeiramente um relicário durante 40 anos, enquanto a Boa Madre vivia aí. Nunca vi que uma só religiosa tivesse um único pensamento contrário ao da Superiora; nunca!... É verdade que a Boa Madre era uma grande santa. Os Senhores leram a Vida dela. Não há nada a eliminar nessa Vida, nem um só i (cf. Mt 5,18); pelo contrário, haveria talvez diversas coisas a acrescentar, haveria a reforçar o que escrevi.

Olhem aí a sua herança, meus Amigos; uma herança preciosíssima. É dos Senhores, com exclusividade! Cabe aos Senhores conservá-la, compete aos Senhores valorizá-la.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 4 DE MARÇO DE 1896

O DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS

A última vez, eu lhes disse que retomaria esse assunto do discernimento dos espíritos. Há dois métodos, dissemos, para atingir as almas, para tocar a inteligência, o coração, a vontade daqueles que Deus dirige a nós.

Uma forma é a que chamo de método autoritário. Parte-se de si mesmo, de sua autoridade, do seu valor e de sua influência pessoal; a gente se impõe. A outra forma, o método da persuasão, consiste, pelo contrário, em procurar na pessoa a quem nos dirijimos o ponto propício por onde podemos prendê-la, penetrar-lhe o espírito e influenciar-lhe a vontade; o ponto de partida não somos mais nós, mas a outra pessoa.

Eu lhes disse que este era o método de Nosso Senhor. Ele não

se impunha, pelo menos geralmente. A uns ele se dirigia de uma forma, muitas vezes através de parábolas, a outros, de outra maneira. Aos Apóstolos, geralmente, não falava em parábolas. Bem no começo, não captavam muita coisa; mais tarde, pouco a pouco, sua compreensão se desenvolvia sob a ação da graça divina, até que conseguiram entender a verdade plena.

Este é também o método de São Francisco de Sales e deve ser o nosso. Este método se baseia na apreciação das pessoas, dos espíritos, dos caracteres, dos temperamentos, das circunstâncias de vida e do lugar. Assim por diante... Desta maneira a gente capta verdadeira e seguramente a alma e a vontade; elas não se desvinculam mais. Observem todas as pessoas que começam a compreender um pouco, e pela primeira vez, a pessoa de São Francisco de Sales ou da Boa Madre Maria de Sales. Encantam-se maravilhadas, dizendo: "Mas é isso o que eu estava procurando há tanto tempo! É disso que estava precisando, é isso que satisfaz às necessidades de minha alma!" Partiu-se precisamente daquilo que já havia nelas; serviram de ponto de partida os pensamentos deles, os seus desejos, o seu caráter, a sua maneira de ver, sua educação... A gente as granjeou. Isso está bem feito e permanece! Para acertar esse discernimento das almas, meus Amigos, é preciso muito juízo. Certamente requerem-se mais meios, capacidade e virtude do que para agir segundo o outro método que mencionei.

Tudo isso se nota bem em nossas Obras. O Padre Pernin foi, ultimamente, ao Congresso dos Católicos do Norte, em Lille. Apresentou um relatório sobre a organização de nossas Obras das Jovens Operárias de Troyes. Havia muitos senhores que se ocupam de Obras e muitos Padres Jesuítas. Perguntou-se ao Padre Pernin: - "Quem vigia as jovens operárias nas fábricas, nas ruas, no ir e vir?" - "Ninguém, ou melhor, a consciência."

- "Mas os Senhores não têm líderes de grupo, vigilantes, monitoras, relatoras? Então, deve de haver desordens espantosas aí! Isso não pode funcionar sem organização mais rígida." - "No entanto, funciona e vai até muito bem," respondeu o Padre Pernin. Acabei de dar-lhes as cifras e os resultados fáceis de verificar. Nosso princípio não é realizar uma espécie de exército regorosamente disciplinado, baseado na autoridade, mas dar a essas jovens operárias um lar, uma família cristã, onde sua consciência se forme, onde o senso de responsabilidade se desenvolva pouco a pouco e se torne sua garantia mais segura."

Não, meus Amigos, nosso método não é o desses senhores bem-intencionados que, pelo que parece, até agora não conseguiram chegar a resultados satisfatórios, através do método autoritário, nas Obras de jovens operárias que experimentaram.

No fundo, meus Amigos, nosso método não é outra coisa senão o método científico; na realidade, é o método da geometria, que é a ciência por excelência, como, por exemplo, nisto: a reta é a linha mais curta entre dois pontos. Parte-se daí. Tira-se daí toda uma série de conclusões, até para os problemas mais árduos e mais complicados. Se a gente montar toda a concatenação da geometria, de conclusão em conclusão, encontrar-se-á, na base de tudo, que a reta é a ligação mais curta entre um ponto e outro. Nosso método é tão racional como o é a geometria. Acertem bem o que pode e deve ser o seu ponto de partida. O discernimento dos espíritos levará os Senhores a encontrá-lo em cada alma que se lhes apresenta. Partam desse ponto inicial, desse ponto de visão comum, como se parte na geometria do axioma fundamental; procedam, de conclusão em conclusão, sem nunca perder o fio da meada, sem nunca aventurar-se, dentro do possível, sobre um terreno onde não podem mais estar de acordo, sem rebentar a corrente.

Os espíritos são muito diferentes uns dos outros, em conseqüência da educação, dos estudos, do meio onde se vivia ou no qual se vive ainda, do temperamento... Sim, o temperamento é um fator muito importante. Um temperamento efervescente não deve ser tratado como um temperamento calmo, brando e vagaroso. A educação também é considerada. O filho viu o pai fazer isso, ouviu a mãe dizer aquilo; isso ocasiona uma profunda impressão na sua personalidade e fica. Quando a primeira educação foi infeliz, o que fazer para restabelecer essa alma? É muito delicado e difícil. Naturalmente, não se deve dizer à criança que seu pai é um suseito que não presta e que sua mãe é uma ordinária. Talvez seja verdade, mas, de forma alguma, não convém dizê-lo... O que importa é remediar suavemente o mal; procure-se apagar delicadamente as más impressões, salvaguardando com cuidado o respeito pelo pai e pela mãe, no coração do filho.

A educação básica, a da família, deixa uma profunda impressão. Isso vale também para a segunda educação, a da escola. Isso é o grande mal da França atualmente. Há professores que desviam o educando de Jesus Cristo para conduzir o jovem para o diabo. Precisa-se arrancar essa presa do inferno, custe o que custar. Não se ensina mais às crianças a

fazer tudo no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; não se ensina mais a rezar; não se sabe mais inspirar-lhes pensamentos cristãos... pelo contrário! Não se lhes ensina mais a História Sagrada. Ensinam-lhes a ler através de ficções sobre gatos e cachorros ou também por meio de histórias de gente que não presta. Sejam muito perspicazes para descobrir por onde podem atrair essas crianças de hoje. Será necessário engenhar um ponto de entendimento mútuo que sirva como ponto de partida, como seu axioma fundamental, para chegar à conclusão, que é levar essa alma juvenil a Deus.

Essa é a missão toda especial que se apresenta aos Oblatos, em nomento presente. Eis a parte que lhes toca, essa é a sua tarefa, meus Amigos. Esse modo de proceder combina bem com os que encontrarem, nas paróquias, nas obras, nas missões, em toda a parte. Essa é a maneira certa de levar as almas para Deus. São Paulo disse: Omnibus omnia factus susm, ut omnes facerem salvos (1 Cor 9,22) (Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar a todos). Os Senhores têm que fazer como São Paulo com seus alunos, com os penitentes e as penitentes, com os rapazes e as moças das nossas Obras, com todos os que Deus lhes enviar.

O discernimento dos espíritos, isso é o seu fundamento e seu ponto de partida, junto com a teologia, evidente! Não se deve separar uma coisa da outra. Mas lembremo-nos de que se pode ser um teólogo muito bom e não ter prática, e não ter, sobretudo, juízo prático. É a história desse bom Padre Collet, que se considerava o maior teólogo do país e do seu tempo. Dizem que só confessou uma senhora idosa em sua vida e não chegou a absolvê-la, após prendê-la três horas no confessionário! Tenham conhecimento teórico da teologia, mas saibam também aplicá-la praticamente. Com essa base dupla do conhecimento teológico e do bom juízo prático para aplicar seu conhecimento, serão bem-sucedidos.

Suponham um aluno com cabeça de vento; não se sabe por onde agarrá-lo... No entanto, é preciso entendê-lo! Observem atentamente e olhem com cuidado. Deve de ter relação com o temperamento, talvez também com a primeira educação... ; talvez nunca, nem na família, nem na escola, tenha-se sabido tratar essa criança; pode ser também que a gente nunca se desse ao trabalho de tentar. Procurem; há sempre um cantinho vulnerável, por mais cabeça de vento que seja; procurem o ponto por onde atingir a inteligência, o coração dele; experimentem suscitar nele algum bom sentimento. Necessariamente, existe sempre algo bom e uma

coisa de bem nele; procurem isso; encontrá-lo-ão, pedindo-o a Deus. Acabarão por penetrar nessa alma, conseguirão atingi-la, granjeá-la e convertê-la. Conheci um pároco original que não conseguia transmitir nenhuma idéia sobrenatural e cristã à cabeça dos seus paroquianos. Nada os impressionava. Constatou, entretanto, que ainda lhes restava um certo respeito ao cemitério, aos túmulos de seus pais. Ele partiu daí e, num dia de Todos os Santos, em que tinham vindo em grande número à igreja, falou-lhes suavemente: - "Vós blasfemais, trabalhais nos domingos, vos esqueceis de vossa religião; não é isso o que lhes ensinaram seus antepassados, que eram bons cristãos. Quando passais frente ao cemitério, eis seu pai, eis sua mãe que os observam, arregalando os olhos!... O que dizem de vós?... - "É verdade! Nunca pensei nisso," dizia no fundo do coração, cada um dos seus ouvintes. Ficaram comovidos, enchendo-se-lhes os olhos de lágrimas; compreenderam que estavam agindo mal e que precisavam mudar.

Os Senhores têm contato com um jovem, com uma moça, com uma mãe de família... A família é boa, mas tem certos preconceitos, certos modos de ver ou de agir que os Senhores não podem apreciar, que absolutamente não são como deviam ser. Será que os Senhores vão queimar-se, tentando reformar tudo, sem autorização e mais ou menos desastradamente? Os Senhores vão tentar impor-lhes autoritariamente suas idéias, porque as suas são as boas? Não inventem fazer isso. No meio dos maiores erros, sempre há alguma coisa de verdade. Tomem esse pouco de verdade, apóiem-se sobre isso e partam daí. Façam como na geometria e esforcem-se por deduzir, de problema em problema, todas as verdades que esse primeiro princípio contém; tudo está no todo. Este é o meio que usava São Francisco de Sales e, além disso, é o do próprio Deus; ele não usa outro com relação aos homens. Nosso Senhor curava as doenças do corpo, para chegar às da alma; dava pão à multidão faminta, para prepará-la à fé na Eucaristia; consolava os aflitos e prometia-lhes a felicidade do Céu. Os homens são sempre iguais, entendam bem isso; sempre têm um ângulo vulnerável de incidência, um lado onde são mais fracos do que uma menininha. Encontrem esse ponto sensível e avancem por aí.

Haverá gente que lhes dirá: Eu acho graça de tudo isso; eu desprezo os homens e seus defeitos; sou misantropo. Existem pregadores, como o pequeno Padre André, no tempo de Richelieu, que não estariam dispostos a fazer mais caso das muitas cabeças dos ouvintes à sua frente, durante o sermão, do que das cabeças de couve que ocupavam os can-

teiros da horta. Não devemos nunca pensar nem agir assim, nunca! Mas vejam, pelo contrário, como se deve fazer. Temos que pensar que somos todos filhos de Deus e irmãos de Cristo; todos somos de descendência nobre! Há dentre nossos irmãos os que não compreendem as coisas, que desconhecem mais ou menos sua origem divina, que dão atenção ao diabo e, através de sua conduta indigna, se tornam infelizes agora e para a eternidade. Não se deve desprezá-los, porque já são muito infelizes, mas é necessário redobrar as orações e o zelo diligente para conseguir a salvação dessas almas.

Essa idéia seja o nosso ponto de partida, meus Amigos. Certamente, não é um pensamento orgulhoso! Sabemos muito bem que, se nós compreendemos bem essas coisas, se temos fé, não é mérito nosso. É um dom gratuito de Deus. Sem a graça, seríamos nós talvez piores do que eles; seríamos, possivelmente, gente que não presta... Por que há muitos velhacos hoje em dia? Porque existem menos Padres e Religiosos e porque muitos daqueles que não seguiram sua vocação e a perderam, tornaram-se uma peste da sociedade. Põem sua inteligência a serviço do erro e sua vontade em função do mal. Reparem a história que essas pessoas estão escrevendo, e como ela fica sob a influência delas. Meçam os Senhores o valor delas, com relação à política, à honestidade e à moral. Certamente valemos muito mais do que eles quanto à compreensão, porque estamos com a verdade; no que diz respeito à moral, porque temos o temor de Deus; e o temor do Senhor, diz o Salmista (S 110,10), é o início da sabedoria.

Devemos partilhar com os outros a luz que o Senhor nos deu; humildemente, porque sem a graça seríamos piores do que eles e porque essa luz que levam não é nossa, mas vem de Deus. Teremos, assim, uma atitude conveniente, digna; seremos moderados nos julgamentos, donos de nós mesmos e caridosos em nossas palavras. Dirigimo-nos às almas, investidos de uma missão do alto, portadores dos benefícios de Deus para seus filhos. Vamos a todos os que conseguimos encontrar e que Deus nos coloca no caminho.

Suavemente damos-lhes a mão e os conduzimos ao Bom Deus. Esse é o nosso método, meus Amigos.

Mais uma vez, é assim que se deve agir na aula, na catequese, no púlpito, no confessionário, numa palavra, em todos os contatos que os Senhores tiverem com o próximo.

CAPÍTULO DO DIA 11 DE MARÇO DE 1896

CORAGEM - A NOSSA POBREZA - EMPENHO NO CAMPO MATERIAL (ANAIS SALESIANOS - AS OBRAS OPERÁRIAS)

São Francisco de Sales nos repete freqüentemente que devemos ter muita coragem. Tenhamos, portanto, muita coragem durante esta Quaresma. Tenhamos muita coragem para empregar os meios que temos para sacrificar-nos, não somente no espírito e no coração, mas também no que diz respeito ao corpo e a nossos atos exteriores. Se pudéssemos todos formar o costume de ser fiéis ao Diretório; se todos nós fizéssemos apropriadamente a reta intenção para todas as nossas ações, de maneira que sempre tenhamos alguma coisa para oferecer a Deus, particularmente a dificuldade e a mortificação que se encontram em cada ação de Oblato! Assim tornar-nos-emos santos; é o meio mais eficaz para chegarmos lá e tudo nos sairá bem-sucedido. Se, pelo contrário, seguirmos a inclinação da natureza, se antes de mais nada procurarmos evitar o sofrimento e a mortificação, se quisermos satisfazer-nos os sentidos, o espírito, o coração, não chegaremos a nada.

Faremos o propósito, durante esta Quaresma, de aceitar a contrariedade e a mortificação, todas as vezes que se apresentarem em nosso caminho; só assim seremos verdadeiramente religiosos e Oblatos de São Francisco de Sales. Experimentemos isso e vejamos. Lembro-me de que, quando estava no Seminário Menor, lia-se todos os meses o regulamento. Havia esta frase que sempre me chamava a atenção: "A paz, a alegria, a felicidade são conseqüência do cumprimento pontual deste regulamento." Pode-se dizer a mesma coisa quanto ao Diretório bem observado e com referência à reta intenção cuidadosamente realizada. A oração custa e cansa; o trabalho intelectual e material talvez não agrade; os contatos com o próximo nem sempre são agradáveis, amáveis e fáceis... aí estão o desgosto e a mortificação que havemos de aceitar.

Se entre nossos irmãos houver alguém que tenha inclinações, maneiras de ver que nos amolam e desagradam, maneiras de agir que não achamos apropriadas, até inconvenientes, tenhamos paciência; aceitemos isso com paciência e tranqüilidade de espírito.

Até com nós próprios temos muito que suportar. Olhando bem, se

eu encontrasse alguém que faria exatamente como eu, será que eu me daria bem com ele? Acredito que não; suas maneiras, seus modos, muitas coisas nele me contrariariam. Esse é um critério muito valioso, um meio muito certo e seguro para conhecermos e julgarmo-nos a nós mesmos. O que pensaríamos de quem fosse parecidíssimo conosco? Temos paciência conosco; tenhamos paciência também com os outros e suportemo-los com paz e tranqüilidade de espírito. Nossa mortificação não deve ser apenas espiritual. É preciso compreender bem a vida religiosa. Não devemos viver como os homens do mundo, nem mesmo como os diocesanos ou os seminaristas. A vida, para nós, religiosos, deve ser uma vida de sofrimento e de mortificação em tudo: roupa, comida, e tudo mais. Não estou sendo teórico, meus Amigos; não estou dizendo-lhes coisas especulativas. Devemos praticar estrita e efetivamente a pobreza, temos que ter atenção para a pobreza em nossa roupa, em nossa modesta mobília. É preciso cuidar de tudo o que é para o nosso uso, para que se conserve; não se deve gastar nada ou o menos possível. Nossa vida deve ser como a dos pobres; usemos roupa de pobres, poupemo-la, cuidemos dela, economizemos e façamo-la durar. Dirão os Senhores que estou falando em favor do Ecônomo Geral? É verdade, é necessário...

É preciso compreender bem a situação atual; os colégios quase não conseguem mais sustentar-se; o governo fornece às suas escolas enormes subvenções. As contribuições dos pensionistas diminuem, porque há uma crise econômica generalizada, e, cada vez mais, o poder aquisitivo diminui. Quando fundei Santo Ouen, diziam-me: "Estabeleça preços bem altos, eleve as prestações dos pensionistas ou não terá ninguém." Hoje, todos pedem abatimentos. O dinheiro está sumindo ou se reduz, quase em toda a parte. Nos colégios, como alhures, as despesas aumentam e os recursos diminuem. É indispensável, portanto, dedicarmo-nos urgentemente à economia. Esse pensamento ajudar-nos-á na prática da pobreza.

Beati pauperes spiritu (cf. Mt 5,3) (Bem-aventurados os que têm um coração de pobre); apreciem o que é pobre, o que não requer dinheiro, o que não custa nada, o que é econômico e o que cheira verdadeiramente a pobreza. Estou falando em pobreza decente e conveniente e não em pobreza profissional, maltrapilho, negligente, desprezível; não, isso não é o nosso espírito. Todos os autores que escreveram sobre a vida de Nosso Senhor referem-se ao grande capricho com que se cuidava certamente a santa casa de Nazaré. Comparam a beleza da alma fiel a es-

sa morada do Salvador. Também nós, meus Amigos, devemos amar apaixonadamente e de forma igual tanto a pobreza quanto o asseio. A negligência nisso origina-se da grosseria de idéias e da má educação. Importa que os Oblatos estejam vestidos convenientemente, que gostem de ordem, de limpeza, que sejam cuidadosos e façam com que o que têm para o seu uso se conserve por muito tempo. Somos pobres, pobres necessitados e muito indigentes; sejam, portanto, muito cuidadosos em administrar o que Deus e a Santa Igreja lhes confiaram.

Somos pobres, meus Amigos, e obrigados a providenciar recursos para a comunidade. Devemos interessar-nos e interessar outros em nossas obras. Há um assunto pelo qual lhes peço particularmente que se interessem: trata-se da difusão dos "Anais Salesianos" que divulgam a Congregação e que podem proporcionar-nos vocações e recursos. Estão-se espalhando, são lidos com muito interesse, assim me contaram; diariamente recebo elogios por parte de pessoas entendidas. Dizem-me que é uma das melhores revistas e que a redação supera o nível normal de todas as revistas desse tipo. Não quero compará-la, naturalmente, com as revistas científicas, os "Estudos" dos Padres Jesuítas, por exemplo; o fim que queremos alcançar não é o mesmo. Mas o jeito que adotamos é bem apropriado. Os "Anais Salesianos" são interessantes, de valor literário; divulgam o espírito de São Francisco de Sales e da Boa Madre; informam sobre as atividades dos nossos Padres nas Missões e nas Obras e atraem-nos a simpatia de todos. Devemos interessar-nos e colaborar, procurando assinaturas novas em cada ocasião que se apresentar e enviando também algum relato ou algum trabalho interessante para o redator.

Olhem entre os Padres Jesuítas; ninguém deixa de fazer propaganda dos "Estudos"; todos se apóiam e mantêm cerradas as fileiras. Obedecem à palavra de ordem e têm razão. É assim mesmo que uma Congregação se conserva, aumenta, ganha a confiança, espalha suas obras e obtém bons resultados. Façamos a mesma coisa, meus Amigos. Estando entre nós, claro que podemos permitir-nos umas coisinhas, alguma brincadeira inocente, conquanto não vá longe demais; mas, frente a outros, frente a pessoas estranhas, abstenhamo-nos disso cuidadosamente. Pelo contrário, recomendemos os "Anais" cordialmente, fazendo elogios e procurando assinaturas novas.

Vamos ter nossa "Obra do Sacerdócio". Cada um de nós faça-se apóstolo disso. Essa será logo regulamentada. Cada um procure e recrute adeptos. Também precisamos procurar recursos. Cito como exemplo a Dio-

cese de Troyes, uma das mais pobres da França. Ora, o Seminário de Troyes tem 7 mil libras de renda que um bom e excelente Sulpiciano lhe concedeu. Entre parênteses, original de marca como era - não devemos imitá-lo nisso - ele, o Sulpiciano, fez uma fundação em favor dos Lazaristas! Fui visitá-lo, quando era Superior do Seminário Maior de Nantes. - "Eu gostaria de ver os seus seminaristas," disse-lhe. - "Para quê isso?", respondeu-me bruscamente. "O Senhor é como todos os Bispos que chegam aqui; todos me pedem ver os seminaristas... Não os verá. Dar-lhe-ei uma refeição, mostrar-lhe-ei a casa, e só." Depois do almoço e a visita à casa, mostrou-me a porta. Assim foi o original de Drouin. Graças a ele e a alguns outros, o Seminário de Troyes tem fundações para uns quarenta seminaristas; tem com o que custear os professores, mesmo sendo, repito, uma das Dioceses mais pobres da França.

Nós aqui temos um pessoal mais numeroso e não temos um só tostão de fundações. Estamos obrigados, em consciência, a providenciar isso. Interessemo-nos por essa "Obra do Sacerdócio", meus Amigos, que se destina, precisamente, à arredação de fundos. Quando tivermos a ocasião, durante o exercício do ministério, durante nossos cursos, em nossos contatos com estes ou aqueles, lembrem-se disso. Todo o bom pároco, afirma-se, fareja e recolhe em favor do seminário... Reparem como um dos Seminários mais pobres teve a chance de encontrar recursos consideráveis. Nós temos obrigações maiores e não temos recursos. As Oblatas podem viver, porque, quando não se permitir mais ministrarem aulas, poderão costurar, poderão fazer confecções e, se necessário, poderão até tornar-se empregadas; todas, ou quase todas, poderão ganhar seu pão. Os Oblatos não ganham nada e é preciso viver. Para ser Oblato é preciso estudar muito tempo; enquanto estudam, é indispensável providenciar alimentação, roupa... Repito, meus Amigos, pensar nisso é um dever de justiça de cada um. Temos que recomendar isso ao Bom Deus nas orações, inventar meios para angariar recursos. É uma obrigação tanto mais urgente, sendo que não temos nenhum fundo de reserva; estamos à mercê dos acontecimentos; não temos nada que é nosso, a não ser a casa. Ora, não se pode viver sem nada.

Não estou pedindo que a Congregação se torne rica. O que é necessário é que os Oblatos, que todas as suas Obras possam viver com seu trabalho e que cada casa possa sustentar o seu pessoal. Nossa comunidade funcionará em conseqüência do nosso trabalho e da economia que pu-

dermos fazer e do cuidado que tivermos para fazer durar e conservar o que temos em mãos. Se tivermos verdadeiramente o espírito de pobreza e de economia, se tivermos o senso de nossa conservação e de nossa dignidade pessoal, preocupar-nos-emos por encontrar o necessário. Essa idéia, meus Amigos, essa finalidade nos suscita na alma uma coisa muito boa, de índole religiosa.

Quanto às Obras para as moças, já fiz a experiência. Queria tentar o mesmo para os rapazes, mas não tive sucesso; é muito mais difícil! O que realizei é uma verdadeira revolução no campo da educação das jovens operárias. Muitas vezes vi de perto exemplos de moças que foram educadas, presas nas oficinas de caridade e que levavam consigo, durante toda a sua vida, uma como tara de preguiça, de má educação e, muitas vezes, até de libertinagem. Depois de passar por lá, o que ainda lhes sobra de bom passa despercebido, não se encontra mais nada.

Algumas privilegiadas, bem colocadas em casas honradas e cristãs, ainda se conservam um pouco, mas é bastante raro... Nós temos órfãos. Faço-as trabalhar para si, a partir de 6 ou 7 anos de idade. Ganham um tostão, dois ou três no começo; elas fazem as contas e se afeiçoam ao trabalho. Todas ou quase todas ficam fiéis e cristãs; aprendem, trabalhando desde cedo, o que é a vida. A menininha de 6 anos que tem sua carteirinha, que compra com dinheiro próprio seus sapatos, seu vestido, começa a descobrir a seriedade da vida; compreende que é ao seu trabalho que deve o pão que come.

Meus prezados Amigos, se nos dermos conta das despesas que fazemos, se procurarmos enfrentá-las através do nosso trabalho feito em espírito de pobreza, aos olhos de Deus, isso se tornará para nós um crédito de moralidade, de santidade.

Posuit Adam in paradiso, ut operatur et custodiret illum. (Gn 2,15) (Tomou o homem e o colocou no jardim... para o cultivar e o guardar). Então, no procedimento de nossa vida, observemos cuidadosamente o voto de pobreza. Façamos da necessiade uma virtude. É uma virtude que se nos impõe, e não vemos a possibilidade de não praticá-la. Essa necessidade de trabalho é um dos capítulos mais importantes da moral; não nos esqueçamos disso.

Quero referir-me ainda a uma observação que fiz quanto à educação das moças. Eu tinha contatos com a Senhora Boursetty, referente ao orfanato de Santa Ana, em Troyes. Eu esperava, após a morte dessa

senhora, fazer o orfanato funcionar de acordo com as minhas idéias; foi por isso que o aceitei. A Senhora Boursetty tinha conceitos de educação que não combinavam com os meus. Depois da morte dela, o orfanato passa a outras mãos, como os Senhores sabem. O que aconteceu? Mais da metade daquelas jovens se tornaram mulheres de má fama, no sentido pior da palavra. Elas faziam, durante o tempo de sua educação, projetos meio extravagantes para o futuro. Já nos tempos da Senhora Boursetty, uma delas lhe tinha enviado uma fotografia... em traje de banho. Era uma sem-vergonhice de idéias e costumes inacreditável. Ora, lá eram educadas pequenas princesas; a noção do trabalho e da vida séria não existia entre elas.

Meus amigos, esse Capítulo seja acrescentado aos costumes de nossa vida cristã e religiosa, e a Congregação aumentará e florescerá.

Execute-se bem o que acabo de dizer; isso é muito importante. Dediquemo-nos ao espírito de pobreza, de economia, de trabalho, dizendo entre nós: Eis a Congregação, ela precisa que isso lhe seja conseguido. Reza-se, então, pensa-se e age-se. Digam de si para si também: Preciso ganhar o pão; é necessário que eu faça alguma coisa de minha vida. Tendo essa convicção, os Senhores a passarão para o outros e ela será o seu grande princípio de educação nos seus contatos com a juventude. Isso não se encontra nos livros, isso também quase não se ouve nos sermões... A educação, hoje em dia, é muito leviana e superficial. Que provêm das famílias mais cristãs? Jovens que sabem beber, comer, andar a cavalo talvez, mas que não sabem pensar no dia de amanhã. Só vivem de futilidades; só pensam na sua apresentação, na comida, no divertimento; não sabem ser alguém e fazer alguma coisa.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 18 DE MARÇO DE 1896

O JUGO DA DISCRIÇÃO RELIGIOSA

A vida religiosa é um jugo que deve ser suportado. É uma carga que deve pesar continuamente nos ombros de todos os Oblatos de São Francisco de Sales. Não somente nossos atos exteriores, mas também os próprios pensamentos fazem parte de uma engrenagem, são envolvidos e sujeitos. Esse jugo da nossa vida religiosa nos proporcionará muita felicidade se o carregarmos bem. A Sagrada Escritura afirma: Bonum est viro cum portaverit jugum ab adolescentia (Lm 3,27). É bom para o homem carregar seu jugo desde sua mocidade.

Quando se aguenta corajosamente esse jugo, sem cansar-se, sem querer colocá-lo de lado, torna-se leve e suave: Jugum meum suave est et onus meum leve (Mt 11,30). Mas, carregando-o a contragosto, a vida religiosa e o estado de dependência se tornam difíceis; o jugo fica duro e cruciante. A Boa Madre dizia-me: "Dê tudo a Deus; quando tiver dado tudo a ele, verá que está tendo tudo." É difícil praticar isso, não há dúvida; isso requer uma vigilância contínua sobre si mesmo, pois todo o nosso ser deve pertencer a Deus.

Conformemo-nos, portanto, a esse espírito, meus Amigos. Nisso consiste ser religioso e é isso que constitui sua felicidade e seu vigor. Para isso, devemos apegar-nos à observância e não ser servidores de nossas facilitações e caprichos. Não se deve ceder nem à vontade, nem às más inclinações, nem tampouco à falsa liberdade. Não se deve dar largas às paixões, mas importa sujeitar com cuidado ao jugo da observância religiosa todos os nossos atos e todas as nossas expressões de vontade, todo o nosso exterior e nosso interior.

Comecemos com o exterior. Lembro-lhes - refiro-me sobretudo aos jovens que ainda não estão acostumados com essas coisas - que, para ser um verdadeiro religioso de São Francisco de Sales, a gente tem que respeitar a observância, isto é, obedecer à Regra e às recomendações dos Superiores, em todas as coisas. Tem que se observar o silêncio; precisa-se cumprir a regularidade e a pontualidade em todas as tarefas, sem deixar-se guiar pelas idéias e inclinações próprias.

Fiquei sabendo que alguns dos nossos jovens Padres não são prudentes nos contatos com os estudantes. Há carinhos, tapinhas nas faces. Não sei se não houve abraços. Tudo isso, meus Amigos, é terminantemente proibido. Não estou dizendo isso para contrariar e humilhá-los; estou afirmando isso, porque é a verdade. Isso é o que de mais perigoso pode haver no contato com as crianças. A natureza humana tem certas inclinações que não se deve seguir. Procuram nisso alguma pequena satisfação; é uma fraqueza, uma vil debilidade. Essa fragilidade os levará a outra. É extremamente importuno; isso pode tornar-se facilmente e um e em pouco tempo um assunto muito grave. Acreditem-me; sendo de idade avançada, a gente tem experiência e julga corretamente. O Senhor se sente atraído por esta criança... Não é nada, evidente. Mas esse pequeno não-sei-o-que, essa pequena chama cheira mal, cheira a enxofre e ao inferno... Tomem cuidado! Eu lhes digo que isso cheira mal; não quero dizer que os Senhores sejam maus; mas isso significa que têm dentro de si um germem que, desenvolendo-se, tornará maus os Senhores e os corromperá, perdendo-os para sempre. Atenção com isso...

Mas por que o Bom Deus me colocou no coração esta necessidade de afeto? Para que o Senhor oriente o coração para o lado dele, para que seja bem generoso, delicado, mortificado, atento a não aceitar outro amor a não ser o dele. Pois, traham vos in funiculis Adae (Os 11,4) (Segurava-os com laços humanos, com laços de amor). Sim, sejamos bem religiosos. É preciso que amemos os nossos alunos bem religiosamente. Queiramo-los bem, rezando por eles, ao recomendá-los ao Bom Deus e nunca procurando satisfação no bem-querer para com eles. Assim faremos bem para eles; do contrário, somente se lhes faz mal.

Os Senhores podem constatar acertadamente uma coisa, meus Amigos. Lembrem sua infância, sua juventude. Se encontraram crianças ou jovens que foram amados dessa maneira, com uma afeição demasiadamente natural, demasiadamente sensível e um pouco sensual, geralmente, depois se desviaram. É a maldição divina que parece estar ligada a essa forma de afeto; e isso acontece sobretudo, parece, quando se trata de um sacerdote, de um religioso que se permite isso. É muito sério o que lhes estou dizendo, meus Amigos. Lembrem-se disso. Um esquecimento passageiro pode não ser nada, mas se há no Senhor uma tendência nesse sentido, tome cuidado. Particularmente, se há reincidência, é perigoso.

Carreguemos, portanto, o jugo de Nosso Senhor nesse sentido,

isto é, referente às inclinações naturais. Somos homens; nossa natureza está inclinada a uma série de vícios e a uma porção de baixezas. Controlemo-nos durante esta Quaresma, mortifiquemos as nossas inclinações e os gostos. Carreguemos o jugo também em toda a nossa conduta. Tenhamos modos de um religioso, o recolhimento exterior, a modéstia dos olhos na rua. Dom Camus, Bispo de Belley disse que São Francisco de Sales, seu amigo, era um grande santo, porque, mesmo sozinho no seu quarto, mantinha tanta dignidade, reserva e modéstia, como se estivesse numa assembléia de Bispos. Os Senhores sabem o que esse bom Dom Camus tinha feito, uma grande indiscrição. Quando São Francisco de Sales vinha ao Bispado de Belley, Camus o espiava através de um buraquinho que tinha feito na parede divisória de seu quarto. "Nunca o vi ficar à vontade; sozinho, se comportava como fazia diante de todo o mundo." Pratiquem isso um pouco, meus Amigos, durante o tempo da Paixão. Quero estimulá-los a habituar-se a isso.

Dessa maneira, terão a bênção de Deus sobre si e receberão graças muito especiais. Isso também atrairá bons noviços e bons candidatos, pois: In odorem unguentorum tuorum currimus... (Cat. 1,3) (Seguimos a suave fragrância de teus perfumes). É o perfume das virtudes religiosas que atrai as almas.

Tenham sempre presente este pensamento: eu sou religioso! É preciso que tudo seja para Deus e nada para mim. Tudo o que faço deve ser para ele, para a glória dele, a serviço de sua vontade, para seu beneplácito, para seu amor. Deve-se também aceitar tudo como provindo das mãos dele. É assim que se chega a ser um bom religioso.

Estamos no tempo da Paixão, tempo muito propício à santificação da nossa alma. Tesouros de graças se nos abrem. Essas grandes festas anuais não podem passar sem deixar um rasto. A Igreja está encarregada de aplicar às almas os méritos da Salvação; é a continuação da Redenção do Salvador. A Redenção começou com o sacrifício da Cruz e continua em tudo o que acontece na Igreja. Mas, na Igreja, quem é que está encarregado, de maneira particular, dessa obra redentora? O apóstolo, o sacerdote, o religioso. Compreendam isso, meus Amigos, e executem-no. Ademais, para que poderão servir? O que poderão fazer? "O que fostes ver no deserto?", perguntava Jesus aos Judeus (cf. Mt 11, 7.8), "um homem leviano e sem consistência, um caniço agitado pelo vento, um homem vestido de roupas luxuosas, um homem que procura sua comodidade?... Que fostes ver, então? Um profeta? Um homem mortificado e que prega a mor-

tificação? Sim, digo-vos, mais que um profeta. Compenetrem-se dessa verdade. Mãos à obra! Na meditação da manhã, façam o propósito de ser verdadeiros religiosos, de carregar o jugo nos ombros, de levar com valentia seus grilhões, como os carregava São Paulo: Quoniam vincula Jerosolymis me manent... (At, 23) (Em Jerusalém me esperam prisões...). Mementote vinculorum meorum.. (Col 4,18) (Lembrai-vos das minhas cadeias).

Sim, nós estamos, como ele, carregados de correntes, in vinculis Christi (nas algemas de Cristo), e os liames nos apertam de todos os lados. Sujeitem-se à obediência ao Diretório. Reparem como a Boa Madre Maria de Sales sabia submeter-se. Nunca conheci uma alma mais obediente, mais fiel do que ela. E a santidade, meus Amigos, é exatamente isso. Nós somos seus filhos, somos os seus herdeiros; bem devemos apresentar alguns traços de nossa mãe.

Todos temos a mesma finalidade; tenhamos também todos o mesmo modo de agir e a mesma maneira de ver. Durante a meditação, repito, na hora da Missa, no decorrer do dia e em cada uma das suas atividades, vejam se estão perfeitamente submissos. A vida sobrenatural consiste exatamente nisso e aí também se encontra a doutrina de São Francisco de Sales e a da Boa Madre. E essa é a verdade completa.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 25 DE MARÇO DE 1896

O FIM DO INSTITUTO - AS DUAS CLASSES - A ADMISSÃO INICIAL

Aproveito, hoje, as Constituições do Instituto:

"Fim do Instituto -

Os membros do Instituto, colocando-se sob o patrocínio de São Francisco de Sales, propõem-se praticar as virtudes sacerdotais e religiosas, segundo o espírito do Santo Doutor."

O primeiro Artigo é fácil de compreender e não precisa de muita explicação. Reza que a finalidade que nos propomos é a prática das

virtudes sacerdotais e religiosas conforme o espírito de São Francisco de Sales. O espírito do Santo Doutor é um espírito de muita simplicidade; é um espírito essencialmente prático. O religioso que avança nesse caminho deve santificar-se com coisas que tem na mão, com a Regra, o Diretório, com suas ocupações quotidianas. Não deve procurar alhures outros meios de santificação. Santifica-se pelas coisas que tem que realizar todos os dias, pelos afazeres de cada minuto, no meio das pessoas com as quais está em contato, com suas virtudes e seus defeitos, com a sua mentalidade e sua maneira de ver pessoais. O Oblato de São Francisco de Sales deve entender claramente isto: a santificação se encontra somente no serviço de cada dia. Aí está o segredo que não se deve desconhecer.

Chamo a atenção dos jovens religiosos sobre esse ponto. Deve-se remover o homem velho, como diz São Paulo (Ef 4,22; cf. Rm 6,6; Col 3,9). Antes é necessário desfazer-se do homem jovem, do colegial, do seminarista. Os seminaristas poderão ser, um dia, bons párocos, bons vigários; mas serão bons religiosos? Não pretendo falar mal dos seminaristas, evidente! Quando eu estava no Seminário de Troyes, tínhamos diretores sábios e santos; naquela época, o Seminário era florescente e muito estimado. Havia um colega meu que, durante todo o tempo de seminário nunca disse uma palavra na hora do silêncio e fora do recreio e que nunca faltou no mínimo contra a caridade. Era realmente um santo; havia nele o suficiente para formar dez bons religiosos do nosso estilo. Havia outros que, sem alcançar o mesmo nível de virtude, chegavam-lhe bem perto. Tornaram-se bons sacerdotes que edificaram seus paroquianos e salvaram-lhes as almas. Mas, quando falo de "seminarista", de "espírito de seminarista", não me refiro a isso. Faço alusão aos que não são bem modelos que eu lhes possa apresentar. Os Senhores não tenham o estilo de seminaristas, o jeito colegial que tudo julga, que tudo critica.

Escutem nossos jovens religiosos que, sim, são desse tipo de seminarista: "Sentar-se direito, estar de joelhos como convém, sem apoiar-se, de corpo erguido... que importa!..." Com essa visão limitada, critica seus coirmãos, critica a Regra... Não, não, meus Amigos, não é assim que se é Oblato. É uma falta de juízo e de espírito religioso. Essas coisinhas podem não ser nada para os outros, mas para nós isso é muito, é tudo, porque é nisso que consiste o ser Oblato. Reparem

São Francisco de Sales, com sua grande inteligência. Olhem como aproveita com cuidado e não perde a mínima prática de virtude. Pois bem, o nosso Instituto se destina a praticar as virtudes sacerdotais e religiosas, segundo o espírito do Santo Doutor, conforme seu Diretório espiritual. Portanto, os Oblatos **"empenhar-se-ão seriamente por santificar-se a si próprios..."**

"Duas classes de Oblatos. -
Os membros da Congregação se distinguem em duas ordens: os clérigos que levarão o título de Padres e os Irmãos Coadjutores que têm o título de Irmãos."

Rezem ao Bom Deus para que nos mande Irmãos. É muito difícil encontrar bons Irmãos, em nossos dias. Os Irmãos, não tendo recebido a mesma instrução, não tendo tampouco os mesmos meios de sustentar-se como os Padres, a celebração da Santa Missa, o Breviário, as obras do Ministério Pastoral, têm uma tarefa mais difícil, mas também mais meritória. Exteriormente - se não são, no íntimo do seu coração, perfeitos religiosos - geralmente, não têm mais do que os simples fiéis piedosos. Isso não é suficiente para muitos que não sabem apreciar o essencial da vida religiosa e para os quais o exterior é tudo. Quase não se pode mais recrutar Irmãos, a não ser nas regiões que ficaram profundamente católicas, onde todos fazem sua Páscoa. Esse recrutamento já é bem difícil e, sem dúvida, no futuro, tornar-se-á ainda mais problemático.

Devemos rodear os nossos Irmãos com um bem querer e também com respeito. Ajudemo-los. São muito úteis e necessários à Congregação; e, por sua vez, eles podem encontrar nela meios preciosos de santificação. Os Padres do Espírito Santo encontraram a maneira de ter muitos Irmãos; primeiro, vão procurá-los na Alsácia e nas regiões de fé; além disso, eles têm obras, patronatos, orfanatos agrícolas e lá recrutam os seus Irmãos. Esse recrutamento é uma das suas maiores preocupações, e eles têm razão.

"O que o postulante deverá fornecer para seu sustento, será fixado segundo as necessidades da casa e a ajuda que o postulante pode lhe proporcionar."

Em Roma, queriam modificar esse ponto das nossas Constituições e determinar exatamente a quantia necessária para o sustento de quem entra na Congregação. Discutiu-se muito esse assunto, parece, na Comis-

são encarregada do estudo das nossas Constituições. Sendo que as vocações religiosas são freqüentemente recrutadas nas famílias que não têm condições de fazer despesas, torna-se imperativo, muitas vezes, aceitar os candidatos do jeito que vêm, sem poder exigir-lhes uma contribuição fixa. Aceitando-se nossas observações, o texto ficou como por nós elaborado anteriormente.

Mas importa que o postulante que chegar compreenda bem que, se tem condições de pagar uma pensão, deve fazê-lo; e, se lhe é impossível, deve suprir àquilo que não pôde pagar do seu bolso e providenciar dentro de suas possibilidades, acerca dos gastos de seu sustento, através de sua assiduidade no labor, no trabalho manual, pessoal, através de todo o tipo de serviços que puder prestar. Tenhamos sempre esse cuidado de ganhar nosso pão, independente da tarefa que temos a cumprir, seja pregação, seja confissões, seja vigilância, seja magistério, etc... É difícil ter recursos para sobreviver em nossos dias. É necessário que cada um se empenhe de todo o coração. Isso, aliás, será uma das bênçãos da nossa vida religiosa, essa humilde preocupação de ganhar-se o pão, pois: Beati pauperes spiritu...(Mt 5,3) (Bem-aventurados os que têm um coração de pobre); o espírito de pobreza, é essa a idéia que devemos alimentar constantemente e que deve conduzir-nos a viver como pobres que estão a serviço da Congregação, que também é pobre.

Essa é uma visão muito preciosa, meus Amigos, tanto mais por ser exatamente a verdade. Conta-se - não sei se é bem verdade - que um pregador que estava pregando para os Jesuítas, na ocasião da festa de Santo Inácio, lhes disse: "Reverendíssimos Padres, os Senhores fazem profissão solene da santa Pobreza; é muito bonito. Mas precisam praticá-la, e, para praticar verdadeiramente a pobreza, requer-se sentir falta de alguma coisa. Olhando, vejo que não lhes falta nada..."

Foi uma ousadia de mau gosto e, ademais, injusta. Mas não seria um pouco o nosso caso, meus Amigos?... Lembremo-nos que não fazemos o voto de Pobreza para que não nos falte nada. Fazemo-lo para sermos bons religiosos, e esse voto não será completamente observado por nós, se não estivermos apegados à pobreza, ao fato de faltar-nos alguma coisa, apegados ao contentar-nos com pouco, ao conservar com cuidado o que nos é confiado, se não estivermos apegados, finalmente, ao procurar recursos para a Congregação. Os Irmãos estão encarregados de sustentar seus irmãos: Alter alterius onera portate (Gl 6,2) (Ajudai uns aos ou-

tros a carregar os vossos fardos). Voltemos a pensar nessa idéia. Trabalhemos para os nossos irmãos, esforcemo-nos pela Congregação. Esse intuito será para os Senhores - creiam-me - um valioso meio de santificação, de recolhimento, de verdadeiro espírito religioso. Viveremos, então, numa atmosfera totalmente divina.

"O Noviciado durará um ano inteiro, segundo a norma do Santo Concílio e Constituições Apostólicas."

O Noviciado deve ser verdadeiramente um Noviciado de fidelidade, de pontualidade, de observância das pequenas práticas, ou seja, segurar uma palavra inútil, cuidar da postura... O noviciado é o molde de toda a vida religiosa. Faz-se um molde de terra, despeja-se gesso ou bronze; cabe a cada um resolver o que quer verter no molde. Se o bronze não estiver bem fundido, se estiver misturado com pedras e sujeira, a estátua sairá defeituosa e será necessário fundi-la de novo. Se a estátua não pode ser fundida de novo... Ora, o Noviciado é mais ou menos como uma estátua de barro cozido; se tiver algum defeito, como remediar? Não há maneira. É indispensável, portanto, que o noviço entre decididamente no forno e se deixe fundir; precisa tornar-se líquido de certa maneira para assumir exatamente todos os pormenores do molde... Não sendo mais do que um seminarista, compreenda que é necessário deixar-se fundir para poder tornar-se um Oblato. Quando estiver bem fundido, recuperará sua consistência pessoal, conservando sempre as formas do molde da vida religiosa.

Sempre repito a mesma coisa. Mas é imprescindível; hoje quase não se compreende mais isso. É a falta de capacidade, dizia a Boa Madre, a falta de juízo, a mesquinhez e a ignorância dos espíritos. Tenham, portanto, um pouco de juízo, meus Amigos, um pouco de energia, um pouco de coração também, eu lhes peço. E sendo ainda noviços, importa deixar se fundir; precisam passar pelo sacrifício e pela amargura. Se houver alguma parte do Senhor que não esteja bem fundida, esse pedaço bruto e não assimilado estragará toda a estátua.

Sim, meus Amigos, acredtem um pouco no que o seu Superior lhes diz, dêem crédito ao seu Mestre de Noviços, creiam nas Constituições, depositem fé no Santo Padre e na Santa Igreja. Esta pronunciou-se; dedidiu e nos disse que é aí e só nisso que se encontra o meio de santificarmo-nos e de trabalharmos na obra da Redenção e na salvação das almas.

Santa Teresa, com uma palha, juntou uma lentilha caída numa fresta entre duas lajes no piso da cozinha. Ela não era nada tarada, foi a mulher mais inteligente da Espanha. Santa Teresa também disse que a mínima aspiração de amor a Deus, o mais insignificante ato realizado por amor a ele, aos olhos do Criador, é algo maior e mais importante do que os mais destacados acontecimentos da política dos governos.

Associemos Deus à nossa vida, às nossas idéias, aos nossos afetos, aos nossos interesses, às nossas ações; não significa isso também um fato mais importante para nós do que tudo o que o mundo inteiro poderia fazer em nosso favor?

Essa é a verdadeira filosfia, a maneira verídica de encarar as coisas e julgá-las acertadamente. Não obedecer é indigno ao homem, é uma estupidez. Obedeçam por Deus, para harmonizar com a Vontade dele, para unir-se com ele; obedecendo assim, os Senhores reafirmam a sua vontade e confirmam sua liberdade. No fundo, é um ato de nobre, inteligente e absoluta independência. Ao realizarem esse ato, serão realmente grandes. Essa é a verdade, meus Amigos. Compenetrem-se dessa doutrina: ela fundamentará nos Senhores uma base séria... O que estão fazendo parece não ser nada, no entanto isso mesmo lhes comunica a Deus. Considerem o que acontece no caso dos sacramentos. O que é um sacramento? Um nada, um pouco de água, um pouco de pão; não é nada. Mas com esse pouco de água sua alma fica regenerada; sob a aparência desse pouco de pão, o próprio Deus está presente e os alimenta. Da mesma forma, a mínima ação realizada com o espírito religioso, é uma coisa divina. Sua ação humana se engrandeceu; encontrou a Divindade; assim em todas as ações da vida cristã, é Cristo que as opera conosco: Christianus alter Christus (O cristão, um outro Cristo).

Moisés bate a rocha com sua vara; o que representa uma vara pra abrir uma pedra e fazer jorrar água? Ele próprio acha melhor bater uma segunda vez: "Por ter duvidado," disse-lhe Deus, " não entrarás na terra prometida." (cf. Nm 20,11.12) Entretanto, a vara abrira a rocha e fez correr a água. Tudo o que fazemos, tudo o que temos em mãos é menos ainda do que a vara de Moisés. Tenhamos fé, não duvidemos, abriremos o rochedo e entraremos na terra prometida. Nossa fé nos conservará em tudo e em todas as circunstâncias; defender-nos-á, nutrir-nos-á, confortar-nos-á e dar-nos-á a terra prometida aqui na terra e lá no céu.

Peçam essa fé durante o tempo da Paixão. A Paixão é a abundân-

cia dos merecimentos do Salvador. Que este nos dê não somente a vontade, mas também a compreensão dessas coisas e, com as duas, os méritos de sua Paixão, de sua Cruz e do seu Sangue. Obtenhamos essa graça através de nossa fidelidade nas pequenas coisas, e a Cruz, como dizia a Boa Madre, nos iluminará.

"No centro da Cruz," ela dizia, "há uma luz que nos aquece o coração, que nos ilumina o espírito, que nos faz compreender tudo o que vale cada ato religioso e tudo aquilo que sua ação pode produzir."

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 13 DE MAIO DE 1896

A GRAÇA PROPRIAMENTE NOSSA - NOTÍCIAS DAS MISSÕES

Cada Ordem religiosa tem um ponto de partida; cada Ordem religiosa tem um eixo central em volta do qual gira tudo; é a doutrina, os princípios, as regras e as atividades da Congregação. Nós temos São Francisco de Sales e seus ensinamentos, sua doutrina bem entendida, no seu sentido verdadeiro. Ademais, temos São Francisco de Sales explicado e comentado pela Boa Madre Maria de Sales que certamente deu o melhor e mais exato comentário da doutrina do Santo Fundador que se possa encontrar. E tudo isso , meus Amigos - repito mais uma vez - é patrimônio nosso. Por exemplo os Padres Jesuítas, em que consiste sua força? É sua veneração com relação aos "Exercícios Espirituais" de Santo Inácio. Olhando esse livro, vê-se que nada mais é que uma espécie de catecismo sobre a vida espiritual, catecismo muito sóbrio e que, à primeira vista, não parece destacar-se muito acima dos outros catecismos da vida espiritual. São as grandes verdades da fé, os últimos, os princípios da vida espiritual, tratados muito sucintamente. São capítulos de Teologia que se podem aplicar a todas as Ordens religiosas, a todas as Congregações. Estudando-os, assimilando-os, comentando-os, os Jesuítas fizeram deles uma força, uma máquina poderosa de guerra para conquistar as almas. Não tenho a pretensão de comparar-nos com quem quer que seja, mas,

afinal, a doutrina da Boa Madre Maria de Sales é certamente tão completa quanto as outras e seguramente tão apropriada às necessidades atuais da sociedade. É tão completa que se pode aproveitá-la para todos, em toda a parte e em todas as condições; religiosos, clérigos, fiéis, crianças menores e maiores, de todas as idades e em todas as situações, todos encontram aí o seu alimento. E é justamente o alimento de que as almas precisam atualmente. Está certo que hoje em dia as circunstâncias exteriores da vida não são mais parecidas com as dos cristãos de há dois séculos ou de 50 anos atrás. Nas atuais condições do comércio, do tráfego, da indústria, dos Bancos e também da saúde e dos temperamentos, a própria teologia teve que admitir mais de uma exceção às regras que antigamente não teria tolerado. Quantas exceções forçosamente admitidas, referentes ao trabalho nos domingos, no tocante ao jejum e à abstinência, quanto ao empréstimo a juro, para citar só esses exemplos, em que a antiga lei eclesiástica não pode mais ser rigorosamente observada e onde a Igreja se vê obrigada a dispensar ou fechar os olhos.

Precisa-se uma doutrina para as almas, hoje em dia, que guarde essas almas e as conserve cristãs, no meio de todas essas dificuldades, uma doutrina que possa fornecer outros meios viáveis em vez e em substituição daqueles que não se pode empregar mais. E a doutrina de São Francisco de Sales e a da Boa Madre Maria de Sales proporcionam esses meios para ir a Deus, para ficar unidos com Nosso Senhor, apesar da fraqueza do nosso temperamento e de nossos órgãos, em todas as circunstâncias de vida em que pudermos nos encontrar. Em vez das mortificações corporais, de trabalhos pesados que não poderíamos suportar, oferece-nos uma mortificação mais interior e mais constante, uma união incessante com Deus, de espírito e, sobretudo, de vontade e de coração. São meios mais íntimos e menos constatáveis que nos farão chegar igualmente à santidade. E esses meios empregá-los-emos para nós e os ensinaremos a outras pessoas. É lindo, meus Amigos, sermos Oblatos de São Francisco de Sales.

Um dos nossos Padres publicou os Pensamentos da Boa Madre; são trechos de suas cartas e notas íntimas. Já foram publicados nos Anais e em fascículos que os Senhores conhecem. É uma boa idéia e uma maneira excelente de divulgar a Boa Madre. Procuremos, de bom grado, servir-nos desse livro e compreender o que diz a Boa Madre.

No início, é difícil; sua linguagem parece não muito clara; mas há uma chave de entendimento: a chave do coração, a chave do amor a

Deus, a chave da fidelidade ao Diretório.

Vivam essa vida e compreendê-la-ão. Com essa chave abrirão a porta, entrarão no santuário, onde serão inundados de luz. É nesse ponto de vista que devemos situar-nos. Quem está no amor de Deus, está em companhia dele e, estando em companhia de Deus, poderemos compreendê-lo melhor. Evidente, não se pode compreender-lhe a essência; é inacessível às nossas limitadas faculdades, mas poderemos compreendê-lo em seu amor para conosco; poderemos compreendê-lo nos caminhos pelos quais ele nos atrai para si.

Portanto, cada um tenha muito respeito, uma grande veneração por essas coisas; cada um se apóie nessa doutrina com uma confiança toda especial. Eu acompanhava muitos anos a Boa Madre Maria de Sales. Via e admirava o que se lhe passava na alma, mas eu não tinha suficiente confiança. Isso desconcertava tanto os meus projetos de vida que eu não queria submeter minha opinião. Ela me dizia freqüentemente: Vereis mais tarde o que essas coisas realizarão. Terão grandes efeitos nas almas, na Santa Igreja. Serão os Oblatos de São Francisco de Sales os encarregados de propagar essa doutrina, aplicando-a às almas, fazendo-as entrar nesse caminho, ao esclarecê-las e sustentá-las. Haverá, então, por meio do Caminho, uma verdadeira transformação das almas por sua semelhança, sua conformidade ao Salvador e a Deus. E aqueles que se parecerem com Deus não apresentarão traços alheios à divina Humanidade; serão muito parecidos com Jesus Cristo.

Convém, pois, que todos tenhamos esse livrinho de Pensamentos; precisamos lê-lo e compreendê-lo. Peçamos ao Bom Deus que o compreendamos bem. Não é difícil de compreender, repito, quando a gente quer dar-se ao trabalho, quando se estuda com humildade, no espírito da Caridade divina. Perscrutemos e rezemos à Boa Madre Maria de Sales. Peçamos-lhe que continue em cada um de nós a obra que o Bom Deus iniciou nela, que ela realize em nós o que ele obrou nela, em cada um de nós, de acordo com nossos compromissos, nossos encargos e nossas aptidões. O dom de Deus está em cada um de nós, mas não é aplicado em todos da mesma maneira; essa aplicação difere conforme a situação, o caráter, a fidelidade de cada um, conforme a correspondência e o amor de cada um. Peçamos à Boa Madre que nos torne participantes de suas graças de escol. Com certeza, ouvir-nos-á, porque ela deseja ardentemente a formação dos seus sacerdotes, de Padres que vivam a modelo de São Francisco de Sales e segundo as indicações e ensinamentos deste. Temos que ser

verdadeiramente filhos da Boa Madre e aspirar de todo o coração às graças de que eu lhes falava. Com isso, seremos gente de valor e realizaremos uma coisa preciosa; sem isso, seremos nulidades.

Repito, afirmando que conheço poucas Congregações religiosas que tenham iniciado com graças mais apreciáveis, com uma fundamentação mais firme do que nós, com diretrizes e instruções mais precisas. Digo que, se nós formos bons Oblatos, nunca a vida religiosa, jamais o espírito religioso terá encontrado uma aplicação tão vasta, uma teologia tão sã, segura e, até ouso dizer, tão eficaz. Compenetrem-se disso e, em cada casa da Congregação, haja esforço para que tudo convirja para esse ponto.

Peçamos a São Francisco de sales, roguemos à Boa Madre que façamos tudo de acordo com o que eles nos ensinaram. Seja isso a nossa estrutura interior e procedamos sempre nesse sentido. Inspiremo-nos a partir desse sopro, e o nosso trabalho será sempre agradável a Deus e por ele abençoado.

Nossos Padres na África, que, flagelados pela seca e pela penúria, morrem de fome e de sede, escreveram-me uma carta. É admirável e digno de São Francisco de Sales e dos Oblatos. Declaram que não sabem como terminará a terrível situação de fome em que se acham, mas que estão decididos, apesar das insistências que já lhes fizeram, a não abandonar a região. De fato, sem eles, o que de toda aquela gente que não podem levar junto? Preferem morrer com eles a abandoná-los. É a Vontade do Bom Deus que eles cuidem do seu rebanho e fiquem com ele. A graça de Deus, assim dizem, ajudá-los-á. Isso é bonito, meus Amigos, é bem o espírito de São Francisco de Sales. É isso o que é realizar a obra de Deus: não poupar-se para realizar a tarefa divina, dar tudo para Deus, não considerar a si mesmo para somente atender o interesse dele, dando tudo a Deus, não reservando uma fibra no coração que não seja para ele.

São Francisco de Sales não fazia grandes discursos sobre a mortificação ou sobre o zelo. Não expunha, diante dos olhos de seus ouvintes maravilhados, planos magníficos e programas supremos. Isso não o interessava. O que o prendia, a única coisa que ele queria e de que gostava, era fazer a Vontade de Deus e executar os desígnios a seu respeito, atendendo, passo a passo, o Beneplácito de Deus, ao agir segundo a ação divina. Eis o segredo dele, e esse segredo é tudo. Apeguemo-nos a Deus e deixemos tudo por ele. Os Senhores vêem que isso vai longe, a

graça pode chegar aos últimos limites. Essa graça, quando formos fiéis a ela, faz de nós gente valiosa. Foi essa graça que formou São Francisco de Sales e a Santa Joana de Chantal; foi essa graça que fez surgir a Boa Madre; foi a mesma graça que plasmou todos os Santos: São Vicente de Paulo, Santo Afonso de Liguori. Todos os Santos alcançaram o fim, uns por um caminho, outros por outro, mas todos sendo fiéis à graça, despojando-se de si próprios e de tudo para fazer a Vontade de Deus. Os Santos avançaram por caminhos bem diversos; São Francisco de Sales tomou o mais curto e quis traçar-nos esse mesmo. Diante de uma montanha, um rochedo a escalar, ele não vai reto, machucando-se, fraturando-se, mas procura descobrir se há lateralmente, num recanto, uma vereda por onde pode alcançar o topo. Ele toma essa pista e sobe com muita simplicidade e sem muita fadiga, levando todos os seus companheiros consigo.

Agradeçamos ao Bom Deus por essa grande graça de ter-nos posto nesse trilho. Quanto mais avançarem, meus Amigos, tanto mais reconhecerão a verdade do que estou-lhes dizendo. Comparando, poderão constatá-lo. Estimem devidamente a graça que lhes foi dada, a de nutrir-se do espírito de São Francisco de Sales; valorizem a doutrina da Boa Madre; sim, é o que há de mais completo, de mais ativo, de mais valioso, em nossos dias. Apliquem esse espírito, essa doutrina, esses meios em tudo o que fizerem: em seus estudos, em seu trabalho, em toda a sua vida interior e exterior, aguardando o momento de poder aplicá-la em suas pregações, em suas confissões, em suas obras de apostolado para a salvação das almas.

Insisto muito nisso; não nos falta nada. Estamos no caminho para chegar à virtude, à perfeição. Insisto particularmente, porque, em nossos dias, há oposições e ataques contra a doutrina da Boa Madre Maria de Sales. Essas críticas partem de sacerdotes, de religiosos. Certamente, nem todos os espíritos são iguais e nem todos precisam caminhar no mesmo trilho. Tem que se perdoar àqueles que não compreendem, àqueles que não enxergam. A sua posição parece tanto mais violenta quanto mais sentem que há vigor, força, um espírito vivo que não se deixará sufocar. Mesmo na Visitação, atualmente, há certos espíritos que se opõem a essas maneiras de ver e de agir que, no entanto, são idênticas às de São Francisco de Sales. Algumas Visitandinas não entendem isso; procuram encontrar defeitos em nós, em nós e em nossa doutrina, isto é, na doutrina da Boa Madre. Em nós, podem encontrar defeitos, mas na doutrina da Boa Madre será mais difícil. Em Roma, examinaram os

seus escritos, suas cartas, e se declarou que nada se opunha à continuação do Processo de Beatificação.

Estou satisfeito pelo fato de que o Padre Pernin publica trechos das cartas da Boa Madre. Adotou um bom sistema. Não organizou a matéria em capítulos ou sem divisões determinadas, mas escolheu os pensamentos mais destacados e práticos e, também, os mais compreensíveis para o grosso dos leitores. Classificou-os em ordem cronológica. Acrescentou notas com pensamentos de São Francisco de Sales, de Santa Joana de Chantal que nos mostram como a Boa Madre sintonizava bem com o espírito e a maneira de pensar deles. Uma observação que quero fazer é que um bom número de pessoas, inteligentes e capazes, fizeram questão de manifestar sua satisfação pela publicação desses Pensamentos. Homens de destaque, oradores, homens de obras apostólicas afirmam que, de bom gosto, fazem sua meditação de manhã com um, dois pensamentos tirados desse livrinho. Os Pensamentos da Boa Madre são, portanto, muito apreciados. São estimados como algo excelente, uma coisa que fala ao espírito e ao coração, que dá luz e estimula a piedade. Esse é um parecer acertado, uma avaliação séria e justa. É preciso aceitar isso em sua totalidade.

Em tudo o que a Boa Madre afirma há um fundo de amor a Deus, um fundo de fidelidade pessoal muito marcante cuja expressão é tão diferente daquilo que normalmente se encontra nos livros. A Boa Madre é, em pessoa, a fidelidade para com Deus. O que primeiramente aparece, e que sobretudo chama a atenção nela não é tanto a profetiza inspirada que desvenda o futuro, nem a taumaturga que faz milagres, ou a alma agraciada de dons deslumbrantes e extraordinários. Não, é sua fidelidade. É preciso entender bem isso, meus amigos, todos aqueles dons que mencionamos ela os recebeu, sem dúvida, mas foram o prêmio de sua fidelidade. Ela era a alma fiel, totalmente fiel. Nunca a vi esquivar-se de forma alguma da Vontade de Deus, do Beneplácito dele. E tudo o que ela escreveu, tudo o que disse, tudo o que fez procede daí. Tudo o que tinha de grande, de bom, de santo é, em última análise, a expressão, a manifestação da graça que Deus lhe concedeu em conseqüência de sua fidelidade. Isso nos sirva de lição, de luz e de alimento.

Temos que rezar fervorosamente pela Congregação, para que se apresentem bons noviços, para que possamos fundar uma coisa séria e firme. Os Senhores vêem como tudo tende para esse fim. Temos, como diz a Sagrada Escritura, o nosso pão de casa; um pão que é para nós, um pão

que é escondido para muitos e que para nós foi distribuído abundantemente, é o nosso pão de cada dia, é o alimento dos filhos de São Francisco de Sales, dos filhos da Boa Madre. Dêem-se conta disso. Que isso seja uma atitude fundamental, séria e fecunda em cada um de nós que havemos de cultivar inteligentemente; com essa disposição básica faremos uma coisa valiosa, estaremos assentados sobre algo firme.

Nossos Padres do Cabo, como lhes disse há pouco, continuam sem água.

Nossos Padres do Equador estão a caminho à Colômbia. Naquele país há uma revolução já há diversos anos; houve fuzilamentos e sangue derramado. O governo novo não quer mais tolerar religiosos estrangeiros. Alguns dos nossos Padres vão para Montevideo, onde a Visitação os reclama. Um Bispo de lá escreveu-me, pedindo Oblatos "devido à estima e ao afeto com que as Irmãs da Visitação falam sobre os Oblatos"; esse é o maior motivo por que solicitar a nós.

Espero que tudo vá bem o ano que vem, em Santo Ouen. As medidas que tomamos garantem a matrícula no Colégio. É um grave problema, esse dos colégios. Hoje há muitos estabelecimentos de ensino em Paris e em toda a periferia, no centro mundano e na periferia mundana. Ora, não é fácil educar bem os jovens mundanos, com seus costumes enraizados, com o que vêem e ouvem em suas famílias. Facilmente olham do alto de sua grandeza e desprezam seus professores, os educadores que não fazem parte do seu mundo, de famílias de elite como as deles. Não se pode fazer muitas maravilhas com esse tipo de jovens; entretanto, numa turma mais modesta, encontram-se mais condições nas crianças e nos jovens. Em Morangis, por exemplo, o Padre Perrot é plenamente bem-sucedido. O número de seus alunos aumenta cada dia e chegará a ocasionar-nos a fundação de um pequeno colégio considerável. O colégio funciona, porque são meninos simples, direitos e bons. Eles observam o Padre Perrot que se mete em tudo, tanto no garfão e no rastelo quanto nos livros e cadernos; percebem a dedicação dele, compreendem-lhe o carinho. Isso lhe dá uma autoridade, uma influência muito particular e preciosa sobre as crianças e, mais tarde, sobre os jovens.

Na Inglaterra, pede-se missionários antes que professores e a gente tem razão. Para ensinar na Inglaterra, primeiro, é necessário uma

casa bonita, uma instalação muito confortável, um serviço perfeitamente organizado, móveis perfeitamente encerados e um pessoal um pouco lustrado também. Uma casa de missionários requer muito menos despesas; é muito mais fácil de ser ministrada e pode fazer às almas pelo menos tanto bem quanto um colégio.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 20 DE MAIO DE 1896

NOSSAS ASSOCIAÇÕES - SUA ORIENTAÇÃO - NOTÍCIAS DAS MISSÕES

Hoje quero falar-lhes sobre nossas Associações de São Francisco de Sales.

É necessário que essas obras que fundamos sejam, antes de mais nada, para a nossa santificação pessoal e, depois, para a santificação dos outros. Devemos esforçar-nos por santificar-nos e santificar os outros, segundo as Constituições, conforme o espírito de São Francisco de Sales, de acordo com sua doutrina, da Santa Joana de Chantal, da Boa Madre Maria de Sales, e também como eu, seu pai, lhes digo. As seguintes são as bases do ensinamento da Congregação. Não só devemos conhecer todas essas coisas que temos que praticar e que nos toca ensinar e fazer os outros praticarem, mas também precisamos apegar-nos a estes métodos, a esta maneira de agir que é própria nossa, que é exclusivamente nossa, o que é a razão por que, em qualquer lugar, os Oblatos de São Francisco de Sales têm uma característica, um cunho particular que os distingue dos outros.

Os Oblatos de São Francisco de Sales não são uma Ordem religiosa com uma maneira de viver extraordinária; são sacerdotes normais, mas que, no entanto, comparando-os com todos os sacerdotes, têm uma maneira de agir que lhes é peculiar.

Começamos, pois, a fundar uma Associação de São Francisco de Sales para as pessoas do mundo, já vai em dois ou três anos. O Arcebis-

po de Paris aprovou-a; obtiveram-se também indulgências. Essa Associação, portanto, obedece às normas canônicas. Vejamos em que consiste e o que exige dos seus associados.

Digamos, inicialmente, que nossa Associação de São Francisco de Sales não é a única no seu gênero; não está sozinha tampouco quanto à denominação de São Francisco de Sales. Há 15 ou 18 anos, o Padre Chaumont, antigo secretário de Dom Ségur, instituiu uma associação de sacerdotes e também de senhoras leigas, com o nome de São Francisco de Sales; são os Sacerdotes de São Francisco de Sales e as Filhas e Irmãs de São Francisco de Sales. O Padre Chaumont viera, primeiro, a Troyes para visitar a Boa Madre, expor-lhe suas idéias e perguntar-lhe, se devia tornar-se Oblato. Ela respondeu: "Não, é melhor seguir suas idéias e realizar os seus projetos. Será uma coisa muito boa. O Senhor não estaria em seu lugar entre os Oblatos; o seu lugar está no seguir o que o Bom Deus lhe deu." Foi essa a resposta da Boa Madre. O Padre Chaumont fez o que ela lhe disse. Instituiu, primeiro a Sociedade das Senhoras. Encontrou uma pessoa leiga, muito piedosa, da qual escreveu a biografia, a saber, a Senhora Carré de Malberg. Muitas pessoas entraram nessa Sociedade.

Assisti, em Paris, a uma das primeiras reuniões dessas senhoras. O Padre Chaumont me tinha convidado. As senhoras fizeram suas "culpas". Uma senhora da alta sociedade, uma marquesa ou duquesa, estava ao lado de sua servente. Após suas "culpas", o Padre Chaumont deu como penitência à marquesa uma bofetada a ser dada por sua empregada. Achei isso muito edificante, mas também bastante extravagante e disse com meus botões: "Parece-me que São Francisco de Sales não teria agido assim." Ele gostava tanto de respeito, de caridade, de cordialidade; queria tanto que cada um ficasse em seu lugar e observasse as distâncias estabelecidas pela condição social. Demais disso, parece-me ainda que São Francisco de Sales não teria gostado dessas penitências estranhas: apanhar uma bofetada. Ele gostava tanto do que é simples, direito, apropriado, conveniente e conforme às diferentes situações e, sobretudo, - repito - de acordo com a caridade.

A Sociedade do Padre Chaumont para senhoras leigas e a Sociedade para sacerdotes estão muito difundidas. Essas duas Associações fazem certamente muito bem. De resto, cada um pensa sempre que o que está fazendo seja melhor do que aquilo que um outro realiza... Acredito, pois, que a nossa Associação de São Francisco de Sales, concebida bem

no espírito dele, fará muito bem, esta também... Mas não digo, observem bem, que ela se divulgará tão rapidamente como as Associações do Padre Chaumont...

Nós ensinamos aos nossos associados a prática do Diretório, isto é, o grande e único meio para chegar ao espírito de São Francisco de Sales.

A Boa Madre me disse, na época em que o Padre Chaumont viera a Troyes: "Ele tem seu espírito especial; não entrará na linha das nossas idéias, da nossa maneira de ver." A Boa Madre tinha razão. Não é bem assim o espírito de São Francisco de Sales. Não estou dizendo isso para menosprezar o Padre Chaumont e suas obras. Não, - repito - tudo isso faz muito bem. O que o Padre Chaumont fez, o que disse foi uma coisa nova; e isso respondeu ao caráter e à mentalidade de muitas pessoas. Seguiram para aquele lado.

Nós, Oblatos, não contemos com uma grande repercussão. O nosso assunto é demasiadamente simples, por demais transparente; não serve para alimentar a fantasia e angariar adeptos ardentes. Mas, apoiados como estamos em São Francisco de Sales e no seu Diretório, também nós faremos algum bem, um bem muito sério, sólido e profundo.

O Diretório para os sacerdotes, no qual o Padre Pernin está trabalhando, estará logo concluído. É parecido com o nosso, com exceção de alguns trechos, também estes de São Francisco de Sales; ademais, a cada artigo do Diretório, acrescentou-se uma explicação para facilitar a compreensão e o uso. Penso que estará pronto em breve. O Padre Nioré, secretário do Bispo de Troyes, o está lendo, para que o livrinho seja editado com a aprovação episcopal. Isso será uma coisa boa.

Agora, para os homens leigos, será necessário fazer um Diretório diferente. A gente poderá tomar o conteúdo, ou melhor, os complementos desse Diretório das cartas de São Francisco de Sales e da Introdução à Vida Devota. Haverá aí coisas excelentes, apropriadas aos homens leigos e à orientação de que precisam.

Para as senhoras e as jovens, pensamos elaborar também, um dia, uma coisa especial. Já existe um livrinho publicado pela Visitação de Riom, ou seja, o Diretório para leigos, revisto pelo Padre Bony. Passei rapidamente a vista sobre esse pequeno volume, algum tempo atrás. Está bem redigido e contém coisas muito boas. Pode ser aproveitado já com muito proveito, para as nossas reuniões com senhoras e moças.

Já temos aqui um certo número de sacerdotes. O Padre Deshairs falou-me sobre um grupo já existente em Paris. O Padre Lebeau, por sua vez, fundou a Associação na Aústria, o que será um grande apoio para os nossos Padres de língua alemã.

Nas reuniões dessas diferentes categorias de membros de nossa Associação de São Francisco de Sales, recomendo-lhes que não façam outra coisa a não ser tomar o Diretório e explicá-lo, capítulo por capítulo. Façam com que seja bem compreendido e apreciado. Ensinem a exercê-lo na vida prática de todos os dias. Ensinem só isso. Teremos, então, uma base. Aqueles que forem encarregados da Associação não liguem para suas idéias pessoais. Suas idéias poderão ser muito boas, sem dúvida, mas sigam o método que lhes indico. Aproveitem a sua inteligência, as suas capacidades, os seus recursos, pois Deus os deu para os Senhores; mas aproveitem-nos só nesse sentido. Apóiem-se no Diretório como a gente se apóia no Evangelho. Todos obedeçam à mesma maneira de agir, seguindo, passo a passo e fielmente, esse livrinho, capítulo por capítulo.

O pequeno Diretório para pessoas leigas, da Visitação de Riom, começa com a reta intenção. Em seguida, um pouco mais adiante, apresenta um método muito bom para a meditação, tirado das Respostas da Santa Joana de Chantal. Mas no final do volume, colocou-se, por extenso, o exercício da preparação para o dia, de São Francisco de Sales. Ora, meus Amigos, a todas as pessoas que chegarem aos Senhores para que as dirijam pelos caminhos da vida espiritual, devem sempre e antes de mais nada ensinar a fazer a preparação do dia. O exercício elaborado por São Francisco de Sales é admirável: aí se encontra tudo o que é preciso. No que diz respeito à meditação propriamente dita, quanto será que há que a fazem convenientemente? Encontrei, nestes dias, o Padre de São Pedro, um sacerdote muito inteligente; ele me disse: "A meditação é uma coisa boa, mas quase não se encontra gente que saiba fazê-la. Na realidade, acredito que poucos a fazem. O exercício da preparação é outra coisa, eu entendo isso..." Precisa-se levar tanto os sacerdotes como os outros a fazerem o exercício da preparação para o dia.

Quanto tempo deve-se dedicar a esse exercício da preparação? Quando se dedica 15 minutos à meditação, pode-se tomar 5 minutos para a preparação e meditar durante os outros 10 minutos. Se a meditação é de uma meia hora, podem tomar 8 ou 10 minutos para a preparação.

O exercício da preparação é muito útil para o sacerdote. Ele é o homem de Deus. A vida sacerdotal é totalmente consagrada a Deus; deve ser totalmente para ele e para o serviço dele. Tudo o que o sacerdote tem que fazer, orações, ministério, trabalho, descanso, recreio, refeições, tudo isso é algo sagrado; tudo isso deverá ser feito bem e sobrenaturalmente. É muito útil, portanto, prepará-lo com antecedência. É muito bom ver, detalhadamente, cada manhã, as medidas a tomar para realizar cada ação bem e sacerdotalmente, para evitar as ocasiões de faltas e praticar a caridade. Não se deve fazer isso somente com a cabeça, como o vendedor que prepara seus negócios; é preciso fazê-lo com o coração. Assim, esse exercício será de grande utilidade e preparará verdadeiramente o dia.

Se nos limitássemos a fazer só uma meditação piedosa sobre um ou outro tema, sem aplicação verdadeiramente concreta e prática às nossas atividades quotidianas, não nos adiantaria muito talvez; com a preparação santificar-se-ão e santificarão os outros; terão preparado, de antemão, todas as suas ocupações do dia com o Bom Deus; reencontrarão a Deus em cada um dos seus afazeres e cada atividade lhes proporcionará a graça especial que tiverem pedido de manhã. Nesse pequeno Diretório para as pessoas leigas, se encontra, depois, a maneira de realizar bem cada um dos diferentes exercícios do dia, a maneira de assistir bem à Santa Missa, de preparar-se aos Sacramentos. Tudo isso é muito bonito: sobre as virtudes a praticar, sobre os contatos com o próximo, as conversações, as recreações, as tentações, a tristeza, o conforto espiritual; são coisas maravilhosas. Existe aí um pequeno tratado completo de vida interior para a santificação dos leigos; é muito importante estudá-lo bem. Isso nos pode servir muito durante os retiros e na direção espiritual; precisamos penetrar-nos desse livrinho que - repito - está muito bem feito. Tudo isso é a flor do Diretório, da Vida Devota, dos sermões e das cartas de São Francisco de Sales.

Usando isso como base, nas suas palestras e instruções, terão um ponto de apoio sério, um eixo confiável em volta do qual poderão girar e agir, tendo a certeza de não sair do bom caminho. Bem sei que isso pode parecer penoso, às vezes, por não poderem agir a seu gosto, por sujeitar-se a uma engrenagem... O que se pode fazer de bem assim? Pode-se realizar muitíssimo.

Freqüentemente me disseram: "Vendo um Oblato, a gente os viu

todos." Sim, vê-se que neles há um só pensamento, uma única luz, somente uma vontade, uma mesma orientação de vida. Terá que ser sempre assim, meus Amigos.

Dediquemo-nos, portanto, ao estudo e à compreensão desse livrinho, tentando penetrar no sentido de cada palavra, de cada expressão. Nada favorece tanto o espírito e o coração quanto essa forma de trabalhar, tendo assim uma base, um texto, um ponto de apoio; depois a gente determina a explicação e não se corre o risco de perder-se para os lados; a gente evita desviar-se, afundar-se ou ser maçante. Sigam também a seqüência marcada nesse livrinho. Toda a vida cristã terá assim sua vez, com cada prática no seu lugar. A vida cristã é uma arte; e prova de que é uma arte é que, na hora atual, não se leva mais uma vida cristã, porque nem se sabe mais o que é uma vida cristã.

Um dia os senhores da Conferência de São Vicente de Paulo, em Troyes, procuravam alguém para fazer-lhes uma exortação. Eu sugeri-lhes: Convidem o Padre André Boulage. Este, o antigo Pároco de São Pantaleão, sobe ao púlpito e diz: "Prezados Senhores, não os conheço. Não sou seu confessor nem seu pároco, não tenho autoridade sobre os Senhores e não acredito que, por mim mesmo, eu tenha muita influência sobre os Senhores. De outro lado, não sei falar muito bem, mas trago aqui comigo alguém que sabe falar muito bem e que os Senhores vão escutar com muita atenção..." Tira do seu bolso o Novo Testamento, abre a Carta de São Paulo aos Efésios e, com um ou dois capítulos, fez para seus ouvintes uma conferência admirável sobre os deveres do cristão, sobre a dignidade do cristão. Todos diziam na saída: Como é bom ser cristão! Ele no-lo explicou bem. Nunca o compreendi tão bem como hoje. Todos ficaram muito satisfeitos com o Padre Boulage. Este, sem dúvida, tinha o dom da palavra e era muito inteligente; mas se não tivesse a idéia de comentar o texto de São Paulo, nunca teria falado tão bem. Olhem como a gente é seguro com um texto, com uma palavra de autoridade que serve como base e fundamento para o que a gente mesmo vai dizer. Todo o mundo o aceita com prazer; não é uma palavra humana, uma palavra que só tem valor pessoal; é verdadeiramente o eco da palavra divina.

Façam assim, meus Amigos. Quem dá uma instrução, que se compenetre da verdade teológica, da Sagrada Escritura e dos Padres. Construam sobre essa base. Trabalhem com a matéria que encontram aí. Sentindo-se assim apoiados de todos os lados, sua inteligência fica esclarecida e está segura. Os Senhores podem aproveitar todas as suas capa-

cidades e comunicar em abundância. Compreendamos bem que, por nós mesmos, não somos nada. Nossos pensamentos, nossas idéias não vêm de nós; é o resultado de uma leitura que tivermos feito, de uma palavra que tivermos ouvido. Somos criaturas que recebem, que vivem de acordo com a educação recebida. Essa educação é mais ou menos vasta conforme a soma daquilo que recebemos e armazenamos.

Apoiemo-nos sempre sobre uma coisa bem fundamentada, sobre um ensinamento profundamente sério, e tudo o que dermos nós mesmos será algo sério. Essa base em que nos apoiamos, nós a valorizamos; nossa inteligência, nosso talento, escorados dessa forma, fecundarão o germe recebido e o desenvolverão.

Em Roma, gostam muito do Padre Rollin; ele favorece muito a Congregação.

Vieram, nestes dias, algumas senhoras italianas que querem ter Oblatas em Perúsia; vieram três ou quatro. Precisamos rezar nessa intenção... O Santo Padre estava bastante tempo em Perúsia. Essas senhoras, seus maridos vão, de quando em vez, ao Vaticano. O Santo Padre os conhece pessoalmente; era o Arcebipo deles. Essa visita às Oblatas, o que as visitantes viram e ouviram, mais ou menos tudo isso, será, sem dúvida, comunicado ao Vaticano. Rezem ao Bom Deus que nos dê uma boa inspiração a respeito desse assunto; rezem também para que essas senhoras levem uma boa impressão e a comuniquem no ambiente do Santo Padre. O pessoal do Papa é, em parte, de Perúsia; ele aproveita pessoas que conhece e em quem confia.

Em Montevideo pedem uma fundação de Oblatos. O Arcebispo de lá está muito a favor. O Padre Davi vai para lá. O Padre Lardon já é confessor da Visitação ali; o Arcebispo e a Superiora o apreciam muito. A leitura da Vida da Boa Madre, assim me escreveram, deu uma idéia do que deve de ser um Oblato e do grande bem que se pode fazer por meio deles.

Todas as pessoas que leram a Vida da Boa Madre pedem, de uma forma ou outra, conforme a situação, conhecer os Oblatos. É muito desejável, no dia de conhecerem um Oblato, que este corresponda à idéia que formaram de nós, ao lerem a Vida da Boa Madre. Demos muita atenção a isso; é a nossa obrigação. É só assim que realizaremos algo de bom.

As notícias do Cabo sempre continuam nada boas. Ainda não cho-

veu; nossos Padres pedem insistentemente que rezemos por eles.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 22 DE MAIO DE 1896

O (PEQUENO) DIRETÓRIO: PRATICAR PARA ENSINAR

No último Capítulo, recomendei aos nossos Padres a leitura do pequeno Diretório para os leigos, publicado pela Visitação de Riom e que entregamos aos membros da Associação de São Francisco de Sales. De fato, começamos em Paris a Associação de São Francisco de Sales, que é como a nossa Ordem Terceira. Nosso Instituto não pode ter, eu acho, uma Ordem Terceira, por regra, porque é uma Congregação; não é uma Ordem religiosa propriamente dita, com votos solenes. Só as antigas podem ter as três categorias:

1. - Ordem para os Religiosos,
2. - Ordem para as Religiosas e
3. - Ordem ou Ordem Terceira para os leigos.

Foi o próprio Cardeal de Paris que sugeriu esse nome de 'Assocciação de São Francisco de Sales'. O Padre de Mayerhoffen foi visitá-lo para pedir-lhe a aprovação do seu plano de fundar uma Confraria de pessoas no mundo que se relacionasse com a nossa Congregação: "Está bem," respondeu, "é uma boa idéia. Convém chamar isso de 'Associação de São Francisco de Sales". O título está à disposição e pode ocupá-lo, pois a antiga Associação de São Francisco de Sales, fundada por Dom de Ségur, mudou de nome e se chama agora 'Obra de São Francisco de Sales'." É uma obra muito conhecida de todos, obra da propagação da fé no interior. O Padre de Mayerhoffen começou com as Senhoras e Senhoritas, aguardando que se possa atrair também homens.

Cada mês, há uma reunião bem piedosa, com muita gente participando. Isso se parece um pouco aos exercícios do noviciado. Não se diz "as culpas"; seria bom, talvez, que se começasse a fazê-lo. O Padre que preside a reunião explica um dos capítulos do livrinho do Diretório que

os Senhores têm em mãos... Acho, pelo menos, que o tenham e que esteja entregue, não é?...

Insisto nisso, meus filhos, porque o religioso, porque o Oblato de São Francisco de Sales não há de santificar-se somente a si próprio, mas tem que santificar os outros também. Assim como para aprender bem e tornar-se bem entendido não há meio melhor do que lecionar, igualmente, para santificar-se, é necessário empenhar-se por santificar os outros, importa esforçar-se pela salvação das almas, e isso desde já. É esse pensamento na salvação das almas que os animará a absorver a doutrina de São Francisco de Sales e lhes fará conseguir a compreensão de muitos pontos do seu ensinamento. Saborearão o nosso Santo Fundador e apegar-se-ão ao que ele disse. Compreendê-lo-ão melhor procurando aplicá-lo aos outros; após tê-lo aplicado aos outros, aplicá-lo-ão melhor a si próprios. A santificação de nós mesmos não depende somente das nossas ações pessoais, mas depende também, em grande parte, daquilo que fizermos pelo próximo.

Portanto, meus filhos, compenetrem-se profundamente desse livrinho. Estudá-lo-ão para ver, desde agora, o que podem aproveitar para transmiti-lo aos outros. É bom imaginar-se que já estejam diante dos Senhores as pessoas que Deus lhes confiar um dia. Os Senhores encontrarão, no seu caminho, pessoas do mundo, homens e mulheres; encontrarão sacerdotes.

O nosso Diretório do Sacerdote já está quase pronto; a impressão está praticamente concluída. É o nosso próprio Diretório, mas um pouco abreviado, além de algumas pequenas modificações que se tornaram necessárias. Os nossos sacerdotes associados, como os leigos associados, devem, pela aplicação do Diretório, aprender a viver na dependência desse espírito que lhes fará praticar as virtudes especialmente recomendadas por São Francisco de Sales. E, meus filhos, nós é que devemos fazer-lhes compreender e praticar o Diretório. Essa é a razão por que devemos pensar que, desde já, estejamos na presença dessas almas... Um dia teremos que atender o ministério pastoral, logo mais; teremos pessoas a reunir e dirigir; teremos que presidir essas reuniões e formar pequenos grupos. Então teremos em mãos os meios para ser bem-sucedidos, se desde já tomamos a peito a meditação e a assimilação dos pensamentos e os afetos que, mais tarde, havemos de sugerir às almas e se pedimos, desde já, as palavras que forem necessárias dizer e convenientes para que as almas compreendam o que delas solicitarmos e o

que Deus quiser fazer com elas.

Um marceneiro que tem seu Manual Prático profissional e o lê assiduamente - de fato, há manuais práticos muito bem feitos para todos os estados de vida e todas as profissões: marceneiros, ferreiros, construtores, etc.... - pois bem, um marceneiro que lesse da manhã até a noite o seu Manual não saberia muita coisa. É indispensável que se exercite, pondo em prática o que encontrou no livro. É necessário tomar a plaina nas mãos e tentar movê-la de acordo com as lições do Manual, empenhando-se por aplicá-las do melhor modo possível. É assim que se tornará, a longo prazo, um bom marceneiro. Para nós vale a mesma coisa. Temos que estudar com cuidado a regra da conduta interior; mas, estudando-a, devemos tentar fazê-la passar das nossas orações e reflexões, para nossos afetos e nossas ações diárias. Lembremo-nos de que os Oblatos devem ser, ao mesmo tempo, homens de oração e homens de ação. Não vale negligenciar uma coisa para desenvolver outra. Sendo pessoas unidas com Deus, nossa santificação, nossa virtude pessoal contribuirá para a santificação dos outros. Não está escrito no começo do Diretório que devemos ajudar a Santa Igreja, por meio de orações e trabalhos, e que nossa santidade, o perfume de nossas virtudes, agradando a Deus, devem difundir-se no coração dos fiéis? Devemos muitas vezes retomar essa óptica. Quando se pensa por muito tempo num estado de vida que se quer abraçar, quando a gente se ocupa com isso e se prepara durante um tempo prolongado, a gente o faz com mais gosto, com maior facilidade e também com frutos mais abundantes.

Muito lhes recomendo o estudo desse livrinho do Diretório das pessoas leigas. Hoje mesmo dei uma lida; realmente está muito bem feito. Aí se encontra toda a substância da doutrina de São Francisco de Sales referente à direção espiritual. É de grande valor, meus Amigos, pois se pode entregar esse livrinho nas mãos de todos. Mas, estando nas mãos de todos, ainda não será suficiente; uma ferramenta também pode estar nas mãos de todos, mas importa saber usá-la. Por exemplo uma plaina; todo o mundo pode ter uma plaina, ou uma tesoura. Mas com uma ou outra nem todos sabem fazer o mesmo trabalho. Há quem não saberá fazer coisa alguma; outros não farão grande coisa; um se sairá bem melhor, e outro, perfeitamente; e tudo isso com o mesmo instrumento. Para manusear bem a ferramenta, o bom trabalhador praticou cuidadosamente e durante muito tempo; exercia a sua profissão. Façam isso, meus Amigos.

Lembro-me vivamente ainda do tempo quando estava estudando

Teologia: era este pensamento no futuro apostolado que predominava em todo o meu trabalho. Por exemplo, no caso de um tratado: como poderei aproveitar isso mais tarde? Para que poderá servir-me? Este outro assunto me servirá para a pregação; há nisso uma idéia nova e interessante. Olhe aí, uma observação que me será útil na direção espiritual dos homens. Esta idéia filosófica, seria interessante anotá-la; servir-me-á para compreender esse ou aquele fato histórico, tal ou tal ponto doutrinário, ou para distinguir este ou aquele erro. O ensino assim aproveitado torna-se sumamente interessante e muito prático. Quando assumirem o ministério pastoral, estarão munidos de tudo o que precisarem.

Compreendam-me bem, meus Amigos; sempre ainda estou me referindo ao livrinho em questão. Com esse o sacerdote e o religioso, entregando-se a sua carreira, começando seu ministério, fazem, desde o começo, algo de bom. Eles não erram, avançam acertadamente, pois terão aproveitado uma boa aprendizagem. Se esta tivesse falhado, se tivessem iniciado mal, correriam o risco de formar e conservar idéias, costumes maneiras de ser e de agir defeituosas e importunas, durante toda sua vida. Preparem-se já para seu futuro ministério. Reflitam antecipadamente, tracem desde já os seus planos, pensem no que terão que dizer nas reuniões de homens, de crianças, de jovens. Se procuram compenetrar-se das lições deste pequeno Diretório, começarão bem e continuarão bem. Compreendam por meio desse livrinho, meus amigos, o sentido que devem dar a todos os seus estudos. Assimilem essa doutrina de São Francisco de Sales, compenetrem-se profundamente das palavras que ele disse, dos conselhos que ele deu, das noções com as quais ele converteu as almas. Numa palavra, devem começar, desde agora, seus estudos práticos do apostolado; devem colocar-se, já agora, diante do trabalho que hão de realizar um dia; precisam preparar-se, armazenando para aquele tempo. Recolham, ajuntem, do lado direito e do esquerdo, tudo o que encontrarem de bom em suas leituras, nos seus estudos, nas suas orações e meditações.

Nos seminários maiores, reconheceu-se agora a necessidade dessa formação, com vistas ao futuro. Dá-se aos futuros sacerdotes noções sobre as obras de zelo e de apostolado, acerca do que se poderá tentar realizar numa paróquia, considerando as diferentes categorias de pessoas que a compõem. Antigamente ocupavam-se excessivamente pouco com esses aspectos; era uma lacuna. Quase nem se falava disso, a não ser nos últimos três meses antes da Ordenação sacerdotal. Era insuficiente,

passava por uma aula comum. Fixou-se agora seriamente esse ensino que se poderia chamar de instrução profissional do sacerdote. Isso torna-se como uma segunda educação que fica e que, mais tarde, há de produzir seus frutos. Depois de viver nessa atmosfera de zelo e de apostolado por vários anos, surge uma grande facilidade para o momento em que a gente entra em contato com as almas. Sem essa educação especial, a gente emperra diante da teologia, dos seus livros e frente à sua inexperiência. Conservando-se humilde, - o que convém sempre - o Bom Deus inspirará com suas luzes. Mas quanto mais ricamente preparado está quem, permanecendo humilde, já tem idéias bem formadas e acertadas, quem já tem acumulado um substrato de doutrina, formado pela experiência de outros. Ele não precisa procurar em outra parte; ele já possui em si tudo o que lhe é necessário.

Meus filhos, trabalhem e juntem para sua vida de Oblatos mais tarde. Recolham todos os dias e sem parar. Cresçam todos os dias em vida, em luzes, em bom juízo, para estarem à altura da missão que Deus lhes confiar. Então não serão simples estudantes, seminaristas sem mais nada, eu diria até, apenas noviços, porque, dessa maneira, não farão o Noviciado só para si, mas também para o bem das almas que vierem aos Senhores e que Deus lhes enviar. Trabalhem desde agora e rezem por essas almas. Verão que autoridade sobrenatural, que força isso lhes dará; essas almas sentirão, por instinto divino, a oração que os Senhores tiverem feito para elas e o Bom Deus concederá a elas docilidade e compreensão.

Eu olho, de vez em quando, para distrair-me, a lista dos nomes dos meus colegas do Seminário. Todos os alunos de minha turma, menos um, se tornaram sacerdotes. Só dois ou três não foram bem-sucedidos. Na turma posterior à nossa, só houve quatro sacerdotes. Entretanto, o Seminário tinha muitos estudantes naquela época. Pois bem, repasso agora na lembrança meus colegas de então. Havia alguns que escreviam seus pensamentos íntimos e os mostravam para mim. Um escreveu: "Serei sacerdote; desde agora devo rezar pelas almas que Deus me confiar..." Outros escreveram outros pensamentos muito impressionantes do mesmo estilo. Eles tinham, desde aquele tempo, preocupação pelas almas; queriam preparar-se bem para o futuro. Esses sacerdotes, meus Amigos, chegaram a realizar um grande bem, um grandíssimo bem. Um dos meus colegas é pároco numa pequena paróquia, lá vão trinta e cinco anos. Vinte ou trinta vezes, o Bispo lhe perguntou, se queria ser transferido. E ele respon-

dia sempre: "Peço-lhe, Vossa Excelência, que me deixe onde estou. Sou simplesmente um pobre e modesto pároco da roça e tenho tudo do que preciso." Participei, há alguns anos, do jubileu de ouro de sua ordenação; nada tão bonito como isso. Toda a paróquia estava de festa: homens, mulheres, rapazes e moças, e isso durante todo o dia. Terminou-se com a Bênção do Santíssimo, pelas cinco horas da tarde. Daí o Padre Pároco tomou a palavra; toda a paróquia estava lá para escutá-lo: "Meus filhos," disse ele, "agora que passamos o dia rezando e agradecendo a Deus, como era nossa obrigação, convém aproveitar o restante do dia para descansar e divertir-nos um pouco. Só lhes recomendo que tenham cuidado de não ultrapassar os limites da sobriedade." Todo o mundo começou a rir e todos se foram satisfeitos com essa palavra paterna e concreta.

Lembro-me também do caderninho de um aluno do quarto ano, onde rezava: "Ó meu Deus, fazei que eu seja digno de conduzir para Vós as almas que me concederdes; vossa graça me torne digno dessa honra!" Era um dos melhores estudantes; sempre alcançava os primeiros lugares, os prêmios de honra. No Seminário Maior, tornou-se um dos melhores estudantes de Teologia.

Meus Amigos, pensem também os Senhores nas almas que Deus lhes enviar. Encarreguem-se delas desde agora, em união com o Salvador. Trabalhem e rezem por elas. Façam-no e disso contar-me-ão as notícias... no paraíso!... Rezem. Estudem os meios que lhes são postos à disposição. Tirarão - repito - um grande proveito desse livrinho que lhes recomendei. Com ele tornar-se-ão bons sacerdotes. Então ver-se-á um modesto Oblato que não terá o ar de um grande sábio, que não apresentará nada de extraordinário; encontrar-se-á, um dia, numa reunião de sacerdotes, numa romaria, numa festa. Será convidado a dizer uma palavrinha para os fiéis na igreja... E se sairá bem. E olhem o que os teólogos, os sacerdotes doutos vão dizer: "Vejam só!... É lindo o que ele disse. Bonito! Assim tem que ser. Nunca ouvimos dizer coisas como essas..."

Não estou-me demorando demais, Padre Seguin? Não?...
Padre Seguin, vamos rezar pelo Senhor para que Deus lhe dê saúde, para que realize todos os desejos do Senhor!

Rezaremos a São Bento Labre. Narra-se que ele apareceu a Pio IX, circuncidado de uma glória incomparável. O Papa perguntou-lhe: "O que foi que lhe proporcionou uma graça tão grande?" E o Santo respon-

deu: "Quando ia esmolar e me encontrava com criancinhas, eu levava-as a fazer o sinal da cruz e pronunciar com grande respeito os Santos Nomes de Jesus e Maria. Assim, o Bom Deus me recompensou, concedendo-me toda esta glória."

A santidade consiste em coisas que passam bem despercebidas para os homens. É esse o tipo de santidade que precisamos. O dever do momento presente, eis exatamente o nosso tipo de santidade. Devemos realizar perfeitamente, de todo o coração, com todo o empenho, todas as atividades do ministério que Deus nos entregar; desde agora, temos que preparar-nos para isso de todo o coração. Aquele que gosta da oração, quem aprecia a Santa Comunhão, a meditação, dedique-se a isso de todo o coração, em vista do serviço e das almas que Deus, um dia, lhe confiar. Aquele que tem prazer no trabalho e queda para isso ou para o estudo, para a eloqüência, esforce-se nesse sentido, visando a sua futura ocupação e as almas que há de salvar. Reencontraremos, meus Amigos, o que assim tivermos semeado. E as pessoas com as quais tiverem contato, prevenidas pela graça divina, estarão satisfeitas por escutá-los e felizes por obedecer-lhes.

Meus Amigos, a Boa Madre Maria de Sales os quer bem; proporcionar-lhes-á os meios para realizarem bem o que acabamos de dizer. Era uma grande teóloga, a Boa Madre. Seus pensamentos são sublimes. O Bom Deus deu-lhe uma clareza e uma profundidade de idéias incomparáveis. Homens muito talentosos souberam apreciá-la, o Cardeal Mermillod, o Padre Tissot, o Superior dos Missionários de São Francisco de Sales, de Annecy, cuja carreira, infelizmente, foi demasiadamente curta. Mais de uma vez, ouvi dizer a teólogos eruditos: "Na Madre Maria de Sales se encontra todo o Santo Tomás; a palavra dela não falha, nunca se esquiva; sempre acerta." Evidentemente, trata-se de um grande dom de Deus. E olhem, meus Amigos, a Boa Madre disse-me que esse dom continuaria depois dela, que era-lhe dado para os Oblatos, para que os Oblatos vivam e trabalhem nesse espírito. Preparemo-nos bem, esse dom será nosso.

O que estou-lhes dizendo, meus Amigos, é a semente que jogo em suas almas; cabe aos Senhores fazê-la germinar e crescer. Não há necessidade de olhar à direita ou à esquerda para ver o que este faz, o que aquele pensa. Notem bem que, na doutrina de São Francisco de Sales, nada se baseia no exemplo dos outros, nada mesmo. Pois o exemplo em si não é nada. Não é um exemplo a seguir que deva ser o motivo da nossa determinação; o único motivo deve ser a Vontade de Deus. Reflitam-se na

Vontade de Deus. Esta é como um espelho diante do qual cada um se coloca, vendo como Deus quer que ele seja, tal qual existe no plano e desígnio de Deus. A gente se olha a si mesmo para dar-se conta, se as idéias, se a vontade, se a ação estão acertadas conforme a Vontade de Deus; mas não se olha o vizinho, para ver se é idoso, se é jovem, se é feio ou bonito. Isso não nos interessa. Não temos nada a ver com isso. O que importa é encontrar a nós mesmos em Deus e em Jesus Cristo, isto é, ver a diferença que há entre a figura, o modelo divino e a realização atual na terra.

Todo o mundo me entendeu bem? Não ajamos segundo o que este ou aquele diz ou faz, secundum exemplum; isso é acorrentar-nos a liberdade de uma maneira humilhante. Desprendam-se dessas ataduras aprisionantes. Os Senhores não têm que prestar as contas a fulano ou beltrano; é só diante de Deus que devem responsabilizar-se. Devem agir como Deus quer que ajam. O modelo é Jesus Cristo e não este ou aquele homem. Não há por que procurar alhures.

Virei visitá-los, de vez em quando, meus filhos; voltarei para ver se progridem bem nesse caminho. Sigam aí e serão bons Oblatos de São Francisco de Sales. Mas é indispensável recomeçar cada manhã; era esse o princípio de São Francisco de Sales. Foram fiéis no passado? Muito bem; mas é necessário recomeçar hoje, e amanhã, e sem parar; é imprescindível procurar e realizar a Vontade de Deus incessantemente.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 27 DE MAIO DE 1896

A UNIÃO DOS OUTROS COM DEUS, ATRAVÉS DA NOSSA

No domingo que vem, haverá Primeira Comunhão no Colégio São Bernardo. A Primeira Comunhão é o acontecemento mais importante na vida da criança. Para preparar nossos alunos, empregamos todos os meios exteriores à nossa disposição: retiro, pregação, etc... Não devemos ne-

gligenciar, porém, os meios interiores. Somos obrigados a rezar muito por eles. É o bem espiritual que devemos pedir a Deus, o bem da vida presente e o da eternidade, porque a Primeira Comunhão tem uma grande influência sobre toda a vida. Ativem, portanto, toda a sua fé, envolva toda a sua boa vontade e coragem, para ajudar essas crianças a preparar-se bem para receber o Bom Deus e conservá-lo depois no coração.

Se compreendêssemos a força da oração pelas almas que nos estão confiadas, que estão entregues a nossos cuidados e pelas quais somos responsáveis, de uma forma ou outra, se o Bom Deus nos esclarecesse a respeito, nós sentiríamos uma necessidade imensa de rezar; e essa oração teria uma maravilhosa eficácia. É um costume que os Senhores devem formar, em tudo o que empreendem, em tudo o que fazem. Devemos praticar nossa reta intenção neste sentido em todas as nossas ações: para obter luz e graça para as almas. É Deus que nos confiou os alunos dos nossos colégios, a Providência no-los enviou como também os rapazes e moças das nossas Obras. Eles vêm para receber junto a nós o que não poderiam encontrar junto com outros educadores fora. É preciso, portanto, que pensemos neles durante a meditação da manhã, na Santa Missa, na Santa Comunhão, no decorrer do dia. Precisamos pedir a Deus que os ilumine, que lhes faça sentir o dom divino, que lhes faça experimentar como ele é bom e como a gente fica feliz na união com ele. Peçam isso com fervor, sobretudo durante este retiro da Primeira Comunhão.

Naturalmente, os meios exteriores são absolutamente necessários; é através do corpo que se atinge a alma. Nosso pensamento não atua sobre aqueles aos quais nos dirigimos, se não for expresso exteriormente, através da palavra e das obras. É imprescindível, portanto, empregar o meio exterior.

Mas o que comunica vida a esse esforço exterior, o que lhe dá eficácia é o meio interior, é a oração que alcança a graça.

A oração por todos os que estão sob nossos cuidados, de uma forma ou outra, tem uma influência enorme. Conheci, em Troyes, tempos atrás, um leigo, um cristão exemplar, que fora diretor de um estabelecimento, o Senhor Chapelle. Ele me contou que, quando, à noite, no dormitório, vigiava o deitar de seus pupilos, dizia consigo mesmo: "Eu cuido dessas crianças. Será que Deus não me pede mais outra coisa? Uma vigilância atenta, será que é tudo o que espera de mim? Será que não me deu essas crianças para que eu faça outra coisa a mais? Vigiar não é suficiente; devo rezar e essa oração que vou fazer dará eficácia à mi-

nha vigilância e a todo o trabalho que faço para esses protegidos. Minha oração por eles será o melhor testemunho de carinho que nutro para com eles e de minha dedicação a eles. Vou pedir ao Bom Deus que trabalhem bem e sejam bons cristãos." E ele rezava baixinho seu terço por seus alunos, passando pelo dormitório em todo o seu comprimento.

A oração do mestre fazia muito bem para os pupilos. "Desde o momento que decidi rezar por eles, em todo o momento," continuava ele, "consegui verdadeiramente coisas maravilhosas. Senti que, sob a influência de minhas orações, aconteciam neles mudanças reais e visíveis, para o bem."

Olhem, meus amigos, o que dizia e o que fazia um leigo; foram essas suas idéias de fé na oração. Nós temos que ter a mesma convicção. Façam essa experiência, onde estiverem; independente das circunstâncias que encontrarem, não importa qual for a incumbência que a Vontade de Deus lhes confiar, seja com crianças, seja com adultos, seja lidando até com coisas materiais. Os Senhores verão que a oração comunicará equilíbrio a seu juízo, clareza a sua inteligência, generosidade e dedicação ao seu coração. Serão homens perfeitos, religiosos completos, porque, então, não estarão sozinhos, não serão inexperientes, ignorantes, fracos; Deus que chamaram virá, estará com os Senhores e será ele que, com os Senhores, se encarregará do serviço, tornando-o frutuoso e durável.

A oração é uma elevação de nossa alma para Deus, conforme a definição do catecismo. Por que Deus não permanece mais conosco? Por que não nos servimos de Deus e de sua graça para conseguir mais eficazmente nossos propósitos? Convençam-se profundamente dessa necessidade de rezar pelas almas que lhes são confiadas. É o único meio para sermos bem-sucedidos com elas e agirmos eficazmente em prol da santificação delas. Reparem os Santos: São Francisco de Sales, São Vicente de Paulo, será que eles faziam diferentemente? A Venerável Madre Maria de Sales, que eu considero uma das maiores santas do Paraíso, rezava assim continuamente. Sua dignidade que inspirava respeito, seu acerto em todas as questões, seus conselhos tão seguros, a que se devia tudo isso? Dependia de Deus que estava com ela. E ele estava lá, porque essa boa e Venerável Madre o chamara e conservava-o junto a si. Aquilo se devia à sua incessante oração.

Formemos, também nós, esse costume. Comunguemos com essa intenção. Eis, meus Amigos, qual deve ser a base, e onde se encontra o

apoio e a fecundidade do seu ministério pastoral. É essa a pedra angular do edifício que são chamados a construir. É o que fará de cada um dos Senhores um 'homem de Deus'.

É o que estabelecerá nos Senhores e fará brilhar em sua volta a vida e a força misericordiosa de Jesus Cristo.

Façamos precisamente como fazia o Salvador; estejamos, como ele e com ele, unidos com Deus pela oração constante e participaremos de sua onipotência sobre as almas. Será ele quem age sobre as almas por meio de nós. Essa é a base de nossa vida de Oblatos. Nós nos mantemos em contato com Deus e ele comunica sua graça às almas através de nós. Tornamo-nos verdadeiramente uma extensão e instrumentos do Salvador.

Ele fala diretamente ao coração de cada um, não há dúvida; mas também fala aos olhos, aos ouvidos, aos outros sentidos, servindo-se de nós para esse fim. É através dos olhos, dos ouvidos que ele quer chegar ao coração das crianças. De que maneira atingiremos essas almas que o Salvador quer para si? Imaginando-nos o aproveitamento de uma leitura qualquer que fizemos? Não chegaria a nada. Apresentando-lhes o resumo de estudos que fizemos sobre um ou outro assunto? Não mesmo, não é isso.O que é de Deus vem de Deus e não deve vir de outro lado. Precisa-se, pois, procurar o que está em Deus e para isso é necessário unir-nos com Deus. Devemos unir-nos com ele pela oração, por meio da reta intenção. Será que é difícil fazer isso? Não, não é difícil. Tenham o costume de praticar bem o Diretório; uma vez que tiverem este costume, não o perderão mais; é esta exatamente a finalidade do Diretório: unir-se com Deus pela reta intenção em seus trabalhos, pela oração em todos os detalhes de sua vida. Sirvam-se também das festas da Igreja, aproveitem todas as circunstâncias que encontrarem para estimular o seu amor para com Deus e o seu zelo pela salvação das almas e para dar uma finalidade mais específica, mais viva, mais ativa a suas orações e a seus rogos pelas almas que lhes estão confiadas.

Façam isso, meus Amigos, na ocasião da Primeira Comunhão de nossas crianças. Mais uma vez, o ministério, os frutos do seu ministério, os resultados de todas as suas ações dependem disso.

Também, meus Amigos, há uma recompensa nisso. Um grande prêmio os espera. Conquistarão verdadeiramente almas para Deus, muitas almas. Verão como o bem que tiverem feito será grande; Deus também torná-los-á participantes das graças que ele comunica a essas almas em favor das quais os Senhores trabalham e obtêm essas graças. Essa é a verdadeira

recompensa de nossa felicidade, de nossos esforços, de nossos sacrifícios; será a sua felicidade e a das almas.

Compreendam bem o sentido das minhas palavras. Isso seja sempre a sua maneira de agir, que essa seja sua atitude fundamental; então, alcançarão o objetivo da Igreja, sendo fiéis no seguimento do Salvador aonde ele mesmo for.

Mais uma vez, avivem a sua fé, renovem todas as suas boas intenções, apresentem todo o seu ser a Deus na meditação da manhã, na Santa Missa, na hora do Ofício e no trabalho; é isso o que nos põe em contato com Deus; é essa a maneira de aproveitar os méritos da Redenção, os merecimentos da divina Caridade. Assumam isso. Repito, desde já teremos uma sublime recompensa; encontraremos aí as verdadeiras alegrias espirituais. Receberemos do Bom Deus, em abundância, tudo o que nós lhe dermos. Haec est vita. Essa é a vida. Os Evangelhos, São João - do começo até o fim - é isso; as Cartas de São Paulo, igualmente. Está nisso o segredo, aí está a base. O Reino do Céu, o Reino de Deus, é isso mesmo. O sentido misterioso de todas as parábolas é esse; analisem cada uma delas e os Senhores encontrarão essas coisas; observem minuciosamente toda a doutrina do Evangelho, é isso. Está tudo nisso. Cada um se compenetre bem daquilo que acabo de dizer e procure praticá-lo durante esta semana.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 3 DE JUNHO DE 1896

O ESPÍRITO DE COMUNIDADE

Hoje não vou falar nem sobre as Constituições nem sobre o Diretório. Há uns pontos de caráter geral em que convém insistir e para os quais quero chamar-lhes a atenção, pois se trata da essência, do espírito da Congregação.

A questão é sobre nossa maneira de ver, de agir, de proceder nas diferentes funções que a obediência nos confia. Vamos falar primei-

ro sobre o espírito de comunidade.

Temos que compreender bem, meus caros Amigos, que, em toda a organização social, em cada família, em toda a associação, em cada Congregação, todo o mundo deve colaborar pessoalmente para a obra comum. Deve entrar no ritmo dessa associação, deve contribuir de todo o coração para a sua conservação, para o sucesso de seus empreendimentos, para a sua expansão. Para isso, é preciso que cada um saiba sacrificar uma quantidade de satisfações pessoais.

Agora que os Oblatos de São Francisco de Sales estão fundados, que têm a aprovação de Roma, que ocupam na Igreja um lugar igual ao de todas as outras Ordens religiosas, mesmo dos mais antigos religiosos, importa que ocupemos digna e plenamente esse lugar. É preciso que cada um saiba abnegar-se a si próprio.

E isso não nos agrada, mas é útil à comunidade, é requerido pela obediência, é preciso, sem hesitação, sacrificarmos os gostos pessoais. O irmão fulano não nos é muito simpático, não conseguimos compreendê-lo bem, seu caráter não combina com o nosso; façamos generosamente todos os sacrifícios necessários para entender-nos com ele. Temos uma maneira pessoal de ver as coisas; o que queremos, aliás, é bom, muito bom; gostaríamos que nossa opinião prevalecesse, mas constatamos que o parecer geral é contrário; importa, então, saber ceder logo.

Compreendam bem, meus amigos, essa teologia de abnegação, essa teologia da união dos corações e das vontades, à custa do nosso amor próprio.

Sejamos indulgentes uns para com os outros. Todos temos nossas misérias e nossas fraquezas; tenhamos compreensão para as dos outros; esforcemo-nos por amar e estimar cada um dos nossos irmãos, valorizando e apreciando o que cada um deles faz. As mentalidades, os caracteres são diferentes. É evidente que nem todos têm as mesmas idéias e idênticas capacidades. É bom constatar que quem é excelente num determinado aspecto, muitas vezes, não tem jeito para esta ou aquela outra coisa. Meus Amigos, nossa inteligência é uma mesa coberta com uma toalha. A toalha é um pouco curta e não tapa completamente toda a superfície da mesa. Se o Senhor puxa de um lado, descobre a outra ponta. Cuidado, porque querendo trazer a toalha para o seu lado, pode descobrir o lugar na frente do seu irmão, ostentando-lhe o panorama das deficiências e misérias do Senhor. É muito importante que cada um de nós faça os sacrifícios necessários para sujeitar-se à observância fiel da Regra, pa-

ra optar pela caridade e para concordar perfeitamente com o andamento indicado pela obediência.

Em que consiste isso?... É simplesmente o sacrifício de si próprio; é a pura grandeza, a generosidade, tão só o heroísmo. Nisso há um ato de soberana liberdade, exercido com força e poder por nossa vontade sobre a própria vontade. Isso não é conforme suas inclinações, não lhe é agradável?... Tanto mais o Senhor, por esse ato de abnegação, manifesta sua força, seu poder, sua liberdade, sua grandeza.

Constata-se que uma pessoa é grande e generosa, quando dá amplamente; a grandeza, a generosidade é exatamente proporcional à medida de dar. Não é aquele que recebe que, por isso mesmo, é grande e generoso, mas aquele que dá, e dá muito, e dá de boa vontade. Este, sim, é uma figura valiosa, tem personalidade; ele confirma essa vontade pessoal; vencendo-se muitas vezes, superou as suas inclinações, triunfando sobre o íntimo de sua natureza e seu caráter.

No caso de colaborar numa obra que não é de interesse pessoal, mas de interesse comum, quando se trata de doar-se, é preciso fazer como o soldado no campo de batalha. Certamente, combater não é assunto pessoal do militar; mas ele está lá por outros motivos, por uma idéia, por um princípio, a defesa da pátria e ele dará, se for preciso, até a última gota de sangue. Este é um homem de coragem, este é um homem grande e generoso.

Será que não é difícil abnegar assim à vontade própria? Isso custa mais do que mendigar pão ou jejuar até duas horas da tarde. Não há mortificação, não existe sacrifício comparável, em última análise, a essa contínua imolação da vontade própria. Não é um duro martírio, suportado por Deus, esse sacrifício e essa renúncia de si mesmo, a cada instante? Exercitemo-nos nisso, meus Amigos; isso será exatamente a força da Congregação, sua vitalidade interior.

Observem os Padres Jesuítas, como eles sabem fazer essa abnegação de si mesmos, como sabem dobrar-se para todos darem adesão às mesmas idéias e conformar-se ao mesmo molde: é nisso que consiste a sua força. Vejam como eles se apóiam, referente às suas obras, e como se ajudam mutuamente. Nunca deixam de avisar as pessoas que são dirigidas por eles que estas vão ao Padre fulano ou ao Padre beltrano, no caso de ausência ou de falta deles mesmos. Nunca, nunca deixam de fazer isso: "Eis uma associação, fundada por um de nossos Padres; devem fazer parte... É um de nossos Padres que é capelão dessa Obra; devem asso-

ciar-se..." Dizem isso a todas as pessoas sobre as quais podem ter alguma influência. E todos, todos fazem isso! Eles estão bem a par das pessoas e das coisas. A gente diz que eles têm verdadeiras agências de informações; sempre estão ao corrente do estado espiritual de todos aqueles com quem podem estar em contato. Não convém que nós nos dediquemos a esse tipo de inquéritos e informações secretas, não. Mas, quanto ao mais, poderíamos bem tentar fazer um pouco como eles. Tenhamos muito cuidado para conservar a boa influência que possamos ter adquirido sobre as almas, para transmiti-la a quem vier depois de nós. Encaminhemos atentamente essas pessoas a esse ou àquele Padre que, no caso, for nosso sucessor.

Nossa colaboração para o sucesso das nossas obras deve ser muito discreto, sábio, humilde. Temos um princípio que devemos sempre respeitar muito, porque representa nossa força: nunca meter-nos à frente e sempre contar mais com Deus que com nossos esforços pessoais. Eis o segredo de como sermos bem-sucedidos em nossas obras.

Além disso, não nos meteremos na obra do vizinho. Deixaremos a cada pessoa sua influência e sua maneira de ver e de agir, quando elas forem realmente boas e benfazejas. Pelo contrário, vamos ajudá-las, na medida da prudência e da sabedoria. Não nos colocaremos como autocratas, como os donos absolutos das coisas e da situação. Seremos humildes e condescendentes; de bom grado deixaremos os outros atuarem, quando estes julgam estar fazendo o bem e isso não for contrário à lei de Deus e à nossa obrigação pessoal. O Senhor Legentil (ele é uma autoridade; todos os jornais escrevem sobre ele; não há revista - até a Revista Católica de Troyes - que não fez uma reportagem extensa sobre o Senhor Legentil) este, então, me disse um dia: "Gosto muito do meu Patronato São Carlos, em Paris. Desde que é um Oblato que está lá de capelão, estou tranqüilo, porque, de um lado, o Diretor, M. G..., faz o que deve fazer, e, de outro lado, o capelão também faz o que lhe compete fazer; todo o mundo se entende e o bem se realiza no patronato. Estou tranqüilo..." Conservem essa maneira de agir, meus Amigos; está nisso a nossa força.

Mas para agir assim, para não invadir as atribuições de outrem, pelo contrário, para ajudar-nos bem mutuamente, repito, sacrifícios contínuos tornam-se indispensáveis. Frente a um obstáculo que se ergue em nossa frente; diante de uma opinião emitida que contrasta redondamente com nosso parecer, é preciso saber sacrificar o juízo pró-

prio e a vontade pessoal. Para que fazer frente à opinião e à vontade do vizinho? Ante uma contradição, recolhamo-nos espiritualmente em Deus; procuremos enxergar claramente, depois, qual é o âmago do pensamento daquele que se opôs; vejamos com imparcialidade o que pode haver de correto e de bom nisso; aceitemos o que é aceitável e o que pode dar certo, mesmo que nos pareça menos acertado do que aquilo que nós pensávamos realizar. Assim, a união não é quebrada, a caridade se conserva; há colaboração e os corações se entendem.

Essa, meus Amigos, deve ser sempre a nossa maneira de agir. Precisamos querer-nos bem verdadeiramente e precisamente dessa maneira. Cada um tem um caráter diferente, repito; cada um tem sua maneira de ver, mas sempre devemos nos lembrar de que cada próximo é nosso irmão; devemos pensar no amor de Deus para cada um deles. Vejamos cada um deles no Coração do Salvador e compreenderemos que é preciso ser bom para com o irmão.

Demais, não pode ser que os Oblatos sejam uns não-vale-nada, gente que não sabe fazer a mínima mortificação. É um sacrifício enorme - eu reconheço - aquilo que lhes peço; mas também é verdade que é o ato do mais sublime desenvolvimento da inteligência humana; é também a tática mais hábil que possamos empregar para o sucesso do que empreendemos; façamos a experiência para constatá-lo.

O que Jesus disse é bem verdade: Dico vobis quia si duo ex vobis consenserint super terram de omni re quaecumque petierint, fiet illis a Patre meo, qui in caelis est. Ubi enim sunt duo vel tres congregati in nomine meo, ibi sum in medio eorum (cf. Mt 18,19.20). Digo-vos: se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir isto lhes será concedido por meu Pai que está nos Céus. Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles." As palavras do Evangelho são as palavras de Deus; não há nada mais certo e garantido. E não se trata somente dos assuntos espirituais e da vida religiosa, mas "de omni re quacumque", "sobre qualquer coisa".

Esforcem-se por estar sempre de acordo com aqueles que vivem com os Senhores, pois: Si duo ex vobis consenserint (Mt 18,19) (se dois estiverem de acordo), Deus fará com que os projetos dos Senhores sejam bem-sucedidos; mas acontecerá também, muitas vezes, que terão ganhado o próximo para sua causa, exatamente pelo próprio fato de sua caridade e

de sua abnegação.

Eu observava isso na Boa Madre Maria de Sales que, com certeza, tinha mais capacidade do que qualquer uma das pessoas que jamais conheci. O que causava minha admiração era constatar como ela sabia ceder de si, para doar-se completamente a todos e dobrar-se perante as diferenças de caráter daqueles com quem estava em contato, tornando-os todos felizes. Sempre via-a cheia de benevolência em todas as circunstâncias e para com todas as pessoas que a procuravam. Sempre sabia conduzir suavemente e sem forçar todos os espíritos. Todos aqueles que, de começo, se opuseram à opinião dela acabavam dizendo: "Está muito certo, ela tem razão; as coisas são como ela diz." Eu reparava a autoridade que ela, ainda bem jovem, soubera conquistar sobre suas primeiras noviças de Friburgo, das quais diversas foram suas colegas, durante algum tempo. Quase todas as primeiras noviças da Boa Madre tornaram-se Superioras de comunidades, na França e alhures. Todas as companheiras da Boa Madre tinham confiança nela, todas a consultavam. Todo o mundo respeitava não somente suas ordens, mas também seus simples conselhos; todo o mundo se curvava. Na Visitação de Troyes, na época que ela era Superiora, reinava uma caridade total, uma união completa de corações. Notem que essa união é mais difícil ainda entre mulheres do que entre homens. Por natureza, é-lhes bem mais difícil entender-se, quando se encontram juntas durante muito tempo.

Mas como estar sempre de acordo com todos? Que significa isso? Não se deve dizer sempre toda a verdade? Primeiro, não é bom dizer toda a verdade, reza o provérbio acertadamente. E isso por motivo da caridade. Sem dúvida, não somos obrigados a dizer que alguém tenha razão, quando é evidente que está errado, nem que seja ele muito capaz, quando se trata de um sujeito imprestável. Mas, mesmo nessas circunstâncias, há uma maneira caridosa de expressar-se que, sem ferir aquele de quem se trata, também não desrespeita a verdade. Olhem um exemplo. Os Anais Salesianos divulgaram recentemente um artigo sobre Nossa Senhora da Santa Esperança. O Reverendíssimo Padre André, Pároco e Abade de Mesnil S. Loup, achou que o artigo do Padre Pernin prejudicasse a sua romaria e a imagem de Nossa Senhora da Santa Esperança; o artigo parecia afirmar que a denominação 'Nossa Senhora da Santa Esperança' tivesse sido sugerida ao Padre André pela nossa estátua na casa da rua "des Terrasses". Algumas pessoas, sem serem solicitadas, intrometeram-se na questão e daí surgiu um grande problema entre os Padres Beneditinos de Mes-

nil S. Loup e os Oblatos. O Padre Pernin cortou a questão, declarando nos Anais que nunca tinha a intenção de afirmar qualquer coisa desfavorável em relação ao Padre André e à Nossa Senhora de Mesnil S. Loup; e fazia constar, com muito prazer, a declaração do Padre Abade de que a denominação do seu santuário não tinha sido inspirada pela visita por ele feita à capelinha na rua "des Terrasses", antes de organizar a sua romaria. Assim, o Padre Abade, vendo sua palavra aceita, não teve mais nada a dizer e não teve mais motivo de queixar-se.

Sempre temos que proceder dessa maneira, com o espírito amável e reto, ao mesmo tempo, espírito que desarma forçosamente os adversários, por não terem mais o que atacar.

O que devemos fazer para fora, nos toca fazer também dentro de casa, entre nós. Saibamos fazer sempre os sacrifícios que se apresentarem a nível pessoal. Compenetremo-nos bem dessa doutrina. Quando se der a ocasião, temos que saber sacrificar o nosso caráter, a nossa maneira de ver, nossas inclinações e preferências, tudo o que poderia prejudicar ou inviabilizar o bem a ser feito no ministério pastoral. Essa maneira de agir tem algo de irresistível. Por quê? Porque: Si duo ex vobis consenserint super terram de omni re quacumque petierint, fiet illis (Mt 18,19) (Se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isto lhes será concedido); também para as coisas materiais e temporais, repito: de omni re quacumque petierint (sobre qualquer coisa que queiram pedir).

Façam isso, meus Amigos, assim serão, ao mesmo tempo, santos, homens verdadeiramente hábeis, homens sempre retos.

A abnegação, a renúncia por amor a Deus, é a virtude fecunda e produtiva; é a virtude que nos dá influência sobre as almas que nos são confiadas. De outra forma, reina o nada, a negação de toda a ação divina e salutar.

Trata-se, pois, do bem comum, da ordem geral, da observância: são todos grandes valores em si mesmos. Estejamos, portanto, muito dispostos a deixar de lado nossa vontade e nossa opinião própria, para cumprirmos a obediência. Assim ,com Deus e a obediência, seremos fortes, seremos invencíveis.

Recomendo a suas orações os nossos interesses na África. Nossos Padres receberam uma carta na qual lhes oferecem um lugar no Grand Namaqualand (atual Namíbia - tr.), a saber, mais ou menos quatro lé-

guas quadradas. Eu gostaria muito de ver nossos Padres estabelecidos no Grande Namaqualand. Já tentaram uma vez, mas não conseguiram. A autoridade se opunha à fixação deles. Para obter a autorização, é preciso ter uma propriedade, uma morada, algum imóvel. É a condição básica para toda a evangelização nesse país. Para ter sucesso, é necessário construir antes uma casa que sirva de escola e de igreja. Depois, os Padres devem instruir as crianças na escola e os adultos, ao mesmo tempo, na igreja; além disso, é preciso dar-lhes o exemplo e a instrução para o trabalho, dando-lhes, à medida do necessário, os meios. É assim que fizeram até agora e é assim que vão fazer no Grande Namaqualand. Com esses sacrifícios, conseguirão, como em Pella, uma população católica numerosa, boa, edificante. Em Pella, acho que não haja mais nenhum protestante. Rezem nessa intenção, para que sejamos bem-sucedidos.

Façam sua meditação da manhã, examinem-se sobre o que acabei de dizer-lhes sobre os sacrifícios que devemos impor-nos para praticar a caridade, a harmonia, o respeito mútuo. Então, seremos religiosos. Então, seremos capazes de ceder. Que isso faça parte de nossos costumes, porque é isso um dos nossos deveres básicos. Será assim que realizaremos o bem.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 24 DE JUNHO DE 1896

AMOR E UNANIMIDADE

Meus caros Amigos, dirigindo-me ontem aos professos que faziam sua profissão perpétua, disse-lhes que havia uma grande graça a pedir a Deus, ou seja, o amor pela Congregação. Precisamos chegar a realizar o voto de São Francisco de Sales: **"Eu vos peço e até vos conjuro que tenhais todos um mesmo amor e vivais todos a mesma unanimidade dessa vocação, em Jesus Cristo, Nosso Senhor, e em sua Mãe, Nossa Senhora."** É necessário, portanto, pedir a Deus, com insistência, o afeto mútuo, o

amor pela Congregação e para com cada membro em particular, independente do país ou da nação de sua origem.

A Boa Madre Maria de Sales disse que os Oblatos iriam para todo o mundo. Não foram estabelecidos outros limites para a influência deles, nem para a extensão das graças que eles devem ocasionar entre os povos que os confins do próprio mundo. É necessário, portanto, que o laço do amor que nos une seja bem forte e bem íntegro. É preciso que seja verdadeiramente esse liame único do amor, que é o vínculo da perfeição, forte como a morte e mais firme do que tudo o que se pode imaginar. Deve ser irrepreensível, deve dominar e superar tudo. Conformemo-nos, portanto, a esse espírito e queiramos muito bem cada um de nossos Padres.

Temos que esforçar-nos ainda mais por amar aqueles que nos chegam de outros países e são-nos estrangeiros; isso é genuinamente cristão. Eles têm direito a um amor maior. Fazem um grande sacrifício, vindo para cá, adaptando-se aos nossos costumes e à nossa maneira de agir. Se não prestamos atenção, facilmente ficamos persuadidos de que os nossos costumes, nossas idéias são as melhores do mundo. Esse parecer é congênito a cada um; precisa-se de reflexão e também de virtude para chegar a colocar as coisas no seu lugar. Os ingleses têm costumes, maneiras de agir que parecem um pouco particulares e originais. O Senhor parece achar graça nisso e lançar uma palavra de gozação, sem querer ofender e sem verdadeira malícia; o Senhor escreve isso numa carta que os 'Anais Salesianos' publicam, no meio de um artigo cheio de louvores sobre a Inglaterra, terra, aliás, da qual o Senhor gosta muito. Os ingleses que lerem os Anais só verão a gracinha, mas, aos seus olhos, esta assumirá proporções bem maiores e sentir-se-ão extremamente ofendidos.

Pede-se-nos mandemos Oblatas para a Itália. O Padre Rollin escreve-me, com a recomendação de escolher bem as Irmãs que forem enviadas para lá; sejam religiosas bem modestas e não tendo pretensão de serem superioras ao pessoal nativo.

No Cabo, uma brincadeira, feita por um de nossos Padres numa carta publicada nos 'Anais', sobre o Pastor protestante de Warmbad, por pouco deixou de causar um verdadeiro desastre. Tinha ridicularizado um pouco o Pastor pelo fato de não querer admitir para o culto na igreja os negros descalços e os que usam pouca roupa. O Pastor ficou sabendo e atacou violentamente o Padre Simon, diante do Capitão dos Hotentotes.

Fez-lhe recusar, após mil afrontas, o lugar onde o Padre queria estabelecer uma missão. Nunca mais se deve fazer uma coisa assim. Quando a gente trata com alguém que não tem as mesmas idéias, sobretudo sendo de outra nacionalidade, precisa-se cuidar muito para não causar atritos, ferindo as sensibilidades.

O Pároco de Châtel São Dionísio, um muito respeitável sacerdote e que queria oferecer-nos uma importante casa na Suíça, ficou muito zangado comigo, porque eu tinha lhe dito, sem malícia alguma: "Por que os suíços fazem só queijo refinado? Não são tão bons como nosso requeijão da França que todo o mundo come com gosto." Ele me respondeu: "Olhe aí, os franceses que querem ditar leis em toda a parte." E continuou, ficando todo vermelho de fúria: "Sempre tem-se fabricado queijo refinado na Suíça e este é melhor que todos os outros!" Custou-me muito acalmá-lo.

Temos que estar atentos a essas suscetibilidades, freqüentemente muito legítimas. É a ocasião para fazer atos de caridade. Não há nada mais conforme o espírito de São Francisco de Sales e nada tampouco conquista mais prontamente os corações do que aceitar, apreciar e estimar as idéias e a maneira de agir dos outros. O que não entendemos, no começo, o que nos choca ou nos parece até ridículo deve de ter sua razão de ser; a verdade seja dita. Isso depende da educação, do temperamento, do caráter e das circunstâncias do sol e do clima. Não nos façamos de donos da sabedoria, da destreza, da experiência, do know-how; isso está errado, é ridículo.

O que, com isso, estou-lhes pedindo, meus Amigos, é simplesmente uma questão de tato e de bom senso. Acolhamos com simpatia os que para nós são estrangeiros, respeitando-os e querendo-os bem. Se temos que amar os nossos compatriotas, devemos cercar com maior caridade ainda os que não o são. Entre os de casa não há cerimônia, diz o ditado. Precisamos, meus Amigos, de uma caridade que saiba agüentar, completa e inteiramente, aqueles dentre nossos irmãos que têm uma outra nacionalidade.

As Constituições recomendam evitarmos cuidadosamente todas as questões quentes referentes às diferentes nações e Províncias; convém irmos além e aproveitarmos a ocasião para atos delicados e perfeitos de caridade. Há Ordens religiosas onde a gente se entende bem, sem dúvida, no entanto, entre Padres de Províncias diferentes, há algumas pequenas

divergências... Não gostaria que isso jamais acontecesse entre nós. Gostaria de que cada uma das Províncias - quando as tivermos - estivesse bem arraigada no Coração de Deus, no coração do Superior Geral e no coração de cada Oblato de São Francisco de Sales. Gostaria de que cada uma das Províncias fosse bem católica, apostólica, romana e salesiana e que todo o mundo se encontrasse bem à vontade em cada uma das Províncias e em cada uma das casas do Instituto.

Na Inglaterra, o espírito dos Oblatos está sendo bem aceito; todos gostam deles. Na Alemanha, as Visitações parecem estar mais ainda ligadas a nós que na França. Por quê? Encontram, pois, no espírito da Congregação o espírito do próprio São Francisco de Sales. Vêem que é um espírito de caridade e de dedicação e, então, é isso que as conquista. Continuo recebendo cartas da Alemanha nesse sentido; a Alemanha católica, onde nos fizemos presentes em diversos lugares, nos é sumamente simpática.

Somos Oblatos, não podemos deixar de sê-lo. É a base sobre a qual temos que edificar tudo. Realizaremos nossa obra e salvaremos as almas, não por sermos alemães, franceses, ingleses ou italianos, mas porque atuaremos como Oblatos de São Francisco de Sales. O que o verdadeiro Oblato disser terá o mesmo som e a mesma eficácia em todas as línguas, em todos os países, no meio de todos os povos, com todos os seus costumes e hábitos.

Fiquei chocado, um dia, ao ouvir a apreciação de um religioso estrangeiro, membro de uma grande Ordem. Ele referia-se a uma palavra dita por um dos seus coirmãos: "Oh", dizia com desdém, "foi um francês que disse aquilo!" Nunca, meus Amigos, deve acontecer que nós falemos assim, nem que demos ocasião que outros falem destarte por nossa conta. É preciso que sempre se possa dizer com estima e respeito: "É um Oblato que disse aquilo." Todos os Oblatos dizem a mesma coisa, porque têm um só coração e uma só alma, sejam eles italianos, ingleses, franceses, alemães ou oriundos de qualquer outra nacionalidade. Nisso estará nossa força e nosso poder: nosso poder sobre o coração de Deus e nosso poder junto às almas. Isso não é natural; isso se aprende pela formação, aprende-se no Noviciado e na vida comunitária. Toda a comunidade seja impregnada desse espírito, porque o fruto se parece sempre à árvore que o produziu. De um seminarista não se exige a mesma coisa, por melhor encaminhado e formado que seja. Entre o clero diocesano há sempre e forçosamente uma pequena tendência ao espírito próprio; não se consegue

ter a mesma união dos espíritos e dos corações como numa comunidade religiosa. E isso, no entanto, não pode surgir por força da natureza. O Bispo de Troyes me dizia e repetia sempre: "Padre Brisson, o Senhor está sempre no sobrenatural!" Pois é, certamente não temos nada e não podemos fazer nada por conta própria; é imprescindível procurar apoiar-nos lateralmente, e de lado da natureza está o sobrenatural. Nossa força e nosso apoio se encontram aí. Olhem o Evangelho: não é isso constantemente o sobrenatural? Regnum caelorum (O Reino dos Céus), Regnum Dei (o Reino de Deus)... Não é a influência física ou material que obtém os grandes resultados, senão Regnum caelorum (o Reino dos Céus), isto é, o sobrenatural.

Queremos cultivar o bem-querer de uns para com os outros e frente à nossa Congregação. Desafio os Senhores a chegar a isso sem os meios sobrenaturais. São absolutamente necessários. Peçamos, portanto, essa graça ao Bom Deus; invoquemos o Espírito Santo. A Congregação seja composta de membros, todos de elevada virtude; suas Obras sejam perfeitamente organizadas...; ela mesma seja o que se pode encontrar de mais admirável, de mais excelente, de melhor funcionamento no mundo. Pois bem, mesmo assim - podem acreditar-me - tudo isso não conquistará indistintamente todos os corações. Haverá, entre os membros, os que parecem estar forçados a contradizer e, portanto, continuam contrariados...

Não, a perfeição mesma de cada membro da Congregação não traz consigo, de forma natural, essa união de corações e esse verdadeiro bem-querer. A natureza não basta; é preciso o sobrenatural.

Peçam essa graça a Nosso Senhor, nas suas orações e na hora da Santa Comunhão. Solicitemo-la com fé e fervor e o dia em que tiverem esse amor no coração, meus Amigos, terão o paraíso no bolso, terão na sua carteira a entrada para o céu. Sim, com toda a certeza. Por quê? Porque isso terá-lhes custado, porque, para serem fiéis a essa graça, terá sido forçoso fazer sacrifícios, sacrifícios difíceis e contínuos. Suadeo tibi emere a me aurum ignitum, probatum, ut locuples fias. (Ap 3,18) (Aconselho-te a comprar de mim ouro purificado no fogo para que enriqueças) Qual é o ouro que Cristo quer que compremos dele, ouro puro, acrisolado? É o amor que lutou e sofreu, é a caridade. A gente encontra em volta contradições, choques; a gente se sufoca e é ferida; vê-se forçada a voltar ao pensamento sobrenatural; reza-se, a gente se dedica com todo o amor do coração; está aí o aurum ignitum (o ouro purificado) que enriquece. Empenhem-se por isso com toda a devotação e

realizarão uma coisa valiosa.

Em nossa Missão do Cabo, em Springbock, choveu um pouco no dia de Pentecostes. A situação penosa dos nossos missionários comoveu a opinião pública. Em Paris, no pensionato das Oblatas, fizeram uma coleta para eles e arrecadaram mil francos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 1º DE JULHO DE 1896

NOSSO VÍNCULO - O VOTO DA CARIDADE - A VIDA INTERIOR - NOTÍCIAS DAS MISSÕES

No último Capítulo, lembrei-lhes a caridade para com os nossos Padres e também a caridade com a própria Congregação. A caridade é o afeto, o amor e a devotação. Chamei sua atenção para essa verdade muito teológica que a caridade é um dom divino; uma virtude sobrenatural que não se pode exercer senão através de uma dádiva especial de Deus, não sendo, portanto, o resultado de nossos esforços naturais. É um dom gratuito. Devemos, portanto, pedi-lo a Deus com insistência. Não amaremos perfeitamente a comunidade e a observância, não queremos com perfeição as obras da Congregação sem um dom particular de Deus. Não é porque se trabalha bem, não é porque as coisas nos são agradáveis e de nosso gosto, porque combinam com o nosso caráter pessoal que devemos amar tudo. As preferências e os gostos são diferentes; as impressões são diversas. O que serve a nós e nos agrada não cai bem e não satisfaz a outros. Não é possível, portanto, haver concordância de sentimentos, de afetos sem uma graça totalmente particular de Deus. Peçamos essa graça durante a Santa Comunhão.

Esse afeto para a Comunidade, esse bem-querer é o agente mais poderoso para alcançarmos nossos fins, para que a Congregação faça, na Igreja, o bem que ela é chamada a realizar. Deus é amor. Tudo o que ele faz é perfeito: criaturas materiais e seres espirituais. Deus é carida-

de; e onde houver caridade, esta leva à perfeição. Tudo está bem ordenado no mundo, porque Deus é caridade. Familiarizemo-nos com essa doutrina. Que seja esta a medula de nossa vida religiosa, nossa prática quotidiana e constante: fazer por amor tudo o que temos que fazer; pôr a caridade e o bem-querer em tudo no primeiro plano. Era a prática de São Francisco de Sales e também a da Boa Madre.

Os Senhores poderiam dizer-me: "Padre, isso é impossível. Não se pode viver sem manifestar os sentimentos." É verdade, não se pode. Mas que tudo o que disserem e realizarem parta sempre do fundo da caridade, que essa seja sempre a base. As Oblatas, as melhores e mais bem-sucedidas em sua vida religiosa, fazem o voto de caridade. Começam por fazer esse voto durante algum tempo, por algumas semanas. O confessor lhes permite isso. Então, elas pensam em cumprir seu voto, dedicando-se a não faltar contra ele em nada. Vejo que aquelas que fizeram esse voto de caridade vivem com muita harmonia e em paz.

Cada um tem sua maneira de viver, sua maneira de sentir e de agir. Somos instáveis: Homo est mutabilis.

A caridade - depois de se fazer o voto - reúne todas as pessoas num mesmo querer e num só pensar. Convido os Senhores também a fazer esse voto, meus Amigos. Julgo que nos convém estreitar os laços. Não somos um regimento de soldados sob uma disciplina férrea; não somos uma associação beneficente, cuja contribuição constitui a ligação entre os membros e que multa os associados faltosos; não temos outro laço que possa aproximar-nos uns dos outros, a não ser o vínculo do amor, sobretudo quando for confirmado pelo voto da caridade, pelo voto de observar esse bem-querer da caridade.

Um Pároco de uma diocese vizinha veio pedir-me Oblatas "porque são", assim me disse, "caridosas entre si." Pois bem, faz alguns anos, ele não poderia ter dito isso; não poderia ter lançado essa observação. Vejam como isso impressiona favoravelmente. E, de fato, a prática da caridade, a observância desse voto de caridade supõe uma verdadeira e difícil virtude. É preciso cuidar muito de si para não dizer uma só palavra contrária à caridade, para saber calar quando não há nada a dizer, para encarar tudo do lado bom, para ajudar, suavizar, confortar em tudo e em toda a parte. Precisamos chegar a fazer isso mesmo, meus Amigos. Nas suas relações com o próximo, nas conversações sobretudo, nas idas e vindas, nas visitas às casas paroquiais, nas visitas que recebem, importa que todos os nossos Padres tomem o maior cuidado de não

dizer nunca uma palavra que possa demonstrar falta de caridade ou de confiança para com qualquer um dos nossos irmãos. É necessário rogarmos a Deus essa graça, pois só ele pode dar a força de superar as resistências nesse ponto e de vencer as reações momentâneas, para que fiquemos sempre, sempre nos limites da santa caridade.

Convido-os a todos, portanto, à medida do possível, que façam o voto da caridade. Inicialmente, façam-no por um mês, depois por seis semanas, depois para mais tempo. Pratiquemos, também, exercícios positivos de caridade. Cada vez que fazemos uma prática de caridade, realizamos algo sumamente agradável a Deus; talvez seja uma alma que conquistamos cada vez ou, pelo menos, que ajudamos a ganhar para Deus. Um santo sacerdote, um santo religioso pode fazer assim um bem incalculável por suas práticas de caridade e de todas as outras virtudes. Atrai continuamente as graças para as almas, tanto pelas obras do seu ministério como por suas orações e também pela prática de todas as virtudes.

Nisso consiste precisamente a nossa vida: **"Não temos outro laço senão o vínculo do amor que é o vínculo da perfeição, pois o afeto é forte como o inferno. Como poderia, portanto, haver ligações mais fortes do que o vínculo do amor que é o vínculo da perfeição? A caridade de Jesus Cristo nos impulsiona."** Nós devemos ser homens de vida interior para chegar a isso. Um homem, o que é que vale? O que ele é? Em que consiste o homem, em última análise? No seu interior, na sua correspondência à graça, na disposição, nas suas intenções, na sua mentalidade individual. Até o exterior depende essencialmente do interior; todos os trabalhos do homem são dirigidos e conduzidos pela sua inteligência; é esta que determina e prepara os meios para chegar a um ou a outro resultado. O homem é um ser essencialmente interior e todo o seu exterior é só a conseqüência do seu pensamento, de sua disposição interior. Empenhemo-nos a ser verdadeiramente homens de vida interior. Para chegar a isso, temos um meio excelente que São Francisco de Sales nos deixou: o Diretório, o Diretório de que vivemos, que pregamos, que ensinamos aos outros; o Diretório que é nossa herança e nosso tesouro. Temos que assumir de cheio todos os pensamentos do Diretório. Devemos chegar ao ponto de que todas as nossas ações dependam de Deus e voltem para ele. Tudo o que fazemos seja feito em vista dele, sob seus olhares e por amor a ele. Então todo o nosso ser será, por assim dizer, rodeado e permeado por Deus; em tudo o que fizermos, perceber-se-á o Bom Deus;

em tudo aproximar-nos-emos dele, comungaremos com ele... Tudo se tornará meritório e excelente aos seus olhos.

E nisso, a gente não se engana; sempre se acerta; chega-se ao fim de tudo, que é a caridade para com Deus e para com o próximo. Sempre se alcança sucesso. A gente se torna infalível. Que todos os nossos trabalhos, sejam quais forem, que todas as nossas ações, quer materiais quer espirituais, sejam impregnadas do Diretório. Que os trabalhos manuais, que as ocupações intelectuais, que tudo seja feito nesse sentido.

Então seremos homens fortes, generosos, poderosos; nossa alma não experimentará desânimo, pelo menos não desfalecimento completo, porque não é de admirar que sempre surge alguma falta de energia moral. Quem é que não sabe disso?

Entreguemo-nos, portanto, a essa vida interior que se nos abre. Aí encontraremos tudo o que precisamos para, segura e facilmente, chegar a Deus. A luz de Deus nos brilhará diante dos olhos, sua ajuda interior nos estimulará, nos guiará. E, então, tudo o que fizermos, sobretudo nos serviços do ministério pastoral, será maravilhosamente eficaz. A gente o perceberá em volta de nós e faremos um bem imenso às almas.

Um confessor que não tem essa vida interior pode dar a absolvição; sem dúvida, a graça sacramental se produz na alma do penitente, tanto mais abundante quanto melhores são as disposições deste. Mas, além da graça propriamente sacramental, há graças que, na teologia, são chamadas subseqüentes do Sacramento; estas faltarão a um confessor como esse. Vivendo nós essa vida interior, podemos comunicar algo disso a nossos penitentes o que se acrescentará ao benefício da graça sacramental. As almas dos fiéis sentem bem isso. Eles compreendem, respeitam e veneram o sacerdote de vida interior; percebem que ele tem interesse neles e os conduz ao Bom Deus. Eles correspondem ao que o confessor lhes proporciona, e assim se realiza neles um serviço eficaz, completo, generoso.

Encontraremos esse espírito interior na doutrina de São Francisco de Sales, nos ensinamentos da Boa Madre. Mas esse espírito não se compra com dinheiro; adquire-se à custa de um trabalho contínuo, acompanhado de fidelidade e de controle sobre si. É preciso ganhá-lo, por assim dizer, tostão por tostão. Não é uma coisa que nos vem em quantia, e de vez, e que nos cai de cima, como o Espírito Santo desceu sobre os

Apóstolos; antes é um verdadeiro orvalho que se forma gota por gota.

Será que essa vida, meus Amigos, é uma vida desagradável e aborrecida? Não, bem pelo contrário, é o segredo da felicidade do sacerdote, da felicidade do religioso, da felicidade das almas cristãs. Convençam-se bem dessa idéia e desse modo de ver. Importa que isso seja a maneira própria nossa de pensar, de forma toda especial. Temos que nos empenhar por tornar-nos homens de vida profundamente interior. Isso não quer dizer que precisemos ser tão retraídos que não sejamos mais capazes de entender algo das coisas exteriores, que não nos comuniquemos mais com o mundo externo, que levemos uma vida completamente concentrada em nós mesmos, uma vida confinada em nossas ações pessoais, sem ocupar-nos dos outros... Não, não é isso! Pelo contrário, bem pelo contrário, levando essa vida interior, fazemos bem todas as coisas. Nosso Senhor disse aos Apóstolos: "Quem fizer o que eu digo, quem crer em mim, fará as obras que eu faço e fará até maiores." (Qui credit in me, opera quae ego facio, et ipse faciet, et majora horum faciet.) (Jo 14,12). Foi Nosso Senhor quem falou. É muito bonito fazermos obras até maiores que as de Nosso Senhor, por mais pequenos e miseráveis que sejamos!

Assumam essa vida, meus Amigos! É a base. Sem isso, não seríamos os religiosos que devemos ser. Não seríamos religiosos de forma alguma. Reflitam bem no que eestou-lhes dizendo. Pensem nisso durante a meditação, na Santa Missa, na hora da Comunhão, frente ao Santíssimo Sacramento. Peçam ao Bom Deus a luz: Domine, fac ut videam (cf. Mc 10,51). Senhor, fazei que eu veja! Domine, adauge nobis fidem. (Lc 17,5) Senhor, aumenta-nos a fé em todas as coisas! Devemos pedir isso também à Boa Madre; é preciso rezar insistentemente para que cheguemos a estar realmente à altura daquilo que Deus de nós deseja.

Escrevi ao Núncio de Paris, Dom Ferrata. Eis a sua resposta. (O Padre lê a carta). Ele é muito bom para conosco. Em assuntos difíceis, na Grécia, Dom Ferrata defendeu-nos contra as acusações de pessoas que eram inimigas declaradas da Congregação. Escreveu para Roma em nosso favor e recebeu do Papa uma carta consoladora para nós. Prometeu-nos uma cópia.

O Padre Rollin continua sendo bem acolhido em toda a parte na cidade de Roma.

Recomendo a suas orações nossa Missão na África, pois pretendemos ampliá-la e, para esse fim, tomar certas medidas de que lhes falarei um pouco mais tarde, e que serão muito vantajosas para a Congregação.

Recebemos de Montevideo uma carta que pede com insistência um dos nossos Padres como capelão da Visitação e para ocupar-se das missões e viagens apostólicas. Talvez seja isso um meio para aproveitar os nossos Padres que ainda estão no Equador e que lá não podem fazer nada, pois a revolução está continuando e domina completamente a situação. E dizer revolução é dizer Maçonaria. Eles têm um poder terrível, porque têm adeptos por toda a parte. Essa é mais uma intenção que recomendo muito às suas orações.

-0-0-0-0-0-0- 0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 8 DE JULHO DE 1896

NOSSA FINALIDADE E OS MEIOS CONCRETOS - DOM SIMON

Temos um meio, um grande meio para chegar ao fim que nos é proposto. Então, primeiro, qual é esse fim?

Nossa finalidade é a nossa união com Deus, nossa fidelidade. É cumprir nossas Constituições e nossas observâncias; é sermos pobres, obedientes, castos, caridosos, bons religiosos.

Há um grande meio para alcançar essa finalidade, um meio que quase não se encontra nos livros, mas que eu admirava na prática de vida da Boa Madre Maria de Sales, um meio que ela aprendera diretamente dos seus Santos Fundadores. Esse meio consiste em aproveitar tudo o que temos à disposição, tudo: nossa boa vontade, nossas forças, os talentos, até mesmo nossos defeitos, mesmo nossas dificuldades e nossos obstáculos, fazendo servir tudo isso para realizar, com a maior perfeição, com o maior amor possível, o que Deus e a Regra nos pedem.

Escutem bem o que estou-lhes dizendo. O grande meio de que lhes estou falando é de valer-se e de servir-se de tudo o que acontece de bem ou de mal, de tudo o que encontrarem em seu caminho, para a perfeição de sua vida religiosa, de sua união com Deus. Esse é o nosso caminho, meus Amigos; por aí temos que andar e encontraremos nele uma valiosa ajuda.

A Boa Madre dizia muitas vezes: Importa que sejamos gente decidida, determinada, até cabeçuda, querendo conseguir o fim que se propôs, custe o que custar. Alcançar o fim que mencionamos, a união mais constante possível com Deus, não é fácil; isso não se consegue sem obstáculos. Encontraremos muitas dificuldades ao longo do caminho, problemas de todo o tipo e de todas as formas: distrações, fadiga, contradições, oposição de dentro e de fora, tudo fará empenho por desanimar-nos, para freiar-nos e despistar-nos de nosso fim.

Trata-se exatamente de encontrar o segredo de aproveitar para o nosso fim as coisas que lhe parecem das mais contrárias. A Boa Madre de Sales topava, no decorrer dos seus dias, com muitos contratempos, experimentava muitas desilusões, constatava ao seu redor muitos desânimos, muitos fracassos, encontrava-se também em muitas situações de perplexidade. Ora, todas essas coisas, que poderiam ter sido obstáculos para o seu fim, tornavam-se, na realidade, uma ajuda, pela maneira como ela as aproveitava para aderir à Vontade de Deus, para se unir mais intimamente a essa Vontade de Deus.

Por exemplo, as tentações contra a castidade que surgem em nós. À primeira vista, parecem um obstáculo imediato e direto à virtude da castidade, um obstáculo muito especial para a vocação sacerdotal e religiosa.

Pois bem, as almas generosas e sensatas, pelo contrário, tirarão vantagem dessas tentações, para alcançar seu fim, de maneira mais viva e séria, para praticar a castidade com maior desvelo e amor. Viverão com maior vigilância, quando essas tentações se apresentarem. Recordar-se-ão mais fielmente da presença de Deus. Praticarão com maior fidelidade o Diretório. Mortificar-se-ão mais perfeitamente. E, precisamente em conseqüência dessas tentações, evitarão com mais cuidado o pecado e praticarão mais abundante e generosamente a virtude. Precisa-se desviar o obstáculo quanto mais possível; se não for possível rodeá-lo, torna-se necessário pular por cima.

Aliás, é um fato comprovado pela experiência: as almas mais puras, as que têm mais direito à coroa e à auréola da castidade, geralmente, não são as mais isentas de tentações. São, pelo contrário, as mais tentadas e que resistiram valentemente; são aquelas que, exatamente quando tentadas, com tanto maior amor e fidelidade se apegavam a Nosso Senhor, que só as podia salvar. É nessas almas que se encontra a castidade mais completa, a castidade mais apreciada, mais amada e mais abençoada por Deus. É um fato. O obstáculo, a tentação, sendo a alma generosa, longe de desviá-la do fim e de ser-lhe um atrapalho, tornam-se, pelo contrário, um meio, porque viram um estímulo e uma ajuda vigorosa para chegar a Deus, quanto mais a gente se sente a ponto de perdê-lo, querendo, no entanto, conservá-lo a todo o custo.

Vivemos no meio de pessoas com caráter difícil. Há quem nos amola, outros interpretam mal nossas ações e nos julgam desfavoravelmente. Como praticar a caridade para com essa gente? Aproveitemos bem o Diretório, façamos a reta intenção com todo o capricho; reconheçamos o próprio Cristo nesse querido próximo. Dirijamo-nos a ele com tanto mais caridade, já que sabemos que assim mesmo seremos mais agradáveis a Nosso Senhor... Nosso ato de caridade, dessa maneira, não será mais completo do que se não tivéssemos nenhuma dificuldade? E a recompensa não será mais abundante e mais certa também? Desse modo, os Senhores vêem que os obstáculos têm seu lado bom; fazem-nos agir com mais vigor e de maneira mais sobrenatural e, conseqüentemente, com mais mérito também.

Eu observava isso, meus Amigos, em todos os detalhes, na vida da Boa Madre, nas mínimas circunstâncias. Quando lhe sobrevinha uma grande preocupação, um acidente, uma catástrofe que, naturalmente, poderiam absorver seus pensamentos, contrariar-lhe a vida interior e distraí-la da união com Deus, ela tirava dali mesmo nova força. Em conseqüência de tudo aquilo, ela se unia, mais intimamente do que nunca, à santa Vontade, ao Beneplácito de Deus.

Isso deve tornar-se, meus Amigos, uma prática constante para nós; gostaria até de chamar isso uma doutrina, um dogma, de certa maneira. Isso me lembra uma palavra bonita de Santo Inácio. Quando este Bispo de Antioquia estava sendo conduzido a Roma para ser martirizado, era escoltado, durante a viagem, por soldados que eram muito malvados com ele, quanto mais bondoso e caridoso ele era para com eles. Afirmava a respeito deles, na carta que escreveu a seus fiéis: Malitia eorum,

doctrina mea est (A maldade deles, para mim, é uma lição). A maldade deles se torna uma doutrina que me ensina o amor. Esta observação do Santo é deveras maravilhosa.

A partir dessa doutrina, devemos encarar todos os acontecimentos que se nos apresentam. Temos que tratar, durante as aulas, com sujeitos problemáticos que têm um mau caráter, que são preguiçosos... Antes da aula, digamos com nós próprios: Tenho que prevenir-me com uma grande dose de paciência; preciso pôr em jogo todos os recursos de minha destreza. Malitia eorum, doctrina mea est. Essa deve ser uma característica dos Oblatos de São Francisco de Sales,a saber, devotar-se, fazendo todos os primeiros passos e os primeiros esforços para levar ao bem as almas que lhes são confiadas. Essa é uma prática essencialmente salesiana. Assim fazendo, os Senhores irão direto ao fim que se propõem, servindo-se de circunstâncias que iriam freiá-los, desviá-los, afastá-los dali, precisamente para chegar a seu fim, de forma mais plena e segura.

Será que isso significa que não nos opomos ao mal, que não lutamos contra ele, que recebemos e acolhemos tanto o mal quanto o bem?... De maneira alguma! Descemos, sim, até o mal para distingui-lo, discerni-lo, captá-lo; depois elevamos nosso espírito à Vontade de Deus e, ajudados e fortificados pela graça, voltamos ao dever, ao querido próximo, mudando o que é preciso transformar e aceitando o que é preciso acolher.

Repito-lhes, meus Amigos, esta é uma profunda filosofia: a filosofia dos santos. Compenetremo-nos e tiremos proveito dela. Então seremos realmente pessoas generosas, fortes, esclarecidas, inteligentes, atentos à Vontade divina. Aprendamos a reconhecer e captar bem nosso fim, ou seja, fazer a Vontade de Deus, unir-nos com ele e ser bons religiosos. Aprendamos, depois, a aproveitar todos os meios que o Bom Deus nos coloca no caminho, ou que ele permite que encontremos ali, ainda que pareçam contradizer o nosso fim. Elevemo-nos mais alto, subamos até Deus, assim faremos com que esses meios produzam um efeito completamente contrário àquilo que normalmente produziriam.

Queiram bem essa prática. Aproveitem, de maneira eficaz, tudo o que lhes acontece, tudo o que encontram. Isso, sem dúvida, requer generosidade, abandono de si mesmo, devotamento, mas é preciso fazer isso para chegarmos ao fim que nos propomos, isto é, à união com Deus através da prática fiel de nossas Constituições e de nosso Diretório.

Quando a Boa Madre de Sales chegou a Troyes, sem dúvida, as Irmãs eram muito boas, mas tinham vivido fora do convento, durante a Revolução, por longos anos. Algumas quase não conheciam mais as finezas da vida religiosa. Tinham muita boa vontade, mas nem sempre caprichavam nos pequenos detalhes da Regra; para elas esses pormenores eram supérfluos. A Boa Madre procurou reagir suavemente, ajeitando as jovens religiosas do Noviciado, da maneira melhor possível. E todas essas jovens religiosas morreram uma depois da outra. O Bom Deus as chamava todas a si. Então, a Boa Madre viu seu intuito falhar... Mas não desanimou. Não disse consigo mesma: Não tenho mais nada a fazer aqui. Os meios para realizar meu propósito estão faltando, não posso fazer mais nada... Não disse nada, nada em voz alta, mas baixinho dizia no seu íntimo: Meu Deus, primeiramente eu não tinha entendido; agora, sim, compreendo! Vós é que quereis fazer a coisa e fazê-la sozinho. E mais confiante na ação do Salvador do que nunca, ela retomou o trabalho. O Salvador realizou ele próprio a obra desejada nas almas: a comunidade tornou-se sumamente fervorosa.

Nós também começamos uma coisa com a convicção de que será bem-sucedida. Mas acaba mal. Vamos desanimar? Recomecemos, apoiando-nos mais ainda no Bom Deus que, provavelmente, quer nos mostrar que é só ele que proporciona o bom resultado. Nas aulas, nas pregações, na direção espiritual, pouco importa em que ocupação isso acontece: coragem! Este é um meio de garantir mais o sucesso que queremos, porque seremos mais humildes, porque deixamos nisso uma parte maior para Deus. Façamos isso nos assuntos interiores tanto quanto nos exteriores, nas coisas importantes e nas mil ninharias da vida do dia-a-dia. É também um meio poderoso para santificar-nos pessoalmente. É assim que a gente se purifica a alma e desprende os laços do amor próprio, da vontade pessoal, para somente fazer a Vontade de Deus. Sim, a Vontade de Deus, é tudo, absolutamente tudo. Fora desta, não nos resta nada, nem centro, nem ponto de apoio, nada mesmo....

É, portanto, o amor pela Vontade de Deus que nos valoriza; não podemos ter valor algum senão através disso. Fora disso, não somos nada, não temos força alguma, nem personalidade; todos serão mais do que nós. Avançando no sentido da Vontade de Deus, os Senhores têm sua razão de ser, cumprem sua missão, aquilo por que são religiosos. Daí os Senhores chegam a alguma coisa.

O que acabo de dizer-lhes não se encontra em toda a parte. Sem

dúvida, os autores espirituais ensinam obedecer à Vontade de Deus, mas não desenvolvem uma doutrina sobre isso como o faz São Francisco de Sales; eles não fazem disso o centro, o ponto de apoio da vida espiritual sobre o qual tudo se fundamenta, tudo descansa, sem exceção. É esse o nosso princípio, meus Amigos, o nosso grande meio, seguro e eficaz.

Acabo de receber uma carta de Roma, do Padre Rollin. Ele propõe que o Padre Simon seja nomeado Vigário Apostólico e seja consagrado Bispo. Rezemos nessa intenção.

As notícias do Cabo são as mesmas: a seca continua ainda.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 15 DE JULHO DE 1896

SOBRENATURALIZAR TUDO - NOSSA LIBERDADE - FÉRIAS - CONTATOS COM OS DE FORA - NOTÍCIAS DAS MISSÕES

Este é um dos últimos Capítulos antes das férias dos alunos. Eu gostaria de dizer-lhes exatamente umas palavras a esse respeito.

Para que essas permaneçam, levando os Senhores a reflexões práticas, retomemos um pouco o que lhes dizia outra vez, esses traços especiais que constituem a fisionomia, o caráter especial do Oblato de São Francisco de Sales. Escutem o que estou-lhes dizendo, meus Amigos, e observem-no atentamente. Não o encontrarão facilmente nos livros. Cada um, de fato, tem sua maneira de pensar, seu modo de expressar-se, seu jeito de apresentar as coisas. Cada um que fala é como um livro e os livros não discorrem todos da mesma forma. Do contrário, se todos se parecessem, haveria um só livro! Sim, cada pessoa é um livro; escutem-me bem, prestem atenção ao que estou-lhes dizendo, eu que estou nas últimas páginas do meu livro.

Desejo que compreendam isto; ao mostrar-lhes as graças que Deus concedeu aos Oblatos de São Francisco de Sales, nunca tive a intenção de dizer que os Oblatos são tudo o que há de melhor e de mais

perfeito no mundo. Estaria muito enganado ao pensar isso e muito equivocado, se assim falasse. Não, seria um verdadeiro disparate. Mas, deveras, não só segundo a verdade teológica, mas também conforme o que eu chamaria de verdade metafísica, é preciso reconhecer que as Ordens religiosas, inspiradas por Deus ultimamente, devem estar, por isso mesmo, melhor apropriadas para certas necessidades urgentes da sociedade moderna. Senão, Deus não as teria suscitado. Enviou-as para completar o que já faziam as Ordens mais antigas. Não se deve estranhar, portanto, que certos meios de perfeição, certas práticas religiosas, entre nós que estamos entre os recém-chegados, parecem mais práticas, mais apropriadas às necessidades de muitas pessoas, a saber, nossa maneira de dirigir-nos a Deus na simplicidade totalmente filial, o modo de salvar-se, ao praticar todas as virtudes por meio da fidelidade ao dever do momento presente, aproveitando tudo para nossa finalidade, para o cumprimento da Vontade de Deus em nós, e a forma também de servir ao próximo, procurando ver nele o Salvador... Constatamos que estamos de posse de uma doutrina que nos permite santificar-nos de maneira infalível e pelos meios mais simples e mais comuns. Tudo o que vejo, tudo o que ouço me confirma nessa opinião. O Padre Pernin, que prega muito e em muitos lugares, faz-me a mesma observação, todas as vezes que chega em Troyes; a doutrina que pregamos entra direto nas almas que estão famintas dela. Nossos outros Padres que pregam e confessam dizem a mesma coisa. As religiosas que têm contato conosco também afirmam a miúdo: Com a doutrina que os Oblatos pregam, temos um meio de perfeição infalível, sumamente simples e fácil. Esse meio, meus Amigos, é a vida sobrenatural: sobrenaturalizar as suas ações, realizar todas elas com capricho, através da reta intenção e do Diretório. É necessário, pois, que os Oblatos sejam homens sobrenaturais, absolutamente sobrenaturais; sem isso não seremos nada, nem faremos coisa alguma. Essa condição, pois, de vida sobrenatural, de atmosfera sobrenatural é tudo para nós; é a condição indispensável de nossa vida e de nossa atividade. É uma condição, por sinal, sumamente honrosa; é a condição que mais honra ao homem, pois é ela que mais respeita a liberdade e a independência dele.

O homem não é uma máquina; o verdadeiro Oblato não é um robô tampouco. Nem faz parte de um regimento, não há um cabo acima dele, nem mesmo um general! Ele está e permanece no pleno gozo de sua liberdade, de sua iniciativa. O que ele faz, o faz por conta, porque o quer pessoalmente; ele o faz à força da mais completa e total liberdade, em

conseqüência da autoridade que ele exerce livremente sobre seus movimentos, suas ações e suas intenções. Ele é verdadeiramente rei na sua vida religiosa. Olhem para fora de si. O que é que os cutuca? Quem é que os vigia? Quem é que os acorrenta? Nada e ninguém! Exteriormente são muito mais livres do que seminaristas. Entretanto os seminaristas não são religiosos; não se empenham, à força do seu estado, pela perfeição religiosa. Quem é que dá um comando aos Senhores? Quem é que apita para pô-los em marcha? Quem é que dá um sinal para fazê-los obedecer?... Aqui não há nada de tudo isso. A quem obedecem, então? Olhando bem, digo que obedecem a si próprios, isto é, que obedecem à vontade bem determinada que os Senhores têm de servir a Deus em sua vocação, cumprindo a Vontade dele. Tudo o que fazem é o resultado da vontade dos Senhores, de uma vontade totalmente pessoal, de uma decisão completamente espontânea. Tudo isso acontece sob a ação da graça, evidente; mas tudo isso se faz livre e espontaneamente.

Para isso, porém, é preciso que sejam verdadeiros Oblatos. É imprescindível observar a Regra interior, atender o Diretório, assumir para valer a orientação indicada. Precisamos andar como prescrito pelas Constituições e pelo Diretório.

Retomando o assunto: O Oblato de São Francisco de Sales se encontra na plenitude de sua liberdade e de sua vontade; está com o gozo completo de sua ação pessoal. O Oblato que age dessa forma é extremamente forte. Nada o pode deter ou fazê-lo perder os estribos, nada. Apóia-se sobre o próprio Deus. Dêem-se conta de sua dignidade, meus Amigos, compreendam bem sua característica de Oblato; percebam claramente também a honra que lhes toca de serem, assim, mestres e donos de si mesmos, entendam a glória de serem assim perante si próprios e ante Deus. Tudo o que lhes acontece, lhes está sujeito, pela própria razão de serem intermediários de Deus. Isso não são palavras vazias que estou dizendo; não é palavrório, é a realidade; são os alicerces do nosso Instituto. Não agimos cada um em particular, impulsionados por sentimentos, inclinações, paixões ou caprichos; o que nos norteia, o que perfaz nossa vida religiosa está dentro de nós mesmos, é essa vontade íntima e decidida de dirigir-nos a Deus, à Vontade de Deus, ao Beneplácito de Deus em tudo. O que constitui um Oblato é precisamente essa vontade interior, é o que somos no mais íntimo do nosso ser.

Observemos sempre à risca a nossa Regra nesse sentido e nesse espírito. Cumprimos a Regra; avançamos; caminharemos simples e modesta-

mente sob o olhar de Deus. Não iremos, marcando o passo como os soldados aos quais se impõe um exercício: um... dois!... Estes marcham como máquinas; estão cansados, incomodados, talvez caminhem a contragosto, não há como escapar-se. Nós caminhamos porque o queremos, como homens e não como robôs. É esse o nosso caminho, meus Amigos, é uma senda de suprema liberdade, de suprema independência. Os Senhores não se submetem a ninguém aqui na terra, a não ser a Deus. E não é à força e obrigados que se sujeitam a Deus, mas é por amor. Por isso são homens de vida totalmente interior e necessariamente homens absorvidos no sobrenatural.

Quer dizer que parecerão como gente toda mistificada? Não mesmo! Apresentar-se-ão para fora o que são por dentro: gente decidida, firme, que vão reto ao seu fim, em tudo o que se lhes pede. Exercitem os Senhores a sua vontade nessa prática, em todas as circunstâncias da vida. É isso, meus Amigos, o que somos; eis a nossa força e a nossa vida.

Agora vou aplicar esses ensinamentos às férias que vão começar.

Afirmo-lhes, primeiro, uma coisa que vão estranhar. O tempo em que podemos melhor santificar-nos é o período de férias. É a época mais favorável para sua alma, é a hora mais abençoada por Deus, tenho certeza disso. Eu observava isso, em muitas circunstâncias, nos seminaristas que encontrava na minha juventude e durante a minha vida.

Mas o tempo das férias não é um tempo difícil? Sim. Sobretudo é o período de tentações. Mas as tentações vencidas proporcionam uma coroa magnífica.

Durante as férias, descansamos um pouco. Devido às circunstâncias, gozamos maior liberdade. Os nossos atos dependem mais da determinação da nossa vontade; atuamos mais de iniciativa própria. A oração que fazemos durante o tempo livre, o trabalho ao qual nos dedicamos, os recreios que passamos, tudo isso depende muito da nossa livre iniciativa e de nossa vontade. Sejam em tudo isso pessoas de vida sobrenatural; procurem em tudo isso a Vontade e o Beneplácito de Deus.

Empenhem-se por estar mais unidos com Deus, nesse tempo de férias, do que no resto do ano, pois podem dirigir-se a ele mais espontânea, mais freqüente e mais livremente. Dessa maneira, em vez de dissipá-los, suas férias os tornarão mais recolhidos. As tentações que sobrevierem unicamente servirão para os Senhores lançar-se mais ainda nos

braços de Deus, ajudá-los-ão a manter-se mais firmemente na presença de Deus; dar-lhes-ão uma sensação mais profunda e mais íntima de felicidade que os Senhores têm ao trabalhar com ele. Façam assim mesmo durante as férias.

Acreditem confiadamente no que estou-lhes dizendo, meus Amigos. É essa a doutrina de que precisam e que devem aceitar de preferência, antes de todas as outras instruções. Então serão Oblatos. Acertarão o essencial, a nossa maneira de agir.

Uma outra coisa que lhes quero recomendar também é a prudência e a discrição nas relações com pessoas estranhas, com os parentes e amigos, e mesmo com as pessoas de vida espiritual. Falem pouco de si mesmos! Falar sobre si mesmo não vale nada. Se têm que falar sobre a Congregação, não contem as novidades. Pode-se dizer, sem dúvida, uma palavrinha, algo edificante; muito bem. Mas estejam sempre atentos. Sejam sempre reservados, ficando, no entanto, simples e à vontade. Lembrem-se de que tudo que disserem sobre a Congregação será interpretado, comentado, julgado e, sobretudo, de forma mais ou, também, menos inteligente compreendido e apreciado.

Rezem, pois, para que o tempo das férias seja uma época de proveito para suas almas, que seja um período de graças que os sustente e os anime no bom caminho.

As últimas notícias de Pella continuam sendo más. A escassez permanece um flagelo. Os animais morrem por todos os lados e cada vez mais... A que se deve isso? Sem temeridade, bem podemos ver nisso um pouco de justiça de Deus. Esse país, de fato, é regido pela Maçonaria. Quase todas as autoridades do país, os fabricantes estão filiados. Rezemos com fervor pelos pobres católicos, por nossos missionários.

Rezemos também por nossos Padres e nossas Irmãs no Equador, onde também a situação se torna cada vez mais difícil.

Volto ao assunto anterior. É bonito, é confortante somente agir a partir do impulso do seu espírito, com toda a liberdade e espontaneidade, no pleno uso da liberdade e autoridade, reconhecendo só Deus acima de si, mas reconhecendo-o plenamente, com todo o amor. Haverá luta, haverá tempestades, ventanias que parecerão querer jogá-los para cá e para lá; deixá-los-ão zonzos, poderão fazê-los sofrer de coração. Ca-

minhem sempre, avancem sempre rumo à finalidade. Essa é a vida. Haverá espinhos no caminho? Mas, não há espinhos em toda a parte?... Afinal de contas, há muito menos espinhos sobre o nosso caminho que sobre o dos outros. Compreendam bem isso e entendam também que é necessário que cada um traga das suas férias algo de bom.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 22 DE JULHO DE 1896

O ESTUDO (DE TEOLOGIA) - FÉRIAS - PROMOÇÃO VOCACIONAL - A FIDELIDADE À GRAÇA

Logo os Senhores estarão livres das aulas, terão mais descanso, mais passeios. Mas sempre se continuará o estudo da Teologia; continuará sempre havendo as quatro aulas por semana. Recomendo-lhes que ocupem bem esse tempo, meus Amigos, não o percam. Dediquem-se à Teologia. Devem aprender cada lição tão bem a ponto de poder apresentá-la; devem penetrar profundamente na matéria, dando-se perfeitamente conta dela. Mas não é suficiente saber bem uma lição após a outra. Suponhamos que começaram um tratado de Teologia; vejam como tudo se correlaciona num tratado, assim como tudo se encadeia num livro de Geometria, como tudo se interliga em qualquer outra disciplina.

O último teorema do livro de Geometria é a resultante de tudo o que se tem visto no livro, mas caso lembrem somente o último teorema estudado, caso esqueçam todo o resto, não sabem nada ou bem pouca coisa.

Dá-se o mesmo com a Teologia. Sobretudo a este respeito, eu diria: estudem e compreendam o nexo, a concatenação de cada tratado. É preciso estudar Teologia com a memória, mas sobretudo com a inteligência; convém estudá-la também com a caneta na mão. Façam sempre uma pequena síntese de cada tratado, sucinta e clara, um esquema ou uma seqüência de esquemas sinópticos, se assim preferem. Comecem com o primeiro capítulo, continuem com o segundo e assim por diante. Estudando a

questão seguinte, olhem a sua vinculação com a precedente; chegando ao último assunto, tenham presentes, bem ordenadamente, todos os temas anteriores.

Compreendam bem isso... É um método pessoal meu que estou-lhes dando, poderão pensar. Mas esse método é necessário. De outra forma, não saberão nada. Quando estiverem na véspera do exame para a Ordenação, será muito trabalho a ser feito de novo. É como um pedreiro que construiu uma casa e, quando quase terminada, ele percebe que ela não se mantém, que as diversas partes não se sustentam mutuamente. Aí deve demoli-la inteirinha, para reconstruí-la, pedra por pedra.

Organizem bem, portanto, em seu espírito, tudo o que aprendem; tenham sempre presentes os conteúdos já estudados; dêem-se conta da interligação das idéias; retomem isso a miúdo. E quando chegar o exame, a matéria lhe estará presente e a preparação derradeira será fácil.

Devem fazer isso, meus Amigos, quanto à Teologia e no tocante a tudo o que estudam: Filosofia, História, Direito Canônico, assim por diante, até para o estudo da gramática. Não aproveitando esse método, a gente cansa muito; esquece-se no fim o que aprendeu no começo; isso cria um caos mental; a gente não se acha mais e não sobra nada. Assim acontece às vezes que, mesmo trabalhando conscienciosamente, a gente acaba não sabendo quase nada.

Não esqueçam de estudar sempre de caneta na mão. Analisem, sintetizem, apontem o que lhes chama a atenção. É a maneira de estudar com rendimento e de gravar mesmo.

Não quero tratar de novo o que lhes dizia no último Capítulo sobre as férias. É um tempo muito favorável à sua vida religiosa, sabendo aproveitá-lo bem. Lembrem que o Bom Deus das férias continua sendo o Bom Deus de sua vida religiosa. As distrações, o descanso de que precisam, tudo isso é normal, é conforme a Vontade de Deus, deve ser gozado religiosamente e por amor a Deus. Sirvam-se da oportunidade de relaxar e daquilo que mais os atrai para unir-se melhor com o Bom Deus. Façam tudo em companhia dele, tudo na dependência dele. Assim o tempo das férias beneficiará as suas almas; será um tempo de colheita e de proveito. Ofereçamos a Deus, nesse período, nossos pensamentos, nossas preferências, nossas palavras, nossos atos. Ele aceitará tudo; tudo lhe será agradável. Ele os amará mais por tudo isso. Vamos fazer bons propósitos para que esse tempo não seja uma oportunidade perdida, mas para

que, pelo contrário, seja um período de reconforto que nos proporcione vigor de vontade e de inteligência. É o tempo em que recuperamos nossas forças espirituais. São Francisco de Sales diz que, estando muito cansado, esgotado por um estudo puxado, importa manter-se em silêncio aos pés de Nosso Senhor. É uma espécie de sono espiritual e esse sono é tão proveitoso para a alma quanto o sono natural para o corpo. E continua: assim como não conseguimos trabalhar continuamente, não podemos tampouco fazer meditação ativa sem parar. Nem podemos conservar incessante e atualmente o pensamento na presença de Deus. Em qualquer exercício, é necessário um momento de distensão e de descanso. O importante é segurar sempre Nosso Senhor pela mão e nunca deixá-lo. Essa é a vida espiritual.

A gente não é santa porque faz coisas extraordinárias e maravilhosas; não se é santo porque se recebem grandes inspirações. Mas santo é quem pratica fielmente, em toda a atividade, a reta intenção; santo é quem observa bem o Diretório. Se se esforçarem por praticar bem o Diretório durante as férias, será um tempo muito bem aproveitado para si e para os outros.

É necessário também pedir a Deus que envie operários para sua messe. Precisamos deles nas missões, nos colégios, nas obras. Carecemos deles para a pregação e para a direção espiritual. Temos necessidade de homens devotados, de trabalhadores. Recomendo-lhes particularmente esta intenção durante as férias. Empreguem todos os meios que os Senhores têm a seu alcance para trazer candidatos, conforme as circunstâncias, e com toda a prudência a discrição. Rezem desde agora e rezem muito; depois, ajam na medida do possível. Façam isso durante as férias.

Se formos fiéis, se formos bons religiosos, é certo que faremos um bem imenso. Esse bem, em que será que consiste? Consiste em coisas substanciosas, em coisas sérias. Não será uma coisa superficial, uma idéia brilhante, uma palavra arrebatedora, uma imaginação mais ou menos esplêndida. Será simplesmente a verdadeira vida cristã, a vida sobrenatural de que temos tanta necessidade atualmente, porque se encontra cada vez menos. A educação familiar não é mais cristã. O recrutamento para o sacerdócio decresce; parece que a seiva se esgota e ameaça de secar. Claro, o sacerdote recebe sempre as graças da Ordenação, o poder de administrar os Sacramentos, mas o que falta a muitos

sacerdotes de nossos dias é a séria educação da família cristã. São esses os elementos básicos e também as primeiras impressões que faltaram: é a seiva do berço, a seiva familiar. Um sacerdote me disse - foi um exagero, sem dúvida alguma - : "Se isso continuar, penso que muitos até jovens sacerdotes perderão a fé, ocasionando a perda dela nos outros. Ainda sabem mal e mal a letra da Teologia, mas quanto ao espírito, quanto aos costumes, às maneiras de ver e julgar, verdadeiramente, o espírito cristão não está mais..." O que é que lhes sobra?

Meus Amigos, devemos ser sacerdotes completos, temos que ter a graça da vida interior, ao mesmo tempo que a graça referente ao exterior. Precisamos receber e conservar em nós as graças que Deus nos destina e que nos tornarão sacerdotes e religiosos conforme o seu Coração. Importa que isso seja a seiva que nos anima e que nos faz desempenhar devidamente a nossa missão divina. Onde encontraremos a força? Na freqüência dos Sacramentos, na Santa Comunhão, na Santa Missa; e renovaremos e perpetuaremos essa força pela fidelidade em todas as práticas da vida religiosa.

A Boa Madre disse-me: "Os homens tornar-se-ão muito maus. Haverá luta por toda a parte. Haverá dificuldades sem limites as quais surgirão de todos os lados. Será necessário passar corajosamente por tudo isso. Mantenham sua vontade orientada para Deus." Repetia-me isso muitas vezes. E todas as profecias que me fez realizaram-se. Dizia-me também que ela teria gostado de ver os Oblatos e o bem que estes fariam no seu trabalho: "Será muito bonito," dizia. "Ver-se-á de novo o Salvador caminhar no mundo..." Sim, isso será um dia muito lindo, pois custava tanta coragem à Boa Madre para aceitar o sacrifício de não ver isso antes de morrer. Pois bem, meus Amigos - repito-lhes - o que a Boa Madre disse sempre se tem realizado, sempre, sempre!... No entanto, não devemos nós ser um obstáculo para a ação divina, contra o plano da graça. A fidelidade à graça é o que deve formar a base do nosso espírito, o fundamento de nossa vida.

A Boa Madre disse-me muitas vezes que havia uma graça particular, ligada às obras do nosso ministério sacerdotal e religioso. Sejam, portanto, primeiramente religiosos, profundamente religiosos. Não temos muitas práticas exteriores como muitos outros religiosos têm, mas nossos meios interiores são abundantes e são estes que conseguem tudo. Vamos procurar nosso recurso e nosso apoio onde Deus os depositou para nós, quer dizer, em nós mesmos. Aí vamos encontrá-los, com toda a hu-

mildade e com toda a confiança. Vamos aplicá-los no trabalho, no pleno gozo da nossa vontade e completo exercício de nossa liberdade. E será o próprio Salvador que trabalhará conosco e através de nós.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 21 DE OUTUBRO DE 1896

"A FINALIDADE DO INSTITUTO" - NOTÍCIAS DAS MISSÕES - ORAÇÕES À BOA MADRE ATENDIDAS

Depois de tratar, o ano passado, do Diretório, neste ano, veremos as Constituições.

As Constituições são a lei externa, o tribunal que nos julga; o Diretório é a regra interior e íntima de nossa alma.

Ainda existe uma terceira categoria de leis: o Livro de Costumes. Todas as Congregações têm esse Costumeiro. Na Visitação há o Costumeiro que é considerado não menos importante para estudar que os outros dois livros. É este que dá a forma externa ao Instituto, que regulamenta a maneira de agir neste ou naquele assunto e num determinado dia; contém codificadas as tradições e os costumes. Também nós deveremos ter um dia o nosso Livro de Costumes.

Acabamos de concluir já um grande trabalho, o Diretório para os Sacerdotes Diocesanos. Diversos sacerdotes desejavam viver conforme a nossa vida; a esses poderemos entregar agora o Diretório do Sacerdote associado de São Francisco de Sales. Com a doutrina de São Francisco de Sales e a da Boa Madre tem-se acesso a todas as situações, a todas as almas. Não há nada incerto, nada deixado ao critério de cada um: tudo está regulamentado com suave simplicidade. É como o que faz Deus exteriormente, tudo é simples, mas completo e bem acabado. Os meios oferecidos por São Francisco de Sales e pela Boa Madre são tão simples que estão ao alcance de todo o mundo e podem ser empregados por todos. Devemos entender bem todas essas coisinhas que são ensinadas durante o Noviciado e lembrá-las durante toda a vida: a maneira de comportar-nos,

de andar, de sermos modestos em nossos olhares, em tudo... Certamente isso nos pode parecer uma coisa de nada, à primeira vista. Mas, vendo profundamente, podemos afirmr que isso é tudo, pois é nisso que se constitui nossa vida religiosa.

Portanto, faremos um dia o nosso Costumeiro. Não se poderia fazer constar como costume o que não existe ainda.

Comecemos agora a explicação das Constituições.

"Os membros do Instituto, pondo se sob o patrocínio de São Francisco de Sales, propõem-se praticar as virtudes sacerdotais e religiosas segundo o espírito do Santo Doutor."

Há agora - e isso é notável - um grande número de pessoas, de sacerdotes particularmente, que se aproximam de São Francisco de Sales, que o estudam, que se esforçam por imitá-lo e viver segundo a doutrina dele. Também apreciam muito, em nossos dias, São Vicente de Paulo; é um grande Santo, mas não tem uma doutrina própria; é o Santo da caridade e das obras de caridade. São Francisco de Sales atrai as almas, sobretudo por sua doutrina espiritual. Fala-se muito sobre isso. Nos Seminários Maiores, ensina-se a sua doutrina. O Padre Chaumont, de Paris, formou uma associação de sacerdotes que se chamam os Sacerdotes de São Francisco de Sales e que se inspiram nos escritos do Santo Doutor. Isso realiza um grande bem, sem dúvida; mas, para manifestar minha idéia a respeito, não reconheço, de forma alguma, nos regulamentos dos sacerdotes do Padre Chaumont, a doutrina de São Francisco de Sales em sua integridade, tal qual a Visitação a recebeu em depósito, tal como a Boa Madre no-la fez compreender e nós a ensinamos.

Nos dias passados, eu estava em Orléans, para a consagração de Dom Chapon. Todos os Bispos que aí se encontravam foram muito bons para conosco. Manifestaram muita simpatia e estima por nossa Congregação; uns até, sobretudo o novo Bispo, elogiaram a nossa doutrina.

São Francisco de Sales, de fato, ainda tem uma missão a cumprir, do alto do céu, sobre a terra. Faz 25 ou 26 anos, a Irmã Maria Genoveva me disse: "Padre, o nosso Fundador está muito ocupado no céu. O Bom Deus lhe dá a incumbência maior que já teve até agora. Fará um bem muito maior; virão a ele de todos os lados e será declarado um dos mais sábios do paraíso." O que ela me dizia, ela o percebeu na meditação. A Boa Madre tinha-lhe dito: "Comunique tudo o que ouvir." E ela vinha contar-me tudo isso; foi justamente alguns meses antes de que São

Fancisco de Sales foi declarado Doutor da Igreja; ninguém lhe tinha falado sobre isso, e humanamente ela não podia sabê-lo. Constatei que tudo o que ela me anunciava acontecia com precisão matemática.

São Francisco de Sales chega agora, no momento exato. Tudo está de perna para o ar, revirado, a gente não encontra ponto de apoio em volta de si. É preciso ter força e recorrer à própria consciência. O grande meio que a Igreja nos oferece para sermos fortes é a freqüência dos Sacramentos. Mas os Sacramentos, recebidos sem compreensão, não resolvem. Na Suiça, por exemplo, conheço uma região onde todos vão à Missa e fazem a Páscoa; mas, no caso de um certo número de pessoas, não existe vida cristã. Em que consiste o âmago da alma verdadeiramente cristã não se compreende, igualmente os deveres para com Deus. Brigam com o Pároco, desfazem a religião, lêem jornais que não prestam; alimentam rancores e ódios... e comungam! O cumprimento material e literal da lei da Igreja não é tudo. É preciso outra coisa também.

Ecclesia non judicat de internis (A Igreja não julga sobre o interior), diz o Direito Canônico, sem dúvida; o Cardeal Prefeito dos Religiosos disse-me também: Aqui, na Congregação, somos apenas um corpo administrativo e só julgamos o lado externo. Deus é que julga o interior. Também é verdade que a Igreja, impondo uma lei, obtém de Deus a graça para aqueles que devem cumpri-la. Mas se esta graça não é bem entendida, não é bem captada, se ela contém algo que não encontra resonância no indivíduo, essa pessoa terá cumprido exteriormente a lei, mas não lhe terá compreendido, nem captado, nem executado o espírito.

Além do mundo exterior, há o foro interno de cada um: nossa alma, nossa vida interior, nossa consciência, nossa santidade pessoal, que não dependem tanto dos mandamentos da Igreja, quanto das nossas disposições interiores. É desse domínio que nós estamos especialmente encarregados e é nesse campo que devemos trabalhar de forma toda especial e é esse terreno que a doutrina de São Francisco de Sales faz cultivar com fruto.

"Eles terão muito a peito a santificação própria, para depois ajudar mais eficazmente na santificação do próximo, pela educação da juventude, pelas missões em países pagãos e de cristãos separados e pelo serviço do Santo Ministério."

Por exemplo, no caso de um Pároco em sua paróquia: ele é de pouco fervor? Reparem: a paróquia dele lhe é parecida; filho de peixe,

peixinho é... No entanto, não foi dito: "Judas batiza, Cristo batiza?" Sim, quem foi batizado recebeu o essencial, tornou-se cristão; mas isso lhe será suficiente para viver sempre como bom cristão? E o bom sacerdote não terá mesmo mais nada para dar-lhe? Se não tem nada, não tem mais o que dar... Não somos máquinas. Uma máquina funciona graças a um sistema mecânico. A engrenagem faz girar todo o mecanismo; mas sozinha, por ela mesma, não tem nenhuma função. Esse não é o papel do sacerdote, nem do religioso; não se comparam com uma roda...

O santo sacerdote, o santo religioso devem comunicar Deus às almas, ao mesmo tempo que lhes conferem a graça sacramental, por suas orações, suas palavras e seus exemplos, por suas obras de dedicação. Devem proporcionar às inteligências a compreensão, aos corações o amor a Deus e ao próximo; devem transmitir o que vem do íntimo, da profundeza do coração de Deus; devem comunicar o que ajudará a receber bem e a fazer frutificar a graça sacramental da qual foram ministros.

O estado religioso seria inútil se não desse nada a mais à alma do sacerdote religioso, se o sacerdote tivesse que conferir tão somente a graça sacramental. Notemos bem que o sacerdote diocesano pode e deve envolver - e na realidade o faz muito freqüentemente - seu dovotamente, seu zelo, sua virtude; ele pode ser - e às vezes realmente é - um verdadeiro santo. Mas o sacerdote religioso, o santo religioso terá mais facilmente ainda, parece, a graça, o dom de tocar, por uma ação íntima, o coração dos fiéis.

A educação cristã que damos aos jovens a nós confiados deve ser como a irradiação da nossa alma religiosa. Temos que encontrar o meio de passar aos outros o que nós temos no coração. Rezem, quando começam uma vigilância, uma aula. Digam no seu íntimo uma palavrinha ao Bom Deus; isso não é perder tempo! Os Senhores entenderão melhor: Deus scientiarum Dominus (Deus é o Senhor do saber). Serão melhor escutados e melhor compreendidos. E as pequenas fadigas e provações que encontrarem não ficarão estéreis.

No domingo passado, fiquei muito impressionado, na reunião dos nossos ex-alunos. Luís Thibaut, da papelaria, me disse: "Quando já se chegou à idade que eu tenho, e que a gente se reencontra aqui em 'São Bernardo', lembrando-se de tudo o que os nossos professores nos diziam naquele tempo, vê-se como tudo aquilo era e continua sendo verídico." Dizendo-me isso, enxugava duas grandes lágrimas que se desprendiam dos seus olhos. Isso me causou uma impressão que não consigo descrever...

Não foi só uma lembrança passageira que tocou a alma dessa gente jovem, homens feitos, mas eles sentiam e constatavam que, em 'São Bernardo' foi realizado algo de valioso com eles.

Convém muito lembrar-nos disso, quando vamos à sala de aula, quando assumimos a vigilância, isso faz muito bem, isso atinge o coração e nos cria um ambiente particularmente benfazejo. É por isso que somos Oblatos de São Francisco de Sales

O Padre Simon escreve que atribui à proteção da Boa Madre um fato muito especial. Não conseguiu ainda encontrar um terreno além do Orange e se perguntava como poderia obtê-lo, apesar de todas as dificuldades que lhe fazem nessa região.

E, olhem, ele recebe uma carta de um proprietário do outro lado do rio. "Talvez poderia vender-lhe a minha propriedade. Sou protestante e os pastores estão oferecendo-me um certo preço. Poderia dizer que sim; ainda há tempo. Mas eu preferia vendê-la para o Senhor, porque sei que o Senhor e seus sacerdotes estão fazendo um verdadeiro bem. Ofereço-a ao Senhor por um preço inferior do que os pastores me ofereceram." E sendo que o preço era ainda caro demais para o bolso do Padre Simon, o bom homem abaixava, barateava... até alcançarem um acordo. O Padre Simon, portanto, acaba de fazer essa aquisição. Há pedras de todos os tamanhos e não sei mais quantos bois, ovelhas, cabras, dos quais nenhum morreu devido à seca. Poderão construir uma igreja, casas para alugar... Será a modesta entrada da Missão...

Eu gostaria muito de ir lá um pouco para ver tudo isso!... (Todos riem, o nosso Padre primeiro.)

Dom de Besançon permitiu de bom grado que uma pessoa piedosa doasse às Oblatas um orfanato de meninas, em Saulnaire, perto de Lure. Há muito bem a ser feito nessa casa que já existe algum tempo. Lá se encontra uma moça de 17 anos que, no ano passado, caiu de uma carruagem. Em conseqüência da queda, contraiu uma doença na medula espinhal. As Oblatas chegam em Saulnaire, falam sobre a Boa Madre; começa-se uma novena para a cura da doente. Ora, no dia 7 de outubro p.p., dia da morte da Boa Madre, a jovem foi receber a Santa Comunhão na capela, causando grande surpresa a todos. Ela estava curada. Essa jovem atualmente é Oblata de São Francisco de Sales.

Recebi uma carta de uma senhora de Bâle com quem me encontrara

em Plombières. Ela tem um filhinho que se machucou ao cair de uma altura. Os médicos perderam a esperança de curá-lo. Ela queria trazê-lo para cá, mas eu não quis. A mãe insistiu tanto que acabei cedendo. "O que se deve fazer?", ela me perguntou. "É preciso rezar a Boa Madre." O menino vai muito melhor, mas não acredito que já esteja sarado completamente. Essa senhora me contou ainda: "Minha mãe é protestante e tenho muito medo de vê-la morrer assim." Rezei muito à Boa Madre, nesses dias. Acabo de receber uma carta dessa senhora, comunicando-me: "Acabo de perder minha mãe. Mas algumas horas antes de sua morte, assistimos à sua abjuração. Fez sua Primeira Comunhão com fé admirável e morreu como católica fervorosa. É para mim uma alegria inestimável que atribuo à Boa Madre Maria de Sales. Meu filho não sofre mais nada e me disseram que não é preciso ter medo de que o mal volte."

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 28 DE OUTUBRO DE 1896

"A FINALIDADE DO INSTITUTO"

Continuo a explicação do primeiro capítulo das Constituições.

"Eles terão muito a peito a santificação própria, para depois ajudar mais eficazmente na santificação do próximo, pela educação da juventude, pelas missões em países pagãos e de cristãos separados e pelo serviço do Santo Ministério."

Nosso ministério junto aos alunos, nosso fim principal e, pode-se dizer, único é de educá-los cristãmente, isto é, ensinar-lhes a levar uma vida verdadeiramente cristã e digna do seu Batismo. Nunca se deve perder isso de vista na instrução, como professores e como vigilantes. O que toca o coração dos alunos, não é tanto o que se diz quanto o que a gente é. A palavra é só a palavra; a realidade, que é eficaz e impressiona, é o que a gente é. Lembro-me de um dos meus colegas do Seminário Maior que sua família muito cristã o tinha puxado para o sacerdócio sem que ele tivesse muita vocação. Contava-me que durante o

Seminário Menor ele teve contato com o seu Superior. "Nunca me tinha falado," dizia-me ele. "Um dia, me fez o sinal para acompanhá-lo. Ele me fez fazer uma volta com ele no jardim, sem dizer-me uma palavra, a não ser, ao deixar-me, a observação: Faz um lindo dia hoje... Só o fato de ter feito alguns passos com esse homem causou-me tamanha impressão que fiquei cristão por toda a minha vida; eu estivera na companhia de um santo!..."

Nem todos somos santos a ponto de produzir efeitos semelhantes a esse. Mas se, interiormente, tivermos o desejo de observar bem a nossa Regra, as Constituições e o Diretório, teremos sucesso junto aos alunos.

O que impressiona os alunos não é tanto o que lhes dissermos na sala de aula quanto nossa atitude fervorosa na capela, algumas palavras boas que lhes dissermos no confessionário; e também nossa piedade ao distribuir-lhes a Santa Comunhão, ou rezando nosso Ofício...

Temos uma grande missão a cumprir para com a juventude a nós confiada. Ninguém ou, infelizmente, pouca gente se ocupa da juventude atualmente. Três quartos deles freqüentam escolas funestas onde só lhes ensinam a negação e a indiferença. A gente tem pena da sorte desses pobres jovens, em toda a parte.

As recomendações mais insistentes do Sumo Pontífice são em favor deles. Pio IX exortou-nos a dedicarmo-nos, cada vez mais, à juventude. Ele nos disse: Fazem bem a sua meditação? Precisa-se viver da meditação; é com isso que se realiza a educação da juventude.

O grande meio eficaz e vitorioso, portanto, é a oração. Rezemos por nossos alunos, na Santa Missa, na capela; fazendo a reta intenção, peçamos a Deus que lhes dê a compreensão e lhes toque o coração. Através disso, alcançarão tudo aquilo que querem conseguir deles. Se a graça e a paz que os Senhores preparam para eles através de suas orações, no entanto, não os atingem, devido à má vontade deles, essas voltarão para os Senhores e cem vezes mais.

É assim o nosso modo de agir para com eles. E, como lhes dizia, isso se sente; aluno algum, a não ser que seja muito mau, resistirá a isso. Bem sei que não é esse o método empregado em toda a parte, inclusive em alguns seminários... Mas precisa, sim, que seja o nosso. Naturalmente, não se deve fazer sermões a toda hora para os nossos alunos, nem demasiadas observações piedosas; considerando o espírito de contradição dos jovens, errariam o alvo. Mas, interiormente, essa deve

ser a nossa disposição. Se tivermos essa atitude básica em mente, lançando discretamente observações, certamente teremos sucesso. Há oração e oração. A oração de ação é que sobretudo opera, a ação feita em espírito de oração. Era a oração valiosa de São Francisco de Sales e a da Boa Madre. Não encaremos os meninos como seres inferiores. Respeitemos neles o dom de Deus, a inteligência - se a têm - a fé, a boa vontade. Respeitemos também, num outro sentido, a fraqueza, a incapacidade.

Tenhamos esse respeito, a partir da nossa fé, para com as crianças, para com os jovens. Não estou dizendo que os Senhores os tratem com moleza e fraqueza, com uma facilitação perigosa. Pelo contrário, tratem-nos com firmeza, com o pulso necessário; mas sempre tenham muito respeito pela alma da criança e do jovem. O que os Senhores não lhes disserem, sua fisionomia, seu olhar fará com que eles o percebam. Nunca saberão por quê, mas ficarão agarrados com os Senhores.

Tenham, portanto, muito respeito pelas virtudes, pelas qualidades, por todos os dons de Deus neles. Tenham compreensão diante das fraquezas e das misérias deles. Quando um menino, um dia, sentir que os Senhores tiveram respeito por ele, para sempre sentir-se-á apegado aos Senhores. Conheci de perto um grande exemplo a esse respeito. No Seminário tínhamos um professor muito distinto, o Padre Auger. Deixou entre os estudantes uma lembrança incomparável, ainda que, às vezes, largasse uma piada, mesmo um pouco maliciosa. Mas quando ele descobriu num aluno a piedade, a virtude, esforçava-se por desenvolvê-la, com todo o empenho. Sentia-se que ele tinha muito respeito e uma grande reverência pelo menino que levava esse dom de Deus no coração. E ele fez um bem imenso.

Entremos nessa linha, meus Amigos. São Francisco de Sales e a Boa Madre faziam isso. Naturalmente, para isso, é preciso um espírito muito aberto e um bom juízo também...

Tomem um aluno qualquer. Sempre ele tem algo de bom em si; é um raio da graça divina. Tratem-no com estima; ajudem-no para que esse dom que Deus lhe confiou possa crescer e resplandecer. Esse respeito, acompanhado da autoridade que os Senhores têm, aos olhos dele, terá uma influência incomparável.

Claro, é indispensável a palavra, mas - repito - é a disposição interior da nossa alma que dá eficácia à nossa autoridade. Ajamos segundo esse espírito e realizaremos um bem enorme. Então se consegue

tudo com um aluno. Os Senhores o punem por uma falta dele, mas ele sabe que os Senhores são justos. Censurando e reprimindo o mal, os Senhores não deixam de reconhecer o que há de bom nele. Ele não deixa de sentir-se agradado interiormente, apesar de sua má disposição, e essa satisfação o disporá, pouco a pouco, a aceitar a medida dura, penosa, porque percebe que há justiça. Assim formam-se caracteres justos.

Nosso método é o de Nosso Senhor que não se baseia numa forma particular de agir. Em si mesmas, essas práticas religiosas, utilizadas às vezes como um valioso meio de educação, tornam-se uma ajuda, mas não são instrumentos específicos. A finalidade delas é suscitar a compreensão e o reto juízo para o menino compreender; fazem surgir a força e a coragem para ele aproveitar e valer-se dos verdadeiros meios de educação. A graça divina, apesar de ser todo-poderosa, não age exatamente da mesma maneira com todos; adapta-se aos dons naturais que encontra, atua sobre a inteligência e a vontade, conforme as capaciades inerentes. Os Senhores avançam muito mais rápido e seguro do que não levando em conta esses dons sobrenaturais.

Esse respeito e essa estima pelo aluno fazem jus a esperar muito dele, numa palavra, o que quiserem conseguir. É essa a verdadeira educação conforme São Francisco de Sales. Pode-se, naturalmente, sempre fazer com que o aluno, o jovem aja pelo impulso que se lhes dá, pela autoridade que se tem sobre eles; mas uma obediência assim é puramente exterior. O que determina mesmo ao homem é o interior. É o interior, portanto, que se precisa atingir. A criança, o jovem possuem o exercício do seu livre arbítrio; é isso que se precisa alcançar. E é exatamente isso o que pretende a educação que lhes damos.

Estamos longe de todos os nossos jovens serem cristãos; é a falha de sua família e do ambiente em que vivem. Mas há neles o bom senso da gente de fora, esse reto juízo, essa condescendência perante a vontade alheia e essa fácil conformidade com as coisas que devem ser aceitas. Sejam quais forem os defeitos dos jovens, geralmente essa disposição está presente entre eles. É um dom da natureza. É importante, pois, ganhar-lhes a confiança e levá-los, por meio de um estímulo suave, afetuoso e contínuo a essa maneira de ver e agir, que é a verdadeira vida cristã.

A Teologia distingue as virtudes teologais e as virtudes cardeais. As cardeais podem ser virtudes meramente humanas, meramente pa-

gãs; mas entre nós, cristãos, elas devem ser cristãs e sobrenaturais. Quem incutirá essas virtudes cristãs à criança? A graça de Deus e só. Mas qual o caminho, qual o instrumento pelo qual essa graça de Deus chegará à alma? Precisamente, através da educação que a criança receber. Dêem muita importância a essa maneira de educar. O grande meio que lhes indico é a base da vida do homem cristão; são os alicerces do edifício sobrenatural. São os Senhores, como educadores, que cumprirão essa tarefa tão bela e tão frutuosa, pelos meios que lhes indico, a oração pelos alunos, pela fidelidade e santidade pessoais, pelo respeito e a estima para com o estudante.

Notarão isso mais vezes, se prestarem atenção; nessa ou naquela circunstância, um determinado aluno viu que o estimam, que respeitam essa ou aquela entre as qualidades dele; e ele lhes está ganho, conquistado para o dever!

Meus Amigos, encontramos nisso uma tarefa muito importante. Esse assunto é suficientemente importante e bonito para eu recomendá-lo à meditação de cada um. São João Crisóstomo fala sobre um escultor que reproduzia com tanta fidelidade e tanta habilidade a figura humana, as linhas da natureza, que suas obras suscitavam a admiração de todos e lhe deram um lugar de honra entre os concidadões. Quantos merecimentos não adquirem e qual lugar de honra não podem pretender aqueles que sabem tomar as almas jovens e informes para formá-las segundo o modelo de Jesus Cristo? Olhem, essa é a meta que devem visar todos aqueles aos quais Deus dá como incumbência a educação da juventude.

Repito, mais uma vez, fiquei muito confortado e edificado na reunião dos ex-alunos. Nisso há mesmo fundamento. Trabalhem para engrandecer cada vez mais esta bonita obra.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 4 DE NOVEMBRO DE 1896

"A FINALIDADE DO INSTITUTO" - NOTÍCIAS DAS MISSÕES

"Eles terão muito a peito a santificação própria, para depois ajudar mais eficazmente na santificação do próximo, pela educação da juventude, pelas missões em países pagãos e de cristãos separados e pelo serviço do Santo Ministério."

Para ser bons missionários de São Francisco de Sales é preciso que a fundamentação seja sólida; é imprescindível ter-se exercido, senão durante muito tempo pelo menos com toda a seriedade, na prática do Diretório e das virtudes religiosas, especialmente aquelas que São Francisco de Sales recomenda: a obediência, o amor à pobreza. É a finalidade de todos os nossos exercícios do Noviciado e da comunidade. Pretende-se que arraigue em nós o costume de recolhimento, da vida na presença de Deus, que nos permitirão continuar sendo bons religiosos, caso formos obrigados a ir longe, para atender um ministério muito dispersivo e pesado. Precisamos prevenir-nos de coragem.

A vida do missionário é muito bonita, mas também está cheia de provações. Se somente tem o trabalho de uma missão pouco considerável, forçosamente tem muitos momentos desocupados, de desânimo, de provas de todo o tipo. É necessário encontrar dentro de si tudo o que precisa para animar-se e fortalecer-se. Ora, o Oblato de São Francisco de Sales tem condições para tudo isso. Encontra no Diretório recursos valiosos para ajudá-lo e daí não está mais totalmente sozinho. Olhem por que a prática do Diretório é tão recomendada aos Senhores; é necessária ao Oblato em toda a parte, mas especialmente nas Missões.

Em nossas Missões primeiramente, portanto, se observe a Regra interior, o Diretório; também há a regra exterior, isto é, a obediência. Importa que o missionário se mantenha em dependência e muito submisso; isso lhe seja uma norma constante. Sem dúvida, ele pode respeitosamente apresentar ao Superior sua opinião e até objeções; mas, afinal de contas, a obediência deve sempre ter a última e decisiva palavra. Na observância exterior, o missionário precisa de uma prática mais séria, mais austera dos votos. Quanto à pobreza, a prática exterior é fácil; encontram-se tantas ocasiões quantas a gente quiser. É preciso,

então, aproveitar-se a prática inevitável para chegar à prática interior, sobrenatural e verdadeiramente religiosa da pobreza.

Quanto à castidade, o diabo está em toda a parte; mas está especialmente na África. Santo Agostinho, que manifesta, às vezes, idéias muito originais, diz que a África, povoado como está pelos filhos de Cam, é uma terra maldita, onde o diabo tem uma influência extraordinária. São Jerônimo chamava a África de terra do diabo; conta a esse respeito histórias muito fora do comum.

Fala de um diabo disfarçado como fera que corria pelo deserto para visitar as comunidades e os eremitas. Acredito nas palavras de Santo Agostinho e de São Jerônimo; certamente o diabo tem uma força muito grande naquela terra. É por isso que os nossos missionários que estão na África devem prevenir-se para lutar contra Satã, contra o diabo de todos os vícios, sobretudo contra o da tentação da carne. Sem dúvida, lá há tentações mais violentas que em outros lugares, provas mais fortes contra a virtude. Faz-se necessário, portanto, uma prática intensa de vida interior. Mas também, na África, os missionários têm mais méritos que em outra parte. Além disso, os nossos Padres da África que sofrem tanto, gostam da vida de lá. Não a deixariam facilmente. Acredito que a grande carestia que continua reinando é obra do diabo: Simon, Simon, esse Satan expetivit vos ut cribraret sicut triticum (Lc 22,31) (Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo). ["Simão", em francês é "Simon", que era o sobrenome do nosso primeiro missionário da África. - tr.] Acredito que seja essa a situação dos nossos Padres da África. Precisa-se ter medo do diabo da África? Sim e não... A Boa Madre dizia que não era necessário ter medo algum do diabo; a única coisa a fazer a seu respeito é ignorá-lo; mas é forçoso tomar precauções para não cair nas armadilhas dele. A força está na obediência e na prática habitual de todas as virtudes.

Nos países pagãos, os aborígines são francamente idólatras, ou melhor, não têm nenhuma religião. É um terreno virgem; é campo aberto para o missionário.

Nas missões e em países de cristãos separados, na Inglaterra por exemplo, o que o missionário precisa é o zelo pela fé católica e a santidade através das virtudes salesianas. Deve ser muito amável e caridoso para conquistar nossos irmãos separados. Lá precisa-se ter muita coragem e mansidão. São Francisco de Sales tem tido uma influência muito grande na Inglaterra, desde sua época, e pela publicação da Vida De-

vota que conheceu uma grande aceitação nesse país.

Na Grécia, se há algo a fazer, realizá-lo-emos através das virtudes e dos meios de São Francisco de Sales. Ele fazia como Nosso Senhor: expunha a doutrina, não discutia, apresentava a verdade. Era esse seu grande procedimento que sempre conseguiu um bom resultado. Façamos nós o mesmo; não disputemos, mas preguemos a verdade com toda a prudência, amabilidade e caridade.

O Bispo Mermillod dizia a Dom Marengo, Bispo de Atenas, que lhe pedia conselho sobre os religiosos a convidar para a Grécia: O que está precisando lá são os Oblatos de São Francisco de Sales; são eles que compreenderão melhor a situação e prestarão mais para as exigências e necessidades do país. Dom Mermillod julgou bem, se os Oblatos ficarem fiéis ao espírito e aos ensinamentos que lhes foi dado; serão bem-sucedidos.

O que acabamos de dizer sobre os países pagãos e de cristãos separados, também devemos aplicá-lo às obras católicas que se encontram em países mais ou menos desgarrados, como a Alemanha, a Suiça. É necessário tomar muitos cuidados lá; mas se pode fazer um imenso bem. As pessoas naqueles países têm ainda um pouco de fé especulativa e um pouco de fé prática; mas a fé cordial, quase não a têm mais. Não se entende mais a necessidade imperiosa da Comunhão, da meditação, da conversação íntima com Deus. Uma dessas pessoas disse-me ontem: A meditação, nunca consegui fazê-la... A oração reflexiva ainda vai um pouco,.. mas a meditação... Nunca pude entender esse diálogo íntimo com Deus! É o que acontece nos países de religião mista, onde têm respirado por demais a atmosfera da heresia. É por isso que os bons sacerdotes, que entendem as necessidades de seu país, reclamam insistentemente por Oblatos. Aqueles compreendem que é nosso espírito que lhes fará bem. O Bispo de Bâle disse-me: Quando me dará de seus religiosos? Da Alemanha, da Inglaterra também vêm-me pedidos.

Quem mais do que qualquer outra coisa, pelo que parece, pode ajudar as almas a receber essa graça de Deus: o Evangelho integral, na compreensão, na boa vontade e na prática da vida? São os Oblatos, porque tendem diretamente a isso. Talvez os Senhores não consigam compreender bem isso, meus Amigos, que não têm experiência ainda do ministério pastoral.

Mas quando tiverem 60 anos, lembrar-se-ão daquilo que estou-lhes dizendo hoje e reconhecerão que está muito certo e que, por

esses meios, se chega a realizar um bem perfeito. Esse bem completo será o resultado de suas pregações, de suas confissões, de suas obras, de todos os seus trabalhos apostólicos. Pensem bem nisso.

Na Grécia, nossos Padres vão bem. A Escola Comercial Santa Cruz, de Naxos está muito bem encaminhada. O número de alunos já é maior do que a escola comporta. O Padre Lourenço pede que se lhe envie reforços. O Bispo de Atenas nos quer muito bem. Em Pireu, na Escola São Paulo, tudo vai bem igualmente.

Na Inglaterra, da mesma forma. O Padre Isenring se ocupa das missões e dos soldados; querem-no muito bem. A escolinha de Walmer vai bem. Uma senhora veio visitar-me num destes dias, de passagem a Roma. Disse-me que se esperava muito da influência da doutrina de São Francisco de Sales, na Inglaterra. É uma doutrina que é muito necessária ali.

O Equador continua em revolução e em guerra. O Padre Davi queria pôr fim e retirou-se para a Colômbia, mas teve que deixar também o país e assim desceu para Montevidéu. As Irmãs Oblatas ficaram; vivem de esmolas.

Em Pella continua a seca. Em Springbock, porém, choveu um pouco, o que devolveu algo de vida à paisagem, mas é 50 léguas distante de Pella. Lá reina uma grande carestia, e o povo todo está agora na extrema miséria, escreveu-me o Padre Simon.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 11 DE NOVEMBRO DE 1896

"AS DUAS CATEGORIAS DE OBLATOS"

"Haverá dois tipos de membros na Congregação: os clérigos, que se chamarão Padres, e os Irmãos Coadjutores, que levarão o título de Irmãos."

O recrutamento de religiosos não é nada fácil; isso se deve à

ausência de fé e à educação tão pouco cristã que se dá nas famílias. Antigamente, a maneira de educar os filhos era bem diferente. Não se dizia nunca aos filhos que eram ricos; não se lhes permitia tudo o que queriam; sabia-se formá-los para a renúncia; ensinava-se-lhes a suportar as pequenas privações na comida, na roupa. Lembro-me de quanto essa mortificação era praticada na minha família; meu pai e minha mãe se entendiam maravilhosamente a esse respeito. Assim, durante a minha infância, nunca consegui comer um pepino. Entretanto, acredito que teria me arriscado a ser ladrão para comer isso, tanta vontade tinha... No entanto, um pepino não é nada bom, faz mal ao estômago. Por isso, certamente, não se queria deixar que os comesse. Da mesma forma, quando tinha um brinquedo, um livro que me empolgava e pelo qual teria, de boa vontade, deixado qualquer outra coisa, o objeto desaparecia por encanto, eu não sabia como e nunca mais o revia.

Não queriam tampouco que eu comesse maçãs assadas, isto é, que eu mesmo as assasse no fogão e as comesse por gula. Um dia, aproveitei uma saída da minha mãe, para assar uma maçã. Estava dourada e assada no ponto. Saio um minuto, meu pai passa por lá, vê a maçã e a joga no fogo. Volto e vejo minha maçã toda preta e queimada. - Papai, como pôde a minha maçã cair no fogo? - Meu filho, respondeu-me seriamente, é isso sempre o que acontece, quando a gente quer uma coisa muito ansiosamente e desobedecendo... Então acontece como com tua maçã, isso cai no fogo... Nunca esqueci minha maçã assada, caída no fogo.

Não menos se me privava quanto à roupa e com relação à comida. Quando eu manifestava o desejo de ter umas calças um pouquinho mais novas, diziam-me, mostrando-me um pobrezinho que passava na rua. Estás vendo aquele ali? Tuas calças são ainda melhores do que as dele. Se tu estivesses no lugar dele, estarias bem contente... O que fizeste para que Deus te favorecesse mais do que ele?

Mas por que contrariar assim uma criança? Qual poderia ser o resultado? O resultado é que de um sujeito que não tem muita força física nem moral consegue-se fazer uma elemento valioso.

Um filho criado assim, quando chegar à idade de ingressar na vida religiosa, entra de cheio; ele compreende a mortificação; discerne todo o mérito inerente e chega a querê-la bem. Hoje em dia, isso não acontece mais. A educação tornou-se detestável e isso nas melhores famílias. Vi um exemplo terrível disso. Um rapaz de uma família muito conceituada, o jovem da melhor aparência que eu jamais tinha visto,

muito distinto, de porte verdadeiramente elegante, mas estragado pela fraqueza de sua avó, está levando agora uma vida escandalosa. Já gastou à toa mais de 250 mil francos. Está perdido, é um caso muito sério; não faz nada, a não ser besteiras vergonhosas. Por que tudo isso? Porque sua avó dizia sempre: Este pobre Guilherminho, é muito duro colocá-lo num colégio... Ah! agora sim é duro! No entanto, sua avó é uma boa e digna pessoa... Três quartos dos pais e das mães estão nisso.

Faz uns cinqüenta ou sessenta anos, teriam tomado um chicote e dado uma boa surra a Guilherme que não queria ir ao colégio. Teria ido direitinho e feito bons estudos; assim não se teria tornado uma vergonha para sua família e escândalo para todos.

Quanto às moças, a educação é menos deplorável, porque elas ficam sob a influência de suas mães. Mas os Senhores observem como, em nossos tempos, mesmo nas famílias cristãs, os pais, as próprias mães têm medo da vocação religiosa para suas filhas.

Daí as vocações se tornam raras. Há tantas fraquezas nas famílias e na educação, tanta falta de fé e tanto sensualismo! Por falta de vigilância e de verdadeira vida cristã, deixa-se a criança contrair vícios que são obstáculos para a vida sacerdotal e a vida religiosa...

Naturalmente, é preciso ser prudente nas observações e nos conselhos que se tiver a dar sobre esse assunto. Não convém agarrar a gente pela gola do casaco e dizer-lhes: Estão criando mal os seus filhos... Empreguem os Senhores os meios, os recursos que têm à sua disposição, sobretudo a oração, e procurem conduzi-los a isso.

É uma coisa notável que uma boa parte desses cristãos mundanos e, com eles, três quartos dos clérigos são contra a vida religiosa. Muitos desses sacerdotes dizem a seus penitentes e a suas penitentes: Precisa ficar no mundo; farão o bem ali mesmo. Sem dúvida; mas, na vida religiosa, teriam feito maior bem ainda. A doutrina, começando por São Tomás, não afirma que há dois grupos de santos no céu?

1. - A classe dos santos Bispos, pontífices e Mártires, e

2. - A classe dos religiosos. Continuamente, São Tomás repete que, devido à sua vida religiosa, o religioso terá um lugar de honra no paraíso. Ora, meus Amigos, o assunto vale a pena. O céu dura um pouquinho mais do que a terra, não é?

O que estou-lhes dizendo é uma coisa elementar, bem o sabem;

entretanto, é bom lembrar isso e ter idéias claras sobre esse assunto. Entre os conselhos que tiverem que dar aos pais com referência a seus filhos, se não tiverem princípios bem fundamentados, idéias determinadas, tendo somente noções vagas e critérios inconsistentes, o que dirão e que bem farão?

Então, é difícil encontrar religiosos, mas é ainda mais difícil encontrar Irmãos. A fé, a esperança do paraíso atraía, outrora, um bom número de jovens não querendo ser outra coisa na comunidade a não ser humildes Irmãos leigos. Os grandes do mundo, os príncipes serviam-se de toda a influência para assegurar-se o privilégio de ser empregados nos trabalhos mais simples, como jardineiros ou como encarregados do gado. Hoje em dia, a situação mudou um bom tanto.

No que diz respeito aos Irmãos, sempre se tem observado que, havendo santos, verdadeiros santos numa comunidade, muitas vezes esses se encontravam entre os Irmãos Coadjutores. Aí, de fato, a gente é mais humilde e com maior facilidade se torna mais edificante e mais santa. Mas também se dá o contrário; quando os Irmãos não são mais do que medíocres, facilmente se tornam maus. Seria muito bom e confortante para a Igreja, se se encontrassem ainda jovens valentes, fortes, sãos de corpo e alma, oferecendo-se como antigamente ao dizer: Consagro-me à comunidade para viver em perfeita humildade, para trabalhar com as mãos durante toda a minha vida e para ser servo dos servos de Deus.

Vi na Cartuxa de Bosserville três irmãos, filhos de um proprietário bem situado da vizinhança. Os três juntos vieram bater à porta do mosteiro pedindo serem admitidos como Irmãos. Para prová-los, fizeram-nos passar por todos os tipos de afrontas e humilhações. Não foi por preguiça que viemos, diziam eles modestamente, mas para servir a Deus. Aproveitem-nos para os serviços mais pesados e mais vis, e satisfarão a todos os nossos desejos. Vi-os fazendo queijo, lavando roupa, carregando estrume... Nunca vi tão belas e nobres figuras. Eu dizia comigo mesmo: Se fosse pintor, que quadro lindo seria a reprodução de um desses jovens religiosos conduzindo seus bois. Que figura radiante! Que imagem celeste! Precisaríamos, deveras, de alguns Irmãos desse tipo.

Saibamos aceitar as pequenas mortificações, as renúncias inseparáveis da vida comunitária. Aliás, onde essas não se encontram? Não temos tudo o que poderíamos desejar. Mas tê-lo-íamos, se estivéssemos em outra parte? Se vivéssemos a sós, numa casa paroquial, teríamos que constatar, mais de uma vez possivelmente, que o nosso pão nos custaria

caro; ele estaria talvez impregnado de muitos sacrifícios e dissabores: panem arctum e aquam brevem (Is 30,20) (pão da angústia e água da tribulação).

Esforcemo-nos por executar bem essa prática referente a tudo o que se encontra de mortificante na comida, na roupa, nas coisas da vida quotidiana. Apreciemos o que já foi usado, o que já está um pouco gasto; estimemos o que não chama a atenção, o que é simples e modesto. Além disso, privemo-nos sempre de alguma coisa. Por meio da pobreza, formam-se grandes santos. São Francisco de Assis despoja-se de tudo. Reúne em sua volta pessoas para as quais dá nada para comer, que moram em choupanas de ramos, mas - olhem - sua família se torna numerosa como as estrelas do céu: Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est regnum caelorum (Mt 5,3) (Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos Céus).

Chegou o inverno; é uma boa oportunidade. Tudo o que nos custar, oferecê-lo-emos a Deus. Saibamos ser verdadeiramente pobres. Um pobre não tem meios para comprar uma peça de roupa, não a compra. Continua usando a velha que tem, sem se perturbar. Todas as vezes que a gente se priva corajosamente de alguma coisa, fica-se muito satisfeito depois.

Peçam à Boa Madre que os Senhores possam compreender bem isso; o dia em que formos verdadeiramente pobres de coração, o Bom Deus se entregará a nós sem medida.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 18 DE NOVEMBRO DE 1896

"AS DUAS ORDENS DE OBLATOS"

"Os Padres usarão o vestuário eclesiástico completo, a batina e a faixa; os Irmãos, o hábito eclesiástico de viagem, a sobrecasaca com outra roupa preta que os distinguirão dos leigos, sem dar ocasião de confundi-los com os Padres ou outros clérigos."

No que diz respeito ao peitilho que temos usado até agora, deixo muita liberdade. Temos conservado o seu uso para não nos afastarmos de modo demasiado ostensivo do clero, no meio do qual vivemos. Pode-se, portanto, continuar a usar o peitilho, onde agrada mais ao clero que o usemos. Onde não há preferência, não se use, pois a Constituição menciona o colarinho romano. Não considero, de forma alguma, o peitilho como essencial ao nosso traje. Compreendam bem o que quero dizer. Não convém que nos posicionemos como estrangeiros no meio do clero da diocese onde vivemos e nos distingamos deles pela roupa. Em Mâcon, o uso do peitilho é opcional; também em Paris, eu acho. Aqui, não sei. Certo é que, mais cedo ou mais tarde, o hábito do peitilho desaparecerá, e, cada vez mais, aproximar-nos-emos dos costumes de Roma.

É próprio do nosso espírito não singularizar-nos, mas sermos como aqueles com quem vivemos.

A respeito da batina, importa mostrar-nos bem religiosos. Que nossa roupa esteja asseada; isso é essencial. Se a nossa roupa, às vezes, não nos serve tão bem quanto desejaríamos, é preciso colocar-se acima disso. Façamos essas praticazinhas boas, quando a ocasião se apresentar; serão de grande proveito para nós. Bem sei que, para certas pessoas, uma prática destas pode ser mais dura e insuportável do que jejuar, nas sextas-feiras, na base de pão e água... Meus Amigos, temos que aproveitar nossas práticas de mortificação lá onde se encontram e onde o Bom Deus no-las reservou. Olhem; distribui-se roupa para os soldados; os uniformes não são feitos sob medida! Nós também somos soldados de Nosso Senhor. Somos todos iguais, na Regra. Nenhum sinal de distinção externa se acrescenta a quem quer que seja dentre nós. Aproveitemos essa pequena mortificação como prática religiosa, quando se apresentar. Se soubessem quanto isso valerá aos olhos de Deus: Si scires donum Dei (Jo 4,10) (Se conhecesse o dom de Deus)! Como Deus lhes retribuirá isso no futuro... Aceitemos tudo isso - repito - como uma verdadeira mortificação. Não sei se são como eu, mas nada me irrita tanto quanto uma peça de roupa que não se ajusta bem...

Leiam a vida dos santos religiosos; eles sempre tomam para si o que há de menos bonito e de pior. Isso enobrece o religioso, isso o coloca em seu lugar; as preferências pessoais se apagam... Mas a personalidade própria é uma coisa boa! Sim, mas devemos utilizá-la para apagar a si própria, nessas questões aí.

Vejo os Padres Jesuítas e os Lazaristas. Suas batinas nem sem-

pre lhes assentam bem... Façamos como eles. As mortificações que vêm desse lado não nos faltarão, sem dúvida, mas teremos grandes tesouros a ganhar; não os ignoremos.

Quanto ao asseio... É importante cuidar da roupa. Escovemo-la, ou antes - isto é mais cômodo e melhor, quando houver barro - usemos um carpim velho de lã, um trapo de pano ou de lã. Tenhamos o cuidado de que não haja manchas em nossa roupa. É uma recomendação expressa em todas as Ordens religiosas, mesmo para os religiosos que não precisam sair de casa. Os Cartuxos, os Trapistas têm a roupa sempre muito limpa, por respeito a seu estado e ao santo hábito com que se vestem. Todas essas práticas realizadas com espírito religioso valem-nos muitas vezes mais do que o jejum ou mesmo uma meditação e nos são mais meritórias.

Os Padres poderão ser incumbidos de todos os cargos na Congregação..."

Parece-me que não poderia ser admitido como Ecônomo Geral um simples clérigo. Os cargos importantes, segundo a Constituição, devem ser confiados aos sacerdotes.

No que diz respeito à roupa dos Irmãos, nos domingos, nos dias de cerimônias religiosas, usarão o hábito indicado pela Regra; nos outros dias e em casa, vestirão roupas comuns.

Não se receberá na Congregação a não ser os que alcançaram pelo menos a idade de dezesseis anos e que manifestam um grande desejo da perfeição cristã."

A condição essencial para ser religioso é o desejo de tornar-se perfeito, de ser cristão melhor do que se pode ser no mundo. Deve haver a aspiração de santificar-se pela prática das virtudes religiosas; é preciso que se tenha algo mais do que aqueles que ficam no mundo, até mesmo, mais do que os que abraçaram o estado clerical.

O estado eclesiástico é algo muito santo. Mas a piedade de um sacerdote de paróquia, geralmente, não será suficiente para um religioso. É necessário que haja no religioso uma tendência mais acentuada ainda em relação às coisas sobrenaturais e à fidelidade ao Beneplácito de Deus nas mínimas coisas, também diante de uma vida mortificada, obediente e piedosa; de outra forma, a vida religiosa não tem mais sentido.

"O que o postulante deverá fornecer para seu sustento será fixado de acordo com as necessidades da casa e o auxílio com que o postulante puder contribuir para ela."

Nas comunidades femininas, há muito rigor a esse respeito. Roma não quer que se admita uma Irmã sem dote. As que não podem, de forma alguma, oferecer um dote são encarregadas dos serviços domésticos; valoriza-se, então, o esforço do seu trabalho e de sua operosidade. Os recursos que, dessa forma, podem proporcionar à casa substituem o dote. Quanto aos homens, não é bem assim. Eles têm a esperança de se tornarem sacerdotes. Mesmo assim, os Senhores vêem, Roma exige pelo menos dos postulantes e dos noviçoes uma pensão ou, então, o equivalente dessa pensão, se não podem oferecê-la na sua totalidade, até que sejam oficialmente religiosos e membros da Congregação.

"... de acordo com as necessidades da casa e o auxílio com que o postulante puder contribuir para ela."

Podemos dizer, eu acho, que somos os religiosos mais pobres da França. Temos todas as condições de pobreza. De fato, a comunidade não possui nada que garanta sua subsistência. O Noviciado não tem fundos legados e não tem recursos fixos. Significa isso que lamento a situação? Não. Se a Regra for bem praticada, seremos bastante ricos. Deus nos ajudará e virá em nosso socorro. Ninguém se esqueça disso e cada um leve o fardo da pobreza, suportando todas as privações que encontrar, ao procurar querer bem as práticas de mortificação em matéria de pobreza e gastando o menos possível... Devemos convencer-nos de que não se observa realmente o voto da pobreza, a não ser quando, pelo menos às vezes, se tem alguma coisa real e penosa a sofrer por motivo da pobreza.

Os Capuchinhos não possuem nada. Sua morada não lhes pertence. Nós temos colégios, sim,... e também impostos a pagar!...

Antigamente, nas famílias cristãs, dizia-se aos filhos que eram pobres e ensinava-se-lhes a privar-se corajosamente de mil pequenos caprichos... Os Senhores me dirão: Mas, Padre, sempre nos diz a mesma coisa!... Digo-lhes o que é para nós, meus Amigos, a pura verdade... É necessário que cada um de nós se convença que é pobre, que mora numa casa de pobres, que deve comportar-se como pobre... Apresentando essa insistência, acredito que eu não esteja ofendendo ninguém. Julgo que, de forma geral, se observa as grandes linhas da pobreza. Observe-

mo-la nos detalhes. Saibamos privar-nos e tomar somente o absolutamente necessário.

É uma coisa boa observar a pobreza exteriormente, mas devemos também apegar-nos a ela interiormente. É necessário querer bem esse estado de pobreza, precisamos apreciar o incômodo e o estorvo provenientes dela, pois isso nos torna mais semelhantes a Nosso Senhor Jesus Cristo. Nunca vi um sinal mais certo de predestinação do que esse amor piedoso pela pobreza. Poderia citar muitos exemplos de pessoas no mundo, de religiosas e religiosos. Uma vez que essa noção de pobreza toma posse de um coração, o Bom Deus notavelmente nos observará com olhares de complacência. Parece que essas almas privilegiadas pertençam à família de Nazaré... Peçam à Boa Madre que os Senhores possam compreender bem isso; ela mesma o compreendeu tão admiravelmente! Eu via isso na Visitação de Troyes, durante quarenta anos. Entrem na Visitação, ficarão impressionados pela pobreza que reina em toda a parte. Na dispensa, na rouparia, só há velhos armários... Isso mais me edificava. Isso engrandece a alma e a aproxima de Deus... O desapego da criatura aproxima do Criador. Por que São Francisco de Assis foi estigmatizado? Por que se tornou o patriarca de uma família tão numerosa quanto as estrelas do céu? Foi a recompensa do seu amor pela pobreza. Esforcemo-nos por fazer o mesmo.

... e o auxílio com que o postulante puder contribuir para ela (a casa)."

Podem ajudar a comunidade, através do seu trabalho pessoal, através do seu cargo e dos seus afazeres também. Sendo professor ou vigilante, realizando um ou outro trabalho manual, façam tudo isso em espírito de generosidade e de pobreza. É uma dívida que pagam à comunidade; e Deus também contrai uma dívida para com os Senhores a qual pagará generosamente...

Deus paga abundantemente. O que querem que Deus dê mais sobre a terra? O bom religioso recebe mais de Deus e é mais gratificado aqui na terra do que se fosse o próprio imperador da Rússia. Terá um lugar de mais destaque no céu; e, desde já, sobre a terra, será alvo de atenções divinas mais do que qualquer outro. Nosso Senhor lhe comunica e revela os mistérios do seu Coração. É certo que, quando Nosso Senhor diz a uma pessoa: Veni, sequere me (Mc 2,14) (Vem, segue-me), mais não pode fazer para ela, nem sendo Deus. Julgando superficialmente e sem

refletir, parece não poder ser assim; mas observem bem atentamente: esse obséquio de Deus é tudo, tudo o que podem imaginar de bom, de grandioso, de de feliz, mais do que isso, muito mais além!...

Deus não pode dar nada melhor a ninguém de nós, nada que corresponda mais profundamente aos nossos interesses sobrenaturais. Vale mesmo a pena fazer alguma coisa para ele.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1896

A ADMISSÃO INICIAL

"O Noviciado durará um ano inteiro, segundo a norma do Santo Concílio e Constituições Apostólicas."

A Constituição diz que não se poderá prolongar o Noviciado além de seis meses. De fato, é uma questão de justiça. O Noviço, que já passou longos meses na comunidade, teve que fazer-se conhecer suficientemente. Se não fosse assim, se não fosse bastante conhecido, seria uma prova de que suas qualidades não seriam muito evidentes, e a Congregação, admitindo-o, correria o risco de recebê-lo sem vocação. Convém, portanto, que se faça o Noviciado seriamente e dentro do tempo normal. A lentidão demasiada em adquirir as virtudes necessárias perigava requerer certamente um prolongamento maior, o que, por conseguinte, seria impossível de realizar. É preciso, pois, que o Noviço se dedique de corpo e alma, desde o início.

"Antes da admissão à vestição e antes da admissão à profissão, os postulantes deverão fazer exercícios espirituais durante dez dias."

No que diz respeito ao retiro de dez dias em preparação à entrada no Noviciado, como também os retiros que precedem a primeira profissão e os votos perpétuos, é imprescindível obedecer pontualmente o regulamento ordinário dos retiros. É bom conformar-se àquilo que várias vezes recomendei a esse respeito, nos Capítulos e nas palestras dos re-

tiros gerais; é bom levar em conta essas instruções e conformar-se a elas, durante o retiro.

O retiro entre os Oblatos é um verdadeiro deserto espiritual. Há muitas maneiras de fazer um retiro. Em certas comunidades, há um número muito elevado de exercícios durante o retiro; meditações que nunca acabam...

Lembro um professor do Seminário Maior que fui visitar no convento onde estava fazendo retiro, em Paris. Ele me disse: Olhe o que tenho que fazer cada dia... E mostrou-me oito grandes páginas, tamanho ofício, que tinha que ler e meditar durante o dia. Se lesse isso atentamente, acrescentou, teria o que fazer da manhã até à noite... Não é prático. O retiro não é um estudo. É uma seqüência dos exercícios da vida comum que se procura fazer com mais atenção e perfeição. Faz-se retiro para que, durante os dias e os meses que seguirem, a gente continue realizando as coisas como se fazia durante o retiro. É verdade que, durante o retiro, os exercícios de piedade são um pouco mais numerosos; reza-se mais; mas sobretudo deve-se vigiar mais sobre si mesmo. A maneira de fazer a meditação, de ocupar-se simplesmente com Deus, de preparar o dia com ele, tudo isso não muda durante o retiro.

São Francisco de Sales chama o retiro de "solidão, deserto". A pessoa que diz de si para si: "Aqui está o regulamento do retiro, quero observá-lo com a mais perfeita exatidão", recebe da Divina Providência a graça de fazer um excelente retiro...

O Bom Deus pode permitir doenças, notícias desagradáveis, aborrecimentos, aridez. Será que isso pode impedir de fazer retiro? Todos os outros religiosos poderão dizer talvez: Não podemos fazer retiro nessas condições...

Eu lhes respondo: Pode-se fazê-lo muito bem, porque a grande e acertada maneira de fazer retiro é exercer-se na fidelidade, na dependência da Vontade divina, manifestada pelos acontecimentos que nos ocorrerem; é conformar-se a Deus e ficar perto dele.

Precisa-se também examinar a consciência, evidente, e fazer bons propósitos, considerar as novas incumbências que talvez a obediência nos confie. Mas a base do retiro é o que lhes disse.

Levemos as pessoas do mundo a fazerem assim o retiro; o clero, quando se apresentar a ocasião. É esse o verdadeiro e o bom retiro. O que Nosso Senhor disse? Spiritus quidem promptus, caro autem infirma (Mt 26,41) (O espírito está pronto, mas a carne é fraca). Acredita-se

que se fez um excelente retiro, porque se meditou longamente, porque, talvez, se alimentasse a imaginação. Fala-se sobre coragem, de superar todos os obstáculos. Pois bem, o que acontece? O diabo tinha ido embora e volta com sete outros piores do que ele, e a situação fica logo pior do que antes do retiro. Há poucos desses retiros que não sejam seguidos por grandes tentações, às vezes por desânimos e até por catástrofes, a menos que esse retiro tenha sido muito sofrido, muito penoso e que tenha sido muito generoso; nesse caso, ele produz um efeito análogo ao de um jejum, de uma mortificação, de um exercício de penitência.

Spiritus promptus est, caro autem infirma (id.): é isso o grande segredo da direção espiritual; era o grande segredo de São Francisco de Sales, no seu modo incomparável. Precisa-se, então, revisar os deveres religiosos, o que se fez e o que se deixou de fazer, o que falta realizar; é preciso tomar generosos propósitos e pô-los sob a proteção de Nossa Senhora, do nosso Santo Fundador, da Boa Madre, para que esses pensamentos nos voltem quando deles precisarmos. Mas se se quer contar com o que aconteceu durante o retiro e basear-se no que passou pela cabeça e na imaginação, a gente se apóia num caniço muito frágil

Espero que um dia tenhamos que ocupar-nos de retiros para o clero. Diversos sacerdotes diocesanos de Troyes já me perguntaram se isso seria viável. Eles vêem nisso um meio ao seu alcance para santificar-se e encontrar a luz de que precisam...

Não quero dizer, meus Amigos, que não seja possível realizar retiros de outra forma; mas o que afirmo é que os exercícios mais ou menos violentos do espírito e da imaginação não servem para muita coisa. Digo, sim, que esses retiros longos, sobrecarregados de meditações, facilmente podem tornar-se perigosos...

O que estou lhes dizendo é o fruto de uma prolongada experiência. Assim é que agiram São Francisco de Sales, Santo Afonso de Liguori, a Boa Madre.

Então, devem-se fazer assim os nossos retiros de preparação ao Noviciado, à profissão, às ordenações e também os nossos retiros anuais. Produzirão infalivelmente seus resultados. Não são os Senhores, mas é Deus que faz o retiro. Os Senhores estão aí apenas para obedecer e cumprir a Vontade dele, para servi-lo e responder ao que lhes pedir.

Façam, portanto, seus retiros com toda a seriedade, nesse sentido, porque só se faz bem para os outros o que já se realizou devida-

mente para si mesmo.

Nem se precisa dizer que, durante o retiro, está prevista a preparação para a confissão; essa preparação precisa ser muito séria e completa.

A vantagem desse tipo de retiros é que não assusta ninguém; todo o mundo pode fazer retiro dessa maneira. No entanto, é necessário ter uma certa força de vontade, porque o retiro pode se tornar, em certos momentos, muito penoso. A Irmã Maria Genoveva nunca conseguiu fazer retiro de outra maneira. Os retiros, lembro-me, eram para ela sempre extremamente custosos. Mas, após seus dez dias de aridez e de sofrimentos, o Bom Deus lhe dava graças extraordinárias. Nossos retiros nem sempre serão felizes e atraentes; estejamos prevenidos. Sempre temos o regulamento do retiro em mãos, agarremo-nos naquilo. Não estamos à vontade, sofremos fortes tentações. Somos como São Jerônimo no deserto, assaltados por maus pensamentos, sentimo-nos atraídos para o mal; o retiro, em vez de ser um paraíso, torna-se para nós um inferno... Tudo isso é mal? Não, pois é o meio que Deus emprega para santificar os Senhores, para firmá-los na verdadeira vida espiritual.

É preciso ir ao retiro, em seguimento de Nosso Senhor. Ele não diz aos Apóstolos: **Ite** seorsum in desertum locum (**Ide vós**, sozinhos, a um lugar deserto), mas: **Venite, venham** comigo (cf. Mc 6,31), não ides totalmente sozinhos, com as próprias forças. Todos os nossos retiros precisam ser assim; e temos que ensinar essa doutrina aos sacerdotes, às almas que chegam a nós ou nos são confiadas. Façam-lhes compreender, estimar e apreciar essa doutrina. Todas as pessoas são capazes de fazer assim seus retiros, de levar o tipo de vida que nós levamos, de meditar como nós fazemos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 9 DE DEZEMBRO DE 1896

A ADMISSÃO INICIAL

"Durante o tempo do Noviciado, os Noviços serão exercitados em todas as práticas de vida religiosa, especialmente nas dos votos."

Os Noviços ainda não fizeram votos, mas é claro que devem exercer-se na prática dos votos com mais atenção e perfeição do que os próprios professos. A melhor maneira de aprender, de habilitar-se é praticar antes.

Os Noviços, portanto, devem considerar-se obrigados à prática dos votos; eu diria até, mais obrigados do que os próprios professos, porque estão se adestrando e aprendendo para a vida toda.

Muitos parecem crer que o Noviciado seja um tempo que se passa ao deus-dará, que se atura, aguardando a profissão. Enganam-se. É um tempo precioso a ser aproveitado para a preparação da profissão, pela prática cuidadosa dos votos. Os Noviços que assim se preparam tornam-se religiosos muito bons.

Os Santos Padres compararam o Noviciado ao paraíso. Os que são fiéis às observâncias, todos os dias, serão confirmados na graça de Deus. Passarão imediatamente do paraíso do Noviciado para o paraíso dos votos e de lá imediatamente ao paraíso do céu. Está certo. Em que consiste, de fato, o paraíso? É o cumprimento da Vontade de Deus. E Deus é o mesmo no céu como na terra; e nós seremos os mesmos no céu como na terra.

Não devemos ser infantis, seres ignorantes e sem objetivo. Se não nos pomos defronte com este ponto de vista, que deve ser o nosso único, a saber, fazer a Vontade de Deus, nossa vida não tem mais nenhum sentido, nenhum...

Viemos de Deus. Encaminhamo-nos para Deus. É através da conformidade à Vontade de Deus que nos aperfeiçoamos, que formaremos em nós o homem verdadeiro e sólido. O que é o homem após a vinda de Nosso Senhor? Depois da Encarnação? Sobretudo, o que é o sacerdote, o religioso? Alter Christus (Um outro Cristo). "Cristão" se deriva de "Cristo". É isso o ponto de partida, de outra maneira não se faz nada, é só

fantasia, só se tem meia vontade, meio coração, não se tem nada que sirva! Tomem posição e sigam reto para alcançar generosamente o seu objetivo; avancem segundo a Vontade de Deus. Então realizam alguma coisa de valor e os Senhores representam alguma coisa. Do contrário, o que são? Um ser incompleto, mal acabado, com falta de faculdades, um corpo aleijado. Compreendam bem isso; é a verdadeira filosofia e isso deve ser sempre o ponto de partida, sobretudo no Noviciado. Convençam-se disso profundamente. Avancem rumo a Deus, à Vontade de Deus. Plasmem Deus em si próprios. Se os traços divinos estivessem afeiçoados nos Senhores, se a Vontade de Deus fosse o nosso amor, nossa vida, nossa respiração, a terra seria um paraíso. No Noviciado, onde se pratica bem isso, a gente passa um verdadeiro paraíso. Se, pelo contrário, não é bem exercitado, o que é o Noviciado? Não é Noviciado! Será um Seminário? Não mesmo. Será que é um colégio, então? Não, não é nem um colégio. O Noviciado é a casa da Vontade de Deus; é a casa da formação espiritual pela imitação das virtudes, dos pensamentos, da vida interior, da vida toda de Nosso Senhor. É isso o ponto de partida. Peço ao Bom Deus para que os Senhores possam compreender bem isso.

O Noviço tem que criar gosto pela pobreza; que ele se acostume a poupar meia folha de papel, uma pena de escrever,... que ele ofereça ao Salvador o que tiver a sofrer na comida, no vestuário. Apegando-se assim à pobreza, tanto interior como exterior, ele formará em si o homem novo, a imagem de Deus; ele reproduzirá Nosso Senhor, o divino Modelo.

O Noviço deve acostumar-se a obedecer, com essa obediência fiel, simples, dócil, generosa. Reparem, meus Amigos, que se precisa cem vezes mais capacidade para obedecer bem que para mandar bem. Mandar? Mas tudo e todos mandam neste mundo. Até os animais mandam! O que se precisa não é a obediência passiva, bruta; mas a obediência ativa, aceita generosamente por amor a Deus, porque Deus o quer e o manda. Obedecer assim é verdadeira grandeza. Quem obedece assim faz um ato de superioridade e de dignidade. Eleva-se acima da natureza e das paixões para agir por amor de Deus, isto é, pelo que há de melhor e de mais bonito no mundo. Desprezemos, portanto, e deixemos de lado tudo o que vem da natureza, tudo o que é de baixo e digamos um "sim" generoso para Deus. Essa é a obediência do religioso, do Oblato.

O Noviço deve praticar a castidade. Esta não é somente a ausência do pecado desonesto, do vício, dos maus pensamentos, de desejos

culpáveis; a castidade, também, não é somente o cuidado de mortificar-se a si próprio, de vigiar muito atentamente todas as ações, mas é sobretudo - nisto consiste o lado positivo - colocar todo o seu coração e todo o amor em Deus. Não se deve esquecer essa parte positiva do voto da castidade. Diariamente fazem-se práticas positivas de pobreza, de obediência; é preciso também praticar positivamente a castidade.

Aí está o que exercer no Noviciado. Precisam convencer-se dessas coisas e dedicar-se com todo o empenho. Façam isso de todo o coração e o Noviciado lhes será bem querido... Não será somente um salão do Colégio francês onde a gente se aborrece, passando longas horas e donde a gente gosta de se escapar afinal. Não, um noviciado como esse não merece seu nome. Mas o que, sim, tem um nome, e um nome bem bonito, é quando nesse salão se compreendeu a Deus, praticou-se os votos, como eu disse. Então, tudo se ilumina, se esclarece, se confirma, se vivifica; tudo ganha vida e ação, em nós e em volta de nós.

Uma coisa me impressionou profundamente em Pierre-Qui-Vire. O Superior voltava de viagem e os Noviços tinham ido ao seu encontro, a uma certa distância, na floresta. Quando vi a maneira como o acolheram, a alegria que se expressava nos seus rostos, a felicidade tão evidente que manifestavam ao acompanhá-lo, eu perguntei aos meus botões: Por que esses jovens estão tão apegados a seu Superior e à sua casa? Entretanto, não se pode dizer que tudo é às mil maravilhas nessa casa: come-se mal, dorme-se no chão. Serviram-me uma sopa de farinha de aveia, uma espécie de broa, mais parecida com argamassa, na qual a colher ficava de pé! Vieram vagens, grossas cascas de vagens, cozidas na água e com sal, bem pouco sal... Fiquei doente: causou-me uma horrível dor de cabeça. O Padre Mestre me disse: Estamos felizes com nossa vida aqui, porque nos é um paraíso; é a Vontade de Deus conosco.

De onde essa alegria, essa felicidade? Todos eram fiéis à prática da observância; eram pobres, obedientes, castos. Experimentavam que estava a Vontade de Deus com eles, e procuravam realizar, de todo o coração, essa Vontade de Deus; era para eles o paraíso já. Não é São Francisco de Sales que disse: O paraíso na terra é a Vontade de Deus, aceita e amada?

Voltem-se a isso, meus Amigos. Rezaremos muito pelos Senhores, nesta semana, para que Nosso Senhor os encontre bem preparados no dia de Natal e faça nos Senhores a sua morada.

É evidente que os Noviços devem ser muito humildes e não observar o que faz o Padre fulano ou beltrano... Isto não é conforme o espírito de Nosso Senhor, esse olhar no que faz o vizinho. Pode ser edificante, sem dúvida, mas não esqueçamos que temos um grande modelo, Nosso Senhor. É dele só que temos que aprender o que Deus faz para nós e o que devemos fazer para Deus. O resto não é de nossa conta. São Francisco de Sales diz que é admirável dar um bom exemplo, mas não é o exemplo do próximo que ele nos propõe como motivo da nossa conduta. O nosso único modelo é Jesus Cristo; é só a ele que devemos procurar imitar; e o grande meio para imitá-lo é o cumprimento do Diretório. Nossa preocupação não deve ser comparar-nos com fulano ou beltrano, consumir-nos em admiração por um ou outro.

Só nos colocamos aos pés do Bom Deus e aí nos situamos para olhar o que Deus fez para nós e o que nós fizemos para ele.

O valor dos Senhores não depende do que um ou outro pensar sobre os Senhores, nem tampouco do que o mesmo possa valer, mas unicamente depende daquilo que os Senhores realizaram. Com esse pensamento, a gente fica muito humilde; é-se o último, novissimus, o "derradeiríssimo".

Preparemo-nos bem para a festa do Natal, para que o Salvador encontre em cada um de nós sua verdadeira Belém, onde possa estabelecer o lugar do seu repouso.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 16 DE DEZEMBRO DE 1896

A ADMISSÃO INICIAL

"Os Noviços prestarão uma obediência muito simples ao diretor, sem desculpas nem réplicas; serão profundamente humildes, considerando-se, conforme o significado do seu nome, os mínimos, os últimos de todos."

Assim, meus Amigos, quando o Padre Mestre faz uma observação,

precisa sempre recebê-la sem desculpas nem réplicas. Se houver desculpas a apresentar, apresentá-las-ão mais tarde. Por quê?... Porque é uma prática de renúncia e mais difícil do que privar-se de algum alimento nas refeições. A vida religiosa é uma vida de penitência; sendo nossas penitências sobretudo espirituais, não devemos negligenciar esse tipo de mortificação, quando se apresentar; do contrário, correríamos o risco de passar sem práticas de penitência.

Prestarão fiel e exatamente contas de sua conduta e de suas disposições. Não há lugar para reticência ou reserva diante do Padre Mestre de Noviços, que é sacerdote. Proibiu-se a mulheres, a diretores de noviciado e a Superiores que não são sacerdotes tentar perscrutar as consciências. Mas esse não é o caso, quando o Mestre de Noviços e seu assistente são sacerdotes. Seria contrário às intenções de Roma que o Mestre de Noviços, mesmo sendo sacerdote, exercesse uma inquisição indiscreta e ofensiva. A prestação de contas, aliás, é totalmente voluntária e facultativa. Mas o bom religioso que quer aproveitar-lhes os frutos a faz fielmente. Que os Noviços, pois, façam a prestação de contas com espírito muito aberto e franco.

Precisa-se uma certa generosidade interior, uma determinada largueza de coração para prestar bem as contas; é necessário colocar-se acima de muitas coisas, particularmente acima de si mesmo. Às vezes dir-se-á: O Mestre de Noviços tem uma maneira de ver, de agir que não combina com a minha; não consigo dizer-lhe nada... São desculpas de mulher. Precisa ser homem. Se meu Mestre de Noviços me diz alguma coisa que não condiz com o que eu acho, com a minha convicção, isso não me impedirá de obedecer-lhe de todo o coração, como se fosse o Bom Deus que me manda. Vamos bem reto, em completa obediência e com plena confiança. Muitos homens têm um caráter de mulher, meticuloso, sutil, trapaceiro...

Façam isso diante do seu Mestre de Noviços. Sejam bons religiosos, sinceros e francos. Todas as vezes que houver um cantinho escondido: Se eu disser aquilo, poderia me acontecer isso ou aquilo..., é um mau sinal! No Noviciado podem ter confiança no assistente como confiam no Mestre de Noviços; podem dizer-lhe tudo. Nas entrevistas que tiverem com eles, abram o coração com toda a simplicidade. No dia em que o Mestre de Noviços chega ao fundo de uma alma, ele se encarrega dela zelosamente; ele percebe que pode dirigi-la. Ele a faz progredir muito. Compreendam bem isso.

Mas talvez estejam tentados a dizer: Mas, então, é pior do que na Confissão... Quanto à Confissão, meus Amigos, digo a mesma coisa. Os Senhores se confessam para dizer tudo o que se passa na alma, no coração; é para manifestar-se, chegando a ser conhecidos e conhecer a si mesmos. Do contrário, a gente se fecha e priva-se de luz, de desenvolvimento e de força, e não vinga. O efeito disso se fará sentir por toda a vida.

Essa consideração é de grande importância. A confiança que os Senhores depositam no Superior protege-os completamente contra todo o perigo de fora. Há escândalos atualmente entre o clero... A que se deve isso? À falta de confiança nos Superiores eclesiásticos. Vejam esse Vigário... Se tivesse tido confiança em seu Pároco, abrindo-lhe o coração, nunca teria caído tão lamentavelmente como acabou de fazer.

Quando permanece no coração uma dobra, um cantinho no qual se esconde um pequeno ídolo, é a perdição do homem principiante. "Mas eu não posso!", o Senhor diz. Não podendo isso, de que é capaz? Há nisso um ato de generosidade, de honra, de confiança afetuosa; a gente não vai confessar-se com todo o mundo! Eu não gostaria de encontrar na confissão um penitente que faz demasiada demonstração de humildade exterior, de exageros... É preciso conservar a dignidade humana.

Os Senhores poderiam dizer ainda: "Não me sinto livre com o meu confessor." Tomem um outro, então! "Eu não estou livre com meu Mestre de Noviços." Ridículo! Não querendo dizer seus defeitos a seu Mestre de Noviços, não lhos diga; vá confessar-se com outro; mas, pelo menos, conte-lhe suas faltas contra a Regra, suas disposições reinantes, e o que importa mesmo ele saber para poder conduzi-lo bem. Se um dia sua alma sintonizar melhor com ele, o Senhor acabará dizendo-lhe tudo.

Mais tarde, em seus conselhos de direção espiritual, quando confessarem religiosos ou religiosas, deverão levá-los sempre a essa retidão, a essa abertura espiritual; deverão conduzi-los a abrir o coração com simplicidade e confiança. Agir de outra forma é uma grande tolice; é, às vezes, ambigüidade e relaxamento. Acostumem-se bem a isso, meus Amigos. Nessas condições, perseverarão e serão bons religiosos.

Os Noviços, portanto, deverão prestar as contas de sua alma para seu Mestre, todas as vezes que ele o achar conveniente, para for-

mar a alma numa atitude generosa, franca, reta. Apreciam-se as almas verdadeiramente simples e retas.

Volto ao que já disse muitas vezes. Nunca se deve contradizer a autoridade legítima, mas, à medida do possível, sempre se deve apoiá-la. Um pai, uma mãe de família disseram alguma coisa a seu filho que não está completamente de acordo com aquilo que os Senhores ensinam! Nunca menosprezem os pais perante os filhos; desculpem o que não podem justificar de forma alguma e ensinem aos filhos a respeitar a autoridade paterna em tudo o que lhe é mandado e não for claramente contra a consciência. Façam entender que a autoridade, embora havendo certos casos em que não é possível obedecer-lhe, seja pelo menos sempre profundamente respeitada.

Na direção espiritual, ao darem ordens ou diretrizes, deixem-se sempre a si próprios de lado. Olhem sempre o que é de obrigação e conforme a Vontade de Deus e tomem cuidado de que as almas que lhes estão confiadas o executem, não porque os Senhores o querem assim, mas porque é o dever, porque é a Vontade de Deus. Então os Senhores são verdadeiramente delegados de Deus, desempenhando o papel de representação junto às almas e não trabalham por conta própria. Realizam a obra de Deus e não a sua. Só pode surgir um resultado negativo, quando se procura ligar as almas à própria pessoa.

Por que a gente veneraria tanto a Boa Madre Maria de Sales, Dom Ségur, o Cura de Ars? Porque eles agiam assim e não prendiam as almas a si, mas as faziam subir até Deus.

Lembro-me um pensamento do Padre Lutel, tio do Padre Poupard. Ele tivera contatos na Visitação e me disse: Há três pessoas com as quais tratei na Visitação; uma tem confiança em si mesma; a segunda em Deus e em si própria, e a terceira, somente em Deus. Eram a Mestra do pensionato, a ex-Superiora e a Boa Madre. Quem tinha razão? Evidentemente, a Boa Madre. No relacionamento com as almas, a gente percebe isso; é um critério de valor moral de uma pessoa. Em quem ela confia? Para quem trabalha? Todos os que têm um reto juízo concordam com Padre Lutel.

Nas questões em que encontramos algumas dificuldades, coloquemo-nos de lado. Não procuremos fazer triunfar a nossa idéia, o nosso ponto de vista, porque são a nossa opinião e o nosso parecer. Procure-

mos fazer prevalecer unicamente a Vontade de Deus. Isso nem sempre é fácil; empenhemo-nos por isso com coragem, com prudência e bom senso. Os Oblatos devem aderir a esse espírito; é a especialidade deles.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 6 DE JANEIRO DE 1897

COESÃO ENTRE OS OBLATOS

Hoje é a festa da Epifania, a manifestação de Nosso Senhor ao mundo. Com relação à Epifania, tenho uma recomendação importante para apresentar à comunidade; é um assunto para o qual peço toda a sua atenção e seu interesse. É necessário que cada um de nós se esforce pela extensão e também pela honra e boa fama da Congregação. Precisamos rezar e empenhar-nos por atrair vocações; além disso, e sobretudo, é importante que cada um trabalhe por chegar a realizar a perfeição como querida por Deus e por ser o religioso, o Oblato, que Deus quer que ele seja. Também é necessário que tudo o que se faz na Congregação, trabalhos de todo o tipo, publicações, pregações, etc... tenham o interesse de todos os membros. Que não se olhe com olhares indiferentes e apáticos o que cada um dos irmãos faz ou que cada uma das nossas casas realiza. Seja qual for a nossa opinião ou nossa maneira de ver pessoal, acompanhemos com algo de simpatia e estímulo o que cada um dos nossos Padres ou Irmãos faz. Então, meus Amigos, formaremos verdadeiramente um conjunto que terá seu valor. De outra maneira, se a gente não quer deixar o seu ponto de vista e critica o que fazem seus irmãos que agem de modo diferente, se um segundo, um terceiro começa a censurar igualmente o primeiro e os outros... então somos indivíduos justapostos, sem união; não somos um corpo coeso, uma Congregação.

Devemos assumir essa maneira de agir como um dever de consciência. Isto se compreende imediatamente: não é necessário que os membros de uma família se apóiem reciprocamente? E, no que diz respeito à consciência, nós, mais do que os outros, devemos amparar-nos e formar

uma unidade. Não somos o fruto e o efeito de uma idéia humana. O impulso inicial para a fundação dos Oblatos não foi um conceito humano, não foi a vontade humana, mas um pensamento e uma decisão divina. Os Senhores conhecem os nossos primórdios... Desde então, se impõe a nós a obrigação de escorar a Congregação em todos os lugares, em todos os tempos, defendendo-a, ao apegar-nos e devotar-nos a ela.

Mas estamos bem convencidos da Vontade de Deus a esse respeito? Nosso Senhor declarou-me sua Vontade de maneira muito explícita. O Santo Padre confirmou essa ordem divina repetidas vezes. Todos os que conhecem a nossa origem afirmam que há poucas Congregações religiosas que tenham começado com provas tão claras da Vontade divina.

Está aí, então, uma coisa; olhem uma obra que existe pela Vontade muito formal de Deus; desde que fazemos parte desse algo, dessa obra, estamos obrigados em consciência a sustentá-la, ajudá-la, defendê-la, a querê-la bem, devotando-nos a ela. Se não o fizermos, não será um pecado que devemos confessar? Parece-me que não estou forçando a teologia fora de seus limites. É uma obrigação como a de amar o próximo e, sobretudo, querer bem a própria família.

Portanto, todas as vezes que um dos nossos Padres, em seus atos, em sua maneira de ser é atacado e criticado, é nosso dever defendê-lo caridosamente quanto pudermos... Mais ainda. Confiaram-nos um ministério junto às almas; aplicamo-nos ao máximo a desempenhar esta ou aquela função na orientação do rebanho de Jesus Cristo. Conseguimos fazer alguma coisa... Mas, olhem, mandam-nos para outra parte... O que temos que fazer? Empenhemo-nos de todo o coração, tentemos, com toda a boa vontade, fazer com que tudo o que temos de influência, de autoridade, de confiança nos contatos com outros passe integralmente para o nosso sucessor. Não procuremos que nos lamentem; isso seria contra a Vontade de Deus e iria impedir o bem a ser feito. Pelo contrário, esforcemo-nos quanto pudermos para que o nosso sucessor tenha ainda mais confiança e goze ainda de maior influência do que nós, junto a essas pessoas que, de bom grado, lhe deixamos, por ser essa a Vontade de Deus. Os Senhores acreditam que os Padres Jesuítas de Troyes teriam ainda um só penitente para confessar, se tivessem agido de outra forma? Não só não perderam penitentes, mas todos os dias aumenta o número deles, apesar de haver transferências continuamente.

Também nós devemos agir desse modo, e a comunidade sustentar-se-á e desenvolver-se-á. Para tanto, não se deve ter um espírito

mesquinho; precisa-se generosidade e grandeza de coração. Cada um aprecia, antes de mais nada, a sua própria pessoa. Todo o mundo pensa que está fazendo tão bem e até melhor do que um outro. Sempre um pouco a gente se prefere aos outros, e a estreiteza de espírito faz pensar que a gente se sai sempre muito melhor do que todos os outros. Com essa mentalidade, certamente é bem difícil consentir em ver passar integralmente aos outros a confiança que nos era testemunhada até aquele momento, e a influência que, até lá, mais do que ninguém nós tínhamos.

Essa é a condição essencial, meus Amigos,para que uma Congregação se mantenha muito unida e sólida. Fora disso, não há nada; ou, se há alguma coisa, o vento leva...

Para isso - repito - é mister virtude e muita virtude. Essa virtude, por sinal, será amplamente abençoada e recompensada por Deus que sabe converter o sacrifício feito, em benefício abundante para nós. Muitas vezes constatei isso entre os Padres Jesuítas e em outras Congregações... Claro, percebe-se, às vezes, nos contatos com eles, que de um Padre para outro, a harmonia nem sempre é perfeita, completa, absoluta... Isso se comenta, muitas vezes, se vê... Mas quando se trata da influência da Companhia, da Congregação, todo o desentendimento se apaga e desaparece como por encanto, na realidade, o mais das vezes, por um esforço muito meritório de virtude.

Como a festa da Epifania, hoje também nós somos obrigados a fazer Epifania das coisas que vimos e ouvimos, também nós temos a obrigação estrita e rigorosa de aproveitar todos os meios para que a influência e a honra da Congregação se estendam. Somos depositários de um dom divino. Todos ao redor de nós o reconhecem. Eu gostaria de poder ler-lhes todas as cartas que me escrevem para o Ano Novo e tudo o que me dizem sobre a Congregação, sobre a Boa Madre. Sim, existe um dom, um patrimônio, uma propriedade a fazer valer. Não se pode fazê-lo, a não ser de maneira como lhes disse. Um vendedor atrás do balcão que criticasse a sua mercadoria, onde acabaria?

Que cada um de nós se cuide para que, na primeira ocasião que chegar, a gente se lembre de apoiar o trabalho, os esforços, a honra e a boa fama de cada Oblato em particular, como também de toda a Congregação. Por exemplo, um Padre que atende algum serviço de acordo com a obediência; se todos não estiverem com ele, não será bem-sucedido. Os Senhores lhe criam embaraços e o impedem. E a troco de quê? Por que, pelo contrário, não colaborarem com a atividade dele? Por que opor-se à

caminhada dele? Há um só motivo que possa impedir-nos de encorajar e ajudá-lo, ou seja, o amor próprio. Isso aniquilará o Senhor mesmo e o eliminará. Oh, que miséria!

Rezemos com o Sábio: Senhor, ampliai-me o coração, dai-lhe a extensão do mar,... para que, em meu coração, tudo encontre o seu lugar, seu verdadeiro lugar. São Francisco de Sales queria que seus filhos fossem de grande coração. Peçamos, portanto, a Jesus da Epifania a graça de um amplo coração, para que cada um aprecie o trabalho, o talento, a maneira de agir de cada um dos seus irmãos.

Devemos formar-nos segundo o divino Modelo: é esse o fundo característico do Oblato; é o fundamento, é a base da qual sempre se deve partir.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 13 DE JANEIRO DE 1897

"OS VOTOS" - "O VOTO DE POBREZA"

"Quando o Noviço tiver terminado o tempo estabelecido para o Noviciado e mostrar as condições consideradas convenientes, ele será apresentado para ser admitido à profissão e será aceito por maioria de votos."

Os votos que nós fazemos são simples. Os Senhores sabem que o voto simples difere do solene, no sentido de que não tem a mesma sanção legal; a obrigação de observá-lo, porém, é a mesma, quanto à consciência. Só perante a jurisprudência eclesiástica, há uma diferença entre os votos simples e os solenes. Nas grandes Ordens, o religioso está verdadeiramente morto ante o mundo: é incapaz de possuir; antigamente a lei e o direito civis salvaguardavam o cumprimento do voto solene. Atualmente só o Direito Canônico sobrou para protegê-lo.

Inicialmente, os votos são ad annum (por um ano). Acabamos de pedir a Roma que os votos anuais sejam só de 3 anos, em vez de 5, porque uma espera de 5 anos atrasa muito as ordenações.

Obteve-se para alguns a licença, tratando-se de uma necessidade - provavelmente conseguir-se-á mais, dado o caso - de fazer os votos perpétuos, somente dois anos depois dos primeiros votos; mas isso não passa de uma exceção, sobre a qual só o Papa decide.

No que diz respeito ao cumprimento dos votos, eu gostaria muito de que nós fôssemos um pouco mais homens. Nossos votos são nossa propriedade, nossos direitos, de certa maneira, o nosso próprio ser. Eu queria que os votos fossem para nós obrigações às quais nos apeguemos. Como o bom sacerdote gosta do seu breviário, do seu altar, de sua igreja, o bom religioso deve gostar também dos seus votos. O amor a nossos votos é um dom de Deus. Só pode ser obtido pela oração e pelos esforços que somos obrigados a fazer por cumpri-los.

Nada nos liga tanto a uma coisa quanto a dificuldade que experimentamos ao fazê-la. Assim, os homens que estão completamente acomodados, muitas vezes, não têm outra ambição do que passar melhor ainda; não apreciam nada do que possuem. Por exemplo, um homem que se criou na pobreza e no trabalho penoso; ele estará apegado a sua aldeia, seu campanário, sua pobre morada, à rocinha que regava com seu suor.

Bem sei que hoje em dia quase não se encontra mais gente assim; ninguém mais se contenta com sua situação, muitas vezes, até entre o clero. Nós não seremos assim. Vamos querer bem os nossos votos, agarrando-nos a eles na medida em que nos custarem esforços e empenho para observá-los bem.

Meus Amigos, escutem-me bem. Quando a gente faz os votos, é preciso fazê-los do fundo do coração e para sempre; então Deus nos aceitará verdadeiramente como seus filhos. Quando Nosso Senhor chamou João e Tiago e todos os Apóstolos, se eles tivessem-lhe dito: Sim, Senhor, seguir-vos-emos, mas por um ano ou dois somente, os Senhores acreditam que Jesus os teria aceitado? Ao tornar-se religioso, é preciso doar-se ao Bom Deus totalmente, sem reservas; é assim que se deve entender os votos. Desde os nossos primeiros votos, entreguemo-nos completamente. Eu me dou ao Bom Deus só por um ano... Vão plantar favas!... Só criados se empregam por um ano. Iam non dicam vos servos; vos autem dixi amicos... (cf. Jo 15,15) (Não mais vos chamo de servos; mas eu vos chamo de amigos). Não se é amigo de Nosso Senhor por um tempo, mas para sempre.

O homem é o homem... Não é uma máquina. Vive com sua inteligência que reflete e compreende, com seu coração que ama, que se prende

e se doa. Não sejamos homens sem inteligência, sem energia, sem coração, sem decisão... Interiormente, em nosso coração e em nossa vontade, façamos os votos para sempre. Certo é que isso não combinará com a lei da Igreja nem com nossa liberdade pessoal. A Igreja sempre terá o direito de agir a meu respeito como ela quiser. Quanto à minha liberdade pessoal, há liberdade e liberdade... Será que a gente jamais se arrepende daquilo que deu a Deus de boa vontade? Pensando bem, eu estou sempre livre para fazer todas as loucuras e todos os pecados que quiser? Será que não tenho o direito, se isso me aprouver, de ir tomar banho no Sena em pleno inverno, como se fosse verão? Se o fizesse, estaria louco; mas afinal eu sou livre em bancar o louco! Da mesma forma, eu estou livre em deixar a vida religiosa, sejam meus votos anuais ou perpétuos. Sempre se está livre para cometer uma besteira, uma loucura ou uma falta.

Eu gostaria de que os nossos jovens compreendessem bem isso. A Boa Madre dizia que os Oblatos devem reimprimir o Evangelho, interpretando-o no verdadeiro sentido. Insisto nessa idéia, porque é de capital importância. É preciso que o Oblato se doe a Deus inteiramente. Se não tiverem a vocação religiosa, não se tornem religiosos; escolham um outro rumo. Mas tornando-se religiosos, queiram bem os seus votos, e que sejam verdadeiros votos.

Os Senhores compreendem bem que, ao dizer-lhes essas coisas, estou levando em conta as tentações, o caráter e a natureza de cada um. Sobretudo, não estou dizendo que isso se aplique em todos os casos de ceder à natureza. Mas quando se quer ser religioso, é preciso colocar-se acima de tudo isso e dizer: Quero ser religioso e serei religioso para valer e para sempre.

O voto e a virtude da pobreza.

"Os Professos não poderão apropriar-se do que adquirirem pela atividade pessoal ou em consideração à Congregação, nem guardá-lo, mas deverão juntá-lo aos bens da Comunidade, para a utilidade da Congregação."

Assim, por exemplo, um professor que pode ganhar muito dinheiro, dando aulas particulares, ou um pregador bem-sucedido que recebe consideráveis honorários, um industrial, um especulador - pois são necessários todos os tipos de coisas dentro de uma comunidade - que con-

segue algum rendimento, é forçoso considerar todo esse dinheiro como pertencente à Congregação.

"Os Professos poderão reter o domínio radical (a propriedade nua) de seus bens; mas é proibido eles mesmos administrar, dispor dos lucros e usá-los."

Assim, eu possuo, como patrimônio meu, uma casa. Mantenho a propriedade nua. Isto é, diante da lei, sou o verdadeiro e único proprietário, mas, de forma alguma, posso dispor dela. Pessoalmente não posso usar nada do aluguel nem morar ali, a não ser por ordem dos meus Superiores. Não posso receber e guardar dinheiro do aluguel, nem posso eu mesmo alugá-la, fazê-la consertar, etc... Não tenho nem o uso nem o usufruto nem a administração.

Mas, então, por que conservar essa propriedade nua? Devido aos problemas que poderiam surgir, se fosse diferente. As leis civis não reconhecem a pobreza religiosa. Quase todos os bens da Congregação pertencem atualmente à Sociedade de Santo Ouen. Por razões particulares, entretanto, um religioso pode ter alguma propriedade em seu nome. Pode haver nisso uma garantia para o futuro. Mas, perante sua consciência religiosa, essa propriedade nua não dá nenhum direito de aproveitamento qualquer a esse religioso.

"Devem, pois, antes de sua profissão, ceder, por ato mesmo particular e a aquem lhes aprouver, - e se assim o preferirem, ao Instituto - essa mencionada administração, esse usufruto ou esse uso, com a possibilidade de acrescentar ao ato da cessão a condição de que este poderá ser revogado mais tarde; mas o Professo só poderá usar licitamente dessa faculdade depois de obter o consentimento da Santa Sé."

Precisamos pedir com fervor a Deus que nos dê candidatos que nos tragam recursos. Seria muito desejável que todos aqueles que recebemos nos trouxessem alguma coisa. Um jovem entra no Seminário; pede-se-lhe uma pensão ou ele seja beneficiado por uma bolsa, isto é, uma pessoa caridosa pague por ele. Seria muito bom que nos proporcionassem também algumas bolsas. Nas Constituições das Visitandinas, São Francisco de Sales diz que se poderá receber algumas pessoas sem ônus, se a comunidade for bastante rica. Ora, nós ainda não somos tão ricos!... Nem sei se isso jamais acontecerá.

Portanto, nas procuras e nos esforços que podem estar fazendo na promoção vocacional para a Congregação, não deixem de dizer, quando se apresentar a ocasião, e sempre discretamente, que a comunidade teria necessidade de entradas e que seria desejável que as pessoas que vêm a nós tragam alguma coisa.

Bem sei que cada um dos que chegarem pode dizer: Mas eu me dou a mim por completo! Eu procurarei ganhar a vida... A Congregação, claro, considera isso. Admite que os que ganham a vida, por isso mesmo apresentam o seu dote. E muitas vezes temos que nos dar conta de que somos operários que trabalham e ganham o seu pão.

Numa das últimas palestras que fiz para as Oblatas, eu lhes disse: Tornando-se Oblatas, saibam bem o que fazem. As Senhoras vêm aqui para levar a vida de Nazaré. Ora, em Nazaré, Jesus, Maria e José trabalhavam. E por que trabalhavam? Para ganhar a vida. Importa que tenham a mesma idéia. Se estivessem no mundo, teriam um serviço, uma ocupação, um emprego qualquer e seria necessário trabalhar, deveriam reservar tempo para seu ofício e atender seu compromisso para ganhar o pão de cada dia. Trabalhem, pensando nisso. Imitem toda a vida de Nosso Senhor. Jesus trabalhava para ganhar o pão. Esse é o melhor modo de santificar-se, porque é a imitação mais completa de Jesus Cristo.

Meus Amigos, assimilem essas coisas no espírito e no coração. Não levemos uma vida sem rumo, independente. Façamos como Nosso Senhor; só assim realizaremos algo de valor.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 20 DE JANEIRO DE 1897

"O VOTO DE POBREZA"

Há uma maneira excelente de praticar o voto de pobreza, ou seja, acolher os inconvenientes, as privações, os sofrimentos que nos tocam por parte da vida comunitária. A vida comum é penosa por si mesma e representa a prática mais concreta da pobreza religiosa. Tem que se ti-

rar proveito disso.

Se a gente estivesse numa paróquia, teria-se maior liberdade, sem dúvida; mas deve-se reconhecer, entretanto, que faltariam muitas coisas ainda. Nos tempos atuais, nas regiões que não são mais cristãs, o Pároco, não tendo bens, quase não dispõe de meios para sobreviver. Não come sempre o que quer, mas o que puder.

Com a sua muito modesta gratificação, deve pagar a empregada, as despesas da comida, da roupa, de toda a manutenção da casa. Ultimamente, um Pároco me disse: Não posso comer carne todas as refeições. O vinho,... é preciso tomá-lo sobriamente, muito sobriamente, porque custa caro e não se tem dinheiro. É verdade que a vida dos Párocos do interior é das mais pobres que existem. É um tipo de pobreza especial, muito meritória, sem dúvida, que podem oferecer ao Bom Deus e pela qual serão amplamente recompensados. Mesmo assim, os pobres Párocos não têm o mérito do voto de pobreza como os religiosos, o qual eleva cada ato dessa virtude, pode-se dizer, à eficácia de um sacramental. É como uma oração, uma prática com indulgências que ocasiona graças.

Dispensa comentário o fato de que a pessoa que compreendeu a pobreza é uma alma amada por Deus, privilegiada, agraciada com um precioso dom divino. Observem os bons, os santos sacerdotes que praticam assim a pobreza; que maravilhas operam em sua paróquia! Pois bem, vale a mesma coisa para os religiosos que se afeiçoam à pobreza; realizam maravilhas em seu redor.

O grande modelo de amor a Deus é São Francisco de Assis. A que devia sua eminente caridade? A seu amor pela pobreza. Amemos nós também, portanto, a pobreza em tudo o que nos rodeia, em nossa mobília, na roupa, na comida.

Em nossos colégios, é inevitável termos alguma coisa exteriormente menos pobre, por motivo dos alunos e dos pais com os quais estamos em contato e que não compreenderiam a razão de uma pobreza demasiadamente austera. Mas em nossa vida particular, aceitemos generosamente tudo o que cheira à pobreza e todas as conseqüências, como a penúria, doenças, os sofrimentos oriundos da vida comum. Isso custa, mas é meritório.

"O Oblato de São Francisco de Sales não terá para o seu uso qualquer coisa que seja, sem o conhecimento do Superior e sem a licença

deste e deve estar pronto a entregá-la, dando-a para outrem a partir de uma simples senha do Superior."

Este capítulo da pobreza é muito explícito; entra em importantes detalhes, porque em Roma fazem muita questão da prática exata do voto de pobreza. É a pobreza que é a vigia da vida religiosa.

"O Oblato de São Francisco de Sales não usará coisas como pertencentes a ele, mas servir-se-á delas como propriedade de Deus. Ele não poderá dar nada, nem receber, nem emprestar, nem trocar, nem pedir sem a autorização do Superior."

Deve-se observar isso com capricho. É isso mesmo a prática do voto de pobreza. Os atos mencionados: dar, receber, emprestar, etc... são precisamente atos de proprietários e nós não devemos executar nenhum desses por conta, pois somos pobres e não somos proprietários de nada. Tudo isso representa uma grande sujeição: pedir licença a cada passo. Lembremo-nos de que tudo o que fizermos contrariando a natureza, contrariando os gostos, aproxima-nos de Deus. A renúncia, o sacrifício é a base de toda a santificação e de toda a perfeição e também de todo o sucesso.

"Terá muito cuidado de que nada se perca, nem se estrague do que lhe é confiado."

Precisa-se cuidar muito da roupa, dos poucos móveis. É importante manter tudo em ordem e muito asseado, no quarto. Requer-se tratar cada objeto para o uso pessoal como pertencente a Deus. Para isso, é necessário que, na hora da Comunhão, durante a Missa, peçamos ao Bom Deus a graça do espírito de pobreza. Essas coisas não se resolvem por um ato de decisão de caráter definitivo; um dia, a gente pensa nisso; o dia seguinte, muito pouco e, no terceiro, a gente nem se lembra mais. É pela oração, e a oração repetida, que aprendemos a compreender e a praticar a pobreza.

O que mais me tocou na Visitação de Troyes, quando cheguei, era a pobreza do mosteiro, das celas, da comida e das roupas das Irmãs. A pobreza exigia que não se usasse calefação; não havia estufa nas celas; só havia um foguinho na sala comum, para todas.

O resultado desse espírito de pobreza é uma vida interior intensa que coloca em comunicação incessante com Deus e que faz com que se receba muito de Deus.

Num colégio, no meio dos alunos e dos pais, não se pode, sem dúvida, levar uma vida de pobreza exterior, como se leva na Visitação; mas, pelo menos, nas determinações presentes nas Constituições, temos que encontrar o meio de aproveitar a prática da pobreza.

Nosso Senhor disse: Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos Céus (Mt 5,3).Com esse termo "o Reino dos Céus", Nosso Senhor não quer indicar somente o Céu, mas o Reino de Deus, já neste mundo. São Francisco de Sales, enquanto Bispo, praticava muito seriamente a pobreza. Santa Joana de Chantal confeccionou-lhe pessoalmente uma batina. O ano seguinte, mandou-lhe uma outra. Mas São Francisco de Sales não quis aceitá-la: Minha filha, disse-lhe, não tenho o costume de gastar uma batina por ano... E que é da pobreza que devo pregar?...

Como é bonito, meus Amigos, o amor pelas coisas pobres, simples, modestas. Isso caracteriza a vida interior de uma pessoa; isso mostra que a gente não é do mundo, que não se prendeu o coração às coisas daqui.

"Terá muito cuidado de que nada se perca, nem se estrague do que lhe é confiado."

Tenhamos uma grande preocupação por todos os bens da comunidade, sobretudo por aquilo que nos foi particularmente confiado. Façamos isso no espírito de pobreza e por amor a Deus e às coisas dele. Própria dos Oblatos deve ser a mais esmerada prática dessas pequenas virtudes ocultas que são tão agradáveis a Deus e também àqueles que nos rodeiam.

"Ele gostará de sentir os efeitos da pobreza em tudo o que lhe destinam para seu uso, seu pequeno mobiliário, seu vestuário, sua cama, seu quarto, particularmente quando se lhe dá o que é menos bonito e menos bom."

Acredita que esta derradeira prática da pobreza religiosa ainda não esteja bem presente em nossos costumes; é rejeitada um pouco por nosso temperamento, parece. Um dos nossos Padres me disse: Sim, isso fica muito bem na Visitação, mas quanto a nós?... Bem, com relação a nós, se pudéssemos habituar-nos à prática perfeita de todas essas pequenas particularidades, não seria nada mal! Aceitar uma privação por motivo do Bom Deus, isso comunica Deus à alma; isso desinstala e dá vigor; dispõe-se do necessário para responder generosamente à Vontade de

Deus.

Cada um, portanto, elabore seu planinho a respeito. Não convém deixar perder-se essas milhares pequenas ocasiões de realizar práticas durante o dia todo. É troco miúdo que tem seu valor e não se deve desperdiçá-lo, mas importa juntá-lo com muito cuidado. Para esse fim, precisa-se um pouco de determinação de vontade, mas, agindo dessa forma, a gente se torna logo capaciatado para alguma coisa.

"E para que entre nós nem a mínima coisa fira o espírito de pobreza, os quartos das casas conventuais não serão chaveados; não se terá móveis fechados sem permissão."

Nenhum religioso pode ter no seu quarto móveis chaveados, nas casas de convento. Nas casas que não são organizadas como convento - pelo menos nas dependências onde os empregados, os alunos, os que passam pela casa podem ter fácil acesso - mais fácilmente pode-se dar a permissão, ou seja, tolerar os móveis chaveados. Antigamente se conheciam a delicadeza e a retidão; hoje em dia, isso se torna menos comum. Lembro-me de um antigo princípio do Direito Canônico: Nemo praesumitur malus, nisi probetur (De ninguém se presume que seja mau, até prová-lo). Agora, cada vez menos isso se aplica. Naturalmente, não se deve julgar temerariamente as pessoas. Mas, em geral, recomenda-se ser sumamente prudente para com as pessoas que a gente não conhece.

Nesse contexto, quero apresentar-lhes uma recomendação expressa, um conselho de simples conveniência e de delicadeza com referência aos que nos rodeiam ou que têm alguma relação conosco. Temos atualmente problemas melindrosos a esse respeito. Não quero citar nomes de pessoas, nem lugares, mas temos bons religiosos que, de fato, faltam um pouco à consideração e ao tato, à delicadeza mesmo para com pessoas de fora, mulheres, religiosas... Especialmente, nunca se deve entreter-se por meio de brincadeiras nem com mulheres, nem com Irmãs. Tenhamos sempre muito respeito para com todo o mundo.

Atualmente, não há muita fé no mundo. O acatamento para com os sacerdotes diminuiu. É necessário, portanto, que o religioso se empenhe pessoalmente para conseguir inspirar esse respeito tão necessário; é preciso que através de seu porte, de suas palavras, por meio de sua maneira de agir, imponha e conquiste a estima de todos. Portanto, nos contatos com as pessoas de fora, operários, empregados, precisa-se evi-

tar tudo o que possa ferir, porque, não tendo consideração para com eles, não tomando cuidado algum, eles logo tendem a tornar-se odiosos e malvados. Lembrem-se do que aconteceu em Morangis, com o pobre Padre Perrot, que, no entanto, sempre tem sido muito bom e paternal com todos os serventes que estavam em contato com ele...

Sejamos, portanto, muito prudentes, mas tenhamos consideração para com as pessoas que estão em contato conosco, e também nós seremos respeitados.

Sejamos bem-educados e bons, mas sem adular ou fazer cerimônias. Não gosto de citar nomes...

Mas eis o Padre Rollin que, em Roma, é muito considerado e conseguiu muitos recursos também para a Congregação. Por que isso? Antes de mais nada, porque ele é um bom religioso; além disso, porque ele é sempre sumamente cortês e decoroso. Todas as pessoas que entram em contato com ele ficam favoravelmente impressionadas, desde os primeiros momentos. Em todas as relações com as pessoas do mundo, com os eclesiásticos, com os Prelados da Cúria Romana, sejam quais forem, ele nunca se rebaixa, nunca faz cerimônias exageradas; não é cerimoníaco, mas digno; respeita cada pessoa e aprecia o bem que vê nela...

Que não se diga que os Oblatos são grosseiros e mal-criados! Tenhamos cuidado com isso.

* * * * * * *

Uma palavra ainda sobre a festa de São Francisco de Sales que vamos celebrar. Não devemos estranhar se acontece que, em volta da festa, um ou outro dentre nós ande um pouco com a cabeça fora do lugar. É uma experiência de longa data; na época de sua festa, as tentações de desânimo, as lutas, as provações de todo o tipo são mais numerosas do que normalmente. Freqüentemente queixei-me diante dele, sobre isso, mas isso não muda nada. Reconciliei-me um pouco com ele depois de encontrar-me com o Pároco de Nossa Senhora de Brébières. Ele me disse: Quer problemas, provações de todo o tipo para ganhar o paraíso? Comece a empreender alguma coisa para Nossa Senhora. Pode ficar certo de atrair aborrecimentos e misérias de toda a espécie. Creio que São Francisco de Sales seja um pouco como Nossa Senhora. Eu não estranharia muito se três ou quatro dentre os Senhores ficassem com a cabeça ou com o coração transtornados, nesses dias.

Tomem cuidado os prefeitos de estudos, os encarregados de disciplina que terão a ver com isso! É verdade, e isso vale de forma geral, entre os alunos como entre os religiosos.

Não deveremos incomodar-nos demasiadamente se São Francisco de Sales nos envia isso; é que ele considerará isso útil para nós e no-lo retribuirá.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 27 DE JANEIRO DE 1897

NOTÍCIAS DAS MISSÕES - O DIRETÓRIO

Nestes dias recebi uma carta do Padre Rollin. Continua sendo bem quisto em Roma, junto aos Cardeais. Querem-no muito bem e manifestam muita confiança na Congregação. Ele espera que a causa da Boa Madre conseguirá progredir.

Recebi uma carta extensa do Padre Davi; os Padres Lardon e Saunier partiram para Montevideo. Ele mesmo procura ficar ainda no Equador para resolver os assuntos materiais. Espera que as Irmãs possam ficar, pelo menos uma parte.

No Cabo, a carestia continua ainda. Os Padres e as Irmãs estão na iminência de não ter mais nada para comer. Não têm mais bois para ir buscar trigo em Springbock.

É muito necessário rezar à Boa Madre por eles. Quando estava viva, obtinha do Bom Deus tudo o que lhe pedia, quanto às coisas materiais: chuva, tempo bom, colheitas. É urgente que ela ajude os nossos pobres missionários.

Meus Amigos, eu gostaria de reunir a todos, na véspera da festa de São Francisco de Sales para dirigir-lhes uma palavrinha sobre a festa. Devemos aproximar-nos todos em volta do nosso Bem-aventurado Padre e pedir-lhe a graça de observar o Diretório com perfeição. De fato, é através do Diretório que a Congregação realmente tem valor, que tem

sua razão de ser, que ocupa seu lugar ao lado das outras Congregações, na Igreja. Nas cartas que recebi, na ocasião do Ano Novo, ouve-se um concerto uníssono, afirmando que os Oblatos são chamados a realizar um grande bem na Igreja. Entre eles, dizem-me, percebe-se algo do Bom Deus, porque a graça, o espírito de Deus moram neles pela prática do Diretório...

O Diretório é o pensamento habitual de São Francisco de Sales, é a aspiração do seu coração e de sua vontade. Pois bem, na ocasião de sua festa, não podemos deixar de prometer-lhe assumirmos essa vida interior que ele mesmo levava. A Boa Madre, em seu leito de morte, me disse: Ver-se-ão ainda grandes coisas. Ver-se-á o Salvador caminhar de novo no mundo. Reimprimir-se-á o Evangelho nas almas. São os Senhores, são seus Padres que farão isso. Gostaria de poder ver isso, continuava ela, mas o que quero antes de mais nada é esse sacrifício que Deus me pede, é esse plano divino. Ele me fez ver e compreender essas coisas; cabe aos Senhores executá-las...

Meus Amigos, essas são coisas muito sérias; é uma grande missão que nos é confiada...

Será que apreciamos o Diretório suficientemente, dando-lhe o devido valor? Será que para muitos, devido a suas ocupações, a seus cargos, às preocupações de cada dia, o Diretório não passe um pouco despercebido? É pouca coisa entre os compromissos do dia, um pouco de geléia sobre o pão... O Diretório? Mas é a nossa alimentação básica. É a tocha que deve iluminar-nos os passos e cuja luz nos mostrará, a cada instante, o caminho da Vontade de Deus, do Beneplácito divino.

Peçamos a São Francisco de Sales que nos conceda agora o que não conseguiu comunicar aos homens, quando estava na terra. Sua obra não está totalmente completa; morreu, deixando-a inacabada. A Irmã Maria Genoveva dizia-me: Nosso Santo Fundador está muito ocupado no céu agora. O que Deus lhe confiou, não conseguiu infundi-lo nos homens; agora quer entregá-lo. É através de seus Padres que o comunicará...

Meus Amigos, não são quimeras, imaginações sem fundamento; é preciso que isso seja um pouco o Evangelho próprio nosso ou, pelo menos, o complemento nosso do Evangelho. É a palavra que deve clarear o nosso caminho.

Cada um, portanto, passe uma quinzena de fidelidade ao Diretório, em união com São Francisco de Sales e a Boa Madre.

De muitos lugares nos chegam pedidos para realizarmos fundações, prepara-se-nos o terreno; chegam a nós solicitações em número além, muito além do que podemos aceitar. Precisamos crescer... Cabe aos Senhores, meus Amigos, por sua oração e sua fidelidade, obterem do Bom Deus reforço, fiéis e corajosos colegas de Noviciado, que possam desenvolver e estender nosso campo de ação.

Temos nas mãos tesouros de graças; devemos ser bons e fiéis servidores que façam produzir os talentos que lhes foram confiados. Então, Deus lhes dirá: Euge, serve bone et fidelis... (Mt 25,23) (Muito bem, servo bom e fiel). Mas se o Senhor fosse o servo infiel e preguiçoso que envolveu o talento num lenço e o enterrou num canto do jardim, dizendo: Isto não é comigo, não tenho nada a ver com isso... Serve nequam! (Mt 18,32) (Servo mau).

Repito, essa procura de nós já existe há bastante tempo e se torna mais insistente do que nunca. É com afã, escreve-me o Padre Lebeau, que os fiéis, os sacerdotes, os Bispos acolhem nossa Congregação e nossa Associação de São Francisco de Sales e um certo número de fiéis e de sacerdotes se ocupam com isso... Ao redor de nós, vejo que não temos mais adversários; só temos amigos. O clero, aqui em Troyes, aprecia os serviços que lhe prestamos. Sentem a necessidade de vir aos Oblatos para a confissão e a pregação, porque o nosso espírito é de simplicidade. Acabaram constatando claramente que só procuramos a Vontade e a glória do Bom Deus e que sabemos pôr-nos de lado, quando se trata de questões pessoais, ao colocarmos, em primeiro plano, os interesses do Bom Deus.

Todas essas consideraçãoes nos ajudarão a celebrar, de todo o coração, a festa de São Francisco de Sales.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 3 DE FEVEREIRO DE 1897

" O VOTO DE POBREZA"

"O Oblato de São Francisco de Sales não terá para seu uso qualquer coisa que seja, sem o conhecimento do Superior e sem a licença deste e deve estar pronto a entregá-la, dando-a para outrem a partir de uma simples senha do Superior."

Os Senhores podem notar que o capítulo sobre a pobreza é o mais explícito nas Constituições; é o que tem o maior número de detalhes. Isso nos mostra a importância que Roma dá ao voto de pobreza. Certo é que, teologicamente falando, a prática da pobreza é um dos meios mais eficazes para a santificação, para aproximar a alma de Deus e fazer-lhe levar uma vida verdadeiramente sobrenatural. É um meio do qual a gente pode se servir para superar as tentações de desânimo, de orgulho, de fraquezas da carne. Não há nada que dá tanta força para vencer o inimigo como a prática da pobreza; a gente o vence facilmente e o afugenta. Valhamo-nos desse procedimento na tentação, qualquer que seja; façamos, então, práticas de pobreza, de renúncia. Não há nada que mais proporciona a paz espiritual do que essas práticas. Haverá um santo de maior alegria expansiva do que São Francisco de Assis? Era o Santo da pobreza. Os Capuchinhos, seus filhos, são os mais alegres e os mais risonhos entre os religiosos.

As Ordens mais pobres também são as que têm mais conforto espiritual, e até temporal. Dá-se algo como um retorno das coisas. Existe um equilíbrio entre o sacrifício voluntário que se faz e a abundância dos favores divinos que daí surgem em compensação.

Os Oblatos praticam a pobreza, embora sem muito rigor, mas praticam realmente essa virtude, pois sua roupa, sua alimentação, os poucos móveis para seu uso não lhes pertencem. Devem sempre estar prontos a deixar tudo isso ou a passar para um outro.

Essas práticas de desapego interior e exterior são meios preciosos; saibamos aproveitá-los; é uma moeda que temos nas mãos e não a percamos pela estrada. O comerciante acumula a sua fortuna com os lucrinhos de cada dia. São essas as entradas mais estáveis. Tiremos proveito de tudo o que se encontrar em nosso caminho.

Não lhes peço que façam práticas de pobreza muito sacrificada e rigorosa. Entretanto, se uns dentre os Senhores se sentissem atraídos por Deus a realizar dessas, por que desprezariam esse dom de Deus, sob a condição, no entanto, de ficar sempre dentro dos limites da obediência? Apeguemo-nos, pelo menos, às pequenas mortificações que se apresentarem. Nossa pobreza é suportável, pelo menos tanto quanto o é a dos Párocos do interior. A semana passada, perguntei a um deles: O que o Senhor come todos os dias? Respondeu-me: Compramos carne nos sábados. (Vivem com ele o seu pai e sua mãe.) Dessa carne comemos até quarta-feira... Estão vendo, meus Amigos, que a nossa pobreza não é mais dura do que a dos Párocos do interior, mas ela é mais meritória, porque é muito certo, teologicamente falando, que os votos ocasionam um mérito especial a nossos atos. Não descuidemos, portanto, esses pequenos meios. Nisso consiste o valor do homem, do indivíduo. Chamo a atenção dos Senhores para esse particular, porque é a prática de um voto à qual se comprometeram.

"O Oblato de São Francisco de Sales não usará coisas como pertencentes a ele, mas servir-se-á delas como propriedade de Deus. Ele não poderá dar nada, nem receber, nem emprestar, nem trocar, nem pedir sem a autorização do Superior."

Esta é uma importante sujeição à qual é preciso submeter-se. São Francisco de Sales, sugerindo esses meios, sabia muito bem o que estava fazendo. Não se esculpe uma estátua somente com um cinzel e um martelo; precisa-se também usar um polidor. Assim é com o homem sobrenatural. Não se forma só com os meios comuns e ordinários; é necessário entrar em detalhes mais minuciosos; requer-se empregar os pequenos meios sem os quais nunca será polido perfeitamente; sempre lhe faltaria alguma coisa. Atenhamo-nos decididamente ao Diretório e às Constituições; leiamo-los, meditemo-los para compenetrar-nos deles. Isso é o nosso espelho; a todo o momento lancemos um olhar para verificar como está nossa semelhança com o divino modelo.

"Ele não se apossará do que serve para o uso alheio, nem do que um outro tiver deixado, nem do que está reservado para os diversos serviços da casa."

É preciso respeitar os pertences da comunidade. Tem que se cuidar para que nada se perca ou se estrague. São pequenas preocupações

ao alcance de todos nós. Há duas maneiras de agir. Há os que fazem as coisas mais ou menos, como, por exemplo, as crianças que fazem bonecos de neve no inverno; pouco têm em comum com os grandes escultores... Qual é o valor dessas obras? As coisas valem tanto quanto custaram. Não façamos as coisas ao deus-dará, mas procuremos fazê-las conforme o modelo que se nos manifestou na montanha.

Convençamo-nos dessas idéias. Tenhamos muito cuidado com as mínimas coisas. A grande vantagem dessa sujeição é preservar-se das tentações, garantindo a presença de Deus conosco e a fidelidade de nossos santos Anjos, zelando por nós.

Apliquemos todo o cuidado ao nosso compromisso. Falando sobre isso, os Senhores sabem da grande infelicidade que acabou de nos acontecer em Santo Ouen. Uma criança, que nem sabia bem ohe é gelo, se escapou do recreio, foi escorregar sobre a lagoa e afogou-se... Como se deve cuidar para não cair nas mínimas negligências! Entremos com fidelidade nessa linha, assim a proteção dos santos Anjos, encarregados de cuidar de nós e das crianças, fará com que se evitem muitos acidentes espirituais e físicos, tanto para nós como para elas.

Na vigilância da qual são encarregados, cuidem, estejam atentos. Assim, há cinco ou seis anos, estivemos a ponto de ter uma história no Colégio Menor. Um Padre, de plena confiança, um dia, chamou um aluno perto de sua mesa, dentro da aula, para corrigir-lhe os deveres... O pai da criança, que era maçom, conforme soubemos mais tarde, quis fazer disso um caso de chantagem. Escreveu-me cartas horrorosas, fez um médico de Paris fazer-me ameaças. A conclusão era que se precisava desembolsar uma grande quantia de dinheiro ou os jornais iam provocar um grave escândalo. O médico de Paris também era maçom. Convoquei uma reunião no meu escritório, perante testemunhas, para esclarecer o assunto e eu fiz o garoto contar o que se passara. Ele nos recitava tão bem uma lição decorada e com um gesto tão bem estudado também que uma das testemunhas, um pai de família que eu tinha convidado, o bom Senhor D..., não pôde se conter de gritar furioso: Miserável garoto, estás recitando muito bem a tua lição!... Daí o pessoal perdeu os estribos... Protestaram para salvar a aparência e nunca mais ouviu-se falar deles.

Precisa-se, portanto, uma extrema prudência. Hoje em dia, quase não convém contar com a justiça dos tribunais. Pode-se cair nas mãos de pessoas de pouca consciência e que não terão receio de fazer surgir qualquer caso para conseguir promoção. Essas coisas se constatam todos

os dias. Sejamos muito cautelosos.

Escutem mais uma história desse tipo, de um fato acontecido em Santo Ouen e que posso contar-lhes, pois os envolvidos já não estão mais entre nós. Um professor inventou, um dia, mandar-se fotografar com um dos seus alunos. O pai do menino interpretou mal o assunto, zangou-se e quis criar-nos um caso com isso. Eu tentei um pouco trazê-lo ao são uso da razão; finalmente se convenceu e tudo terminou por aí. Mas quem tinha dado a esse professor a licença de fazer-se fotografar com essa criança? Não foi a família... E com qual direito o fez? Como essas coisas são delicadas!... Eu tenho a fotografia; não há nada de inconveniente, à primeira vista. O menino está sentado sobre uma balaustrada, o professor de pé, bem barbeado... uma batina bem novinha, sapatos bonitos, luvas, vejam bem! Ele olha o menino com olhar de ternura, de amor... Oh, estupidez humana!...

Devemos ter muita caridade entre nós. Se a gente percebe que um coirmão tem um fraco desse tipo e que ele se deixa levar um pouco, não se deve fazer barulho, contando a coisa aos quatro ventos. Eu nem gostaria que o fossem contar - se não houve nada de maior - ao Superior ou ao Mestre de Noviços. Não! Digam com muita simplicidade e caridade ao seu coirmão: Creio ter reparado isso ou aquilo... Eu acho que o Senhor faria bem, agindo de maneira diferente...

A fotografia é maravilhosa... Esse professor olha para a criança com uma expressão de felicidade incomparável... E isso, meus Amigos, leva a quê? Leva, às vezes, à polícia correcional, ou até aos tribunais criminais!...

"Ele não procurará obter coisas supérfluas, curiosas."

Chegar a isso supõe muita virtude. Mas pode-se conseguí-la com um pouco de coragem e de perseverança. Conheci um bom homem que, durante sua vida, parecia mais um homem bem disposto do que um cristão a rigor. Por sinal, tinha muita fé. Um dia, eu lhe disse: Afinal, é preciso fazer alguma coisa para o Bom Deus! Tem razão, ele respondeu. Eu não faço muita coisa. Mas, à mesa, quando alguma coisa tem pouco sal, nunca acrescento sal, de acordo com uma norma que me estabeleci... Esse homem tinha mais fibra e virtude do que eu pensava. Morreu de forma edificante. Também nós, meus Amigos, façamos o sacrifício de nosso grãozinho de sal a Nosso Senhor. Suponham uma coisa que nos falta. É o quinhão do Bom Deus. Temos que apegar-nos a isso. Não é fácil, poderão dizer-me,

afeiçoar-se àquilo de que não se gosta. Entretanto, encontra-se aí um impulso valioso para a vida religiosa. Um adágio filosófico reza: sempre o que há de menor chega a produzir algo de grande. O que faziam Nossa Senhora e Nosso Senhor em Nazaré? Nos Sacramentos, o que significam umas gotas de água, apenas uma gota de óleo, um pedacinho de pão,... entretanto, as graças dependem disso!...

"E para que, entre nós, nem a mínima coisa fira o espírito de pobreza, os quartos das casas conventuais não serão chaveados; não se terá móveis fechados sem permissão."

Em nossos colégios, evidentemente, nem sempre é possível deixar todos os móveis e mesmo os quartos abertos para todos. Pedem-se as licenças que parecem ser conforme o bom senso e a prudência.

* * * * * * *

No Cabo, a situação se torna cada vez mais crítica. Relataram-me coisas pavorosas. Uma mãe saiu a procurar água, a qualquer preço. Como não voltava, seus filhos começam a procurá-la e acabam encontrando-a quase totalmente devorada por chacais. Rezemos à Boa Madre; durante sua vida, sempre conseguia chuva.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 10 DE FEVEREIRO DE 1897

O VOTO E A PRÁTICA DA OBEDIÊNCIA

"Em honra à obediência que Nosso Senhor Jesus Cristo rendeu, na terra, a Nossa Senhora, a São José e às pessoas constituídas em dignidade, fossem boas ou más, obedeceremos a todos os Superiores, vendo-os em Deus e este, neles".

A obediência que Nosso Senhor prestou sobre a terra, tanto a Nossa Senhora como a outras pessoas, boas ou más, deve ser modelo da

nossa.

No que diz respeito à nossa obrigação de obedecer, há uma só posição a tomar. Precisa-se fazer o que fiz, quando era aluno no primeiro ano do Seminário Menor... (Não se incomodam comigo por estas repetidas referências pessoais, não é?...) Tinha como vigilante de estudos um certo Padre Trouvé, seco de corpo e de alma, que, um dia, me mandou copiar cem linhas, porque tinha aberto a minha carteira. Tinha muita vontade de não fazê-las... "Estou frito," eu disse aos meus botões... "Não, não quero obedecer a esse homem mau, falso e injusto!... Mas obedecerei ao Bom Deus. É para ele que vou copiar essas linhas".

Sempre se deve fazer assim. Submetam-se sempre a Deus, nunca aos homens. Nunca consegui entender que um homem possa sujeitar-se a um outro homem...

São Paulo não quer que nos subjuguemos como imbecis, pois se trata de: Rationale obsequium vestrum (Rm 12,1) (um culto espiritual). A gente só se entregue diante da Vontade de Deus, porque só isso é razoável. Mas, desde que eu percebo diante de mim essa Vontade divina, oculta no invólucro de uma palavra humana, logo me rendo... Querer lutar, então..., mas contra quem? Contra Deus e a razão? Saindo vitorioso, a vitória será mais humilhante do que a derrota.

Todos devem confrontar-se com esse modo de pensar. Captem logo os motivos sobrenaturais. Coloquem-se diante dos ensinamentos de São Paulo; raciocinem a sua obediência, rationale obsequium (um culto espiritual) (id.) Fiz o voto de obedecer a Deus, na pessoa dos meus Superiores. Se o próprio Deus me mandasse diretamente, talvez não me comandasse com esse tom e desse jeito; seria, no entanto, isso mesmo o que me ordenaria. Eu obedeço, então, e cumpro, de todo o coração, não o que o homem, mas o que Deus determina. Tanto mais obedeço só a Deus quanto menos ajo conforme meu gosto, minha inclinação, minha natureza...

Precisamos convencer-nos profundamente dessas coisas, meus Amigos. Sempre se tem uma pequena humilhação, uma pequena resistência a superar frente a uma obediência que custa. Mas esse nosso ato de fé é eminentemente agradável a Deus. Façam assim e sempre se acharão bem. Suponham que se lhes prescreva uma coisa que não agrada; tem que se fazer como a Boa Madre. Ela se recolhia durante um momentinho e imediatamente cumpria sua obediência, com todo o empenho.

Sejamos homens de fé, não enxergando nos acontecimentos só o

que todos vêem, sem compreendê-lo. Reconheçam a Deus, agindo em tudo e em toda a parte e esforcem-se por cooperar na ação divina. Rationabile obsequium (um culto espiritual) (id.). É esse modo de encarar a ação divina que só pode tornar espiritual a sua obediência. Partam deste princípio: Prometi obedecer a Deus e é só a ele que obedeço, ao obedecer a meus Superiores.

"Todos os membros do pio Instituto obedecerão a nosso Santo Padre, o Papa, e aos Superiores do mencionado pio Instituto."

Nosso Santo Padre, o Papa, sendo o chefe da Igreja, tem todo o poder sobre nossa obediência. Não se está com Nosso Senhor a não ser sob a condição de estar com seu Vigário e Representante na terra.

Todas os membros da Congregação obedecerão ao Superior Geral pronta, alegre e perseverantemente."

Obedecer prontamente. Quando se hesita na obediência, quando se adianta, quando se puxa à direita ou à esquerda, quando se rodeia com pretextos ou subterfúgios e, afinal, se resolve fazer o sacrifício, que obediência é essa!... Custou muito e quase não traz vantagens. É preciso cortar rente. A Boa Madre dizia que, em matéria de obediência, importa sermos determinados. Obedecer com alegria. Como isso é bonito! A gente deixa a sua opinião, sua vontade, seu parecer por amor a Deus. Então, se lhe oferece o seu sacrifício com muita alegria. Quando nos encarregarem de algo fastidioso, uma faxina... qual a graça? Proposito sibi gaudio, sustinuit crucem (Em vez do gozo que se lhe oferecera, ele suportou a cruz) (Hb 12,2). Parece que Nosso Senhor não aceitava, logo de início, sua cruz com alegria; mas, diante "do gozo oferecido", recolhia-se, fazia sua reta intenção e decidiu carregar a cruz com alegria. Obedeceremos, portanto, com alegria. Certamente, repito, não é uma alegria que vem desde o primeiro momento. Precisa-se, como fez Nosso Senhor, incuti-la no coração e na vontade. Não temos outra coisa a fazer a não ser o que Nosso Senhor fez. Para uns não será difícil, mas para outros será extremamente custoso; isso depende de nossa natureza. Nunca devemos esquecer tampouco o "proposito..." (id.), isto é, a escolha feita por Cristo.

Obedecer com perseverança. No momento, se faz um generoso esforço. A parte superior supera muito bem a repugnância diante do fato de que temos que obedecer; mas fazer isso sempre, durante toda uma vi-

da... é bem outra coisa. Precisa-se recorrer também ao auxílio da graça e às virtudes cardeais. Não pedimos bastante em nossas orações a justiça, a força, a prudência, a temperança, virtudes que nos podem remediar os defeitos de temperamento. Sendo que não nascemos todos com o mesmo temperamento e que há excessos e lacunas em cada um de nossos temperamentos, é preciso pedir a Deus continuamente uma ou outra virtude cardeal que, exatamente, supra a deficiência ou suavize a demasia, afinando cada vontade, ajustando cada paixão, apurando cada instinto natural. O grande decaimento das vontades, dos corações, dos juízos se origina da falta de prática dessas virtudes... O que se quer deve ser certo e bom; conseqüentemente, é necessário querê-lo do início até o fim, sem mudar nunca. Os que têm um temperamento fraco, mole, apático deixar-se-ão jogar facilmente de um lado a outro. Devem, portanto, pedir a Bom Deus, de uma forma especial, a virtude cardeal de força, para obedecer com perseverança. E assim também com as outras virtudes.

"Submeter-lhes-ão o julgamento e a vontade."

O que significa "submeter o seu juízo"?... Meu Superior me diz que uma coisa é preta, mas eu vejo que é branca. É duro aceitar!... Se consulto o meu colega, ele também dirá como eu: "É branca!..."

Submeter nosso juízo, quando nos é dado uma obediência, é dizer-lhe: Tu não estás de acordo com o meu Superior, mas cala-te; tu não tens nada a fazer aqui. É não procurar fazer prevalecer nosso ponto de vista.

Submeter nosso juízo nem sempre quer dizer mudar de opinião. Em muitos casos, não será necessário destruir o juízo próprio; importa submetê-lo ao Bom Deus; será necessário fazer humildemente e com submissão o que é mandado, mesmo que lhe pareça melhor que seria melhor de outra maneira. Mas, sendo que é Deus que lhe manda fazer assim, o Senhor o faz com simplicidade para obedecer a Deus que o quer assim.

Portanto, submetendo o seu juízo, conforme acabo de dizer, a gente não é violentado, não se é forçado a fazer o contrário daquilo que se quer; pelo contrário, a gente faz exatamente o que quer. É o ato humano e volutário por excelência; para agir assim, o Senhor precisa um ato perfeitamente livre. Dominar o juízo e a vontade é próprio do homem; um animal não consegue fazer isso. Também o homem ignorante e de pouco alcance não poderá nunca chegar a isso, enquanto o homem esclarecido, inteligente e ajuizado facilmente cala o juízo próprio.

Não é bem assim, em geral, que os autores espirituais apresentam a obediência do juízo. O que propõem sob esse nome e solicitam do religioso é mais ou menos a mudança do juízo, a qual supõe uma graça especial que a gente nem sempre tem ou Deus nem sempre está obrigado a dar. Submeter o juízo é simplesmente calar o julgamento próprio, em favor do Bom Deus; é não escutar o que aquele diz, mas escutar e cumprir o que o Bom Deus nos pede no momento presente, pela boca do Superior. É, repito, um ato humano, livre e voluntário. Somente a nossa parte superior é capaz de compreender isso e executá-lo.

"Essa obediência deverá ser prestada aos outros Superiores, tanto locais como provinciais."

Um professor deve obediência ao Prefeito dos estudos. Por exemplo, um professor que dá aula de acordo com o programa; pelo menos, assim ele pensa! O Prefeito dos estudos faz uma simples observação. Podem entender-se muito bem, dialogando. Mas, se, apesar da explicação, o Superior ou o Prefeito, que o representa nesse cargo, manda agir de outra forma, terá que fazer diferentemente. Se o professor se submeter humildemente, a graça sobrevirá. Ele pode ter motivos excelentes... O Superior poderá, então, aceitar essas razões, se achar conveniente; mas, se não as aceitar, é necessário submeter-se. E, mais uma vez, se o professor se submeter, terá sucesso, porque Deus estará com ele.

Meus Amigos, devemos crer nessas coisas, como acreditamos no Evangelho. Nosso Senhor disse uma palavra muito notável: "Se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isto lhes será concedido por meu Pai que está nos Céus" (Mt 18, 19). Observem que não diz: Quando dois estiverem de acordo para fazer ou tratar de coisas que dizem respeito ao Céu diretamente..., mas "de quacumque re" (sobre qualquer coisa). Essa é uma palavra na qual se deve acreditar. Devemos ter fé, meus Amigos, nos assuntos referentes à obediência e à vida religiosa... Será fácil isso? Nem sempre. A gente o faz em virtude de um dom natural que recebemos ou devido a uma graça especial. Não tendo esse dom, essa virtude, devemos pedi-las a Deus, com insistência, em nossas orações.

Sejamos bastante generosos, tenhamos muito respeito pelos assuntos concernentes à obediência, para aceitá-los do jeito que vierem. Sirvamo-nos da obediência como de um meio eficaz para realizar o bem, para sermos bem-sucedidos em nossos trabalhos e nos ofícios a nós con-

fiados. Meus Amigos, não são ninharias todas essas coisas; é toda a filosofia da vida religiosa, é toda a doutrina da São Tomás e dos Santos Padres. Compreendendo-as bem, alcança-se pleno êxito na vida religiosa.

E como chegamos a compreender essas coisas? Repito, através de um dom natural de Deus ou, então, por uma graça particular. Olhem um religioso bem dotado quanto à inteligência; vê-se, em sua maneira de agir, que os assuntos da vida religiosa estão bem compreendidos. Um outro será muito menos dotado, mas tudo irá igualmente bem. É que este segundo religioso obteve de Deus a graça especial de que precisava. Mas, além desses dois, eis um terceiro... Faltam-lhe tanto o dom natural como a graça especial. Ele vai vivendo aos tropeços em tudo o que empreende.

Rezemos para pedir a Deus que nos faça compreender isso e pô-lo em prática.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 17 DE FEVEREIRO DE 1897

O VOTO E A PRÁTICA DA OBEDIÊNCIA - O PROCESSO DA BOA MADRE

"Todos os membros da Congregação obedecerão ao Superior Geral pronta, alegre e perseverantemente. Submeter-lhe-ão o julgamento e a vontade."

A última vez, falei sobre os princípios da obediência e sobre a maneira de encarar a obediência religiosa. Repito, a obediência não pode ser atendida de verdade, a não ser a partir da convicção de que a gente prometeu obedecer a Deus e quer firmemente sustentar essa promessa feita a ele. É essa a razão de nossa obediência: Rationale obsequium nostrum (cf. Rm 12,1) (um culto espiritual nosso). Sem dúvida, não é suficiente que ela seja raciocinada, deve ser sobrenatural, piedosa, pronta, alegre, perseverante, sem condições nem reservas. Obedece-se

com alegria, porque a gente fica satisfeita por obedecer a Deus. Não é porque isso seja agradável a nível natural, mas porque estamos contentes por fazer uma coisa para Deus. Nisso consiste todo o segredo da obediência.

Obedecer **"com perseverança"**. Só a oração alcança a perseverança. Quando se fala em obediência, geralmente se entende a virtude praticada para fins de atos enérgicos, separados, isolados. Mas não se compreende que a virtude constante que consiste em doar-se a Deus, a todo o momento, sem arrepender-se nunca, requer, de outro lado, mais energia e força de espírito e é tanto mais heróica do que alguns atos esplêndidos realizados isoladamente. Será mais apreciado um ato realizado de passagem, ainda que esse ato esteja precedido e seguido de muitas misérias, de amor próprio, de egoísmo... Se o ato magnífico que os Senhores executam é bastante meritório para reparar e cobrir tantos outros atos que não foram o que deviam ser, ainda bem. Mas será que é assim na maioria das vezes?

Mas quando se trata da continuidade de atos de uma virtude que não desfalece, aí está o verdadeiro heroísmo. Na vida da Boa Madre Maria de Sales, é isto o que constitui a sua mais bela prova de santidade; sua obediência perfeita nunca se desmentiu, em circunstância alguma. Para isso, repito, é preciso ter muita força de espírito e muita energia.

"Submeter-lhe-ão o julgamento e a vontade."

Submeter o seu juízo não é, já o dissemos, esforçar-se por acreditar e por convencer-se de que o que nos é mandado, em si, é melhor do que aquilo que nós próprios pensamos, mas consiste em empenhar-se por acreditar que, no caso particular, o Bom Deus quer que ajamos de acordo com o que ele nos diz através de quem manda. O Senhor não atua conforme o seu juízo, mas o submete à obediência; está tudo nisso. A obediência entendida assim é muito viável; é o meio de realizar alguma coisa, o meio de fixar-se, de determinar-se sempre, e sempre bem segundo a Vontade de Deus, nitidamente conhecida. De outro modo, fica-se na indecisão; há, na vontade, um como vaivém contínuo, porque a nossa vontade é essencialmente inconstante. Com a obediência, o dever fica claro, tudo é fácil para uma alma enérgica.

"Os Oblatos de São Francisco de Sales obedecerão, com exati-

dão, ao som do sino como à voz do próprio Nosso Senhor Jesus Cristo."

Os Senhores dirão que este capítulo sobre a obediência entra em muitos detalhes, como o capítulo sobre a pobreza; é que se dá muita importância a um como a outro. É bem certo que o pensamento sugerido, a saber, que é Jesus Cristo que nos chama através do sinal da sineta e que é necessário apressar-se e obedecer ao som da sineta como à voz do próprio Cristo, é um meio que nos tornará sempre vencedores, um meio que acarreta a graça, pois essas coisas não se podem fazer sem a graça.

"Não se dará ordem alguma a quem quer que seja, nem se repreenderá ninguém, a não ser depois de encarregado pelo Superior ou de ser obrigado a isso em conseqüência do próprio cargo."

A gente não deve imiscuir-se no governo e menos ainda corrigir os outros, quando não existe incumbência para tanto. Isso não quer dizer, no entanto, que, se virmos um dos nossos irmãos desviar-se, obstinar-se, perder a cabeça, transviar-se porque lhe falta a luz, não seja necessário socorrê-lo com um conselho de amigo, com uma palavra boa e fraterna...; sem dúvida alguma, deve-se fazer isso, mas amigavelmente e não como mandando ou repreendendo.

"Não se procurará obter de um Superior o que um outro tiver recusado e, se as circunstâncias obrigam a fazê-lo, ter-se-á o cuidado de dizer que o pedido já foi indeferido, por quem e por quê."

Pedir uma licença a um Superior, quando um outro Superior já a tinha recusado, sem mencionar a recusa, não é um ato leal; seria pouco honroso e pouco digno de uma consciência religiosa.

Ninguém deverá intrometer-se no ofício ou no ministério de outrem; mas se alguém é solicitado a dar uma mão, especialmente num dos ofícios inferiores, atenderá cordialmente, se não estiver impedido. Se for um assunto demorado, será preciso avisar o Superior e pedir licença."

Por exemplo, um favor a prestar momentaneamente; está bem. Mas, se isso há de durar bastante tempo ou deve de repetir-se por demais, evidentemente será necessário avisar o Superior.

"Ninguém receberá nem enviará cartas sem ter recebido a licença do Superior, a quem todas as cartas serão entregues para ser distri-

buídas, enviadas ou guardadas, segundo ele julgar conveniente. Poder-se-á escrever, livremente e sem controle, à Santa Sé e as comunicações desta aos membros do Instituto são igualmente isentas de todo o controle. Da mesma forma, cada membro poderá escrever livremente ao Superior Geral e ao Superior Provincial e deles receber a resposta sem que o Superior local possa intervir na correspondência."

Isso é um direito natural. Quanto à correspondência, serve-nos de modelo o que se faz na Visitação. A Superiora recebe todas as cartas; faz chamar a religiosa a quem a carta é destinada e abre a carta na frente dela. Normalmente, não lê cartas dos familiares, nem as de um confessor ou diretor espiritual, dirigidas à sua penitente. Mas se tiver razões sérias de crer que sob o manto de parentesco ou de direção, há algo anormal ou exagerado que possa ser nocivo à alma ou à prática religiosa, a prudência e a caridade a obrigam a tomar conhecimento, discretamente, do conteúdo da carta. Entre nós deve ser, mais ou menos, a mesma coisa. Que o Superior compreenda bem o quanto deve ser delicado a esse respeito, particularmente referente às cartas familiares, onde pode haver confidências que não devem ser conhecidas por ninguém, a não ser pelo destinatário. O Superior, num caso assim, terá suficiente tato para entender que não deverá ler essas cartas; seria ferir o respeito perante o sigilo e seria uma ofensa real para o religioso e sua família.

Quanto às cartas de direção espiritual, o assunto é mais delicado ainda. Deve-se estabelecer como princípio que os Superiores não devem ler as correspondências entre confessor e penitente. Entretanto, pode haver motivos muito graves e sérios para suspeitar dessas cartas e considerá-las perigosas. Se a correspondência for demasiadamente freqüente, por demais volumosa, fazendo perder tempo, prejudicando o recolhimento, o espírito de obediência e de caridade, às vezes poderá ser obrigação do Superior informar-se..., porque hoje em dia, de vez em quando, acontecem coisas bem esquisitas....

Olhem um fato que bem posso contar-lhes. O que não acontece! Um Padre Jesuíta respondia regularmente às cartas de uma de suas penitentes. Suas cartas não eram más, até eram boas. Entretanto, tinha formado o costume de chamá-la brevemente pelo nome, Margarida... Assim a chamava em suas cartas. A mãe dela ficou muito chocada e veio consultar-me, trazendo-me um vultoso pacote de cartas, bem volumoso... Li o

cabeçalho da primeira carta que me caiu nas mãos; esse bom Padre chamava sua penitente: Minha bela!... Achei minha obrigação, a pedido da mãe, ir mais longe. Mas além dessas expressões, que se repetiam, não havia realmente nada de mal em todo o resto.

É importante, pois, cuidar das expressões que se empregam nas cartas desse tipo...

Com referência a cartas dirigidas a senhoras, precisa-se muita cautela, por uma série de razões. Foi sobre essas cartas que São Francisco de Sales dizia que se precisaria escrevê-las com a ponta de um canivete... No entanto, não se deve exagerar em nada nem forçar a situação. Todas as vezes que tiverem que escrever a alguém, mas especialmente a uma pessoa feminina, tenham presente a seguinte idéia: minha carta cairá nas mãos de outras pessoas, não sendo a destinatária, será lida, relida e comentada. Minha carta deve ser de tal forma que possa ser publicada por extenso nos jornais piores do país... De fato, essas casualidades se deram mais de uma vez.

Se tiverem coisas secretas a dizer - o que é bem possível e normal - empreguem termos fáceis e simples, de maneira que, se a carta se extraviar, pelo menos não se encontre nada de sério a censurar-lhes.

Mais um caso a esse respeito. Um bom Pároco escrevia a uma das suas penitentes, uma senhora fantasiosa e com a cabeça um pouco leviana. Nas suas cartas, a pessoa empregava expressões por demais polidas, até afetuosas; o Pároco respondia da mesma forma. A correspondência cai nas mãos do marido dessa senhora, o qual arma um grande alvoroço a respeito. Trouxe-me as cartas que tinha encontrado. "Vou estourar o miolo desse Pároco!..." Custou-me muito para acalmá-lo, tentando justificar, pelo menos, as intenções do Pároco. Este fica sabendo e, por sua vez, vem me visitar. Declara-me que já vai ter com o Procurador da República para fazer processar o marido de sua penitente. Eu lhe disse: Meu bom Pároco, não faça nada. Se suas cartas caírem nas mãos de qualquer advogado, infalivelmente, o fará condenar às custas do processo. Não é assim que se escreve a uma mulher, independente da pureza de suas intenções... Tive que mover o céu e a terra, também, para dissuadi-lo.

É necessário, pois, ser muito prudente nas cartas que a gente escreve. Nem todos têm um bom juízo; certas expressões que podemos empregar com toda a inocência talvez nos acasionem problemas. Tomemos, portanto, um bom propósito a respeito. Repito, escrevamos nossas cartas de maneira que possam ser lidas por todos.

Devemos acostumar-nos a deixar abrir, de bom grado, as nossas cartas pelo Superior. É uma sujeição, é verdade; mas não podemos fazer nada de sério sem submeter-nos. Não é necessário que a privação, o sofrimento sejam a base de tudo o que fazemos? **"Preparando-se para suportar toda a pena e mortificação que encontrarem"**, diz o Diretório. Compreendam essa filosofia; preservá-los-á de muitas misérias.

Quanto às cartas que cada religioso tiver que escrever para as pessoas do mundo, há também certas precauções a observar. Importa conservar a seriedade e a dignidade. Pode-se brincar um pouco, escrevendo a amigos, mas com moderação... Que haja uma gracinha, está certo, mas se houvesse demais, estragaria tudo. Lembremo-nos, na correspondência, como em todas as relações com o próximo, das recomendações do Concílio de Trento ao clero: Nihil nisi grave, moderatum ac religione plenum prae se ferant (Comportem-se unicamente com gravidade, moderação e muito espírito religioso). Tomemos cuidado para não escandalizar a pessoa à qual escrevemos; essas coisas não se perdoam e não se esquecem, entre os fiéis.

No Seminário Maior, portanto, não há severidade demasiada. O Padre Chevalier, nosso professor de moral, nos dizia: "Todas as vezes que escreverem para uma pessoa do mundo, haja sempre a nota religiosa. Não façam uma pregação, não; mas que sintam que é o homem de Deus que fala. Tanto mais, meus Amigos, nós que somos religiosos, devemos ter sempre em nossas cartas esse toque religioso. Examinemo-nos sobre esse particular e façamos bons propósitos.

* * * * *

Nesta semana rezaremos para o sucesso do Processo da Boa Madre. Freqüentemente, nessas questões, surgem obstáculos de todos os lados... O Promotor da Fé é um advogado; ele se serve, na qualidade de bom advogado, de tudo o que pode achar contra a Causa. Parece que, em Roma, há queixa contra mim, porque afirmei que a Boa Madre era a maior santa do Paraíso. É a minha opinião e a sustento. Sou obrigado a falar conforme minhas convicções. Li a vida de muitos Santos; entre todos, prefiro ainda a Boa Madre. Minha opinião é bem fundada e solidamente fundamentada. Nunca, particularmente, vi a Boa Madre faltar com a caridade, seguir seu capricho ou sua inclinação contra o que estava marcado...

Na ocasião de sua consagração, o Bispo Cortet acolheu-me com suma cordialidade. A Boa Madre tinha-me dito que era um homem duro, rude... Eu pensava, então, que ela estivesse enganada. Eu quase teria gostado disso, porque, então, - assim me parecia - eu teria boas razões de pôr em dúvida, talvez pisar com os pés, tudo o que ela me tinha dito e mandado fazer. Mas depois..., mais tarde, me convenci que ela tinha dito a verdade... Também sou de opinião que é bem difícil encontrar, fora da Boa Madre, uma virtude igualmente completa e, principalmente, uma virtude mais completa. Rezaremos, portanto, pelo bom êxito desse assunto.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 24 DE FEVEREIRO DE 1897

O VOTO DE OBEDIÊNCIA

"A fim de que a saúde de nosso corpo possa aproveitar o benefício da obediência, ninguém poderá comer ou beber algo fora da hora da refeição, sem a devida licença."

É uma sujeição que acarreta uma mortificação. A vida religiosa é uma vida de mortificação; é mortificada ou através de grandes exercícios de penitência ou por meio de uma sucessão de pequenos atos. É o que se pode chamar de penitência esmigalhada, esmiuçada em pequenos pedacinhos. Está certo que as Ordens religiosas penitentes têm um meio de santificação que nós não temos. O jejum dos Cartuxos, dos Trapistas, dos Capuchinhos, em grande parte, é responsável pela santificação pessoal de cada um deles. Há um grande e eficiente meio para se tornar santo. A vida dos santos mostra-nos suficientemente como isso é um recurso poderoso.

Nós não temos esse tipo de mortificação. Além disso, seria incompatível com as nossas atividades: a pregação, o ensino, o trabalho pesado. Essas grandes mortificações são substituídas, entre nós, por uma quantidade de pequenos atos que nos custam realizá-los, mas que de-

vemos executar; esses atos constituem a aceitação contínua da Vontade de Deus, é a perfeição com que se realiza cada um dos nossos atos, recebendo com paz e tranqüilidade de espírito toda a dificuldade e mortificação que encontrarmos, ao bendizer cada problema menor ou até cada grande contrariedade que se nos apresenta.

É preciso dizer que se tira grande vantagem dessa mortificação contínua. A alma que se acostuma a essa prática torna-se mais firme e resistente e fica abrigada dos desvios da imaginação e dos sentidos, das seduções da carne e do mundo. Comumente, depois dessas grandes e estrondosas mortificações, o diabo volta com outros sete espíritos piores do que ele e o novo estado da alma torna-se pior que o anterior (cf. Mt 12, 43-45). Precisa-se, portanto, tomar muito mais cuidado ainda, após essas mortificações, do que se fazia antes. Digo-lhes isso, meus Amigos, com referência às almas que lhes forem confiadas mais tarde. É muito mais fácil e mais seguro conduzir as almas no bom caminho por essa seqüência de mortificações pequenas e contínuas do que através de grandes austeridades. Temos disso um exemplo eloqüente na história da Visitação. Durante a grande Revolução, na Visitação é que houve menos desistências e apostasias; todas, ou quase, tiveram a força e o heroísmo de ficar fiéis a seus votos. Donde lhes vinha essa força que os membros de Ordens bem mais austeras não tinham?

Tomem um ímã; encostem nele pedacinhos de ferro; acrescentem suavemente um ou dois pedacinhos por dia; conseguirão fazer com que o ímã suporte um peso considerável o qual jamais poderia agüentar, se o tivessem carregado de uma só vez.

Precisa-se seguir esse caminho: é um caminho confiável, meus Amigos. Procurem aproveitar tudo o que se encontra. São Francisco de Sales não diz que, em cada uma das nossas ações, precisamos aceitar a pena e a mortificação que aí se encontrarem? Sem dúvida, no começo da vida religiosa, não se consegue dar conta do recado, mas, pouco a pouco, a gente se acostuma, acolhe-se tudo, aproveita-se tudo. Assumamos esse caminho; assim a gente fica forte. Os outros meios podem ser perigosos, repito, sobretudo em nossos dias, devido à fraqueza da vontade e à debilidade da fé também.

Conclusão:

Quando sentimos que realmente precisamos de alguma coisa, peçamos licença ao Superior. Por exemplo, estamos muito resfriados; um

pouco de leite, de café, nos convinha. Peçamo-lo simplesmente. Essa sujeição, pelo fato de pedi-lo, valerá mais para nós do que a mortificação da privação, fazendo uso da nossa vontade pessoal.

"Nunca se entrará na cela de outrem sem permissão. Jamais se abrirá a porta sem antes bater e ouvir a resposta."

Quando há necessidade de encontrar-se juntos, é preciso sempre pedir licença; se é constrangente, tanto melhor!

"Ninguém levará qualquer pessoa de fora à sua cela sem licença explícita do Superior."

Tendo alguém a receber, leva-o à sala de visita. Se estiver obrigado a recebê-lo no seu quarto, peça permissão.

"Antes de publicar qualquer espécie de livros ou de escritos, os membros da Congregação têm obrigação não só de pedir a autorização do Superior Geral, mas também a aprovação do Bispo do lugar onde se realiza a impressão."

Um religioso que reside em Troyes, mas que faz imprimir e publica o seu trabalho em outro lugar, não é obrigado, canonicamente, a recorrer ao Bispo de Troyes.

A propósito de imprensa, recomendo a todos os nossos Padres os "Anais Salesianos". Em todas as Congregações, cada um apóia o que aí se faz, o que se escreve ou publica. Nós também devemos fazer a mesma coisa. Isso com tanto maior confiança, pois tudo o que foi publicado até agora pela Congregação merece amplamente ser estimado e propagado. Devemos formar um só corpo e uma só alma; formar um só coração é mais difícil, enquanto cada um encara as coisas à sua maneira. Além disso, não devemos considerar as coisas da comunidade apenas com os olhos, mas com a nossa consciência. Isso custa, então, um ato de obediência, de submissão a Deus, a quem prometemos obediência.

Ontem falei com o Reverendíssimo Cônego Tissut sobre vários assuntos. No que diz e no que faz, ele manifesta sua maneira de ver a qual ele gosta até de fazer prevalecer, quando puder. Mas percebi claramente que, tratando-se de assuntos de interesse comum, não há mais questão de interesse individual ou de preferência pessoal. Então, ele saberá bem o seu lugar, apresentando, com toda a simplicidade, as coisas de acordo com o interesse geral e não mais apenas pessoal. Isso te-

nho observado em todas as pessoas de valor que conheci; o pequeno ego se esconde e desaparece sempre frente ao interesse comum. Agir assim é dar prova de capacidade. Não devemos ser estreitos, mesquinhos, só enxergando a nós mesmos.

É normal que gostamos do que fazemos. De outra forma, o que seria a nossa vida? Mas se, frente ao nosso interesse geral, colocamos o nosso pequeno ego de lado, mostramos de que somos capazes. É preciso levar em conta tudo; pois bem, a comunidade vale mais do que nós individualmente; o interesse, o renome da Congregação é mais importante do que o nosso. Não sejamos mesquinhos, mas pessoas de visão ampla.

Recomendo-lhes, portanto, os "Anais Salesianos" São muito bem feitos, a prova está no fato de que são lidos. Geralmente, esse tipo de publicações quase não se lêem; chegam pelo correio e a gente as deixa num canto. Ora, o Padre de Mayerhoffen recebe felicitações e estímulos de todos os lados. Além disso, quando pudermos oportunamente, procuremos angariar assinaturas. É preciso que os Anais cubram suas despesas. Assim faremos algo de bem. Diariamente, nas visitas que recebo, constato claramente que os Anais são apreciados. Apoiemo-los, portanto,... Se, intelectualmente, valemos alguma coisa, se dispomos de vontade, faremos isso.

"Os Irmãos Coadjutores precaver-se-ão contra a tentação de passar a um outro estado, sabendo que a parte que Nosso Senhor, no seu amor, lhes destinou é muitas vezes preferível à concedida a outros religiosos. Que saibam - caso lhes surgir a idéia de fazer esse pedido - que não poderão renovar essa solicitação a não ser depois de três anos; então competirá aos Superiores examinar por que motivo o Irmão foi induzido nesse caminho e se há cabimento para considerar o requerimento dele ou para adiá-lo ainda ou então para declarar que deve desistir disso terminantemente."

A questão dos Irmãos, infelizmente, não é um problema para nós (por não os haver - tr.). Antigamente era fácil recrutar Irmãos; agora isso se torna muito difícil. Os Irmãos leigos não existiam sempre nos conventos e nos mosteiros. No século XI ou XII, surgiu a necessidade de estabelecer uma linha divisória entre os Irmãos do coro e os Irmãos leigos, porque todas as grandes personagens, todos os homens de alta linhagem que entravam na vida religiosa queriam ser aproveitados exclu-

sivamente para os serviços mais humildes, para ter o mérito da humildade e, sendo que essas petições se repetiam continuamente, viram-se obrigados a organizar as duas categorias.

Atualmente, o que constitui a dificuldade para haver Irmãos, e bons Irmãos, é a falta de fé. Existem bons rapazes, sem dúvida; entre eles o pensamento dominante não é sempre suficientemente sobrenatural... Ora, isso não basta. Observe-se que tudo o que uma Congregação tem de melhor ou de pior são os Irmãos dessa Congregação. Nas regiões que ainda são católicas poder-se-ia, talvez, encontrá-los. Falta-nos organização a esse respeito. Talvez se precisasse fazer grandes sacrifícios financeiros para fins de criar estabelecimentos especiais, mas não temos muito dinheiro a gastar. Estamos obrigados a adiar todo o projeto desse gênero. O dia em que tivermos Irmãos em número suficiente para ocupá-los em nossos colégios, em todas as nossas casas, será uma grande vantagem, sob todos os aspectos, evidentemente. Os Padres de Picpus fazem assim; têm Irmãos jardineiros, pedreiros, ferreiros. A Casa das Damas dos Sagrados Corações, de Troyes, foi totalmente construída pelos Irmãos.

Cada um de nós se convença bem disto: preferir sempre os interesses da comunidade, sendo todos muito solidários entre si. Assim teremos a força para realizar o bem para os outros e para nós mesmos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 3 DE MARÇO DE 1897

AOS RECÉM PROFESSOS - A NOSSA QUARESMA

(Antes da entrada dos Noviços:)

Entre os jovens professos que acabamos de admitir, há alguns que me testemunharam o vivo desejo de praticar bem a vida religiosa. Se queremos continuar tendo bons professos, precisaremos tomar as medidas que todas as comunidades empregam. Os jovens professos, certamente, não são mais Noviços; no entanto, é preciso dar-lhes alguma coisa que os

ligue ainda um pouco ao Noviciado, pelas práticas dele. Enquanto eram Noviços, foram formados para a vida religiosa, dava-se-lhes direção espiritual e os encaminhava; mas agora é necessário que se formem completamente. São como pequenas árvores plantadas há pouco que precisam lançar suas raízes profundamente para poderem alimentar-se e resistir às tempestades; têm necessidade de acostumar-se aos rigores do sol.

Será, pois, Padre Chambelland que os dirigirá e o Padre Ozanan será o assistente dele nessa tarefa.

Meus Amigos, estejam bem unidos uns com os outros; queiram-se bem! Se estiverem unidos entre si, os exercícios do Noviciado lhes serão mais fáceis; terão maior força para superar suas resistências. Durante o Noviciado, formaram-se para a prática dos votos; agora chegou o momento de praticá-los com toda a seriedade.

Meus Amigos, desejo muito que façam assim. Mais uma vez, queiram-se bem. Ajudem-se nas várias tarefas, nos seus estudos, nas suas aulas.

Por agora, cabe a nós, por obrigação, examiná-los, observá-los de perto para descobrir o que poderão fazer. É, pois, um momento grave e sério. Comecem cordialmente. Mãos à obra, de todo o coração. Repito, precisam ser estudados, para que sejam bem conhecidos, para que possam ser empregados na obra que lhes convier, de acordo com as suas capacidades.

Não carecem de aptidões. São um grupo de jovens, certamente, de boa vontade; deixem-se moldar; de sua parte, colaborem de todo o coração. Estabeleçam entre si esta união de coração que os prenderá tanto mais à Congregação. Acreditem-me, meus Amigos, a caridade é um laço muito forte e muito suave. Observem, a gente gosta sempre mais daqueles com quem se convivia durante a infância ou a juventude, dos colegas de estudos ou de Noviciado. Que seja assim entre os Senhores.

Recomendo-lhes que aproveitem bem a direção do Padre Chambelland; ele saberá dirigi-los e compreendê-los muito bem. Ele é dedicado, é inteligente. Assisti, há pouco, à primeira conferência que ele deu sobre a Igreja, nos cursos para as Oblatas, e fiquei maravilhado pela clareza, pela dicção, pelo acerto de tudo o que disse. Eu sabia, sim, que ele era muito capaz, mas não imaginava que o fosse a tal ponto. Dirijam-se, portanto, a ele com toda a confiança.

(Após a entrada dos Noviços:)

Meus Amigos, estamos entrando no tempo da Quaresma. Precisamos observar bem a Quaresma; todos têm obrigação de fazer penitência. As dispensas do jejum e da abstinência não são dispensas da penitência. A gente fica obrigada à modalidade de penitência que se pode fazer. Nos planos da Providência, é absolutamente necessário fazermos penitência: Paenitemini (At 3,19; Mc 1,15) (Arrependei-vos).

Sem penitência, não há perdão dos pecados, nem recompensa pelas boas obras.

Como se deve fazer penitência? Sem dúvida, se pudéssemos observar a Quaresma tal qual a Igreja prescreve, seria a melhor Quaresma, a melhor penitência imaginável. Sempre que a saúde o permite, fazer assim alegra o espírito e a gente fica realmente muito feliz. Reparem os religiosos das Ordens muito penitentes e austeras; geralmente, são todos muito alegres. A penitência generosamente observada traz alegria à alma. Seria, pois, desejável que praticássemos a Quaresma como indicada nos leis da Santa Igreja. Mas isso quase não é possível para a maioria entre nós, devido às nossas ocupações do magistério. Como, então, na prática, fazer penitência?

Primeiramente, precisamos verificar, em consciência; o que podemos fazer. Se não podemos observar tudo o que é estabelecido pela Igreja, pelo menos devemos esforçar-nos para fazer alguma coisa, tudo o que razoavelmente pudermos realizar. Sabemos que a teologia dispensa os professores. Isso é pacífico. Não sendo professores, ou não estando muito sobrecarregados de trabalhos, vejamos, perante Deus e o nosso confessor, o que podemos fazer. No café da manhã, os que o puderem fazer, por que não tomar somente um pouco de pão, o "frustulum" (bocadinho) mencionado na teologia? Enganando assim o estômago com alguma coisinha, pode-se evitar, muitas vezes, a fadiga; o jejum a rigor pode ser nocivo e causar enxaquecas ou problemas de estômago. Quando se pode fazer assim e observar fielmente, com essa pequena colher de chá, a lei da Igreja, é mais edificante e mais conforme a disciplina da Igreja.

Para o almoço, comer-se-á o que é servido; não se esquecerá a mortificação do refeitório. Cada um tenha o seu jeitinho costumeiro de realizar fielmente essa mortificação, por exemplo, aceitando de boa vontade o que menos agrada ou o que não agrada de forma alguma... Mas que não se deixe de fazê-la, especialmente durante a Quaresma e que nunca se levante da mesa sem ter feito alguma pequena mortificação.

Quanto à merenda, vale a mesma coisa como eu disse referente

ao café. Os que puderem, que não comam nada ou só um bocado de pão, para que não se exija demais do estômago.

À noite, coma-se o que se servir; aí também a mortificação não seja esquecida. Observem isso. É de obrigação, sobretudo durante a Quaresma. Esta não deve passar despercebida e absolutamente igual a todos os outros tempos do ano.

No que diz respeito à abstinência e ao tipo dos alimentos, não se preocupem com isso, pois praticam a abstinência que a comunidade lhes impõe. Como, então, os Senhores praticarão a abstinência? Há abstinência e abstinência... Apresentar-lhes-ei uma maneira de abstinência toda especial. São Pedro diz: Communicantes Christi passionibus (1 Pd 4,13) (participantes dos sofrimentos de Cristo). Anotem isso em sua agenda. Cada manhã preparem o seu dia com esse pensamento. Proponham-se decididamente essa ou aquela mortificação nas refeições, no recreio, na cela, na cama... "Participantes dos sofrimentos de Cristo"... Precisamos tomar parte em tudo o que Cristo suportou, não somente durante a Paixão, mas também em todas as fadigas, contrariedades e sofrimentos que ele passou. Em cada instante e sempre, devemos sentir essa lei pesar sobre os ombros. Sejamos conscientes e sempre nos lembremos claramente de que somos obrigados à mortificação.

Eu gostaria muito de que lembrassem esses dois modos de fazer penitência: a mortificação em cada refeição e a abstinência da vontade própria na obediência pontual, fiel, amorosa à Vontade de Deus. É imprescindível, nesse sentido, tornarmo-nos religiosos de verdade. Precisamos formar dessa doutrina umabase séria que nos leva a considerar as coisas nos seus aspectos verídicos. Com isso, a alma adquire a sabedoria, a prudência e a força: In nomine Domini. Amen. (Em nome do Senhor. Amém.)

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 10 DE MARÇO DE 1897

O VOTO DE OBEDIÊNCIA - O VOTO E A VIRTUDE DE CASTIDADE

Com relação a nosso voto de obediência, insisto no que eu disse a última vez. É uma decisão a tomar, uma determinação piedosa e filosófica: "Quero ser religioso, serei religioso, custe o que custar." Então, quando surgirem dificuldades, a gente as supera com mais coragem e energia, mas... "rationabile obsequium vestrum" (Rm 12,1) (um culto espiritual). Deve-se prestar uma obediência razoável; precisa-se partir de um princípio que satisfaça a nossa razão; de outra forma, seria muito difícil, mesmo com a graça divina, encontrar em si o recurso necessário para dominar continuamente os vícios, a vontade própria. Depois de convencer-se disso firmemente, depois de estabelecer claramente para si esse princípio e essa decisão, a obediência ainda custa, sem dúvida, mas torna-se mais fácil de realizar.

Sejamos pontuais em matéria da obediência, ela é a nossa proteção. A Igreja é uma grande escola de obediência: obedece-se ao Evangelho, ao Papa, a todas as leis promulgadas. Essa obediência não contém nada que diminua, que rebaixe, pelo contrário, engrandece nosso caráter, nossa personalidade. Além disso, é mais elevado obedecer assim do que não obedecer. Quando não se obedece, contrariando a quem manda, seguimos nossa inclinação, o que, às vezes, é mais ou menos honroso. Quando se obedece, dá-se atenção a tudo o que há de verdadeiramente grande em nós. Quem obedece? Vejamos. Praticamente, só os seres verdadeiramente superiores sabem obedecer. E foi necessária a Encarnação, o exemplo do Homem-Deus para fazer-nos compreender a obediência... Nesse sentido, a obediência é muito bonita!...

Rezaremos para que o Bom Deus nos providencie Irmãos. É muito difícil encontrar bons Irmãos agora que a educação não é mais cristã.

O voto e a virtude de castidade.

"A castidade, sendo um dos principais ornamentos da vida religiosa, os Oblatos a conservarão com um cuidado todo especial."

A castidade perfeita é própria do estado eclesiástico, mas so-

bretudo do estado religioso. No estado eclesiástico é antes uma promessa que se faz, promessa que não tem o mesmo alcance como o voto.

A promessa consiste em abster-se de tudo o que pode ferir a santa virtude, mas não obriga à prática mais positiva do voto; não compreende todas as delicadezas do dom interior do nosso coração e do nosso amor para Nosso Senhor. Não é, portanto, a prática completa da virtude.

"Controlar-se-ão todos os sentidos, tanto interior como exteriormente, com uma vigilância sempre renovada."

É importante cuidar bem dos olhos, dos ouvidos, dos pensamentos, da imaginação, do coração, para que nada chegue a ferir a santa virtude. Exteriormente, observem cuidadosamente essas medidas; não se exponham à tentação. Para isso, há certas precauções a tomar, quando saem à rua. Acontece, às vezes, que, nos ambientes de operários, mulheres ou moças os insultam; não se deve responder. Bem sei que, às vezes, a gente é tentado a pô-las no seu lugar, com uma simples palavra. Não façam isso. Passem adiante sem dizer nada. Sua palavra, além disso, seria mal interpretada, comentada e repetida. No caso de maus jornais, isso pode ir longe. Nessas circunstâncias, portanto, não procurem ser espirituosos; não adiantaria nada. Além disso, não seria contra o espírito religioso que deve ser sempre humilde e mortificado, que recebe as bofetadas e não as devolve? (cf. Mt 5,39).

"Vigiar-se-ão os olhares com uma atenção permanente, nunca fitando os olhos num objeto perigoso."

Importa observar fielmente essa regra da modéstia cristã. Devemos vigiar sobre nossos olhares e não deixá-los vagar por coisas perigosas ou más. Sempre há alguma mortificação, abstendo-se de olhar coisas que não são completamente más. Convém lembrar, então, o que diz a Sagrada Escritura: Mors ascendit per fenestras (Jr 9,21), a morte entra pela janelas. As janelas da nossa alma são as vistas.

Citam-se muitos exemplos de graças concedidas pelo Bom Deus a pessoas que sabem praticar a mortificação dos olhos. Experimentem os Senhores mesmos e verão que, não olhando para o que não convém olhar, o Bom Deus lhes fará ver o que devem enxergar. Verifiquem, meus Amigos. Para encaminhar um aluno que os logra e faz loucuras, mais ainda, para julgar corretamente as coisas espirituais, o Bom Deus dá a visão àque-

les que não dirigem seus olhares para coisas indiscretas. Domine, fac ut videam (Lc 18,41) (Senhor, que eu possa ver). Entre as leis da graça e as da natureza sempre reina equilíbrio. Quando se carrega um prato de uma balança, o outro se levanta. Há uma relação bem evidente entre as duas maneiras de agir. Tudo isso são coisas pequenas, mas os santos prestam atenção a isso. Mais uma vez, não somos máquinas, nem um pêndulo que não se mexe a não ser em certas condições. Em nossa vida religiosa, há uma infinidade de pequenas leis que só se descobrem, quando a gente é bem atenta e fiel.

"Cuidar-se-ão das palavras, nunca se permitindo uma conversação, nem mesmo uma expressão capaz de ferir a santa virtude."

É necessário respeitar-se muito para nunca se permitir uma palavra ou uma expressão imprópria. Bem sei que isso depende muito da primeira educação. Sendo jovem, a gente se acostuma facilmente a certas palavras ou expressões que não se consideram más, que, no entanto, talvez não sejam muito bonitas, até capazes de chocar e escandalizar. Sobreudo, diante de crianças requer-se muita prudência. Às vezes, pode-se fazer um mal incomparável, quando não se cuida bem. Uma palavra irrefletida que deixamos escapar dá a impressão de que, no íntimo do nosso ser, não ligamos para as coisas sérias. E daí os alunos tiram suas conclusões, às vezes, muito fora do comum.

A esse respeito, em nossos contatos com as pessoas do mundo, sobretudo com senhoras, precisamos evitar toda a palavra que transpire demais a afeição humana e toda a manifestação que não estaria de acordo com a castidade mais estrita. Precisa-se, portanto, de muita vigilância, de muita prudência. Se, às vezes, formos obrigados, pela força das circunstâncias, a entrar em certos detalhes, é mister cuidarmos para não despertar e fazer surgir, na idéia dos nossos interlocutores e interlocutoras, a impressão de que tudo isso não é de muita importância aos nossos olhos.

"Vigiar-se-ão todos os pensamentos, nem se permitindo o que possa ter a aparência do pecado."

É imprescindível evitar todos os maus pensamentos. Demorar neles é uma falta; a Teologia no-lo ensina. Eis que nos aparece um mau pensamento; se, ao invés de afastá-lo, a gente se prende a ele, eviden-

temente comete-se uma falta que precisa ser confessada; é uma falta tanto mais grave e perigosa à medida que esse pensamento leva menos ou mais imediatamente à impureza...

"Estejam atentos a seu coração, não se apegando a não ser a Deus, ao fazer zelosamente empenho por não admitir senão esse único amor."

Devemos prestar muita atenção a isso no afeto que podemos ter para com os alunos. Agarrar-se a eles de forma demasiadamente natural joga água sobre o ardor de nosso amor sobrenatural; além disso, é um grande perigo para os costumes.

Não se deve tampouco ligar-se afetivamente a pessoas femininas. Em geral é uma ilusão que acarreta grandes desconcertos e muita infelicidade. Afeiçoar-se a uma mulher é uma fraqueza... Bem sei que a gente não manda, de forma absoluta, sobre ser fraco ou não ter um fraco; está na natureza de cada um. Precisa-se tomar a natureza como ela é e tentar torná-la cada vez melhor, a ponto de chegar a ser boa. Se percebermos dentro de nós a precisão de amar, voltemo-nos para Deus; nele encontraremos todo o necessário para satisfazer-nos.

Se acontece, pois, que um religioso se deixa levar por esse tipo de afetos, não é mais religioso; dentro de pouco será um homem inútil e perigoso.

O grande remédio contra essas misérias é abrir-se diante do confessor, dizendo-lhe o que estamos passando, e pedir-lhe o meio para livrar-nos disso. Depois de manifestar tanta confiança e de começar a luta, o Bom Deus dá suas graças extraordinárias para vencer. Estamos bem armados para a luta. Deus pôs à nossa disposição as luzes de uma boa inteligência; aumentemo-las todos os dias pelo estudo, pela meditação e por sérias reflexões. Deu-nos a capacidade de amar, concedeu-nos um coração; ampliemos esse coração também, destinando-o totalmente para o amor de Deus. Mas se deixamo-lo enredar-se em simpatias demasiadamente naturais, estas farão estragos, não raras vezes, irreparáveis. No começo custa esforço. Os que sofrem essas misérias são realmente muito infelizes; mas se lutarem corajosamente, vencerão. Então, a partir daí, gozarão uma grande paz e o Bom Deus lhes dará muita influência sobre as almas.

Mas as almas fracas que se entregaram a essas misérias, muitas vezes, as vi levar uma vida infeliz que, mais de uma vez, acaba mal. O

Bom Deus é um Deus ciumento; se afastamos dele o nosso coração para prendê-lo alhures, um belo dia, Deus retira a tábua e nós caímos no abismo.

Quanto às tentações contra a castidade, cada um recebe a sua parte. O próprio São Paulo o experimentou: Datus est mihi stimulus carnis meae, angelus satanae, que me colaphiset. (2 Cor 12,7) (Foi-me dado um aguilhão na carne - um anjo de Satanás - para me espancar). O meio para evitar o pensamento e a ocasião do pecado, é a oração, é o jejum, privando-se de alimento, de prazeres e gozos do espírito, do coração e do corpo. O meio de combater não é a luta corpo a corpo, onde correríamos a risco de sucumbir, mas é fugir da ocasião, não discutindo interiormente nem com outros. Além disso, precisa-se recorrer a Nossa Senhora, ao Anjo da guarda. Mas, acima de tudo, é necessário evitar uma vida mole e sensual, os prazeres da bebida e comida; precisa-se levar uma vida regular e generosa para ter a força de resistir.

Mas por que as tentações? Primeiramente, são uma conseqüência do pecado original. Também, nos planos da Providência, são um meio importante para a santificação; dão à alma mais energia do que as austeridades mais severas conseguem fazer. Os mais tentados exercitam a alma para todos os outros combates da vida. Não há dúvida que Deus recompensa as almas que lutam. Se soubéssemos ser fiéis, deveríamos até pedir a Deus que nos envie tentações... Pelo menos, saibamos agradecer-lhe as que nos manda...

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 17 DE MARÇO DE 1897

O VOTO DE CASTIDADE

"Exporão aos Superiores os motivos que os obrigam a ter contatos com pessoas do outro sexo, quer religiosas quer do mundo, submetendo-se à obediência recebida, tanto quanto ao tempo como ao modo desses relacionamentos."

Por exemplo, um Padre que está encarregado de uma comunidade; é evidente que é responsável por ela; que todos os contatos que ele tem com as religiosas e com as pessoas de fora são relações de acordo com a situação, o estado, o serviço e que não pode avisar seu Superior sobre cada detalhe de sua tarefa. No entanto, é bom que ele não fique demasiadamente afastado do seu Superior. É bom que ele se comunique até com o Superior Geral, ou Provincial ou Visitador, se tratar com alguém um pouco fora do comum, sobre um fato considerado sobrenatural. Será bom proceder com prudência, aproveitar conselhos sérios e todas as precauções possíveis.

Meus Amigos, nós somos Oblatos; isso é um dado fixo. Vejam, é-nos oferecida uma instrução especial sobre a direção espiritual: os meios de São Francisco de Sales; não nos apartemos nunca dos meios de São Francisco de Sales, mas voltemos sempre para lá. Enquanto sendo bons, dedicados, nunca sejamos familiares; não participem de relacionamentos quaisquer; sempre mantenham uma certa reserva, uma determinada distância para com as almas que dirigem. Não se esforcem por tornar-se íntimos, interessantes, necessários...; do contrário, não realizariam muita coisa; não chegariam a nada de valor.

Na direção espiritual, aproveitemos, pois, plena e dedicadamente os meios de São Francisco de Sales; não sejamos individualistas; as pessoas não percebam o homem, as idéias do homem, a vontade do homem, o afeto do homem. Poderá acontecer que, então, não atraiamos o afeto das pessoas; pelo menos, estimar-nos-ão, o que é melhor. Muitas vezes acontece que se entra numa quantidade de pormenores, de comunicações, de assuntos com senhoras, sob o pretexto de atrair-lhes a confiança..., mas antes é uma maneira de perdê-la mais depressa.

Portanto, sendo confessor numa comunidade, é necessário ter presente: "É isto o que tenho que fazer; está aí a Regra; não preciso acrescentar a minha maneira de ver." Então, aplique toda a sua inteligência para compreender profundamente a Regra e para fazer com que seja compreendida bem e praticada sem entrar em detalhes insignificantes e nos quais poderia perder-se, sem realizar nada de valor.

Faz-se muito espalhafato referente à direção espiritual, entretanto, é muito simples. Para as pessoas do mundo, como norma para a direção, só existe a teologia, e para as comunidades religiosas, a sua Regra. Mais uma vez, não procuremos ser interessantes; além disso, não

é esse o meio para conseguir a confiança... Não sejam metidos ou, se a gente se encontra envolto, sem querer, que seja com muita prudência, sabedoria e muita oração. Com isso, a gente não se desvia nem se engana. É preciso que os Oblatos tenham esse tino.

Pois bem, será que os Oblatos devem levar as almas que dirigem a rezar segundo a maneira de São Francisco de Sales e a viver conforme o espírito dele?... Mas claro! Esse é o carisma da nossa vocação. É preciso conduzi-las a aproveitar os meios de São Francisco de Sales; por sinal, são os mais eficazes atualmente. Aliás, a Igreja o manifesta claramente ao afirmar que a doutrina de São Francisco de Sales é acessível e segura, "iter planum ac tutum".

Quando alguém acha que é alvo de favores extraordinários, é bom que ele consulte o seu Superior, como eu já disse, com toda a prudência e discrição. Nesse caso, é importante evitar os dois extremos: ser demasiadamente desconfiado e contrário ou ser excessivamente crédulo. Querendo, Deus tem o poder de obrar coisas extraordinárias. Mas será que ela as realiza todas as vezes que a gente o afirma? Certamente que não!

Em nossas correspondências, como já disse, devemos evitar com atenção os termos que cheirariam por demais a afeto humano ou familiaridade desproporcional. Nosso professor de moral do Seminário Maior, o Padre Chevalier, - e com prazer refiro-me a ele - dizia-nos: Quando escrever a uma penitente, coloque-se frente ao marido dela ou ao confessor ordinário dela; esteja convencido de que sua carta cairá, de uma maneira ou outra, nas mãos deles, do marido, do pai, da mãe, do irmão, etc... então, o Senhor será prudente e não escreverá tolices.

Meus Amigos, não se devem fazer ilusões, o que, às vezes, facilmente acontece... Ocorre que a gente é tentado a dizer consigo mesmo: "Como falei bem; que coisa boa acabei de fazer... Nem todos seriam capazes disso..." Que criancice, verdadeiramente indigna de um homem sério! Se falou bem, não foi graças ao Bom Deus? E se falou mal, é para culpar só a si mesmo.

Os confessores velhos, às vezes, precisam refrescar e renovar seu acervo de conselhos e de exortações. Não se corre muito atrás de confessores idosos. O provérbio diz: Médico velho, confessor jovem. Quem é jovem, é considerado portador de um coração sensível, uma inteligência viva e todos os tipos de perfume... (risada generalizada...) E tudo isso, será que são coisas que não prestam? Claro que não. É algo

valioso, é uma preciosidade ter um bom coração, uma imaginação fecunda, embalo e vivacidade; são dons de Deus; mas são flores também que se jogam diante do Santíssimo Sacramento, no dia de sua festa e que a gente não deve profanar, destinando-as para um outro culto.

Há alguns dias, na Obra de São João, as moças tinham apresentado uma peça. Ao sair, cada um tinha o seu comentário. Um deles, o Padre Jossier, sobrinho, disse-me: Como foi bonita! Chorei, tão comovido estava! Achei que ele era muito sensível; certamente será um bom orador, como o seu tio. Então, essas coisas não são más; deve-se agradecer a Deus por elas. Mas importa lembrar também que facilmente se pode cair em abuso. Acolhendo e aplicando esses dons com humildade e fé, eles oferecem grandes vantagens. Porém, mais uma vez, não abusemos desses dons em nossos contatos com as almas; seria uma profanação, aferecê-los a quem não tem direito a eles.

"Nas obras e no atendimento do ministério pastoral evitarão, com o máximo cuidado, tudo o que poderia ocasionar a mínima suspeita contra sua virtude."

É imprescindível muita atenção a isso; que a má vontade e a maldade nunca encontrem engate em nossa conduta, para suas calúnias. A prudência é uma virtude; é de se lembrar disso! Às vezes, poderiam ser tentados, guiados pela natureza, a aventurar-se, com razão ou sem ela. O bom juízo é a base da prudência; e, às vezes, a gente não se dá conta das circunstâncias em que se encontra. É o caso de repetir: Da mihi, Domine, sedium tuarum assistricem sapientiam, ut mecum sit et mecum laboret... (Sb 9,4) (Dai-me, Senhor, a sabedoria que partilha o vosso trono).

"Lembrar-se-ão de que Deus não abençoa nunca o que se faz para a satisfação das inclinações do coração ou por amor próprio..."

Nós temos um poderoso preservativo contra essa procura de satisfazer o coração e o amor próprio, ou seja, a reta intenção. Com ela submeteremos o sucesso da nossa obra à Vontade do Bom Deus; e, então, se formos bem-sucedidos, nossa alma experimenta alegria, porque, enfim, a vista do bem sempre alegra; se não tivermos êxito e não conseguirmos realizar o bem que queríamos, contentamo-nos com o bem que se produziu..., pois Deus o achou por bem assim. Enquanto, se procuramos nossa satisfação no que fazemos, o Bom Deus manda provações e, às vezes, per-

mite um fracasso completo daquilo que se empreendeu, e, algumas vezes, especialmente a calúnia.

Para cumprir mais facilmente o voto de castidade, observarão uma grande temperança em suas refeições, comendo só alimentos comuns, misturando seu vinho com um pouco de água, ao observar a regra de não tomar refeição alguma sem praticar uma mortificação."

Em cada refeição, não se deve esquecer a mortificação de costume. Aliás, é tão fácil fazê-la. Estamos em comunidade; não temos o que preferiríamos, o que desejaríamos; pelo contrário, serve-se-nos o que não queríamos comer... Não é nada,... mas aí está a nossa mortificação. Mas daí, o que fica? Um mérito sobrenatural. Meus Amigos, vejamos as coisas bem segundo a maneira de São Francisco de Sales que aceitava, de bom grado, a mortificação, quando era mal servido e que encontrava o jeito de mortificar-se, quando bem servido. Essas coisas tocam à moral: é da intenção, é da intenção da vontade que depende o mérito. Não esqueçamos isso, nós que somos Oblacts, ou seja, seres em contato permanente com Deus; aproveitemos bem sempre tudo o que ele nos manda e, então, dominaremos verdadeiramente a situação.

"Fugirão à ociosidade que é a mãe de todos os vícios, e a ocupação constante considerarão como uma proteção do voto de castidade."

Um poderoso meio para afugentar as tentações é estarmos constantemente ocupados. Nossa inteligência, aliás, não sendo ocupada, enferruja. Não tendo com o que nos ocupar permanentemente, desde o momento que terminamos nosso trabalho intelectual ou material, não temos nós o trabalho espiritual, sobrenatural a atender? Pater meus usque modo operatur, et ego operor (Jo 5,17) (Meu Pai continua agindo até agora, e eu ajo também). Temos que ser semelhantes a Nosso Senhor nesse sentido como em todos os outros aspectos. Pois bem, como o Pai dele sempre trabalha, "usque modo" (até agora); o trabalho é mesmo uma coisa santa: é o que nos vigia o coração.

Com respeito ao trabalho, recomendo a cada um dos Senhores uma ocupação pessoal. Façam alguma coisa em que se sintam a gosto. O Senhor tem queda para a pregação? Por que não preparar-se especialmente para isso? As ciências o atraem? Por que não dispensar-lhes, nos momentos de folga, um pouco de atenção especial? Tenhamos gosto em desenvolver o nosso dom particular. Cada um tenha e cultive sua preferência pessoal,

evidentemente, sempre submetendo tudo à obediência e tomando cuidado, para que isso não prejudique nossas obrigações profissionais e não fira, de alguma forma, a lei geral. É importante que numa Congregação se encontrem todos os recursos possíveis; também é necessário que cada um reconheça claramente os seus dons e que - por dar atenção a um miserável amor próprio - não impeça que o seu vizinho siga a sua inclinação... Ter esse espírito aberto é sinal de uma grande inteligência. Antigamente, tínhamos um Vigário Geral, em Troyes, chamado Padre Roizard, que tinha a fama de ser o melhor Pároco da Diocese, porque afirmavam os seus coadjutores: "Quando lhe propomos qualquer plano, ele sempre nos anima; ele concorda com nossas idéias, reforça ainda os nossos motivos e, sem dar a perceber, elimina o que não vem ao caso, dando os melhores conselhos para levar a cabo o projeto."

Em comunidade, é assim mesmo que convém agir; é preciso respeitar cada um. Deve-se cuidar para não ridicularizar quem empreende alguma coisa de acordo com seu gosto, contrariando-o no que realiza e que é conforme à obediência. Isso é um dos maiores segredos da vida religiosa: ajudar os seus irmãos a valorizar os dons que o Bom Deus lhes deu. Peçamos isso ao Bom Deus, pois é assim o verdadeiro espírito de São Francisco de Sales.

Porque o Senhor esteja convencido de que aquilo que o seu irmão faz não dará certo e fracassará, não é por isso mesmo que não vingará e não será levado a cabo. Por que impedir que um outro veja mais longe do que o Senhor e também chegue mais longe? Será talvez por que o Senhor tenha medo que ele o eclipse?... E daí?... Qual o mal que poderia originar-se disso? Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt (Mt 5,8). Bem-aventurados os que têm o coração puro e casto, porque verão a Deus em tudo aquilo que fizerem, porque verão a Deus nas boas qualidades de sua alma, porque poderão contar com o apoio dele.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 24 DE MARÇO DE 1897

A PRESTAÇÃO DE CONTAS

Uma das grandes condições para o sucesso de sua vida religiosa de Oblato é a prestação de contas bem feita. Vamo-nos entender bem quanto a isso. Houve, a respeito da prestação de contas, abusos em certos Institutos de religiosos não sacerdotes e, sobretudo, em diversas Congregações femininas. Às vezes, havia, parece, uma ingerência no terreno da consciência e dos assuntos reservados ao confessor, o que provocou vivas reclamações na Cúria Romana. Acrescenta-se a isso a revelação de um outro abuso, a saber, o fato que, nessas Congregações femininas ou de religosos não sacerdotes, os Superiores exerciam abusivamente sua autoridade em relação à freqüência ou ao distanciamento das Comunhões, não reconhecendo assim a autoridade do confessor, nesse ponto.

Para remediar esses abusos, a Congregação dos Bispos e Regulares publicou, há seis ou sete anos, um decreto, o Decreto Quemadmodum, assinado pelo Sumo Pontífice, que abroga, para as Congregações de Irmãos e Irmãs - só elas são a causa - a prestação de consciência ou a manifestação de consciência. É formalmente proibido para os Superiores exigir essa prestação ou manifestação de consciência; no entanto, acrescenta o decreto, isso não impede que os membros possam abrir-se livre e espontaneamente a seus Superiores. Além disso, só o confessor pode permitir ou proibir a Comunhão, fora de um caso de grave escândalo.

Esse decreto levantou muita poeira. Congregações, como a Visitação, onde a prestação de contas era muito praticada, ficaram muito impressionadas. Uns capelães pretenderam substituir as Superioras na direção da vida religiosa das Irmãs. Escreveram-se livros e brochuras. Isso se acalmou um pouco. Acabou-se, reconhecendo o direito das Superioras de interrogar suas suditas sobre as faltas contra a Regra e as observâncias; foi reconhecido também o direito das suditas de usar a permissão que lhes outorga o artigo 3 do decreto, podendo, espontânea e livremente, abrir sua alma à Superiora, para receber um conselho e uma direção prudente em meio a suas dúvidas e ansiedades de consciência, como também conselhos de orientação para adquirir virtudes e progredir

na perfeição.

Durante os quarenta anos em que eu era capelão da Visitação de Troyes, sempre via praticar a prestação de contas, não como manifestação de consciência e acusação de pecados, mas como manifestação das faltas contra a Regra e revelação das disposições interiores e daquilo que se podia ter perdido ou ganhado na prática das virtudes religiosas. Quando uma religiosa vinha abordar o capítulo de suas faltas de consciência, de seus pecados, sempre vi a Boa Madre Maria de Sales pará-la de vez, ao dizer-lhe: Isso é assunto do confessor! E o próprio confessor deve cuidar disso.

Todos aqui serão sacerdotes, um dia. Convém, pois, que lhes apresente, brevemente, esta observação que lembrarão para fins de direção espiritual. Existem faltas que não se devem deixar contar detalhadamente pelas moças; são as faltas contra a santa virtude da pureza. Importa abreviar quanto possível, quando o essencial estiver dito; algumas delas, às vezes, se deleitam em falar longamente desse tipo de coisas.

Nunca a Boa Madre permitiu uma Comunhão a quem quer que fosse, além do estabelecido na Regra, sem consultar o confessor. A Superiora pode, sim, cortar a Santa Comunhão para uma Irmã, por motivo de uma falta grave e pública, assim como uma mãe de família pode proibir à filha, um pai ao filho que comungue, se cometeram alguma falta grave que pode causar escândalo. Isso é direito natural, reconhecido também pelo próprio decreto Quemadmodum. Isso não significa que o Superior tenha o poder de dispor, a seu bel-prazer, acerca das Comunhões.

O Cardeal de Paris e, em geral, todos os Bispos da França disseram às comunidades da Visitação que não precisavam mudar absolutamente nada daquilo que estavam fazendo, pois era exatamente isso o que não foi atingido pelas proibições do decreto. Se jamais forem confessores da Visitação, lembrem nitidamente, meus caros Amigos, que o confessor está lá para confessar e não para orientar a espiritualidade religiosa das Visitandinas, segundo o seu parecer, e, sobretudo, não para dirigir a comunidade e mudar a Regra. A maior parte dos sofrimentos de certas comunidades é originada pelo escasso bom senso de alguns confessores. Se tivessem estudado bem São Tomás e a Teologia, se, outrossim, tivessem estudado, com capricho, as Constituições da comunidade da qual são capelães, compreenderiam e cumpririam melhor os seus deveres. Importa que entendamos bem isso.

E precisamos saber bem, igualmente, que não é possível haver comunidades da Visitação, de Oblatos, de Oblatas sem a prestação de contas. Sem esta, não há mais ligação, não existe mais conjunto nem unanimidade; cada um vai para o seu lado e se desinteressa do resto; é uma corrente que não se amarra a nada e que não liga nada.

Roma colocou em nossas Constituições que a prestação de contas mensal, sobre as faltas públicas contra as Constituições e sobre as possíveis perdas ou conquistas na prática das virtudes recomendadas, é facultativa e, de forma alguma, obrigatória. Caso que o Senhor não prestasse as contas, não pecou nem transgrediu a Regra, pois esse ponto é facultativo; mas se privou assim de graças preciosas inerentes a essa prática, segundo afirma São Francisco de Sales no Diretório, tão importante para manter o espírito do Instituto com perfeição que, faltando ela, o espírito da Congregação desfalecerá, enquanto, sendo este conservado, enriquecerá o Paraíso de almas.

Até agora, meus Amigos, não lhes falei muito sobre isso. Deveria haver tido maior confiança e mais fé. Sempre estava um pouco vacilante em pedir-lhes que o fizessem corajosa e simplesmente. Esperava que nossa Congregação estivesse firmemente enraizada antes de solicitar-lhes, aqui em "São Bernardo", que viessem regularmente, cada mês, para fazer a sua prestação de contas. Pois bem, encontro agora a nossa fundação bem arraigada. Estudei muito as Constituições dos Dominicanos, dos Jesuítas, dos Cartuxos, também de Institutos mais novos, para saber quais as bases em que essas Congregações se fundamentavam e apoiavam e quais eram os seus recursos para a vida interior e exterior. Quanto ao futuro da comunidade, referente ao fundamento sobrenatural, não vi ninguém mais solidamente estabelecido do que os Oblatos. Sendo verdadeiramente Oblatos, encontraremos nisso, em nossa vida de união com Deus, recursos incomparáveis. O Diretório é um tesouro inestimável para a alma do Oblato.

A Boa Madre Maria de Sales me fez muitas predições sobre o futuro da Congregação. Escutava-as com respeito; com mais respeito do que fé. Santos sacerdotes, santos religiosos também, mais de uma vez, me fizeram predições. O Padre Perrot, Mestre de Noviços de "Nossa Senhora dos Eremitas", que se dispôs a encarregar-se da primeira redação das nossas Constituições, me escreveu: "Sua obra, abençoada por Deus, espalhar-se-á longe..." Apesar de todos esses encorajamentos, eu estava ainda hesitante... Mas agora, não estou mais vacilando de forma alguma.

Eu o direi frente a todo o mundo, mesmo diante do Papa. Aliás, foi nosso Papa mesmo que me fez a mais bela promessa: "Habebis benedictionem primitivorum Ecclesiae" (Terás a bênção dos tempos iniciais da Igreja).

Tendo agora essas certezas e seguranças, todos devemos começar a praticar a Regra integralmente. Por conseguinte, cabe-nos começar a prática da prestação de contas, todos os meses. Entre as Oblatas, isso funciona bem; ali fiz minhas experiências, nós faremos a mesma coisa. Se eu não puder atender pessoalmente as prestações de contas de todos os nossos Padres, do grande e do pequeno colégio, por estar sobrecarregado, o Padre Rolland me substituirá. Os Noviços continuarão a fazê-la com seu Mestre, como no passado.

Na maior parte dos Seminários, pratica-se a prestação de contas. Isso chama-se geralmente "ir à direção". Eu estava durante muito tempo no Seminário; o que nos faltava, em nossos tempos, era exatamente a direção, a prestação de contas. Pois bem, o que acontecia? Era-se leviano, dissipado; zombava-se dos cônegos idosos; o espírito de fé não era muito profundo. Tínhamos excelentes professores e, no fundo, éramos bons rapazes, mas não se sabia proporcionar-nos, na direção espiritual, o meio para corrigir-nos os defeitos. Depois, o Seminário mudou de direção, tomando logo um outro rumo bem diferente: introduziu-se a prestação de contas, a direção confiante.

Prestam-se as contas sobre a prática da Regra e dos votos, sobre a caridade, sobre o trabalho a atender. Faz-se a prestação corajosa e filialmente. Ao terminá-la, a gente sai reanimado e todo renovado. É por causa disso que hoje estou insistindo nisso.

Sim, investiguem bem, meus Amigos, pesquisem profundamente as bases das sociedades religiosas que encontrarem e digam-me se acham algo mais ajuizado, acabado e profundo do que a nossa Regra... Será que isso quer dizer que os Oblatos são todos umas jóias? Não! Isso significa que, se os Oblatos forem fiéis às suas observâncias e ao seu Diretório, encontrarão nessas práticas mais meios de santificação do que em qualquer outra parte. Comecem a praticar esses meios e os Senhores serão bons, exemplares e santos. Ver-se-á o Salvador caminhar de novo no mundo, como dizia a Boa Madre. Para chegarmos a isso, importa aproveitar os meios. Precisa-se, especialmente, fazer a prestação de contas. No Noviciado a praticam; os nossos Padres de Mâcon e de São Ouen, igualmente. Estão muito satisfeitos; isso dá um cunho de seriedade à

vida religiosa. Precisamos começar com isso!...

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 31 DE MARÇO DE 1897

A PREPARAÇÃO PARA A ORDENAÇÃO - ORAÇÃO PELOS ORDENANDOS

Às suas orações recomendo calorosamente todos os nossos Padres que participarão da Ordenação, no sábado que vem.

Meus Amigos, eu gostaria que cada um compreendesse o que é uma Ordenação e que todos os que desejam ser ordenados se preparem seriamente, com muita antecedência. Um importante meio de preparação é ler e meditar o Pontifical, o "Manuale Ordinandorum". Assim, lembro-me de que no Seminário Menor, onde, no entanto, não se era tão piedoso, faziam-nos ler e comentar as orações e as cerimônias da Ordenação. Isso seja para nós o nosso tratado da preparação espiritual ao Sacerdócio e às outras Ordens. Compreendamos bem isso. Na Santa Igreja, tudo depende da fé, da oração, da união espiritual com Deus. A Ordenação não é uma simples cerimônia, uma mera iniciação. É uma mudança intrínseca, uma criação nova operada em nós, através de uma graça de escol, para a qual se precisa de uma preparação profunda.

Convém que todos tenhamos o "Manuale Ordinandorum" ou, pelo menos, que esteja facilmente ao nosso alcance. Que se o leia e, sobretudo, o medite. Seja para nós como um segundo Diretório.

Durante a minha prática de longa data - sempre recorro à minha experiência de muitos anos, mas já tenho um pouco de direito a isso! - não conheci bons Padres que não se tivessem preparado assim à sua Ordenação. Eles têm dado à Igreja a consolação de contar com santos sacerdotes, enquanto os que passaram pelas ordenações ao deus-dará pouco têm realizado.

Meus Amigos, o estado religioso é certamente santo, mas o Sacerdócio é o que há de mais elevado no mundo, porque, afinal, o sacerdote é a continuação de Cristo, é outro Jesus Cristo: Sacerdos alter

Christus. Quando os Senhores celebram a Missa, não dizem: "Isto é o Corpo de Jesus Cristo", mas: "Isto é o **meu** Corpo - Isto é o **meu** Sangue." Quando rezam a Missa, lembrem-se do que a Boa Madre dizia: "Tenho um Salvador!" O que não faço bem, por distração, por fraqueza humana, o Salvador supre, o Salvador repara. Quando rezamos a Missa, recordemo-nos de que é o próprio Cristo que a celebra; nós somos apenas os seus instrumentos...

Quanta preparação exige uma tamanha dignidade, uma tal graça! Geralmente se põe um intervalo bastante longo entre as diversas ordenações. A Igreja tem uma legislação a respeito. Antigamente, em Troyes, no meu tempo, dava-se a tonsura já no Seminário Menor, no final do segundo Ano do segundo Grau; as Ordens Menores, no fim do primeiro Ano do Seminário Maior; a gente se ordenava Subdiácono, no final do segundo Ano. Nos anos seguintes, vinham o Diaconato e o Sacerdócio. Esse intervalo é um tempo preciosíssimo; há mais oportunidade para meditar e apreciar a Ordem que se vai receber; a gente se prepara com maior solicitude. Essa séria preparação para as Ordens é muito importante, digo-o mais uma vez. É o que forma o homem interior. O Sacerdote não é uma máquina. O que faz o Sacerdote não é a batina que ele veste, é a semelhança com quem representa, com Nosso Senhor.

Rezaremos fervorosamente, portanto, pelos ordenandos. Não conheço nenhum bom Sacerdote que não tenha um caderninho com suas anotações sobre as ordenações, caderno que começa a partir da tonsura. Anotaram o que entenderam de cada Ordenação, o que experimentaram, o que os tocou. É isto mesmo o que constitui o bom Sacerdote: a compreensão de sua dignidade e de sua obrigação. De outro modo, o que será o Senhor? Uma aparência, um fantasma.

Convém, portanto, que, no Noviciado, cada um se prepare para a Ordem que há de receber. Então, o que vai acontecer? A convicção se formará e se implantará na alma; depois, virá a graça, superabundante e ela atuará. Reparem quanta solenidade a Igreja desdobra nas cerimônias das ordenações. De fato, não é isso o acontecimento mais importante de sua jurisdição?... Devia ser que, por parte do estado religioso, se colaborasse com toda a preparação possível. Notem que, nos Seminários, se encontra, por força das circunstâncias, uma dificuldade maior para essa preparação, porque os seminaristas não tiveram a formação do Noviciado e a prática dos votos religiosos; nem sempre compreendem bem a obediência, a pobreza os que estão no Seminário; talvez tenham um pouco em

vista um posto, uma colocação ou um ganha-pão honesto...

Provindo do estado religioso para o Sacerdócio, não deve ser a mesma coisa. É preciso que a gente esteja íntima e profundamente disposto a ser um homem novo, investido de poderes divinos: um tonsurado, um consagrado pelas Ordens Menores, um Subdiácono, um Diácono, um Sacerdote, um outro Jesus Cristo. Em cada intervalo entre as ordenações, com o recurso todo-poderoso da graça, é imprescindível preparar-se profundamente à mudança, a essa dignidade. Reparem a Ordenação: que grande acontecimento que abrange o Céu e a terra. É o que há de maior, de mais belo, de mais necessário sobre a terra; é o Céu aberto..., é uma questão da eternidade!...

Rezemos, pois, com fervor pelos nossos ordenandos. Desejo muito que, durante esta semana, façam uma intenção especial por eles, na Santa Missa; e aqueles que não são Sacerdotes recebam uma Comunhão nas intenções deles. Especialmente no dia da Ordenação, reze-se com eles e por eles. A oração é absolutamente necessária para obter as graças especiais, além das bênçãos que Deus concede normalmente ao povo e aos homens em geral. Se a oração não fosse necessária em ocasiões como essas, Nosso Senhor não teria dado o exemplo (cf. Lc 6,12.13). Não teria passado a noite em oração, na montanha, não se teria retirado na solidão, sozinho. (cf. Jo 6,15).

Ó meus Amigos! compenetremo-nos dessas coisas. Levemos a vida a sério! Não seja uma vida de moleques, de escolares ou mesmo de professores que encaram as coisas superficialmente. Nessa preparação séria para as ordenações é que reside o porvir da Congregação.

* * * * *

Recomendo a suas orações o descanso da alma de Padre Paul Rougelot. De sua morte soubemos por telegrama, nesta semana. Em sua última carta, muito bonita e que merece ser publicada nos Anais, ele me prestava as contas de sua vida, de seu ministério, sempre de viagem, a cavalo, agüentando alegremente as fadigas e a fome, para confortar e instruir os pobres católicos. Dizia-me que gostava dessa vida e que estava passando às mil maravilhas e... hoje está morto... Foi devido a um acidente? Será que foi a febre tifóide muito violenta naquele país? Não sei.

Recomendo-lhes também Padre Bony que está muito doente. Para a

Congregação, essas são grandes provações e devemos acatá-las, meus Amigos. A provação humilha, mostra-nos o que somos e como precisamos da ajuda de Deus.

* * * * *

Estamos no tempo da Quaresma; convém, pois, oferecermos algumas das nossas práticas de mortificação pelos nossos falecidos, nossos doentes, nossos ordenandos. Certamente, a oportunidade para essas mortificações encontraremos facilmente. Era o grande segredo da Boa Madre; ela dizia: Não cabe a nós procurar os meios, mas Deus no-los proporcionará; sempre, pois, falta alguma coisa entre os meios que nós escolhemos e queremos aproveitar e nunca falta nada àqueles que o Bom Deus nos fornece. Meus Amigos, compreendamos bem isso e procuremos praticá-lo durante esta Quaresma.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 7 DE ABRIL DE 1897

CRÍTICAS DE FORA E NÓS - TER PARA DAR, NA PRÁTICA

Vou lhes apresentar uma recomendação muito importante, uma recomendação à qual todos devem prestar muita atenção.

Atualmente há na Diocese, e sobretudo em Troyes, algo como uma efervescência contra a maneira de ser dos Sacerdotes. Certas pessoas, que certamente não são muito ajuizadas, vão, pelo que parece, ao bispado para fazer todo o tipo de denúncias. O Vigário Geral disse-me, há pouco, que isso começa a cansá-lo. Eu mesmo, por parte de pessoas que se dizem sumamente dedicadas - mas em cujo devotamento eu não acredito nem um pouquinho - ouvi acusações contra este ou aquele Padre de "São Bernardo", contra um ou outro auxiliar...

É ridículo, meus Amigos; mesmo assim, convém darmos um pouco de atenção a isso. Verdade é que houve alguns escândalos em Troyes. Is-

so comoveu a opinião pública; agora gostariam de fazer de tudo um escândalo... Disseram-me que há um Padrezinho de "São Bernardo" que não tem de forma alguma uma conduta que convém a um eclesiástico. Pedi a essas pessoas caridosas a descrição dele. Fizeram-me um retrato detalhado que, felizmente, com toda a evidência, não se pode aplicar a ninguém de "São Bernardo". Portanto, teremos que trocar de assunto... e o mudaremos.

Meus Amigos, precisamos de nossa reputação; há motivos de cuidar-se para evitar de ser criticado. É importante voltar sempre ao que afirma o Concílio de Trento: Nihil nisi grave, moderatum ac religione plenum prae se ferant (Comportem-se unicamente com gravidade, moderação e muito espírito religioso). Em Troyes, o clero se comporta bem, é muito digno. Esforcemo-nos mais ainda para comportar-nos bem e ser dignos. Há pessoas boas que não são de modo algum favoráveis a "São Bernardo"; tenhamos cuidado. Procedamos corretamente, sem medo, com simplicidade, sem mostrar-nos incomodados e sem incomodar ninguém. Atualmente, repito, há uma corrente violenta contra o clero. Como nos defenderemos de toda a crítica? Observando fielmente o que está dito nas Constituições: não sair sem licença, sem avisar aonde se vai e por qual motivo se sai. Observemos bem esse ponto da Regra e toda ela, pois fora da Regra não há mais garantia, nem para a comunidade nem para o indivíduo.

Evitaremos, então, toda a espécie de relacionamentos habituais com uma família, com uma casa, com uma pessoa em particular, sem permissão expressa, porque todo o religioso ou toda a religiosa que se prende a uma pessoa ou a uma casa de fora perde a felicidade de sua vocação ou até a própria vocação. Não teremos, portanto, contatos com as pessoas do mundo; e se somos obrigados a tê-los, ficaremos bem nos limites de nosso cargo e da obediência. Repito, não façamos visitas sem missão nem tampouco ser permissão. É uma sujeição, mas essa submissão os poupará a muitos aborrecimentos e muitas misérias.

* * * * *

Preparar-nos-emos para as solenidades da Páscoa; não deixaremos passar os mistérios da Paixão, sem dela aproveitar os benefícios. Olhem, a Santa Igreja não institui festas sem uma finalidade especial. Páscoa é a Ressurreição; Sexta-Feira Santa é a morte de Nosso Senhor; vejamos o que há em nós que deve ressuscitar ou, ao contrário, que deve

morrer em nós, em nossa vida, em nossas inclinações, em nossos costumes. Uma pessoa verdadeiramente inteligente, ajuizada, de coração sensato não corre atrás de qualquer coisa, atrás de tudo o que imagina e lhe passa pela cabeça; não só se serve daquilo que tem à mão. Por exemplo, as festas: Domingo de Ramos, Quinta-Feira Santa, Sexta-Feira Santa, a Festa da Páscoa; aproveitemo-las. Não convém que esses dias passem como os outros, sem proveito para nossas almas; de outra maneira, nossa alma ficará muito pouco sensível e quase não saberá compreender o que precisa e em que consistem seus verdadeiros benefícios.

Sejamos homens práticos. Sem isso, não chegaremos a nada; ora, nada de mais triste do que o nada, o próprio nada. Olhem o que se diz no Apocalipse: Utinam frigidus esses aut calidus. Assim, porque és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar de minha boca. (Ap 3, 15.16). O nada, isso indigna o coração.

Como manter em nós esse calor, essa vida?... Durante a Visita ao Santíssimo Sacramento, na Santa Missa, rezem para obter isso; reflitam sobre isso nos momentos de lazer e de descanso. É assim que a gente se enriquece.

Lembrem-se de um gênio, ou seja, Bossuet. Todos os seus pensamentos estavam voltados para a Sagrada Escritura, tanto em sua "Sublimidade dos Mistérios" como em suas "Meditações sobre o Evangelho". Leiam, em particular, a palestra aos discípulos após a Ceia, leiam-na e verão somente o texto sagrado, com um pequeno comentário, no entanto, quanta luz e quanto esplendor Bossuet projeta sobre o texto evangélico!...

Meus Amigos, repito, não devemos ser umas nulidades. Desejo ardentemente que os Oblatos sejam algo; que haja entre nós esse juízo seguro, prático que aproveita tudo para a santificação e para o amor ao Bom Deus.

Uma palavrinha, um dizer do breviário nos dará uma luz, algo que não se apagará, que ficará dentro de nós e formará nosso patrimônio; quando tiverem que falar, não precisarão procurar alhures, nos livros, pois terão dentro de si o que terão que dizer. Serão os Senhores que o dirão e não serão só um eco. Dessa maneira, meus amigos, a gente se torna valioso, exerce-se uma atividade verdadeira e salutar junto às almas; o que se lhes comuncia é vibrante, é uma comunicação pessoal.

Celebrem, portanto, as festas bem de acordo com o espírito da Igreja e da Regra, serão alimentados e esclarecidos e terão valor; não

serão inúteis como tantas pessoas. Há tanta gente, hoje em dia, que não vale nada e não serve para nada.

Mas, concretamente, como chegar a sermos algo? Fabricando fit faber (Batendo ferro é que se fica ferreiro); o provérbio é antigo, mas é plenamente verdade. Façam isso de todo o coração nestes dias de festas: o Domingo dos Ramos, a Paixão e a Páscoa. Em todas as solenidades da Igreja há tantas coisas bonitas que esclarecem, que animam, que estimulam; vivam disso nesta semana e terão do que se alimentar. Passem com isso o tempo de sua meditação, e não será uma meditação de amor próprio ou de moleza. Reflitamos, rezemos, estejamos recolhidos também, aproveitemos tudo o que acontece em nós e em volta de nós, o que fazemos ou o que ouvimos, as novidades, nossos pequenos exercícios, nossos esforços quotidianos; não deixemos nada perder-se. É assim que chegaremos a ser alguém e faremos alguma coisa de valor.

Padre Poupard está dando um curso às alunas das Oblatas. Gostam de ouvi-lo; ele é escutado. Por quê? Porque Padre Poupard trabalha; todos os dias encontra coisas novas para ele e as recolhe; isso dá vida e interesse cativante aos estudos dele e às suas lições. Essas moças dos Cursos dizem: Deviam ser sempre Oblatos que nos pregam os retiros. Não entendemos os sermões dos outros pregadores. Pelo menos, quando um Oblato prega, ele nos diz coisas compreensíveis... Evidentemente, se a gente se contenta em escrever um sermão copiado a esmo de um livro de pregações e depois recitá-lo ao deus-dará, para que será isso? Que vale, se a gente não está compenetrado do que se diz e não comunica uma palavra viva?... Sejamos homens práticos e cada um de nós seja alguém, fazendo alguma coisa!

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 5 DE MAIO DE 1897

A NOSSA MORTIFICAÇÃO - O VOTO DE CARIDADE

Um Frei Capuchinho, consultor em Roma, foi encarregado de rever as nossas Constituições. Em seu relatório, ele achou muito bonita a doutrina de São Francisco de Sales. Acrescentou, porém, que não encontrou nessas Constituições o traço de alguma mortificação exterior e que nenhuma comunidade pode subsistir sem penitência regulamentar, nas sextas-feiras, jejum nas vésperas das festas solenes... Mas a comissão não considerou oportuno admitir esse acréscimo, afirmando que, se os Oblatos cumprissem já com muita fidelidade as Constituições e o Diretório, assim como estes são, teriam - por isso mesmo - o suficiente de penitência e mortificações exteriores como também interiores.

Meus Amigos, devemos compreender bem o assunto. São Francisco de Sales é muito amável; todos o sabem e é verdade. Mas, penetrando no fundo de sua doutrina, vê-se que a mortificação, tanto exterior como interior, é integral e completa. Ele mesmo era muito mortificado nas refeições, na roupa, em seu porte. Sua doutrina prega-nos, continuamente e sem rodeios, tudo aquilo que devemos a Deus de morte a nós mesmos e aos sentidos, de morte tão exterior. A nossa vida inteira, na doutrina do Santo, é renunciar a nós mesmos para vivermos unidos com Deus. Isso é toda a nossa vida, todo o nosso exercício. E isso não deve ser uma mortificação da qual só Deus é testemunha e a qual permanecerá estéril e sem efeito. Nossa mortificação deve produzir um benefício imenso, antes de mais nada, em nós mesmos e, depois, no próximo. No ato de amor que o Diretório nos pede, quando nos faz renunciar a nós próprios para estarmos unidos com Deus e na edificação que essa união com Deus suscita no próximo, se encontra a melhor e mais proveitosa das mortificações.

Como praticar essa mortificação? São Francisco de Sales nos indica o meio. Vivemos em comunidade; nossos gostos, nossos caracteres não são iguais. Há, conseqüentemente, atritos, choques que podem ser freqüentes, sensíveis e, às vezes, dolorosos. São Francisco de Sales não só recomenda suportarmo-los, mas acolhê-los com amabilidade e paciência, transformando-os em atos de virtudes, ao fazer com que tudo o

que nos custa concorra para o bem das almas e em favor da Santa Igreja.

Para isso, meus Amigos, lhes aconselho o que já lhes recomendei muitas vezes, - e todos os que me atenderam experimentaram o bom resultado - a saber, que façam o voto de caridade. Ora, esse voto não consiste somente em não falar mal do próximo, mas em ser cortês, condescendente, bom e serviçal para com ele. A caridade deve ser positiva e não só negativa. É preciso ajudar o nosso próximo em tudo o que ele tem que fazer, por nossas orações, por nossa simpatia, por todos os nossos esforços e à custa de nós mesmos. Quando tivermos alcançado isso, então teremos, meus Amigos, a mais bela comunidade que se possa encontrar... Precisamos ajudar o nosso próximo pela oração. Assim, por exemplo, um Padre que é dedicado a pregar, a exercer o ministério pastoral; é necessário rezar especialmente por ele. É para nós um dever sagrado rezar por aqueles que mais necessitam, na meditação, na Santa Missa, na hora da Comunhão. É importante rezarmos sobretudo por aqueles cuja maneira de ver diverge da nossa.

Assim acontecerá a fusão das vontades, dos afetos, dos espíritos e dos corações. Praticando a caridade dessa forma, a comunidade é forte, unida e santa também. É o meio de ir para o Céu pelo caminho mais curto. Mas isso não é nada fácil; é exatamente a mortificação maior que se pode imaginar. E, sendo que custa, vale alguma coisa, mais do que privar-se de um pedaço de pão. Procuremos seguir por esse caminho; seremos, então, verdadeiros Oblatos. Demos todo o nosso apoio à obra de nosso próximo; sejamos bons para com ele, compassivos, delicados, diz São Francisco de Sales. Cada um tem suas misérias, suas fraquezas, suas originalidades que, muitas vezes, equilibram as nossas. Certamente aí se abre um campo para sacrifícios, mais produtivo do que o jejum a pão e água. E o que acontecerá, então? Essas coisas, pois, se notam. O Senhor jejua, ninguém tira vantagem diretamente, a não ser quem jejua; ninguém é edificado nem animado. O Senhor faz um ato de caridade, é amável, paciente, condescendente, todos se edificam; vêem o Senhor onde deve estar. Façamos empenho por exercer-nos nisso. Por que a maior parte de nós não faria o voto de caridade, após consultar o confessor, para quinze dias, por exemplo?

Ao dizer-lhes isso, não desconheço a dificuldade, até a impossibilidade natural. Para executá-lo, é necessária uma graça especial que o Bom Deus nunca recusa. Esse laço sobrenatural que se estabelece, assim, entre os religiosos faz com que haja entre eles um bem-querer

generalizado e torna os relacionamentos mais fáceis. É imprescindível, pois, chegarmos a essa prática da caridade. Suponham um Padre que realiza alguma coisa; não se deve contrariar o que faz e tentar destruí-lo, mas, pelo contrário, tem que se ajudá-lo pela oração e, dentro do possível, facilitar-lhe o resultado feliz. Isso é grandeza de ânimo, isso é o que é bonito! Todo o resto é miséria e mesquinhez. Fulano não faz como preferíamos e o censuramos, mandamo-lo plantar favas...; isso é dar provas de pouca inteligência e de pouca virtude. Pensemos bem nisso; façamos nosso voto de caridade e sejamos fiéis, aplicando toda a nossa boa vontade em relação àquilo que faz o nosso próximo.

Não o contradigamos e jamais lhe criemos embaraços, sempre que, evidente, fique dentro dos limites da obediência e da Regra. Respeitemos o que cada um faz, isso é uma obrigação.

As Constituições dizem que não se deve passar por um outro sem saudar-se mutuamente; elas querem que haja respeito recíproco e que se manifeste consideração; sejamos fiéis nesse sentido, não só quando nos encontramos, mas em todas as circunstâncias. Em cada rincão das Constituições, em cada canto da Regra, há um sopro, uma centelha de vida, um raio da verdade e do amor divinos. Saibamos aproveitar isso cuidadosamente; tratemo-nos mutuamente com respeito e que se perceba esse acatamento. É uma grande e eficiente tática, meus amigos, essa de ter deferência diante daqueles com os quais a gente tem contato por motivo de assuntos espirituais.

É esse o nosso espírito. Se o Oblato se limita a ser um sacerdote comum, isso não basta. Ainda que seja um santo, faltando-lhe esse matiz, não é um verdadeiro Oblato. Não será tão bem-sucedido como deveria ser... Essa condescendência, essa caridade, essa amabilidade é o âmago da doutrina de São Francisco de Sales. Leiam a vida dele; leiam os seus escritos: é isso de cabo a rabo. Mais uma vez, será que é fácil? Nem tanto!... Aguentaremos por muito tempo? Sustentaremos longamente nossos bons propósitos? Não, com certeza, se não nos comprometemos por um voto, porque não se faz uma coisa difícil de maneira constante, a não ser sentindo-se obrigado a isso e forçado pelo peso do compromisso.

Quando comparecermos ante Deus, apresentando essa mortificação da caridade, não teremos necessidade alguma daquela do bom Frei Capuchinho. Posso assegurar a esse excelente Padre que o domínio sobre uma palavra é mais meritório do que a privação de um bocado de carne. É es-

sa a doutrina que é preciso ensinar e praticar em nossas Obras, em nossos Colégios.

Há uma Congregação que faz um enorme bem. São os Redentoristas. Por quê? Porque seguem os princípios da Teologia do seu Fundador, Santo Afonso de Liguori, na direção espiritual. Este e São Francisco de Sales têm mais ou menos o mesmo espírito. São Francisco de Sales também é um grande e profundo teólogo; vai até mais longe do que Santo Afonso; Francisco é moralista, sem dúvida, mas também é filósofo; é o homem que vivia na sociedade e a conhecia profundamente, apresentando-lhe os remédios necessários; é o profeta também que pressentiu os séculos vindouros e preparou os recursos precisos para as necessidades de cada tempo. Ora, obra. Façamos, portanto, bem aquilo que ele fez.

Tivemos, há alguns dias, uma reunião da Associação Sacerdotal; foi uma revelação para alguns desses bons sacerdotes. Um deles, que tinha sido um férreo opositor nosso até agora, quer tornar-se, diz ele, um dos mais devotados defensores da nossa obra. Compreendeu que nossa maneira de agir é correta e agrada a Deus, enquanto deixa à alma toda a liberdade, toda a sua iniciativa e entendeu que a pessoa não está submetida a uma vigilância incômoda, a uma coação humilhante.

Forma facti gregis ex animo (1 Pd 5,3) (Feitos como modelos do rebanho). Os Senhores terão que dirigir um rebanho de almas. Deve existir realizada no seu interior, desde já, a forma que derem a essas almas, para que sejam agradáveis ao divino Pastor. Comecem logo; sejam o modelo. É assim que fazia São Francisco de Sales. Dediquemo-nos, pois, à prática do voto de caridade. Estamos no Tempo Pascal; seja isso para nós a ressurreição a uma vida nova; não seja mais a nossa vida, mas a vida dele.

Rezemos a São Francisco de Sales e à Boa Madre e seremos homens de valor, realizaremos algo de bom; para nós também teremos alguma coisa: a recompensa merecida pelos nossos sacrifícios e por nossas renúncias. O Bom Deus recompensa sempre magnificamente a vida de sacrifícios.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 12 DE MAIO DE 1897

O SUPERIOR GERAL - O CONSELHO GERAL

"O Instituto é governado por um Superior Geral, eleito para toda a vida, em Capítulo Geral."

Nas Congregações que se fundam, dificilmente se consegue um Superior Geral vitalício. Quando fomos a Roma para apresentar, pela primeira vez, as nossas Constituições, passamos por Turim para pedir conselho a Dom Bosco. - Fiquem conosco, disse ele primeiro! - Não é possível, eu lhe respondi - estou indo exatamente para pedir a aprovação de nossas Constituições, em Roma.

E lhe acrescentei algumas palavras sobre a nossa Obra e sobre a missão da Boa Madre Maria de Sales.

- Então, continuou ele, - peçam em primeiro lugar e procurem obter, antes de mais nada, um Superior Geral vitalício. É sumamente importante para uma Congregação que está nascendo. A nós nos custou muito conseguí-lo. Vão falar com o prelado tal, de minha parte, e ele pleiteará sua causa; ele tem influência... Importa insistir nesse ponto das Constituições. Quando o Superior não é vitalício, isso pode criar muitos problemas. Os ambiciosos cobiçam ser Superior Geral, e isso suscita partidos, e daí surgem dificuldades muito grandes. A autoridade não se afirma como devia ser. Fundações podem ser feitas pelo Superior e desfeitas enquanto ainda vivo, porque elas não foram compreendidas e apreciadas devidamente. Essa maneira de agir não fornece a uma Congregação as condições de fundar-se; ela fica mais ou menos instável. Peçam a Roma um Superior vitalício; se o conseguirem, terão alcançado muito.

Segui o conselho de Dom Bosco, mas não obtivemos, na primeira vez, o que pedimos. Apresentando de novo as Constituições, reiteramos a petição de um Superior Geral vitalício e no-lo concederam definitivamente. Da minha parte e se se tratasse só de mim, certamente não o teria pedido...

Portanto, sem dúvida, não se acha nunca sucessores que desempenham sua função tão bem quanto a gente... No Paraíso, talvez, se pensará diferente! Estou convencido de que quem me suceder terá as mesmas convicções que eu e de que - embora, de sua parte, esteja tão despreen-

dido como eu quanto ao cargo de Superior - reconhecerá que os inconvenientes assinalados por Dom Bosco são reais. Dom Bosco era muito ajuizado e, além disso, tinha experiência...

"A eleição presidida - com a aprovação da Propaganda Fide - por um Delegado ou seu Assistente, se o julgar oportuno, deve sempre se decidir por maioria absoluta de votos e por votação secreta."

A Propaganda Fide pode enviar um Delegado para presidir o Capítulo Geral ou deixá-lo ser presidido pelo Assistente, à sua escolha. Quem preside deve preencher certas condições exigidas para assegurar a lealdade e a liberdade de voto.

"Além da idade correspondente, o Superior deve ter os conhecimentos e as virtudes necessárias para o cargo."

É preciso que o Superior Geral tenha condições para enfrentar todas as necessidades, para responder a todas as questões que lhe forem apresentadas. Não é necessário, no entanto, que seja licenciado ou doutorado. Mas deve ter conhecimentos suficientes dos assuntos que lhe são submetidos, para poder emitir o seu parecer ou decidir as questões, com a ajuda do seu Conselho, com plena percepção do assunto. Precisa, portanto, não só da Teologia - como todo o sacerdote sério deve dominar a Teologia dogmática, moral e ascética - mas importa que disponha desses conhecimentos num grau suficiente para poder dirigir a comunidade. É-lhe necessário, evidentemente, um conhecimento perfeito da Regra do Instituto. É imprescindível que conheça a fundo a doutrina de São Francisco de Sales e a da Boa Madre Maria de Sales. Se estiver mais ou menos por fora desses assuntos, claro, não deveria ser eleito; não corresponderia absolutamente às expectativas quanto a sua missão. Não é eleito Superior Geral dos Oblatos de São Francisco de Sales para realizar o que se faz em toda a parte. São as mesmas questões como em todos os lugares, sem dúvida, mas esses assuntos, muitas vezes, devem ser tratados de modo diferente e com meios especiais. É mister que ele esteja a par de todos os aspectos que constituem o nosso espírito, nossa doutrina, nossos princípios, nossa maneira de agir própria e que, para nós, são pontos vitais; importa que ele os aprecie e os tome a peito com todo o empenho. Não preencherá a condição absolutamente necessária, "sine que non", para ser eleito, se não estiver muito ao corrente e muito convicto do nosso ensino, de nossas obras, de nossos métodos e

modos de agir. É realmente preciso que saiba dirigir a Congregação pelo caminho para o qual foi fundada.

O Superior Geral deve ter um **"reto juízo"**. Ora, o bom senso não é dom que todos tenham da mesma forma, seja qualitativa seja quantitativamente. Pode-se ter um juízo muito bom sobre uma coisa, mas não sobre outra. Pois bem, o Superior Geral necessita de uma visão acertada de todas as coisas; não deve ter **"excessos"** em sua maneira de encarar as coisas, nem **"excentricidade"** na sua maneira de agir. É forçoso que tenha uma **"vontade constante"**; não aconteça que hoje queira uma coisa e amanhã outra. Não se deixe jogar em todo o tipo de métodos e iniciativas; não terá sucesso em nenhuma delas. **"Sua virtude deve estar experimentada"**. Claro que não pode ter maus costumes; nem jamais deve ter sido possível falar seriamente mal dele. Entretanto, é certo que a fama de um ou outro religioso, atacado falsamente, não seria um obstáculo para a sua eleição, se sua vida, real e reconhecidamente, está isenta de mancha.

"Até certa altura, ele deverá possuir a virtude da humildade, da amabilidade, da caridade, as quais tanto brilhavam na pessoa de São Francisco de Sales."

De todas as virtudes, a humildade é a mais indefinível; não se pode determinar, com precisão, onde começa e onde termina. Tendo um reto juízo, sempre se possui a humildade conveniente. Julga-se bem a si mesmo, de acordo com seu verdadeiro valor e daí sobra pouca inclinação para o orgulho. Têm-se virtudes?... É o resultado da graça de Deus. Ele é que preveniu, preservou e agraciou a gente de forma especial. Se Deus não nos tivesse sustentado, seríamos talvez piores do que qualquer outro. Se não fôssemos rodeados, socorridos, circundados como por uma cerca protetora, teríamos caído, talvez, mais fundo do que os outros. As capacidades, a inteligência de que somos tentados a orgulhar-nos, não é Deus que no-las deu todas gratuitamente? Quando se tem juízo, vê-se que, ao saber muitas coisas, há muito mais ainda que se ignora. Um bom meio para conservar a humildade é ver clara e acertadamente, colocando tudo no seu devido lugar e lembrando sempre que o homem mais inteligente, mais santo - se o Bom Deus não o tivesse prevenido e amparado - seria talvez o mais tolo e miserável dentre os homens.

"A amabilidade..."

Essa virtude ensinará ao Superior Geral a não exigir de quem quer que seja o que não pode dar, o que não pode fazer. Instruí-lo-á a não pôr um fardo esmagador nos ombros demasiadamente fracos.

"A caridade..."

Todas essas virtudes brilhavam de forma toda particular em São Francisco de Sales. Para que o Superior possa inspirar aos outros essas virtudes salesianas, é necessário que ele mesmo as pratique; dessa maneira poderá conduzir as almas facilmente no espírito de São Francisco de Sales, que deve ser o nosso. É indispensável muita força espiritual para praticar todas essas virtudes; é forçoso deixar de lado suas idéias próprias e sua maneira de ver; importa pôr-se de lado para dar preferência aos outros.

O que, sobretudo, temos que pedir ao Bom Deus para os Superiores e também para cada um de nós, é juízo: Da mihi, Domine, sedium tuarum assistricem sapientiam (Sb 9,4) (Dai-me, Senhor, a sabedoria que partilha o vosso trono). Esta é a sabedoria que Salomão pediu. É o juízo que forma o homem e lhe dá o seu valor real. O reto juízo nos faz julgar bem a nós próprios e os outros. Ele nos dá o espírito de amabilidade, de caridade, de humildade; é o vaso precioso que contém toda a dádiva divina.

Reparem como São Francisco de Sales, com seu reto juízo, sabia dirigir as almas. Não lhes dava grandes preleções sobre a humildade, sobre a amabilidade, mas se empenhava para levar a alma, pouco a pouco, a essa vida de comunicação íntima e constante com Deus que ilumina todo o homem. É a essa luz que nos chama e quer que a sigamos; é por esse caminho que deseja que entremos. Deus realiza, então, nessa alma tornada dócil, mais que fariam os sermões de orientação e os exercícios das virtudes mais elevadas, que se tornam facilmente um peso e afastam aquele que tenta praticá-las...

Havia um bom e santo professor de Teologia, o Padre Godot. Sem dúvida alguma, ele era muito bom e profundamente virtuoso. É muito bom, certamente, ser virtuoso, mas o bom Padre Godot não era lá muito salesiano, a tal ponto que ele forçava as pessoas com as quais tinha contato, para que se dirigissem a Deus rezando: Meu Deus, concedei-me a graça de, no Céu, não colocar-me ao lado do Padre Godot! Era, pois, virtuoso, era humilde, mas terrivelmente maçante. Fazia a sua meditação e

não queria ser estorvado. E Joaninha, sua empregada, chegava a perturbá-lo. - Joaninha, deixe-me em paz! Mas ela voltava à carga. - Joaninha, você me aborrece! Ela volta uma terceira vez e apanha uma bofetada... Era o ramalhete espiritual da meditação do Padre Godot, sobre a paciência e a amabilidade.

Suponham que o Senhor esteja inclinado à maledicência; o Senhor vai fazer seu exame particular de consciência a respeito. É bom! Façam-no. Mas se só conta com isso, não irá muito longe. Procure unir o mais constantemente possível a sua vontade com a Vontade de Nosso Senhor; tente amar o que ele amava; daí, amará ao próximo e não mais falará mal.

"O Conselho Geral."

O Superior, com consentimento do Conselho Geral, pode fazer aquisições, sem a autorização da Santa Sé. Os bens da Congregação são os bens da Igreja. Sempre se pode dar bens à Igreja; mas para alienar bens que já se possuem é necessária a autorização da Santa Sé.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 19 DE MAIO DE 1897

O GOVERNO DO INSTITUTO: A ORAÇÃO, O RESPEITO PARA COM OS OUTROS

"Os Superiores locais só ocuparão o seu cargo durante três anos."

"O Superior Geral deve fazer, cada três anos (sic!) ("de vez em quando!, "de temps en temps" reza a edição das Constituições de 1898 - Troyes - Paul Bagé, Imprimeur - tr.)**, a visita nas casas do Instituto."**

Hoje em dia, o mundo não se deixa mais conduzir como antigamente; respeita-se pouco a autoridade. Basta falar sobre autoridade para suscitar descontentamento e reclamações de todos. Convém, pois, pro-

cedermos de outra maneira. Primeiramente, o Superior seja um bom religioso e pratique fielmente a Regra, antes de mandar que a observem aqueles pelos quais ele é responsável. O primeiro e grande meio é a oração; isso vale para tudo. O Senhor é Diretor de um colégio; com isso tem uma responsabilidade que lhe pesa; é um cargo esmagador. O Senhor tem maneiras de ver pessoais, tem esta ou aquela dificuldade. Reze. Nunca conseguirão nada sem oração, a própria tentativa seria irrazoável. Os tempos estão difíceis; a malevolência, a má vontade os rodeiam. Essa malquerença não chegou ainda até aqueles que os Senhores estão dirigindo, sem dúvida... Mas, afinal de contas, o ar não está carregado disso mesmo?... Rezem. Antes de mais nada e sempre, importa rezar, recomendando a Deus as coisas, as pessoas, os assuntos...; na meditação, na reza do seu Breviário, na hora da Santa Missa, pensem nisso e peçam a Deus que os ajude. Sejam pessoas sobrenaturais. Isso em primeiro lugar.

E há um segundo: é imprescindível que o Superior tenha caridade para com aqueles que o rodeiam; é importante querer bem aqueles pelos quais somos responsáveis. Mas como amar um caráter diagonalmente oposto ao seu, tendo maneiras de ver contrárias às do Senhor? Mesmo fisicamente são diferentes; ele gosta da tranqüilidade, o Senhor prefere a atividade; a ele encanta o barulho, o Senhor deseja o silêncio... Pois bem, importa encontrarem no amor a maneira de fazer desaparecer essas divergências. Seria bom que as próprias diferenças fossem um motivo para apegar-se a ele. O Senhor, de fato, não possui tudo o que lhe convém... e ele o complementará. Coloque-se seriamente diante da pergunta: Se estivesse ao meu lado um igual, igualzinho a mim, contribuiria eu para alguma coisa? Não, certamente... Queiramo-nos bem, portanto. Tenhamos em conta os caracteres, os ambientes nos quais se encontram aqueles cuja colaboração não lhe a grada. Ponha tudo isso, como diz São Francisco de Sales, no crisol, no alambique... Repita a seus botões: É isso mesmo o que preciso para que se origine um bom conhaque, de alta qualidade. Apreciemos no mais malandro o que Deus pôs de bom nele, o dom de Deus. Encaremo-lo por aí, em todas as nossas relações com ele, em nossa apreciação, e nossos julgamentos. Sem dúvida, se for um delinqüente, precisa ter cuidado; não é necessário que a caridade chegue a fraqueza. Mas se for mister repreender, censuremos sempre com amor e que se sinta realmente que não falta afeto.

Queiramos bem os nossos subordinados dessa maneira. E, então,

o que vai acontecer? Antes de mais nada, os que nos rodeiam terão estima por nós, obedecerão e acabam querendo-nos bem; terão confiança em nós.

Antigamente, no Seminário Menor, tinha como professor o Padre Auger, santo e douto varão. O que mais me impressionava nele era o grande respeito que tinha para com todos os seus alunos, mesmo diante dos menos inteligentes. Nós também, meus Amigos, temos que respeitar os nossos alunos, todos os que nos são confiados. Não há ninguém tão desprovido que não haja nele um reflexo do Bom Deus; partam daí, desse raio de luz, para tratá-lo sempre com o devido respeito. Mas, para agir assim, terão que reconhecê-lo; precisa-se uma dose de bom senso, de juízo um tanto fora do comum. Não se deve deixar despercebido, mas antes saber apreciar o valor real daquele com quem tratamos.

Mais uma vez, isso é um ponto importante. E é preciso estender essa maneira de agir sobre tudo o que encontrarmos na vida, tudo... Estamos num convento? Devemos apoiar a Superiora junto às suas religiosas e não prejudicar-lhe a reputação. Quanto às famílias, tem que se tentar dar razão ao pai e à mãe ou, pelo menos, se a verdade e a justiça não o permitirem, é imperativo procurar desculpá-los, justificá-los; requer-se salvaguardar o respeito, pelo menos, toda a autoridade. Mais uma vez, ao seguir essa norma, a gente atrai a confiança e se faz o bem. Mas importa olhar por cima da personalidade no juízo que formamos; é o dom de Deus que precisamos descobrir primeiro; observem isso antes de olhar a personalidade de uma pessoa ou outra. Além disso, desconsiderem também e sobretudo a sua personalidade própria, para só ver a obra divina.

Tem que se aplicar isso a tudo.

Quando for ordenado e receber o Sacerdócio, é-lhe dito: Oportet praeesse. Mas presidir como? Toca-lhe presidir a alma que se coloca sob sua direção, os assuntos dos que lhes são subordinados, o colégio ou a casa onde é Superior e os alunos que tem na aula... O que vem a ser presidir - praeesse? É ficar na frente ou acima para observar, ver, julgar, apoiar, defender... Mas que a nossa personalidade não seja o que escureça nem apague a luz de Deus, do Espírito Santo, que está presente nessa pessoa. Essa é a condição essencial para presidir bem, praeesse. A primeira conseqüência dessa presidência é o respeito que devemos ter para com os nossos coirmãos, nossos alunos, para com as almas que vêm a nós. Dessa forma preparamos crianças para a Primeira Co-

munhão. Em cada uma delas há um dom de Deus, respeitemo-lo. O respeito que tiver testemunhado à criança ficará uma grata lembrança. Gostará, mais tarde, de lembrar esse grande dia, porque a impressão causada será grande e permanecerá.

Mais uma vez, é esse o nosso método de educação, nosso "modus vivendi" para com as pessoas, de uma forma ou outra relacionadas com nssa autoridade. No término de sua capacidade, se a pessoa vê que se respeita esse limite, ela será agradecida e se apegará aos Senhores. A direção espiritual não é uma questão de administrar, que se atende por meio de um papel mais ou menos oficial; trata-se de almas, de inteligências, de corações. Não é por ter imaginado um projeto de trabalho, um processo perfeito, um meio que se considera infalível que tudo sairá a contento. Para construir uma casa, deve-se aproveitar o material à disposição. É com as almas que os Senhores têm nas mãos, antes do que com suas idéias e seus esforços próprios, envolvendo essas almas assim como são, é que os Senhores serão bem-sucedidos, com o dom de Deus depositado nelas.

Cada um, portanto, se dedique bem à sua tarefa e diga a seus botões: É isto o que tenho que fazer; é isto o que me foi indicado; isto me toca fazer... E isso devo fazer realizar; e a quem devo mandar, ajudá-lo-ei nas suas deficiências.

Os Oblatos devem ser homens de vontade determinada e reto juízo que saibam pôr-se à frente daquilo que se apresenta, frente ao objetivo a alcançar. Com a oração, com a reflexão e a prudência se consegue e se realiza o bem.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 26 DE MAIO 1897

A PRESTAÇÃO DE CONTAS - "A CORREÇÃO FRATERNA"
A NOSSA ADAPTAÇÃO ÀS FUNÇÕES

"Cada mês, o Superior ou quem o substitui terá que dar, quer

em Capítulo quer em particular, a correção fraterna a todos os Oblatos sobre as faltas ou deficiências com respeito à Regra ou às Constituições."

Esse é um artigo que quase não observamos até agora: Cada mês, o Superior deve aplicar a correção... Nós não o temos feito regularmente, porque o assunto não é fácil para o Superior e não é nada agradável ao subordinado... Olhem... Precisaremos, portanto, começar com isso.

Nossas Constituições dizem formalmente que a prestação de contas não é obrigatória. O decreto do Santo Padre, Quemadmodum, reza que o Superior não Sacerdote que a exigisse seria culpado e expor-se-ia a uma pena canônica. Esse decreto, que não se aplica a nós, mas às Congregações femininas e aos Institutos masculinos não clericais, como os Irmãos das Escolas Cristãs, foi promulgado há alguns anos, porque, em diversas comunidades femininas e também masculinas, houvera abusos. Eu soube de alguns destes, realmente gravíssimos. O Cardeal Verga tomou uma medida absoluta e geral; e como todas as medidas absolutas e gerais, ela atinge comunidades que não precisavam ser censuradas. Talvez fosse difícil tomar uma medida diversificada, distinguindo entre Congregações, ao corrigir umas e isentar outras... O decreto não distingue e atinge todas as Congregações de Irmãs e Irmãos. Para essas Congregações, o decreto aplica uma pena conônica grave aos Superiores e às Superioras que exigirem a prestação de contas do foro da consciência.

Mas o decreto acrescenta que sempre é permitido às pessoas que façam essa prestação espontaneamente. É evidente que, se se quer obter o benefício de uma prática religiosa, é imprescindível realizar essa prática. A prestação de contas que se limitaria à prática exterior da Regra, sem que houvesse a manifestação de consciência, não cai de forma alguma sob a censura do decreto Quemadmodum e, conseqüentemente, pode ser exigida pelas Superioras e pelos Superiores não Sacerdotes. No que nos diz respeito, nossas Constituições estipulam que cada mês o Superior ou quem o substitui deve aplicar a correção.

E, de outro lado, rezam que cada mês também o subordinado pode prestar as contas ao seu Superior. Uma coisa é obrigatória: a correção; outra é facultativa: a prestação de contas. Se, de um lado, Roma eliminou, se ela cortou a obrigação estrita da prestação de contas, de outro lado, quanto à correção, ela agregou, acrescentou uma obrigação. Isso é muito bom.

Será que isso quer dizer que, em conseqüência do decreto Que-

madmodum e das modificações introduzidas a respeito nas Constituições das Congregações religiosas, digo, será que a prestação de contas perdeu a sua importância e, sobretudo, que não corresponde mais ao espírito da Igreja?... Mas a Igreja não proíbe de forma alguma a prestação de contas, pois ela permite expressamente a abertura espontânea de coração perante os Superiores. Somente proíbe aos Superiores que exijam essa manifestação de coração e da consciência: "Hoc autem," diz o decreto, no artigo III, "minime impedit quominus subditi libere ac ultro aperire suum animum superioribus valeant, ad effectum ab illorum prudentia in dubiis ac anxietatibus consilium et directionem obtinendi, pro virtutum acquisitione ac perfectiones progressu." (Isso não impede de forma alguma que os suditos, livre e espontaneamente, possam abrir seu coração aos Superiores, com o fim de, pela prudência destes, receber conselhos e orientação nas dúvidas e preocupações e avançar na aquisição de virtudes e progredir na perfeição.)

Convém, portanto, convidar sempre as Visitandinas e as Oblatas à maior simplicidade, confiança e abertura de coração ante suas Superioras, certamente não com respeito a assuntos que são matéria própria da Confissão. Nunca a Boa Madre deixou as suas filhas dizerem, na prestação de contas, um defeito que fosse uma falta teológica. Essa confiança não é, absolutamente, contrária ao espírito da Igreja e não vai, de forma alguma, de encontro ao decreto; pelo contrário, a própria Igreja a aceita e a autoriza, quando a abertura for livre e espontânea.

É bem isso o sentido daquilo que eu sempre via praticar na Visitação e que se deve praticar entre os Oblatos e as Oblatas. Prestar as contas não é confessar os pecados, mas abrir a alma, o coração, manifestar a disposição interior, a boa vontade, pedindo esclarecimento e conselhos.

Há capelães de religiosas que acusaram o decreto Quemadmodum por desacreditar a abertura de coração diante das Superioras.

É um sério engano, mormente com relação à Visitação. É um erro de vulto maior e capital...

Um capelão não muito ajuizado não chegou a fazer publicamente, na sua comunidade, a distinção entre as Filhas da Santa Igreja, que não faziam a prestação de contas, e as Filhas do Santo Fundador, que, aproveitando o artigo III, continuavam a fazê-la?...

Segundo o decreto, portanto, entre as religiosas e nos Insti-

tutos de Irmãos, bem como entre nós, Oblatos de São Francisco de Sales, conforme as nossas Constituições, a prestação de contas não é obrigatória. Deixando de fazê-la, não por isso se pecará, nem se faltará à Regra. Mas compreendamos bem, meus Amigos, que, ao deixarmos de fazê-la, não receberemos tampouco a graça que nos proporcionaria, a qual, segundo o Diretório, é tão importante para conservar, com perfeição, o espírito do Instituto. Faltando, pois, a prestação de contas, o espírito da Congregação será prejudicado, enquanto, sendo conservada, povoará o Céu de almas.

É isso mesmo a maneira de atuarmos junto às almas religiosas. Jamais se deve afastar uma religiosa de sua Superiora e, com relação a esta, fechar-lhe o coração ou a boca. Evidente, não se deve mandá-la confessar-se com a Superiora e manifestar a esta a consciência, mas convém tentar fazer com que abra o coração diante de quem é sua Madre.

Quando apareceu o decreto, houve muitas bobagens, entre o que se dizia e fazia, até uma quantidade de coisas más. Era o confessor que, no futuro, para condizer com o espírito da Igreja, devia ser tudo e fazer tudo; a Superiora não era mais nada. Por pouco o confessor teria dado todas as permissões, aplicado todas as censuras e dirigido a comunidade de forma absoluta; a Superiora não tinha mais direito a nada!...

Não temos, ninguém de nós, valor algum a não ser ficando dentro dos limites da nossa jurisdição, dentro das dimensões das atribuições do nosso cargo. Fiquemos em conformidade absoluta com o que está prescrito na Regra e nas Constituições. Só assim seremos úteis. Convençam-se de que, por si mesmos, os Senhores dispõem de uma capacidade mínima... E ainda que tivessem as capacidades maiores, devem sempre apoiar-se, fundamentar-se sobre o que é marcado, como dizem na Visitação, sobre aquilo que está escrito na Regra, nas Constituições e no Diretório. É a partir disso que temos que aproveitar nosso talento e nossas pequenas ou grandes capacidades. Não se trata, seguramente, de realizar novidades; quem somos nós para inventar algo de novo?...

Era a Regra traçada por São Francisco de Sales. Mil vezes eu via a Boa Madre indicar sempre os meios mais naturais, recomendando a obediência ao dever, ao dirigir-se às pessoas que a vinham consultar, Sacerdotes, professores de Teologia, gente casada, moças e pessoas leigas. Antes de mais nada, tratava-se daquilo que era para fazer. Ela tinha aprendido isso na melhor teologia. A perfeição, para ela, era sem-

pre a conformidade absoluta com as leis da Santa Igreja, com as Constituições, em consonância com as obrigaçãos da família.

Todas as vezes que temos que exercer algum ministério, na confissão, na direção espiritual, na pregação, lembremo-nos sempre claramente daqueles a quem nos dirigimos; situemo-nos frente às pessoas que estão diante de nós. Não visemos a nós, mas a elas.

Nosso serviço no Patronato São Carlos chegou muito oportunamente. É uma das primeiras e mais antigas Obras para a juventude de Paris. Quantas vezes o Senhor Legentil me disse: "Padre Brisson, formai, pois, Oblatos, muitos Oblatos; enchei o mundo, dobrareis as forças da Igreja. Dez capelães," continuava ele, "sucederam-se em São Carlos. Todos desentenderam-se com o Diretor. O Arcebispo não tinha mais quem nos destacar. Desde que estão os Oblatos de São Francisco de Sales, desde Padre Delage, desde Padre de la Charie temos paz, tudo anda muito bem. Desempenham bem sua função, sem querer mandar no que não lhes compete. Põem-se suficientemente de lado para deixar o Diretor totalmente no lugar dele. Eles ocupam o seu cargo e esquecem inteiramente sua maneira pessoal de ver e fazer. Muito vos agradeço por ter-nos concedido Oblatos." Portanto, está indo muito bem ali.
É necessário que a nossa maneira de ver e de agir, nossas ações e nossa vontade estejam sempre em sintonia com a natureza das diferentes casas onde nos encontrarmos, nas diferentes situações, nas diversas Congregações onde forem chamados a trabalhar. Façam o que se lhes pedir, o que é de sua alçada e sua obrigação e não invadam as atribuições alheias.

Uma história: o Bispo destina um capelão para uma comunidade de religiosas. Era enviado para rezar a Missa, confessar e dar algumas palestras. O capelão se atira impensadamente na gestão dos assuntos temporais da comunidade, nas questões referentes ao fisco e aos impostos reivindicados. Ele vira toda a casa de pernas para o ar e, pessoalmente, arranja uma baita bronca com o Bispo, chega a sofrer um interdito. Se tivesse atendido humildemente sua incumbência, rezando seu Breviário e confessando as suas religiosas, teria ficado no seu posto, a casa teria ficado bem sossegada e ele também tranqüilo!

Volto ao pequeno artigo que li há pouco: **"Cada mês, o Superior ou quem o substitui terá que dar, quer em Capítulo quer em particular, a correção fraterna a todos os Oblatos sobre as faltas ou deficiências**

com respeito à Regra ou as Constituições."

Sou o Fundador, devo dizer o que penso. Quando formos suficientemente bons religiosos, todos receberemos, em público, essa correção. Na Visitação, isso se chama advertência em Capítulo. Uma Irmã se levanta, em Capítulo, e pede licença para fazer uma advertência a uma Irmã que, por exemplo, chega atrasada para o Ofício ou a um outro exercício. É duro fazer uma advertência! Nós não podemos fazê-lo ainda, eu acho. Não somos bastante fervorosos. No dia em que, numa casa, se for capaz de dar e também receber uma advertência, terá que se começar com isso. A vida religiosa leva a operar milagres lá fora, depois de começar a fazê-los aqui dentro; apressemo-nos para fazer milagres aqui dentro. Far-se-á, portanto, a correção fraterna de forma secreta ou na prestação de contas, aguardando o momento em que tivermos bastante virtude para fazê-la publicamente.

É importante conhecer bem as leis do equilíbrio. Imaginem uma balança com um peso de cem quilos. Se coloco alguma coisa de cem quilos no outro prato, reina o equilíbrio; se colocar algo que pesa cento e dez quilos, este prato se abaixa; o travessão se inclina, não há mais equilíbrio. Com o equilíbrio moral acontece a mesma coisa. O Senhor quer realizar importantes coisas, alcançar grandes graças, obter êxito numa missão, salvar a alma de um pecador, conseguir algo muito valioso; ponha no outro prato da balança alguma coisa que seja suficiente para estabelecer o equilíbrio, até um pouco mais. Ofereça a Deus, em virtudes e sacrifícios, em entrega confiante, um pouco mais...

Precisa-se uma vontade determinada, energia, perseverança, e conseguiremos algo de valor, mas somente a esse preço. Falar é mostrar o caminho, muito bem, mas não é igual a passar pelo caminho. Quando falamos, enquento nós mesmos passamos pelo caminho, estamos conduzindo pela mão, estamos carregando, de certa maneira, a alma a nós confiada. Mas, para tanto, é preciso investir a si mesmo.

Como será que conseguimos fazer isso? Com o método de São Francisco de Sales. Aproveitamos os meios mais convenientes, aqueles que não humilham e não afastam o próximo, mas os que, pelo contrário, o animem e o disponham suavemente para o dever, ensinando-lhe o modo de arranjar-se para cumpri-lo. Assim é que chegaremos, acertaremos o caminho e encaminharemos os outros.

Importa que o homem moral se forme em nós e se robusteça cada vez mais. Ora, o homem moral, ao nosso ver, é o religioso, o bom reli-

gioso. Exercitemo-nos pessoalmente, trabalhemos em relação a nós mesmos e chegaremos a adquirir uma personalidade formidável e eficaz.

Peçamos isso a São Francisco de Sales, à Boa Madre. Recorram muitíssimas vezes à Boa Madre. - Mas é uma mulher! - Meus Amigos, já estou ficando velhinho; logo terei oitenta anos. Tenho visto muitos homens e muitas mulheres durante minha vida. Passando em revista tudo o que vi, tudo o que ouvi, posso dizer que há bem poucos homens que chegaram à força moral e à inteligência prática da Boa Madre. Tenho condições para afirmar isso; para mim, a Boa Madre é uma personalidade, e uma personalidade sólida.

Da mihi, Domine, sedium tuarum assistricem sapientiam (Sb 9,4) (Dai-me, Senhor, a sabedoria que partilha o vosso trono.) Repitam isso muitas vezes; e, então, em recompensa, Deus lhes dará um amplo coração, vasto como o mar. Dar-lhes-á uma inteligência que penetrará todos os segredos, desde o hissopo até o carvalho e o cedro do Líbano, da formiga até o elefante, como consta na história do Rei Salomão (cf. 1 Rs 4,33).

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 2 DE JUNHO DE 1897

"O ASSISTENTE" - "O ECÔNOMO GERAL"

"O Assistente ocupa o lugar do Superior, quando este está impedido ou ausente."

"Ele estará à disposição do Superior para ocupar-se dos assuntos que o Superior, e sob a orientação deste, julgar por bem confiar-lhe aos cuidados."

O Assistente Geral não pode agir sem previamente tomar conhecimento do parecer do Superior. Ele é somente uma ajuda para o Superior. Não pode agir em nome próprio; e isso tanto assim que é o Superior mesmo que o escolhe, dita-lhe palavra por palavra, dia após dia, o que ele tem que fazer. Certamente, o Superior Geral, tendo muita con-

fiança no seu Assistente, pode lhe entregar o cuidado de diversos assuntos; mas, por si mesmo, o Assistente não tem nenhuma autoridade.

O Superior Geral pode confiar ao Assistente os assuntos referentes ao mundo de fora, para que ele próprio tenha mais tempo à disposição para as questões internas.

"Ele manterá o Superior a par de todos os assuntos de sua incumbência e não decidirá nenhuma questão de alguma importância sem o consentimento formal do Superior."

O Superior Geral pode confiar a seu Assistente uma parte do seu cargo; mas a Constituição não autoriza o Assistente a nada a não ser ao que o Superior lhe deseja delegar.

"O Ecônomo Geral cuidará de todos os bens da Congregação e comunicar-se-á, de quando em vez, com o Superior Geral, sobre todas as necessidades do Instituto, para receber as ordens e instruções dele."

O Ecônomo Geral não pode decidir nada independentemente; ao Superior é que compete toda a responsabilidade. Ele zela pela conservação dos bens da Congregação, mas não tem poder pessoal algum sobre eles.

"Ele fiscalizará as despesas gerais das casas, as construções, a manutenção, etc."

É de seu cargo cuidar que os custos de construções e de manutenção executadas sob a orientação dos Ecônomos Locais não ultrapassem o razoável. Ele está encarregado de vigiar as despesas das comunidades e de pensar nas medidas a tomar para conservar os bens do Instituto. Ele deve comunicar seus pareceres aos Ecônomos Locais que devem prestar-lhe ouvido.

Ele administra o inventário geral dos bens que a Congregação possui."

O Ecônomo Geral deve observar bem esse ponto da Constituição. Deve ser possível, a cada momento, que o Superior Geral lhe pergunte como está a situação, e isso, evidentemente, com a máxima exatidão, sobretudo tratando-se de créditos duvidosos e de devedores insolventes...

"Lembrará que deve exercer o seu cargo como verdadeiro reli-

gioso, submisso ao Superior a quem deve obediência no que diz respeito ao seu cargo, com toda a humildade, respeito e cordialidade, cuidando muito para não gerir o material da Congregação como pessoa do mundo."

O que predomina em todas essas recomendações das Constituições, como vêem, é a nota religiosa; o Ecônomo deverá considerar os bens que administra como pertencentes a Deus, como coisas sagradas que, conseqüentemente, merecem toda a atenção e respeito daqueles que se ocupam delas. Deve, pois, tratar todas essas coisas com toda a humildade, totalmente desprendida e desinteressadamente, livre de todo o amor próprio.

O sentido das Constituições é que façamos tudo para unir-nos com Deus. Essa recomendação que São Francisco de Sales colocou no começo do Diretório não abrange só cada uma das nossas ações quotidianas, mas deve estender-se a todos os nossos trabalhos, a tudo o que empreendemos para a glória de Deus. Existe nisso um verdadeiro princípio teológico, lançado por São Francisco de Sales e pela Boa Madre. Na Visitação, durante quarenta anos, eu era testemunha de vidas fundamentadas e desenvolvendo-se a partir desse princípio; vi e compreendi o sentido divino que se podia dar às coisas materiais; e, certamente, não foram minha imaginação e minha fantasia que me fizeram ver isso. Eu percebia, pois, todas essas coisas materiais relacionadas com esse princípio, ocasionando graças incessantes.

A Regra abençoa e consagra todas as coisas que dela dependem e por ela são reguladas. Existe, portanto, uma graça especial que recebemos relacionada com nossa comida, com nossa roupa e com as nossas ocupações. Como o pão e a água só estão bentos depois de o Sacerdote rezar sobre eles as orações da bênção, assim também o religioso só aproveita espiritualmente as coisas materiais postas à sua disposição na medida em que obedece à Regra e à obediência recebida. Santa Teresa dizia que, quando ela tinha uma boa Ecônoma e uma boa cozinheira, a casa funcionava bem.

Perguntou-se um dia a um Padre de Claraval como tiha conseguido conservar seus religiosos bons e fervorosos até a tormenta da Revolução. "Eu tinha duas coisas muito preciosas," respondeu, "um bom Mestre de Noviçoes e um bom cozinheiro..."

Procuremos compreender isso, meus Amigos; sejamos elementos de valor. Dediquemo-nos à nossa Regra com a maior fidelidade. Mais uma

vez, o que eu reparava na Visitação era uma verdadeiro paraíso; todas as pessoas trabalhavam, de certeza, exclusivamente, para o Bom Deus. Conformemo-nos a essas idéias. Que aquele que vier depois de mim seja melhor do que eu. Até agora, - eu o reconheço - quase não me comportei como Superior, mas, no fim dos meus dias, espero mudar... Não tenho sido bastante severo; não tenho feito observar as Constituições como devia. Pensava que talvez ainda não fosse hora e que valesse melhor esperar, pois, afinal de contas, nossas Constituições ainda estavam em fase de experiência. Quando as tivermos recebido, aprovadas definitivamente, teremos que começar a observá-las à risca.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 9 DE JUNHO DE 1897

A APROVAÇÃO DEFINITIVA DAS CONSTITUIÇÕES - A CORREÇÃO FRATERNA O COSTUMEIRO - NOSSOS PRINCÍPIOS

Recebi, nestes dias, uma carta do Padre Rollin que anuncia que nossas Constituições estão para voltar com a aprovação definitiva da Santa Sé. São exatamente as mesmas, sem outras modificações a não ser algumas pequenas correções que nós mesmos julgávamos precisar pedir. Em conseqüência dessa nova segurança, que o Sumo Pontífice nos dá, a todos nós, Padres e Irmãos, temos que dispor-nos a cumprir, pontualmente e ao pé da letra, essas Constituições. É do nosso interesse, para mim que sou responsável, como o é também do seu. Há vários pontos que temos experimentado sem, até agora, conseguirmos muito êxito. Tem havido, como mencionávamos há pouco, certas lacunas no cumprimento do dever dos Superiores: existem pontos marcados nas Constituições que a gente não conseguiu praticar muito bem até agora, por exemplo, a correção fraterna, seja pública seja particularmente, a ser feita todos os meses, referente às infrações e faltas concernentes à Regra... Muitas razões, já referidas, tornaram esse ponto difícil de observar até agora. Vamos todos começar a cumpri-las à risca. Já fiz as minhas "culpas", duas ou

três vezes, a respeito desse ponto não observado. Mais uma vez quero fazê-las. Tínhamos a desculpa por termos recém começado; agora vai ser difícil valer-nos dessa escusa, pois já temos uma certa antigüidade na Igreja: temos vinte e cinco anos! Vamos iniciar a observar a Regra na sua totalidade, bem ao pé da letra. O que salva uma comunidade é a Regra observada com exatidão. É o que salvou a Visitação: a Regra e as Constituições, o Diretório e o Costumeiro observados à risca. Mais tarde, também nós teremos nosso Livro de Costumes que tratará do traje, dos contatos com a gente de fora, da arrumação dos quartos, das tradições do Instituto com relação a certas maneiras de agir e de tudo o que diz respeito à conduta individual do religioso. Teremos esses três livros normativos: as Constituições, o Diretório e o Costumeiro... Devo mesmo fazer essa promessa à comunidade e cumpri-la. Não sou mais tão jovem. Em breve, terei que prestar as contas à Congregação e ao Bom Deus. Reconheço que o cargo que me foi imposto não foi demasiado pesado; ou, pelo menos, os Senhores me têm ajudado a carregar e suportá-lo. Com a graça de Deus, com a ajuda de suas orações, espero pôr-me a caminho, juntamente com os Senhores, para completar nossa Obra.

Após a experiência que todos temos feito, depois também do que o Papa nos afirmou e de tudo o que nos foi repetido nas Congregações Romanas, após o que a Boa Madre Maria de Sales me disse no seu leito de morte, acho que temos que ter muita, muitíssima confiança no futuro. Tudo o que a Boa Madre predisse, até agora, se tem realizado. Só restam umas poucas predições cujo efeito aguardamos. São promessas muito bonitas essas: "Ver-se-á o Salvador caminhar de novo sobre a terra... Eu teria gostado muito de ver isso," ela acrescentou. "Como será bonito! Como será grandioso! A Igreja receberá grandes consolações, valiosas ajudas..." Isso, meus Amigos, não, isso não se realizou ainda.

Não quero contar-lhes de novo a aparição de Nosso Senhor. Durante trinta anos não falei sobre isso. Mas agora, se ficasse calado, sinto que faltaria ao meu dever para com Nosso Senhor. Ele me disse, ou melhor, fez-me compreender, através de sua atitude, pela expressão do seu rosto que, quando se dirige homens, é preciso ser um pouco severo. Ora, a severidade é o inverso do meu caráter. Não me entra na cabeça como se possa ser severo para com uma pessoa. Mas, pelo menos, vou tentar ser severo em defesa da Regra. Tem que se observar a Regra tal qual; é a lei. Verdade é que um Superior não pode exigir a perfeição de cada um; ele faria bem ao começar por si próprio, o que não é o mais

fácil! O Superior tem que levar em consideração as capacidades de cada um, o dom particular. Não deve tratar todos os religiosos da mesma maneira. Deve pedir de cada um só o que pode captar e não tudo o que pode fazer. Há certos temperamentos que precisam certo jeito. Não há necessidade, pois, de se escandalizar, se, diante deles, o Superior, em certas circunstâncias, parece um pouco fraco, se tem algumas considerações para alguém cujo fardo já é pesado demais, se se compadece um pouco com a miséria moral.

Mas, além disso, o Superior é obrigado, em conseqüência e sob pena de faltar ao seu dever, a exigir o cumprimento da Regra por todos.

Conto com as suas orações e com sua boa vontade para que os Senhores cheguem a compreender bem a vida religiosa e a vida sacerdotal, para que saibam apoiar essa vida sobre os alicerces mais indiscutíveis da Teologia e da vida sobrenatural. Nossa doutrina é a doutrina de São Tomás. Reparem o que ele diz sobre os votos, o que afirma a respeito do estado da vida religiosa, com referência às obrigações da obediência, da pobreza, da castidade. É a nossa doutrina, é a nossa base; não queremos abandonar isso. Quase não admitimos os livros novos. Ficamos com São Tomás e a sua doutrina. Nós, Oblatos de São Francisco de Sales, nos construímos a partir disso; é essa a estrutura do nosso edifício e o completamos com o que é próprio do nosso espírito particular. A doutrina de São Tomás é como o esqueleto que sustenta a carne; e a carne mesma segue a forma do esqueleto.

Não devemos ter outra norma e outros princípios do que aqueles que nos são dados pela Igreja. Acrescentemos a isso, sim, o nosso espírito religioso particular, nossa maneira bem salesiana de entender e praticar os votos de pobreza, de castidade e de obediência. Ora, para compreender bem esse espírito, é imprescindível estudá-lo nos escritos de São Francisco de Sales, nas tradições da Visitação, na vida e nos escritos da Boa Madre Maria de Sales. A doutrina da Boa Madre está aprovada. Tudo foi processado canônica e regularmente.

Mas escutar e seguir as inspirações de uma mulher?...

Observem, meus Amigos, o que acontece no Cenáculo. Quem é que preside, sentada no meio dos Apóstolos? Nossa Senhora; ela é a primeira a receber o Espírito Santo, segundo uma opinião teológica muito respeitada. Eu tampouco, no começo, não queria ouvir a Boa Madre. - Por que não quisestes acreditar-lhe?, perguntou-me o Santo Padre, o Papa... - Santo Padre, porque era uma mulher! Se o meu confessor, se o meu Bis-

po tivessem falado assim, eu teria acreditado e obedecido... - Ah! era mulher!, disse-me Leão XIII - Pois bem, agora não é mais uma mulher que vos entrega a vossa missão, sou eu! Viestes aqui para pedir a aprovação da Santa Igreja? Eu vo-la dou. E, o que é mais, eu, o Papa vos envio... Começai na França, primeiro, depois ireis alhures. Todos os que trabalharem convosco farão, pessoalmente, a Vontade de Deus....

Meus Amigos, Nosso Senhor apareceu-me; o Papa me dá uma missão; cabe a mim agora cumprir a minha tarefa; seria muito culpado se não a executasse.

Os Senhores sabem muito bem o quanto os quero; isso talvez desvie um pouco o meu julgar, quando me encontro na sua presença... Mas não! Acredito realmente que os Senhores todos têm o que é necessário para ajudar-me a realizar essa obra. Se o Geral dos Jesuítas viria me dizer: Eu lhe darei trinta dos meus religiosos, e o Senhor me dará, em substituição, trinta dos seus! Vamos trocar... Se o Geral dos Dominicanos, um Superior Beneditino, um Trapista viria pedir-me isso..., eu responderia a todos: Não, não! Mil vezes, não! Cada um desses religiosos que poderiam oferecer-me talvez valha mais do que nós quanto à inteligência, referente aos conhecimentos, no que diz respeito à influência... Mas prefiro a sua simplicidade e a sua retidão à deles, dou maior valor ao seu espírito do que ao deles; gosto mais do espírito de São Francisco de Sales que daquele dos outros, apesar de todas as verdadeiras virtudes que eles têm.

Lembro-me de um bom, idoso e santo Padre Trapista que me dizia de um dos seus coirmãos: É um original de marca! Não se pode viver com ele!

Assimilemos bem o espírito de São Francisco de Sales; é um tesouro inestimável. Temos poucas mortificações exteriores. O que há em nossa Regra? Poucas coisas. Somos obrigados a cumprir o que pertence à penitência comum, normal, cristã e mais algumas pequenas penitências próprias da vida religiosa solicitadas pelas Constituições. Nossa penitência deve ser sobretudo a penitência interior, no espírito, no julgar, na vontade. Nossa penitência é a obediência pontual e a submissão da vontade e do juízo aos Superiores.

Enquanto eu era capelão da Visitação, vi passar cinco Superioras diferentes. Nunca pretendi fazer, na comunidade, a mínima observação contra a sujeição e o respeito devidos às Superioras. Era uma santa comunidade... Essas cinco Superioras tinham cinco caracteres diferen-

tes. Uma delas, que era muito boa, Irmã Maria Francisca, não era muito dotada, não tinha muitos dons de inteligência e de vontade; era obedecida, e tudo funcionava como na época das outras. Na Visitação, não há muitas mortificações corporais tampouco; tudo se baseia na mortificação espiritual, sobretudo na obediência. A maneira de obedecer perfeitamente não constitui, para uma alma generosa, um meio extraordinário de mortificação?

Escutem o que diz São Bernardo: Não querer outro mestre que a sua própria vontade é o papel de um imbecil. Qui se sibi magistrum constituit, stulto se discipulum subdit. (Epist. 87, ad Ogerium).

A nossa grande mortificação é o combate incessante contra a vontade própria, uma luta até a morte. Quando se esperou longamente antes de começar e é necessário começar, no fim da vida, vendo o término aproximar-se a grandes passos e percebendo que as faculdades e as forças se encontram debilitadas... isso custa. E o que se pode alcançar?... Decidamo-nos, portanto, enquanto há tempo.

O que vai acontecer conosco, se nos dedicarmos de todo o coração? Tornar-nos-emos santos. Se formos santos, as almas que se aproximarem de nós serão impressionadas e conquistadas para Deus; nossa influência junto a elas será grande e salutar.

Todos os Oblatos, então, também serão parecidos, como todas as Visitandinas se assemelham; trata-se da mesma base, do mesmo espírito religioso, o mesmo desprendimento de si mesmo e o mesmo respeito. Todos temos que dedicar-nos a isso, meus Amigos. Recomeçaremos a explicação das Constituições, quando as novas tiverem chegado. Insisto que se tomem notas sobre o que digo e que se guarde isso. Não terão dois Fundadores; só terão um. É imprescindível que o que se disser depois de mim esteja fundamentado sobre o que eu lhes disse.

Ao dizer-lhes essas coisas, não posso esconder-lhes que tenho muita confiança nos Senhores. A graça de Deus operará na Congregação. Ela deve levar-nos todos à fidelidade, custe o que custar, e que ela nos faça a todos acertarmos o passo.

Cada um reze pela Congregação, na Santa Comunhão, na hora da Santa Missa, nos instantinhos de recolhimento; ofereçam, nessa intenção, os pequenos dissabores, os desgostos, o trabalho; que tudo isso sirva ao bem-estar da Congregação e a sua extensão. Os que fizerem isso serão salvos e salvarão muitos outros. Rezemos também, de todo o cora-

ção, à Boa Madre.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 16 DE JUNHO DE 1897

OS CONTATOS DOS OBLATOS ENTRE SI - A NOSSA MORTIFICAÇÃO

"Não se deverá dizer ou fazer nada que possa ofender os outros, nem mostrar-se magoado por palavras ou atos deles."

O que vou dizer, meus Amigos, não são apenas recomendações comuns, pois, entre nós, a prática destas coisas se torna uma obrigação rigorosa, porque quase não temos outras mortificações exteriores a não ser estas.

Será que isso quer dizer que não temos mortificações corporais? Sim, temos algumas; temos a mortificação de cada refeição; ademais, as que podemos praticar segundo o conselho do confessor ou do Superior, desde que não prejudiquem a saúde ou que não nos façam pensar que já alcançamos um grau de santidade mais elevado do que os outros. Nesse caso, valeria mais almoçar bem do que jejuar. No espírito da Santa Igreja, há duas formas de mortificação: a corporal e a espiritual. Em certas Ordens religiosas é a mortificação corporal que predomina; entre nós, é a mortificação espiritual, a do espírito, do intelecto, da imaginação, da vontade e do parecer. Precisamos mortificar o julgamento na obediência. Será que a obediência nos obriga a crer que seja branco o que enxergamos como azul? Não, mas exige que obedeçamos, executando o que nos é mandado fazer.

Anteontem eu disse a Padre Lambert: - O que pensa de nossas Constituições? Ele me respondeu: - Padre, eu acho que elas podem suscitar santos. Elas contêm, de fato, meus Amigos, meios vigorosos que não se encontram em outra parte. Mas se a gente não os emprega, então não sobra mais nada. Um Beneditino, Padre Clemente, me disse: O maior estrategista espiritual é São Francisco de Sales; na sua doutrina, realmente, Deus é verdadeiramente servido em espírito e em verdade. Será

que é fácil servir a Deus em espírito e em verdade? Não! É exatamente a mortificação mais penosa e à qual a gente nunca se acostuma. A natureza pode habituar-se a almoçar só pela metade ou de dois em dois dias; mas acostumar-se a essa mortificação contínua do parecer e da vontade é um tanto mais difícil. Compreendamos bem esse tipo de mortificação que se encontra, como afirma o Diretório, em cada uma das nossas ações. Mais uma vez, está aí todo o espírito de nossa Regra. Os Oblatos só valem alguma coisa através disso.

"Na conversação não se manifestará nunca repugnância nem se patenteará dificuldades quanto à prática da Regra ou em relação à direção."

Precisamos ser muito discretos nas palavras, tanto para não ferir a caridade para com o próximo quanto para guardar um profundo respeito com referência aos detalhes e aos métodos da Regra. Especialmente é necessário um profundo acatamento aos assuntos da direção espiritual e, sobretudo, ao que foi tratado em Capítulo. Todas as Regras canônicas mandam que quem revela o que foi dito em Capítulo seja privado de assistir ao Capítulo durante um ano. Não é permitido falar entre si sobre o que foi abordado no Capítulo; e se a gente tiver faltado a esse ponto, deve acusar-se no próximo Capítulo e pedir penitência.

Daqui em diante, pois, faremos isso. Vamos começar a praticar a nossa Regra. Eu serei o primeiro a dedicar-me, ainda que haja um ponto que me custa extremamente, a saber, aplicar a correção fraterna!...

"Ninguém causará o mínimo prejuízo à reputação dos Oblatos, especialmente dos Superiores. Proíbe-se toda a murmuração contra os irmãos, particularmente contra os Superiores. Evitar-se-á toda a censura e toda a reprovação do que se faz na Congregação."

Há Noviços, e até alguns professos, que facilmente transgridem esse particular, colocando seu grãozinho de sal um pouco por tudo. Vamos deixar disso. É isso a nossa mortificação. É como o Senhor dizer a um Cartuxo que tome o café da manhã; certamente ele não o tomará. Pois bem, nós também temos as nossas mortificações a fazer; são mortificações do espírito, do julgamento e da vontade. Assim se formam santos, bem como o jejum dos Cartuxos santifica. Com o jejum material, surgem grandes santos, sem dúvida, mas através disso não se alcança a perfeição, a não ser que se una a mortificação espiritual com a corporal.

"Ninguém indagará curiosamente acerca da administração da casa. Juntos não falarão sobre isso. Não se comentará a alimentação, nem a roupa, nem o cômodo para dormir. Esses assuntos não se tratarão nunca a não ser pelas pessoas encarregadas."

Ultimamente contam-me, um pouco de todos os lados, que se falava entre si sobre a comida. Estranhei muito isso. Não convém queixar-se assim. Tendo alguma reclamação a fazer, a gente deve dirigir-se ao Ecônomo; é correto isso; mas não falem sobre isso entre si. Repito, a Regra fielmente observada, é essa a nossa mortificação, nosso jejum, nosso cilício, nossa roupa de penitência, nossa cama dura.

"Evitar-se-ão as questões irritantes sobre política, sobre as diversas nações ou províncias. A gente acostumar-se-á a confiar unicamente na sabedoria e na onipotência de Deus, no tocante às coisas deste mundo."

Não devemos fazer política; esta é uma ocupação inútil e perda de tempo para um religioso. Seu jornal deve ser o Evangelho. O Superior procure saber o que possa interessar ao Instituto, isso admito. Mas o religioso não deve ocupar-se com aquilo. Cada um examine-se bem a respeito do que acabo de dizer. E se um religioso tiver feito alguma falta desse tipo, que faça as suas "culpas" no Capítulo. Insisto nisso, meus Amigos, pois não são ninharias. É tudo para nós. Assim um Cartuxo levanta às duas horas de madrugada para cantar o Ofício numa igreja muito fria, onde só tem a "misericórdia" de sua cadeira de coro (apoiozinho preso contra o assento levantado) para descansar... Nem lhe passa pela cabeça pedir licença de levar uma estufa ou uma cadeira confortável... Não! É essa a mortificação dele e ele a cumpre. Os Senhores, por sua vez, não devem esquivar-se de uma mortificação ou outra, provinda da obediência ou do cumprimento fiel da Regra, no seu porte, nos seus olhares, em suas palavras e seus contatos com o próximo; nem deveria surgir a idéia de desviar-se da mortificação inerente; é exatamente a sua mortificação de Oblato. O que seria o Senhor, então, se não a fizesse?

O Cartuxo é obrigado ao silêncio mais estrito; ele o observa para ser um bom e verdadeiro Cartuxo. Ao Senhor, Oblato, pede-se que não fale sobre isso ou aquilo; se falta a esse ponto, não comete a mesma falta que faria um Cartuxo ao deixar de cumprir com o silêncio?

* * * * *

Hoje ocorre o centésimo quarto aniversário do nascimento da Boa Madre. Convém rezarmos muito à Boa Madre e ter uma confiança filial nela, pedindo-lhe a sua proteção maternal.

Padre Rollin escreve-me que logo teremos a visita do Arcebispo de Atenas. Em Roma, acrescenta ele, estimam verdadeiramente o espírito e a Obra dos Oblatos; apreciam as nossas Constituições... Sejamos, portanto, bons e verdadeiros Oblatos, in nomine Domini (em nome de Nosso Senhor), Amém.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 23 DE JUNHO DE 1897

A CORTESIA - A OBSERVÂNCIA NOS COLÉGIOS - O SILÊNCIO E O FALAR

A todos que o precisam faço lembrar que é imprescindível cuidar-se melhor nas palavras, nas expressões e na maneira de agir. Recebo queixas de pais sobre certos jovens professores que não esqueceram suficientemente a linguagem do quartel e empregam esse vocubulário diante dos seus alunos. Não lhes parece de importância, mas, aos olhos dos pais, é uma coisa muito séria. Quem se tornou culpável de uma falta dessas - e isso já desde algum tempo - deveria fazer as suas "culpas", senão a gente será obrigado a chamar-lhe a atenção publicamente e lembrar-lhe essa falta de maneira mais eficaz...

Ontem, um Padre veio falar comigo, queixando-se de que um jovem religioso, do qual ele é o Superior, lhe respondeu diante dos alunos, numa linguagem tal que ele se sentiu obrigado a dizer-lhes: Meninos, vão brincar mais adiante!... Mas isso não lhes impediu de ouvirem e compreenderem o que o professor dissera. É algo inaudito, numa casa bem ordenada, que alguém mande seu Superior plantar favas assim... Uma afronta dessas não se pode tolerar.

Todo o mundo preste bem atenção a essas observações. Infelizmente é do serviço militar obrigatório que se traz essa liberdade desproporcionada que causa uma impressão desastrosa. As crianças contam isso para a mãe esta o transmite ao marido; e daí se começa a falar todo o mal possível dos Oblatos... Esses Oblatos são uns grosseiros, mal-educados, desonestos... Acho que está na hora de cuidar-se a respeito. O que mais chamou a atenção e mais chocou foi a falta de submissão, de obediência... Quando se alega, como desculpa, a permanência no quartel, pelo menos não se deveria responder ao seu Superior como não se responderia a um cabo...

Devemos entender bem as coisas. A delicadeza não se iguala à afetação. Ser delicado não siginifica ser artificial. Mas não é fácil ser cortês. É inevitável sacrificar o entendimento pessoal - supondo que exista - e sua maneira de ver. Por que fazer isso? Por que ser polido? Será que é para elevar-se acima dos outros? Para exibir-se? Não. Olhem, ninguém foi mais bem-educado que São Francisco de Sales. Ele definiu a delicadeza de uma forma que é bom lembrar. Afirma que as boas maneiras são um ato de caridade, de amor ao próximo e que, aos olhos de Deus, esse ato, quando sobrenatural - como devem ser todos os atos do cristão - tem um mérito igual ao de um ato de amor para com Deus. Existe, portanto, na prática da cortesia, tudo o que se precisa para a santificação.

Claro que agrada à natureza gozar de liberdade. A gente gosta de ocupar as mãos e a cabeça segundo arbítrio e idéias próprias. A condescendência perante o próximo sacrifica a comodidade, as inclinações e a maneira de ver pessoais. Precisa-se coragem e fé também para isso. Dom Dupanloup, Bispo de Orléans, dizia que quase não se encontrava mais a polidez a não ser nas famílias cristãs, por exemplo na Sabóia, como também nas famílias religiosas. É a melhor prova de que a cortesia se deriva do cumprimento dos mandamentos de Deus. Onde reina a regra de Deus, também a delicadeza se observa.

Tinha uma palavrinha a dizer hoje, referente às medidas que tomamos para praticar a Regra em nossos colégios, para erguer um pouco a comunidade. Eu disse que, nos colégios, era difícil observar a Regra tão completa e perfeitamente como numa comunidade regularmente organizada. Mas isso não quer dizer de forma alguma que não se possa e que não se deva observar a Regra o mais perfeitamente possível nos colé-

gios.

Tomo o exemplo da Visitação. Sem dúvida, não quisemos fundar uma Visitação para homens; não foi bem isso a nossa finalidade. Mas procuramos aproveitar o espírito que o Santo Fundador tinha legado à Visitação, o essencial do Diretório, uma parte das observâncias, exatamente porque o que se faz na Visitação nos apresenta fielmente o que o próprio São Francisco de Sales fazia. Fundou sua Ordem sobre o seu próprio estilo de vida, hora após hora, momento após momento. Ora, já na sua época, alguns diziam que ela era de espírito mesquinho, que ligava demais para detalhes, para ninharias indignas de um Bispo... A Santa Igreja não julgou assim, não o censurou dessa maneira, mas lhe deu um lugar de honra entre seus Santos e Doutores.

Ora, o que nós queremos realizar é o que São Francisco de Sales fazia; e, sendo que legou o seu espírito, seu método, sua maneira de agir à Visitação, é ali que temos que procurar isso. Temos, evidentemente, as Constituições, mas estas estão sujeitas a interpretações diversas. Precisa-se uma tradição para explicá-las e desvendar-lhes claramente o sentido. É na Visitação que devemos procurar, para torná-la nossa, essa tradição da vida de São Francisco de Sales, de sua maneira de entender as coisas, de agir, de ensinar.

Na Visitação, portanto, as Freiras ocupadas no pensionato não freqüentam a todos os exercícios fixados pela Regra, mas elas devem participar de todos aqueles que são compatíveis com seu serviço no pensionato. Assim deve ser em nossos colégios. Cabe ao Superior julgar e decidir quais exercícios que cada religioso deve assistir e quais deve omitir. Só assim nos garantimos algo coeso e sólido. Haverá um mesmo espírito e um só coração, uma única alma e uma idêntica vida. Mas que não me venham mais dizer que, nos colégios, não se pode observar a Regra!

Reina, parece, uma liberdade excessiva de falar. Quase todo o mundo esquece que o silêncio é obrigatório. Fala-se inutilmente, a torto e a direito, fora do recreio, sobre qualquer coisa. Que cada um, de hoje em diante, tenha bastante consciência para não falar fora do tempo do recreio, a menos que se trate de uma coisa necessária. De outra forma, não é possível que haja religiosos. Não se fale tampouco, no recreio ou em outra parte, de coisas que não se deve abordar. É proibido, pelas Constituições, de falar sobre a administração da casa ou do Instituto, sobre o que fazem os Superiores ou os demais coirmãos para cri-

ticá-los. Releiam as Constituições que são muito explícitas e proíbem uma porção de assuntos. Falando sobre essas coisas, a gente se situa fora da Regra, infringe-se a Constituição... Cada um releia as Constituições e considere uma obrigação para si observar aquilo que prescrevem. A paz, a alegria, a felicidade estão ligadas ao cumprimento delas. Isso custa, mas é divinamente pago. Dediquemo-nos a isso, meus Amigos. Se nossas conversas são desregradas, se começamos a falar disso ou daquilo, não haverá mais espírito religioso, nem dignidade nem seriedade entre nós. O que se permitem dizer deste ou daquele, um outro, igualmente, o dirá dos Senhores. Isso é contrário à vida religiosa, à vida razoável e cristã. É a destruição de toda a a ordem e de todo o respeito.

Meus Amigos, eu sou obrigado a observar as Constituições; os Superiores de cada casa são igualmente obrigados a respeitá-las e fazê-las observar onde exercem sua autoridade. O Superior de cada casa me enviará, de hoje em diante, várias vezes por ano, a lista dos Padres de sua comunidade, acrescentando a cada nome o que sua consciência lhe manda agregar. Será meu dever repreender os que tiverem feito alguma falta e o farei, seja em público seja em particular. Que isso não lhes pareça demasiadamente duro; isso se pratica em toda a parte. É o único modo para constituir uma comunidade. De outra forma, há só indivíduos justapostos que se atraem ou se repelem, mais ou menos, sem homogeneidade. A bênção de Deus não pousa sobre eles.

Recomendo o silêncio, de maneira toda particular, proibindo toda a conversação fora do estipulado pelas Constituições. Faço apelo ao amor e à caridade de cada um para com os nossos Padres. Alguém pode enganar-se, sem dúvida; será fácil, então, com um pouco de habilidade e boa vontade, parar e desviar o assunto. Que isso se faça com polidez, sem ferir ninguém; façamo-lo de tal modo que fiquemos sempre nos limites da caridade e da boa educação.

Portanto, o silêncio em todo o momento, menos durante o recreio. Sujeitem-se a isso. A gente fica feliz, meus Amigos, ao fazer algum sacrifício para o Bom Deus; de outra forma, que felicidade se goza? Será possível ter intimidade com Deus, seguindo-se a natureza própria? Claro que não. Evidente, far-se-ão alguns exercícios de comunidade; não se cometerão pecados mortais, mas interiormente a gente estará vazia. Pelo contrário, os Senhores se submetem corajosamente à lei, embora sendo dura, de acordo com o adágio: dura lex, sed lex. Os Senhores

fazendo alguns sacrifícios, oferecendo-os a Deus, isso não está perdido. Ele lhes retribui alguma coisa: o homem não vive só de pão, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus (Mt 4,4). Essa palavra de Deus, tão necessária para nós, é bem boa para a alma que a recebe. Se nunca percebemos essa palavra, é sinal de que não estamos em contato com Deus e de que estamos vivendo uma vida insignificante, uma vida sem sabor nem qualificação.

Prestaremos, pois, muita atenção a esses dois pontos: o silêncio e a maneira de falar.

Não seja mais necessário voltar àquela falta de respeito ante a autoridade do Superior.

Cada um seja fiel ao seu dever e a graça de Deus venha em nossa ajuda e nos sustente.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 7 DE JULHO DE 1897

SUBSTITUIÇÃO DO ASSISTENTE GERAL - MODIFICAÇÃO NO TRAJE - ASSOCIADOS - "AS DUAS CATEGORIAS DOS OBLATOS" - "A ADMISSÃO INICIAL"

Padre Rolland veio me visitar, dizendo que, após sua doença, achava suas forças diminuídas e que não se sentia mais capaz de continuar tudo o que fazia até o momento; pediu-me ser dispensado do seu cargo de Assistente Geral. Consultei também o médico que me disse: "Padre Rolland, com sua natureza ativa, aplica a tudo o que faz uma energia extraordinária; ele devia moderar seu empenho e sua atividade. É preciso aliviá-lo de uma parte de suas ocupações, se o Senhor quer que possa continuar e seguir vivendo." Diante dessas considerações, tive que aceitar o pedido de Padre Rolland e livrá-lo de sua função de Assistente. Nomeio o Padre Deshairs como Assistente Geral.

Por ocasião da morte do Reverendíssimo Padre Séguin, Mestre de Noviços, escrevi uma carta para todos as nossas casas. Sendo que será lida em todos os lugares, menos aqui, faço a leitura dela para os Se-

nhores

(O Padre lê a carta. E como, no final da carta, se trata de novas disposições com relação ao Noviciado e ao cumprimento da Regra, o Padre acrescenta:)

Vamos começar a executar essas boas resoluções. De resto, não há nisso nenhuma obrigação nova, imposta à Congregação. Tomamos as Constituições, o Diretório e o Capítulo Geral, sem acrescentar nada de novo, mas queremos praticar o que está escrito.

Há, no entanto, alguns detalhes com que devemos ocupar-nos, particularmente sobre o traje, ou seja, sobre o peitilho. Vamos fazer uma votação para colher a opinião de cada um sobre o uso do peitilho.

(O Padre faz-nos votar; todos os votos, menos três, são contra o peitilho.)

Usaremos, portanto, daqui em diante, o colarinho romano. Só acredito que cada um de nós poderia guardar pessoalmente um peitilho, para que, em certas circunstâncias - por exemplo, se um Oblato estiver numa reunião, onde todos os Sacerdotes usam o peitilho, ou também, se for chamado por uma Diocese, onde o Bispo deseja que todos os Sacerdotes usem o peitilho - possa não chamar a atenção, mas acompanhar os outros. Aliás, os Padres Jesuítas fazem assim.

(Entrada dos Noviços.)

Retomemos o primeiro Capítulo das Constituições. Não é para dizer coisas novas e dar novas instruções, porque tudo está contido nas Constituições, no Diretório, nas decisões do Capítulo Geral. Eu repasso cada capítulo para fazer algumas reflexões úteis que devem servir de base para o Costumeiro. A observância do Livro dos Costumes tem uma grande influência sobre a boa impressão que se ocasiona para fora. As pessoas que vivem em nossa volta só vêem o lado de fora, isto é, precisamente o Costumeiro. O que vamos dizer contribuirá para a redação definitiva do Livro dos Costumes.

"Os membros do Instituto, colocando-se sob o patrocínio de São Francisco de Sales, propõem-se praticar as virtudes sacerdotais e religiosas, segundo o espírito do santo Doutor."

Creio que será bom termos associados como existem na Visitação. Por exemplo, um Noviço cuja saúde ou cujos hábitos dificilmente podem se adaptar ao conjunto das regras e que, no entanto, deseja seguir uma regra, tem boas disposições, tem o nosso espírito ou dá boa

esperança de tê-lo, poder-se-ia, talvez, recebê-lo como associado. Seria necessário que esse Noviço desse, primeiramente, certas garantias de fidelidade à observância das linhas gerais da Regra, da estabilidade, do desejo de ficar conosco. Após certo tempo, depois de reflexão madura, poderia ser aceito entre os membros da comunidade, sob certas condições, na qualidade de associado. Teria os mesmos direitos materiais quanto ao sustento, referente à roupa, ao alojamento e aos cuidados corporais. Esse entendimento se faria de acordo com o Superior, com o consentimento do Conselho. Na Visitação fazem isso e estão satisfeitas.

"Os Padres usarão o vestuário eclesiástico completo, a batina e a faixa; os Irmãos, o hábito eclesiástico de viagem, a sobrecasaca com outra roupa preta que os distinguirão dos leigos, sem dar ocasião de confundi-los com os Padres ou outros clérigos."

Vestir-se-á a batina, o colarinho e o cordão. Cada Padre terá um peitilho para utilizar em diferentes ocasiões. O traje será sempre bem o mesmo, tendo as mesmas características. Evidente que os que estão no estrangeiro quase não poderão mandar confeccionar sua batina na França. Use-se, então, a batina como de praxe em Roma.

"Os Padres poderão ser incumbidos de todos os cargos na Congregação..."

Quem não pretende ser Sacerdote, mas mostra muita capaciade, poderia ser Ecônomo Geral Auxiliar ou Ecônomo numa comunidade local. Isso também acontece em outros lugares, como, por exemplo, entre os Maristas. Esses assuntos dependem do parecer do Superior Geral que delibera sobre isso com o seu Conselho.

"Não se receberão na Congregação a não ser os que alcançaram pelo menos a idade de dezesseis anos e que manifestam um grande desejo da perfeição cristã."

Isso quer dizer que não se pode fazer votos antes de ter dezesseis anos; mas, com dezesseis anos de idade, pode-se fazer a primeira profissão de votos anuais.

" O que o postulante deverá fornecer para seu sustento, será fixado segundo as necessidades da casa e a ajuda que o postulante pode

lhe proporcionar."

Esse artigo é muito amplo e permite certamente ao Superior Geral e ao Conselho aceitar Noviços, nas condições que acharem convenientes. Roma - e isso é compreensível - mostrou-se muito rigorosa referente às Religiosas. Não se pode receber com as Oblatas alguém que não garantir 500 ou 600 francos de renda ou, por falta de renda, que não tiver diploma, um talento ou uma aptidão que lhe permita ganhar a vida. Conforme as Constituições das Religiosas, não se deve, portanto, receber ninguém que não seja capaz de ganhar a vida pelo trabalho manual ou intelectual ou que não tenha já o seu sustento completamente garantido. Para os homens, não é tão fácil, e as Constituições são mais largas.

Cada um de nós compreenda, ainda que a Constituição seja ampla, que, entregando-nos à Congregação, é muito justo contribuir, ao mesmo tempo, com tudo aquilo que é necessário para a alimentação, a roupa, para o sustento, para não sermos um peso para os outros, e isso, seja através de dinheiro, seja pelo trabalho, pelas capacidades, pela aplicação para proporcionar-lhe do que precisa. Tenhamos a preocupação de trazer recursos...

Por exemplo, temos os nossos Anais. Se não são divulgados com uma tiragem bastante grande, tornam-se um peso. Pois bem, cada um de nós se esforce para encontrar assinantes.

Temos nossa Obra Sacerdotal. Cada um de nós a tome a peito. Não se deve dizer: "Isso não é comigo. Não tenho nada a ver com isso!" Seu interesse, portanto, é viver, o Senhor... Mas se não se empenha por procurar recursos para a Congregação, como ela viverá? Sempre que tenha essa preocupação, é-se um bom religioso. Não se importando com o interesse de sua casa, o que é que o Senhor é? Reparem como, numa casa de comércio, nas famílias, todo o mundo colabora para o bem comum...

O Bom Deus atende os desejos de nossos corações. Desejamos algo e lho pedimos; o Bom Deus no-lo concederá; ele o prometeu (cf. Mt 7,7; 21,22; Mc 11,24; Jo 14,13; 15,7.16;16,24). Mas, se não o desejamos, o Bom Deus não o dará.

É para nós uma obrigação de maior importância interessar-nos para o bem da Congregação; é dever que resulta do próprio conceito do estado religioso, da noção do voto de pobreza. É tão importante que, se os Senhores possuem isso, todo o mundo o perceberá: Este religioso quer bem a sua comunidade! E todos serão edificados e estarão predispostos em seu favor. Do contrário, o Senhor não será apreciado, não será com-

pleto; será como um coxo, um cego de um olho, um aleijado.

Se compreendessem o que dizia a Boa Madre sobre as coisas materiais, sobre a criação! Pois afirmava: A Deus Pai, a criação; a Deus Filho, a redenção; a Deus Espírito Santo, a santificação. Ora, o Pai é tão poderoso quanto o Filho e o Espírito Santo; por que se lhe cede tão pouco lugar? Por que o uso das coisas materiais se leva, geralmente, tão pouco em consideração, tratando-se da santificação, no empenho espiritual da alma religiosa? No entanto, há tanta possibilidade de santificar-se por meio da criação e das coisas materiais quanto pelas espirituais...

É necessário, meus Amigos, que cada um de nós compreenda isso muito bem. Sejamos desapegados, mas não sejamos seres frios, egoístas que ligam pouco ou nada para o que não os toca diretamente. Mas, na vida religiosa, tudo lhes diz respeito pessoalmente. Não é possível uma vida religiosa sem a prática do voto de pobreza. E não se pratica o voto de pobreza ao procurar ganhar a vida e ajudar os outros a ganhá-la? Quem achar que os assuntos materiais não lhe dizen respeito é como um galho seco e sem vida na árvore.

A Boa Madre dizia que era um grande engano não servir-se da criação para dirigir-se a Deus, não dando à criação, bem e sobrenaturalmente aproveitada, o lugar que lhe compete em nossa vida espiritual. Convém insistir muito nisso, meus Amigos, e compenetrar-se bem dessa doutrina no Noviciado... Olhem São Bernardo; certamente era um bom religioso. E reparem a importância que ele dava às mínimas coisas materiais. Leiam as coisas tão bonitas que ele disse e escreveu sobre Claraval, o riachinho, o moinho, o trabalho dos monges, etc...

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 21 DE JULHO DE 1897

NOSSAS GARANTIAS - VIAGENS - FÉRIAS

(O nosso Padre comunica uma carta do Postulador da Causa da Boa Madre, na qual anuncia que, no dia 27 de julho, haverá, em Roma, uma reunião da S. Congregação dos Ritos para decidir, se a Boa Madre Maria de Sales deve ser declarada Venerável e se a sua Causa deve ser definitivamente encaminhada. Enquanto a reunião se realiza, isto é, das 8 horas até ao meio-dia, o Postulador pede que preces sejam feitas, em todos os lugares onde a gente se interessa pela Causa da Boa Madre. Isso, a pedido do Postulador.

Recomendo muito essa intenção a suas orações. Isso tem grandes conseqüências para nós. A canonização, pois, da Boa Madre é a confirmação das nossas Constituições, a confirmação oficial, feita pela Santa Igreja, da Congregação dos Oblatos e daquela das Oblatas. Devemos convencer-nos, meus Amigos, que nosso Instituto é de grande valor. Na história da Igreja, não vejo que Nosso Senhor tenha aparecido muitas vezes aos Fundadores de Ordens como ele teve por bem fazê-lo ao Fundador dos Senhores. Não vejo muitas Papas dizendo: Eu vos envio!... "Tudo o que fazem e querem realizar é a Vontade de de Deus. Que queres? A aprovação da Igreja? Eu, o Papa, vo-la dou e - o que é mais - eu vos envio!... Todos os que trabalham convosco estão certos de cumprir, pessoalmente, a Vontade de Deus."

Vejo-me obrigado a lembrar essas coisas. Os Oblatos de São Francisco de Sales têm uma origem diferente de qualquer outra família religiosa. Será que há muitas missões marcadas de um selo divino tão visível, tão evidente e autêntico? É imprescindível correspondermos a semelhantes graças, meus Amigos; não podemos ser religiosos ao deus-dará. Por menos sérios que sejamos, compreenderemos essas coisas. Vejo, repito, poucas fundações assinaladas mais manifestamente com o cunho divino. O pouco que já foi feito até agora é prova disso.

Recebo de Padre Lebeau cartas extensas em que me afirma que está em contato com pessoas importantes e todas lhe dizem que, na doutrina de São Francisco de Sales há algo que cativa e ganha as almas pa-

ra Deus. A difusão dessa doutrina é um grande evento na Igreja. Dom de Ségur dissera sobre a Boa Madre Maria de Sales que semelhantes almas não se encontravam nem de cem em cem anos, mas de mil em mil... Temos testemunhos sobrenaturais da Vontade de Deus... Devemos empenhar-nos de todo o coração.

Independentemente das Constituções e do Diretório, existem ainda as decisões do Capítulo Geral que têm para nós força de lei. Entre nós, como nas outras Congregações Religiosas, as Constituições não podem abranger todos os detalhes e prever as necessidades impostas pelas circunstâncias do tempo e do lugar. As decisões de um Capítulo Geral têm força de lei até o Capítulo Geral seguinte que as pode renovar ou revogá-las.

(O Padre pede que se leiam dois artigos do Capítulo Geral de São Bernardo, de 1894, no tocante ao regulamento a observar todos os dias e referente às viagens durante as férias.)

Olhem aí um regulamento bem detalhado, e todos precisamos muito observá-lo bem. Temos um pouco a fama de estar de viagem freqüentemente; alguns - parece - nem sempre são muito prudentes nos contatos com as pessoas de fora. Quantas vezes ouvi dizer: Mas, afinal, seus religiosos estão constantemente fora da comunidade. Viajam sem cessar... Observem os Jesuítas... Nenhuma Congregação religiosa dá tantas licenças quantas dão os Senhores... Prestem atenção, meus Amigos. Nem todos nos querem bem. A gente se inclina a julgar mal de um religioso que prolonga sua ausência fora de sua comunidade. Além disso, lembrem claramente isto. Quando se vai para a casa do pai, da mãe, é-se acolhido com prazer; é verdade... Na casa de um irmão, de uma irmã, também... Mas, quando se vai a outra parte, não acontece sempre a mesma coisa. Diversas vezes, a respeito das viagens de um ou de outro e de seus períodos de permanência em famílias ou em casa de amigos - demora que parecera prolongada demais - chegaram-me aos ouvidos algumas indiretas, umas alusões disfarçadas: "Se pudesse deixar de vir este ano... ou não pode ficar muito tempo!" Sua presença é um peso, sobretudo entre os eclesiásticos, um peso quase insuportável. É um aumento de serviço para os empregados, é um estorvo profundo nos costumes de seu anfitrião. Tem que se recear incômodo para os outros...

Estando alí por motivo justo, deve-se ter cuidado ainda para não dizer qualquer coisa que possa comprometer, de uma forma ou outra,

sua honra sacerdotal e religiosa. Reparem os Jesuítas. Observem a extrema prudência com que se comportam. Sempre mantêm um silêncio muito prudente, não se metem indistintamente em todas as questões, não ferem ninguém e não se ocupam com o que não lhes diz respeito.

Esse Pároco que, diante do Senhor, parecia recebê-lo bem e lhes terá feito uma boa acolhida em sua presença, escreverá depois: "Há um tal Padre que é um desastre de imprudência... Ele disse isso ou aquilo..." Sobretudo sendo jovem, facilmente a gente se ilude. Os Senhores o verão, depois de alcançar mais idade, depois de ter um pouco mais de experiência do mundo eclesiástico; então dirão: "Nosso Padre tinha razão!" De há muito tempo, meus Amigos, venho experimentando essas coisas! Constatava-o até no Seminário: às vezes íamos visitar-nos uns aos outros, durante as férias. Ainda que as famílias estivessem muito dispostas, eu reparava como era um assunto delicado. É um peso e, às vezes, incomoda por demais. Convém ter medo de maçar, repito, sobretudo não tendo motivos especiais e particulares. As pessoas que o Senhor visitar poderão dizer-lhe palavras bonitas sobre a lástima que lhes ocasionaria, deixando-as tão logo... Não acredite nada disso! Dou-lhe a minha palavra: entre vinte visitas desse tipo, não há duas que serão agradáveis às pessoas que as recebem. Entre vinte pessoas que chegam na casa de um hospedeiro benevolente, dezoito lhe fariam um prazer bem maior se não fossem visitá-lo. Importa compreender isso e não correr o risco de importunar o próximo. Nunca se está tão bem quanto em casa para passar as férias, salvo raras exceções.

Não estou dizendo - notem bem - que alguns não precisem tomar um pouco de ar. A gente cansa, estando sempre no mesmo ambiente, ao ver sempre as mesmas paredes e as mesmas pessoas. Sei disso melhor do que ninguém. Durante as férias, quando for necessário, se poderá pedir licença para ir descansar numa outra casa da Congregação; alí se encontaria descanso, liberdade, uma cordialidade franca... Mas, acreditem-me, em casa, estarão sempre melhor do que em outra parte.

Aproximar-nos-emos do Bom Deus, neste fim de ano letivo. Cada um de nós se recolherá interiormente, examinando do que deve acusar-se, indagando o que perdeu ou ganhou, ao fazer bons propósitos para as férias. Se me acreditarem, direi o que penso. Toda a minha vida, tenho experimentado que o tempo mais propício para a santificação é para nós o tempo de férias. E, quando as férias se passam assim, é o tempo mais feliz também, conforme as palavras: Voluntaria oris mei bene-

placita fac, Domine (S 118,108). O que faço voluntariamente e de bom grado seja-vos agradável, Senhor; e Vós, a mim... Não andemos levianamente vagando de cá para lá e de lá para cá, sem saber onde parar, mas que as férias nos ofereçam a tranqüilidade do coração. Mais uma vez, não estou querendo afirmar de forma alguma que um e outro não precisem mudar de ambiente e repousar, mas fiquem sempre bem religiosos! Santifiquem suas férias, aproveitando-as bem; preparem suas aulas. A preparação das aulas é um trabalho interessante. Queiram bem essa preparação feita com calma; isso ocasiona um prazer, uma paz e uma satisfação incomparáveis.

Aproveitem bem tudo o que lhes disse, meus Amigos; observem minhas instruções; elas iluminá-los-ão e os levarão ao Bom Deus.

A nossa doutrina e os nossos princípios devem ter como base a Teologia mais aceita na Igreja; os alicerces da nossa doutrina devem ser a Teologia de São Tomás. Sobre essa fundamentação, colocamos os ensinamentos de São Francisco de Sales e os da Boa Madre Maria de Sales. Acrescentem aí as normas dos Capítulo e das Instruções que lhes dou. Com isso, terão um fundo completo, integral. Possuímos a partir do quê formar-nos religiosos e santos religiosos.

Sigamos por esse caminho. Todos os sacerdotes peçam fervorosamente, durante a Missa, que compreendam essas coisas e os que não são Sacerdotes recebam a Santa Comunhão na mesma intenção.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 28 DE JULHO DE 1897

FIDELIDADE NA TRANSMISSÃO DO PATRIMÔNIO - PROJETO DE MISSÕES FÉRIAS - FUMAR

A presença de Padre Rollin nos é muito útil, porque iremos constituir o Noviciado, e Padre Rollin, sem fatigar-se, fará, de vez em quando, uma instruçãozinha para os Noviços sobre o jeito para ficarem

bons Noviços e assumirem bem os costumes e o espírito da Congregação.

Não é fácil assimilar o espírito da Congregação. É imprescindível que quem for encarregado do Noviciado saiba que não se confiou o Noviciado a ele, mas à Regra, ao espírito da Congregação e da Boa Madre. A comunidade não pode desonerar-se e carregar sobre ele o cuidado dos Noviços a não ser sob essa condição. O Mestre de Noviços deve abster-se de suas observações pessoais, de suas opiniões particulares para sintonizar com o pensamento da Boa Madre e de São Francisco de Sales. Terá como orientador, no começo, ao Padre Rollin que é muito versado no espírito da Boa Madre; deverá executar pontualmente o que Padre Rollin lhe disser... Insisto em que o Mestre de Noviços nomeado aceite de Padre Rollin tudo o que é necessário para o modo de agir e se conforme plena e absolutamente ao espírito da Congregação. Sem isso, não poderia ocupar o cargo de Mestre de Noviços.

Quanto aos professores, os que estão no Colégio assumirão a obrigação absoluta à meditação da manhã, à Santa Missa, à Visita ao Santíssimo Sacramento, ao horário das refeições e à oração da noite. Não estou impondo outros exercícios para a época das férias. Acredito que não seria humano exigir, durante as férias, outras coisas, como a assistência ao Ofício, etc... Tratando-se de medidas de ordem geral, quero saber a opinião de todos.

(O Padre consulta cada um a respeito.)

A gente se conformará, portanto, a essa ordem. Não se sairá à cidade ou para passear sem pedir licença de Padre Rolland ou, na sua ausência, de Padre Lambert, que ficará ainda conosco durante as férias. Ele zelará pela observância do regulamento e dará as permissões.

(Entrada dos Noviços.)

Penso em pedir a Padre Pernin que dê algumas palestras durante o retiro, apresentando-nos o seu parecer sobre o tipo de ministério que temos que exercer para fora, tanto para os leigos como para comunidades religiosas.

Repito o que disse ontem, na hora da Missa na Visitação e o que me disse o orador, no dia da distribuição dos prêmios. A Igreja católica, sem dúvida, sustentar-se-á por si. A Igreja começou no Calvário, onde só havia quatro pessoas; e, mesmo que o número dos ministros e dos seus discípulos diminuísse mais, seria ainda a Igreja. Mas nossa obrigação é aproveitar os meios humanos, para que a Igreja se implante e se estenda.

O grande meio é valer-se dos povos vigorosos, ativos, trabalhadores. Olhem a Inglaterra... É a grande potência... Se ela fosse católica, dois terços do mundo também o seriam.

A Suécia, a Noruega e a Dinamarca são poderes que começam a projetar-se no palco do mundo. É gente forte e robusta; são nórdicos. E o Norte é que conquistou o mundo. Ter ali uma missão quão excelente seria. Também na Inglaterra... Os ingleses os quais a gente converter serão homens práticos, sólidos que poderiam, lá onde estivessem, ter uma influência maior do que quaisquer outras pessoas...

Importa, pois, apoiar-se nos povos vigorosos. O Senhor Klein dizia-me que o que se precisa mandar para lá não são pregadores, homens que passam, mas homens como os Senhores, dizia-me ele, que têm uma doutrina, que se arraigam, que ficam e permanecem firmes; são os Senhores, os Oblatos, com seu espírito, que podem realizar isso.

Seu discurso era muito bonito, repleto de uma filosofia admirável. Precisa-se explicar e dizer às pessoas o que elas podem compreender, importa fazê-las avançar no caminho onde já começaram a andar. É necessário ser teólogos práticos que saibam estabelecer contato com as pessoas às quais têm que se dirigir e que saibam falar a pessoas de vida vigorosa.

Uma palavra sobre as férias.

Façamos férias, sim, observando duas ou três barreiras além das quais não passaremos. Aproveitemos esse tempo de maior liberdade para praticar integralmente o Diretório. Se soubessem o que significa entrar na linha da prática pontual e fiel do Diretório, como isso os torna livres e independentes. A fábula narra que, todas as vezes que Antéias, durante a luta contra Hércules, tocava no chão, ele ficava mais forte. Sempre que se toca a Deus pelo Diretório, a gente se reveste de força. Pratiquem-no com esmero; isso os tornará sumamente fortes, generosos e felizes. Toda a tarefa tornar-se-á mais leve.

Durante as férias, é preciso descansar, é verdade; mas também é preciso fazer alguma coisa. Todos os professores que forem designados comecem a preparar suas aulas. Por que não preparar as aulas? Essa preparação escrita lhe será muito útil. No momento de dar aula, reencontrará isso; relerá sua preparação; novas idéias lhe surgirão, e, durante a aula, cativará o interesse dos alunos; prendê-los-á a suas palavras; eles lembrar-se-ão do que lhes tiver dito. O ensino não deve ser

algo maçante. Convém poder acrescentar uma observação interessante, uma derivação etimológica, uma idéia, ou saber agregar uma anedota, uma comparação, um acontecimento, em matéria qualquer, História, Geografia, Literatura, Matemática, Idioma; todo o mundo, então, escuta com interesse e isso fica na memória.

No Seminário Menor, o Padre Josse, que nos acompanhou como professor do sexto Ano até concluirmos o segundo Grau, sabia, todo esse tempo, interessar-nos tremendamente. No caso de uma tradução, por exemplo, ele tomava um dos nossos deveres, lia essa versão, salientava as expressões, louvava, censurava, corrigia à frente de todos e envolvia todo o mundo na correção. Todos escutavam atentamente, porque todos estavam interessados. O que aconteceu? De uma turma de 16 alunos, 15 chegaram a ser excelentes Sacerdotes; o outro, o décimo sexto, é Ministro plenipotenciário. A turma que nos precedia, pelo contrário, e que contava com elementos bem mais inteligentes e talentosos do que nós, só deu dois ou três Sacerdotes. Isso foi devido, sobretudo, aos professores.

Durante as férias, cada um de nós deve preparar suas aulas. Com isso, cumpre-se o Diretório. Além do mais, se fará, de vez em quando, alguns bonitos e bons passeios. Gostando de uma determinada leitura, de um estudo especial, dedicar-se-ão a isso. Assim terão uma vida feliz, para a inteligência, para o coração e para a fé. Sigamos essa vida, ao mesmo tempo, alegre e séria e perfeitamente religiosa.

Desejo proibir terminantemente que se fume. Há homens e senhoras que me dizem: Seus jovens Oblatos são afamados fumantes. Este ou aquele professor especialmente... Nos países onde o uso do fumo é aceito, talvez seja difícil abster-se por completo. Mas aqui é preciso deixá-lo de lado. Do contrário, dentro de pouco, todos fumaremos e venerar-se-ia o fumo bem como no quartel. (Jogo de palavras: "fumo" (francês: "caporal" = fumo de má qualidade) e "o pequeno cabo" (francês: "le petit caporal"), apelido de Napoleão I - tr.)

Isso poderá custar para alguns, eu sei; é uma mortificação a fazer e a oferecer ao Bom Deus.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 22 DE SETEMBRO DE 1897

O VALOR DAS DIVERSAS PRÁTICAS - VISITA CANÔNICA - COMER DE TUDO

Há uma coisa que os Senhores vão aprender, meus Amigos, mas que eu aprendi muito tarde. Quero dizer, para formar uma comunidade, uma agremiação, as pessoas devem sujeitar-se a muitas coisas que parecem infantis. Por exemplo, os Maçons e suas fórmulas; o que dizem, o que fazem está cheio de coisas raras, ingênuas e ridículas. Por quê? Porque é necessário para ligar as pessoas a uma coisa. Para ter êxito, é preciso que haja algo que exceda ou até ofenda um pouco a razão pessoal. O próprio Deus não age nesse sentido? Nos mistérios, faz-nos submeter a nossa razão a coisas que essa não compreende, que considera até, às vezes, impossíveis. Eu acreditava que se podia instituir uma Congregação somente com coisas aceitáveis à razão. Agora vejo que não é possível. Eu me perguntava, por exemplo: "Para que servem 'as culpas'? Que utilidade têm as obediências freqüentes e numerosas? Para que fim fazer isso ou aquilo?" Ora, é interessante observar que as comunidades que têm vivido desde muito tempo no fervor da observância são as que mais atenção dão a esse tipo de coisas. Por exemplo, os Cartuxos. Eu via na Cartuxa de Bosserville um príncipe, primo da rainha da Espanha; ele estava ajudando a Missa; Padre Retournat, o Mestre de Noviços, viu-o fazer um erro; tinha se enganado num movimento. Olhem, após a Missa, prostrou-se no piso da igreja e ficou estirado ali por muito tempo. Perguntei ao Padre Retournat o motivo de uma semelhante penitência. - "Cometeu um erro na Missa." - Mas, afinal, é uma penitência que poderia torná-lo doente; o chão é gelado. Poderia ficar com pneumonia. - Não, ele tem boa saúde, não tenha medo. Mas, pelo menos, ele se lembrará.

Eu via também Padre Estanislau, com pelo menos sessenta anos de idade, que ingressara recentemente e se exercia para fazer a inclinação como é feita na Cartuxa. Sua espinha dorsal não era mais tão flexível e não conseguia dobrar-se tanto. Vinha se esforçando já durante três meses. Isso o incomodava por não obter grandes resultados, mas esperava chegar um dia, com a ajuda de Deus.

Entendo que essas pequenas práticas, esses pequenos costumes

são absolutamente necessários para chegar a algo valioso; de outra forma, tudo se perde, leva-se uma vida comum, ordinária, sem elevação alguma; não se é religioso.

Toda essa introdução, meus Amigos, é para dizer que vamos fazer tudo o que pudermos para que a Regra e a observância sejam bem praticadas. Todos nós ganharemos com isso em paz interior; pois quanto mais damos a Deus, tanto mais o coração fica satisfeito.

Proponho-me a realizar a Visita no Colégio grande, quarta-feira que vem. A Visita é prescrita pelas Constituições. O Superior não pode esquivar-se disso. Quando o Superior chegar para a Visita, a comunidade se reunirá na capela. Em seguida, ele se retirará numa peça designada e cada um irá fazer sua prestação de contas pessoal, sobre sua maneira de cumprir a Regra e os deveres da vida religiosa. Acrescentará ainda o que, em consciência, achar necessário dizer. Se vê algo que se faz contrariando a Regra, di-lo-á com muita simplicidade e candura espiritual, tendo presente quanto ele próprio vale. Se percebe uma observação útil a fazer sobre o conjunto e o andamento geral da casa, se experimenta uma ou outra dificuldade no seu trabalho, o diz com simplicidade. Esse reconhecimento confiante suscita a graça de Deus. Há nisso uma coisa que se aproxima da eficácia dos sacramentais.

Deve-se realizar isso com o espírito do Diretório, com a reta intenção. Isso ajuda muito. No mosteiro dos Cartuxos, pode-se ler nas paredes dos claustros as palavras: Sol. si. vi Carthusianos permanet in vi; isto é, pela solidão, pelo silêncio e pela visitação, o Cartuxo conserva o seu vigor. É, portanto, em parte, através da Visita que o Cartuxo mantém seu vigor. Nós realizaremos a Visita com a mesma mentalidade; será um dos meios principais para manter-nos fervorosos na observância.

Quando o Superior puder realizar a Visita em todas as casas, ele mesmo a fará. Se só puder cumprir com esse dever em algumas, ele delega o Assistente ou um outro Conselheiro para fazer a Visita nas outras. Não preciso acrescentar que o Visitador terá um relato absolutamente discreto e secreto das observações e das confidências que lhe tiverem sido feitas.

Após a Visita, o superior reúne novamente a comunidade para apresentar-lhe a síntese das observações, deixar-lhe as recomendações úteis e indicar o caminho a seguir. Encerra-se com a Bênção do Santís-

simo Sacramento. É praxe rezar, nessa ocasião, em todas as comunidades, uma oração para pedir a luz do Espírito Santo. Todos nós rezaremos o "Veni Creator" ("Vem, Espírito Creador") na intenção de aproveitar bem a Visita que é, repito, um meio valioso para manter-se fervoroso.

A partir da Visita, observar-se-á o que foi dito no Capítulo Geral no concernente às viagens e férias. Igualmente, quanto às saídas à cidade, sempre se pedirá licença do Superior. Se a gente tiver que sair por bastante tempo, dirigir-se-á ao Conselho e aguarda a decisão do Superior Geral. Cada um de nós se conforme bem a isso. Não esqueçamos que Deus distribui graças abundantes, quando se faz um sacrifício por ele. Não acredito que seja muito fácil para cada um de nós fazer o que a Regra requer e não me admiro, ao ver que se tem dificuldade para pôr-se na linha disso ou daquilo, sendo que esse tipo de coisas exige constantemente muita energia. Todos afirmam que, se os Oblatos fizerem bem o que têm a fazer, serão os melhores religiosos do mundo.

Cada coisa a seu tempo. Nós chegamos a nosso momento. Dispomos das graças para a nossa época, para as necessidades do ambiente onde vivemos. Daí devemos ajeitar-nos para estar à altura de nossa tarefa. Rezemos à Boa Madre, agora, Venerável, que nos dará testemunhos do seu poder junto a Deus.

Rezem para o estabelecimento sólido do Noviciado, para que os Noviços se formem bem no espírito da Congregação.

Uma observação. Alguns são sensíveis ou têm repugnância diante de muitos tipos de alimento; não comem disso nem daquilo. É preciso fazer um pouco de esforço. Forçando-se um pouco inicialmente, chega-se a comer com gosto certos pratos que anteriormente, de certa maneira, repugnavam. Não estou falando, naturalmente, de certas relutâncias insuperáveis. Tomando no começo um pouco, depois, um pouco mais, depois, ainda mais, acaba-se comendo tudo e gostando de tudo.

É como a toalha que desce do céu, na visão de São Pedro, contendo todo o tipo de animais: - Surge, Petre, occide et manduca... (Levanta-te, Pedro, imola e come.") - Senhor, nunca comi disso!... - Mas é o Senhor que to manda!... (cf. At 10, 14-16). Esforcemo-nos por superar nossas resistências a respeito. Lembro-me de que no Seminário Menor, quando nos explicavam os detalhes do regulamento, terminavam com essas palavras que lhes deixo: A paz, a alegria, a felicidade estão ligadas ao cumprimento dessas regras.

CAPÍTULO DO DIA 13 DE OUTUBRO DE 1897

COMENTÁRIOS PROIBIDOS - RECOMENDAÇÕES PRÁTICAS - O PROCESSO DA BOA MADRE

Vamos retomar o trabalho com toda a coragem possível. Para sustentar-nos no serviço, para que o nosso empenho seja útil e produza frutos para nossos alunos, é sumamente necessário sermos bons religiosos. Uma vez sendo bons religiosos, tudo vai bem.

Quero deixar-lhes uma recomendação importante. Há um tipo de gente que se ocupa em contar histórias sobre um, sobre outro... Eu sei que, no fundo, isso não é por maldade... Pertence-se à Congregação, daí a gente se ocupa com ela, tem-se interesse e amor por ela e... fala-se muito sobre o que lhe concerne e sobre o que se refere a alguns dos seus membros... Quero prevenir, portanto, alguns dentre os Senhores para não mais pôr-se a contar todas essas histórias. Não se deve falar sobre o que acontece na Congregação, sobre a transferência de um ou de outro, sobre as razões que possam ter motivado essa mudança... É absolutamente proibido. Isso nos rebaixa, meus Amigos, ou seja, o falar dessas coisas. É preciso ter um pouco de dignidade. Nós, que passamos pelo seminário, bem sei que podemos ter pegado um pouco esse mau costume. No seminário, gostam de fazer essas coisas. A gente se ocupa da transferência dos professores, da remoção dos colegas, da administração diocesana... Mas, entre religiosos, isso é terminantemente proibido. Nugae in ore secularis, nugae, dizia São Bernardo, in ore sacerdotis, in ore religiosi, blasphemiae (Conversa à toa, na boca de um leigo, é conversa à toa, na boca de um sacerdote, de um religioso, são blasfêmias); isto é, são palavras chocantes, fora do que é conveniente, inocente e permitido. Pratiquem devidamente, pois, a correção fraterna entre si, a esse respeito. Quando alguém se desvia para lá, puxem-no pela manga e digam-lhe: Não é por aí que se deve ir!

Sei muito bem que nem todos agem assim, graças a Deus... Mas, enfim, há os que comentam de uma casa para outra o que se passou aqui e acolá. Eu o proíbo. O que acontece em "São Bernardo" fique em "São Bernardo". O que se faz em outra parte fique ali. Não somos repórteres encarregados de contar novidades. Isso rebaixa; é o que se percebe e não

lhes posso descrever a impressão que isso causa na sociedade, entre as pessoas que, sim, sabem viver e os ouvem...

Quanto aos exercícios religiosos, devem cumpri-los com muita fidelidade, não dispensando-se nunca da meditação, nem da Visita ao Santíssimo Sacramento, sem permissão especial do Superior. É praxe, nas casas da Visitação, renovar esse tipo de licença de quinze em quinze dias. É uma sujeição muito boa que obtém a graça de Deus.

É absolutamente proibido sair à cidade ou ir passear sem a autorização do Superior. Esse consentimento para fazer um passeio poderá se conceder, quando se tratar de ir para fora; mas não se deve fazer da cidade uma finalidade de passeio, sobretudo agora que temos uma determinação especial como nosso costume, algo uniforme. As pessoas que encontramos nem sempre estão em favor do clero ou dos religiosos. Não sejamos vistos a não ser no colégio, na igreja, lá onde podemos ocasionar edificação para os outros. Também, em geral, não vamos nós mesmos comprar sapatos, óculos, etc... Dirijamo-nos, para tudo isso, ao Ecônomo, Padre Lambert. Ele dará as dicas correspondentes... Olhem... A gente facilmente se dá um pouco um aspecto de importância, o que não nos convém de forma alguma. Lá, não há nada de bom para aproveitar. Nossos compromissos são suficientemente sérios para absorver-nos toda a atenção e toda a energia.

Gostaria muito também que colocássemos nossa comunidade numa base conveniente, que os Oblatos fossem uma Instituição que realiza o bem.

Dentro de casa, é preciso depender totalmente do Superior. Padre Rolland fará os programas. Ele cuidará de tudo e a ele todas as questões devem ser apresentadas. Ele tem as atribuições; ele deve dispor dos meios para aplicá-las. Através das relações de confiança, de submissão, de dependência dos Senhores todos, poderão corresponder perfeitamente às condições para o ensino e para a vigilância que lhes serão solicitados. Cada um de nós se conserve perto de Deus, afastado de toda a maldade, seja contra o sexto mandamento seja contra todos os outros, particularmente contra a caridade, contra o espírito de conjunto.

Quanto a este, precisa-se partir de um princípio. O Senhor tem sua característica, seu jeito... Sua maneira de ser, de ver, de agir não agrada a todos os que o rodeiam. Não deve estranhar, portanto, se não consegue encantar-se pela maneira de ser de um outro. O que se deve

fazer? Cada um de nós deve considerar no seu irmão o que há de bom nele... E sempre há um lado bom. Deve-se partir dali, depois ampliar, estender o lado bom e não reduzi-lo. Do contrário, se não dão toda a atenção para esse lado bom, se não insistem em discernir isso, as relações vão minguando, tornando-se cada vez mais difíceis e a gente acaba sem entender-se de maneira alguma. Ver o lado bom, portanto, em seguida fixar-se nesse terreno, ampliar a visão, aprofundar-se, elevar-se e construir... Deveras, é um terreno a desbravar. Temos lá na África, do outro lado do Orange, um terreno de quarenta quilômetros quadrados Em certos lugares, há vertentes e vegetação; mais longe, porém, não se encontra mais nada disso. É a imagem real daqueles com quem convivemos. Seja essa, portanto, a norma do nosso convívio com os coirmãos, igualmente com os nossos alunos. Esse é o ponto de partida. Apeguemo-nos ao que há de bom neles e procuremos aumentá-lo pela confiança e pela dedicação. Situemo-nos sempre nesse ponto de vista; é o único acertado e o exclusivamente verdadeiro.

Nas relações entre nós, tenhamos claramente em conta o que está marcado nas Constituições. Nossas maneiras não tenham nada de rude, de duro, nada que não reflita a boa educação. Esta nada mais é do que a aplicação prática dos princípios da vida cristã.

Vejo que a Causa da Boa Madre progride. Padre Rollin nos escreve que se está preparando todo o necessário para a formação dos tribunais apostólicos que devem suceder agora aos tribunais das diversas dioceses. Temos, na pessoa da Boa Madre, uma protetora. Todo o mundo se impressiona pela união de todas as pessoas em favor da Boa Madre. É uma ocasião para fazer com que ela seja mais conhecida e mais amada em nossoas Obras, que são as dela. Alguns eclesiásticos chamaram atenção ao fato de que, uma vez julgada a Causa, pode-se avançar agora com toda a segurança; isso é um ponto muito importante. O Santo Padre se pronunciou solene e publicamente.

Meus Amigos, temos que conservar o caráter distintivo da família, conformando-nos ao protótipo que temos diante dos olhos, isso tanto no que se refere à interioridade quanto relativo ao exterior. É um motivo para mantermo-nos, frente a todos, perante o clero particularmente, na condição de verdadeiros religosos, de bons Oblatos de São Francisco de Sales. Rezemos para que Deus permita que a Causa da Boa Madre siga adiante. Acredito que não faltará nada para a beatificação,

a respeito de provas de virtudes heróicas e para a canonização, relativamente aos milagres.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 27 DE OUTUBRO DE 1897

NOTÍCIAS DAS MISSÕES - O DIRETÓRIO: A UNIÃO COM DEUS

Notícias dos nossos missionários...

No Equador, sobrou só um, Padre Saunier. O clero não nos é desfavorável. Prometeram pagar às Irmãs o que lhes deviam. Toleram-nas no país. Padre Davi enviou-me um relato sobre o convite que um Bispo de Peru lhe fez para assumir a direção do Seminário. O Padre examinou as propostas e a situação e concluiu que o Peru não valia grande coisa e que ali não se estaria mais seguro do que no Equador. O Padre encaminhou-se para Montevidéu e, talvez, a esta hora, já tenha chegado ali.

A Escola de São Paulo vai bem. O Padre Berthet escreve que tem 67 alunos e está esperando ainda novatos.

Na Inglaterra, a pequena casa de Walmer não vai mal: há 8 pensionistas, e se cobrem as despesas.

Retomo o Diretório. É uma repetição freqüente dos mesmos assuntos e das mesmas idéias. Quando se lê o Diretório pela primeira vez, do começo até o fim, não se encontra nada, nem citações da Sagrada Escritura. Entretanto, no Diretório há alguma coisa, pois, com ele fez-se a Visitação, formaram-se grandes Santas e grandes Santos. Examinem-no de mais perto e descobrirão no Diretório uma ginástica admiravelmente favorável ao desenvolvimento da vida sobrenatural e da santidade.

É um pouco o que aconteceu quando surgiu o Evangelho no mundo. Os pagãos e os filósofos afirmavam que não havia nada no Evangelho, nem sal, nem vida...

Quando São Francisco de Sales elaborou o Diretório, não foi compreendido por todos, nem na Visitação... Um certo número de Visitan-

dinas até consideravam-no de pouca necessidade, antes uma exigência um tanto exagerada; a prática das Constituições em si seria suficiente. Veio a Boa Madre Maria de Sales e ajudou, por seus exemplos e suas palavras, a esclarecer bem que o Diretório era da Visitação e uma fonte viva e que, ao estudá-lo de muito perto, a gente encontraria muitas coisas... Todos os livros de legislação estão sujeitos a várias interpretações; no entanto, há um só sentido verdadeiro e certo. O verídico sentido do Diretório tem sido conservado pela Visitação e sempre tem ficado honrado e em vigor num certo número de mosteiros, enquanto, em outros, tinha sido negligenciado e esquecido. A Boa Madre, portanto, teve uma grande e real influência sobre a compreensão e prática do Diretório, nas casas da Visitação.

"Que todos os exercícios e sua vida inteira sejam para se unir com Deus e para - por orações e bons exemplos - ajudar a Santa Igreja e fomentar a salvação do próximo."

A união com Deus é o grande segredo, o meio exclusivo para adquirir a santidade. É uma coisa que nem sempre compreendemos e que, antigamente, não se nos ensinava nos Seminários, nem na educação cristã que recebemos. Ensinavam-nos a ser piedoso, bem comportado, aplicado, mas não nos falavam sobre a união com Deus. Em nenhuma parte se encontra isso bem expresso. Acham-se, sim, algumas palavras referentes à união com Deus, nos livros devocionais, em certos tratados de teologia afetiva, em alguns escritos sobre a Santa Comunhão, mas é quase só lá que essa união aparece e somente de passagem. Põe-se sempre uma grande distância entre quem reza e Deus. Fala-se a Deus de muito longe. Mantém-se diante dele uma distância que acentua mais o afastamento do que o respeito...

O termo "união com Deus" inclui toda uma teologia. É de tanta profundidade que diz tudo. Compreendam profundamente isso. Só valemos alguma coisa através disso. União com Deus em nossas orações, na Santa Missa, na Santa Comunhão, nos sacrifícios a fazer, nas contrariedades que experimentamos, nas situações mais comuns de nossa vida, do trabalho, da preocupação... A união com Deus é a característica própria da santidade. Leiam a Vida de São Francisco Xavier, de Santo Inácio de Loyola, de São Vicente de Paulo; chegaram a simplificar sua alma, à custa de esforço. Tudo os conduzia à união com Deus e todos os seus trabalhos eram feitos justamente para chegar a isso. Nessa caminhada, todos os meios de santificação que empregavam eram meios que deviam levar a esse fim. Mas eram recursos prolongados e, portanto, muito meritórios, por-

que o empenho feito por Deus merece recompensa... Certamente, muitas pessoas não percebem, não compreendem a união com Deus. De fato, não é visível, enquanto jejuar, dormir em cama dura, caminhar descalço, essas coisas se compreendem, porque são visíveis e palpáveis. Essa é a grande diferença entre as duas maneiras de ir ao encontro de Deus.

Isso não quer dizer que, no Diretório, não há referência à mortificação nem à prática dela: são encontradas o dia todo. Mas o verdadeiro e primeiro sentido da mortificação é a união com Deus, princípio e fim de toda a nossa vida, de todas as nossas ações.

O que diz São Francisco de Sales?

"Que todos os exercícios e sua vida inteira sejam para se unir com Deus..." Não diz somente: Unir-se-ão com Deus pela penitência, pela oração, pela Santa Comunhão... Mas ele engloba toda a nossa vida, cada trabalho nosso, nossa respiração, as pulsações do coração, e com isso ele conduz a alma à perfeição e à santidade, dando tudo e sem reserva a Deus. Eis a perfeição e a santidade bem entendidas.

O Diretório, pois, seja praticado por nós em tudo o que fazemos para estarmos unidos com Deus. Durante nossas instruções, na catequese às crianças, em nossas confissões, reine esse pensamento, a saber, que estamos unidos com Deus pelo Diretório; essa idéia constitua a base e o fundamento da nossa doutrina, isto é, daquilo que comunicamos às almas.

A Igreja aprova o Diretório, pois ela no-lo dá por regra e no-lo prescreve nas Constituições, ratificando-lhe, portanto, implicitamente a doutrina. De fato, é a mais linda e a mais prática doutrina que se possa encontrar; ela envolve toda a vida para dá-la unicamente a Deus. Em que consiste essa doutrina? Experimentem-na e verão como sobresai na transformação das almas, na formação das vontades...

Tudo é para Deus. O que São Francisco de Assis encontrou na pobreza, São Francisco Xavier, no zelo apostólico, São Francisco de Sales o encontrou na vida tal qual ela é; aproveita todos os seus atos, toda a sua ação, todos os minutos e os segundos para consagrá-los a Deus.

Para levar uma vida assim, requerem-se muitas condições. Antes de mais nada, não se devem cometer pecados graves. Depois, é necessário dominar as paixões: orgulho, amor próprio, suscetibilidade, sensualidade; é necessário cortar rente tudo isso; não se pode viver unido com Deus com disposições para o pecado, deleitando-se nelas, nem com apego à vontade própria. É, pois, um exercício de alta perfeição. É desnecessário lembrar que filho de peixe, peixinho é; um mau professor não for-

mará bons alunos; aquele cuja vida não se combina com Deus não poderá levar as almas a viver com Deus...

Nesta palavra "união com Deus", está contida uma doutrina eminentemente profunda. **"Que todos os exercícios e a sua vida inteira sejam para se unir com Deus..."** Tudo o que realizamos, orações, trabalho, é para ajudar a Santa Igreja da qual somos, como religiosos, os delegados oficiais. Rezamos o Breviário em nome da Igreja; a Santa Missa, todas as atividades do ministério pastoral, tudo é feito em nome e por conta da Igreja. Vamos mais longe; nossos exercícios de comunidade e de vida religiosa, nosso trabalho, nossas ocupações de cada momento, tudo isso pertence também à Igreja. O nosso bem exemplo, enfim, igualmente. Afirma São Francisco de Sales que é preciso que o bom exemplo brote espontaneamente como a água da qual, para ser boa, não se exige outra coisa a não ser que seja fresquinha e sem gosto; o bom exemplo deve desprender-se de toda a nossa conduta e produzir o seu efeito, parecido com a água refrescante que amana da fonte.

A Igreja é nossa Mãe, somos seus filhos, seus ministros, seus apóstolos. É o sacerdote que forma a Igreja; une e liga os fiéis à Igreja, ajudando seu próximo a alcançar a salvação. Lembremo-nos de que cada um de nós é chamado, segundo os desígnios divinos, a levar a Deus e à salvação um certo número de almas; isso não só pela pregação, pela confissão e educação, mas também através de tudo o que fazemos. Na vida dos Oblatos, dar aula, vigiar um estudo ou um recreio, trabalhar como marceneiro ou jardineiro, é tão santo quanto confessar; explicar um texto de Cícero é tão perfeito aos olhos de Deus quanto dar catequese às crianças. A fé nos ensina que, se elevamos o coração a Deus, pedindo-lhe que o que dissermos faça o bem às almas, Deus nos atenderá. Experimentem isso. Rezem por um mau aluno, para que lhe nasça no coração um leve desejo de melhorar; verão o resultado. Vai acontecer nele alguma coisa que não teria ocorrido sem sua oração. As leis da graça são tão infalíveis e inflexíveis quanto as da natureza, as leis físicas.

Importa compenetrar-se bem dessa doutrina e pô-la em prática com afinco; é esse o nosso valioso meio de agir. Rezem, sejam fiéis e obterão tudo aquilo que desejarem. Deus, com quem terão ficado unidos, agirá com os Senhores. Essa idéia deve dominar toda a nossa vida. Permanecendo pontuais e fiéis no aproveitamento desses ensinamentos, seremos outros Jesus Cristo. Parte de nós um vigor que edifica os fiéis e que é sumamente agradável a Deus.

Nestas poucas palavras: "estar unido com Deus", vejam bem tudo o que se pode distinguir e tudo o que nisso há, de verdade.

Comecemos mesmo, ajudando-nos através da prática exata da fiel observância. É um sacrifício a fazer, mas a caprichada e perfeita observância comunica à nossa alma a energia que nos mantém firmes e generosos no caminho. Como diz São Paulo: Sejamos homens espirituais (cf. Gl 6,1; Cl 3,1). É a respiração e a pulsação do coração que, embora invisíveis e quase despercebidas, nos sustentam a vida; para nós, religiosos, sacerdotes, é o amor de Deus, é a união incessante com Deus que nos alimentam a vida espiritual. Tirem esse movimento da alma, essa respiração, e não sobrará mais nada. Isso é matematicamente certo. Exclui-se toda a sombra de dúvida. Sejam, portanto, bem entendidos nos assuntos sobrenaturais e terão resposta a tudo.

Estou satisfeito com a matrícula dos diversos colégios. Em Morangis, Padre Perrot está dando conta do seu recado. Vê-se obrigado a recusar alunos; a casa está cheia. Ele cuida de que se chegue munido do necessário.

Santo Ouen começa a refazer-se. Os Padres Courtois e Vaubercy estão satisfeitos. O número dos alunos não aumentou, mas os trabalhos diminuíram.

Em Macon, Padre Latour tem esperança no futuro. As previsões em Auxerre são boas; há alguns alunos a mais e seu espírito é excelente.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 3 DE NOVEMBRO DE 1897

"INTENÇÕES GERAIS"

Cada Congregação tem sua maneira própria de ser e de agir. Se agisse, pois, exatamente como todo o mundo, para que serviria ela? Ora, não pode haver Oblato sem Diretório como nem pássaro sem asas. O Diretório é o nosso recurso, nosso alimento.

Unir-se com Deus, nisso consiste toda a nossa vida. É o "Sine

me nihil potestis facere" (Sem mim nada podeis fazer) (Jo 15,5). Não conseguimos nada, absolutamente nada, nihil, sem unir-nos com Deus, nem a mínima coisa útil. Isso não parece nada, mas é um ensinamento muito drástico. As práticas de piedade, o Ofício, a Santa Missa, sem dúvida, nos unem com Deus; e até lá os cristãos em geral se limitam, procurando a união com Deus. Entre nós, pouco importa a natureza da ação que a obediência nos impôs; nossos pensamentos, cada uma das tendências de nossa vontade, devem manter-nos unidos com Deus. É assim que deve ser a nossa regra de conduta e dessarte também nosso ensinamento no púlpito e no confessionário.

Quando a Boa Madre dizia que se devia reimprimir o Evangelho, ela queria expressar que era necessário fazê-lo bem conhecido e bem compreendido. Só pode-se dar o que se tem. Se os Senhores não aplicam essa doutrina a si próprios, a sua palavra, seus sermões não levam a nada. Seriam "Aes sonans, aut cymbalum tinniens" (cf. 1 Cor 13,1) (Bronze que soa ou o címbalo que retine). O povo se reúne, assiste ao espetáculo que o orador lhe apresenta, dissertando eloqüentemente, e, terminada a demonstração, ninguém se lembra de mais nada.

Isso não quer dizer que, com a aplicação da doutrina em si mesmos, os Senhores serão plenamente bem-sucedidos, atraindo a todos. O próprio Cristo não o conseguiu. Mas, pelo menos, conseguirão a totalidade das graças que Deus lhes destinou em seus desígnios...

É possível ser um bom cristão, sem dúvida, um bom sacerdote também, sem entrar nesse caminho que estou lhes indicando, mas um bom Oblato nunca!...

"Que todos os exercícios e a sua vida inteira sejam para se unir com Deus e para - por orações e bons exemplos - ajudar a Santa Igreja e fomentar a salvação do próximo."

Sim, as orações dos Oblatos são eficazes; atraem um bom número de almas; isso é incontestável. Deus designou, de antemão, as almas que devemos conduzir ao céu. Se formos fiéis, todas essas almas serão salvas. Se não formos inteiramente fiéis em cumprir a tarefa que nos é confiada, haverá umas dessas almas que não serão salvas...

Por que a Boa Madre tinha tanta influência?... Será por causa da autoridade das palavras que dizia às pessoas de fora? Não, era unicamente por causa de sua união com Deus. E isso a fez tão segura. Cada dia, as cartas que recebo me mostram a confiança que ela inspira, a paz

que ela faz reinar nas almas. Esse grande meio da união com Deus ocasiona realmente grandes benefícios, o céntuplo... Convençamo-nos profundamente disso...

"Os Oblatos não devem desejar nada tanto quanto serem tão virtuosos que o seu perfume, sendo agradável a Deus, se espalhe nos corações dos fiéis."

O nosso Santo Fundador diz que é o perfume de nossas virtudes que atrairá os fiéis e os ajudará a cumprir com a sua vocação. Assim, nossas obras exteriores não devem ser senão a manifestação dessa nossa vida interior. É como o carbureto de acetileno... Vos estis lux mundi... (Mt 5,14) (Vós sois a luz do mundo).

Nas suas confissões, não deixem de acusar-se, se não tiverem sido fiéis ao Diretório. Acusem-se, caso não tiverem o Diretório bem no fundo do coração... "Mas o Diretório não me diz nada!..." Pois bem, pratiquem-no maquinalmente, no início, e, pouco a pouco, verão que vão se plasmando mesmo, como o soldado se forma pelo exercício.

Peço-o a todos. Nunca façam brincadeiras sobre isso. Sejam muito prudentes com suas observações. Que se examine atentamente, se a gente não era, talvez, causa de certas tentações de desânimo entre nós, por motivos de conversas imprudentes. Lembro-me de um episódio do Seminário Menor. Um colega um tanto leviano até então, começou, um belo dia, a prática do regulamento e o exercício da piedade. Eu lancei-lhe uma pequena brincadeira sem malícia e sem má intenção a respeito. O professor me chamou e me repreendeu severamente: "Tu podes, com tua brincadeira, fazê-lo mudar de caminho e perdê-lo!..." Meus Amigos, respeitem o que é de Deus. Não pisoteiem essa pequena planta. Usem, pelo contrário, mais delicadeza, tenham mais cuidado e respeito, para deixar toda a liberdade e toda a facilidade aos seus irmãos para se formarem interior e exteriormente sob a ação da graça.

É uma coisa que me impressiona vivamente. Padre Rollin escreveu que o Cardeal Vigário, o Cardeal Parocchi, tem absoluta confiança nos Oblatos. O Prefeito da Propaganda tem as mesmas disposições. Lembrem-se do que nos dizia, em sua carta, o Cardeal Chigi: "Quero ser um dos seus." Não é, portanto, uma coisa qualquer, ser Oblato. Um Oblato, portanto, não deve agir como um colegial.

Padre Bony, antes de entrar em nossas fileiras, era muito espirituoso e facilmente se permitia alguma brincadeira que ia bastante

longe. Pregava um retiro na paróquia de São Urbano e contava-me que, um dia, à mesa, a sobrinha do Padre Pároco o interrompeu: "O quê?", exclamou ela, "o Senhor quer ser Oblato e olhe o que está dizendo!..."

O Diretório transformá-los-á, meus Amigos. O que teriam feito na qualidade de homens não será nada em comparação com aquilo que o Diretório lhes fará realizar. É isso o que deu a São Francisco de Sales tanto sucesso na Sabóia, como ainda hoje se pode constatar. Peçamos-lhe bem como à nossa Boa Madre, com insistência essa graca.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 10 DE NOVEMBRO DE 1897

TEXTOS PRELIMINARES DO DIRETÓRIO

"Aspirações especiais."

"A humilde glória dos Oblatos de São Francisco de Sales."

"Não temos outro laço senão o vínculo do amor que é o vínculo da perfeição, pois o afeto é forte como o inferno. Como poderia, portanto, haver laços mais fortes do que o vínculo do amor, que é o vínculo da perfeição?"

A caridade de Jesus Cristo nos impulsiona."

Nesse artigo, São Francisco de Sales manifesta qual foi a sua idéia, ao fundar a Ordem da Visitação. Está baseada unicamente na caridade para com Deus e para com o próximo. A idéia original de São Francisco de Sales tinha sido criar um Instituto com um só voto ou promessa de caridade. Amando, pois, a Deus sobre tudo e o próximo como a si mesmo, chega-se à perfeição de todas as virtudes. Ele foi forçado a fazer da Visitação uma Ordem religiosa propriamente dita, com a profissão solene dos três votos, mas o lugar que ele reservou para a caridade continuou sendo o mesmo. Ao tomarmos bem a peito, portanto, essa doutrina de unir-nos, com Deus, ligando-nos a ele pela caridade e de unir-nos ligando-nos entre nós pelo apoio e amor recíprocos, estamos certamente, segundo São Francisco de Sales, nas melhores condições de perfeição e

de santidade. E, como essas condições não são vantajosas só para nós, mas seus efeitos repercutem também no próximo, segue-se que o que São Francisco de Sales quisera fazer poderá mesmo assim realizar-se quanto ao essencial, a saber, o predomínio e a soberania da caridade; e essa maneira de agir surtirá frutos abundantes. As aspirações que seguem, no Diretório, mostram claramente todo o benefício que o Santo espera de sua fundação.

"Não temos outro laço senão o vínculo do amor que é o vínculo da perfeição."

Isso é uma espécie de hino ou de cântico com que São Francisco de Sales começa o Diretório. Poderia parecer estranho nele em quem o juízo e a razão sempre antecedem a imaginação. O Santo Doutor, tendo bem meditado e ponderado maduramente o seu pensamento, previa o bem que esse espírito e essa doutrina fariam nas almas. Ele promete a todos os que observarem essas regras e maneira de agir que seus nomes estarão inscritos no livro da vida; oferece-os a Deus como algo sumamente precioso. Isso não se encontra nas outras Regras. As de Santo Agostinho, de São Bento, de Santo Inácio não têm isso. São Francisco de Sales está convencido de que, seguindo o que ele vai dizer, chega-se à perfeição e essa perfeição terá uma repercussão enorme na Igreja. Ele sabe que o que vai dizer é eminentemente conforme a doutrina do Evangelho; o modelo dessa perfeição é o Salvador. Seguindo fielmente o Diretório, a gente leva a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre a terra. Trata-se de uma conformidade simples e total com o modelo divino, tanto interior como exteriormente. Apresenta a maneira de comportar-se em todos os tipos de atividade, a maneira de desenvolvê-la com relação a tudo. Observem como isso condiz com o Evangelho. Além da vida pública, o que se sabe sobre a vida de Nosso Senhor e sobre a de Nossa Senhora? Ora, todo o restante da vida, a vida propriamente interior, era o Diretório..., tanto para Jesus Cristo como para Nossa Senhora.

Um Vigário Geral que, um dia, veio visitar a Boa Madre disse-lhe: "Se o Evangelho nos tivesse narrado os diálogos que se faziam entre Nosso Senhor, Nossa Senhora e São José, na casa de Nazaré, quão bonito seria!" Depois da partida dele, a Boa Madre disse: "O Padre Roizard diz isso, mas não resta dúvida que ele está enganado, porque as conversas de Nosso Senhor com Nossa Senhora e São José eram como as nossas."

Nosso Senhor não dizia nada de extraordinário, nem como menino

nem como jovem; mas suas ações eram perfeitas, eram intimamente divinas. Afirmando que Nosso Senhor era submisso, o Evangelho relatou tudo o que precisava dizer.

Compreendam-me bem; o Diretório nos leva a esse tipo de vida; por fora, tudo parece simples, sem nada de especial; mas, por dentro, tudo está unido com Deus, chega-se a algo divino, à perfeição completa. A razão da santidade consiste nas disposições íntimas; isso pode aparecer por fora, sem dúvida, mas o fundo está por dentro.

Nos tratados espirituais, indicam-se os meios para chegar à santidade; podem ter resultado, certamente, mas, aproveitando os meios apresentados, vai-se muito lentamente.

Essa observação da Boa Madre é muito profunda. O que as lendas e os escritores dos primeiros séculos narram sobre a vida de Nossa Senhora, não sendo no Evangelho, é muito bonito, sem dúvida, mas ninguém precisa acreditar nisso. O verdadeiro, o absolutamente certo é o que disse a Boa Madre. A vida interior de Nazaré era como a de todo o mundo; cada ato da vida, dos afazeres de cada dia acarretava sua graça e a resposta da fiel correspondência. Nosso Senhor não fazia outra coisa do que nós realizamos, mas com que disposições!...

Está nisso a diferença. Também, quanta intensidade em sua vida religiosa; passava as noites em oração.

São Francisco de Sales, iluminado pelo Espírito Santo, via suas obras e o efeito dessas no mundo. É por isso que, antes de expor o seu método, entoa uma espécie de canto triunfal, prevendo o que essa doutrina havia de produzir.

Na ocasião da Introdução da Causa da Boa Madre, vimos que, em Roma, uma quantidade de sacerdotes compreendem que o Diretório oferece riquezas e graças infinitas. Isso é o patrimônio próprio nosso. Muitas obras levam o nome de São Francisco de Sales. É um rótulo que se põe um pouco em toda a parte. Isso nem sempre prova que o que se diz ou faz seja rigorosamente conforme a doutrina e o espírito de São Francisco de Sales. Mesmo num número considerável de mosteiros da Visitação, estava esquecida um pouco essa doutrina. As que compreenderam bem o Diretório são prósperas e percebem claramente que estão dentro do espírito de sua vocação.

O Diretório é precisamente o meio de chegar ao estado de amor ao que São Francisco de Sales se refere. Desejava muito ardentemente

que essa doutrina se expandisse. Santa Joana Francisca de Chantal o pressionava para que formasse sacerdotes, vivendo segundo esse espírito dele. O Santo respondeu: "Minha filha, seu desejo é excelente, mas é muito difícil realizá-lo, porque os homens são demasiadamente raciocinadores e não submetem suficientemente o seu espírito e seu juízo. Já tentei, mas só consegui formar um e meio!"

Na era de São Francisco de Sales, teria sido impossível formar Oblatos. Era a época das grandes lutas teológicas contra os Protestantes e os Jansenistas, lutas encarniçadas... Havia bastante o que fazer para defender o exterior do baluarte, sem sobrar muita atenção para aprimorar o interior. Cabe a nós, portanto, retomar essa idéia de São Francisco de Sales e de Santa Joana de Chantal e espalhar essa obra sumamente útil.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 17 DE NOVEMBRO DE 1897

TEXTOS PRELIMINARES DO DIRETÓRIO

No começo do Diretório - dizíamos na última vez - São Francisco de Sales coloca três capítulos que, à primeira vista, parecem um pouco fora do comum, já que nenhum outro Fundador faz uma coisa destas no texto de suas Regras e Constituições. Os outros começam, mostrando como o homem é miserável, para movê-lo à penitência, à luta contra si mesmo. São Francisco de Sales, pelo contrário, abre um canto de vitória. Por quê? Pois, antes de escrever, recebera do céu a inspiração para sua obra; ele podia dizer de si para si: Isso não é invenção minha. Daí se dava conta da solidez e da eficácia do princípio; e, certo de suas conseqüências maravilhosas, entoa, de antemão, um hino triunfal. Certamente, meus Amigos, se houvesse verdadeiros Oblatos, ter-se-ia santos, porque é bem isso o caminho de Nosso Senhor que trouxe as graças convenientes para cada um dos que ele chama. Com demasiada freqüência, tratados espirituais parecem fazer, pelo menos na prática,

uma verdadeira distinção entre Deus e o Salvador. Deus - parecem dizer - vive afastado, longe de nós. Ele se comunica e é atingido pela oração e pela mortificação. Conforme outros, faz-se a ele, uma vez por todas, a oferenda do dia. E basta, acabou. Segundo São Francisco de Sales, o Salvador veio ao mundo não só para realizar a Redenção, mas também para efetuar, em todas as almas cristãs, a Encarnação do Verbo. Temos que ter não somente a nossa vida espiritual, mas também, de alguma forma, nossa vida material unida com o Verbo de Deus. Instaurare omnia in Christo (Ef 1,10) (Recapitular todas as coisas em Christo). Esse é um dogma que pouco se compreende em nossos dias.

A vida cristã é, com demasiada freqüência, uma vida de escravos. Não é isso a idéia do Evangelho. Nosso Senhor veio para ser o nosso modelo, para fazer-nos viver a sua vida; portanto, não se deve ficar um só instante sem ele. São Paulo disse: Completo na minha carne o que falta das tribulações de Cristo (Cl 1,24). Ora, o que falta à Paixão de Cristo a não ser a nossa colaboração? Através da união constante de nossa vontade com a Vontade divina, realizamos a finalidade do mistério, adotamos a vida do Salvador, vivemos não ao lado dele, mas nele. Este é o sentido do Diretório. Nós não temos grandes meios, como os têm outros religiosos... Mas, pelo menos, aproveitemos os nossos recursos, muito unidos com Deus. A prática dessa doutrina suscita uma abundância de graças.

"Não temos outro laço senão o vínculo do amor que é o vínculo da perfeição..."

Nosso bem-aventurado Padre expressa aqui o voto de que nós estejamos unidos pela caridade; era sua idéia predominante, pois quisera fundar uma Congregação baseada sobre tão somente a virtude da caridade. Eu lhes aconselho fazer o voto da caridade, em consonância com o parecer de seu confessor, por três meses, por seis meses... Então deixarão de observações que machucam e de julgamentos precipitados; isso é um meio insuperável para chegarem à caridade e à perfeição.

Ó Deus verdadeiro, quem me fará tanta graça, que o Todo-poderoso escute meu desejo e que Ele mesmo escreva este livro, a fim de que eu o leve nos ombros e o use como uma coroa e que eu o pronuncie a cada passo e que Lhe ofereça como a um príncipe?

O livro de que se trata aqui é o registro dos nomes, é o Livro

da Profissão e dos Votos, no começo do qual São Francisco de Sales tinha mandado escrever essa aspiração, imitante à de Jó. O Santo anela que seja o próprio Deus a escrever os nomes nesse livro. Então, o usa como a sua coroa de glória e, a cada momento, quer repetir a Deus os nomes que estão inscritos nesse livro.

"Fazei, ó Jesus, que o ano em que cada irmão escrever sua oblação neste livro, lhe seja um ano de santificação, o dia, um dia de salvação, e a hora, uma hora de bênção duradoura."

Isso realmente transpira entusiasmo. Ora, São Francisco de Sales não era entusiasta por natureza; tinha um juízo ponderado, um espírito reto e são. O que ele previu, tudo o que previu realizar-se-á. O espírito humano não o capta facilmente. Compreende antes, como recursos para governar, uma vigilância ativa, meios de repressão... É bom isso, mas não é tudo, é só a casca. São Francisco de Sales oferece-nos a seiva. Quando se faz consistir tudo nesses meios, tudo na casca, não se vai ao longe. Por exemplo, um homem ativo, inteligente; ele realiza muito trabalho; um outro menos fogoso, mais constante, porém, terá bem mais sucesso. Tomem o Evangelho, é simples; cada dia, pede-se o pão e aceitam-se as penas; com isso, no dia da luta, não haverá vencido.

Quem compreende bem isso, fará um bom Noviciado. Esses meios que lhes indico são os mais eficazes, por toda a parte comunicam o Bom Deus. É uma mortificação que não esgota, mas que forma religiosos sólidos. O exemplo da Boa Madre provou isso; ela está sendo cada vez mais apreciada, a julgar pelas cartas que recebo todos os dias.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 8 DE DEZEMBRO DE 1897

TEXTOS PRELIMINARES DO DIRETÓRIO

Há uma observação interessante a fazer sobre as primeiras páginas do Diretório. Em geral, tratando-se de um assunto assim, ini-

cia-se simplesmente com a apresentação das esperanças salvíficas que os meios, que se está para abordar, suscitarão ou sintetiza-se brevemente o trabalho proposto. Aqui acontece o contrário. Nosso Fundador exalta o seu projeto da nova Ordem e proclama coisas maravilhosas... Ele entrevia os frutos que as almas colheriam e é essa visão profética que lhe inspira esses anelos.

"Não temos outro laço senão o vínculo do amor que é o vínculo da perfeição..."

Já o dissemos e repetimos: nosso Santo Fundador, de começo, sonhara fundar uma casa sem outro compromisso que a promessa de caridade. Uma vez constituída a Visitação, deixou-lhe a caridade como vínculo principal, convencido como estava de que se poderia, pelo menos principalmente ou até exclusivamente, basear-se nisso.

E tinha razão. Nosso Senhor formula este mandamento, dizendo: Hoc est praeceptum meum, ut diligatis invicem... (Jo 15,12) (Este é meu preceito: amai-vos uns aos outros...) Moisés acertou dizendo: Amarão a Deus (Dt 6,5), mas nunca tinha expressado tão claramente o mandamento da caridade para com o próximo. Mas, quanto ao Salvador, este é o seu mandamento de estimação, o preceito dele. Quem pratica a caridade não carece de outras virtudes ou, pelo menos, não precisa se preocupar e inquietar-se, porque a caridade as inclui eminentemente; ela as faz praticar todas. E ela é, entre todas, a mais bonita e também a mais mortificante.

Como conclusão, façamos todos o voto de caridade, por quinze dias, um mês, seis meses, um ano, conforme as nossas forças. Já lhes citei o exemplo das Irmãs Oblatas. Quando tomaram essa dicisão todas as dificuldades com o mundo de fora e todas as internas, toda a fraqueza humana desapareceram; agora reina a paz, a normalidade, a boa ordem. Percebe-se que o Bom Deus mora em sua comunidade.

Se surgir uma contrariedadezinha qualquer em relação a um dos nossos irmãos, a gente a oferece a Deus. Faz-se questão de prestar serviço, especialmente num caso assim. Se alguém nos ofendeu, ficamos calados. Certamente, nem todos, na comunidade, somos amáveis; mas, pelo menos, todos temos algo de bom. Apreciemos isso particularmente em nossos irmãos. O resto ofereçamo-lo a Deus, como prática de mortificação e de caridade; isso nos proporcionará muitas graças.

Lembrem-se, no relato da vida dos Santos, da morte daquele religioso Beneditino - acho que foi - que não tinha sido nunca sumamente exemplar, nem pontual e que, no entanto, não dava sinal algum de medo. - Mas, meu filho, perguntou o Superior preocupado, - não tem nada que censurar-se, nenhuma negligência, nenhuma infidelidade?... - Ó Padre, não me preocupo, porque, desde minha entrada na vida religiosa, não me lembro ter faltado jamais à caridade. - Então, meu filho, vai em paz!

As Ordens penitentes talvez não insistam tanto na caridade fraterna, porque a natureza precisa de uma distensão. Mas para nós, a grande mortificação está na caridade. Será que é fácil? Não; não se o consegue de saída. O único meio para obter êxito é agir com determinação, quase diria obstinadamente! Eu o prometi, fiz o voto, ainda que custe, tenho que ser caridoso! "Por essa característica," disse o Salvador, "reconhecerão que são meus discípulos" (Cf. Jo 13,15).

Ó Deus verdadeiro, quem me fará tanta graça, que o Todo-poderoso escute meu desejo e que Ele mesmo escreva este livro, a fim de que eu o leve nos ombros e o use como uma coroa e que eu o pronuncie a cada passo, e que Lhe ofereça como a um príncipe?"

O elenco de religiosos inscritos, por Deus mesmo, no Livro dos Votos, é proclamado pelo nosso Santo Fundador como um hino para dar glória a Deus.

"Fazei, ó Jesus, que o ano em que cada irmão escrever sua oblação neste livro, lhe seja um ano de santificação, o dia, um dia de salvação, e a hora, uma hora de bênção duradoura."

O dia em que se escreve o seu nome no Livro da Profissão, pactua-se, por assim dizer, com Deus o céu; é bom meditar nisso para motivar-se. Pensemos em nossas promessas religiosas como, no Seminário, se medita o Pontifical. Durante oito anos, eu via comentá-lo e meditá-lo. Todos os que se compenetraram disso, formaram-se, mais tarde, sacerdotes fervorosos. Nós também temos que considerar o Pontifical, mas igualmente devemos meditar, pela mesma razão, as nossas obrigações religiosas. Façamos como fazem os bons seminaristas. Isso comunica ao espírito algo de retidão, de acerto; esta formação não dá vez à fantasia, mas suscita, em todos os corações, as mesmas disposições. Reparem as Visitandinas; em Paris, em Troyes, todas são parecidas, são iguais em toda a parte, fundidas no mesmo molde; almas simples, generosas, orien-

tadas para Deus, tranqüilas, ajuizadas.

E como a doutrina de São Francisco de Sales é eficaz. A maioria dos seminários o escolheu como modelo e padroeiro. Numerosos Institutos colocaram-se sob seu patrocínio. Padre Chaumont, por exemplo, reuniu muitos sacerdotes e senhoras leigas. Divide-os em categorias e os arregimenta, a modo dos Padres Jesuítas; não é bem como entre nós é costume. Nosso Fundador nos diz simplesmente: Sua felicidade consiste em estar perto de Deus, olhem para ele a cada momento, sigam-no generosamente. Pela prática do Diretório, isso se lhes tornará fácil. E essa vida é bonita, não tem nada de exagerado; é possível para todos, é o puro Evangelho. Rezemos à Boa Madre que no-lo faça compreender e conduza almas para nós, mas pessoas verdadeiramente santas.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 22 DE DEZEMBRO DE 1897

TEXTOS PRELIMINARES DO DIRETÓRIO

"Pedido aos irmãos da Congregação."

"Eu vos peço e até vos conjuro que tenhais todos um mesmo amor e vivais todos a mesma unanimidade dessa vocação, em Jesus Cristo Nosso Senhor e em sua Mãe, Nossa Senhora. Amém.

Na Igreja, há as grandes leis gerais, o Decálogo e os Mandamentos da Igreja, o Direito Canônico que demarcam os limites que não se podem ultrapassar. Devemos aceitá-las com espírito de obediência, de humildade e de verdadeira veneração. A Boa Madre tinha por elas um profundo respeito, uma verídica devoção. Como ela, devemos nós amá-las. Com esses preceitos, temos que amar a teologia a qual no-lo ensina. Devemos estudá-la não só com a cabeça, mas também com o coração. Quando, perante o Papa, São Francisco de Sales fez seu exame antes de ser Bispo, nas suas respostas, se evidenciou que era o coração que ele tinha envolvido no seu estudo. Esse método abre a verdadeira compreensão das coisas. Que se possa dizer, então, de nós o que se dizia desse teólogo

de Taryes. Evadit pie sciens et scienter pius (Passa devotamente sábio e sabiamente devoto). Assim como a gente realiza cada ação na dependência de Deus, da mesma forma importa dedicar-se ao estudo sob os olhares de Deus, com espírito de submissão e de conformidade, no recolhimento, ao iluminar o conhecimento pela piedade. É isso a diferença entre um santo e um sábio. Assim, São Francisco de Sales terá razão ao chamar-nos "Filhos de Colóquios celestiais", pois nossa vocação supõe essa vida íntima de nosso espírito e de nosso coração com Deus. E com isso, então, esclarece-nos o intelecto e faz-nos o coração arder, conforme a palavra: Lucere parum, ardere vanum, lucere et ardere perfectum (Brilhar é pouco, arder é em vão, brilhar e arder é perfeito), como dizia São Bernardo.

Quando cheguei à Visitação, estranhava um pouco, ao ver que as grandes leis do cristianismo me pareciam um pouco deixadas de lado. Quase não se falava sobre elas, mas se falava continuamente do Diretório, das Constituições, dos Escritos...

Refletindo, convenci-me logo de que em nenhum outro lugar, entretanto, eram tão bem observadas e aceitas em toda a sua extensão. Tudo se fundamenta nisso. Dediquemo-nos, portanto, com seriedade ao estudo da Teologia. Certamente, nesse mundo, não há nada mais belo e mais capaz de abrir vastos horizontes ao espírito. Um tratado, como por exemplo sobre a Encarnação, apaixona. Bellarmino dedica uma obra inteira a esse assunto; com gosto, a gente passaria a noite em claro, lendo-a. Nosso professor, Padre Sébille, dizia-nos, sobre o tema da Encarnação, coisas maravilhosas...

E nós, estudemos a Teologia à luz da nossa doutrina religiosa; é a melhor. Panis absconditus, suavior (Pr 9,17) (O pão escondido é mais saboroso). Ontem eu via, durante a reunião sobre o Diretório, um sacerdote, assíduo até então às reuniões dos Padres Jesuítas; declarou-me espontaneamente: "É muito bonito o que eles dizem, mas o ensinamento dos Oblatos parece-me ainda bem preferível." Somos tão poucos que o aproveitamos. Deveriam ser convidados muitos sacerdotes diocesanos...

Será bom que lhes fale, de vez em quando, sobre os Capítulos da Boa Madre. Reina aí uma tal clareza, uma tal profundidade, que em Roma ficaram maravilhados. "Que azar," disse um Cardeal a Padre Rollin, "não ser capaz de compreender e de praticar a fundo esses ensinamentos."

Formem-se bem nessa doutrina, durante o Noviciado, onde muitas

práticas conduzem a Deus, à sua luz, às suas consolações. Os Senhores encontrarão aí imensos recursos. Na Visitação, esse espírito transformava radicalmente as pessoas que, de boa vontade, se dispunham, por mais reduzidas que fossem suas capacidades. É o que fazia Dom Coeur repetir: "A Visitação é a aristocracia do Céu."

O que diziam sobre a Visitação, é necessário poder-se dizer com referência aos Oblatos. Mas - os Senhores bem o sabem - o que é bom custa caro; para chegar a isso, é preciso ser decidido, é forçoso ser gente de determinação!

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 12 DE JANEIRO DE 1898

"UM MESMO AMOR E UMA MESMA UNANIMIDADE"

Retomemos, hoje mais uma vez, o parágrafo sobre o desejo especial. Existe aí, repito, um grande valor escondido. São Francisco de Sales era um grande teólogo e afirmava que a doutrina do seu livrinho não era invenção dele, mas era inspirada pela luz do Espírito Santo.

Os Senhores bem sabem que cada Ordem tem sua finalidade: primeiramente, a santificação pessoal do religioso e, depois, uma missão para fora. Para os Jesuítas, será a de combater a heresia; para São Francisco de Assis, o combate contra a estupidez dos costumes belicosos e contra o apego aos bens terrenos; para os Dominicanos, afastar as trevas da ignorância de uma sociedade totalmente dedicada à vida material. Entre nós, é a união com Deus e a união com o próximo; união essa com Deus, através da dependência contínua de sua Vontade; com o próximo, pela prática da condescendência e da caridade. De fato, o tempo do nosso Fundador era uma época perturbada pelas guerras religiosas e disputas teológicas entre as diversas Igrejas cristãs, pelos processos e pelas rivalidades escandalosas entre certas famílias religiosas. Numa palavra, reinava o esquecimento da caridade mútua e da religiosidade no âmbito da sociedade. Era necessário reconduzir o homem aos seus deveres

essenciais; para isso, São Francisco de Sales quer que seus religiosos amem a Deus e ao próximo sobre todas as coisas. Nossos votos e todos os nossos exercícios se destinam a levar-nos para lá.

Trata-se, de fato, de um meio bem eficaz. Padre Clemente, um erudito Beneditino, secretário de Dom Mermillod, chamava São Francisco de Sales o tático mais hábil e mais acabado da vida espiritual, o mais apto para formar pessoas nos exercícios da perfeição.

Mas - poderiam dizer-me - com essa doutrina, formam-se pessoas valiosas? A personalidade não fica destruída? Desfazer a personalidade? Não, absolutamente. Unir-se com Deus não é aniquilar, mas afirmar, desenvolver e aperfeiçoar a personalidade.

Nosso Senhor não fez outra coisa na terra que unir-se a seu Pai. E nós, ao imitá-lo, realizaremos a promessa da Boa Madre: "Ver-se-á de novo o Salvador andar na terra." Entre todos os meios, esse é o mais eficaz, mas também o que apresenta maiores dificuldades. Alguém que tenha um trabalho mesmo demorado e penoso a realizar, quando tiver terminado, ele está livre; a prática, no entanto, da caridade nunca termina, mas é necessário sempre recomeçar. É um despojar-se contínuo, um constrangimento que tira toda a independência pessoal.

Será que é impossível realizar isso? Não, a não ser que a gente se dedique com ardor; a menos que se faça o voto de caridade durante um tempo proporcionado às próprias forças e que a gente se esforce para ser fiel e viver disso. Graças a isso, temos certeza de tornar-nos santos, nossa atuação é compreendida e apreciada pelos fiéis. Em Roma, somos conhecidos só por isso e é essa a razão por que nos estimam.

- Como o Senhor faz para ser bem-sucedido nas suas Obras para as jovens, perguntou-me Padre du Lac? - Com seus meios, eu não vejo como o Senhor pode dar conta do recado. E, quando Padre Pernin, no Congresso de Lilli, expunha nossos procedimentos nas Obras com as jovens operárias, disseram-lhe: - Tudo isso não vale; não há organização, nem regulamento, nem responsáveis de grupos menores, nem vigilantes fora e dentro das fábricas, nada para conter, arregimentar ou amarrar as jovens operárias... Isso não pode funcionar... - No entanto, funciona e vai muito bem, dizia Padre Pernin, - apresentei-lhes os números. - É um fogo de palha, não pode durar. - Tem que se aceitar, então, que a palha é boa, pois está queimando há trinta anos...

Pois bem, em cada alma, sim, que chega a nós, procuramos incutir o amor a Deus, ao próximo, ao dever, antes de mais nada e acima de

tudo. Quando cinco, dez, cem pessoas compreendem isso e o põem em prática, os Senhores acreditam que não conseguiremos nada de sério? Se não se consegue isso, não há nada mesmo.

Olhem, Padre Fischer me disse, falando sobre uma jovem das Obras, Maria Luísa, que não tinha nunca encontrado uma alma tão generosa, mais submissa a Deus. Pois bem, um destes dias, num grupo animado, onde discutiam sobre as exigências dos patrões, ela exclamou: "Afinal de contas, não há nada tão verdadeiro quanto o modo de agir que nos ensinam aqui. É verdade para tudo e é verdade para sempre!"

Para amar o próximo será necessário que ele seja simpático? Claro que não; pelo contrário, é bom que cada semelhante nos apresente uma cruz; e a medida do nosso afeto e da nossa caridade corresponde freqüentemente ao grau de repugnância ou de aversão que ele nos inspira humanamente. Muitas vezes fiz essa experiência. No seminário de Troyes, não havia talvez dois homens mais contrastantes em sua maneira de ver que Padre Godot e o Padre Fournerot, dois santos varões, ligados por uma sublime amizade. Na Visitação, comparem a Madre Paula Serafina Laurent com a Boa Madre.

Portanto, é uma coisa real. Virtus in infirmitate perficitur (Diante da fraqueza, a virtude chega à perfeição). Nosso Senhor tinha um fraco pelos pecadores. Ora, o que mais se contradiz do que o pecado e Nosso Senhor? Não é que no confessionário se diz: Benedic, Pater, quia peccavi?... (Abençoe-me, Padre, porque pequei) Abençoe-me não porque agi bem, porque tenho virtudes e mereço a sua bênção, mas abençoe-me, porque pequei...

Compenetremo-nos profundamente dessa verdade; isso é tudo para nós.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 26 DE JANEIRO DE 1898

A FIDELIDADE NAS MINÚCIAS - A HUMILDADE

No Noviciado, dedicar-nos-emos à observância pontual e aproveitaremos os meios indicados por São Francisco de Sales, pois nossas Constituições estão definitivamente aprovadas. Trata-se, talvez, de minúcias, mas certamente não são ninharias. Por exemplo, o sinal da cruz, em si é pouca coisa. Entretanto, quantos mártires sustentou e a quantos atos heróicos animou?

Falando sobre isso, lembro-me de um fato que testemunhei, no Seminário Menor, quando era ainda jovenzinho. Freqüentemente fazíamos passeios a Fouchy. Ora, um dia, a metade da velha ponte tinha sido levada pelas águas do Sena que tinha transbordado; só havia, para ligar os arcos do meio, uma viga, uma grossa tábua reclinada, sobre que o carpinteiro mais atrevido teria hesitado arriscar-se. Chega uma mulher de luto, com um livro de reza na mão, que evidentemente estava indo a uma Missa de enterro, em São Mauro. Vendo esse contratempo, seu rosto expressava o quanto ela ficou contrariada. Mas, de repente, fazendo o sinal da cruz, essa senhora lançou-se e passou. Nunca mais esqueci esse ato de fé!

Igualmente, meus Amigos, as mínimas observâncias, penitências, inclinações, etc... têm sua importância.

Como jovem sacerdote, eu fazia retiro na Cartuxa de Bosserville. Vivia ali um antigo Pároco de São Sebastião de Nancy que o Mestre de Noviços me fez visitar. Naquele momento, acabava de receber diversos dos seus antigos paroquianos: - Por que nos deixou, perguntavam-lhe? - Ah! respondeu ele, - sendo que vocês não tiravam nenhum proveito das minhas exortações, achei que podia ser-lhes mais útil, vindo para cá e rezar por vocês. Mas é muito triste, acrescentou ele, - já estou velho e não me sinto mais suficientemente flexível para observar as inclinações que a Regra prescreve... No entanto, não queria dar mau exemplo aos meus confrades, nem tampouco privar-me das graças que estão ligadas a esses exercícios. - Padre, me disse para mim, quase chorando, - reze para que eu supere essa dificuldade.

Certamente, meus Amigos, essas observâncias, essas mínimas práticas religiosas têm ainda maior efeito sobre o coração de Deus e no empenho pela perfeição que os próprios jejuns e os latigaços de penitência, porque aquilo exige maior humildade e um maior sacrifício de si mesmo. Mais tarde, fixaremos também todos esses pequenos costumes nas nossas comunidades, quando dermos o Costumeiro. A Constituição não pode entrar em todos esses mínimos detalhes; mas importa observar conscienciosamente os que já temos e que estão estabelecidos pelo uso.

Santa Teresa, na cozinha, juntou com grande respeito um feijão, uma lentilha, porque era uma coisa pertencente a Deus. E, certamente, ela não era um espírito mesquinho!... O Pároco de Anglure, uma vez, pensava até que ela se destacava demais e, em combinação com alguns Párocos vizinhos, queria fazer com que se revisasse o decreto da canonização dela!

Os homens também não dão menos importância do que Santa Teresa a essas minúcias. Reparem os Senhores os próprios Maçons. Escrevem livros inteiros em que não há três idéias sensatas. Por exemplo, eles insistem, com uma solicitude sem igual, nos mínimos detalhes de suas grotescas cerimônias, na maneira de tirar seu avental, de apertar-se as mãos, de caminhar, etc... Nossas práticas religiosas são dignas de um espírito inteligente e de um coração generoso.

Queria, meus Amigos, acrescentar umas palavras sobre a doutrina da Boa Madre. Essa doutrina não se encontra somente em suas cartas, sempre tão importantes, tão profundas, mas há também suas palestras para a comunidade e seus contatos com as pessoas do mundo, todos impregnados de uma doutrina admirável. Olhem aqui, entre outras, uma instrução sobre a humildade. Quantos tratados foram escritos sobre esse assunto, indicando quais os meios a aproveitar: exames gerais e particulares, práticas de todo o tipo, etc... Conheço um determinado Padre Jesuíta muito estimado e escolhido como Assistente do Noviciado. Um dia, perante todos os Noviços, o Padre Mestre lhe atira o seu molho de chaves, gritando: - Como o Senhor é negligente! Veja este e aquele lugar; como estão relaxados!... O pobre Padre vai lá; tudo estava completamente desordenado e sujo; todos os Noviços puderam constatá-lo. A prática era grosseira e o Padre precisou de um ato um tanto heróico para aceitá-la; ele também foi totalmente surpreso pelo episódio.

Agora, vejamos o que diz a Boa Madre sobre a humildade.

(O nosso Padre lê uma palestra da Boa Madre sobre a humildade.)

A humildade já é difícil de ser definida, quanto mais de ser praticada. Os exercícios que os Padres Jesuítas fazem praticar a respeito são excelentes, sem dúvida alguma; mas a nossa Boa Madre não procede assim. Sendo Deus nosso Pai que organizou tudo em nossa vida para a nossa salvação e nossa perfeição, por que procurarmos práticas novas e extraordinárias? Basta conformarmo-nos, a todo o momento, com as ocasiões que se apresentam e que Deus permite. Experimentemo-lo durante esta quinzena. Que tudo se revolte em nós e suscite em nós uma profunda aversão, tanto melhor! Isso aumentará os nossos méritos. Como isso proporciona recolhimento à alma, paz à consciência, força ao coração, dignidade à vida! Nada disso depende de idéias mais ou menos imaginárias; é um caminho contínuo, bem pavimentado e seguro.

Tenhamos muito respeito pelos ensinamentos da Boa Madre. Esforcemo-nos por compreendê-los, relacionando-os com a doutrina de São Francisco de Sales e de Santa Joana Francisca de Chantal; encontraremos aí uma luz toda particular; e, como não é suficiente ler para tornar-se perito, acrescentemos a prática.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 16 DE FEVEREIRO DE 1898

O LEVANTAR

"Em primeiro lugar, ao despertarem, os Oblatos devem lançar a alma inteiramente em Deus por algum pensamento piedoso..."

Importa, logo que acordarmos, lançar a alma totalmente em Deus. Aqueles que formaram este bom costume na sua infância ou no Seminário podem continuar sua pequena prática pessoal. Os que ainda não estão habituados devem começar com isso amanhã de manhã; têm que decorar

esses pensamentos do Diretório, recitando-os de si para si até saber. Essa prática que o Diretório nos ensina é, de fato, uma garantia para o dia todo. O dia, começando bem, segue bem; iniciando mal, há muito motivo de a gente ter receio.

Convém lembrar que as palavras tiradas da Sagrada Escritura ou da liturgia têm uma graça especial que lhe é inerente. As orações mais bonitas que possamos rezar são as inspiradas pelo Espírito Santo e sugeridas pela Santa Igreja. Assim, a fórmula mais perfeita é o "Pai-Nosso", pois foi feito por Nosso Senhor mesmo. O nosso Fundador recomenda que, ao recitarmo-lo, pensemos que Jesus Cristo o está rezando e que nós o repetimos, palavra por palavra, depois dele. Façamos o mesmo quanto às orações inspiradas pelo Espírito Santo.

"Começando a vestir-se, enquanto fazem o sinal da Cruz, dirão:..."

Isso representa uma quantidade de exercícios. Será que é preciso fazê-los todos rigorosamente? Não. Para os que o conseguem, é excelente; mas nem todo o mundo é capaz disso. Importante mesmo é que se reze alguma oração ou que se alimente algum bom pensamento, ao vestir-se. Certamente o melhor seria seguir, passo a passo, o Diretório, que é a Vontade atual de Deus referente a nós. Em seguida, reza-se "o Anjo do Senhor" e a oração da manhã.

"Arrumarão sua cama e, se possível, lavarão as mãos, escovarão os dentes antes da meditação e para tanto será necessário serem diligentes ao levantar e vestir-se."

Levantar-se, arrumar a cama, lavar-se, escovar a roupa, isso tudo não parece muito sobrenatural. Mas se o fazemos em união com Deus, torna-se um ato excelente. No catecismo, pergunta-se: Era necessário que Jesus Cristo sofresse e morresse para nos salvar? E responde-se: Não, o mínimo sofrimento, o menor de seus atos era suficiente para resgatar-nos, pois a divindade de Jesus Cristo dava a cada uma de suas ações um valor infinito. Unamo-nos a Cristo e a menor das nossas ações, assim unida, participará no valor dos méritos do Salvador. Lustrar os sapatos, pensando em Jesus Cristo, vale mais do que uma oração muito bonita, teoricamente falando, mas, na realidade, muitas vezes, muito imperfeita e talvez sem resultado útil algum. Meditar as perfeições divinas é um prazer, como ler Bossuet ou São Tomás. Quando é hora de fa-

zê-lo, é muito bom. Será que é mais meritório? Isso depende das suas disposições. Se não for a hora da leitura espiritual, e o Senhor fizesse essa leitura, arrastado por uma preferência pessoal, não terá mais mérito algum.

Santificar-nos-emos, arrumando a cama, varrendo cuidadosamente embaixo da cama, enquanto nos ocupamos com aspirações para com Deus. Em Nazaré, o Menino Jesus se encarregava disso. Visitando a Santa Casa de Loreto, eu vi todo o mundo chorar. Tinha-me prometido de fazer nada disso...; mas tive que submeter-me como todos os outros. Mostraram-me um prato que, conforme a tradição, era usado pelo Menino Jesus. Era perfeitamente igual aos pratos que antigamente eram vendidos na feira de Sézanne. O esmalte era demasiadamente fino e cedia sob a pressão da faca... Vamos, eu disse aos meus botões, ninguém me fará acreditar nisso; encostar meu terço aí? Nunca!... Ora, em Nápoles, alguns dias depois, entre os objetos expostos no Museu, que foram encontrados em Pompéia, encontrei pratos idênticos àqueles que se conservam em Loreto. Desta vez, eu me convenci. E quando passei outra vez por Loreto, enconstei eu também o meu terço no pequeno pratinho do Salvador.

Por ser Deus, um só ato de Nosso Senhor tinha o poder de salvar o mundo. Exauditus est pro sua reverentia (Hb 5,7) (Foi atendido por causa de sua submissão), diz São Paulo, isso não quer dizer que sua oração era mais valiosa do que seus outros atos: todos eram divinizados por ele.

Também nós devemos divinizar todas as nossas ações, por mais simples que sejam: varrer, escovar, atender o que a obediência nos manda. A santidade está nisso mesmo; não é necessário procurá-la no terceiro céu; este está fora de nosso alcance; não iremos buscá-la em pensamentos sublimes de que não somos capazes. Vamos procurá-la onde se encontra.

Depois, pode-se passar à meditação, a preparação está completa. Será que, na meditação, a gente vai procurar uma nova santidade? Não. Observem São Vicente de Paulo, Santo Afonso de Liguori, São Bernardo. Para este, Claraval é quase o Céu; a cada instante, Deus se manifestava. "Eu não faço um só passo no Claraval," dizia, "sem encontrar Deus aí ou sua Santa Mãe ou os Anjos. Se escuto, ouço os cantos dos Bem-aventurados ou os suspiros das almas do Purgatório. É verdadeiramente o vestíbulo do Paraíso..." E o que diz sobre o moinho cujo ti-

que-taque repete: Jesus! Maria! Ou sobre o pequeno chafariz que lhe lembrava as águas da graça que Deus fazia jorrar tão docemente nos corações... Simultaneamente, São Bernardo estava à frente do movimento de seu século: comunicava-se com o Papa e com os reis da terra. Isso não estorvava a atividade de seu espírito, nem a eloqüência do seu gênio.

Exercício de preparação do dia.

Sem dúvida alguma, há dois séculos, cometeu-se um imenso engano. Na vida de São Luís Gonzaga, lê-se que tinha muita dificuldade para formar-se para a meditação, porque quiseram forçá-lo a seguir um método erudito e complicado de meditação. Ele ficava com uma dor de cabeça que apressou o seu fim. Ele era piedoso; colocava-se na presença de Deus e pedia-lhe a graça de cumprir bem todos os seus deveres do dia, com toda a simplicidade. Isso não era suficiente?... Eu protesto contra esse método; não é assim a maneira acertada. O homem não é um ser totalmente espiritual, um Anjo, uma inteligência pura; é um ser que come, que bebe, que trabalha. Não façam, portanto da meditação um exercício puramente intelectual que quase não leva a ... pois quantos, com isso, caem em faltas enormes. Santificamo-nos com todos os atos de nossa vida e não somente pela oração. Nem todo aquele que diz: "Senhor, Senhor!" entrará no Reino dos Céus, mas, sim, quem fizer a Vontade do meu Pai, que está nos Céus. (Mt 7,21) Engraxar sapatos, escovar a roupa... é a Vontade de Deus. É preciso, portanto, que a meditação seja a preparação de todas as ações do dia. Portanto, o método da meditação pura não vale grande coisa. Durante minha vida, conheci uma pessoa só que o conseguiu realizar. Senhoras mais facilmente o conseguem; com sua imaginação, saem-se sempre bem. O outro método, pelo contrário, aquele que ensinamos, serve para todos. Quantas pessoas já vi, mesmo simples, boas senhoras, que o seguiam perfeitamente.

Precisa-se ensinar aos fiéis proceder assim, preparando o seu dia com o Salvador; eles vão gostar e apegar-se-ão a isso, pois é tão conforme à razão que requer que, para alcançar um fim, deve-se começar por colocar bem nele a mira.

"Sendo a Preparação como um precursor de todas as nossas ações, ocupar-se-ão dela conforme a diversidade de ocorrências. Procurarão, por meio dela, preparar-se para atender e executar bem e louva-

velmente seus afazeres."

É necessário preparar o dia não só com o intelecto, mas também com o coração. Tem que se dizer a Deus: Tenho isso, tenho aquilo a fazer. Ficai comigo! E toma-se o Diretorio, no primeiro capítulo, e assim por diante.

Também é importante abrir-se com o confessor, manifestar-lhe as tendências e seguir seus conselhos. É muito notável que os Santos, que tinham começado seguindo um outro caminho, também tiveram que chegar a este.

São Francisco de Sales, como grande estrategista, não vai armar toda uma bateria contra o obstáculo, quando há um caminho que o rodeia.

Esse procedimento comunica à alma uma grande dignidade, uma influência enorme sobre o interior e o exterior. Nada mais é que o Evangelho, ou a simplicidade da vida que São José vivia. O homem não precisa inventar-se uma santidade; Deus se encarrega de fornecer-lhe, hora após hora, o que lhe é necessário para chegar ao Criador. Basta, pois, esforçar-se para corresponder a isso. A nossa Boa Madre faça com que sejamos fiéis a isso.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 9 DE MARÇO DE 1898

A MEDITAÇÃO

Nosso Diretório afirma que a meditação é um dos exercícios mais úteis e mais frutíferos da vida religiosa. Para isso, São Francisco de Sales nos oferece seu método. Há dois procedimentos: ou preparar bem as atividades do dia ou refletir atentamente num mistério ou numa perfeição de Nosso Senhor ou de um Santo. Esta segunda maneira de meditação é boa; as pessoas que a ela se dedicam agem meritoriamente. Mas ela não convém sempre a todos; ela apresenta dificuldades a superar, e a meditação se torna assim, para muitos, uma verdadeira penitência.

Claro, trata-se de uma santa prática, como o jejum, uma cintura de ferro, um trabalho intelectual penoso. Entretanto, a finalidade principal da meditação é unir-nos com o Bom Deus. Precisa-se, portanto, escolher o caminho que atinge mais intimamente nossas ações para torná-las meritórias, pois, afinal de contas, não iremos para o Céu, a não ser com o que tivermos feito cada dia e não por meio de belas considerações; Deus autem intuetur cor (cf. 1 Rs 16,7) (Deus, porém, sonda o coração). Quando Padre Lambey e eu fomos visitar o Papa, ele nos perguntou inicialmente: - Vós fazeis meditação? - Sim, Santo Padre. - Oh! religiosos, como é preciso que façam meditação"

A melhor meditação para nós é o exercício da preparação do dia, e sempre temos que reservar-lhe o seu lugar. Pode-se considerar as atividades e as ocupações perigosas do dia à frente, ou deter-se num só artigo, por exemplo, o levantar-se, o Ofício, etc., observando o que se tem que fazer e resolver para conformar-se a isso, a partir do dia seguinte. Evidentemente, caso se tratasse de uma simples olhada sobre as nossas obrigações, não teria sentido, seria estéril. Mas importa percorrer detalhadamente suas ocupações, diante do Bom Deus. Por exemplo: estou inclinado a faltar com o silêncio; não tenho bastante generosidade para vencer-me; então, vou pedir ao Bom Deus sua ajuda toda especial. Uno minha ação à de Jesus Cristo; faço um firme propósito. Como nossa perfeição está contida na Regra e nas Constituições, é isso um método infalível para chegarmos à perfeição. Compreendam bem isso, meus Amigos, para a direção espiritual, isso é fundamental. Para os religiosos, a perfeição que Deus lhes pede e que devem ter em mira não é a perfeição que está nas idéias do seu diretor espiritual e a qual ele visa, mas a perfeição presente na observância absoluta das Constituições. O decreto "Quemadmodum" não mudou nada a respeito disso, nas Congregações femininas. Outorga, sim, mais espaço ao Confessor no que diz respeito às Comunhões. Mas, anteriormente, com um pouco de tato, podia-se facilmente conciliar tudo. A Madre de Bellaing podia, é verdade, permitir talvez, ou, sobretudo, recusar a Comunhão a uma Irmã. Nesse caso, a Irmã vinha falar comigo, e, sendo que os motivos da Superiora eram certos, bastava-me confirmar a decisão dela. Mas aconteceu que Confessores demasiadamente exigentes foram queixar-se em Roma, afirmando que as mulheres exercem demasiada influência sobre as consciências, que elas se intrometem no ministério do confessor... Era verdade, sem

dúvida, em certas comunidades, mas nunca ouvi dizer que houvesse um semelhante excesso na Visitação. Roma tomou uma medida geral e teve razão; é preciso obedecer-lhe.

Mas também não se deve exagerar, nem cair no outro extremo. A lei natural dá muito claramente o direito a uma mãe de dizer à sua filha, que se comportou mal, que escandalizou seus irmãos: "Tu, amanhã, não vás comungar!" Igualmente, não se pode tirar da Superiora todo o direito de avaliar o que se passa na comunidade; e, quando uma falta causou um escândalo, quem pode julgar melhor do que a Superiora? É bem natural que ela diga à Irmã: "A Senhora não vá comungar..." O decreto concede formalmente esse direito à Superiora; não se deve esquecer isso. Mais uma vez, o Confessor se entenda com a Superiora; mas não mude nem a Regra nem a ordem estabelecida nem tampouco altere a ordem e a freqüência das Confissões ou a hora do Ofício ou a de levantar-se; tudo isso não é de sua alçada.

Procuram-se Oblatos como capelães nos mosteiros da Visitação, porque eles seguem essa linha de conduta. Sim, observar bem a Regra é, pode-se dizer, o sétimo mandamento da Igreja.

Retomo o assunto da meditação. Não é, portanto, uma previsão fria na qual conjeturamos apenas os atos do nosso dia, mas um passar revista afetuosa em nossas ações, realizado com Jesus Cristo, com Nossa Senhora, sob os olhares deles, enquanto a gente fica atenta às inspirações recebidas e se lhes promete conservá-las conosco durante o dia todo e não deixá-las de lado. Olhem, isso é um grande meio de união com Deus. Por que o Salvador veio ao mundo? Para realizar a obra da Redenção? Sim, sem dúvida, é esta a sua obra por excelência, mas não é a sua única. Agora e sempre, ele continua agindo entre nós; ele é o nosso companheiro da caminhada, nosso apoio, nosso sustento. Com ele rezamos a Santa Missa, e ele supre à nossa frieza, à nossa indiferença, à nossa insuficiência. Diante de uma tarefa difícil, quem os ajudará? O Salvador o fará. Ele está com os Senhores pela graça, pelos Sacramentos, mas também por essa ação de todos os momentos...

Desde 2 mil anos, a Encarnação continua e se perpetua. A Igreja, pois, não é a Encarnação perpetuada? Adimpleo ea quae desunt passionum Christi (Cl 1,24) (Completo... o que falta das tribulações de Cristo...).

Mas - poderão dizer - que peso, que jugo!... Peso de quê?... É

como o ar que pesa sobre os Senhores; seria suficiente para esmagá-los, mas, graças ao ar ambiental que lhe faz contrapeso, não é uma sobrecarga, mas, sim, uma ajuda sem a qual não poderiam nem caminhar nem agir. A vida de Oblato não é outra coisa. Conformando-se a isso de todo o coração, trabalha-se numa atmosfera pura e vivificante. Assim se entende a meditação e, por ela, valemos dez vezes mais; depende-se exclusivamente de Deus; isso é um alívio tremendo. Sigam essa orientação na direção espiritual; assim as almas não se sentirão mais sozinhas, mas serão apoiadas e fortificadas. Onde o homem não existe mais, chega o Salvador; quanto mais nós nos retiramos, mais lugar fica para Nosso Senhor.

Essa meditação bem feita comunica um cunho de seriedade, de dignidade, de modesta segurança que nada poderá impedir ou perturbar. Não sou mais eu quem trabalha, mas o Salvador. Então, avança-se nos caminhos da santidade e também outros são atraídos. Isso significa um imenso resultado, uma transformação completa que coloca Deus no lugar do homem. Todos se acham bem e, certamente, a gente será bem vista e bem-sucedida naquilo que se tem a fazer, porque o homem como tal nem sempre é bem aceito, mas no caso de Deus,... aí é diferente!

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 23 DE MARÇO DE 1898

A RETA INTENÇÃO

Este Capítulo é breve e só apresenta algumas prescrições. Resume-se num só pensamento, mas os Senhores verão como é frutífero e importante na vida religiosa, sobretudo na vida do Oblato.

É simplesmente o meio para tornar-se santo pelos recursos que a Divina Providência nos proporciona ao longo da nossa caminhada. Tudo isso é bem conforme o que lhes dizia na última vez: a santidade não consiste em realizar coisas extraordinárias, em cumprir atividades singulares, mas em sintonizar completamente com a Vontade de Deus, fazendo

tudo com ele e para ele. Então, os atos em si mais insignificantes tornam-se, aos olhos de Deus e na realidade, atos de caridade perfeita, atos de valor quase infinito, porque Deus não os considera mais como provenientes de nós, mas como emanados do Salvador, dignos, portanto, da complacência que ele experimenta nos atos de seu próprio Filho. Assim, o mistério da Encarnação se prolonga, irradia-se através da nossa vida, conforme as promessas da Sagrada Escritura (cf. Gl 2,20).

Os antigos teólogos discutiram muito sobre a existência de atos indiferentes. Convém conformar-se ao ensinamento de São Tomás que não admite que nossos atos voluntários possam ser indiferentes a nível natural; e tenho que ir mais longe, procurando torná-los sobrenaturalmente bons. Isso é fácil, de resto, para o cristão que vive em estado de graça; só precisa relacionar seus atos a Deus. Lembremo-nos do texto de São Paulo, ao afirmar que Deus vive e age em nós: In ipso enim vivimus, movemur et sumus (At 17,28) (É nele - na divindade - que temos a vida, o movimento e o ser). Lembremo-nos da afirmação dos Santos, como Santa Inês, proclamando que é o Sangue de Cristo que circula em suas veias e que avermelha as suas faces-

Se a Encarnação, de fato, só se aplica a uma única natureza humana, na realidade, entretanto, estendeu-se sobre todos os membros do Corpo Místico de Nosso Senhor; e o Sangue que passa pelo Sagrado Coração de Jesus circula em todas as partes desse Corpo Místico.

Isso me lembra um sermão de um dos meus professores, Padre Sébille, no Seminário Maior, no dia da Páscoa. Ele desenvolveu a idéia de que a Encarnação é o mistério não de uma só vida, mas do mundo inteiro; e que, igualmente, todos os homens e o mundo inteiro participam da Ressurreição do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A doutrina da Boa Madre Maria de Sales está presente aí em sua totalidade: estar unido com o Salvador, seguir o Salvador, depender do Salvador, eis o princípio de todo o seu proceder, e é isso o seu ensinamento ininterrupto.

Assim compreende-se a razão de ser da reta intenção; ela precede cada ato de nossa vida, grande ou pequeno; ela nos ajuda a superar, a renunciar a nós mesmos. Não é mais a nossa vida, nossa natureza, nossa maneira de viver que predomina, é a divina Vontade, é o divino consentimento, como dizia a Boa Madre. Essa doutrina, essa prática conduzem rapidamente à perfeição e todos os Santos tiveram que passar por aí, entre outros, São Bernardo, São Vicente de Paulo, Santo Afonso

de Liguori... As penitências deles, seus trabalhos, seus atos virtuosos não tinham outra finalidade a não ser aniquilar, em cada ato, sua vontade própria para fazer viver em si unicamente a Vontade de Deus. Que é isso, no fundo, a não ser a prática da reta intenção?

São Francisco de Sales diz que aqueles **"que quiserem prosperar e adiantar-se no caminho de Nosso Senhor"** devem seguir esse método. Temos que fazer, portanto, a reta intenção em todas as ocasiões, antes de cada uma das nossas ações, mas sobretudo nas circunstâncias extraordinárias; por exemplo, quando nos toca estabelecer contato com alguém que nos inspira aversão, quando devemos suportar uma humilhação ou enfrentar uma provação. Deus, então, considerar-nos-á como seus amigos e tratar-nos-á como tais, segundo sua palavra: Vos autem dixi amicos (Jo 15,15) (Chamei-vos amigos).

A reta intenção não é uma doutrina nova. Cada dia recitamos o Salmo: Beati immaculati in via (S 118,1) (Felizes os íntegros em seus caminhos). Esse compreende quase duzentos versículos, sendo que cada um repete duas vezes a mesma idéia. Dom de Prilly, Bispo de Châlons, tinha comentado esse Salmo de forma muito profunda. Mostrava como a Vontade de Deus, indicada sob diversas formas (vossos mandamentos, vossa lei, vossas inclinações, vossos testemunhos...) era o objeto constante da preocupação e dos afetos do Rei Profeta; o autor mostrava também como nossa alma se apega, por meio de todos esses laços, à Vontade divina, a seus preceitos, a seu beneplácito, a seus consentimentos. Dêem-se conta de quanto isso anima! Não nos falta nada, não fazendo diferença, se as coisas vão bem ou mal. A alma que está unida com Deus, com a Vontade divina, submete-se, concorda e faz continuamente atos de caridade perfeita. Tornando-se isso um hábito, essa disposição gera paz e recolhimento, comunica sabedoria, prudência, força e constância, porque quanto mais a gente se aproxima de Deus, tanto mais se torna parecida com ele.

Requer-se muito tempo para essa prática da reta intenção? Não, isso acaba sendo como natural, como a respiração, sem fazer esforço.

A importância deste artigo do Diretório nem sempre era suficientemente compreendida. Quando cheguei à Visitação, a Superiora de então e o capelão disseram-me que diversos mosteiros não a consideravam obrigatória. A Boa Madre Maria de Sales, através de sua influência e de seus santos ensinamentos, restabeleceu a verdade a esse respeito, no Instituto da Visitação. No que diz respeito a nós, nossas Constituições

fazem da reta intenção uma observância absolutamente necessária.

Eis, meus Amigos, o que leva os diretores espirituais a serem esclarecidos por Deus; é isso o que os fiéis sentem e apreciam, o que lhes inspira confiança no seu diretor; isso mesmo também o que lhes ensina a amar a Deus e a compreender a Nosso Senhor; e não é nesse conhecimento que consiste a vida eterna? Haec est vita eterna. Já não é uma participação da felicidade celestial? Como disse Santo Agostinho: Não é necessário ir aos extremos do mundo para encontrar a Deus; a cada passo, seja acordados, seja dormindo, quer no trabalho, quer no descanso, ele está conosco, continua em nós a sua vida divina e comunica a cada um dos nossos exercícios um valor incomparável.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 6 DE ABRIL DE 1898

O OFÍCIO

Os Irmãos que, apesar do seu trabalho, tiverem tempo, a capacidade e a devoção para rezar o Ofício de Nossa Senhora poderão fazê-lo, com a permissão do seu Mestre de Noviços ou do seu Superior. Se seus afazeres não o permitirem, devem rezar os Pai-nossos e as Ave-Marias indicadas por São Francisco de Sales e mencionadas por nossas Constituições.

Quanto aos jovens Escolásticos que estão próximos às santas Ordens, é um bom costume rezar o Breviário um pouco antes do Subdiaconato.

Bem no início, o Diretório apresenta observações gerais. Logo que o sino toque, precisa-se deixar imediatamente o trabalho **"para correr à voz de Deus que"** nos **"chama"**. A História da Igreja, a vida dos Santos está cheia de fatos maravilhosos através dos quais o Bom Deus recompensou a prontidão na obediência. Por exemplo, o caso de um religioso que estava ocupado com o desenho de miniaturas complicadas num manuscrito. Ele interrompe seu trabalho imediatamente ao som da sineta;

ao voltar, encontra a letra maiúscula completa e perfeitamente terminada. Um outro, a serviço na cozinha, encontra, ao retornar, o seu Anjo, ocupando o seu lugar... Todas essas narrações não são pontos de fé, bem sei; mas por que não acreditar piedosamente nessas coisas maravilhosas, mas possíveis e que favorecem a glória de Deus e desvelam os tesouros de amor de sua Providência e de sua ternura? A fé de uns se extende mais do que a de outros; esses relatos narrados só podem aumentá-la e fortalecê-la, nas almas. Por que, então, não servir-se dessas histórias prudente e discretamente na catequese, nas palestras? São Bernardo, Santo Agostinho as aproveitam; São Gregório até e São Jerônimo utilizavam-nas em demasia; no entanto, não eram espíritos curtos. Eles acreditavam. São Jerônimo não conta, sobre os monges no deserto egípcio de Scété, que, num mosteiro bem fervoroso, o diabo, querendo distrair os religiosos, disfarçou-se como um sátiro e ia de cela em cela?... Essa maior extensão de fé manifesta uma inteligência especial e o dom de uma grande confiança em Deus. Na vida da Boa Madre, conta-se mais de um episódio desse tipo, rasgos em que se pode acreditar sem medo, porque foram confirmados por testemunhas oculares ou auriculares.

"Nos exercícios que dizem respeito imediato à honra e ao serviço de Deus, precisa-se um espírito humilde, humilhado, grave, devoto e seriamente piedoso."

O Ofício não é uma oração particularmente nossa, é da Igreja. Faz parte do sacrifício. Ora, o sacrifício é necessário nos planos da Providência e com relação a nossa santificação. A vida se compõe de coisas difíceis e de sofrimentos.

Com o Breviário temos o sacrifício diário que nos é imposto por nossa vocação sacerdotal e religiosa. Que esse sacrifício quotidiano da oração nos ajude a cumprir com coragem os sacrifícios diários e ininterruptos de nossa vida. Assim santificar-nos-emos a nós mesmos, enquanto servindo a salvação **"de todas as criaturas"**. Devemos ter, portanto, diante do Ofício, do Breviário, uma reverência e um afeto particular.

"Para manter-se com respeito e atenção conveniente é importante que considerem, de vez em quando, quanta honra e graça lhes são concedidas por prestarem, aqui na terra, o mesmo serviço que os Anjos e Santos brindam no Céu."

Rezando o Ofício, podemos nos imaginar que nós recitamos um versículo e o nosso Anjo da guarda o outro; é uma boa prática, sobretudo no começo. Mais tarde, depois de adquirir o recolhimento habitual, isso se faz de maneira muito natural.

"Os que entendem um pouco o que dizem no Ofício empreguem atentamente esse talento, segundo o beneplácito de Deus que o deu para eles, para ajudá-los a ficar recolhidos por meio dos bons sentimentos que podem aproveitar; os que não entendem nada mantenham-se simplesmente atentos a Deus."

É uma coisa muito valiosa entender bem o Ofício. O Pequeno Ofício de Nossa Senhora é totalmente composto por palavras da Sagrada Escritura, inspiradas pelo Espírito Santo, constituindo um verdadeiro maná escondido. Rezem o Ofíco com atenção e piedade. Rezem-no inteligentemente, então encontrarão sempre tesouros; acharão idéias que lhes serão úteis na catequese, nas conferências, no sermão ou no confessionário, como na direção espiritual. Ao meditar as palavras, os pensamentos, os fatos mencionados no Ofício, encontrarão, repito, um maná abundante, delicioso para a alma e para o coração que, por sua vez, será compreendido e apreciado pelos fiéis. É um recurso enorme para si próprio e para os outros, porque é a oração da Igreja, onde o Bom Deus os ilumina. Rezando o Breviário ou o Pequeno Ofício com essas disposições, verão brotar, sob seus pés, nascentes de águas vivas e perceberão também centelhas de luz e chamas de amor. Aproveitando assim o Breviário, as orações litúrgicas, a Santa Missa, o Bom Deus jorra abundantemente sua luz, pela leitura das cartas, dos Evangelhos e das orações. E essas visões são muito apropriadas e fecundas, porque, através delas, é o Espírito Santo que nos ilumina. Todas as vezes que os Senhores falarem a partir dessa inspiração, serão escutados, até falando a crianças, a pessoas sem instrução alguma; isso atrai a graça.

Os Apóstolos pedem ao Salvador: "Doce nos orare (Lc 11,1) (Ensina-nos a rezar). Ele lhes responde: "Sic vos orabitis" (Mt 6,9) (Orai desta maneira). Isso prova que a fórmula vale alguma coisa, que tem, sim, algo particular, sua força e sua graça própria. Quem o saboreou ao rezar o Ofício, deve, depois, comunicar o gosto aos outros.

O Ofício de Nossa Senhora é encantador. Lá se encontra o suficiente para um tratado todo sobre Nossa Senhora. Observem as orações, particularmente, e as lições tão refrescantes, tão puras, tão poéticas;

é uma rica educação espiritual mariana.

Notem bem, a vida do sacerdote não deve consistir somente em estudos de escritório. Deve dar atenção também às almas que lhe são confiadas; deve conduzi-las, a todo o momento, para o Céu; elas devem formar sua preocupação constante. Ele precisa procurar em todos os seus trabalhos a matéria para instruí-las e formá-las. O Ofício lhe fornecerá textos, cuja repetição facilita a memorização. Encontrará nisso, seja por parte da Sagrada Escritura, seja por parte dos Santos Padres, um verdadeiro tesouro de pensamentos profundos, expressões felizes que compõem toda a substância de nossa fé e a base de todo o nosso ensinamento.

Todos lêem a Bíblia; mas reparem o que Bossuet sabia encontrar nela. É um grande gênio, sem dúvida..., mas, como ele mesmo afirmava, aquilo que tirou da Bíblia não foi inventado por ele, mas surgiu dessa luz interior que ele interrogava e seguia, passo a passo, na sua leitura, no seu estudo da Sagrada Escritura...

Além disso, há algo melhor do que o gênio da inteligência; é o gênio do coração. Para quem não tem o primeiro, o Bom Deus pode dar o segundo. E o segundo não é menos valioso do que o primeiro. Se um brilha, o outro alimenta e opera.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 18 DE MAIO DE 1898

NOSSA IDENTIDADE

Meus Amigos, temos que tornar-nos religiosos. O mais precioso tesouro de cada um é o dom de ser o que deve ser. Quando alguém é alguma coisa por seu estado de vida, mas, na realidade, não cumpre com suas obrigações, não é uma personalidade, é um boneco que ocupa o lugar do homem verdadeiro. Pelo contrário, se a gente se dedica unicamente à realização dos seus deveres, sendo uma pessoa cumpridora, não há coisa melhor no mundo.

Lamartine escreveu uma anotação sobre Bossuet, começando nestes termos: "Era um sacerdote. Considerem-no em todas as circunstâncias de sua vida. A imaginação mais fecunda não poderá ver nele outra coisa..." Seria necessário que se pudesse afirmar isso sobre nós: "São religiosos!"

Durante minha viagem a Roma, com Padre Deshairs, visitamos a Igreja Santa Inês e estávamos para descer nas catacumbas, quando chegaram cinco ou seis jovens sacerdotes, a julgar por seu porte, por sua atitude particularmente modesta e seu bom-tom. Não são estudantes dos Colégios ou Universidades romanas, diziam, bem baixinho, em nossa volta; não lhes parecem em nada. Quem eram eles, então? Pedindo informações, soubemos que eram alunos de São Sulpício, domiciliados na Procuradoria, recentemente estabelecida pela Companhia, em Roma. Quanto a nós, meus Amigos, onde quer que estivermos, será necessário que nos reconheçam também como Oblatos; para isso, é imprescindível sermos realmente Oblatos.

Chegando ao Noviciado, não se deve ter outra idéia que esta: tornar-se um verdadeiro Oblato. No começo do nosso Instituto, mais de um, sem dúvida, veio a nós para conseguir mais facilmente a Ordenação e, em seguida, nos deixou. Pela graça de Deus, todos os que hoje se dirigem a nós são sinceros e bem dispostos. Precisamos todos trabalhar, portanto, para tornar-nos Oblatos de mão cheia. Afirmam sobre as Visitandinas de Troyes, de Roma, de Nápoles, como também com referência às de Paris ou do Líbano, que todas se parecem. Isso deve ser também a nossa ambição: sermos todos semelhantes. E, sendo que o exterior é a manifestação do interior, é forçoso compenetrarmo-nos profundamente do amor pela vida do Oblato. Isso é de capital importância, se não queremos falhar na missão que a Igreja nos confiou ao aprovar-nos, e, para a felicidade de cada um de nós, é absolutamente necessário. Um Oblato que não é um verdadeiro Oblato é como um homem vestido com roupa de fazenda mal cortada, comprida de um lado e curta do outro, ou, então, muito apertada ou com folga demasiada--- Daí o Senhor acaba tendo uma roupagem incômoda para si e ridícula aos olhos dos outros.

Será necessário ter medo de ser Oblato e ser reconhecido, à primeira vista, como Oblato? Ah não! não é tanta vergonha assim!... São Francisco de Sales vivia como Oblato: é o modelo que os Oblatos procuram imitar... E São João? Leiam o seu Evangelho, leiam suas cartas... E São Paulo? Estudem-no de cabo a rabo; não é outra coisa do que a vida

do Oblato. E por que não ir mais alto ainda? Ecce Homo (Jo 19,5)! (Eis o Homem) Ei-lo, o modelo que devemos reproduzir, por profissão, continuando-o e perpetuando-o sobre a terra. Ele não se mostra mais aqui na terra como homem; não fala mais às multidões. Nós viemos, nós, sacerdotes, nós, religiosos, nós, Oblatos, para continuá-lo... No lugar de Cristo, veja-se o Oblato. Não há nada de exagerado nisso, nem na idéia, nem na expressão. É uma impressão acertada que muitas pessoas experimentam. Um dos nossos Padres disse-me que, ao ver o seu Superior, ele achava ver Nosso Senhor.

Caiu-me nas mãos uma bonita edição de Boileau. O reconhecimento real lhe tinha sido recusado, numa primeira vez, como uma publicação da Arte Poética; Boileau escreveu orgulhosamente para o Senhor de Colbert, dizendo que não renovaria o seu requerimento, mas que pensava receber logo essa autorização "para a qual," acrescentava, "ligava muito pouco..." E, ao lado dessa carta tão altiva ao todo-poderoso ministro de Luís XIV, vinha uma carta para um Padre Jesuíta, seu confessor e amigo, em termos do mais profundo respeito. Após ter-lhe dado o seu parecer muito ajuizado, que o autor lhe tinha solicitado sobre uma de suas obras, o mesmo afirma humildemente que se sente incapaz de expressar os sentimentos de estima e de gratidão que experimenta pelo caráter e pela bondade do Reverendíssimo Padre, a seu respeito.

Vejam como os grandes espíritos sabem compreender e apreciar o sacerdote que é verdadeiramente ministro de Deus; é bem diferente de um ministro dos maiores reis do mundo.

Essas não são considerações para alimentar um egocentrismo; está muito errado ser demasiadamente pessoal e diminuir o seu valor, baseando-se em impressões. Nosso valor é o de Deus que se dá a nós e por meio de nós.

Reparem como é no Seminário. Até os mais novos são sérios, compenetrados de sua dignidade clerical. Isso não é por orgulho, pois podem dizer: nós levamos Deus. Portanto, um grande respeito para consigo mesmo, uma grande estima diante do papel ao qual somos chamados. Que essa idéia nunca nos deixe. Isso não impedirá que nossos recreios sejam alegres, como a Regra recomenda. Repitamos muitas vezes, como São Bernardo: Ad quid venisti? (Vieste para quê?) Será que é para levar uma vida mais calma, mais livre das complicações da vida no mundo, enquanto não atendendo mais do que as obrigações mínimas? Oh não! Lembrando que estão levando Deus e que ele se serve dos Senhores como a extensão de

si mesmo para comunicar suas graças e seus favores, que respeito não terão perante si próprios? Dediquem, às vezes, sua meditação da manhã a esse assunto.

No final de sua vida, Padre Lejeune, nosso antigo Superior do Seminário de Troyes, retirou-se numa comunidade, em Paris. Eu queria fazer-lhe uma última visita, mas ele já não falava mais e não me deixaram entrar. Fui falar com a Superiora: Ela alegava que era impossível. "Pois bem, diga-lhe que está aqui o Padre Brisson." Ao voltar, ela me diz: "Fez sinal que quer vê-lo." Fizeram-me entrar. Saúdo Padre Lejeune, fazendo-me o intérprete dos sentimentos do clero de Troyes; expresso-lhe mais particularmente meu afetuoso reconhecimento por ter sido um dos seus discípulos privilegiados. Antes de deixá-lo, apertei-lhe a mão, repetindo o que ele nos tinha dito muitas vezes, com sua voz austera e baixa: Nihil nisi grave, moderatum ac religione plenum prae se ferant... (Comportem-se unicamente com gravidade, moderação e muito espírito religioso...) Seu rosto exprimia alegria; todo um passado, e um belo passado, revivia com essa palavra.

Se, no Seminário, se insistia tanto nesse ponto, é necessário que nós também insistamos ainda mais. Sim, somos outros Jesus Cristo sobre a terra. Nossas palavras, nossos atos e a nossa conduta dêem essa impressão. Com isso se faz um bem imenso, conduz-se as almas a se entregarem inteiramente a Deus. E, para tanto, sejamos nós mesmos fiéis à reta intenção, à prática diária das virtudes da obediência, da pobreza... Nisso consiste o caminho da felicidade.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 1º DE JUNHO DE 1898

A IMITAÇÃO EXTERIOR E INTERIOR DE SÃO FRANCISCO DE SALES

Na vida de São Francisco de Sales, narra-se que Dom Camus, Bispo de Belley, queria verificar se o seu amigo praticava realmente a mortificação contínua que recomendava; pois, em vez de jejuns, de açoi-

tadas e de abstinências, o Bispo de Genebra aconselhava ao clero e às almas devotas que agissem, em toda a parte, com muitíssimo respeito pela presença de Deus. Dom Camus chegou a fazer, então, um buraquinho na porta do quarto do Santo e pôde observá-lo, quando este estava à vontade. Notou que o servo de Deus, tanto ao estar sozinho quanto encontrando-se no meio de outros, não cruzava as pernas, não se apoiava, não tomava uma posição cômoda, mas conservava sempre uma atitude que manifestava um profundo respeito diante da presença de Deus. "Antes," afirmou ele, "eu considerava o Bispo de Genebra um santo, mas agora o venero como um grandíssimo santo."

Pois bem, meus Amigos, precisamos imitar a perfeição de São Francisco de Sales. Devemos compenetrar-nos de seus exemplos e tentar fazer a mesma coisa. O que nos tornará tão vigilantes sobre nós mesmos, tão atentos a nossa conduta, será o desejo de agradar ao Salvador e de honrá-lo, será o amor divino. No recreio, naturalmente, pode haver distensão; não é preciso ficarmos numa atitude de engomados, mas convém participar do exercício permitido e deixar liberdade aos movimentos para descansar. De outro lado, na igreja, no estudo, nas reuniões, na presença de pessoas de fora mantenhamos essa atitude religiosa e mortificada. Esse controle que nos impomos terá muita influência em nossa vida; com isso é que se conquistam as almas e que se conseguem graças abundantes. Isso comunica algo de simples, de franco a nossas maneiras, a nossa linguagem, mas sem nada de afetado, nada de rebuscado. Os fiéis só enxergam isso e, a partir disso, nos julgam; esse será o nosso distintivo pelo que se verá, como afirmava a Boa Madre, o Salvador caminhar de novo no mundo. Somos destinados a reimprimir o Evangelho; ora, São Paulo (sic!) indica como um dos sinais dos últimos tempos, o resfriamento da caridade cf. Mt 24,12?). Entre nós, pelo contrário, devem reinar o afeto e o amor para com Deus que nos permitirão levantar uma barreira contra essa tendência.

Significa isso que essa prática é de pouco valor? Não, absolutamente! Se do exterior passamos ao interior, à natureza íntima, aí veremo-nos também obrigados a seguir o método de São Francisco de Sales e a maneira de ver da Boa Madre, forçados a observar as prescrições da obediência e nos veremos obrigados, em todos os nossos trabalhos, a fazer um empenho cordial, apesar das resistências da natureza.

Às vezes isso é duro; e, usando a expressão do nosso bem-aventurado Pai, "isso desgasta a pele do coração", mas é o grande

segredo da perfeição; é a corrente de que fala São Paulo para unir-nos ao Salvador (cf. 2 Tm 2,9). E, lembrem que não temos outro vínculo a não ser o do amor. Quando São Francisco de Sales queria fundar sua Congregação sobre o único voto de amor, ele sabia bem que esse laço era profundamente santificante e, por si só, era amplamente suficiente.

Apresentando-se um pensamento molesto, digam: Meu Deus, ofereço-vos esta provação. Encontrando uma mortificação, ofereçam-na ao Salvador, em reparação por suas negligências. Se, entre as coisas de seu uso, há algumas que não lhes agradam, aceitem essa pequena insatisfação, em expiação do mau uso que fizeram tantas vezes de sua liberdade.

Ensinem esse método na direção espiritual. Ele corresponde a todas as necessidades. É o curativo sobre a ferida, é o segredo de revestir toda a vida de méritos, sem fazer barulho, sem tornar-se extravagante, permanecendo natural, como todo o mundo. É o que compreende bem cada um dos que se aproximam dos Senhores. Em toda a parte, ouço dizer: Ah! se tivéssemos Oblatos!

Nosso Santo Fundador tinha muita razão ao dizer que se dá cem vezes mais glória a Deus pelo cumprimento generoso dos seus deveres de estado, do que por meio das mortificações ou de exercícios extraordinários, porque estes se apresentam raramente, enquanto aqueles são de todo o momento. E como isso dá um cunho de seriedade à vida! Como isso ajuda em meio às dificuldades! Há, pois, momentos em que o Salvador vem e faz sentir sua satisfação desde já, enquanto promete sua paz como fruto da perseverança.

Sem dúvida, isso não é muito difícil. Um Padre Cartuxo repetiu-me mais de uma vez que ele não trocaria o seu regime austero por nossa vida, tão rude ele a achava. Nós não vamos dizer isso e consideramo-nos menos sacrificados do que os Cartuxos. Pelo menos, procuremos ser fiéis; podemos chegar a um grau eminente de virtudes, observando as nossas Constituições.

Estejamos atentos a sempre praticar a reta intenção que nos dispõe a aceitar o sacrifício e a mortificação, oferecendo-nos assim um recurso valioso. Levemos o despojamento mais adiante ainda e passemos à mortificação do juízo próprio. Se alguém lhe diz que tal coisa é preta, enquanto o Senhor a considera branca, não está obrigado a pensar que seja, de fato, preta; mas tem obrigação a seguir a linha de conduta que lhe é prescrita, acolhendo o que lhe é imposto, sem voltar a seu juízo contrário, sem - baseado neste - revisar os planos; e isso para agradar

a Nosso Senhor e ficar unido com ele.

Nossa Regra transforma-nos em homens de valor, de reto juízo que atuam, a cada momento, orientados por uma visão clara, distinta... É isso o que tornou a Boa Madre Maria de Sales tão notável, elevando e aperfeiçoando suas qualidades naturais.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 28 DE JUNHO DE 1898

A IMITAÇÃO EXTERIOR E INTERIOR DE SÃO FRANCISCO DE SALES

São Paulo, falando aos primeiros fiéis, os exorta a praticar as virtudes cristãs, a sofrer a perseguição e mesmo a enfrentar o martírio; e ele os anima "per modestiam Christi" (2 Cor 10,1). Pela palavra "modestia" de Cristo não se deve entender só essa reserva que mantém a alma ao abrigo das coisas más e sensuais, mas também toda a maneira de ser, de comportar-se, de agir, de comunicar-se com os outros. Portanto, vê-se a importância do exterior, como já lhes disse, mas, com gosto, volta a tratar disso, já que, para o Oblato, é uma obrigação rigorosa imitar Cristo dessa maneira.

São Bernardo dizia: Nugae in ore saecularis nugae, in ore religioso blasphemiae (Conversa à toa na boca do leigo é conversa à toa, na boca do religioso são blasfêmias). Nossa vida de Oblatos obriga-nos a manter estritamente essa linha de conduta em nossos modos, em nossa linguagem, em toda a nossa vida.

Deve ser que, ao ver e ouvir-nos, a gente sinta que é Nosso Senhor que passa... Olhem as Visitandinas; em toda a parte, são como formadas no mesmo molde; apresentam a mesma maneira de agir, de falar; cuidam, de modo idêntico, evitando comentários desfavoráveis referente a quem quer que seja. Não tocam no próximo a não ser com respeito, com uma espécie de pudor que não permite a menor falta de caridade. Essa é a modéstia que devemos imitar. Que em sua igreja um Pároco expresse sua

maneira de pensar como quiser, que um homem espirituoso se valha do seu talento, conquanto não ofenda o seu próximo; que seja! Mas, quanto a nós, não podemos fazer isso. Por quê? Porque devemos reproduzir, de maneira toda especial, a Nosso Senhor. Será essa uma vida sem relevo? Oh não! pois é uma vida mortificada, é uma vida que exala e respira, por toda a parte, a mortificação de Jesus Cristo e que nos leva a um estado de grande perfeição. O Senhor deixa de dizer uma palavra imprópria, ganhou mais mérito do que pelo jejum; o Senhor resiste a uma inclinação, está no caminho à santidade.

Esse controle, longe de ser insensato, eleva a alma, engrandece-a e a torna mais digna. Cada um de nós deve aplicar-se a isso. Será que isso significa que seja necessário desfazer-se dos dons pessoais? Pelo contrário, é dar-lhes profundidade e adquirir um grande domínio sobre nossa alma.

Façam isso por compromisso. Se os Senhores fossem Cartuxos, estariam levantados das 23 horas até às 2 da madrugada; iriam comer só às 11 horas da manhã, após ter levantado bem cedo. Com a reza do Ofício e o trabalho manual é uma vida dura. Pois bem, em compensação, nós cuidamos de uma atitude correta, recolhida, de uma linguagem modesta e reservada. Há nisso alguma coisa que leva os fiéis a dizerem: Eis um santo sacerdote! Olhem um bom religioso!

Como exemplo, citarei Padre Rollin. É um excelente religioso. O que lhe vale, em Roma, alguma consideração é a sua discrição. Padre Rollin sempre tem sido assim. Era muito jovem, quando o encarreguei da disciplina no "São Bernardo". Sem pretensões, sem rigidez, inspirou imediatamente respeito por parte de todos os alunos. Essa qualidade não é só um dom da natureza; provém, principalmente, de sua fidelidade ao Diretório. Imaginem-se Padre Rollin bancando o brincalhão, o companheiro divertido; tudo estaria comprometido, não seria mais do que um homem qualquer.

Não se trata de ser acanhado, incomodativo e incomodado, mas de praticar continuamente a modéstia e superar as inclinações contrárias. Isso não representa uma pequena mortificação, mas conduz eficazmente à perfeição cristã. Dessa forma, carregam-se, como diz São Paulo, as correntes de Cristo (cf. 2 Tm 2,9); desse modo, permanece-se, em todas as ações e decisões, em união com o Salvador. Ele se torna nossa luz; ele nos previne para fazer-nos evitar as quedas ou, se caímos, ele nos estende logo a mão para levantar-nos.

Não adianta serem artificiais, fazerem uma cara fechada; fiquem como Deus os fez, mas esforcem-se por revestir Nosso Senhor Jesus Cristo. Induimini Jesus Christum (cf. Rm 13,14) (Vesti-vos de Jesus Cristo).

Para nós é uma obrigação absoluta. Exercitem-se atentamente nisso durante o Noviciado, sendo bem caridosos, manifestando sumo respeito para com os que cuidam dos Senhores. Procurem sintonizar fielmente com o espírito de sua vocação.

Isso não parece grande coisa, mas é algo tão valioso que poucos o alcançam. Por esse caminho, adquire-se o hábito de renunciar a si mesmo, consegue-se a paz e vê-se, distinguindo claramente.

Se Padre Simon chegou, em nossas Missões, a um tão grande sucesso, deve-o a essa modéstia, a essa dignidade que nos aproxima do Salvador e nos torna parecidos com ele.

Muito freqüentemente encontra-se, entre os eclesiásticos aqueles que, longe de serem mais reservados na manifestação dos seus pensamentos, proclamam-nos aos quatro ventos; encontram-se os que, sobre mil e uma coisas, julgam, decidem, resolvem prontamente. Sem dúvida, em si, isso não é pecado; a educação, a situação deles os desculpam. Mas se ficassem calados, seria muito melhor; e, para nós, Oblatos, isso é necessário. É de fazermos penitência. É certo que todos cometemos erros; se o Bom Deus não nos tivesse resgatado, que seria de nós? Esses pensamentos culposos, esses prazeres proibidos devemos repará-los através de sacrifícios correspondentes. E não tendo que dormir numa cama dura, nem abster-nos de comida, é preciso, pelo menos, sofrer algum incômodo, alguam privação. É também um dever de reconhecimento para com Jesus Cristo; amando-o, não devemos procurar imitá-lo naquilo que ele se dignou sofrer por nós?

O valor das pequenas coisas!... Na aparição de Nosso Senhor, eu notava, do seu lado esquerdo, uma dobra na sua roupa. Haia nisso algo tão harmonioso que me julgava no Paraíso, bastaria-me ver isso para ser feliz durante toda a eternidade. Não era entusiasmo; pelo contrário, eu estava contrariado, frio, insensível... Eis como sua atitude, sua fisionomia farão com que se comuniquem com as pessoas, com Deus.

Sejam simples, bons, delicados, a exemplo de São Francisco de Sales, de São Bernardo, de São Vicente de Paulo. No meio de bugiganga, encontrei um busto de São Vicente, feito por um pintor de talento. Cer-

tamente não era um jovem bonito... Mas reflete-se nos seus traços uma amabilidade que impressiona. Assim, em seus contatos mútuos, nos seus diálogos com os Superiores, tomem, conservando-a sempre, uma atitude de caridade e de bondade. Nos dias atuais, isso é para os Senhores uma obrigação muito séria.

Anteriormente, devido à multiplicidade dos nossos compromissos, éramos forçados a descuidar um pouco do Noviciado; e a gente se deu conta disso. Hoje em dia, nada os impede de dedicar-se de cheio à sua formação. Como dizia São Francisco de Sales todas as manhãs: Agora precisa-se começar!

Conto com os Senhores para o desenvolvimento do espírito da Congregação, para realizar o que a Igreja espera de nós. Os Senhores têm à disposição, repito, um valioso meio de santificação, uma penitência eficaz para reparar os momentos disperdiçados, ao ofender a Deus, e as faltas contra a caridade; e se encontrarem alguma dificuldade, tanto melhor! Só o que custa vale alguma coisa. Que cada um se examine a respeito, fazendo-o assunto de sua meditação da manhã; não sejamos levianos, indiferentes; mas empenhemo-nos e sejamos perseverantes. Uma garrafa de cerveja de qualidade inferior custa dois tostões; um litro de essência de rosas vale uma fortuna, porque requer um trabalho enorme e uma grande quantidade de matéria prima. É a mesma coisa com o que estou lhes recomendando. Os filóssofos entre os Senhores reflitam nisso; eis o "rationabile obsequium" vestrum (cf. Rm 12,1) (vosso "culto espiritual").

Os Padres Jesuítas dizem que é preciso obedecer perinde ac cadaver (como um cadáver). Um cadáver é algo triste... Nossa obediência, como nós a entendemos, deve ser alegre, viva, inteligente. Se ela nos fere e nos magoa, sentimo-lo... Não é necessário ficar passivos, mas obedecer com toda a generosidade.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 17 DE OUTUBRO DE 1898

(em Foicy)

PASSO A PASSO, NA DEPENDÊNCIA DO AMOR

O que vou lhes dizer não é fácil de expor. O melhor ainda é servir-se de comparações.

Como Bossuet chegou às alturas em que o encontramos? Será que escreveu, da primeira arrancada, suas 'Elevações sobre os Mistérios', seus sermões, suas 'Orações Fúnebres', sem esforçar-se, sem respirar fundo? Não. Na biblioteca do Seminário Maior e no Bispado de Meaux, vi diversos dos seus manuscritos. A página está dividida em cinco colunas. Na primeira, Bossuet lança sua primeira redação, o primeiro esboço dos seus pensamentos; na segunda, o corrige e, às vezes, até cinco ou seis vezes. Ele muda uma palavra, troca um termo menos expressivo, associa duas consonâncias harmoniosas, tira as cacofonias... Com semelhante trabalho, não é de admirar que ele conseguiu efeitos tão maravilhosos.

E São Francisco de Sales? Encontrou-se, no segundo mosteiro de Paris, o manuscrito do Prefácio do 'Tratado do Amor de Deus'; apresenta uma quantidade de retoques; São Francisco de Sales se corrige seis ou sete vezes repetidas para expressar melhor sua idéia.

Olhem o ourives; quanto cuidado e quanta atenção dedica à lapidação de um diamante! Enquanto bruto, o diamante não apresenta beleza alguma nem brilho qualquer. Uma vez lapidado, não tem limite de preço, se estiver bem límpido. O último, que foi achado no Cabo e cedido à Rainha da Inglaterra, vale 40 milhões.

A vida religiosa é isso. Não se trata de ser atucanado por um grande zelo, um imenso ardor, e querer resolver tudo em volta. Um trabalho incessante se dirige a si mesmo, humildemente, conforme a Regra, de acordo com as Constituições e segundo as instruções recebidas; e esse trabalho não deve ser feito grosso modo - não se conseguiria nada de bem feito nem de bonito - mas com esforços minuciosos e que exigem uma atenção contínua.

Entre os artistas há um provérbio em voga: Para ser artista, três coisas são necessárias: paixão, paciência e bóia... Uma coisa parecida se pode dizer referente ao religioso.

Mas exige-se isso em todas as Ordens da mesma forma? Não, o Trapista já está condenado ao silêncio, a dormir numa cama dura; não se exigirá dele a perfeição da caridade, a sujeição do juízo a qual iria sobrecarregar e esmagá-lo... No que diz respeito ao Oblato, pelo contrário, para ser bom, ele precisa de generosidade, um juízo submisso e reto, uma vontade enérgica, mesmo nas mínimas coisas, por exemplo para não dizer uma palavra demais, para não deixar de fazer a reta intenção. Deve assumir todos os detalhes. Será que isso é mesquinhez? Não, é a perfeição.

Significa isso que nós pretendemos ser pessoas perfeitas, a nata da santidade? Não, mas o que sabemos é que a Igreja mantém os olhos fixos em nós e espera muito de nós para o futuro... Muito mais do que de muitos outros?... Sim, porque temos muito mais sacrifícios a cumprir e a importância de uma obra se mede pelos sacrifícios que ela requer.

Desejo que me compreendam bem; e vou lhes dar um exemplo muito notável disso. Dom Simon é simples como uma criança, em matéria de obediência. Ele volta à França depois de tantos anos! Nem me pede para visitar a família. E quando lhe pergunto, mostra-se disposto a aceitar tudo o que eu lhe propuser. E, com essa obediência simples que ele pratica em toda a ocasião, chegou a quê? Quando chegou nas Missões, encontrou trinta e cinco maus cristãos, mas deixou onze mil que dão admirável testemunho de sua virtude. A Irmã Oblata dizia-me que não se pode imaginar a influência que ele tem. Os protestantes o respeitam e estimam; os católicos não lhe recusam nada, porque reconhecem que ele é o primeiro que não descuida de nada e dá tudo. Com muita eloqüência, muita operosidade e menos espírito religioso, o que teria feito? Absolutamente nada.

Não é pouca coisa trabalhar da manhã até a noite, manter-se sempre sob o jugo da Vontade divina, não por fraqueza de caráter, mas por força de vontade. Eis a nossa vida. Com isso, se pode ser aproveitado para tudo. O pregador do retiro das Obras também me repetia isso: Estou edificado pelo que vi e ouvi. Eu tinha a intenção de fazer retiro, mas o tempo me faltou; acho, porém, que tudo já está feito... Esse perfume que se desprende das pessoas daqui, essa impressão que a gente percebe, aproximando-se delas é o fruto da direção espiritual que lhes é dada. Não se lhes faz sermões fantasiosos; mostra-se-lhes o caminho,

é-lhes ensinado a amar o Bom Deus e até as provações que ele envia. Comecem por envolver-se nessa caminhada e, quando falaram às pessoas, trarão a graça consigo; as pessoas perceberão a convicção dos Senhores, dar-lhes-ão crédito e imitá-los-ão.

Conclusão: estejamos atentos às pequenas coisas; tenhamos a paixão do amor de Deus; tenhamos a paciência. para isso e sentir-nos-emos maravilhosamente apoiados. Se acontecer que relaxemos e diminuamos a marcha, digamos logo, como a Boa Madre: "Meu Deus, eu vos esqueci! Remediai o que não fiz." Daí verão a plenitude do amor divino invadir sua alma. Nisso não há nada de imaginação; é algo simples, bonito, grandioso. Isso é do que o Bom Deus mais gosta.

Dedicando-se a isso, o Noviciado torna-se um paraíso. Tudo por dentro nos agrada e tudo o que nos rodeia parece-nos em harmonia com a nossa felicidade, faz dela lembrar-nos e nos cumula de alegria. No mosteiro Claraval, São Bernardo encontrava, em toda a parte, ensinamentos encantadores. Os muros do mosteiro, as árvores do jardim, o pequeno moinho, tudo lhe falava, tudo lhe mostrava as graças que recebera em cada lugar e lhe fazia experimentar uma satisfação indizível.

Cabe a nós imitá-lo. Encontraremos assim nosso supremo Bem e a felicidade.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 26 DE OUTUBRO DE 1898

A OBEDIÊNCIA

No começo deste ano letivo, vou lembrar um ponto de importância capital, a saber, a obediência.

Não se deve considerar a obediência como um peso que depende da presença do Superior, no sentido de: "Ninguém viu, nada aconteceu"!... Seria a destruição radical do espírito religioso e do espírito de São Francisco de Sales.

Compreendam bem o que estou-lhes dizendo. O problema maior da obediência se relaciona à pessoa que manda, muito mais do que à própria ordem, que é o objeto da obediência. O voto de obediência nos impõe a submissão ao Superior de cada casa, aos encarregados dos diversos serviços, conforme a Regra e as Constituições. Nossa obediência vai mais longe ainda; deve ser prestada à natureza, à missão divina do Superior. Será que é uma obrigação estrita de consciência? Não, é uma maneira de agir que conduz à perfeição da obediência e que é o complemento de todos os deveres que temos que cumprir. É o que tenho visto realizar, durante sessenta anos, na Visitação de Troyes... "Mas são mulheres!" Como se a perfeição fosse só para as mulheres! Como se os homens não fossem capazes!...

Para isso, é preciso ter uma grandeza e elevação de espírito e uma vontade determinada. Agir de outra forma, consultando as preferências pessoais, baseando-se só no entendimento próprio, é uma covardia que não pode agradar a Deus, porque é sinal de um caráter nem firme nem enérgico nem grande nem inteligente.

Reparem a idéia de São Francisco de Sales, a qual tenho visto seguir na Visitação. Assim se alcança um elevado grau de virtude, e a gente sabe-se sujeito a receber dons maravilhosos por parte de Deus.

Aceito esse princípio, muitas dificuldades se desvanecem; essa norma, uma vez admitida, conduz a uma valiosa mortificação que supera muitas práticas exteriores de renúncia. Os Senhores me dirão: "Mas isso é a morte." Não, isso supõe cem vezes mais vida do que se precisa para seguir a vontade própria. Reconhecemos na palavra do Superior a ordem e a palavra do próprio Deus e responderemos com toda a generosidade, com toda a inteligência e amor.

Por entender assim a vida religiosa, no mosteiro chamado Moutier-la-Celle, é o próprio São Froberto que trouxe nas costas, para o Superior, uma mó de moinho. Ele não tinha entendido bem a ordem dada e, em vez de um pequeno compasso, trouxe uma enorme mó; a obediência lhe dera a força milagrosa para carregar e levar um tamanho peso.

Para ser um bom religioso, a virtude de um bom seminarista, de um honrado sacerdote não é suficiente. São Tomás afirma também que Deus tem duas espécies de lugares no Paraíso: uns para os leigos, outros para os religiosos, porque estes se parecem ao Salvador de maneira mais evidente e, por isso mesmo, hão de aproximar-se mais dele. Graças ao espí-

rito interior, o verdadeiro religioso se acha como transformado em Jesus Cristo.

Os Senhores querendo ter uma ambição, seja bem essa. Mas o meio indispensável para alcançá-la é a obediência. É essa a nossa mortificação; essa supera a nossa resistência e nos torna semelhantes a Jesus.

Eu lhes digo: nossa obediência não é a de quartel onde se cede perante a força, onde se conserva sua maneira de ver, de julgar e onde não poupam críticas... Essa é uma linha de conduta, um espírito do qual importa desfazer-se. Essa maneira de obedecer é mais lamentável do que o próprio pecado de desobediência, porque está diretamente oposta ao espírito religioso. Nunca digam sobre o Superior: Ele tem um caráter com o qual não me ajusto; não sou feito para pensar como ele... Ele é muito frio e eu, comunicativo... Ele é demasiadamente condescendente, enquanto eu sou muito vivo... Ele é indulgente, fraco e eu, exigente... Se o Senhor falasse seriamente assim, diante de pessoas sérias, o Senhor não acha que seria considerado uma pessoa esquisita?

O Cardeal Pio, na ocasião da eleição de Leão XIII, previa claramente que o novo Papa teria bem outra linguagem e uma maneira de agir bem diferente daquela do Pio IX; no entanto, vejam como ele o venera, lhe obedece, o ajuda do melhor modo possível...

Cabe a nós, meus Amigos, fazer assim. Daí, quando se vir um Oblato, dir-se-á: Aquele sabe obedecer, é um bom religioso... Ele é extraordinário.

As provas estão aí. Padre Pernin disse-me que ele nota, no seu ministério, quantas almas parecem dispostas a receber essas palavras e conformar-se a esse espírito do qual sentem a necessidade. Eu lhes dizia: É a continuação da Encarnação nas almas, é o Salvador que se manifesta e que age através de nossos atos e nossas palavras. Nós o percebemos no mais íntimo dos nossos pensamentos e de todo o nosso ser. Compreende-se, então, o Evangelho e pode-se fazê-lo amar.

Meus Amigos, se em Roma gostam de nós, é precisamente por causa disso. O Prelado que nos apresentou ao Santo Padre no-lo disse; e o Papa, repetidas vezes, no contexto de nossa maneira de agir, deu-nos a certeza de que estaria conosco, que nos ajudaria e que aqueles que entrassem nesse caminho fariam pessoalmente a Vontade de Deus.

Estamos agora no começo de um ano letivo. Retomemos a observância. Tempos atrás, tínhamos que deixar um certo número de práticas religiosas; a perseguição, em 1880, obrigou-nos a esconder exteriormente o

nosso cunho religioso; depois, tínhamos que rodear-nos de muitos auxiliares e isso tem dificultado nossas práticas religiosas. Mas agora essas inconveniências cessaram. Observaremos, portanto, o silênico no refeitório, durante todo o tempo. Se houver duas ou três pessoas de fora, será necessário previni-las. Far-se-ão "as culpas" antes do almoço e os de fora de casa só entrarão depois. Realizar-se-á regularmente o Capítulo; se o Superior estiver ausente, esse dever caberá ao Assistente e, na ausência deste, ao mais antigo, que fará as advertências ou as recomendações convenientes. Cada um estará de acordo. Sejamos pontuais quanto às reuniões. Não pudemos realizar ainda essas conferências semanais que as Constituições prescrevem; nossas ocupações no-lo têm impedido ainda. Agora que as nossas vagas se preenchem, vamos tentar fazê-lo.

Pedindo-lhes o silêncio, não estou falando de um silêncio absoluto, vazio... Medimos as nossas palavras para melhor entreter-nos com Deus e em nada prejudicar a atenção à sua presença. Feliz, na hora da morte, aquele que puder testemunhar que tem cumprido fielmente com essa exigência. No Seminário tinha um colega que se propusera nunca faltar ao silêncio.Por mais que se tentasse, nunca se conseguiu que ele faltasse. Pois bem, sua morte foi de um santo.

No fim do regulamento do Seminário, que se nos lia de vez em quando, constava: A paz, a alegria e a felicidade acompanham o seu cumprimento... Façam essa agradável experiência; ponham sua confiança no Bom Deus; se isso lhes custa, aguardem a ele.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 23 DE NOVEMBRO DE 1898

A SANTA MISSA

A melhor preparação ao Sacerdócio é participar bem da Santa Missa. Quando se tem assistido bem à Santa Missa, sabe-se rezá-la bem. Para participar bem da Missa, é preciso envolvermos toda a vontade, todo

o coração, como se estivéssemos ao pé da cruz, na companhia de Nossa Senhora e de São João, com o mesmo recolhimento, atenção e amor; essa é a condição essencial para a formação do Sacerdote. Encontra-se, no Santo Sacrifício, todo o mistério do Sacerdote: seu espírito de imolação, de oração. Procurando compreender tudo aquilo que Nosso Senhor fez e deu sobre o Calvário, vemos o que nós devemos fazer ou dar ao próximo.

Para aproveitar essas graças, é necessário preparar-se; então, o tempo que passamos aí, mesmo de joelhos, não nos parecerá demorado. Esse tempo, pois, Nosso Senhor o passou, esperando-nos, pendurado pelas chagas vivas. Ser queimado vivo é um suplício horrível, mas dura menos e ocasiona mais rapidamente a inconsciência; enquanto a cruz é uma tortura interminável que aguça constantemente a dor. Se assimilamos esses pensamentos, até nossa aparência exterior o manifestará; perceber-se-á, ao escutar-nos, a presença do Salvador e as pessoas gostarão de vir à nossa Missa.

"Após o "Santo", deve-se pensar com grande humildade e respeito no benefício da morte e da paixão de nosso Salvador..."

Se a gente não se lembra exata e detalhadamente todos os pensamentos que são sugeridos neste artigo da Missa, é bom tomar nas mãos o Diretório e seguir, sucessivamente, cada um desses afetos.

"Durante a elevação do Santíssimo Sacramento, deve-se adorar o Salvador com muita contrição e depois com o Sacerdote oferecê-lo ao Pai para o perdão de nossos pecados."

A contrição... é o momento acertado para pedir a Deus perdão geral, humilhando-nos, sobretudo ao lembrar-nos das faltas mais vergonhosas e mais graves, quando Nosso Senhor se aproxima tanto de nós e nos encontramos em sua presença.

Em seguida, façamos um ato de doação de nós mesmos **"quant et luy"**, expressão antiga que requer uma explicação para, depois, ser bem aplicada, isto é, com ele, como ele e tanto quanto ele. Ele ofereceu o corpo, a alma, toda a sua alma; a seu exemplo, devemos oferecer-nos sem reserva; e se estivermos verdadeiramente compenetrados desses sentimentos, perceberemos a influência delas, durante toda a nossa vida. Isso é muita coisa! A Santa Madre Francisca de Chantal perguntou a São Francisco de Sales se lhe ocorriam distrações durante a Missa. "Minha filha," respondeu-lhe, "Nosso Senhor deu-me esta graça que, desde o momento em

que eu tenho o rosto voltado para o altar, só posso estar atento às orações do Santo Sacrifício.

É também durante a Santa Missa que a Boa Madre recebia de Deus as inspirações mais vivas e mais abundantes. Ela pedia a Deus, então, que ele me comunicasse suas intenções; depois vinha perguntar-me: " O que é que ele lhe mostrou?" "Nada!" eu respondia, às vezes. E ela se retirava triste e aflita... Muitas dessas passagens são relatadas na sua Vida; e há outras muitas. Há pouco, tratava-se de uma postulante a respeito da qual não se desejava que ficasse; sem conhecê-la, eu sentia vivamente a inspiração de que ela devia partir. Mas isso é ridículo, pensava eu comigo mesmo. No entanto, comuniquei-o à Boa Madre. "É a resposta que pedi a Deus," respondeu. E a postulante partiu. Uma outra vez, era Maria Mongin que se temia ter que mandá-la embora, porque estava gravemente doente. Dando-lhe a Santa Comunhão, sinto interiormente a certeza de que está curada: "Madre, pode ficar com ela; ela está bem." E Maria Mongin tornou-se uma boa religiosa.

Participem da Santa Missa com seus Padroeiros, com seu Anjo da guarda e não pensem que essa seja uma prática sem importância. Não, isso prova a abertura de espírito, mostra precisamente que os Senhores possuem grandeza de alma. Um Santo Doutor dizia: O que distingue uma grande alma não é poder elevar-se bem alto, mas é sobretudo saber descer bem embaixo. Através desses meios, faremos pequenas coisas e aprenderemos a subir rumo às grandezas.

A esse propósito, recomendo a atenção, o interesse para a graça particular reservada a cada um dentre nós e que nos é dada especialmente durante a Santa Missa. É um pensamento, um sentimento, uma inspiração que a gente percebe no fundo do coração. É preciso voltar a isso continuamente. É uma pequena chama que temos que alimentar e desenvolver. É um ponto de partida, um início, um ponto de vista a cultivar. De fato, muitas vezes, a graça tem primórdios quase imperceptíveis. São Bernardo a compara à grande nuvem escura e espessa de Elias (1 Rs 18,45s). Fazia três anos que não tinha chovido; o céu estava implacável. Então, o profeta começa a rezar. No horizonte aparece uma nuvem pequena, do tamanho de uma pisada de homem: "Senhor, fazei que essa pegada se estenda mesmo sobre todos os povos vizinhos!" Deus atende esse pedido e refresca a região inteira. A graça é essa nuvenzinha; parece não ser nada, mas prestando atenção, a gente chega a maravilhosos resultados. Senão, o céu permanece implacável.

A Comunhão. - Convém sempre fazer a comunhão espiritual, quando se assiste à Santa Missa. Tomem, como uma das melhores fórmulas, a de Santo Afonso de Liguori, nas suas "Visitas ao Santíssimo Sacramento" que todos nós devíamos ter. Ela atinge diretamente o coração de Deus. Admirem como Santo Afonso nos ensina a recolher todas as partículas de graças que nos podem chegar do Salvador; é um sinal seguro de predestinação.

Diversas vezes, fiz retiro na Cartuxa que tinha por Mestre de Noviços Padre Retournat, um grande santo. Um dia, entrando em sua cela, topei com um jovem sacerdote de Nancy. Eis, disse-me o Padre, um verdadeiro santo. E a que deve isso? À sua fidelidade em corresponder sempre à graça de Nosso Senhor. Quando ele passa frente a uma igreja, sente a presença real do Santíssimo Sacramento e fica profundamente impressionado. Como chegou a isso? Assistndo à Santa Missa com devoção. Ele tem o dom de comunicar seu fervor aos outros. Também na sua paróquia, faz um bem maravilhoso. Essa é também a característica dos Redentoristas, filhos de Santo Afonso. Vejam também como são acolhidos e que bem imenso realizam. Imitem-nos. Que, entre nós, Nosso Senhor seja rodeado, adorado e mais amado do que em qualquer outra parte. Mostrem-lhe o seu apego, sobretudo no Sacramento do seu divino Amor.

A Bênção. - A bênção do Sacerdote deve ser recebida com grande respeito. Os Senhores lembrem o episódio da Boa Madre que recebe a bênção de Padre Teodoro, fazendo presente o Salvador.

Recordem uma cerimônia litúrgica muito notável; após a elevação, a primeira coisa que Nosso Senhor faz, uma vez descido sobre o altar, é receber a bênção do Padre; quando ele diz: "Hostiam puram, hostiam sanctam, hostiam immaculatam", ele traça três vezes o sinal da cruz sobre a santa Hóstia. É, portanto, algo muito importante a bênção do sacerdote; e temos que ficar felizes por recebê-la antes de sair da igreja.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 7 DE DEZEMBRO DE 1898

A SANTA MISSA

O que vou dizer não se aplica a três quartos dos Senhores. Mesmo assim vou falar, pois é uma coisa muito boa aprender a rezar a Missa antes de ter o compromisso de celebrá-la. É especialmente necessário, porque este capítulo do Diretório ocupa um lugar importante e nem sempre é bem compreendido.

"Para celebrar digna e frutuosamente o santíssimo sacrifício da missa, os Padres, algum tempo antes da missa, recolher-se-ão..."

Quando não se reza a Missa imediatamente após a meditação, é preciso ir à capela com recolhimento, como indica o Diretório. Já era necessário preparar-se desde cedo. É agora o momento de fazer a reta intenção e de passar pelos atos indicados neste artigo. Como não é fácil lembrar-se de tudo isso, pode-se tomar o Diretório nas mãos e dizer cada um dos passos designados, cada uma das orações rotativamente, ora uma ora outra. Não é preciso obrigar-se a rezar todas essas orações, todos os dias.

Oh não! não se toma um livro para dialogar com um amigo; fala-se com ele de coração aberto. Isso vale muito mais do que a fórmula mais sábia ou santa, rezada maquinalmente; para um religioso uma reza assim não é suficiente. Sirvam-se de alguma dessas fórmulas bonitas para iniciar ou para fixar sua atenção, depois dêem curso livre à piedade do seu coração.

A preparação à Santa Missa é uma condição essencial para rezá-la bem. Se se vai ao Santo Sacrifício sem preparação interior, com a atenção dispersada, com a vontade dissipada, não se celebra bem. Claro, não se trata de um sacrilégio; isso suporia não estar no estado de graça de Deus ou cometer uma falta gravíssima e com desprezo às rubricas; mas, infelizmente, dormiunt multi... (cf. 1 Cor 11, 30) (muitos morreram). Por isso é que a gente está sem fervor e não se discerne o Corpo e o Sangue do Salvador como devia ser.

Desde agora, preparem-se para rezar bem a Santa Missa, prepa-

rando-se à Santa Comunhão. É o sol dos exercícios espirituais, diz São Francisco de Sales. Como o mundo sem sol seria improdutivo e deserto, assim seria a alma insensível aos benefícios do divino Sacrifício. No Seminário, o professor de Moral repetia-nos freqüentemente esta reflexão: Sabem quando se formarão Sacerdotes? Na sua Ordenação? Não. É agora. Assim como a sua conduta e as suas disposições de hoje, assim serão sua conduta e suas disposições mais tarde. Se, através da prática assídua da assistência à Missa, a sua piedade e sua fidelidade aumentam, mais tarde rezarão muito bem a Missa. Mas sua fidelidade não se conservará, se não estiver solidamente estabelecida agora e muito tempo antes.

Se soubessem como isso é importante! Se entendessem o que é um Sacerdote, um religioso profundamente compenetrado dessas convicções. Nestes dias, encontrei e li as notas de Padre Ricard que levou uma vida de santo. Sobretudo, sua aplicação em preparar-se para a Santa Missa me chamava a atenção; tinha-se exercitado desde o começo do seu tempo de seminário.

A Missa é nossa força, nossa armadura, nossa vida. O Sacerdote é o homem da Eucaristia; é ele que chama Deus sobre a terra, Jesus Cristo sobre o altar, pelo privilégio de um poder incomparável, e que só se comunica ao Sacerdote.

"Em segundo lugar, determinarão em favor de quem querem oferecer a Missa e por quais pessoas ou necessidades querem rezar, recomendando-as a Deus."

Acostumem-se a essa prática desde agora, quando participam da Santa Missa, determinando e especificando a intenção pela qual assistem à Missa, por exemplo, uma graça especial por seus pais, etc... Falem sobre isso com Deus, porque também os Senhores oferecem o Santo Sacrifício, como manifestam as orações que o Sacerdote reza no plural, de maneira que, acompanhando as ações dele, os Senhores formam uma unidade com ele.

Depois segue, no Diretório, um extenso capítulo sobre os mistérios a meditar. Se, na preparação, a gente se sente inclinado a meditar, a honrar mais particularmente algum detalhe da vida de nosso Senhor, por exemplo, o mistério de Belém, o do Calvário, de Betânia ou de Genezaré, muito bem, que se siga a preferência. Se os Senhores têm tempo, é uma coisa excelente. Mas, em geral, isso não é viável para nós; requeria mais folga, e o nosso tempo é limitado, mesmo para esse grande aconteci-

mento da Missa.

Durante o Santo Sacrifício, São Francisco de Sales também nos indica uma quantidade de práticas... Com relação a isso, ele certamente me permitirá não estar sempre totalmente de acordo com ele. Para realizar o que ele propõe, se faz necessário um excesso de esforço que talvez tenha ocasionado a morte precoce dele mesmo. O que eu prefiro - e, como seu Fundador, creio ter o direito de apresentar-lhes o meu parecer - é prestarem atenção às orações e às cerimônias da Igreja. Nada há de tão bonito quanto a liturgia, quanto o conteúdo do Breviário e do Missal; Há abundantemente com o que alimentar a piedade e o coração. Atender as rubricas com sumo respeito e inteira devoção, compenetrar-se dos sentimentos das orações litúrgicas, já representa uma fartura com que nutrir a alma. Desde muito tempo rezo a Missa; ora, é raro que eu, ainda hoje, não encontre uma palavra que não tinha compreendido tão bem, uma idéia que não tinha captado melhor. Depois de sessenta anos, o assunto ainda não se esgotou; dispomos aí de um tesouro interminável.

As Vistitandinas, que não sabem latim, não tinham a facilidade de compreensão das orações litúrgicas. Precisava-se suprir a isso, explicando-lhes o sentido disso e oferecendo-lhes com o que se ocupar.

Além disso, se São Francisco de Sales sugeria tantas práticas, acredito também que foi porque o acusavam de ser um inovador, de ensinar uma devoção muito ampla e fácil demais. Então, ele quis suprir, parece, às moritifações externas pela submissão mais profunda do espírito e da vontade. Hoje em dia, não tem mais sentido fazer-lhe essas críticas. Podemos, portanto, contentar-nos com o método que lhes indiquei. Mais uma vez, nessas cerimônias, nessas orações inspiradas pelo Espírito Santo, estabelecidas pela Igreja, encontrarão um maná abundante para a sua piedade.

Dom Cardot celebrava a Missa da maneira mais edificante: cada cerimônia penetrava-lhe a alma de devoção...

Portanto, reservem a meditação dos mistérios para quando tiverem tempo, para quando estiverem sozinhos, de viagem, e sentindo-se atraídos a ocupar-se com esses temas; os Senhores possuirão, então, um guia excelente.

"Em seguida, indo para o altar, lembrar-se-ão ainda de Nosso Senhor avançando ao Monte Calvário, com a cruz nos ombros, para ser crucificado."

Tudo isso é de se observar fielmente

"Na hora da Missa, estando ao pé do altar, antes de começar a Missa, elevarão o espírito a Deus e novamente oferecerão ao Pai eterno o Sacrifício, em união com esse amor sem medida com que o seu Único Filho ofereceu-se a si mesmo na Cruz."

Isso é muito bom, sem dúvida; mas eu prefiro meditar o "Introibo ad altare Dei" (S 42) (Salmo ao pé do altar, no início da Missa - tr.) Contém pensamentos tão profundos, tão tocantes, tão bem apropriados para todos os estados da alma... Emitte lucem tuam... (Envia tua luz.) Quam tristis es? (Por que te curvas, minha alma?) Oh sim! rezemos a Missa com a Missa.

"No primeiro 'memento', além do obrigatório, poderão recomendar a Nosso Senhor diversas pessoas e interesses, distribuídos sobre os diversos dias da semana...

É bom pensar nisso, mas não se aflijam se não se lembram.

"No ato da adoração, após a Consagração, oferecerão cordialmente ao Senhor, presente na Hóstia, as adorações que todos os Santos no Céu e a Santa Igreja na terra lhe apresentam."

Por que recorrer a outros pensamentos, diferentes dos da santa liturgia? Ela contém palavras tão impressionantes! Reparem: a gente está com Jesus Cristo, a gente o vê, o toca, ocupa o seu lugar, identificando-se com ele; é tão bonito, é tão grandioso!... Oh! deixemos que cada um siga a atração de sua piedade, totalmente, em cada palavra,... pois, enfim, é a palavra da Igreja, é a palavra de Deus; não há nada a acrescentar; é desnecessário procurar os Anjos e os Santos, quando temos o próprio Nosso Senhor.

"No segundo 'memento', além dos defuntos, de memória obrigatória todos os dias, poderão recomendar a Deus os seguintes, distribuídos sobre os dias da semana...

Obrigado, Santo Fundador, por impor-me tantas preocupações! Não seria melhor deixar que me identifique com o Salvador e respire essa atmosfera tão perfumada de Deus e que me funda com Nosso Senhor? Essa é a grande devoção do Sacerdote e é aí que ele é inundado pela caridade divina.

Nunca se saberá explorar suficientemente a liturgia. Mais tarde, quando rezarem a Santa Missa, encontrarão muitas vezes inspirações, percepções totalmente novas sobre uma ou outra palavra, sobre uma ou outra doutrina; anotem isso cuidadosamente e comuniquem-no aos fiéis para instruir e dirigi-los. Isso será sumamente bom e interessante. Perguntar-se-á: Onde encontrou isso? Nunca tinha pensado nessa verdade; como isso esclarece e edifica!... Só as orações antes da epístola proporcionaram ao Vigário Geral de Sens, agora Arcebispo de Chambéry, Dom Pichenot, assunto para todo um volume, contendo toda uma doutrina, e, tanto mais, os Senhores encontrarão tesouros, acrescentando a epístola, o evangelho e as outras orações: Vias tuas, Domine, demonstra mihi et semitas tuas doce me (S 24,4) (Mostra-me teus caminhos, Senhor, ensina-me tuas veredas).

"Depois da Missa eles se recolherão pelo menos durante quinze minutos."

Gosto mais disso. Inspiremo-nos nos atos indicados pelo Diretório. Mas saibamos deixar falar o próprio coração. Isso nos toca fazer pessoalmente. Acrescentemos, como nos recomendavam no Seminário, algumas das belas orações de São Tomás, onde todas as palavras elevam, onde a poesia se une à mais acertada Teologia. Deixem-se penetrar pelos sentimentos que lhes sugerem e, no decorrer do dia, queiram voltar a isso. Deus habita o seu coração: que ele o permeie de pensamentos carinhosos que o confortavam e o iluminavam de manhã.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 25 DE JANEIRO DE 1899

A PREGAÇÃO

"Os Padres não deverão nunca pregar sem se lembrar do Salvador Jesus Cristo a quem recebem na Missa e o qual tem que falar pela boca deles."

O que São Francisco de Sales põe no começo de todos os assuntos é a união com Nosso Senhor; é uma idéia muito certa. O Sacerdote que recebe tantas vezes o Salvador, vive da vida de Nosso Senhor; sua boca, sua língua tornam-se a boca e a língua do divino Mestre, como diz São Paulo: An experimentum quaeritis ejus qui loquitur in me? (2 Cor 13,3) (Pois procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim?) Quem, portanto, ousaria discutir com ele? O que ele diz não é idéia própria, é o pensamento e a palavra de Deus. Uma vez vindo a nós, Nosso Senhor dá-nos luz e confiança, e podemos falar sem medo nem nervosismo, porque nossa segurança não se apóia em nossas qualidades ou nosso talento, mas na graça do Salvador. Olhem, isso é um lindo tema de meditação. Mais tarde, quando forem chamados a anunciar a palavra de Deus, compenetrem-se dessas considerações e comecem, unindo-se com ele por um vivo espírito de fé. Não são os grandes pregadores que fazem mais conversações, mas, os grandes santos.

Nos Seminários Maiores, são dados os princípios da arte oratória, as leis da dicção, as fontes para serem consultadas; talvez não se insista suficientemente nessas disposições que estou lhes lembrando; é deixado à consciência de cada um. Entre nós é preciso dar maior atenção a elas, porque, sem essas disposições, não se pode fazer bem algum.

Quamdiu sum in mundo, lux sum mundi (Jo 9,5) (Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo), disse Nosso Senhor. É bastante estranho que alguns Sacerdotes esqueçam esse ponto elementar; são a extensão do Salvador! E, em vez de orientar seu rumo e derivar sua palavra de ordem, a partir dele, é num livro de sermões que procuram sua principal, sua única inspiração! Os pagãos eram mais lógicos que certos pregadores. Não diziam eles: Ab Jove principium (Tudo se origina de Júpiter)?

Para falar frutuosamente, é preciso manter a alma muito pura e livre de toda a falta voluntária, no espírito de penitência que, para nós, os filhos de São Francisco de Sales, consiste em aceitar a vida tal como a Providência no-la proporciona, com os trabalhos e os sofrimentos de cada dia, os atritos dos caracteres, as faltas de consideração e de caridade das quais somos vítimas. Tudo isso, recolhamo-lo como um tesouro precioso, talentum auri, lembrando-nos de que o sofrimento era para Nosso Senhor a garantia de sua palavra e de que São Paulo fundamentava sobre a mortificação todo o sucesso de sua pregação: Castigo corpus meum et in servitutem redigo, ne cum aliis praedicaverim ipse reprobus efficiar (1 Cor 9,27) (Trato duramente o meu corpo e reduzo-o a servidão, a

fim de que não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado).

Que nossos jovens religiosos se formem nesse sentido, e, então, ficará alguma coisa. Essa prática, aliás, aplica-se a todo o ensinamento religioso, às aulas de catequese, aos sermões, às palestras, etc...

Mas qual deve ser a nossa intenção?

"Sua finalidade e sua intenção deve ser o que Nosso Senhor veio fazer neste mundo; é isto o que ele mesmo disse a respeito: Ego veni, ut vitam habeant et abundantius habeant (Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância) (Jo 10,10)

A santidade produz santidade. Nós possuindo-a, as almas, pelo contato conosco, receberão luz e vida. A Santa Igreja será ajudada e o Paraíso será enriquecido. Um santo Sacerdote, no púlpito, realiza maravilhas. Lembrem-se da história do Padre Merger...

"Quanto à preparação do sermão, convém fazê-la desde a véspera e que, de manhã, se medite para si sobre o que se quer dizer aos outros."

À preparação sobrenatural, de que aqui se trata, deve-se acrescentar a preparação pelo trabalho. Quando forem velhos, terão suas provisões todas feitas e poderão falar da abundância, como Padre Boigegrain, o Fundador das Irmãs da Providência, de Troyes.

Um dia, na festa da Apresentação de Nossa Senhora, entrei na capela das Irmãs. Elas iam fazer a renovação de seus votos e Padre Boigegrain estava fazendo-lhes uma palestra. Já era muito idoso; falava muito simples e paternalmente; dizia-lhes: "Com quem vão renovar os votos? Com Maria, com Jesus. Precisa-se fazer como fez Maria no dia de sua Apresentação, e como fez Jesus no dia de sua Purificação. As disposições de Maria eram as mesmas como as de Jesus, porque ele lhas tinha ensinado antes..." E começou a desenvolver os sentimentos de Jesus e os de Maria, com palavras tão simples, mas tão profundamente tocantes que fiquei comovido até às lágrimas. Pelo fim da instrução, percebeu que havia um Sacerdote na capela e, informado que era eu, fez com que me chamassem e disse: "Quero perguntar-lhe uma coisa, Padre, mas prometa-me dizer a verdade. Está vendo que estou muito velho; tenho 77 anos. Antigamente escrevia meus sermões e os decorava; agora a vista e a memória não me ajudam. O Senhor crê que eu, em consciência, ainda sou capaz para pregar

às Irmãs? Tenho medo de profanar a palavra de Deus..." Eu lhe disse: "Tranqüilize-se; sim, o Senhor ainda é capaz e tão bem que, há pouco, o Senhor me fez chorar!"

Mas, para falar, requer-se um depósito. Donde haurir? A Teologia lhes proporcionará definições, teses com provas tiradas da Bíblia, da Tradição e da razão humana.

É imprescindível, pois, conhecer a Bíblia e lê-la sempre de novo. Importa ter uma idéia correta e um tanto detalhada dos Santos Padres, noções vastas sobre a História Eclesiástica e a História profana. Mas, sobretudo, será necessário saber adaptar tudo isso aos seus ouvintes.

Qual é a maneira? Isso depende da assistência que deve determinar e regular tudo. O Senhor não fará uma homilia para um ambiente rural como um sermão pregado na corte de Luís XIV. O Senhor quer fazer compreender e amar tal verdade? Sirva-se, então, de todos os seus conhecimentos para selecionar um conjunto inteligível, inteligente. Se não entende nada sobre o assunto de que fala, não pense poder esclarecer ignorantes; o Senhor tornar-lhes-ia a verdade duas vezes mais enigmática.

Para adquirir um fundamento sólido, é imprescindível tomar notas. Organizem fichas, com cabeçalhos: Amor, Caridade, Fé, Trabalho, etc...

Cada vez que seus estudos, suas leituras, suas reflexões lhes proporcionarem, sobre um determinado assunto, uma idéia útil, anotem-na, sob o título correspondente. Ao cabo de um certo tempo, sendo fiéis a essa sugestão, disporão de um acervo imenso de material, bom para as aulas de catequese, para as instruções, conferências e também para a direção espiritual. Então, não somente terão sempre uma coisa para dizer, mas essas idéias, de acordo com o que entendeu, conforme o seu gosto e as suas convicções, serão eminentemente pessoais; os Senhores não serão mais um eco vazio; dar-lhes-ão ouvido e os Senhores se realizarão.

Tudo pode servir para esse fim, também a matemática e as ciências naturais... Assim o eucalipto cuja semente é extremamente pequena e que se torna uma árvore imensa, de madeira dura e resistente, com um cheiro perfumado e refrescante, não se podia comparar surpreendentemente com o mínimo toque da graça, acolhida de coração aberto, a qual pode suscitar rapidamente resultados incomparáveis?

As descobertas científicas fornecerão igualmente semelhanças capazes de impressionar gente de maior instrução. Tudo nos Senhores contribuirá assim para o ministério da evangelização.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 8 DE MARÇO DE 1899

A INSTITUIÇÃO DOS VOTOS IMPUGNADA, MAS RECONFIRMADA

Quero apontar-lhes um grande acontecimento, a saber, o aparecimento da carta que Sua Santidade Leão XIII acaba de escrever para manter os princípios sobre os quais nós, os religiosos, estamos fundamentados. Preciso chamar atenção a ela, porque deve exercer uma grande influência sobre a nossa conduta, nossos pensamentos e sobre os nossos atos.

Desde algum tempo, uma corrente de idéias tende a estabelecer-se. Nos Estados Unidos, em seguimento do Padre Hecker, e, na França, jovens Padres, Diretores de Obras, dizem que os votos e a prática dos conselhos evangélicos estão superados. A Igreja, dizem eles, caminha com o mundo, e o mundo atual não quer mais orientações restritivas nem limitações. Nada mais, portanto, de entraves para o desenvolvimento espiritual. Os votos desaparecem e são substituídos por moções que o Espírito Santo comunica pessoalmente às pessoas. Toca a cada um receber as inspirações imediatas de Deus para a sua perfeição e para a orientação do seu zelo: Nolite extinguere spiritum... (1 Tes 5,19) (Não extinguais o Espírito). A Igreja, assim, entrará num caminho novo, apropriado ao estado dos espíritos, converterá os protestantes e reaproximará os dissidentes...

Ora, o Santo Padre condena absolutamente essa doutrina; ele assegura que o zelo particular é uma coisa excelente, mas sob a condição de que acabe difundindo a caridade e o desprendimento de si próprio. Assim, os votos religiosos, garantia dos conselhos evangélicos, longe de serem rejeitados, devem ser prestigiados e preferidos a qualquer outro método.

De fato, os votos religiosos são exatamente a aplicação dos princípios de Nosso Senhor... Não pode haver meios de santificação mais eficazes. O próprio São Paulo vai mais longe; quando a alma não está nas mãos de Deus, em união com ele, seus trabalhos não valem nada. É bem isso o nosso ensinamento. O Papa confirma, portanto, os nossos princípios e quer vê-los praticados. Não me pediu que eu visitasse todos os Bispos da França e lhes solicitasse ajuda e proteção em seu nome? Como filhos de São Francisco de Sales, é a nós que cabe essa tarefa. A vontade do Papa é que se viva os conselhos evangélicos e, precisamente, conforme a nossa maneira. O Papa afirma explicitamente que o serviço que cada um presta só tanto vale, quanto o valor da própria pessoa, por seu despojamento e sua união com Deus.

Gostaria que assimilassem bem isso para a formação dos seus critérios e de suas decisões. Os Senhores têm uma missão imensa. Como dizia o Secretário da Propaganda: Não podem duvidar dos efeitos que essa doutrina é chamada a produzir. É o que também me confirma uma carta de Padre Rollin. O Cardeal Vigário (Parocchi) recomendou-lhe que recolhesse todas as palavras da Boa Madre e as divulgasse para não privar a Igreja de um tão rico tesouro.

Quanto a nós, apliquemo-nos à observância pontual de nossos votos. Como se sabe que se ama a Deus? Non omnis que dicit mihi: Domine, Domine, intrabit in regnum coelorum, sed qui facit Voluntatem Patris mei... (Mt 7,21) (Nem todo aquele que me diz 'Senhor, Senhor' entrará no Reino dos Céus, mas sim, aquele que pratica a Vontade de meu Pai...)

Pratiquemos, assim, a obediência; pratiquemos a castidade e isso não somente, afastando-nos do mal, mas também reservando todo o nosso amor para Deus, ainda que não sintamos nem prazer nem gosto; pratiquemos e queiramos bem a pobreza: a pobreza de espírito que faz com que a gente não ligue para ninharias quanto à comida, com relação à roupa, ou referente a móveis; mas a gente se entregue à pobreza do Salvador: Hoc est enim omnis homo (Este, pois, é o homem integral). Fora disso, não há nada, nuvens de outono, chuvas fora da época, do fim da estação.

Façam de tudo isso tema de suas meditações e não sejam semelhantes a crianças ou a colegiais... Releiam nos 'Anais', ou na pequena brochura que se extraiu dali, o discurso de Padre Fragnières sobre 'O Caminho', meditem-no, pratiquem-no e, com isso, realizarão coisas admiráveis. Esse método é muito simples, mas é algo extraordinário vê-lo

praticado. Em nossa última reunião sacerdotal, sacerdotes idosos me disseram: - Oh! Padre, quanto bem o Senhor está fazendo! - Mas estavam sabendo isso há muito tempo! - É verdade, mas não o compreendíamos suficientemente. Um Sacerdote do Seminário de Annecy, Padre Decombes, ele sim o compreendeu bem. "Sua vida," ele me escreveu, "é a essência do Evangelho, é a vida de Nosso Senhor." A perfeição não consiste nos atos exteriores, mas no viver a vida de Nosso Senhor mesmo, seguindo-o... É para lá, exatamente, meus Amigos, aonde nos levam os nossos votos, praticados no espírito do Diretório.

Os Senhores são jovens; não esqueçam que isso é sumamente sério. Não façam de sua vida um ideal vulgar; ela tem um alcance considerável.

Tudo isso parece muito oneroso... Pois bem, dediquem-se a isso com determinação. Apeguem-se ao Diretório. A graça necessária não faltará. O caminho é seguro. Estimem sumamente a sua comunidade. Êh! sem dúvida, non multi potentes, non multi nobiles (1 Cor 1,26) (Não muitos poderosos, não muitos nobres): somos gente pequena. Mas os Apóstolos não eram humildes pescadores? Valemos menos do que eles, certamente, mas Deus, de pedras, pode formar filhos de Abraão (cf. Mt 3,9).

Vamos lá. Nosso Santo Padre, o Papa, deu um toque de clarim, cabe a nós responder: Presentes!...

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 22 DE MARÇO DE 1899

O VALOR DA MEDITAÇÃO

Estamos no tempo da Paixão. Nesta semana celebramos os sofrimentos de Nosso Senhor e a co-paixão de Nossa Senhora. Ora, isto é uma coisa que deve ser compreendida pelo Oblato melhor do que por todos os outros, ou seja, a necessidade de unir-nos estreitamente com o pensamento da Igreja, nas diferentes épocas litúrgicas, nos dias de festas. Antigamente havia, nas famílias cristãs, o costume de certas práticas re-

ligiosas especiais para santificar cada tempo do ano. E é muito certo isso. A Igreja é a continuação de Jesus Cristo, do mistério da Encarnação, cujas festas nos lembram as principais fases e renovam a comunicação das graças que o mistério ocasiona. Pois bem, os Oblatos são os filhos da Igreja pelo afeto cordial, pela união íntima com a sua vida e com a sua doutrina.

Unimo-nos com os sofrimentos de Nosso Senhor, desde a meditação da manhã, ao preparar o dia com ele. Isso é muito melhor do que servir-se de um livro. Se fossem comerciantes, procurariam, desde a manhã, ao organizar seus negócios, preparar seus lucros. Mas o Céu não é comparado com um comerciante? Simile est regnum coelorum homini negotiatori (cf. Mt 13, 44s); ou, então, com uma pérola preciosa que se procurou por muito tempo e que a gente adquiriu em troca de toda a sua fortuna?

Se existe um mistério que os toca de maneira toda especial, meditem-no à vontade. Conheci um santo Sacerdote que encontrava um tema edificante, sempre novo, ao contemplar Nosso Senhor com sede, perto do poço de Jacó. Ele dizia: "Eu ficaria com esse pensamento horas, dias, anos..." Todos nós temos uma certa preferência por uma determinada parábola, por uma certa circunstância da vida de Cristo; fiquemos com isso; é a nossa sorte. O Bom Deus é um Bom Pai e dá para cada um o seu 'panem quotidianum' (pão de cada dia) (Lc 11,3). Ponham, então, o coração a escutar e façam com que esse dom frutifique. Não escondam seu talento no lenço para enterrá-lo no jardim (cf. Mt 25,18): Spiritum nolite extinguere (1 Ts 5,19) (Não extingais o Espírito). Pelo contrário, saibam distingui-lo e tirar vantagem. De outra forma, como poderiam, mais tarde, compreender o talento dos outros?

Precisamos de muita atenção para compreender o que o Bom Deus nos pôs na alma. Não sejam levianos, portanto, ou superficiais, como 'arbores autumnales, infructuosae, bis mortuae, eradicatae'... (Jd 12) (árvores que no fim do outono não dão seu fruto, duas vezes mortas, arrancadas pela raiz.) Essas árvores de folhas amareladas, desarraigadas pela metade, que o vento joga à direita e à esquerda, incapazes de aproveitar a seiva da primavera que deveria fazê-las florescer e dar frutos...

O homem não é só mãos e pés, tem coração também e sobretudo isto. Esse coração, importa alimentá-lo, aproveitando cuidadosamente o que o pode nutrir, avivar e animar. É necessário também proporcionar-lhe os

descansos que, em seguida, tornam o trabalho mais fácil, esses repousos junto ao divino Mestre, como o agricultor que, após ter semeado seu campo, espera com paciência a colheita. (cf. Mt 13,24ss)

Se quiserem que Nosso Senhor os ame, sigam-no também e, sobretudo, no Calvário. Tornem-se homens sérios cuja alma viverá dos pensamentos na Paixão. Quando os fiéis sentem o contato com almas sacerdotais assim, eles são conquistados: Veniat et bibat (Que venha e beba). Eles encontram com o que matar a sede. O Sacerdote, meus Amigos, existe só para isso.

A Igreja é Nosso Senhor que se perpetua na terra: Ecce, ego vobiscum sum (Mt 28,20) (Eis que estou convosco)... Precisamos, portanto, aproveitar isso, unidos com ela e com ele, identificando-nos com ele pelos meios que ela nos indica, pela Santa Missa, por exemplo, que não é outra coisa que o Sacrifício de Nosso Senhor. Isso nos ensinará a amá-lo, a preparar-nos ao Sacerdócio. O dia em que subirmos ao altar, Deus virá à nossa frente para nos cumular de seus favores.

Quem deve compreender essas verdades melhor do que nós? Ninguém. Quem deve pô-las em prática com maior fidelidade do que nós? Ninguém. É a doutrina propriamente nossa, a da Boa Madre, de que nós somos os depositários. Estando bem convencidos disso, como lhes será fácil transmitir suas idéias para os outros! Leiam Bossuet. O que lhe revelou essas magníficas considerações sobre os mistérios a não ser suas meditações contínuas? Por que as repetiu com tanta eloqüência senão porque estava profundamente convencido?

Os Senhores meditem suas obrigações religiosas, os princípios de sua vida de Oblato; terão valor, então, e sua palavra não será um eco vazio, mas testemunho incisivo de fé que comunicará a todos os corações suas convicções pessoais.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 12 DE ABRIL DE 1899

EMPENHO SINCERO DESDE A JUVENTUDE - FIDELIDADE A SÃO FRANCISCO DE SALES

É necessário, meus Amigos, que os Senhores sejam bem sinceros; não são seminaristas nem colegiais. A vida religiosa exerce sua influência sobretudo sobre as pessoas jovens. São Luís Gonzaga, Santo Estanislau Kostka eram religiosos exemplares e Deus não esperou a idade madura para dar-lhes a coroa.

Pode-se, portanto, alcançar a perfeição religiosa desde a juventude. É preciso mesmo, porque nessa idade a vontade é mais flexível, as idéias são menos fixas, o egoísmo está menos arraigado. Santifiquem-se desde já. Verão e constatarão mais tarde que o que lhes restar será exatamente o que tiverem conquistado agora.

Esse pensamento, essa convicção é que fará de sua vida uma vida interior. O restante poderá sustentá-la, confirmá-la, mas a fundamentação é agora que os Senhores a põem. A experiência o prova. Se agora se aplicam seriamente aos estudos, por exemplo, toda a sua vida será beneficiada. Convençam-se profundamente, portanto, de que é agora mesmo que estão preparando o seu futuro eterno e o de muitas almas e de que, se falharem nessa tarefa, certamente, muitas pessoas não alcançarão a salvação.

Será que essa idéia está fadada a tornar-lhe a vida triste e insuportável? Não. Os que observam fielmente a Regra sempre encontram nisso paz e felicidade. Entreguem generosamente o coração para o serviço de Deus e do próximo e, mais tarde, encontrá-lo-ão engrandecido e fortalecido para a realização do bem. Hora est jam nunc de somno surgere (Rm 13,11) (Já chegou a hora de acordar). Disperdiçar os anos da juventude é uma desgraça tremenda. Um dia o reconhecerão. Isso não significa, absolutamente, renunciar à liberdade; pelo contrário, mais ainda dela gozarão, pois ninguém é mais livre do que quem obedece unicamente a Deus, estando em constante união com a Vontade divina.

Na oração, no trabalho assim entendido, encontrarão um apoio em suas contrariedades, em meio às dificuldades originárias do caráter pessoal ou alheio e dos atritos da vida comum. Aliás, como não teríamos ne-

nhum motivo para agüentar o sofrimento, já que deveríamos considerar-nos muito honrados em provar do cálice que Nosso Senhor tomou até o fundo! A provação de qualquer tipo, decididamente acolhida, reforça uma base firme em nós. Não se deve encarar a vida religiosa de outra forma; a gente não se resolve para ela aqui, com o fim de ganhar um pedaço de pão, mas para assegurar, através da vida sacrificada, a salvação da alma.

Meus Amigos, nós, Oblatos, temos uma missão a cumprir. Já muitas vezes lhes contei nossa entrevista com o Papa, suas manifestações de aprovação e a ordem que deu para irmos ter com todos os Bispos da França para pedir ajuda e proteção... Ora, nessa visita fomos precedidos por Padre Chaumont, sacerdote santo e zeloso, que fundou uma grande Obra cujos membros se chamam Filhos e Filhas de São Francisco de Sales. Muitos Párocos e Vigários, muitas leigas, senhoras e senhoritas, a ela pertencem. Estudam São Francisco de Sales, veneram-no, seguem-no, invocam o testemunho favorável de sua proteção e de sua doutrina. Pois bem, agora que, de certa maneira, vulgarizaram São Francisco de Sales, nós o que viemos fazer? Essa Congregação nova é boa. Conheci de perto e estimo Padre Chaumont. Mas devo dizer que me parece que ele não adotou tanto o espírito de São Francisco de Sales quanto o de Santo Inácio. Não o critico. Sua idéia era boa, pois foi bem-sucedida.

Também nós fundamos uma Associação para pessoas leigas, que tem por nome 'Associação de São Francisco de Sales', denominação essa dada pelo Cardeal Richard. Compreendamos bem o sentido desse termo. Quando os comerciantes estão associados, eles têm os mesmos interesses, os mesmos negócios, uma caixa comum. Assim nós temos, com São Francisco de Sales, uma só mentalidade, uma mesma vida, uma idêntica maneira de agir: imitamo-lo no mais íntimo do seu proceder. O filho nem sempre tem a mesma profissão do pai. Os Filhos de São Francisco de Sales, suas Filhas fazem a profissão de seguir a vida espiritual conforme o Santo Doutor, como qualquer um pode segui-lo; nós, seus Associados, praticamos o seu Diretório, participamos dos seus trabalhos, dos seus procedimentos, desse 'Caminho' de Nosso Senhor, no qual segue a Visitação, caminho aparentemente tão suave, requerendo, no entanto, tanta energia.

Padre Chaumont tem princípios que, parece-me, às vezes se afastam facilmente dos princípios de São Francisco de Sales. Assim, numa de suas primeiras reuniões em Paris, à qual assisti, uma empregada da Duquesa de tal levantou do seu lugar, por ordem de Padre Chaumont, e foi

dar um par de tapas à sua patroa. É original, se quiserem, mas, com certeza, isso não é nada salesiano! Mas, muitas vezes, basta uma coisa ser esquisita para que todos a adotem. Um outro exemplo: mandaram-me um folheto como usados para fins de admissão das Filhas de São Francisco de Sales. Pergunta-se sobre a idade, a saúde, a situação financeira, as relações sociais, a influência, a herança da moça... Isso não é conforme os nossos costumes.

Para aqueles que nos pedirem informação por que essa nova Associação de São Francisco de Sales, quando já existe uma outra florescente, poderão responder que São Francisco de Assis viu sete ou oito famílias religiosas adotarem o seu nome: Capuchinhos, Franciscanos, Observantinos, Conventuais, etc.... e que São Francisco de Sales muito bem pode ter também diversos grupos de herdeiros: os Filhos e Filhas, os Padres de Dom Bosco, os Missionários de Annecy e, finalmente, nós.

Cada um, naturalmente, no fundo, considera-se o melhor. Quanto a nós, não devemos ter outra pretensão do que herdarmos a doutrina que o Santo Bispo legou, com o Diretório, à Visitação, doutrina essa da qual a Boa Madre de Sales era a incansável apóstola, doutrina bastante distinta, a ponto de que certas pessoas, mal inspiradas, a taxaram de singular e inovadora. A essa crítica basta opormos a aprovação da Igreja, os estímulos do Cardeal Vigário dados a Padre Rollin, como os do Bispo encarregado do Secretariado da Propaganda, os resultados já obtidos, a confirmação das promessas da Boa Madre que, uma por uma, estão se realizando todas, de maneira que eu mesmo tive que acabar acreditando em todas elas e, finalmente, os testemunhos reiterados daqueles que nos conhecem. (Nosso Padre lê uma carta sobre a entrevista de Padre Lebeau com a Condessa Golukowska.)

Que Padre Chaumont siga o método dos Exercícios de Santo Inácio, está bem. Eu, no entanto, desconfio um pouco desses exercícios muito violentos; as pessoas saem desses prolongados exercícios armadas de propósitos formidáveis, mas, no lugar de cada demônio que foi afastado, são encontrados sete mais perigosos. Daí, às vezes, quedas desastrosas. Falo por experiência. Da nossa parte, nós nos contentamos em seguir o Salvador. Com ele trabalhamos e sofremos; quando nos sentimos fracos, com confiança lhe estendemos os braços e seguimos suas pisadas. Isto é mais eficaz e mais seguro. Será que é mais fácil? Não. Requer mais coragem, determinação de vontade e, sobretudo, mais juízo. Isso é o nosso quinhão; façamo-lo render.

CAPÍTULO DO DIA 3 DE MAIO DE 1899

A VIDA DE OBLATO

Já são diversas vezes que não uso um livro, dirigindo-me aos Senhores, porque, antes de mais nada, desejo fazer-lhes compreender bem o que é a vida de Oblato. Esse é um assunto de suma importância.

Precisa-se de muita seriedade e dignidade nos contatos entre nós. Pode ser que passassem algum tempo num Seminário e aprendessem ali certas formas de familiaridade e, por conseguinte, se tratam não mais como religiosos, mas como companheiros, não se controlando e chegando, finalmente, a resultados desastrosos.

Há pouco, recebi a visita de uma senhora cujo filho queria entrar com os Oblatos. Ora, passando por Foicy, esse jovem viu Noviços que se ofereciam rapé, enquanto se divertiam com brincadeiras totalmente mundanas e ele ficou vivamente chocado: "Eu tinha uma idéia totalmente diferente da vida religiosa, dizia consigo mesmo. Eu me imaginava algo de sério, de sacrificado... Se não é mais do que isso, não vale a pena nem começar!"

Meus Amigos, isso é um fato que considero muito importante; não é que aprovo as conclusões desse jovem, mas por causa do seu motivo. Será que, devido a dois ou três Noviços que faltaram na conduta e na mortificação, se pode concluir que os outros, que o Instituto como tal não valem nada?... Eu estava no Seminário Menor, em 1830, numa época muito brava. Havia uma turma que não valia um tostão! Eram verdadeiros malandros... Será que isso me impediu de passar convenientemente o Seminário? Não é porque fulano é bom que eu devo ser bom ou por beltrano ser mau que eu preciso ser mau. Essas desculpas, não as aceito, porque, muitas vezes, não têm fundamento. No começo do meu ministério, havia ainda anciãos que tinham vivido os dias da Revolução. Sendo capelão da Visitação, muitas vezes tinha que visitar doentes no bairro, devido à escassez de Sacerdotes na paróquia. Quando eu abordava o assunto da Confissão, respondiam-me: - Oh! sabe-se o que é... Já se viu bastante disso... - O que, então? O que viu?... - Pois é, seus Padres... Se soubesse o que eles faziam!... - O que é que faziam? Pois bem, escute-me com atenção, dizia-lhes calmamente, mas com firmeza. Afirmo-lhe que verdadeiros es-

cândalos o Senhor nem os viu nem os constatou. Se jamais encontrou-se com um sacerdote, serviu-lhe para sua edificação. "Seus Párocos?" Mas a maior parte arriscou a vida ou morreu para comprir com seu dever... Nunca ninguém pode contestar minha afirmação.

Portanto, a desculpa desse jovem não vale nada. Foi o reconhecimento da falta de vocação ou de coragem para corresponder a ela fielmente. Mas, certamente, não deixa de ser uma grande lição para aqueles que não estão à altura de seus compromissos. Ou a gente é religioso ou não o é. E nossa posição exige de nós um controle muito particular. Será que o Oblato deve ser um homem de cera, proibido de se mexer, não ousando abrir os olhos nem a boca? Pelo contrário, é um homem com pleno uso de sua vontade, que se mortifica em tudo, que não recua diante de obstáculo algum para cumprir o seu dever, determinado como está a topar, de antemão, todas as dificuldades que encontrar, para ser recompensado, posteriormente, com a abundância do amor divino. A Regra lhe oferece amplas oportunidades de mortificação; que ele as enfrente de visor aberto; assim é que se formam personalidades; não sendo assim, não sobra mais nada.

Quero recomendar-lhes uma importante devoção, isto é, a de ter sempre algo a sofrer. A aula lhe é cansativa; siga à frente com firmeza. O recreio o aborrece: participe dele com boa postura. A refeição não é de seu agrado; passe por cima. Soa o despertador; pule logo da cama... Então, nossa vida é um sacrifício contínuo? Isso mesmo; mas como o Bom Deus nos recompensará com a paz do coração e com as mais suaves satisfações interiores!

Portanto, pratiquem com esmero o Diretório. Nós não podemos cessar de pô-lo em prática sem deixar imediatamente de ser Oblatos. A Constituição faz disso uma lei estrita para nós. Suprimindo-se o Diretório, sua vida ficará sem base, sem ponto de apoio; não sobra mais nada para manter e sustentar o Senhor.

Nosso Senhor saiu do túmulo para não morrer mais. Nós devemos renunciar a nossos costumes mundanos para não cair mais neles. Desde agora, examinemos, durante a meditação, a maneira de observarmos cada ponto e façamos propósitos correspondentes, resoluções duradouras. Os santos Sacerdotes permanecem, no seu apostolado, como eram durante o Seminário e estão fazendo o bem. Os outros não estão tendo influência maior em sua igreja do que o seu sacristão. Toda a doutrina da Igreja está contida nisso. Quantas vezes, por exemplo, São Paulo afirma que, se

não nos aplicamos resolutamente a todas as nossas obrigações, não somos mais filhos de Deus, mas estranhos.

Uma vida assim custa, eu sei; mas, pelo menos, vale alguma coisa. Certamente, não é fácil, convém reconhecê-lo. São Francisco de Sales confessou que só pôde formar, nesse tipo de vida, um Sacerdote e meio: isso exige tanto caráter, determinação de vontade e reto juízo!...

Eu sei: o que estou lhes dizendo, na idade dos Senhores, é difícil de compreender. Antigamente eu gostava muito de São Francisco de Sales, de Santa Joana Francisca de Chantal, mas facilmente os teria julgado sem animação e pouco elevados. Santa Teresa e seus arrebatamentos sublimes, isso sim!... Mas também... Junior fui et enim senui... (S 36,25) (Fui jovem e já estou velho). Quando se viu muito e refletiu, a gente se convence de que o método de espiritualidade mais prática ainda é o de São Francisco de Sales. Os Senhores me dirão que, como os comerciantes, estou fazendo propaganda da minha mercadoria, à custa da mercância do vizinho; pois não, experimentem a do vizinho!

Com isso, meus Amigos, estou lhes dando um sermão que não pretende agradar os ouvidos nem a imaginação. Como o Anjo ao Apóstolo São João, estou lhes apresentando um livro, inicialmente, de sabor amargo, mas que, depois, os encantará profundamente no interior. Claro, a natureza preferiria algo mais sensível, por exemplo, seja um jejum seja uns latigaços, com o risco de voltar, posteriormente, ao consentimento nos seus pensamentos ou à insistência nas suas idéias favoritas. Um Noviço Cartuxo afirmava que a vida de Oblato era, no fundo, bem mais exigente do que a da sua Ordem. Entre nós, de fato, reina um apelo contínuo à nossa vontade; requer-se o sacrifício incessante de nosso juízo, de nossos pensamentos... Que grande meio de tornar-se santo e de elevar outros à santidade! Os Senhores todos têm suficiente inteligência para compreendê-lo e, acho, bastante energia para assumir isso.

Ou melhor, isso nos falta um pouco, confessem-no. Somos gente boa; assim me disseram, e eu o aceito de bom grado. Agora importa sermos bons religiosos. No começo, diziam que todos os Oblatos eram santos; mas agora quase não ouço mais dizer isso.

A primeira condição, pois, é sermos mortificados. Ao observar São Francisco de Sales, facilmente se poderia pensar que ele não se recusava nada... No entanto, seus biógrafos afirmam unanimamente suas grandes e rigorosas austeridades que escondia para todo o mundo. Estava

tão recolhido em Deus e tão pouco atento ao que lhe davam de comer que o viram mergulhar seu pão na água morna dos ovos, como se fosse molho. Fiquemos nós também profundamente recolhidos em Deus e juntemos amorosamente as cruzinhas pelo caminho. A vida não é tão longa para amar, conhecer e servir a Deus, fazendo com que os outros o amem e sirvam. Não tem importância que sua oração seja árida e que ela lhes pareça sem efeito; permaneçam aí, aos pés do Salvador, satisfeitos por ficarem de sentinela, mesmo em silêncio, conquanto estejam com ele.

A experiência do apostolado ensiná-los-á: se souberem formar almas segundo esse método, no dia das grandes manifestações, ficarão maravilhados do quinhão que Deus terá reservado a essas almas e os Senhores serão, talvez, tentados a lamentar-se por não terem sido admitidos à mesma sorte.

Quanto mais trabalho se dedica ao Processo da Boa Madre tanto mais a gente se convence de que o grande segredo de sua eminente santidade é sua união com a Vontade de Deus. Sigam as pisadas dela e o Noviciado exalará perfumes celestiais. São Bernardo chamava Claraval 'a porta do Céu'. Ele dizia aos seus religiosos: "Não estão ouvindo os coros dos Anjos e dos Eleitos? Eles nos chamam para junto deles... E vós, meus filhos, que tendes tomado parte em meus trabalhos, todos me seguirão lá, no alto, para participar da minha alegria."

Essa promessa, a Boa Madre gostava de repeti-la também para as suas Irmãs. E ela a faria aos Senhores, se estivesse aqui... Vamos! Coragem e confiança!

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 24 DE MAIO DE 1899

"COMO ASSISTIR À SANTA MISSA"

É preciso, desde agora, aprender a rezar Missa e a formar-nos nas disposições interiores para dispormos perfeitamente das rubricas da vida sobrenatural que devem animar-nos a celebrá-la e assim encon-

trar-nos, no momento da Ordenação, a par das orações, familiarizados com as cerimônias e, sobretudo, com o espírito do Diretório.

É isso mesmo que nos recomendavam, tanto no Seminário Menor como no Maior, a saber, que nos déssemos conta das cerimônias, assistindo ao Sacrifício divino. Todo o tempo que ainda os separa do Sacerdócio não será longo demais para preparar-se, porque a Missa é tudo para o Sacerdote. Muitas vezes tive a ocasião de notar isso, durante os trinta e cinco anos que eu acompanhava a Boa Madre. Ela me dizia: Amanhã, que tal se se pedisse isso ou aquilo?... E, ao sair da Missa, sempre tínhamos o resultado completo, maravilhoso... Entretanto, eu não concordava com entusiasmo, mas, antes, friamente... O Bom Deus intervinha sensivelmente para qualquer tipo de coisas. No caso da chegada de uma Noviça, depois da Missa, eu ia dizer à Boa Madre: Pode-se contar com ela. Precisava-se tomar uma decisão sobre uma pensionista? Era na Missa que pedíamos iluminação... Será que se podia ficar com a Irmã Luísa Maria que apresentava diversos motivos por que deixá-la partir? Pediu-se um sinal e a resposta se recebeu na Missa: Pode ficar com a Irmã, ela não está mais doente. Isso não é questão de imaginação, mas de fé. Como faríamos bem, experimentando-o um pouco, sobretudo hoje em dia, que a vida sobrenatural tende a desaparecer!

Os Bispos, os Superiores de casas religiosas queixam-se por essa diminuição da vida sobrenatural. A que se deve isso? É que não se reza mais suficientemente e não se o faz na oportunidade apropriada. O recurso é assistir bem à Missa e, para isso, compenetrar-se profundamente das convicções da fé. Nosso Senhor está presente lá como estava em Belém, em Nazaré, na margem do Mar de Tiberíades, no Calvário, quando pregava, curava os doentes ou derramou o seu Sangue por nós. Com quanta profundidade não deveríamos ficar recolhidos, se tivéssemos uma viva fé? Sirvamo-nos, para compreender bem a Missa, do método do Diretório.

"Enquanto o Padre se prepara, importa colocar-se na presença de Deus. Depois pode-se rezar o terço ou outras orações de preferência, até o Evangelho..."

Pelo que diz respeito ao terço, não lhes recomendo aproveitar esse tempo para rezá-lo. Se São Francisco de Sales o recomenda neste momento, é porque escrevia para senhoras (que não entendiam latim - tr.). Quanto a nós, é muito fácil, durante uma Missa simples, ocupar-nos sem esse meio. Comecemos, pedindo perdão a Deus, quando o sacerdote reza o 'Confesso a Deus'; e cometemos suficientes pecados para empregar todo o

tempo do início da Missa em detestá-los e, por pouco amor que tenhamos a Nosso Senhor, quase não teremos problemas para ficarmos atentos. Se tivéssemos estado aos pés da Cruz, seria fácil para nós; pois bem, aqui é a mesma coisa; é a força do mesmo Sangue redentor que nos será comunicado. Humilhemo-nos, portanto, em profunda contrição. O arrependimento profundo e sincero quase não está mais na moda hoje, sobretudo entre certas mulheres de piedade toda superficial.

Insisto nessas práticas interiores. Não é que aprovo de forma alguma a observação que um jovem religioso fez, quando lhe recriminaram as faltas à Regra: Oh! entre os Oblatos, disse, a perfeição é totalmente interior! É verdade; no entanto, é preciso também alguma coisa para o foro externo, porque, a menos que se seja hipócrita, é necessário que uma coisa esteja em harmonia com a outra. Sim, o Sacramento da Penitência perdoa todos os pecados, mas sob a condição de se tratar de uma alma contrita. O arrependimento é suficiente, acrescenta o catecismo; mas a própra contrição consiste num real desgosto, inspirado não pela vergonha de confessar-se ou pelos inconvenientes da falta cometida, mas por um motivo sobrenatural, acompanhado por um início de amor a Deus.

Dir-me-ão, talvez, os Senhores: Mas não sinto nada... Pois bem, apresento-lhes um bom meio para solucionar isso; dediquem-se à prática fiel do Diretório, durante um, dois ou três dias, e eu lhes garanto que sentirão alguma coisa. Haverá muitas pessoas confiantes na força do espírito que lhes dirão que com o espírito se alcança tudo. Eu lhes afirmo que com o espírito não se chega a nada. Não se faz um carpinteiro com a teoria; não se forma um religioso pelo estudo especulativo da Regra, mas pela prática dela.

Para o Evangelho **"todos levantar-se-ão prontamente, mostrando que se está disposto a progredir no caminho dos preceitos do Evangelho..."**

Com referência a isso, voltando a Plancy, há uns dias, passamos por Charny, onde a igreja recém foi restaurada. O Pároco, um homem de fé, conservou cuidadosamente os ornamentos, as imagens e os altares da antiga igreja. Pois bem, acima do altar mor, numa placa de mármore, pode-se ler este frase: Os Christi Evangelium est. (O Evangelho é a boca de Cristo.) O Evangelho não é só a palavra, mas o rosto, a expressão da fisionomia de Cristo, seu sorriso, sua bondade, sua personalidade... É um dizer muito bonito que lembra a passagem da Escritura (sic!): Os ad

os loquitur. Eu gostaria muito de saber quem disse essa palavra; recomendo esta pesquisa aos nossos jovens eruditos.

Por que, na hora do Evangelho, não lembrar-se desse pensamento? Olhem a felicidade do Salvador, a expressão do seu amor por minha alma, essa palavra que, na sua vida mortal, atraía as multidões, quando ele passava.É uma observação muito surpreendente que o Senhor T... fez na palestra sobre sua viagem na Terra Santa: Não há uma vila cristã, judia ou turca que não tenha conservado algum sinal ou alguma lembrança da bondade e da amabilidade delicada do Salvador. Essa sensação deve de ter estado profundamente enraizada desde o começo para ser tão viva, após 1.900 anos.

"Se se reza o 'Creio', convém recitá-lo em comum, dispondo-se mentalmente a querer viver e morrer na fé da Santa Igreja."

O lapso do 'Creio' até o 'Santo' deve ser um momento de devoção toda especial para o Oblato. O que é que existe sobre o altar naquela hora? É o que a liturgia chama de ofertas, oblata, as ofertas que serão transformadas em Corpo e Sangue de Nosso Senhor. E nós, por que temos esse nome de 'Oblatos', a não ser porque pretendemos transformar-nos de filhos de Adão pecador em filhos de Deus, imagem vivente de Nosso Senhor?

Será que não é esse o momento de pedir-lhe que opere em nós essa mudança maravilhosa de transubstanciar o pão preto de nossa vida pouco elevado, os frutos tristes e amargos da nossa pobre natureza, corrigindo nossos hábitos desregrados, nossos defeitos para, depois, oferecer-nos com ele, tanto quanto ele, coração, corpo, alma, com todas as nossas misérias e incapacidades? Nosso método é esse; se não agirmos assim, não será de nós que se trata. Cuidem bem disso. É o que os Senhores têm que fazer todos os dias para assistir bem à Santa Missa e, mais tarde, para celebrá-la com devoção.

"Após o 'Santo', deve-se pensar com grande humildade e respeito no benefício da morte e da paixão de nosso Salvador..."

Consideremos que Jesus Cristo morreu por amor a nós, deixando-nos seus merecimentos. Ofereçamo-los a seu Pai por nossos familiares, pelas almas do Purgatório.

Os Senhores sabem o segredo para ser atendidos infalivelmente? É rezar pela Comunidade. Recomendo-lhes isso, depois da minha longa e

convincente experiência. Recomendo-o por parte do próprio Deus. Não têm tendência para isso? É possível. Mesmo assim, façam-no e encontrar-se-ão irresistíveis ante o coração de Deus. São Francisco de Sales recomendava solicitamente essas pequenas diligências para obter ganho de causa nas suas orações.

Durante a elevação, quando o Sacerdote se inclina, imaginem-se os Senhores o Cristo inclinado, amando-nos até derramar seu Sangue por nós. Unam-se a ele. Assim assistirão bem a Missa, sobretudo se chegarem na hora certa, após ter-se arrumado, num profundo recolhimento, enquanto, na capela, se mantiverem retos, com as mãos postas, não procurando a comodidade que Cristo não desejava na Cruz... Reparem como todos esses conselhos são profundos.

Depois da elevação, precisa-se agradecer a Jesus Cristo por sua Paixão e pela instituição do Santíssimo Sacrifício do Altar."

Quanto à comunhão espiritual, recomendo-lhes muito as aspirações de Santo Afonso de Liguori nas suas 'Visitas ao Santíssimo Sacramento'. É um livrinho que é uma fonte de viva piedade, dessa devoção que tanto precisam os Senhores para, depois, poder inspirá-la aos outros. Pois, afinal, com relação aos Senhores também foi escrito: Ignem veni mittere in terram, et quid volo nisi ut accendatur! (Lc 12,49) (Eu vim trazer fogo à terra, e como desejaria que já estivesse aceso!) As almas virão reanimar-se junto aos Senhores; e os Senhores mesmos, não tendo nada, o que vão dar para elas?

Familiarizem-se, portanto, com as belas e piedosas reflexões de Santo Afonso. Caminhando, ao seguirem essas pegadas, é que seus religiosos fazem tanto bem. Também nós somos discípulos de um Bispo e de um Santo. Sem dúvida, há uma pequena nuança entre a doutrina de São Francisco de Sales e a de Santo Afonso de Liguori; mas ambos tendem eficazmente ao mesmo fim.

E, hoje em dia, o espírito de São Francisco de Sales torna-se cada vez mais em harmonia com as necessidades atuais; essa é a razão por que é necessário dele impregnar-nos o coração e o espírito; nosso coração, pois é isso que Deus olha antes de tudo; nosso espírito, que serve de leme para a nossa vida. Mas nunca separem o interior do exterior. Reparem uma comparação: a árvore deve sua vida à seiva, mas o que protege a seiva e lhe permite subir até as últimas ramificações? A casca. Machuquem-na e a árvore sofre; tirem-na, e a árvore morre. A casca, entre

nós, é a Regra, é o exterior. Prejudiquem-na, dispensem-na, e logo não sobrará mais nada de fundamental.

No entanto, esse fundo é, cada vez mais, necessário. Faltando esse, a gente se atira para idéias novas que pegam como um rastilho de pólvora. Mas não é o americanismo que nos salvará; e Satanás tira vantagem disso para abalar as almas brutalmente: Simon, Simon, esse Satanas expetivit vos ut cribaret sicut triticum; sed ego rogavi pro te ut non deficiat fides tua... (Lc 22,31) (Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo; eu, porém, orei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça). O demônio assalta os mais vigorosos; azar de quem se deixa cair nas mãos impiedosas dele. Importa vigiarmos, apoiados nos recursos que o nosso Santo Fundador nos proporciona.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 7 DE JUNHO DE 1899

"INTENÇÕES GERAIS PARA OS IRMÃOS OBLATOS DE SÃO FRANCISCO DE SALES"

"Que todos os exercícios e a sua vida inteira sejam para se unir com Deus e - por orações e bons exemplos - ajudar a Santa Igreja e fomentar a salvação do próximo."

Nisso se concentra toda a idéia do nosso Santo Fundador: a união com Deus. É o meio próprio nosso para proporcionar à Igreja um grande recurso. Essa frase é curta, meus Amigos, meditem nela com profundidade. Não nos diz - como o catecismo - que fomos criados para conhecer, amar e servir a Deus; não nos propõe - como outras Regras - a glória e a honra divina. Reparem a diferença: para unir-se com Deus... As outras Ordens parecem visar antes o resultado do que o agente. São Francisco de Sales se dirige sobretudo ao próprio operador, pois vale o ditado: Qualis Sacerdos, talis populus (Qual o Sacerdote tal o povo). Com um operário feito a machado, nunca conseguirão um trabalho acabado. Um jovem decidido a cumprir com seu dever, mas ao deus-dará, não será um

bom religioso; se já é religioso, Sacerdote, é uma situação simplesmente lamentável! Não, não se arranquem às cegas, obedecendo ao ímpeto pessoal: comecem unindo-se com Deus, pela prática de uma união sobrenatural e absoluta.

Peçam ao Espírito Santo a compreensão dessa primeira palavra. Todos farão sua meditação sobre isso, durante os próximos quinze dias, para compenetrar-se e pôr sua conduta em perfeita sintonia com nossa vocação, com a intenção do próprio Cristo. Pois, afinal de contas, por que Nosso Senhor se tornou homem? Somente para nos resgatar? Não será também para servir-nos de modelo e companheiro? Nossa única preocupação seja, portanto, a união de nossa vontade com a do Divino Salvador. Com isso a gente se torna um santo e suscita santos.

O sinal do levantar toca; unam-se com Deus que os chama para o trabalho de um novo dia. Com Jesus, levantem-se, rezem, sofram; e acabarão transformando sua vida na dele.

Prefiro, a todos os outros, o modo de agir de São Francisco de Sales, que, aliás, era o de Santo Agostinho. Já vão 67 anos que eu fazia uma volta na França com o meu professor de moral, o Padre Chevalier. Visitamos um noviciado dos Padres Jesuítas. Lembro-me ainda do quarto do Padre Mestre, com um grande cartaz sobre a perfeição que o ornamentava. - Fique conosco, disse aquele bom Padre. - Não. - Mas por quê? - Porque, se eu me tornasse Jesuíta, ficaria dez vezes mais Jesuíta do que o Senhor!

Não é, portanto, que eu desacredite os outros métodos; mas os Senhores vêem, quando a gente se encaminha por aquela senda, o espírito opera, forja grandes resoluções, mas, às vezes, surgem daí terríveis tentações. Freqüentemente, chega-se a contar só com as próprias forças; e o Bom Deus abandona os que querem trabalhar do jeito deles mesmos. Depois de alcançar uma idade avançada, não se acredita facilmente nos meios humanos. Há um procedimento para a perfeição mais breve e mais seguro: unir-se com Deus, a cada momento; a todo o instante, dedicar-se à realização da Vontade de Deus, o que pode haver de mais perfeito? "Mas é maçante!", os Senhores me dirão? Sem dúvida, é sempre o mesmo motivo que nos dirige; mas as ações variam e a alma sempre fica empolgada.

Comecem, portanto, continuem e terminem seu dia com o Diretório; assim tornar-se-ão homens poderosos em obras e em palavras. Ser O-

blato é isso mesmo; não é outra coisa.

Consegue-se isso de saída? Não. Tempos atrás, concordávamos que se precisavam trinta anos para formar um verdadeiro Oblato... Entre nós, vale a prática, antes de mais nada. Aliás, é essa a história de cada Ordem religiosa. Os Padres Jesuítas não eram tão logo como os conhecemos atualmente. Houve, entre eles, lacunas, deficiências, até escândalos; mas, à força da perseverança, a idéia de Santo Inácio prevaleceu e sssim formaram-se grandes santos.

Pois bem, meus Amigos, cabe aos Senhores fundar os Oblatos: os Senhores são as pedras fundamentais. Uma vez que cada um se dedicar seriamente à tarefa, a gente se admirará do resultado. Isso se percebe. Sempre retomo o meu texto de Charny: Os Christi Evangelium est (O Evangelho é a aparência de Cristo). Como dizia a Boa Madre: Ver-se-á assim, o Salvador caminhar de novo no mundo. O Salvador, dessa maneira, entusiasmar-lhes-á o coração com suas disposições; e do seu coração, elas passarão à sua pessoa, a seus lábios que serão, então, a pregação viva do Evangelho.

Acreditem-me: desde muito tempo sou entendido nessa profissão! Temos nisso um método completo, com resultados garantidos. ajudemo-nos mutuamente com a oração, com a fidelidade: Hoc fac et vives (Lc 10,28) (Faz isto e viverás).

"Ele desejava mais do que nada que fôssemos excelentes em todo o tipo de virtudes."

Acompanhada pela fidelidade, nossa oração será agradável a Deus, e nosso exemplo será de proveito para o próximo. Todo a nossa aparência estará impregnada disso. Em toda a parte, sobretudo na Igreja, nosso procedimento será correto, impecável, mas sem afetação nem extravagância e, sim, cheio de recolhimento e de espírito sobrenatural de mortificação.

Essa é a virtude dos Oblatos; e um santo religioso me disse: é mais fácil ser Cartuxo do que Oblato. Para isto, precisa-se tanta vigilância, renúncia e energia!

Comecemos com pequenos esforços; como a mostarda do Evangelho, como o eucalipto: a partir de um grãozinho insignificante, cultivado com esmero, desenvolver-se-á uma grande árvore.

CAPÍTULO DO DIA 28 DE JUNHO DE 1899

"INTENÇÕES GERAIS"

"Que todos os exercícios e sua vida inteira sejam para se unir com Deus e para - por orações e bons exemplos ajudar a Santa Igreja e fomentar a salvação do próximo."

Essas palavras são pouco extensas, mas cheias de sentido.

"Não devem desejar nada tanto quanto serem tão virtuosos que seu bom perfume, agradando a Deus, se expanda nos corações dos fiéis."

A união com Deus e a edificação do próximo são os dois meios de apostolado que São Francisco de Sales nos propõe. E não pensem que sejam frases vazias, ditas ao acaso. Não, ele nos exorta a isso propositalmente, porque, às vezes, poderia haver problemas em entender bem a importância disso.

Sempre me lembro da insistência com que Padre Lejeune, Superior do Seminário Menor, comentava a recomendação do Concílio de Trento: "Nihil nisi grave, moderatum ac religione plenum prae se ferant" (Comportem-se unicamente com gravidade, moderação e muito espírito religioso). Ficamos todos profundamente impressionados. Ora, se isso se aplica a um simples Sacerdote, quanto mais a um Religioso. O Diretório quer que nós, Oblatos, levemos as almas para Deus pelo perfume das nossas virtudes; e o Diretório é para nós obrigatório, pois faz parte integrante das Constituições. O Diretório exige que demos exteriormente sinais de piedade e recolhimento que toquem o coração dos fiéis e os conquistem para a fé. É, portanto, o ponto mais essencial das nossas obrigações.

Nas outras Ordens, existem jejuns, correias para açoitar-se; entre os Jesuítas, há os esforços pela pregação, a submissão a uma obediência estrita que aniquila a vontade e é a esse preço que eles conquistam as almas. Entre nós, nossas disposições interiores e exteriores são precisamente os meios de operar as conversões. Se não executamos as recomendações do Concílio de Trento, não somos Oblatos e não chegaremos a nada.

'Nihil nise grave.' Primeiramente, o Oblato deve eliminar toda a atitude imprópria. Naturalmente, há camaradagem e camaradagem. Conheci

muitos seminaristas unidos por um bem-querer bom e louvável; mas o que devemos evitar é a leviandade no relacionamento que descambaria em relaxamento, em procura de comodidade e até em imodéstia. "Estamos entre nós", poderão dizer... Não, estão entre Deus e sua Regra. Se os Senhores orientam toda a sua conduta segundo esses princípios, a amizade que surgir daí será sólida e séria, santificada pela oração e pelo recolhimento, o verdadeiro vínculo dos corações. Para formar um Oblato são essas as condições necessárias que, certamente, requerem uma mortificação contínua; essa mortificação que Roma considera suficiente, como se fez entender ao bom Padre Capuchinho que queria inserir em nossas constituições austeridades especiais.

Se, pelo contrário, esses contatos mútuos degeneram em camaradagem vulgar, então cheiram muito mal. Insisto muitíssimo nesse assunto, porque no Noviciado é imprescindível se formarem nos modos que terão que observar, tanto em nossas casas quanto no ambiente, para onde a obediência os mandar. "Mas isso depende do caráter; age-se assim quando inclinado pelo temperamento..." Nada disso! Nós devemos obrigar-nos a isso por virtude. Se um seminarista se permite essas familiaridades, ele que, um dia, se manda a si mesmo, em sua casa paroquial, terá que comunicar-se com seus colegas vizinhos que terão as mesmas maneiras, isso é outra coisa. Mas os Senhores devem se colocar num ponto de vista bem diferente. Os Senhores têm que agir entre si como na presença de gente de fora, com a mesma reserva, com o mesmo tom de boa educação. É um ponto ao qual se dá muitíssimo valor em todos os Noviciados religiosos, por exemplo, entre os Padres Jesuítas.

'Moderatum...' Ajam com moderação. É inútil - eu penso - fazer essa recomendação com relação ao trabalho. Todos nós gostamos de que o trabalho esteja logo terminado... Provavelmente não seria demais convidá-los a aplicar-se um pouco mais em sua tarefa diária. Oh! como gosto dos jovens clérigos, dos jovens religiosos que trabalham e que rezam. Não há nada mais valioso.

Estou sendo muito severo, meus Amigos. E será que é fora de propósito? Reparem o clero dos nossos dias. O Papa lamenta a situação. Ele constata nisso a influência de uma falta de educação moral e religiosa. Nós devemos cuidar disso e observar em tudo, no recreio, na conduta, no beber e comer, essa reserva, essa simplicidade, tão apreciadas. São Paullo achava não poder encontrar uma motivação mais válida para

convencer os primeiros fiéis do que a conduta, a maneira de ser do próprio Salvador: Obsecro vos per mansuetudinem et modestiam Christi (2 Cor 10,1) (Eu vos exorto pela mansidão e a bondade de Cristo). Saibamos conformar-nos a isso em todas as circunstâncias, para que em nós reconheçam Jesus Cristo e que sejamos sempre dispostos a carregar as correntes de que São Paulo fala (Cl 4,3; 4,18; 2 Tm 1,16; 2,9; Ef 6,20; Fl 1,13).

'Ac religione plenum.' A essa reserva, a essa modéstia, acrescentemos a piedade, a suave influência do senso sobrenatural; e eu acrescentaria a caridade, esse vínculo único com que São Francisco de Sales teria desejado unir todos os seus filhos, esse laço amplamente suficiente para alcançar a perfeição religiosa; eu fiz a experiência disso com as Oblatas. Numa determinada época, eu nem queria mais confessá-las, tanto me pareciam em desacordo comigo. Tive a idéia de convidá-las a fazer o voto de caridade e, a partir de então, tudo mudou para melhor. Atualmente, pessoas de fora de casa que vêm nos visitar, não raras vezes, me dizem: Se eu fosse uma moça, tornar-me-ia Oblata. Mas, com relação aos Oblatos, não me dizem a mesma coisa. Não, não é próprio da caridade gritar contra os vizinhos, contra os Superiores. E o que acontece? O coração quer compensação e se não se dedica ao exercíco da caridade, cai nas amizades particulares. O que há de mais vergonhoso e de mais estúpido do que esses apegos sensuais?

Se alguém se sentir tentado a isso, não há motivo de estranhar; somos todos assim. Et in peccatis concepit me mater mea (S 50,7) (Minha mãe concebeu-me no pecado). Mas o Bom Deus sabe fazer superabundar a graça, onde abunda a provação (cf. Rm 5,20). Será que, por causa disso e devido à graça de Deus, seremos impecáveis? Não, mas uma coisa é viver vigilantes e outra é deixar-se arrastar pelas paixões. Desconfiem daqueles que dão a garantia formal de sua sinceridade e se estimam acima dos outros. Deus os abandona e eles caem, porque são orgulhosos. A virtude só pode basear-se na humildade, na desconfiança de si próprio.

Eu os convido a prestar atenção especial a isso durante esta semana. Caprichem nos tratos delicados entre si, tanto para com os mais idosos quanto diante dos mais jovens. Se sentirem suas forças diminuir, invoquem a ajuda de Deus; não se consegue a virtude sozinho.

Será possível ser bem-sucedido desde o primeiro momento? Oh, não! É um trabalho para toda a vida. Não há razão para impressionar-se devido a faltas, uma vez que a vontade se esforce por procurar a Deus, isso desde o começo da sua formação. Não é comum que aqueles que eram

arteiros de mau gosto, no Seminário, depois façam algo de bom. Aos Noviços isso é tanto mais necessário. já que estão em fase de formação; a fidelidade a essa prática é a melhor prova de um caráter enérgico, eu diria até heróico. Meus colegas do Seminário fizeram isso: lembro-me deles. Uns tornaram-se santos Sacerdotes; outros ficaram elementos insignificantes. Não nos é difícil escolher aqueles que queremos imitar.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 19 DE JULHO DE 1899

"INTENÇÕES GERAIS"

Estes primeiros capítulos do Diretório mostram quanto São Francisco de Sales apreciava a perfeição da alma religiosa, como considerava a fidelidade dos religiosos, como o segredo de uma felicidade ilimitada e como ele entendia, para todos os religiosos, a necessidade de uma profunda união com o Bom Deus. Essa união com Deus é, sem dúvida, uma coisa sumamente desejável; é a base da santidade. Reparem também qual é o prêmio que lhe atribui: as almas assim formadas serão sua alegria, sua coroa, formarão a lista que ele apresentará a Deus e que o alegrará. O que ele afirma ali foi-me repetido muitas vezes pela Irmã Genoveva, muitos anos antes de ela falecer. Esta me comunicou muitas profecias que já se realizaram. Outras aguardam o momento anunciado. Quantas vezes ele me afirmava que o Bom Deus lhe mostrava o nosso Santo Fundador muito ocupado, ao receber graças incontáveis para as almas, cujo efeito seria uni-las com Deus, de forma toda especial, o que contribuiria assim enormemente para aumentar a influência da Santa Igreja.

Naquela época, ainda não se falava muito sobre São Francisco de Sales. Mal se começava a ler os seus escritos nos Seminários. Humanamente falando, era impossível para uma simples filha da roça, prever tais resultados... No entanto, assistimos a realização dos desejos de São Francisco de Sales, não é? Não temos outra finalidade, meus Amigos; devemos empenhar-nos para vivificar todas as nossas ações por essa união

com Deus, para só nele aspirar e respirar e tornar as nossas obras frutuosas.

É essa a graça das graças. Só é alcançada através de dois meios: a mortificação e a fidelidade.

Encontrarão almas fervorosas que não se farão um problema de consciência por permitir-se algumas liberdades no seu porte, em sua linguagem e no seu pensar, mas que, em compensação, se imporão penitências e jejum; isso é muito meritório, sem dúvida. Mas, com certeza, há um outro caminho mais seguro, ou seja, a fidelidade nas pequenas coisas, nos mínimos detalhes da Regra interior e exterior... Impor-se esta pequena reserva na conversação, essa atitude na postura, aquela pontualidade na obediência, será que são ninharias?...

Sim, mas com essas bagatelas atinge-se o fundo das coisas; sumeita-se a vontade própria, o juízo pessoal, o espírito de independência e de orgulho. Mas quando se é nem peixe nem carne, não se preocupando nem com a mortificação nem com a fidelidade, quando, no Noviciado, não se leva a sério os seus compromissos, oh! então merece-se a maldição do Apocalipse (3,1): Nomen habes quod vivas, et mortuus es! (Tens fama de estar vivo, mas estás morto!)

Retomo seguidamente as mesmas idéias; mas é que se trata duma mina inesgotável. Não se é uma personalidade mesquinha por dar atenção às pequenas coisas. Não é aquele que se vangloria que é grande, mas o é quem parte de bem baixo, para subir mais alto.

Reflitam seriamente nisso. Não há Noviços fora dessa linha de conduta. Importa compreendê-lo e empenhar-se nas minúcias. Para tornar-se um bom marceneiro não basta ler livros volumosos, é forçoso aplicar-se a todos os trabalhos da profissão. O mesmo vale para formar verdadeiros religiosos. Somente sob essa condição, o Noviciado ficará a casa dos diálogos celestiais, moradia de edificação e de paz.

Atualmente, as pessoas são cada vez mais exigentes. Evitem, portanto, essa liberdade de linguagem, de comportamento, de modos que ferem com razão os estranhos, porque contradiz diagonalmente o nosso espírito.

Em outra parte, não se formam assim. Um dos meus colegas, Padre Picardat, contou-me que, no Noviciado dos Jesuítas, submetem a uj regime extremamente duro. São confiados cargos, às vezes, muito difíceis; levando-os a cabo de forma insatisfatória, não poupam nem expressões humilhantes nem penitências; isso para desmontar e desfazer a pessoa, tor-

ná-la dócil e flexível diante da Regra.

Entre nós, não é esse o espírito. Mas, pelo menos, não descuidemos os meios que devem conduzir-nos ao mesmo fim. Sem isso, não há Oblato!

Será que isso é misticismo requintado? Misticismo? Submeter-se, de bom grado, à obediência, topar alegremente decepções ou serviços repugnantes, manter-se continuamente à disposição da Vontade de Deus, oh não! Isso não é misticismo. Senhoras compreendem melhor, talvez, a delicadeza dessa vida; mas a generosidade do homem é mais capaz ainda de realizá-la. Ora, este caminho contém as promessas da vida eterna. São Francisco de Sales no-lo abre e não temos outros.

Tenhamos, portanto, muito respeito uns para com os outros; isso não prejudica a amizade, longe disso; isso garante amigos fiéis, seguros, devotados; enquanto, para nós, "companheirismo" não vale. Não é pecado, mas não vale nada, porque é a ruína do espírito religioso.

"Ó Deus verdadeiro, quem me fará tanta graça que o Todo-poderoso escute meu desejo e que ele mesmo escreva este livro..."

Vejam que poesia, que entusiasmo exala essa exclamação do nosso Santo! Que elevada idéia nos sugere do grande dia dos votos! Oh! se cada um estivesse compenetrado disso, não teríamos visto religiosos que, nas vésperas ou no dia após sua Ordenação ou seus votos, encontram um meio de obter fraudulentamente uma licença para ficar uns dias em Paris, para passear e distrair-se. Eles, então, não tinham nada para dizer ao Bom Deus, numa ocasião destas? Precisavam, então, arranjar-se distração? Isso foi para mim, eu o reconheço, uma das maiores amarguras de minha vida! Mas acrescento que, desses religiosos, nenhum ficou conosco!

Pelo contrário, sigam o método de São Francisco de Sales; é o método que formou São Vicente de Paulo, Santo Afonso de Liguori, Bossuet; é aquele que Deus exige dos Senhores; é o que as almas aguardam... Assim, ontem recebi uma carta de uma princesa, neta de um rei, que se informou sobre os meios para formar-se segundo o espírito dos Oblatos e das Oblatas, como sendo a vida espiritual por excelência. É uma pessoa muito distinta que conhece os Jesuítas, os Oratorianos, etc.., mas que está convencida de que o nosso caminho é um dos mais fecundos e dos mais apropriados para todas as condições. Que cada um se aplique a isso e de

todo o coração!

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 18 DE OUTUBRO DE 1899

O DIRETÓRIO - O NOSSO SACRIFÍCIO
- VIDA DE FIDELIDADE
- ORAÇÃO PERMANENTE

Olhem, hoje somos muitos, aqui reunidos. Quando Nosso Senhor começou sua missão, não tinha tantas pessoas ao seu redor; e esse número pequeno converteu o mundo. É verdade que isso custou muito aos Apóstolos: toda uma vida de trabalho, de combates, de sacrifícios e até sua própria cabeça, pois todos acabaram mártires. São João não teve a honra de morrer como mártir, mas, mesmo assim, merece o título de mártir.

Há nisso, para nós, meus Amigos, uma grande lição que precisamos gravar profundamente no espírito: não realizaremos, junto às almas, nada além do que formos nós mesmos. Vamos nos entender. Podemos ter sido miseráveis, incapazes, pecadores, e, no entanto, servir às almas. Mas só lhes serviremos eficazmente à medida dos nossos sacrifícios. A Boa Madre exercia um verdadeiro apostolado; a gente se imagina facilmente que isso não lhe custou nada. Pois bem, eu, que a conheci de perto, considero-a uma das almas mais mortificadas que já vi. Ela não se impunha sacrifícios corporais exagerados, ainda que, estando doente, passasse, por exemplo, cinco dias sem comer, um jejum que poucos religiosos poderiam imitar; mas ela se mortificava através da prática do Diretório, entregando-se à Vontade atual de Deus, com relação a ela, enquanto atendia todas as exigências da observância e se dedicava inteiramente a cada detalhe; nunca se dava pela metade. Assim ela tornou-se santa e a origem da santificação de muitos outros. Em seu tempo, na Visitação, era uma coisa admirável. Passavam-se ali dias do Céu, em que a Vontade de Deus era feita por todas, de maneira perfeita... A quem se devia isso? À Boa Madre. E a Boa Madre devia isso a quê? À sua fidelidade ilimitada à Re-

gra.

Os Senhores vêm todos para empenhar-se na sua santificação pessoal e na das almas. Ora, meus Amigos, só valerão pelo que derem. Esse é o pensamento gravado no túmulo de uma grande personalidade, no cemitério de Gênes: "Só levo o que dei!"

Não vale a pena ser Sacerdote ou Religioso, se não se dá conta do recado, do que é previsto. Consegue-se isso desde o começo do Noviciado? Não. Depois de cinco ou dez anos? Não. É a ocupação de toda a vida, é o trabalho de todos os dias e de todos os instantes. Tem que se conformar a isso: Bonum est viro cum portaverit jugum ab adolescentia sua (Lm 3,27) (É bom para o homem suportar o jugo desde sua juventude). Sim, é bom não sentir-se livre no que diz respeito à sua imaginação, às suas ações, referente à sua vontade, mas sujeitar tudo isso à Vontade de Deus, à lembrança da presença de Deus.

"Mas uma vida destas não se agüenta!" Sim, e é o grande meio para ser feliz. Toma-se uma firme resolução e a gente se mete com toda a simplicidade. Não se trata de ajustar-se à força; como o ímã, devemos carregar-nos gradualmente, com precaução, sem violência, porque o que é violento não dura. Na meditação, a gente prepare o dia com o Bom Deus, preveja atentamente suas faltas, previna-se com constância, conforme o nosso axioma religioso: "Di - car - vi constans Oblatus permanet in vi" (Directório, caritate, visitatione - tr. - constans Obl....) (Pelo Diretório, pela caridade, pela visitação, o Oblato constante permanece vigoroso).

O Diretório envolve toda a nossa vida: o levantar-se, a meditação, o trabalho, o Ofício, a Missa, saúde, doença, provações, consolações. Façamos como o comerciante que prepara, todos os dias, suas atividades. Façamos como a Nação que ganha milhões com a fabricação de fósforos. O que vale um fósforo? Uma bagatela, uma ninharia...

A fidelidade às pequenas coisas, eis uma riqueza de sabedoria, uma plenitude de graças. Estaremos, portanto, continuamente sob o jugo? Por que não? No Seminário, eu vi praticar isso: nunca uma palavra fora de hora. Fazia-se isso com espírito de fé; e todos os que o observavam tornaram-se santos Sacerdotes. Querem imitá-los? Aproveitem os meios: pratiquem o Diretório; atendam a obediência dada, como fazia Nosso Senhor, o primeiro Oblato, conforme a expressão do Bispo de Nice: "Oblatus est quia ipse voluit" (Is 53,7) (Trocadilho: **"Ofereceu-se** porque ele

mesmo o quis" ou "**É Oblato**, porque ele mesmo o quis" - tr.) Digam assim também: Eu sou Oblato, porque eu o quis de verdade.

Nada desenvolve tanto o homem quanto essa vida; nada lhe comunica mais aptidões, mais penetração e percepção. E essas iluminações serão suas. Quando os Senhores as aproveitarem, elas produzirão efeito. Não surgirão de um livro, mas é o próprio Deus que os ilumina. Onde São Paulo freqüentou a aula? Em qual Universidade estudou? Onde graduou-se em Filosofia, em Letras? Entretanto, quem jamais falou como São Paulo, quem é que perscrutou as profundezas da vida unitiva como o fez São Paulo? Pois bem! O estilo de vida que os Senhores levarem com o Diretório torná-los-á teólogos e sábios; porque assim, diz São Bernardo, nossa alma torna-se o espelho da Divindade, onde Deus gosta de refletir-se, e onde nós percebemos suas divinas perfeições.

Como chegar a isso? Através de profundas reflexões? Expondo a cabeça a torturas? Não. Requer-se praticar boa e simplesmente o Diretório; sujeitando-se a isso, consegue-se o dom da união com Deus e da compreensão. A Boa Madre afirmava que o pecado original feriu mais a inteligência do que a vontade. Portanto, cabe a Deus esclarecer-nos.

Estudem a Teologia com essas disposições, o Tratado da Eucaristia, por exemplo, conforme São Tomás, segundo os grandes intérpretes, e os Senhores verão. Essa concentração, esse recolhimento das faculdades faz com que a luz divina os penetre e os vivifique; então, a gente não é mais um eco vazio, ou melhor, será o eco de Deus. Tudo o que tiverem adquirido, tornar-se-á pessoal, identificando-se com os Senhores, chegando a ser propriedade.

Como, então, chegar a isso? Pelo Diretório. É como o cofrezinho que contém as jóias; ou, melhor, como a retorta do químico, onde todos os elementos assumem uma nova forma.

Cumprir bem o Diretório é para nós um assunto essencial. Por que São Francisco de Sales era um diretor espiritual tão hábil? Porque soube dar ao homem um programa de ação. Pelo Diretório, organiza e fecunda todas as atividades, e, graças a ele, tudo acaba sobrenaturalizado, divinizado interiormente, por idéias extraordinárias; é puro Evangelho: Sine me nihil potestis facere (Jo 15,5) (Sem mim nada podeis fazer); ou também: Oportet sempre orare et nunquam deficere... (Lc 18,1) (É preciso rezar sempre sem jamais esmorecer)... "Sempre rezar?... Mas, então, não se terá mais tempo para fazer nada!..." São Francisco de Sales vem com seu livrinho que nos faz rezar sempre, sem nunca desfalecer.

Em termos de vida espiritual, é uma riqueza incomparável; dá-nos uma atitude básica, um costume, um método, para que tudo, absolutamente tudo nos aproxime de Deus. É verdade que não é fácil. Quantas vezes a Boa Madre me pressionava para que eu seguisse esse caminho, e como resistia... No entanto, "O Bom Deus," dizia ela, "vale sobradamente a pena que se lhe ofereça tudo!..."

Não é fácil dar tudo. Com isso, a gente seria um dos maiores Santos do Paraíso. Pelo menos, é preciso tentar e começar pouco a pouco. Uma palavra retida, por obediência, não é nada; entretanto, essa ninharia é um ato de amor que lhe dá o direito a pedir uma parte da onipotência de Deus, o qual lhe dá o direito à sua graça... Vejam que obra de elevada sabedoria, de profunda filosofia vem a ser essa prática da fidelidade. Familiarizem-se com isso, para não mais perdê-la. Procedendo assim, evita-se muitos pecados. A língua, por exemplo, faz pecar contra a caridade, a discrição, a humildade, a verdade; observando o Diretório, os Senhores evitarão essas faltas. E quando toda uma comunidade funciona nesse espírito, não há mais nada a desejar: é um rincão do Paraíso. Não estou exagerando. Façam isso e poderão constatar!

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 17 DE NOVEMBRO DE 1899

AI DO SOLITÁRIO!

Temos uma grande missão a cumprir, e ela, só por nós, se realizará. Em Roma, contam com os Oblatos. As almas fiéis que os conhecem, que chegaram a conhecer a Boa Madre, desejam muito viver sob a orientação desses religiosos. Nós mesmos temos necessidade de santificar-nos para sermos felizes aqui e depois. Devemos, portanto, esforçar-nos seriamente. São Francisco de Sales e a Boa Madre apresentavam muitas vezes o que, na Visitação, chamam de 'desafio', uma idéia, uma prática para estimular o procedimento. Pois bem, eu também, hoje, vou colocá-los diante de um desafio, a saber, o de nunca ficarem a sós consigo mesmos,

mas de estarem sempre com Deus, com o Salvador. Este é o fundamento, meus Amigos, é todo o âmago do Instituto dos Oblatos de São Francisco de Sales.

Ao acordarem, comecem lançando a alma totalmente em Deus, seja pelos pensamentos do Diretório seja por oraçõezinhas que sua mãe lhes ensinou desde a infância. Enquanto arrumam a cama ou varrem a cela, não façam isso sozinhos, seria estúpido! Qualquer macaco faria a mesma coisa. Mas desenvolvam uma habilidade, como dizia São Francisco de Sales; mantenham contato, durante esse tempo, com o Bom Deus. Peçam-lhe, por exemplo, que faça sua inteligência um pouco mais brilhante... Sabemos tão poucas coisas!... E o pouco que sabemos, o sabemos tão mal!

A Boa Madre dizia: O Salvador veio ao mundo; será que foi só para resgatar-nos, para santificar-nos? Então, sua Paixão, seus Sacramentos teriam sido suficientes. Se ele se fez o Homem-Deus é para nos mostrar que a união do homem com Deus é possível. A Encarnação tornou-o nosso modelo e nos trouxe, além disso, a possibilidade de imitá-lo. Tudo o que temos que fazer, portanto, façamo-lo com o Senhor, tanto o natural como o sobrenatural. Formem disso um costume e, com isso, estarão, simplesmente, avançando no caminho da santidade, na senda das honras e dos privilégios também, porque é através desses pequenos detalhes que se tornarão amigos de Deus.

E tanto mais façam isso, com referência a seus estudos: a Teologia, a Filosofia, etc. Os grandes teólogos formaram-se, não somente pelos livros, mas também e sobretudo pela oração. " Tomás, o que queres de recompensa? Bene scripsisti de me (Escreveste bem sobre mim)!" "Senhor, respondeu o grande Doutor, - nada, a não ser a Vós!" Quando eu era criança, tinha dificuldade para lembrar-me de palavras; quase não conseguia recordar as lições e era o último na aplicação. Comecei a rezar a Nossa Senhora, nessa intenção. A partir daquele momento, durante todo o resto dos meus estudos, quase sempre ocupava o primeiro lugar.

Não foi isso o que fez São Luís Gonzaga? É o que também nós devemos fazer em todas as circunstâncias da vida, nas consolações, nos sofrimentos e nas contrariedades... A gente se aborrece no Noviciado, estaria-se muito melhor em outra parte, parece. Aqui, nada dá certo! Aceitem isso das mãos do Salvador... Venite seorsum in desertum locum et requiescite pusillum (Mc 6,31) (Vinde vós, sozinhos, a um lugar deserto e descansai um pouco). É-lhe dada uma obediência que custa; põem-no em

contato com uma pessoa cujo caráter se combina tão bem com o seu e lhe é tão simpático quanto um pote de ferro fundido a um pote de barro cozido... Pois bem, recorram ao Salvador. Vae soli (Ai do solitário)! Não fiquem sozinhos, Infeliz de quem fica só! São Bernardo dizia que aquele que permanece sozinho e não quer se submeter a outros, escolheu um doido como instrutor.

No desânimo - e é esta a tentação do Noviciado - recorram ao Salvador, e tudo logo mudará de aspecto. "É difícil", poderão me dizer! Oh, sim! Fazendo-o no ano que vem, será mais fácil? Não. Daqui a vinte anos? Não. Daqui a cem anos? Onde estaremos daqui a cem anos?...

Portanto, não desanimem. Só se consegue com freqüente e prolongado treino, através do caminho do sacrifício pessoal. É a comunhão contínua e incessante. Não se pode comungar diversas vezes por dia; mas, pelo menos, através do nosso método de ir a Deus, sempre podemos ficar unidos com ele por meio dessa comunhão eterna, dessa comunhão celestial, que consiste na união de todas as vontades com a Vontade divina. É o melhor vínculo do amor, de fusão dos corações. Todas as vezes que fizerem um ato de verdadeira caridade perfeita, serão agradáveis a Deus, mais do que comungando com fervor medíocre.

Com isso, portanto, temos com o que viver, no trabalho, nas tentações, na felicidade. Porém, mais uma vez, não se chega a isso, a não ser através de exercícios pontuais. É a recompensa da fidelidade constante na observância do Diretório e da Regra.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 8 DE DEZEMBRO DE 1899

NOSSA PULSAÇÃO ESPIRITUAL

Meus Amigos, nosso espírito é eminentemente de fidelidade ao Bom Deus. O empregado, por sua vez, aproveitando bem o tempo, poupa dinheiro para seu patrão, em questões embaraçosas assume sempre a defesa da casa e, no fundo do coração, está sinceramente apegado a ela. É assim

a nossa relação para com Deus. É dessa maneira o verdadeiro religioso, como Dom Simon mos pede sem cessar: "Enviai-me", escreveu ainda nestes dias, "bons relgiosos, que observem o Diretório; sem isso somente se conta com a força pessoal, cai-se em todos os tipos de faltas, ficando isolado e fraco."

A Boa Madre pregava continuamente a fidelidade: "Deus é fiel", dizia, "quando promete alguma coisa, sustenta sua palavra." Pois bem, sejamos perfeitos como o nosso Pai celeste é perfeito (cf. Mt 5,48), até nas mínimas coisas... Uma palavra não é nada, não é? Não dizê-la, por amor a Deus, é uma grande coisa. Talvez uma alma que iria cair no inferno fosse salva, devido ao fato de o Senhor não ter dito aquela palavra. A graça que, por esse sacrifício, obterá para essa alma poderá bem ser o início da salvação dela. Quem pode calcular o efeito e o alcance de uma graça de Deus? Acreditem-me, meus Amigos, eu sou velho, e não é de hoje que vejo religiosos ou seminaristas. E sempre tenho feito a mesma constatação.

Ontem, na Catedral, um Padre Jesuíta pregou sobre a Obra da Propagação da Fé. Para ser missionário, ele disse, muitas coisas são necessárias: sabedoria, dinheiro, coragem, virtude. Essa virtude é adquirida pela oração, e a fidelidade do missionário é a maior garantia das conversações. Terminando, felicitou o Bispo Pelacot por ter começado as funções de seu Bispado com a consagração de um Bispo missionário.

Sejamos fiéis, portanto, sejamos homens sérios, atentos às pequenas práticas. Nossos Anjos da guarda as recolhem e, um dia, os Senhores as reencontrarão, quando tiverem que pôr uma alma no bom caminho; a graça não faltará. Se souberem o que é um Sacerdote!... Cristo não está mais visivelmente no mundo; é o Sacerdote que faz as vezes dele; ora, pela fidelidade obtém-se a força para conquistar as almas, salvá-las e para fazer o que Cristo fazia, completando a obra dele. Os teólogos são muito explícitos a respeito. Como ajudaremos Nosso Senhor? Executando com capricho as pequenas coisas que são do nosso dever. As pequenas coisas conduzem às grandes. Já lhes disse isso, há alguns dias, acho. O governo põe um imposto sobre os fósforos; é pouquíssima coisa, é insignificante por cada fósforo. Cada fumante, conscientemente, contribui, e o Estado recolhe bilhões. Nós também, encarreguemo-nos dos nossos fosforinhos. A nós cabe menos realizar coisas grandes do que fazer as pequenas; estas levam às grandes, até mesmo ao martírio, enquanto fortificam a alma e estimulam a coragem.

Ah! se amássemos o Bom Deus! Há gente que não quer ter o coração mole, mas insensível. Independente do que dizem, eles, portanto, amam alguém, ou seja, a si próprios, isto é, a sua personalidadezinha! Temos um coração destinado para amar. Deus charitas est (1 Jo 4,8) (Deus é amor). São João diz: Qui manet in charitate, in Deo manet (1 Jo 4,16) (Quem permanece no amor, permanece em Deus). Tenhamos, portanto, amor para com Deus e para com o próximo, como Nosso Senhor o quis. E, ao fazermos a sua Vontade, Deus está conosco e nós o comunicaremos às pessoas; nossa presença, nossa ação levam ao amor de Deus.

Chega-se a isso pela prática da fidelidade, pela aceitação generosa das dificuldades, do trabalho, dos problemas nos contatos com os outros. Isto é tudo, porque, com isso, permanecerão em Deus e Deus permanece com os Senhores. Nossa vida depende de quê? Do movimento quase imperceptível do pulso. E se pára? Estamos mortos. Com a vida sobrenatural acontece a mesma coisa, a saber, a pulsação da nossa vontade, em união com a ordem da Providência divina. Esse é o meio para ser feliz durante o Noviciado. Se o Senhor fosse enviado para o fim do mundo, lembrar-se-ia dessas graças do primeiro ano da vida religiosa e diria: É o que o Bom Deus me deu naquele dia! Estou percorrendo atualmente uma volumosa obra onde o Senhor Roizard colecionou as relações dos premiados de diversos Colégios, de 1829 a 1840. Pode-se observar ali que todos os homens que se distinguiram nesse século, começaram cedo. O início é tudo ou, pelo menos, quase tudo. Uma vez enraizados na fidelidade, ninguém mais poderá separá-los daí.

Reparem São Bernardo. Ele dizia: "Quando volto para Claraval, cada pedra me fala; as árvores têm uma voz; o riacho, o tiquetaque do moinho, o vento nos altos carvalhos lembram-me as aparições de Nossa Senhora, os concertos dos Anjos." Não acreditem que isso era linguagem poética... São Bernardo não pairava sempre nas alturas; sabia muito bem descer sobre a terra também e responder a Guilherme de S. Thierry que lhe perguntou como ele passava sua vida no convento de eremitas, onde a obediência o tinha confinado para cuidar de sua saúde arruinada: "Mas vai às mil maravilhas. Até agora, homens razoáveis me obedeciam, mas agora, por um misterioso desígnio de Deus, me vejo obrigado a obedecer a um animal irracional! Irrationali cuidam bestiae datus sum ad obediendum".

Vejam como, com o método do nosso Santo Fundador, a gente tem sua vida na mão e se aproveita tudo. Sigam boamente o caminho, ao pensa-

rem: Sou religioso para o Bom Deus!... Senão, meus Amigos, melhor seria tornar-se ferrador! Correspondamos aos nossos deveres de estado; dediquemo-nos a essa fidelidade simples e generosa; é o caminho por onde atingir o coração do bom Deus, alcançar almas e obter a conversão dos pecadores, como também a santificação dos justos. Quando se tem fibra, a gente se dispõe e o realiza. É a melhor prova de verdadeira inteligência. Isso nos prepara para tudo, especialmente para o ministério das Missões, pois é o meio acertado de arrumar amplas provisões para o porvir, como o bonde elétrico com acumuladores carrega pouco a pouco e conserva a quantidade de energia necessária.

Não pensem que isso seja só um assunto teórico e aéreo; não pensem, sobretudo, que seja uma questão para senhoras. Todos podem tirar proveito disso. Observem especialmente São Bernardo; reparem Bossuet. Não faz muito tempo, eu tinha um amigo, Padre Denis, capelão da Visitação de Meaux, o Sacerdote mais entendido da Diocese em todas as questões históricas do lugar. Estudou, com atenção especial, o grande Bispo. Ora, ele fazia-me notar como Bossuet tinha-se aplicado a essas mil pequenas práticas da vida interior; seus escritos, suas cartas particularmente, dão testemunho constante disso. Da mesma forma, São Francisco de Sales; olhem suas Obras, suas Cartas, seus Opúsculos menores, tudo o que já foi publicado dele e o que se vai divulgar ainda. A gente fica admirada pela quantidade, sobretudo, lembrando-se da dificuldade que experimentava para o trabalho e do cuidado que tinha para não omitir nada. Esse método, meus Amigos, é bem como o dos alquimistas que transforma tudo em ouro.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-